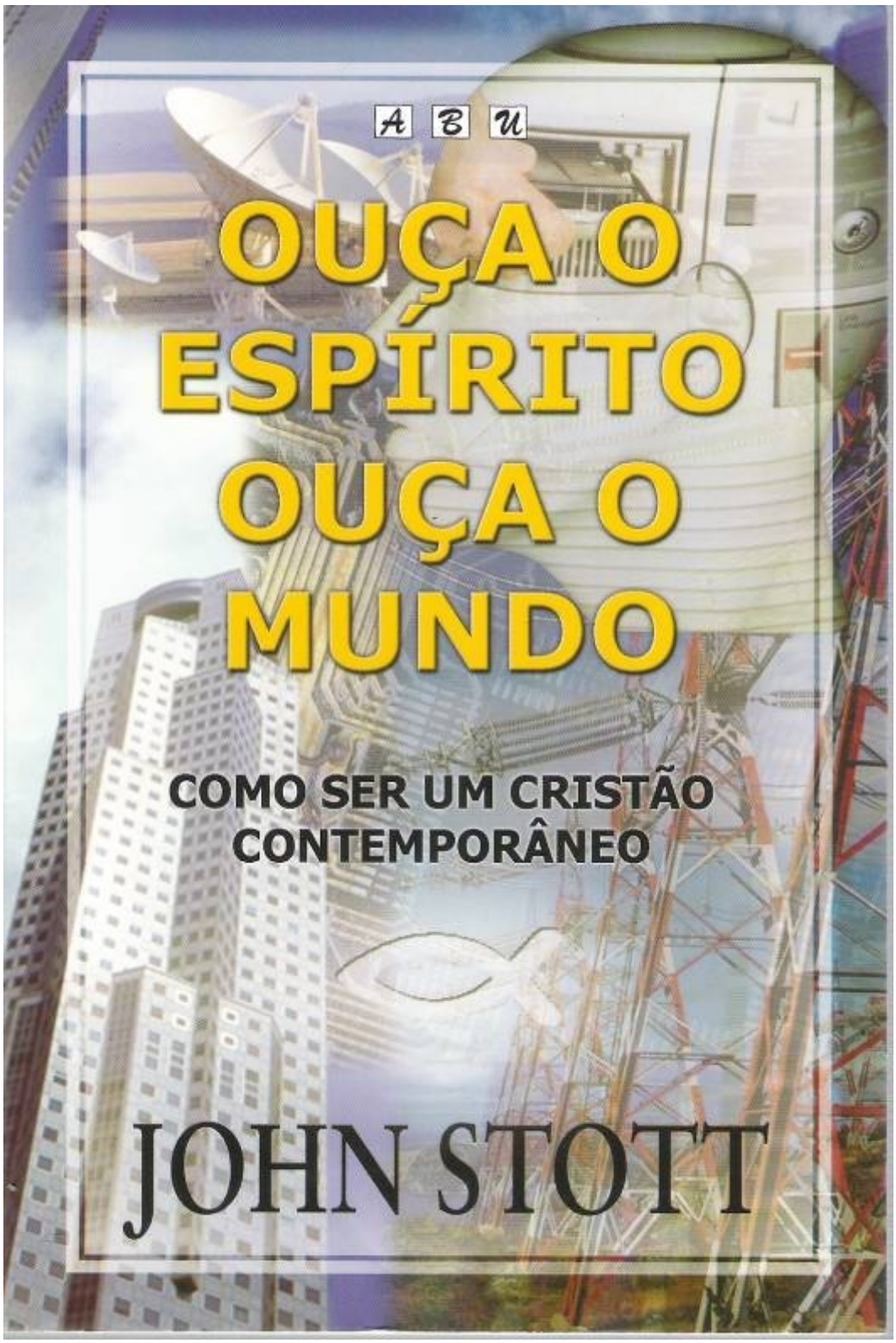


PDL
Projeto Democratização da Leitura
www.portaldetonando.com.br

OUÇA O ESPÍRITO, OUÇA O MUNDO

John Stott

ABU EDITORA

OUÇA O ESPIRITO, OUÇA O MUNDO
Traduzido do original em inglês THE CONTEMPORARY CHRISTIAN Inter-Varsity Press, Leicester, Inglaterra.
Copyright © John R W Stott, 1992 Guia de estudos de David Stone. Copyright © Inter-Varsity Press, 1992

Direitos reservados pela **ABU Editora** S/C
Caixa Postal 2216 01060-970 - São Paulo - SP
E-mail: editora@abub.org.br home page: www.abub.org.br/editora

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem a permissão por escrito da ABU Editora.

A poesia da p. 21 é tradução de *Gethsemane (I Only Want to Say)* da ópera-rock *Jesus Cristo Superstar*. Letra: Tim Rice. Música: Andrew Lloyd Webber. Copyright © 1969 por MCA Music Ltd, uma divisão de MCA Inc. Reproduzida com permissão de Tim Rice. Direitos internacionais assegurados. Todos os direitos reservados. A poesia da p. 261 é *Love Changes Everything* de *Aspects of Love*. Música: Andrew Lloyd Webber. Letra: Don Black e Charles Hart. Copyright © 1988 por The Really Useful Group Ltd. Todos os direitos para EUA controlados por R. & H. Music Co. Direitos internacionais assegurados. Todos os direitos reservados.

Tradução: Silêda Silva Steuernagel Capa: Fred Utsunomiya

O texto bíblico utilizado neste livro é o da Edição Revista e Atualizada no Brasil, da Sociedade Bíblica do Brasil, exceto quando outra versão é indicada.

1.ª Edição - 1997 Reimpressão - 1998 2.ª Edição - 2005

A ABU Editora é a publicadora da ABUB - Aliança Bíblica Universitária do Brasil.

A ABUB é um movimento missionário evangélico interdenominacional que tem como objetivo básico a evangelização e o discipulado de estudantes universitários e secundaristas, com apoio de igrejas e profissionais cristãos. Sua atuação se dá através dos próprios estudantes, por meio de núcleos de estudo bíblico, acampamentos e cursos de treinamento. A ABUB faz parte da IFES, entidade internacional que congrega movimentos estudantis semelhantes por todo o mundo.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Stott, John
Ouça o Espírito, ouça o mundo / John Stott; [tradução Silêda Silva Steuernagel]. - 2. ed. - São Paulo : ABU Editora, 2005.

Título original: The contemporary christian. ISBN 85-7055-065-0

1. Bíblia - Crítica e interpretação -*2.* Bíblia. N. T. Evangelhos -Crítica e interpretação 3. Igreja e o mundo 4. Jesus Cristo - Discípulos 5. Jesus Cristo - Pessoa e missão 6. Vida cristã I. Título

05-7401 CDD-261.1

Índices para catálogo sistemático

1. Cristianismo e mundo contemporâneo 261.1

SUMÁRIO

PREFÁCIO DA EDIÇÃO EM PORTUGUÊS 7
PREFÁCIO 7
INTRODUÇÃO
O ONTEM E O HOJE 8
O cristianismo é histórico e contemporâneo 8
Tentativas de modernizar Jesus 10
Chamados a "ouvir duas vezes" 12
PARTE UM
O EVANGELHO 15
CAPITULO UM
O PARADOXO HUMANO 15
Nossa dignidade humana 16
Nossa depravação humana 18
O paradoxo da condição humana 20
CAPITULO DOIS
A VERDADEIRA LIBERDADE 21
O aspecto negativo: libertação de 22
O aspecto positivo: liberdade para 23
CAPÍTULO TRÊS
CRISTO E SUA CRUZ 26
A Palavra de Deus 26
A cruz de Cristo 27
O poder do Espírito 31
CAPITULO QUATRO
A RELEVÂNCIA DA RESSURREIÇÃO 32
O que significa a ressurreição? 32
A ressurreição aconteceu mesmo? 36
Qual a importância da ressurreição? 37
CAPITULO CINCO
JESUS CRISTO É SENHOR 39
Convicção teológica 39
Compromisso radical 41
PARTE DOIS
O DISCÍPULO 45
CAPITULO SEIS
O OUVIDO ATENTO 45
Ouvindo a Deus 46
Ouvindo uns aos outros 48
Ouvindo o mundo 50
CAPITULO SETE
MENTE E EMOÇÕES 51
A mente 51
As emoções 54
Mente e emoções 56
CAPITULO OITO
DIREÇÃO, VOCAÇÃO E MINISTÉRIO 57
Direção 58
Vocação 59
Ministério 63
CAPITULO NOVE
O PRIMEIRO FRUTO DO ESPÍRITO 66
Amor em ação 68
O amor é o fruto do Espírito 69
PARTE TRÊS
A BÍBLIA 71
CAPÍTULO DEZ
PERMANECENDO NA PALAVRA 71

Firmes na Palavra....72
Permanecendo na Palavra....74
Pregando a Palavra....76
CAPÍTULO ONZE
RESPONDENDO À PALAVRA....76
Discipulado maduro....77
Integridade intelectual....78
Progresso ecumênico....80
Evangelização eficaz....81
Humildade pessoal....81
CAPITULO DOZE
TRANSPONDO A PALAVRA....82
A questão da hermenêutica....82
Nosso próprio aprisionamento cultural....83
O condicionamento cultural da Bíblia....85
Exemplos de transposição cultural....87
CAPITULO TREZE
EXPONDO A PALAVRA....91
Duas convicções....92
Duas obrigações....93
Duas expectativas....95
PARTE QUATRO
A IGREJA....97
CAPITULO CATORZE
OS DESAFIOS DA SOCIEDADE SECULAR....97
A busca por transcendência....98
A busca por significância....100
A busca de comunhão....102
CAPITULO QUINZE
EVANGELIZAÇÃO ATRAVÉS DA IGREJA LOCAL....105
Várias formas de evangelizar....105
A igreja precisa compreender-se....106
A teologia da igreja....106
A igreja precisa organizar-se....107
As estruturas da igreja....107
A igreja precisa expressar-se....110
A mensagem da igreja....110
A igreja precisa ser ela mesma....111
A vida da igreja....111
CAPITULO DEZESSEIS
DIMENSÕES DA RENOVAÇÃO DA IGREJA....112
CAPITULO DEZESSETE
OS PASTORES DA IGREJA....118
O modelo sacerdotal....120
O modelo pastoral....123
PARTE CINCO
O MUNDO....129
CAPITULO DEZOITO
A UNICIDADE DE JESUS CRISTO....130
Argumentos a favor do pluralismo....131
A unicidade de Jesus Cristo....134
Jesus é Senhor....135
Jesus é Salvador....136
Jesus é nosso....138
CAPITULO DEZENOVE
NOSSO DEUS É UM DEUS MISSIONÁRIO....141
O Deus do Antigo Testamento é um Deus missionário....143
O Cristo dos Evangelhos é um Cristo missionário....144
O Espírito Santo dos Atos é um Espírito missionário....145

A igreja das Epístolas é uma igreja missionária....146
O clímax do Apocalipse é um clímax missionário....147
CAPITULO VINTE
MISSÃO HOLÍSTICA....148
A relação entre evangelização e responsabilidade social....149
A base bíblica para a parceria....151
Cinco objeções a considerar....154
Exemplos de parceria....155
CAPITULO VINTE E UM
A CRISTOLOGIA DA MISSÃO....156
A encarnação de Cristo....157
O modelo para a missão....157
A cruz de Cristo....158
O preço da missão....158
A ressurreição de Cristo....160
O mandato missionário....160
A exaltação de Cristo....161
O incentivo para a missão....161
O dom do Espírito de Cristo....162
O poder para a missão....162
A parusia de Cristo....164
A urgência da missão....164
CONCLUSÃO
O JÁ E O AINDA NÃO....165
O reino que veio e que virá....166
Revelação, santidade e cura....169
Igreja e sociedade....172

PREFÁCIO DA EDIÇÃO EM PORTUGUÊS

Minhas visitas ao Brasil têm me proporcionado grandes alegrias, e estou grato pela hospitalidade generosa que tenho recebido, especialmente dos amigos da Aliança Bíblica Universitária.

Fico muito feliz em saber que, neste ano em que a ABU celebra 40 anos de existência, está sendo lançada uma tradução do livro The Contemporary Christian, pois me parece muito importante que nós, que procuramos seguir o Senhor Jesus, sejamos realmente atualizados e "contemporâneos" .

É claro que jamais podemos esquecer os grandes eventos do passado (especialmente a morte e ressurreição de Jesus) e é importante que estejamos constantemente olhando para o futuro com alegria, confiando na vitória final de Deus. Mesmo assim, somos chamados para viver e servir neste momento presente, permitindo que ele seja iluminado plenamente tanto pelo passado como pelo futuro.

Minha oração é que Deus nos faça "cristãos contemporâneos" de verdade, ouvindo o Espírito por meio da Palavra, e também ouvindo o mundo, e que a ABU seja cada vez mais um movimento que abrace e promova o "cristianismo contemporâneo".

Junho de 1997

John Stott

PREFÁCIO

Ser "contemporâneo" é viver no presente e seguir o ritmo do tempo, sem necessariamente preocupar-se, nem com o passado, nem com o futuro. Ser um "cristão contemporâneo", porém, é assegurar-se de que o presente seja enriquecido, em toda a plenitude possível, tanto com o nosso conhecimento do passado quanto com a nossa expectativa do futuro. Nossa fé cristã exige isso. Afinal, o Deus em quem confiamos e a quem nós adoramos é "o Alfa e o Omega... que é, que era e que há de vir, o Todo-poderoso",[1] e o Jesus Cristo com quem estamos comprometidos é "o mesmo ontem, hoje e para sempre".[2]

Este livro é, pois, um ensaio sobre a maneira como nós, cristãos, lidamos com o tempo, e como devemos conciliar o passado, o presente e o futuro em nosso pensar e viver. Temos diante de nós dois grandes problemas. O primeiro e a tensão entre o "ontem" (passado) e o "hoje" (presente), e o segundo é a tensão entre o "já" (presente) e o "ainda não" (futuro).

A Introdução nos coloca diante do primeiro problema. Eu indago se podemos de fato honrar o passado e ao mesmo tempo viver no presente. Será que podemos conservar intata a identidade cristã histórica, sem com isso ficarmos à mercê dos nossos contemporâneos? É possível comunicar o evangelho em termos modernos e cativantes, sem contudo distorcê-lo ou mesmo destruí-lo? E possível ser ao mesmo tempo autêntico e atualizado, ou é preciso escolher entre os dois?

A Conclusão encara o segundo problema, ou seja, a tensão entre o "já" e o"ainda não". A pergunta ali é até que ponto nos é possível explorar e vivenciar no presente tudo o que Deus disse e fez através de Cristo, sem inadvertidamente ultrapassar os limites, invadindo a área daquilo que ainda não nos foi dado ou revelado. Por outro lado, como podemos desenvolver uma humildade apropriada frente ao futuro não realizado, sem nos tornarmos complacentes no que se refere ao que já atingimos até o presente?

Entre este primeiro e o último questionamento sobre a influência que exercem sobre nós o passado e o futuro, temos vinte e um capítulos, que tratam das nossas responsabilidades como cristãos no mundo atual.

Eu vejo este livro como um parceiro para o livro *Issues Facing Christians Today* (a primeira parte do livro foi publicada em português sob o título: *O Cristão em Uma Sociedade Não Cristã,* relançado como *Mentalidade Cristã:* Editora Vinde), sendo que este explora questões de ética social, enquanto que o primeiro tem a ver com questões de doutrina e discipulado, distribuídas em cinco blocos: "O Evangelho", "O Discípulo", "A Bíblia", "A Igreja" e "O Mundo". Não pretendo de maneira alguma ser sistemático, e muito menos exaustivo. Apenas selecionei algumas questões, ou que se encontram na vanguarda em termos de debates da atualidade, ou que eu mesmo considero significativas. E, embora o livro não seja de fato uma coletânea de ensaios e sermões

[1] Ap 1.8
[2] Hb 13.8

reunidos ao acaso, muito do material aqui apresentado já foi utilizado em palestras e sermões em diferentes lugares do mundo.

Além da questão do tempo e das relações entre passado, presente e futuro, há um segundo tema que perpassa todo o livro. Trata-se da necessidade de se falar menos e ouvir mais. A verdade é que os cristãos têm a fama de tagarelas. É provável que muitos dos meus leitores se lembrem da descrição feita por E. M. Foster em *Uma Passagem para a índia,* sobre a experiência da velha Sra. Foster numa das famosas Cavernas de Marabar, especialmente com o seu retumbante eco, um "bum!" monótono e aterrorizador. Enquanto estava lá dentro, ela quase desmaiou. Agora, do lado de fora, tentava escrever uma carta. Mas uma estranha sensação de desespero começou a assaltá-la, até que "de repente, lá nos recônditos de sua mente, apareceu a Religião, *'o pobrezinho do cristianismo tagarela',* e ela viu que todas as suas divinas palavras, desde 'Haja luz' até 'Está consumado', também não passavam de um mero 'bum!'."[3]

É indispensável dizer que as palavras de Deus são muito mais substanciais do que ecos que ressoam numa caverna, pois elas são palavras de verdade e de vida — o que a Sra. Foster não reconheceu. Não obstante, o essencial é ouvi-las com reverente atenção e não afogá-las prematuramente com a nossa própria tagarelice.

Em particular, como se vê pelo subtítulo deste livro, eu creio que nós somos chamados à tarefa difícil e até dolorosa de "ouvir duas vezes". Isto é, precisamos ouvir com todo cuidado (embora, é claro, com diferentes níveis de respeito), tanto o mundo antigo quanto o mundo moderno, a fim de relacionar um com o outro em uma combinação de fidelidade com sensibilidade. Cada capítulo é, de fato, uma tentativa de ouvir em dobro, embora eu tenha certeza de que alguns serão muito mais bem-sucedidos que outros. Estou, porém, firmemente convencido de que só se desenvolvermos essa capacidade de "ouvir duas vezes" conseguiremos evitar as armadilhas opostas: a infidelidade e a irrelevância, e seremos capazes de anunciar com eficácia a Palavra de Deus para o mundo de Deus hoje.

Quero expressar minha gratidão a Todd Shy, meu atual estagiário, que trabalhou intensamente em todo o esboço do livro, apresentando algumas sugestões muito úteis; a Steve Andrews, um dos meus ex-estagiários, por seu meticuloso trabalho na compilação dos índices; a David Stone, que habilidosamente compôs o guia de estudos; e a Francês Whitehead, minha competentíssima secretária, por mais uma produção de um imaculado original.

Natal, 1991

JOHN STOTT

INTRODUÇÃO
O ONTEM E O HOJE

As próprias expressões "o cristão contemporâneo" e "cristianismo contemporâneo" (como, por exemplo, em "Instituto de Cristianismo Contemporâneo") chocam muita gente, pois parece ser uma contradição terminológica. Como pode o cristianismo ser considerado "contemporâneo"? Não se trata de uma fé antiga? Seu fundador não viveu e morreu há dois mil anos? O cristianismo não seria parte de um período, uma peça de museu, uma relíquia antiga de um passado remoto, irrelevante para as mulheres e os homens modernos?

Meu propósito neste livro é tentar responder essas questões e demonstrar que esse negócio de "cristianismo contemporâneo" existe mesmo. Não é uma nova versão do cristianismo que nós resolvemos inventar, mas, sim, um cristianismo bíblico, ortodoxo, histórico e original, sensivelmente relacionado com o mundo moderno.

O cristianismo é histórico e contemporâneo

Vamos começar reafirmando, sem nenhum pedido de desculpas, que o cristianismo é uma religião histórica. É claro que toda religião pode afirmar ser até certo ponto "histórica", pois cada uma surgiu em um contexto histórico específico e remonta ao seu fundador (por exemplo, Buda, Confúcio ou Maomé) e/ou a uma sucessão de líderes que contribuíram para sua formação. O cristianismo, porem, tem uma razão ainda mais forte para afirmar sua historicidade, porque ele não se baseia apenas em uma pessoa histórica, Jesus de Nazaré, mas também em certos eventos históricos que o envolveram, especialmente seu nascimento, morte e ressurreição. Além disso, o que torna histórico o judaísmo são eventos, e não pessoas. O Antigo Testamento apresenta Javé não só como "o Deus de Abraão, Isaque e Jacó", mas também como o Deus da aliança que ele fez com Abraão e

[3] E. M. Foster, *A Passage to India* (1924; Penguin, 1985), p. 144.

renovou com Isaque e Jacó; não apenas como o Deus de Moisés, mas como o Redentor responsável pelo Êxodo, que continuou a renovar a aliança ainda uma vez mais no Monte Sinai. Assim, os cristãos estão para sempre presos, de coração e alma, a estes eventos históricos e decisivos do passado. As Escrituras nos exortam constantemente a que os recordemos com gratidão. Na verdade, Deus, deliberadamente, tomou os devidos cuidados para que o seu povo se lembrasse com regularidade dos seus atos salvíficos. Assim como a Páscoa estava para o Êxodo, como um festival anual de celebração da salvação de Deus, assim a Ceia do Senhor está para a morte expiatória de Cristo, capacitando-nos a trazê-la regularmente à mente e a regozijar-nos em seus grandes benefícios. E, pois, através da Palavra e do sacramento que o passado se faz presente uma vez mais.

As origens históricas do cristianismo são uma grande bênção. Elas nos provêem um alicerce sólido. Nossa fé não se baseia em lendas, contos de fadas ou mesmo em mitos, mas, sim, em fatos reais. Estes, no entanto, também se constituem em um problema, uma vez que já faz tanto tempo que eles ocorreram. A enorme lacuna entre ontem e hoje, entre o passado e o presente, o histórico e o contemporâneo, é algo um tanto embaraçoso. A geração mais jovem nos diz que não tem interesse nenhum em história. O máximo que esta produz neles é um longo bocejo, rude e barulhento. O que nos interessa, dizem eles, é o agora, e não o passado. Eles nos fazem lembrar Huckleberry Finn, quando a viúva Douglas lhe conta pela primeira vez a história de Moisés e os juncos:

> Eu estava todo suado, de tanto me esforçar para descobrir tudo sobre ele; mas aos poucos ela foi deixando escapar que Moisés já havia morrido há um bom tempo; e daí eu não quis mais saber dele; afinal, não me interessa mesmo ficar me preocupando com gente morta.[4]

Há mais de vinte anos me incomoda uma conversa que tive sobre este assunto com dois irmãos (eu a relato na íntegra no livro *Eu Creio em Pregação)*.[5] Eles eram estudantes universitários e me disseram que haviam repudiado a fé de seus pais, na qual haviam sido criados. Agora um deles era agnóstico e o outro, ateu. Eu lhes perguntei por quê. Porventura eles já não acreditavam mais na verdade do cristianismo? Não, retrucaram, o problema não era esse. Seu dilema não era se o cristianismo era verdadeiro, mas se era relevante. E como poderia sê-lo? O cristianismo, acrescentaram, era uma religião palestina, primitiva. Havia surgido em uma cultura palestina e primitiva. Portanto, o que teria ele a lhes oferecer — a eles, que viviam no emocionante mundo moderno das viagens espaciais, das cirurgias de transplante e da engenharia genética? Ele era irrelevante!

Esta sensação de que o cristianismo é uma coisa distante, obsoleta e irrelevante existe em todo lugar. O mundo mudou tão drasticamente desde os dias de Jesus! E continua mudando com uma rapidez ainda mais assustadora. As pessoas rejeitam o evangelho, não necessariamente por considerá-lo falso, mas porque ele já não faz mais sentido para elas. Será que a igreja conseguirá sobreviver ao desafio da modernidade? Ou passará pelo ignominioso destino do dinossauro e, igualmente incapaz de adaptar-se a um ambiente em mudança, acabará se extinguindo?

Como resposta a esta impressão comum de que o cristianismo está irremediavelmente desatualizado, nós precisamos reafirmar nossa fundamental convicção cristã de que Deus continua a falar através daquilo que ele já falou. Sua Palavra não é um fóssil pré-histórico, a ser exibido numa redoma de vidro, mas, sim, uma mensagem viva para o mundo de hoje. O lugar dela é no mercado e não no museu. Através de sua antiga Palavra Deus se dirige ao mundo moderno, pois, como diz o Dr. J. I. Packer, "a Bíblia é Deus pregando". Mesmo levando-se em conta as peculiaridades históricas da Bíblia e a imensa complexidade do mundo moderno, ainda assim existe uma correspondência fundamental entre eles, e a Palavra de Deus continua sendo uma lâmpada para os nossos pés e uma luz para os nossos caminhos.[6]

Ao mesmo tempo, nosso dilema permanece. O evangelho pode ser "modernizado"? Será factível esperar que a igreja aplique a fé histórica ao cenário contemporâneo, a Palavra ao mundo, sem trair a primeira nem alienar o segundo? Será que o cristianismo pode conservar autêntica sua identidade e ao mesmo tempo demonstrar sua relevância, ou é preciso sacrificar um deles em detrimento do outro? Seremos obrigados a escolher entre voltar ao passado e fazer do presente um amuleto, entre recitar velhas verdades que são antiquadas e inventar novas idéias que são espúrias? Dentre estes dois, talvez o maior perigo seja o de que a igreja tente reformular a fé de forma a solapar sua integridade, tornando-a irreconhecível diante de seus arautos originais. Eu proponho que agora nos concentremos neste problema; o resto do livro dirige-se, de diferentes maneiras, ao problema complementar da relevância.

Em 1937 o acadêmico de Harvard Henry J. Cadbury publicou o seu livro *O Perigo de Modernizar*

---

[4] Mark Twain, *The Adventures of Huckleberry Finn* (1884; Pan, 1968), p. 202

[5] John Stott, I *Believe in Preaching* (Hodder and Stoughton, 1982), pp. 138—139.

[6] Sl 119.105; *cf.* 2 Pe 1.19.

Jesus. Ele admitiu que o propósito — aliás, louvável — dos "modernizadores" de Jesus era "interpretá-lo em termos que pareçam reais, ou seja, termos modernos, adequados à mente moderna".[7] O resultado, porém, sempre foi falsificá-lo, e em especial perder de vista sua característica judaica típica do primeiro século. Tal como os soldados que zombavam de Jesus "rasgaram suas vestes e lhe puseram uma manta escarlate", e então, após escarnecerem dele, "tiraram-lhe o manto de púrpura e lhe puseram suas próprias roupas", assim também nós colocamos em Jesus "nossa própria roupagem" e o revestimos de "nossos próprios pensamentos".[8]

Mesmo assim o desejo de apresentar Jesus de uma forma que apeteça a nossa própria geração é obviamente louvável. Era esta a preocupação de Bonhoeffer na prisão: "O que me preocupa incessantemente", escreveu ele, em 1944, ao seu amigo Eberhard Bethge, "é a questão de... quem é Cristo de fato para nós hoje?"[9] Esta é, sem dúvida alguma, uma pergunta inquietante. Todavia, ao respondê-la, a tendência da igreja tem sido, em cada geração, desenvolver imagens de Cristo que se desviam do retrato pintado pelos autores do Novo Testamento.

Helmut Thielicke foi muito sincero quanto a isso. "Sempre e sempre de novo, a figura de Jesus tem sido terrivelmente amputada", escreveu ele, "a fim de adaptar-se ao gosto de cada geração".

> Durante toda a história da igreja Jesus Cristo tem passado por um processo de repetida crucificação. Ele tem sido açoitado, machucado e trancafiado na prisão de incontáveis sistemas e filosofias. Tratado como um corpo de pensamento, ele geralmente tem sido rebaixado a sepulturas conceptuais e coberto com lápides, a fim de que não possa ressurgir e causar-nos mais problemas... Mas este é o milagre — que dessa sucessão de sepulturas conceptuais Jesus Cristo sempre e sempre ressuscita de novo![10]

Tentativas de modernizar Jesus

Eis aqui uma amostra das muitas tentativas feitas por parte da igreja para apresentar um retrato contemporâneo de Cristo. Veremos que, em termos de fidelidade ao original, algumas têm sido mais bem-sucedidas que outras.

Primeiro eu penso no *Jesus asceta,* que inspirou gerações de monges e eremitas. Ele não era tão diferente assim de João Batista, já que também se vestia com uma pele de camelo, usava sandálias ou então andava descalço, e mastigava gafanhotos com evidente prazer, e ao mesmo tempo renunciava aos prazeres da mesa e a desfrutar as alegrias da criação de Deus. Seria difícil conciliar este retrato com a crítica dos seus contemporâneos, de que ele "veio comendo e bebendo".[11]

E depois vem *Jesus, o pálido galileu.* Foi o imperador Juliano, o apóstata, que tentou reintroduzir os deuses pagãos de Roma, depois que Constantino os havia substituído pelo culto ao Cristo. Dizem que, no seu leito de morte, em 363 d.C, Juliano disse: "Você venceu, galileu!" Suas palavras foram popularizadas da seguinte forma pelo poeta Swinburne, no século XIX:

> Tu conquistaste, ó pálido galileu!
> Teu respirar deixou o mundo em sombras.

Esta imagem foi perpetuada na arte medieval e em vitrais: um Jesus com uma auréola celestial e uma compleição incolor, os olhos voltados para o céu e os pés sem sequer tocar o chão.

Em contraste com as apresentações de Jesus como fraco, sofredor e derrotado, surgiu *Jesus, o Cristo cósmico,* que foi profundamente apreciado pelos líderes da igreja bizantina. Em contraposição aos bárbaros invasores, eles o representaram como o Rei dos reis e Senhor dos senhores, o *pantokrator,* criador e dominador do universo. Contudo, exaltado acima de todas as coisas, glorificado e reinando, ele parecia alienado do mundo real e até de sua própria humanidade tal como revelada na encarnação e na cruz.

No extremo oposto do espectro teológico, os deístas iluministas dos séculos XVII e XVIII construíram sua própria imagem de Jesus como *o mestre do senso comum,*[12] inteiramente humano e nada divino. O exemplo mais dramático é a obra do versátil gênio Thomas Jefferson, presidente dos Estados Unidos (1801—1809).

---

[7] Henry J. Cadbury, *The Peril of Modernizing Jesus* (Macmillan, 1937; SPCK, 1962), p. 28.

[8] *Ibid.* p. 42

[9] Dietrich Bonhoeffer, *Letters and Papers from Prison* (SOM, edição ampliada, 1971), p. 279.

[10] Helmut Thielicke, *How Modern Should Theology Be?* (1967; ET Fortress, 1969 e Collins, 1970), p. 18-19. Ver também, do mesmo *autor, Modern Faithand Thought* (1983; ET Eerdmans, 1990), p. 78.

[11] Mt 11.19

[12] Ver Jaroslaw Pelikan, *Jesus Through the Centuries* (Yale University Press, 1985), pp. 182-193.

Rejeitando o sobrenatural por considerá-lo incompatível com a razão, ele escreveu duas vezes sua própria edição dos Evangelhos, chamando a primeira de *A Filosofia de Jesus de Nazaré* (1804) e a segunda, *A Vida e a Moralidade de Jesus de Nazaré* (1820). Em ambos os livros, todos os milagres e mistérios foram sistematicamente eliminados. O que restou foi puramente um guia popular para um mestre de moral meramente humana.

Chegando ao século XX, deparamo-nos com uma grande variedade de opções. Dentre as mais conhecidas, duas delas devem sua popularidade a musicais. Temos *Jesus o palhaço de Godspell,* que passa o tempo todo cantando e dançando, e dessa forma capta algo da jovialidade de Jesus, mas que não chega a levar a sério sua missão. Algo parecido a este é *Jesus Cristo Superstar,* a celebridade desiludida, que uma vez pensou saber quem ele era, mas que no Getsêmani já não tinha mais tanta certeza:

Então, eu estava inspirado... Agora, triste e cansado.

Depois vem a impressionante invenção de Jesus como *o fundador dos negócios modernos.* Refiro-me a um livro intitulado *The Man Nobody Knows (O Homem que Ninguém Conhece,* 1925), que durante dois anos liderou a lista dos best-sellers nos Estados Unidos. Seu autor, Bruce Barton, era um publicitário americano que resolveu expressar sua revolta contra o Jesus anêmico e "maricas" ensinado na Escola Dominical da sua infância. Além de pintar Jesus como um "garoto-propaganda" bronzeado e musculoso, simpático, jovial e sociável, ele o representou também como um líder de ardente convicção, cuja vida inteira foi uma história de conquistas e realizações, e que em seus ensinamentos enfatizava os segredos do sucesso nos negócios. O capítulo 6 do livro intitula-se "O Fundador dos Negócios Modernos". Vejam, escreve Bruce Barton, que com apenas doze anos de idade Jesus literalmente descreveu-se a si mesmo como alguém que precisava "tratar dos *negócios* do seu Pai"!

Já se atribuiu a Jesus um profundo domínio da ciência econômica, bem como o sucesso nos negócios. Surpreendentemente, é George Bernard Shaw que, com gozação implícita, nos apresenta Jesus como *o economista.* "Decididamente", escreve ele, "quer se pense ou não que Jesus era Deus, tem-se que admitir que ele foi um economista político de primeira classe", o qual, entre outras coisas, recomendou distribuição igualitária.[13] Mas os autores divergem completamente entre si quanto à natureza de sua economia. Por um lado existe a visão de Jesus como um *capitalista,* promotor da livre empresa, investimento e conservação, tanto que T. N. Carver foi capaz de afirmar, em seu livro *The Economic Factor in The Messiahship of Jesus (O Fator Econômico na Messianidade de Jesus,* 1922), que "todo aspecto essencial do sistema económico moderno é explicitamente demonstrado nos ensinamentos desse jovem judeu".[14]

Temos, por outro lado, *Jesus, o socialista.* Como exemplo quero citar Arthur Scargill, que foi eleito presidente da União Nacional dos Mineiros em 1981. Numa entrevista dada à imprensa naquela ocasião, ele disse que era cristão e que adorava os velhos hinos de Moody e de Sankey, dos quais o seu favorito era "Quão bondoso amigo é Cristo". Quando o pressionaram, perguntando se acreditava no Credo, primeiro ele tentou se safar e depois declarou: "Eu creio no cristianismo neste sentido: creio que Jesus Cristo era de fato um socialista".[15]

Fidel Castro, de Cuba, muitas vezes tem se referido a Jesus como "um grande revolucionário", e muitos têm tentado retratá-lo como *Jesus, o lutador da liberdade,* o guerrilheiro urbano, o Che Guevara do primeiro século, de barba negra e olhos faiscantes, como no *Evangelho Segundo São Mateus* de Pasolini, cujo gesto mais característico era virar as mesas dos mercadores e expulsá-los do templo com um chicote.

Dentre os esforços de retratar Jesus em termos revolucionários, talvez o que tenha mais fundamento seja a novela *Me Chamam de Carpinteiro,* de Upton Sinclair.[16] Havia, num vitral sobre o altar da Igreja de São Bartolomeu, em Nova Iorque, uma imagem de Cristo, que um dia tornou-se vivo, desceu e começou um ministério público na cidade. "Quem é você?", perguntava o povo. "Me chamam de Carpinteiro", respondia ele. E assim ele passou a ser o "Sr. Carpinteiro", e mais tarde "Profeta Carpinteiro", à medida que suas palavras e ações assemelhavam-se às de Jesus da Palestina. Ele também foi tentado (ofereceram-lhe um contrato de 1500 dólares semanais como astro de cinema); ressuscitou uma criança que havia sido atropelada por um carro, e vivia cercado de crianças; curou os enfermos e deficientes; resgatou "Maria Madalena" de sua vida de prostituição; e equilibrava-se na carroceria de um caminhão a fim de berrar para a multidão acerca do amor e da justiça. Mas ele citou as denúncias de Amos acerca dos ricos indolentes, identificou-se com grevistas numa passeata de

[13] Prefácio a *Androcles and the Liou* (1912; Constable, 1916), p. lxx.
[14] Citado por H. J. Cadbury, *The Peril of Modernizing Jesus,* pp. 12-14.
[15] Entrevista com Terry Coleman, publicada no jornal *The Guardian Weekly* em 20/12/81
[16] Upton Sinclair, *They Call Me Carpenter* (Werner Laurie, 1922).

protesto, investiu contra empregadores por estarem alienando os trabalhadores do produto de seu trabalho, e quando, durante uma missa na Igreja de São Bartolomeu, ele pronunciou um longo discurso contra teólogos e doutores em divindade ("Ai de vós, religiosos hipócritas!"), o jornal local acusou-o de ser um anarquista bolchevique e de "disfarçar a doutrina de Lenin e Trotsky com roupagens de revelação cristã".[17] Sua última noite de vida ele a passou no sótão da sede do Partido Socialista. E finalmente a multidão, enraivecida com aquele "desbocado Profeta Vermelho", agarrou-o, despejou galões de tinta vermelha sobre sua cabeça, colocou-o de pé em cima de um vagão e levou-o ruas afora, gritando: "Salve! Salve o profeta bolchevique!" Atirado pela janela de um teatro, ele não se feriu e voltou para a Igreja de São Bartolomeu, saltou para dentro do vitral .... e eis que tudo tinha sido um sonho!

Caso alguém venha a concluir que tais reconstituições da vida de Jesus não passam de tentativas saídas da imaginação de simples autores de ficção, darei como último exemplo um trabalho acadêmico sério intitulado *Jesus, o Mágico.* Eu acho que ele pode ser considerado, e com razão, mais uma tentativa de retratar Jesus em vestes antigas-modernas, no que seria uma forma conveniente e moderna de se ver livre dos milagres. E, com certeza, bastante significativo o fato de que o lançamento mais recente desse livro seja da Editora Aquariana. A tese do professor Morton Smith é que, se bem que nos Evangelhos os seguidores de Jesus o apresentem como o místico Filho de Deus, os seus mais antigos oponentes o consideravam um mágico. Segundo o professor Smith, documentos do século III (os quais, segundo ele, foram furtados e destruídos pelos cristãos) revelam que Jesus, durante a sua juventude, foi para o Egito, "onde se tornou um especialista em mágica e foi tatuado com símbolos e fórmulas mágicas"; que ele voltou para a Galileia e "tornou-se famoso por seus feitos mágicos";[18] e que finalmente ele uniu a si mesmo os seus seguidores através da refeição que instituiu, "inequivocamente um ritual mágico".[19] A evidência, conclui Morton Smith, dá-nos "um quadro coerente da vida e obra de um mágico".[20]

Esta seleção de treze diferentes retratos de Jesus ilustra a eterna tendência de moldar um Cristo que tenha um apelo moderno. Isto começou já na era apostólica, quando Paulo teve que advertir o povo quanto aos falsos ensinadores que andavam pregando "outro Jesus que não temos [os apóstolos] pregado".[21] E é impressionante ver a criatividade com que as pessoas têm levado adiante as representações de Jesus que acabamos de considerar. Mesmo assim, todas elas são figuras anacrónicas. Cada geração voltou-se para ele com suas próprias idéias e aspirações, criando-o à sua própria imagem. Cada uma estava certa quanto à sua motivação (pintar um retrato contemporâneo de Jesus); só que o resultado acabava sendo, até certo ponto, errado (o quadro não era autêntico). O desafio que temos diante de nós é o de apresentar Jesus à nossa geração de tal forma que seja, ao mesmo tempo, histórico *e* contemporâneo, autêntico e atrativo, novo no sentido de recente *(neos),* mas não novo no sentido de ser uma novidade *(kainos).*

Chamados a "ouvir duas vezes"

A principal razão para toda traição ao verdadeiro Jesus é que nós ouvimos com exagerada deferência a moda contemporânea, ao invés de escutarmos a Palavra de Deus. A busca por relevância torna-se tão impetuosa que nós sentimos que temos que capitular diante dela, independente do custo. Estamos acostumados a esse tipo de pressão no mundo dos negócios, onde quem determina o produto da firma são os especialistas em marketing, ao descobrirem o que irá vender, o que o público irá comprar. Às vezes parece que o mercado impõe sua regras também à igreja. Com toda prestatividade, nós cedemos ao espírito moderno, tornando-nos escravos da última moda, e até mesmo idólatras, dispostos a sacrificar a verdade no altar da modernidade. Então a busca por relevância acaba se degenerando, transformando-se em uma obsessão por popularidade.

O outro extremo da irrelevância é a acomodação, que é uma covarde e inescrupulosa rendição ao *Zeitgeist,* o espírito da época. Thielicke foi assaltado por esse perigo, pois ele não conseguia esquecer como é que os assim chamados "cristãos germânicos", durante o Terceiro Reich de Hitler, aceitavam e até defendiam os mitos raciais dos nazistas. Ele insistia, portanto, em que a verdadeira teologia "sempre implica num debate entre o *kerygma* e a autocompreensão de uma era... entre a eternidade e o tempo". Ademais, nesse debate "a fé acredita tanto *contra* como *em";* ela nasce em uma reação consciente a idéias correntes.[22] Assim, Thielicke escreve sobre a "estrutura polar" da teologia, na qual um polo é "uma base eterna e superior que se deriva da

[17] *Ibid.,* pp. 127-128.
[18] Morton Smith, *Jesus the Magician* (1978; Aquarian Press, 1985), p. 67
[19] *Ibid,* p. 146
[20] *Ibid,* p. 152
[21] 2 Co 11.4.
[22] H. Thielicke, *Modern Faith and Thought,* p. 5

revelação" e o outro é constituído de "constelações específicas do espírito da época".[23] "A fé", insiste ele, "sempre será um risco ... ela há de implicar, não um *porquê,* mas um *apesar de* em face da realidade do humano."[24]

Da mesma forma, Peter Berger, como sociólogo cristão, tem algumas coisas pertinentes a dizer acerca da necessidade de se caminhar cautelosamente entre a irrelevância e a acomodação:

> Eu gostaria de esclarecer uma vez mais que *não* estou dizendo que os cristãos não deveriam ouvir as idéias dos outros, ou levar a sério o que acontece no seu contexto cultural, ou participar de lutas políticas do seu tempo. O que me perturba não é o fato de se ouvir como tal, mas, sim, o fato de ouvir com adulação acrítica, se não intenção idólatra — de ouvir, se é que se ouve, de olhos arregalados e boquiabertos de admiração.[25]

E Peter Berger continua dizendo: "Eu acho que simplesmente chegou a hora de dar um 'Basta!' a essa dança em torno dos bezerros de ouro da modernidade."[26] Mais importante do que indagar *o que o homem moderno tem a dizer à igreja* é perguntar *o que a igreja tem a dizer ao homem moderno.*[27]

O povo de Deus vive num mundo que é frequentemente inamistoso e, certas vezes, declaradamente hostil. Nós vivemos constantemente expostos à pressão para "entrarmos na forma". No entanto, através de toda a Escritura, somos exortados a uma firme não-conformação, e as advertências para quem cede ao mundanismo são muito sérias. No Antigo Testamento o Senhor disse ao seu povo depois do êxodo: "Não fareis segundo as obras da terra do Egito, em que habitastes, nem fareis segundo as obras da terra de Canaã, para a qual eu vos levo, nem andareis nos seus estatutos. Fareis segundo os meus juízos, e os meus estatutos guardareis..."[28] Mesmo assim o povo disse a Samuel: "... constitui-nos, pois, agora, um rei sobre nós, para que nos governe, como o têm todas as nações."[29] E, mais tarde, Ezequiel teve que repreendê-los por sua idolatria: "...dizeis: Seremos como as nações, como as outras gerações da terra, servindo ao pau e à pedra."[30] Foi a mesma coisa nos dias do Novo Testamento. A despeito dos mandamentos bem claros de Jesus — "Não vos assemelheis a eles"[31] - e de Paulo - "Não vos conformeis com este mundo"[32] -, a constante tendência do povo de Deus era, e ainda é, comportar-se "como os gentios"[33] - até que nada mais parece distinguir a igreja do mundo, os cristãos dos não-cristãos, em convicções, valores e padrões.[34]

Graças a Deus, porém, sempre houve algumas almas nobres que permaneceram firmes, às vezes sozinhas, recusando-se a se comprometer. Penso em Jeremias no século VI a.C, em Paulo, no seu tempo ("todos:.. me abandonaram"),[35] Atanásio no século IV e Lutero no século XVI. C. S. Lewis escreveu seu tributo a Atanásio, que sustentou a divindade de Jesus e a doutrina da Trindade, quando a igreja inteira estava decidida a seguir o herege Ário: "Sua glória é que ele *não* seguiu o curso da época; sua recompensa é que agora ele permanece, enquanto aquela época, como todas as épocas, já se foi."[36]

Hoje, pois, nós estamos decididos a lutar para apresentar o evangelho de tal forma que ele fale aos dilemas, temores e frustrações do mundo moderno; estamos, no entanto, igualmente decididos a não comprometer o evangelho a fim de fazer isso. Certas pedras de tropeço são intrínsecas ao evangelho original e não podem ser eliminadas, e nem mesmo abrandadas, a fim de torná-lo mais agradável ao paladar contemporâneo. O evangelho contém certos aspectos tão estranhos ao pensamento moderno que ele sempre há

---

[23] *Ibid.,* p. 7
[24] *Ibid,* p. 563
[25] Peter L. Berger, *Facing Up to Modernity* (1977; Penguin, 1979), p. 232
[26] *Ibid.,* p. 233
[27] *Ibid.,* p. 233
[28] Lv 18.3-4a.
[29] 2 Sm 8.5b
[30] Ez 20.32
[31] Mt 6.8.
[32] Rm 12.2
[33] 1 Ts 4.5; c/l Co 5.1, Ef 4.17
[34] Quanto a corajosos desafios cristãos à igreja para que permaneça firme contra as tendências culturais e morais de hoje, ver, por exemplo, *Christianity Confronts Modernity,* ed. Peter Williamson and Kevin Perrotta (Servant, 1981) e *The Gravedigger File: Papers on the Subversion ofthe Modern Church,* de Os Guinness (IVP USA, 1983).
[35] 2Tm 1.15; *cf.* 4.11, 16.
[36] Da Introdução de C.S.Lewis ao livro *St A thanasius on the Incarnation* (Mowbray, 1953), p. 9.

de parecer "loucura" para os intelectuais, por mais que nos esforcemos (e com razão) para mostrar que ele é "de verdade e de bom senso".[37] A cruz sempre há de constituir-se em uma agressão à justiça própria do homem, bem como um desafio à sua auto-indulgência. Seu "escândalo" (pedra de tropeço) simplesmente não pode ser removido. De fato, a igreja fala ao mundo com mais autenticidade, não quando ela faz adaptações vergonhosas motivadas por covardia, mas, sim, quando se nega a fazê-las; não quando ela se torna totalmente indistinta do mundo, mas quando sua luz distintiva brilha ainda mais.

Assim, os cristãos, que vivem sob a autoridade da revelação de Deus, por mais ansiosos que estejam para comunicá-la aos outros, demonstram uma resoluta independência de mente e de espírito. Não se trata de obstinação, pois estamos prontos para ouvir a todos. Contudo, determinamo-nos também a ser fiéis e, caso necessário, sofrer por isso. A palavra de Deus a Ezequiel é um encorajamento para nós: "Não os temas ... Tu lhes dirás as minhas palavras, quer ouçam quer deixem de ouvir, pois são rebeldes."[38] Portanto, temos que aplicar a Palavra, mas não manipulá-la. Temos de nos esforçar o máximo possível para certificar-nos de que ela fale aos nossos dias, mas não corrigi-la a fim de garantir uma falsa relevância. Nosso chamado é para sermos fiéis e relevantes, e não simplesmente tendenciosos.

Mas como é que podemos ser conservadores e ao mesmo tempo radicais — conservadores no que tange a guardar a revelação de Deus e radicais na nossa radical aplicação desta? Como podemos desenvolver uma mente cristã que seja moldada pelas verdades do cristianismo bíblico e histórico e ao mesmo tempo tenha consciência das realidades do mundo contemporâneo? Como podemos relacionar a Palavra com o mundo compreendendo o mundo à luz da Palavra, e até mesmo compreendendo a Palavra à luz do mundo? Temos de começar com uma dupla recusa. Recusemo-nos a nos tornar, ou tão absorvidos com a Palavra que acabemos *fugindo* dela e deixando de confrontá-la com o mundo, ou tão absorvidos com o mundo que nos *conformemos* com ele, deixando de submetê-lo ao julgamento da Palavra. Escapismo e conformismo são erros opostos, mas nenhum dos dois é uma opção cristã.

Em lugar desta dupla recusa, nós somos chamados a ouvir em dobro, ou seja, ouvir tanto a Palavra quanto o mundo. É um truísmo dizer que precisamos ouvir a Palavra de Deus, a não ser, talvez, que precisamos ouvir a ele com mais atenção e humildade, prontos para deixá-lo confrontar-nos com uma palavra inquietante e inesperada. Menos agradável ainda é o fato de nos dizerem que nós também temos que ouvir o mundo, pois as vozes de nossos contemporâneos podem assumir a forma de agudos e estridentes protestos. Ora elas são queixosas, ora atraentes, ora nos chegam em tons agressivos. E depois tem o grito angustiante daqueles que estão sofrendo, e a dor, a dúvida, a ira, a alienação e até mesmo o desespero daqueles que estão afastados de Deus. Não estou dizendo que deveríamos ouvir a Deus e aos nossos companheiros humanos da mesma forma ou com o mesmo nível de deferência. Nós ouvimos a Palavra com humilde reverência, ansiosos por entendê-la e decididos a acreditar no que viermos a compreender. Nós ouvimos o mundo com atenção crítica, igualmente ansiosos por compreendê-lo, e decididos, não necessariamente a crer nele e a obedecer-lhe, mas a simpatizar com ele e a buscar graça para descobrir que relação existe entre ele e o evangelho.

Todo mundo tem dificuldade de ouvir. Mas será que os cristãos são, por alguma razão (talvez por nos acreditarmos chamados para falar aquilo que Deus falou), ouvintes piores do que os outros? Nosso símbolo é mais a língua do que o ouvido. Mas já deveríamos ter aprendido uma lição com os loquazes confortadores de Jó. Eles até que começaram bem. Quando ficaram sabendo dos problemas de Jó, deixaram seus lares e foram visitá-lo. E, quando chegaram, mal conseguindo reconhecê-lo, de tão desfigurado pelas feridas, eles lamentaram, rasgaram suas vestes, jogaram terra sobre as cabeças e depois sentaram-se ao seu lado no chão durante sete dias. Durante toda aquela semana eles nada disseram a Jó, pois viram quão grande era o seu sofrimento. Na verdade, ninguém disse nada, pois simplesmente não havia o que dizer. Se pelo menos eles tivessem continuado como começaram e continuado de boca calada! Mas, ao invés disso, eles puseram à mostra, da maneira mais insensível possível, a sua ortodoxia convencional de que todo pecador sofre por causa de seus próprios pecados. Na verdade, eles nem escutaram o que Jó tinha a dizer. Simplesmente ficaram ali repetindo suas conversas fiadas, sem refletir e sem nenhuma sensibilidade, até que finalmente Deus os repreendeu por não terem falado sobre ele o que era direito.

Nós conhecemos muito bem o conceito de "pensar duas vezes", uma expressão cunhada por George Orwell em seu famoso livro *1984*. Ela denota a habilidade de guardar simultaneamente na mente duas visões ou convicções conflitivas. Pensar duas vezes é uma capacidade típica de propagandistas inescrupulosos. "Falar duas vezes" é ainda mais desonroso. E a capacidade de dizer algo para uma pessoa e outra coisa completamente

[37] At 26.25.

[38] Ez 2.6-7.

diferente para uma outra, e até falar coisas mutuamente contraditórias para a mesma pessoa. Falar duas vezes é a reserva de mercado dos hipócritas, dos mentirosos consagrados. "Ouvir duas vezes", porém, não contém nenhum elemento de autocontradição. É a faculdade de ouvir duas vozes ao mesmo tempo, a voz de Deus através das Escrituras e as vozes de homens e mulheres ao nosso redor. Frequentemente estas vozes contradizem uma à outra, mas nosso propósito ao ouvir tanto uma como a outra é descobrir como elas se inter-relacionam. Ouvir duas vezes é indispensável para o discipulado cristão e para a missão cristã. Somente através da disciplina de ouvir duas vezes é que é possível tornar-se um "cristão contemporâneo". Pois só então nós conseguimos ver que os adjetivos "histórico" e "contemporâneo" não são incompatíveis, aprendemos a aplicar a Palavra ao mundo e proclamamos boas novas que são, ao mesmo tempo, novas e verdadeiras. Em suma, passamos a viver no "hoje" à luz do "ontem".

PARTE UM
O EVANGELHO

O cristianismo não é uma religião, e muito menos uma religião entre muitas, mas, sim, a boa nova de Deus para o mundo. A implicação disso é que o evangelho tem, ao mesmo tempo, uma origem divina (ele vem de Deus) e uma relevância humana (ele fala à nossa situação). Portanto, antes de nos dispormos a encarar a pergunta "O que é o evangelho?", precisamos encontrar uma resposta satisfatória para a pergunta logicamente prioritária: "O que é o ser humano?"

O Capítulo 1 ("O Paradoxo Humano") é uma tentativa de fazer justiça ao que a Bíblia ensina e a nossa própria experiência endossa: a glória e a vergonha implícitas no fato de sermos humanos, ou seja, a nossa dignidade, como seres criados à imagem de Deus, e a nossa depravação, como pecadores sujeitos ao seu juízo. Depois o Capítulo 2 apresenta, em termos de "A Verdadeira Liberdade", aquilo que tradicionalmente chamamos de "salvação".

Os Capítulos 3 e 4 lidam com os temas centrais — a morte e a ressurreição de Jesus — que asseguraram nossa libertação. Primeiro eu tento enfrentar as cinco principais objeções feitas ao evangelho do Cristo crucificado, e depois as negações correntes quanto à sua ressurreição corporal. Meu argumento é que a significância neotestamentária da ressurreição de Jesus depende da convicção tradicional da igreja, de que ela foi um evento que envolveu o ressurgimento e a transformação do seu corpo.

No Capítulo 5 ('Jesus Cristo é Senhor") repassaremos as implicações a longo prazo, tanto para a fé como para a vida, dessa afirmação aparentemente inocente. Radical mesmo é o discipulado que leva a sério o senhorio de Cristo.

CAPITULO UM
O PARADOXO HUMANO

Duas vezes no Antigo Testamento levanta-se a questão "O que é o homem?" (isto é, "O que significa ser humano?"), e duas vezes ela é respondida. E em ambas as ocasiões a indagação expressa surpresa, c até incredulidade, pelo fato de Deus prestar tanta atenção a sua criatura humana. Afinal de contas, nós somos insignificantes em comparação com a vastidão do universo, como também impuros em contraste com o brilho das estrelas — não passamos de "insetos" e "vermes".[39]

Há pelo menos três razões principais para a importância desta questão.

Pessoalmente falando, perguntar "O que é o homem?" é uma outra forma de indagar "Quem sou eu?". Só assim nós podemos dar uma resposta ao antigo adágio grego *gnothi seauton,* "conhece-te a ti mesmo", e à preocupação moderna ocidental com a descoberta de nosso próprio eu. Não existe área mais importante a ser buscada ou pesquisada do que a nossa identidade pessoal. Afinal, enquanto não nos encontrarmos a nós mesmos, nós nem podemos descobrir plenamente qualquer outra coisa, nem podemos crescer em maturidade pessoal. O clamor universal é "Quem sou eu?" e "Será que eu valho alguma coisa?"

Conta-se que certo dia Arthur Schopenhauer, o filósofo do pessimismo, estava sentado no Tiergarten, em Frankfurt, meio desgrenhado e maltrapilho, quando o guarda do parque, confundindo-o com um vagabundo, perguntou-lhe rudemente: "Quem é você?" A esta indagação, o filósofo replicou amargamente: "Por Deus, como eu gostaria de saber!"

Profissionalmente, qualquer que seja o nosso trabalho, nós sempre estamos de alguma forma servindo às pessoas. Os médicos e enfermeiras têm seus pacientes, os professores têm alunos, os advogados e assistentes

[39] Jó 7.17; 25.4-6 (BLH); Sl 8.3-4.

sociais têm clientes, os parlamentares têm seus constituintes e os negociantes, os seus fregueses. A maneira como tratamos as pessoas em nosso trabalho depende quase inteiramente de como nós as vemos.

Politicamente, pode-se argumentar que a natureza dos seres humanos tem sido um dos principais pontos de discussão entre as visões rivais de Jesus e Marx. Será que os seres humanos têm um valor absoluto, em virtude do qual devem ser respeitados, ou seu valor só tem relação com o Estado, por cuja causa eles devem ser explorados? Ou, mais simplesmente: as pessoas são servas da instituição, ou é a instituição que é serva das pessoas? Como escreveu John S. Whale, "as ideologias ... são na verdade antropologias"; elas são diferentes doutrinas acerca do homem.[40]

A crítica cristã às respostas contemporâneas para a questão "O que é o homem?" é que elas tendem a ser, ou ingênuas demais em seu otimismo, ou negativas demais em seu pessimismo acerca da condição humana. Os humanistas seculares são geralmente otimistas. Embora creiam que o *homo sapiens* nada mais é que o produto de um processo de evolução ocorrido ao acaso, eles no entanto acreditam que os seres humanos continuam a evoluir, têm potencial ilimitado e algum dia assumirão o controle total de seu próprio desenvolvimento. Mas esses otimistas não levam suficientemente a sério a queda do ser humano para a perversidade moral e o egocentrismo, o que constantemente tem retardado o progresso, levando à desilusão os reformadores sociais.

Os existencialistas, por outro lado, tendem a ser extremamente pessimistas. Já que não há Deus, dizem eles, também não há mais valores, ideais ou padrões — o que, no mínimo, tem sua lógica. E embora nós precisemos encontrar de alguma forma a coragem para ser, nossa existência não tem nem significado nem propósito. No final das contas, tudo é um absurdo. Mas tais pessimistas não levam em consideração o amor, a alegria, a beleza, a verdade, a esperança, o heroísmo e o sacrifício próprio que têm enriquecido a história humana.

O que necessitamos, pois, (citando novamente J. S. Whale), não é "nem o otimismo fácil dos humanistas, nem o obscuro pessimismo dos cínicos, mas o realismo radical da Bíblia".[41]

Nossa dignidade humana

O valor intrínseco dos seres humanos é afirmado desde o primeiro capítulo da Bíblia.

Também disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam sobre a terra.

Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.

E Deus os abençoou, e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, e sobre todo animal que rasteja pela terra.[42]

Há muito tempo persiste o debate acerca do que significa a "imagem" ou "semelhança" divina nos seres humanos, e onde jaz sua superioridade. Keith Thomas juntou uma porção de idéias exóticas em seu livro *Man and the Natural World (O Homem e o Mundo Natural).*[43] Ele destaca, por exemplo, que o ser humano foi descrito por Aristóteles como um animal político, por Thomas Willis como um animal que ri, por Benjamin Franklin como um animal que faz ferramentas, por Edmund Burke como um animal religioso e pelo gourmet James Boswell como um animal que cozinha.[44] Outros autores têm se concentrado em alguma característica física do ser humano. Platão explorou muito a nossa postura ereta, concluindo que os animais olham para baixo, mas só os seres humanos olham para o céu, enquanto Aristóteles acrescentou a peculiaridade de que só os seres humanos não conseguem agitar as orelhas.[45] Um médico escocês mostrou-se profundamente impressionado com os nossos intestinos, ou seja, com suas "sinuosas circunvoluções, curvas e reviravoltas", ao passo que em fins do século XVIII Uvedale Price chamou atenção para o nosso nariz: "Creio que o homem é o único animal que tem uma acentuada protuberância bem no meio da face."[46]

Os estudiosos que conhecem bem o antigo Egito e a Assíria antiga, no entanto, salientam que nessas

[40] J. S. Whale, *Christian Doctrine* (1941; Fontana, 1957), p. 33.
[41] *Ibid.,* p. 41
[42] Gn 1.26-28.
[43] Keith Thomas, *Man and the Natural World: Changing Attitudes in England 1500-1806* (1983; Penguin, 1984)
[44] *Ibid.,* p. 31
[45] Ibi*d.,* p. 31.
[46] *Ibid,* p. 32. Ver também págs. 37-39, 166 e 177.

culturas o rei ou imperador era tido como a "imagem" de Deus, a quem representava aqui na terra, e que os reis mandavam erigir imagens suas em suas províncias para simbolizar a extensão de sua autoridade. Foi dentro desse contexto que Deus, o Criador, confiou uma espécie de responsabilidade real (ou pelo menos vice-real) a todos os seres humanos, designando-os para "dominarem" sobre a terra e suas criaturas e "coroando-os", para isso, de "glória e honra".[47]

No decorrer da narrativa de Gênesis 1 fica claro que é a imagem ou semelhança divina que distingue os humanos (o clímax da criação) dos animais (cuja criação é registrada antes). Implica-se uma continuidade entre humanos e animais. Eles compartilham, por exemplo, "o fôlego da vida"[48] e a responsabilidade de reproduzir-se.[49] Mas havia também entre eles uma radical descontinuidade, ao se dizer que os seres humanos são "como Deus". Essa ênfase na distinção singular entre humanos e animais repete-se constantemente por toda a Escritura, sob dois diferentes tipos de argumento. Deveríamos nos envergonhar, tanto quando os seres humanos comportam-se como animais, baixando ao nível destes, como quando os animais se comportam como seres humanos, agindo muito melhor pelo instinto do que nós pela capacidade de escolher. Um exemplo do primeiro caso é que homens e mulheres não devem ser "embrutecidos e ignorantes", comportando-se "como um irracional", ou então "como o cavalo ou a mula, sem entendimento, os quais com freios e cabrestos são dominados".[50] Como exemplo do segundo caso, nós somos repreendidos pelo fato de bois e jumentos reconhecerem os seus donos muito melhor do que nós,[51] e porque as aves de migração, ao deixarem suas casas, retornam muito mais facilmente do que nós,[52] e as formigas são muito mais trabalhadoras e previdentes do que nós.[53]

Voltando aos primeiros capítulos de Génesis, todas as maneiras de Deus lidar com Adão e Eva pressupõem a unicidade destes entre as criaturas de Deus. A forma como Deus se dirige a eles pressupõe que eles o compreendem. Ele lhes diz que frutos podem comer e quais não podem comer, certo de que eles são capazes de discernir entre uma permissão e uma proibição e escolher entre as duas. Ele plantou o jardim e depois colocou Adão ali "para o cultivar e guardar",[54] iniciando assim entre eles uma parceria consciente e responsável no cultivo do solo. Criou-os macho e fêmea, declarou que a solidão não era uma coisa boa, instituiu o matrimônio para a realização do amor dos dois e abençoou sua união. Além disso, ele "passeava no jardim pela viração do dia", deliciando-se com a sua companhia, e sentiu falta dos dois quando se esconderam dele. Portanto, não é de admirar que estes cinco privilégios (compreensão, escolha moral, criatividade, amor e comunhão com Deus) sejam todos regularmente mencionados nas Escrituras e continuem a ser reconhecidos no mundo contemporâneo como constitutivos da distinção singular da nossa "humanidade".

Para começar, existe a *nossa racionalidade autoconsciente.* Não se trata apenas de sermos capazes de pensar e raciocinar — afinal de contas, poderíamos dizer, os computadores também fazem isso. Eles são capazes de realizar os cálculos mais fantásticos, e muito mais rápido do que nós. Além disso, têm um tipo de memória (podem arquivar informações) e um tipo de linguagem (podem comunicar seus achados). Mas ainda existe (graças a Deus!) uma coisa que eles não podem fazer: eles não podem gerar pensamentos novos; só podem "pensar" aquilo para o qual foram programados. Os seres humanos, contudo, são pensadores originais. E mais do que isso. Nós podemos fazer aquilo que nós (autor e leitor) estamos fazendo neste exato momento: podemos nos colocar fora de nós mesmos e olhar para o nosso interior, avaliar-nos, indagar-nos quem e o que somos. Somos autoconscientes e temos autocrítica. Além disso, vivemos inquirindo, incansavelmente, acerca do universo. Está certo que, como disse a outro um certo cientista, "astronomicamente falando, o homem é infinitamente pequeno". "É verdade", respondeu seu colega; "só que, astronomicamente falando, o homem é que é o astrônomo."

A seguir vem a *nossa capacidade de fazer opções morais.* O ser humano é um ser moral. Embora nossa consciência reflita nossa formação e cultura (sendo, portanto, falível), ela no entanto permanece alerta dentro de nós, como uma sentinela, advertindo-nos de que há uma diferença entre o certo e o errado. Ela é mais do que uma voz interior. Representa uma ordem moral fora e acima de nós, diante da qual nós sentimos uma obrigação,

[47] Gn 1.26, 28; Sl 8.5-8
[48] Gn 2.7; 7.22
[49] Gn 1.22, 28
[50] Sl 73.22; 32.9
[51] Is 1.3
[52] Jr 8.7
[53] Pv 6.6-8
[54] Gn 2.8, 15

de tal forma que temos um estranho impulso para fazer o que percebemos ser direito, bem como sentimentos de culpa quando fazemos o que é errado. Todo o nosso vocabulário moral (ordens e proibições, valores e opções, obrigação, consciência, liberdade e vontade, certo e errado, culpa e vergonha) não tem o menor sentido para os animais. É verdade que podemos treinar um cachorro para que ele saiba o que pode fazer e o que é proibido. E aí, quando ele desobedece e, instintivamente, se afasta de nós, todo encolhidinho, pode-se até dizer que ele parece "sentir-se culpado". Mas ele não tem a mínima noção de culpa — a única coisa que sabe é que vai apanhar.

Em terceiro lugar, vem o *nosso poder de criatividade artística.* Deus não só nos chama para uma mordomia responsável em relação ao meio ambiente, e a uma parceria com ele mesmo no que tange ao domínio e exploração da natureza para o bem comum; ele nos deu também, através da ciência e da arte, habilidades inovadoras para fazê-lo. Somos "criaturas criativas". Isto é, como criaturas, nós dependemos do nosso Criador. Porém, tendo sido criados à semelhança do nosso Criador, ele nos deu o desejo e a capacidade de sermos também criadores. Portanto, nós dançamos, escrevemos poemas e fazemos música. Podemos apreciar o que agrada aos olhos, ao ouvido e ao nosso toque.

Depois vem *a nossa capacidade para relacionamentos de amor.* Deus disse: "Façamos o homem à nossa imagem ... Criou Deus, pois, o homem à sua imagem ... macho e fêmea os criou."

Embora devamos cuidar para não deduzir deste texto mais do que realmente ele diz, certamente é legítimo dizer que a pluralidade intrínseca do Criador ("Façamos o homem") foi expressa na pluralidade das suas criaturas ("macho e fêmea os criou"). Ela tornou-se ainda mais clara quando Jesus orou por seu próprio povo, "a fim de que todos sejam um, como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti".[55] E esta unidade de amor é uma peculiaridade do ser humano. E claro que todos os animais se acasalam, muitos deles estabelecem fortes laços entre o casal, a maioria cuida dos seus filhotes e alguns deles são gregários. Mas o amor que une entre si os seres humanos é mais do que um instinto, mais do que um distúrbio das glândulas endócrinas. Ele tem inspirado a maior das artes, o maior dos heroísmos, a mais profunda das devoções. O próprio Deus é amor, e nossas experiências de amor são um reflexo essencial da nossa semelhança com ele.

Em quinto lugar, temos a *nossa insaciável sede de Deus.* Todo ser humano tem consciência de uma realidade pessoal suprema, a quem nós procuramos, e que sabemos que somente na relação com ele é que podemos nos realizar como seres humanos. Mesmo quando estamos fugindo de Deus, sabemos instintivamente que não existe para nós outro lugar de repouso, nem outro lar. Sem ele nós estamos perdidos, a vida não passa de refugo. Nossa maior nobreza reside na nossa capacidade criada de conhecer a Deus, de nos relacionarmos pessoalmente com ele, amá-lo e adorá-lo. Na verdade, nós só somos plena e verdadeiramente humanos quando dobramos os nossos joelhos diante do nosso Criador.

E nestas coisas, pois, que jaz a nossa *humanidade* distintiva: em nossas capacidades dadas por Deus para pensar, escolher, criar, amar e adorar. "No animal", pelo contrário, escreveu Emil Brunner, "não vemos o menor indício de tendência de buscar a verdade por amor à verdade, de moldar a beleza por amor à beleza, de promover a justiça por amor à justiça, de reverenciar o Santo por amor da sua santidade... O animal nada conhece 'acima' de sua esfera imediata de existência, nada pelo qual medir ou testar sua existência... A diferença entre animais e seres humanos abrange toda uma dimensão de existência."[56]

Não é de admirar que Shakespeare tenha feito Hamlet irromper em seu elogio: "Que obra de arte é o homem! Quão nobre em raciocínio! Quão infinito em suas faculdades! Quão semelhante aos anjos na ação! No entendimento, quão semelhante a Deus! Oh, a beleza do mundo! O protótipo dos animais!"[57]

Como eu gostaria de poder parar aqui e que pudéssemos passar o resto de nossas vidas resplandescendo na mais pura auto-estima! Mas eis que existe um outro lado, mais escuro, do nosso ser, do qual mal temos consciência e para o qual o próprio Jesus chamou atenção.

Nossa depravação humana

Eis aqui algumas palavras de Jesus:

Convocando ele de novo a multidão, disse-lhes: Ouvi-me todos e entendei. Nada há fora do homem que, entrando nele, o possa contaminar; mas o que sai do homem é o que o contamina... Porque de dentro, do coração dos homens, é que procedem os maus desígnios, a prostituição, os furtos, os homicídios, os adultérios, a avareza, as malícias, o dolo, a lascívia, a inveja, a blasfêmia, a soberba, a loucura. Ora, todos estes males vêm de dentro e

[55] Jo 17.21

[56] Emil Brunner, *Man in Revolt* (1937; ET Lutterworth, 1939), pp. 419-420

[57] Ato II, Cena 2

contaminam o homem.[58] Jesus não pregou a bondade fundamental da natureza humana. Ele certamente acreditava na verdade veterotestamentária, de que o ser humano, tanto homem como mulher, foi criado à imagem de Deus; mas também acreditava que essa imagem havia sido maculada. Ele pregou o valor dos seres humanos, inclusive dedicando-se a servir a eles. Mas também ensinou que não valemos nada. Ele não negou que somos capazes de dar "coisas boas" aos outros, mas também acrescentou que, mesmo que façamos o bem, nem por isso deixamos de ser "maus".[59] E nos versículos citados acima ele fez importantes declarações sobre a extensão, a natureza, a origem e o efeito do mal nos seres humanos.

Primeiro, ele ensinou sobre *o alcance universal da maldade humana.* Ele não estava descrevendo o segmento criminoso da sociedade, nem algum indivíduo ou grupo particularmente corrupto. Pelo contrário, ele estava conversando com refinados, "justos" e religiosos fariseus, e então generalizou, falando sobre "um homem" e "homens". De fato, geralmente são as pessoas mais honestas que têm a mais profunda consciência de sua própria degradação. Tomemos como exemplo Dag Hammarskjöld, Secretário Geral das Nações Unidas de 1953 a 1961. Ele foi um servidor público profundamente comprometido, a quem W. H. Auden descreveu como sendo "um homem bom, grande e louvável". Mesmo assim, a visão que ele tinha quanto a si mesmo era muito diferente. Em sua coleção de obras autobiográficas, intitulada *Markings,* ele escreveu sobre "essa perversa contraposição do mal em nossa natureza", que nos leva a fazer até do nosso serviço aos outros "o fundamento para a nossa própria auto-estima e preservação da nossa vida",[60]

Em segundo lugar, Jesus ensinou sobre *a natureza egocêntrica da maldade humana.* Em Marcos 7 ele enumerou treze exemplos. O que há de comum entre todos eles é que cada um é uma afirmação do ego, seja contra o nosso próximo (inclusive homicídio, adultério, furto, falso testemunho e cobiça - violações da segunda metade dos Dez Mandamentos), seja contra Deus (sendo que "orgulho e insensatez" são claramente definidos no Antigo Testamento como negação da soberania de Deus e até da sua própria existência). Jesus resumiu os Dez Mandamentos em termos de amor a Deus e amor ao próximo, e todo pecado é uma forma de revolta egoísta contra a autoridade de Deus ou contra o bem-estar do nosso próximo.

Terceiro, Jesus ensinou que *a maldade do homem é de origem interna.* Sua fonte se encontra, não em um ambiente ruim, nem em uma educação falha (se bem que ambos possam exercer uma forte influência sobre jovens impressionáveis), mas, sim, em nosso "coração", nossa natureza herdada e pervertida. Quase se poderia dizer que Jesus nos introduziu ao freudianismo antes mesmo de Freud. Pelo menos aquilo que ele chama de "coração" é, em termos aproximados, equivalente ao que Freud chama de "inconsciente". Isso nos faz lembrar um poço bem profundo. A espessa camada de lama que jaz no fundo geralmente não se vê, e muito menos se suspeita. Mas quando as águas do poço são agitadas pelos ventos da emoção violenta, a imundície mais fétida e nojenta sai borbulhando das profundezas e irrompe na superfície: ódio, raiva, lascívia, crueldade, ciúmes e revolta. Em nossos momentos mais sensíveis nós somos atormentados pela nossa potencialidade para o mal. E de nada adiantam tratamentos superficiais.

Em quarto lugar, Jesus falou do *efeito contaminador da maldade humana.* "Todos estes males vêm de dentro", disse ele, "e contaminam o homem".[61] Para os fariseus, a contaminação era algo muito mais exterior e cerimonial; eles se preocupavam com alimentos limpos, mãos limpas e vasilhas limpas. Mas Jesus insistiu em dizer que a contaminação é algo moral, que vem de dentro. O que nos torna impuros aos olhos de Deus não é o alimento que *entra* em nós (que vai para o nosso estômago), mas o mal que *sai d*e nós (que sai do nosso coração).

Todas as pessoas que já conseguiram ver, ao menos de relance, a santidade de Deus, foram incapazes de suportar essa visão, de tão chocadas que ficaram diante da sua própria e contrastante impureza. Moisés escondeu o rosto, com medo de olhar para Deus. Isaías gritou, horrorizado, chorando sua própria impureza e perdição. Ezequiel ficou ofuscado, quase cego, ao ver a glória de Deus, e caiu de rosto em terra.[62] Quanto a nós, mesmo que nunca tenhamos tido, como esses homens, sequer uma visão momentânea do esplendor do Deus Todo-poderoso, sabemos muito bem que não temos condições de entrar em sua presença, seja agora ou na eternidade.

Ao dizermos isso, nós não estamos esquecendo a nossa dignidade humana, com a qual se começou este capítulo. Devemos, no entanto, fazer jus à avaliação do próprio Jesus sobre a maldade da nossa condição como seres humanos. Ela é universal (em todo ser humano, sem exceção), egocêntrica (uma revolta contra Deus e

[58] Mc 7.14-15, 21-23
[59] Mt 7.11
[60] Dag Hammarskjöld, *Markings,* trad. Leif Sjöberg e W. H. Auden (Faber. 1964) pp. 128-129
[61] Mc 7.23
[62] Êx 3.1-6; Is 6.1-5; Ez 1, especialmente v. 28.

contra o próximo), íntima (brota do nosso coração, de nossa natureza caída) e aviltante (torna-nos impuros e, portanto, indignos diante de Deus). Nós, que fomos criados por Deus e como Deus, somos desqualificados a viver com Deus.

O paradoxo da condição humana

Eis aqui, pois, o paradoxo da nossa condição humana: nossa dignidade e nossa depravação. Nós somos igualmente capazes do mais sublime gesto de nobreza e da mais vil crueldade. Num momento podemos comportar-nos como Deus, a cuja imagem fomos criados, para logo depois agirmos como animais, dos quais deveríamos diferir completamente. Foram os seres humanos que inventaram os hospitais para cuidar dos doentes, universidades onde se cultiva a sabedoria, assembleias e congressos para o governo justo dos povos, e igrejas onde adorar a Deus. Mas foram eles também que inventaram as câmaras de tortura, os campos de concentração e os arsenais nucleares. Estranho e incrível paradoxo! Nobre e ignóbil, racional e irracional, moral e imoral, divino e animal! Como diz C. S. Lewis através de Aslam, o homem "descende de Adão e Eva. É honra suficientemente grande para que o mendigo mais miserável possa andar de cabeça erguida, e também vergonha suficientemente grande para fazer vergar os ombros do maior imperador da Terra".[63] No que se refere ao paradoxo humano, não conheço descrição mais eloquente do que a feita por Richard Holloway na Conferência de Renovação Católica em Loughborough, em abril de 1978:

Este é o meu conflito... Sou cinza e pó, frágil e inconstante, um conjunto de reações comportamentais predeterminadas... crivado de temores, acossado de necessidades... o requinte do pó e ao pó retornarei... *Todavia,* existe em mim algo mais... Posso ser pó, mas sou pó que se inquieta, pó que sonha, pó que tem estranhas premonições de transfiguração, de uma glória por vir, de um destino preparado, de uma herança que um dia há de ser minha... Assim, minha vida se estende numa penosa dialética entre cinzas e glória, entre fraqueza e transfiguração. Eu sou um mistério para mim mesmo, um incômodo enigma... Sou essa estranha dualidade de pó e glória.

Diante do horror de sua própria dicotomia, certas pessoas são suficientemente tolas para imaginar que são capazes de depurar a si mesmas, banindo o mal e liberando o bem que há nelas. A clássica expressão, tanto da nossa ambivalência humana como das nossas esperanças de salvar a nós mesmos, foi expressa por Robert Louis Stevenson em seu famoso conto *O Estranho Caso do Dr. Jekyll e o Sr. Hyde* (1886). Henry Jekyll era um rico e respeitável médico, dado à religião e à filantropia. Mas ele tinha consciência de que sua personalidade tinha um outro lado, mais obscuro, de forma que ele estava "comprometido com uma profunda duplicidade de vida". Ele descobriu que "o homem não é verdadeiramente um, mas verdadeiramente dois". Então começou a sonhar que poderia resolver o problema da sua dualidade se conseguisse "isolar em identidades diferentes" cada um de seus "lados", de maneira que o justo fosse para um lado e o injusto para o outro. Assim, ele inventou uma droga que lhe possibilitava assumir o corpo deformado e a personalidade malvada de Mr. Hyde, seu *alter ego,* através do qual ele dava vasão a suas paixões — ódio, violência, blasfêmia e até homicídio.

No começo Jekyll tinha pleno controle de suas transformações, e se vangloriava de que poderia livrar-se definitivamente de Hyde quando bem entendesse. Pouco a pouco, porém, Hyde foi superando Jekyll, até que este começou a transformar-se involuntariamente em Hyde, e só com muito esforço conseguia voltar a viver como Jekyll. "Aos poucos fui perdendo o controle do meu ego original e melhor, e lentamente fui me incorporando ao meu segundo e pior." Finalmente, um pouco antes de sua revelação e prisão, ele se suicidou.

A verdade é que todo Jekyll tem um Hyde, que ele é incapaz de controlar e que ameaça subjugá-lo. De fato, o constante paradoxo da nossa condição humana derrama muita luz sobre a nossa vida privada, como também sobre a nossa vida pública. Vejamos um exemplo de cada um dos casos.

Comecemos com *redenção pessoal.* Já que o mal está tão profundamente enraizado dentro de nós, é impossível salvar-nos a nós mesmos. Assim, nossa necessidade mais urgente é a redenção, ou, digamos assim, um novo começo na vida que nos ofereça uma purificação da poluição do pecado e também um novo coração, e mesmo uma nova criatura, com novas perspectivas, novas ambições e novas forças. E, já que fomos criados à imagem de Deus, tal redenção é possível. Nenhum ser humano é irredimível. Afinal de contas, Deus, através de Jesus Cristo, veio em busca de nós, e nos procurou diligentemente a ponto de sofrer a agonia da cruz, onde tomou o nosso lugar, carregou o nosso pecado e morreu a nossa morte, a fim de que fôssemos perdoados. Depois ele ressuscitou, subiu aos céus e enviou o Espírito Santo, que é capaz de penetrar em nossa personalidade e transformar-nos a partir do nosso interior. Se existe para a raça humana notícia melhor do que esta, eu pelo menos nunca ouvi.

[63] *C.* S. Lewis, *O Príncipe e a Ilha Mágica* (ABU, 1984), p. 164

O segundo exemplo que eu quero dar quanto ao paradoxo da nossa situação humana tem a ver com *o progresso social.*

O fato de homens e mulheres (até mesmo as pessoas mais corruptas) conservarem vestígios da imagem divina em que foram criados é evidente. Por isso é que, de uma maneira geral, todos os seres humanos preferem a justiça à injustiça, a liberdade à opressão, o amor ao ódio e a paz à violência. Este fato de observação cotidiana gera em nós esperanças de mudança social. A maioria das pessoas alimenta visões de um mundo melhor. O fato complementar, no entanto, é que os seres humanos são "retorcidos de egocentrismo" (como Michael Ramsey costumava definir o pecado original), e isto impõe limites às nossas expectativas. Os seguidores de Jesus são realistas, não utópicos. É possível melhorar a sociedade — e o registro histórico da influência do cristianismo na sociedade tem sido impressionante. Mas a sociedade perfeita, na qual só "habitará a justiça",[64] ainda aguarda a volta de Jesus Cristo.

CAPITULO DOIS
A VERDADEIRA LIBERDADE

Uma das melhores maneiras de compartilhar o evangelho com os homens e as mulheres de hoje é apresentá-lo em termos de liberdade. Existem pelo menos três argumentos que podem ser usados nessa abordagem.

Primeiro, a liberdade é um assunto extremamente atraente. A revolta mundial contra a autoridade, iniciada na década de sessenta, é vista como sinônimo de uma busca mundial por liberdade. Muita gente é obcecada com a liberdade e passa a vida inteira a persegui-la. Para alguns, é uma questão de libertação *nacional,* emancipação de um jugo colonial ou neocolonial. Para outros, trata-se de *direitos civis,* e assim protestam contra discriminação racial, religiosa ou étnica e exigem a proteção de opiniões das minorias. E ainda há outros cuja preocupação é a busca por liberdade *económica,* libertação da fome, da pobreza e do desemprego. Ao mesmo tempo, todos nós nos preocupamos com a nossa liberdade *pessoal.* Até aqueles que lutam mais ardentemente pelos outros tipos de liberdade aqui mencionadas (nacional, civil e económica) geralmente sabem que eles mesmos não são livres. Eles nem sempre conseguem dar um nome às tiranias que os oprimem. Todavia, sentem-se frustrados, não-realizados e sem liberdade.

Numa entrevista com o consagradíssimo novelista John Fowles, publicada sob o título "Uma Espécie de Exílio em Lyme Regis", Daniel Halpern perguntou-lhe: "Existe algum retrato específico do mundo que você gostaria de desenvolver em sua obra? Alguma coisa que continua sendo importante para você?" "Sim", respondeu John Fowles. "Liberdade. Como alcançar a liberdade. Isto me obceca.

Todos os meus livros falam sobre isso."[65]

Segundo, liberdade é uma tremenda palavra cristã. Jesus Cristo é retratado no Novo Testamento como o supremo libertador do mundo. "O Espírito do Senhor está sobre mim", declarou ele, aplicando a si mesmo uma profecia do Antigo Testamento, "pelo que me ungiu para evangelizar nos pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos, e apregoar o ano aceitável do Senhor."[66] Quer Jesus estivesse se referindo aos pobres, cativos, cegos e oprimidos no sentido material ou espiritual, quer nos dois sentidos (esta questão continua se constituindo em veemente debate), as boas novas por ele proclamadas foram certamente de "liberdade" ou "libertação". Mais tarde, em seu ministério público, ele acrescentou a promessa: "Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres".[67] E daí o apóstolo Paulo tornou-se o defensor da liberdade cristã e escreveu: "Para a liberdade foi que Cristo nos libertou. Permanecei, pois, firmes e não vos submetais de novo a jugo de escravidão".[68] Para aqueles que consideram "salvação" um jargão religioso e desprovido de sentido, ou mesmo algo embaraçoso, "liberdade" é um excelente substituto. Ser salvo por Jesus Cristo é ser libertado.

Terceiro, liberdade é uma palavra muito mal interpretada. Mesmo aqueles que falam mais alto e há mais tempo acerca da liberdade nem sempre param antes para definir de que é que estão falando. Um bom exemplo é o do orador marxista que, plantado numa esquina, discursava com eloquência sobre a liberdade que todos haveríamos de desfrutar depois da revolução. "Quando nós conseguirmos a liberdade", exclamava ele, "todos

[64] 2 Pe 3.13
[65] *London Magazine,* março de 1971
[66] Jo 4.18-19, citando Is 61.1-2
[67] Jo 8.36
[68] Gl 5.1

vocês poderão fumar cigarros como aquele ali", disse, apontando para um opulento cidadão que ia passando.

"Eu prefiro meu cigarro de palha", gritou um gozador.

"Quando formos libertados", continuou o marxista, ignorando a interrupção e esquentando mais o assunto, "todos vocês poderão andar num carro daqueles", e apontou para um suntuoso Mercedes que ia passando.

"Eu prefiro minha bicicleta", gritou o perturbador. E assim o diálogo continuou, até que o marxista, não suportando mais as gozações, voltou-se para o homem e disse: "Quando formos livres, você só fará aquilo que lhe mandarem!"

O aspecto negativo: libertação *de*

Mas, então, o que é liberdade? Uma verdadeira definição tem que começar com o lado negativo. Temos que identificar as forças que nos tiranizam e que, portanto, inibem a nossa liberdade. Somente então conseguiremos compreender como é que Cristo pode nos libertar.

Primeiro, Jesus Cristo nos oferece *libertação da culpa.* Nós deveríamos ser gratos pela reação generalizada contra a insistência de Freud de que os sentimentos de culpa são sintomas patológicos de doença mental. Alguns deles com certeza o são, especialmente em certos tipos de enfermidade depressiva; mas nem toda culpa é falsa. Pelo contrário, cresce cada vez mais o número de psicólogos e psicoterapeutas contemporâneos que, mesmo não professando a fé cristã, nos dizem que precisamos levar a sério as nossas responsabilidades. O falecido Dr. Hobart Mowrer, da Universidade de Illinois, por exemplo, entendia a vida humana em termos contratuais e via o "pecado" como uma quebra de contrato que deve receber uma reparação. A Bíblia certamente sempre enfatizou, tanto as nossas obrigações como seres humanos, como a nossa falha ao deixarmos de cumpri-las. Nós, em particular, temos buscado afirmação colocando-nos contra o amor e a autoridade de Deus e contra o bem-estar do nosso próximo. Usando uma linguagem cristã bem direta, nós, além de pecadores, somos também pecadores culpados, e a nossa consciência nos diz isso. Conforme uma das piadas de Mark Twain, "o homem é o único animal que fica envergonhado - ou que precisa fazê-lo".[69]

Agora, ninguém que não tenha sido perdoado é livre. Se cu não tivesse certeza da misericórdia e do perdão de Deus, não conseguiria olhar ninguém nos olhos, e muito menos a Deus (o que é mais importante). Eu iria querer fugir e esconder-me, como fizeram Adão e Eva no Jardim do Éden. Afinal, foi no Éden, e não em Watergate, que inventaram pela primeira vez o estratagema chamado "esconder". Eu com certeza não seria livre. Um pouco antes de morrer, em 1988, em um momento de surpreendente sinceridade na televisão, Marghanita Laski, uma das mais conhecidas humanistas e novelistas seculares, declarou: "O que eu mais invejo em vocês, cristãos, é o perdão que vocês têm. Mu não tenho ninguém para me perdoar."

"Mas", como os cristãos bem que gostariam de gritar de cima dos telhados, fazendo eco ao salmista penitente, "em Deus está o perdão",[70] pois ele, em seu amor por pecadores como nós, veio participar do nosso mundo na pessoa de seu Filho. Tendo vivido uma vida de perfeita retidão, ele, na sua morte, identificou-se com os injustos. Levou o nosso pecado, a nossa culpa, a nossa morte em nosso lugar, a fim de que fôssemos perdoados.

A liberdade, portanto, começa com o perdão. Lembro-me de um estudante de uma universidade no norte da Inglaterra, que havia sido criado no espiritismo mas fora levado por um colega a uma reunião cristã, onde ouviu o evangelho. No fim-de-semana seguinte começou uma intensa batalha pela sua alma, até que (como ele escreveria mais tarde) ele gritou em desespero para que Jesus Cristo o salvasse. Então, continuou ele, "Jesus realmente veio a mim. Eu senti um amor verdadeiro, real - nem dá para descrever. Era pura beleza e serenidade. E apesar do fato de que eu nada sabia acerca de salvação e pecado, e nem mesmo sabia o que significava isso, eu simplesmente *soube* que estava perdoado... Eu estava incrivelmente feliz!"

Segundo, Jesus Cristo nos oferece *libertação do nosso ego.* Certa vez, conversando com uns crentes judeus, Jesus lhes disse: "Se vós permanecerdes nas minhas palavras, sois verdadeiramente meus discípulos. E conhecereis a verdade e a verdade vos libertará."

Na mesma hora eles ficaram indignados. Como é que ele ousava dizer que eles precisavam de algum tipo de libertação? "Somos descendência de Abraão", eles retrucaram, "e jamais fomos escravos de alguém; como dizes tu: Sereis livres?"

Jesus replicou: "Em verdade, em verdade vos digo: Todo o que comete pecado é escravo do pecado."[71]

---

[69] *Following the Equator* (1897), Vol. 1, Cap. 27

[70] *Cf* Sl 130.4

[71] Jo 8.31-34

Portanto, se a culpa é o primeiro tipo de escravidão do qual precisamos ser libertados, o segundo é o pecado. E o que significa isto? Assim como "salvação", "pecado" é uma palavra que pertence ao vocabulário tradicional cristão. "Eu não sou pecador", diz a maioria das pessoas, pois elas parecem associar pecado com crimes específicos e sensacionais, como matar, adulterar ou roubar. Mas "pecado" tem uma conotação muito mais ampla do que isso. Eu mesmo me recordo de quão revelador foi para mim descobrir, especialmente através dos ensinamentos de William Temple, que o que a Bíblia quer dizer com "pecado" é, antes de tudo, egocentrismo. Afinal, os dois grandes mandamentos de Deus são, primeiro, que o amemos com todo o nosso ser; e, segundo, que amemos o nosso próximo como a nós mesmos. Pecado é, portanto, inverter essa ordem. É colocar a nós mesmos em primeiro lugar, virtualmente proclamando nossa própria autonomia, depois o nosso próximo, segundo a nossa conveniência, e depois, então, Deus, em algum lugarzinho lá nos bastidores.

O egocentrismo é um fenômeno presente em toda a experiência humana. Isto se evidencia na rica variedade de palavras da nossa língua que incluem o componente "ego" ou "auto". Quantas delas carregam em si um sentido pejorativo ou negativo? Egoísmo, egolatria, auto-afirmação, auto-acusação, auto-agressão, autopiedade, auto-comiseração, autodestruição, auto-indulgência, autopromoção, autopunição, auto-suficiência...

Além do mais, nosso egocentrismo é de uma tirania terrível. Malcolm Muggeridge costumava falar e escrever a respeito do "calabouçozinho escuro que é o meu próprio eu". E que escuridão tem esse calabouço! Deixar-se absorver nos próprios interesses e ambições egoístas, sem qualquer consideração pela glória de Deus ou pelo bem-estar dos outros, é estar confinado na mais intrincada e insalubre das prisões.

Mas Jesus Cristo, que ressurgiu dentre os mortos e está vivo, pode nos libertar. Nós podemos conhecer "o poder da sua ressurreição".[72] Ou, colocando a mesma verdade em outras palavras, o Jesus que vive pode, através do seu Espírito, impregnar a nossa personalidade e virar-nos do avesso. Não que nós sejamos perfeitos, é claro; só que, pelo poder do seu Espírito que habita em nós, pelo menos já começamos a experimentar uma transformação do eu para o não-eu. Nossa personalidade, antes fechada em si mesma, começa a abrir-se para Cristo, assim como uma flor se abre para o sol nascente.

Em terceiro lugar, Jesus Cristo nos oferece *libertação do medo.* O velho mundo para o qual ele veio vivia atemorizado pelos poderes que, conforme se acreditava, habitavam as estrelas. Ainda hoje a religião tradicional de povos tribais primitivos é assombrada por espíritos malignos que precisam ser aplacados. A vida de homens e mulheres de hoje é igualmente atormentada pelo medo, desde os medos comuns que sempre afligiram os seres humanos — medo da doença, do luto, da velhice e da morte — até o medo do desconhecido, do oculto e da extinção nuclear. A maioria de nós também já sofreu algumas vezes de medos irracionais, e é impressionante ver quanta gente educada alimenta medos supersticiosos. Batem três vezes na madeira, cruzam os dedos, carregam amuletos e recusam-se a sentar na poltrona de número 13 porque dá azar... É por isso que em muitos hotéis nos Estados Unidos não existe o décimo-terceiro andar. Ao subir no elevador, se você observar o painel iluminado, verá que os números pulam de 10, 11, 12 para 14. As pessoas são tão supersticiosas para dormir no andar número 13 que não se dão conta de que aquele continua sendo o décimo-terceiro andar, mesmo que o tenham denominado de décimo-quarto! Já na Inglaterra, de acordo com uma recente pesquisa de opiniões, embora nove décimos da população ainda acredite em algum tipo de Deus, o número de adultos que lêem o seu horóscopo toda semana é o dobro dos que lêem a Bíblia.

Todo medo traz consigo uma dose de paralisia. Ninguém que tenha medo é livre. Além do mais, o medo é como o fungo: cresce mais rapidamente no escuro. É essencial, portanto, trazer à luz os nossos medos e olhar para eles, especialmente à luz da vitória e supremacia de Jesus Cristo. Afinal de contas, aquele que morreu e ressuscitou foi também exaltado à mão direita de Deus Pai, e tudo foi posto "debaixo de seus pés".[73] Portanto, onde estão as coisas que antes temíamos? Elas estão debaixo dos pés de Cristo, o Cristo triunfante! Quando nós as enxergamos ali, então o poder que elas tinham de nos aterrorizar é destruído.

Medo e liberdade são mutuamente incompatíveis. Para mim, isso foi bem ilustrado certa vez por um jovem palestrante africano. Tínhamos andado discutindo sobre a necessidade de os cristãos se interessarem mais pela História Natural como sendo criação de Deus. "Antes de me tornar um cristão", disse ele, "eu tinha medo de muitas coisas — principalmente de cobra. Mas agora acho difícil matar uma cobra, pois gosto de ficar olhando para elas. Graças a Deus, agora sou livre de verdade."

O aspecto positivo: liberdade *para*

Até aqui nós estabelecemos uma relação entre as tiranias que impedem a nossa libertação e os três

[72] Fp 3.10
[73] Ef 1.22

principais eventos da experiência de Jesus Cristo: sua morte, ressurreição e exaltação. Há libertação da culpa porque ele morreu por nós; libertação do ego porque podemos viver na força da sua ressurreição; e libertação do medo porque ele reina, com todas as coisas debaixo de seus pés.

É, no entanto, um equívoco muito sério definir liberdade em termos inteiramente negativos, embora o dicionário cometa este engano. Segundo o dicionário, *liberdade* é "supressão ou ausência de toda a opressão considerada anormal, ilegítima, amoral", enquanto que *livre* é aquele "que pode dispor de sua pessoa; que não está sujeito a algum senhor (por oposição *a servil, escravo).* Que não está privado de sua liberdade física; que não está prisioneiro; solto".[74] Mas tudo que é negativo tem o seu lado positivo. O verdadeiro grito de liberdade clama não somente por resgate de alguma tirania, mas também por liberdade para viver uma vida plena e significativa. Quando um país é libertado de um regime colonialista, torna-se livre para descobrir e desenvolver sua própria identidade nacional. Quando a imprensa é libertada do controle e da censura do governo, torna-se livre para publicar a verdade. E uma minoria racial, quando é libertada da discriminação, fica livre para desfrutar de respeito e dignidade própria. Afinal de contas, quando um país não é livre, o que lhe é negado é o direito de ser nação; quando não há liberdade de imprensa, o que se lhe nega é a verdade; e quando uma minoria não é livre, o que lhe é negado é o respeito próprio.

Qual é, então, a liberdade positiva dos seres humanos? Em 1970 Michael Ramsey pregou na Universidade de Cambridge uma série de quatro sermões, que foram posteriormente publicados sob o título *A Liberdade, a Fé e o Futuro.* No primeiro ele apresentou a questão: "Nós sabemos *de que* queremos libertar os homens. Será que sabemos *para que* queremos libertá-los?" E passou a responder a sua própria pergunta. Nossa luta por aquelas liberdades "que mais sensivelmente agitam nossos sentimentos" (por exemplo, ser libertos da perseguição, da prisão arbitrária, da fome e da pobreza destruidoras) deveria sempre se situar "no contexto da questão mais radical e revolucionária, isto é, que o homem seja liberto do seu ego e para a glória de Deus."[75]

A questão que precisamos perseguir é esta: *para que* é que Cristo nos liberta? Eis aqui o princípio: *a verdadeira liberdade é a liberdade para sermos nós mesmos, tal como Deus nos criou e como ele tencionava que nós fôssemos.* E como se pode aplicar este princípio?

Vamos começar com o próprio Deus. Você já pensou no fato de que Deus é o único ser que goza de perfeita liberdade? Até se poderia argumentar que Deus não é livre. Afinal, o certo é que a liberdade dele não é absoluta, no sentido de poder fazer absolutamente qualquer coisa. A Escritura nos diz que ele não pode mentir, tentar ou ser tentado, nem pode tolerar o mal.[76] Não obstante, a liberdade de Deus é perfeita, no sentido de que ele é livre para fazer absolutamente qualquer coisa que ele queira. A liberdade de Deus é liberdade para ser sempre inteiramente ele mesmo. Deus nada tem de arbitrário, taciturno, inconstante ou imprevisível. Ele é constante, estável, imutável. De fato, a coisa principal que a Escritura nos diz que ele "não pode" fazer (não pode porque nunca o fará) é contradizer-se. "Ele não pode negar-se a si mesmo."[77] Fazê-lo seria, não liberdade, mas autodestruição. A liberdade de Deus reside no fato de ser ele mesmo, assim como ele é.

E o que acontece com Deus, o Criador, também acontece com todas as coisas e seres criados. Liberdade absoluta, liberdade ilimitada, é pura ilusão. Se isso é impossível para Deus (como de fato o é), mais impossível ainda é para a criação de Deus. A liberdade de Deus é liberdade para ser ele mesmo; nossa liberdade é liberdade para sermos nós mesmos. A liberdade de toda criatura é limitada pela natureza que Deus lhe deu.

O peixe, por exemplo. Deus criou os peixes para viverem o se desenvolverem na água. Suas guelras são adaptadas para absorver o oxigênio da água. A água é o único elemento em que o peixe pode ser peixe, encontrar sua identidade de peixe, sua realização, sua liberdade. Uma liberdade que se limita à água, é verdade; dentro dessa limitação, porém, ela é liberdade. Suponhamos que você tenha em casa um peixe tropical. Ele vive, não num desses tanques retangulares arejados e modernos, mas num daqueles velhos aquários redondos e antiquados. E lá está o seu peixinho, nadando de um lado para outro no seu bendito aquário, até que, quando a sua frustração se torna insuportável, ele decide apostar na liberdade e salta para fora do seu confinamento. Se por acaso ele conseguir pular dentro de uma poça no seu jardim, aumentará sua liberdade. Continua sendo água, só que ali tem ainda mais água para ele nadar. Agora, se ele aterrissar no carpete ou no cimento, aí a sua tentativa de escapar acabará dando, não em liberdade, mas em morte.

E os seres humanos? Se os peixes foram feitos para a água,'os seres humanos foram feitos para quê? Eu acho que a nossa resposta é a seguinte: se a água é o elemento em que os peixes se encontram como peixes,

---

[74] Em *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*

[75] Michael Ramsey, *Freedom, Faith and the Future* (SPCK, 1970), p. 12.

[76] Hb6.18,Tg 1.13; Hb 1.13

[77] 2Tm2.13

então o elemento em que os humanos se encontram como humanos é o amor, as relações de amor. Morris West dá-nos um exemplo impressionante disto em seu livro *Filhos do Sol,* que conta a história dos *scugnizzi,* os meninos de rua abandonados de Nápoles, e do amor de Frei Mário Borelli por eles. "Existe em nós (os napolitanos) uma coisa que nunca muda", disse Mário para Morris. *"Nós necessitamos tanto de amor quanto um peixe necessita de água,* ou uma ave de ar."[78] E então explicou que cada um dos *scugnizzi* que ele conhecia "tinha saído de casa porque não havia mais amor para ele".

Mas não são apenas as crianças de rua do mundo que necessitam amar e ser amadas, e que descobrem que vida significa amor. Todos nós somos assim. É no amor que nos encontramos e nos realizamos. Além do mais, não é preciso ir muito longe para buscar a razão para isso. É porque Deus é amor em sua essência, de tal forma que, quando ele nos criou à sua própria imagem, deu-nos a capacidade de amar assim como ele ama. Não é à toa, portanto, que os dois grandes mandamentos de Deus são amá-lo e amar uns aos outros, pois é esse o nosso destino. Uma existência verdadeiramente humana é impossível sem amor. Viver é amar, e sem amor nós murchamos e morremos. Como expressou Robert Southwell, poeta católico romano do século XVI: "Não quando eu respiro, mas sim quando eu amo, aí é que eu vivo." Ele provavelmente estava fazendo eco à observação de Agostinho, de que a alma vive onde ela ama, não onde ela existe.

O verdadeiro amor, no entanto, impõe restrições ao amante, pois o amor é essencialmente autodoador. E isto nos leva a um surpreendente paradoxo cristão. A verdadeira liberdade é a liberdade para ser eu mesmo, assim como Deus me fez e como ele pretendia que eu fosse. E Deus me fez para amar. Mas amar é dar, é autodoação. Portanto, para ser eu mesmo, eu tenho que negar-me a mim mesmo e doar-me. Para ser livre eu tenho que servir. Para viver, eu tenho que morrer para o meu próprio egocentrismo. E, para encontrar-me, tenho que esbanjar-me em dar amor.

A verdadeira liberdade é, pois, exatamente o oposto do que muita gente pensa. Não é ser livre de toda a responsabilidade que tenho para com Deus e os outros, a fim de viver para mim mesmo. Isto é ser escravo do meu próprio egocentrismo. Pelo contrário, a verdadeira liberdade é a libertação do meu tolo e diminuto *ego, a* fim de viver responsavelmente em amor a Deus e aos outros.

Mas a mente secular não consegue captar este paradoxo cristão da liberdade através do amor. Por exemplo, a novelista francesa Françoise Sagan deu uma entrevista pouco antes de completar cinquenta anos, em 1985. Ela disse que estava perfeitamente satisfeita com sua vida e que nada tinha a lamentar.

"Você teve a liberdade que queria?"

"Sim", disse ela, esclarecendo sua declaração: "Naturalmente, eu sempre era menos livre quando estava apaixonada por alguém... Mas não se vive apaixonada o tempo todo. A não ser por esse tempo... Sou livre, sim."

A implicação é clara: o amor inibe a liberdade. Quanto mais se ama, menos livre se é, e vice-versa. Presume-se, portanto, que para ser completamente livre é preciso evitar as complicações do amor, ou seja, o jeito é desistir completamente de amar.[79]

Mas Jesus ensinou exatamente o contrário em um de seus epigramas favoritos, que ele parece ter citado em diferentes formas e contextos. "Quem quiser, pois, salvar a sua vida, perdê-la-á", disse ele; "e quem perder a vida por causa de mim e do evangelho, salvá-la-á."[80] Eu achava que Jesus estivesse se referindo a mártires que dão a vida por ele. E o princípio que ele estava enunciando certamente inclui a estes. Mas a "vida" de que ele está falando, que tanto pode ser salva como perdida, não é a nossa existência física *(zoe),* mas a nossa alma ou ego *(psyche)* usada não poucas vezes em lugar do reflexivo referente à primeira pessoa ("me/mim"). Poderíamos então parafrasear o epigrama de Jesus nos seguintes termos: "Se você insiste em apegar-se a si mesmo e em viver para si mesmo, recusando-se a desligar-se do seu eu, você está perdido. Mas se estiver disposto a doar-se em amor, então, no momento do completo abandono, quando você pensar que tudo está perdido, acontecerá o milagre e você encontrará a si e à sua liberdade." Só o serviço sacrificial, o dar-se a si mesmo em amor a Deus e aos outros, é que é a perfeita liberdade.

A verdadeira liberdade, portanto, combina o negativo (libertação *de)* com o positivo (liberdade *para).* Ou, dito de uma outra forma, ela concilia a libertação da tirania com a liberdade submetida à autoridade. Jesus ilustra isto num dos seus mais conhecidos convites:

Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para as vossas almas.

---

[78] Morris West, *Children of the Sun* (1957; Pan, 1958), pp. 94-95

[79] Esta entrevista apareceu no jornal *Le Monde,* em 23/06/85

[80] Mc 8.35

Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve.[81]

Existem aqui, na verdade, dois convites, ligados a uma única promessa. A promessa é "descanso", que parece abranger a idéia de libertação. "Eu vos aliviarei", diz Jesus (versículo 28). E acrescenta: "Achareis descanso para as vossas almas" (versículo 29). Mas a quem ele promete descanso? Primeiro, àqueles que vêm a ele "cansados e sobrecarregados", pois ele tira os seus fardos e os liberta. Depois, ele dá descanso àqueles que tomam sobre si o seu jugo e aprendem dele. Assim, o verdadeiro descanso se encontra em Jesus Cristo, nosso Salvador, que nos liberta da tirania da culpa, do ego e do medo, e em Jesus Cristo, nosso Senhor, quando nos submetemos a sua autoridade e ensino. Afinal, o seu jugo é suave, o seu fardo é leve e ele mesmo é "manso e humilde de coração".

CAPÍTULO TRÊS
CRISTO E SUA CRUZ

O evangelho é boa nova de libertação. Foi este o tema do último capítulo. Mas isto, por si mesmo, é uma ênfase unilateral, pois o que o evangelho anuncia, de acordo com o Novo Testamento, não é só o que Cristo oferece às pessoas hoje, mas o que ele fez um dia para possibilitar essa oferta. O evangelho dos apóstolos concilia o passado com o presente, o "outrora" com o agora, o evento histórico com a experiência contemporânea. Ele declara não somente que Jesus salva, mas também que, para fazê-lo, ele morreu pelos nossos pecados e ressuscitou da morte. Se se proclamar o poder salvador, omitindo os eventos salvíficos, especialmente a cruz, então o que se pregou não foi o evangelho.

Neste capítulo iremos refletir sobre uma das maiores declarações de Paulo acerca da origem, conteúdo e poder do evangelho, e particularmente acerca da centralidade da cruz de Cristo.

Eu, irmãos, quando fui ter convosco, anunciando-vos o testemunho de Deus, não o fiz com ostentação de linguagem, ou de sabedoria. Porque decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e este crucificado. E foi em fraqueza, temor e grande tremor que eu estive entre vós. A minha palavra e a minha pregação não consistiram em linguagem persuasiva de sabedoria, mas em demonstração do Espírito e de poder, para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria humana; e, sim, no poder de Deus.[82]

Neste texto, essencialmente trinitário, destacam-se três grandes lições acerca da evangelização. Elas têm a ver com a Palavra de Deus, a cruz de Cristo e o poder do Espírito.

A Palavra de Deus

O evangelho é a verdade proveniente de Deus. Segundo Paulo, o que ele proclamou aos coríntios não foi "ostentação de linguagem", ou seja, sabedoria humana ou a sabedoria do mundo,[83] mas a palavra de Deus ou a sabedoria de Deus, que aqui ele chama de "testemunho" *(martyrion)* ou "mistério" *(mysterion)*. As palavras gregas são similares e a evidência do manuscrito entre elas é perfeitamente equilibrada. Além do mais, ambas ocorrem dentro dos dois primeiros capítulos desta carta: *martyrion* pode ter relação com 1.6, enquanto que *mysterion* pode estar relacionada com 2.7. Qualquer que seja a leitura correta, o sentido é o mesmo, isto é, que a mensagem de Paulo veio de Deus. Se a palavra correta é "testemunho", então significa "a verdade confirmada de Deus"; se o certo é "mistério", então é "a verdade secreta de Deus" *(BLH)*. Em todo caso, o evangelho do apóstolo é a verdade de Deus.

É aqui que deve começar toda evangelização de verdade. Nós não inventamos nossa mensagem. Não abordamos as pessoas com nossas próprias especulações humanas. Somos, isto sim, portadores da Palavra de Deus, encarregados do evangelho de Deus, mordomos dos segredos revelados de Deus.

Além disso, o que Paulo transmitia era compatível com sua mensagem. Ele não foi até os coríntios com "ostentação de linguagem" nem com "sabedoria" (versículo 1). Quanto ao conteúdo, ele abriu mão da orgulhosa sabedoria humana, submetendo-se humildemente, ao invés disso, à palavra de Deus acerca de Cristo (versículo 2). Quanto à mensagem, ele abriu mão da orgulhosa retórica humana para basear-se humildemente no poder do Espírito Santo (versículos 3 a 5). Como diz C. H. Hodge em seu comentário, ele não veio "nem como retórico nem como filósofo".[84]

Por favor, não me interpretem mal. Não existe aqui nenhuma tentativa de justificar um evangelho sem

[81] Mt 11.28-30
[82] 1 Co 2.1-5.
[83] 1 Co 1.20-21
[84] C. H. Hodge, *The First Epistle to the Corinthians* (1857; Banner of Truth, 1959), p. 29

conteúdo, nem tampouco um estilo sem forma. O que Paulo está abdicando aqui não é uma substância doutrinária, nem um argumento racional, mas somente a sabedoria e a retórica do mundo. Nós sabemos disso porque Lucas nos conta em Atos 18, como foi o ministério evangelístico do apóstolo em Corinto. Primeiro ele "discorria na sinagoga" todo sábado, "persuadindo tanto judeus como gregos" (versículo 4). Daí ele passou dezoito meses "ensinando entre eles a palavra de Deus" (versículo 11). Por isso ele pôde levar adiante o seu ministério de ensino em Corinto tentando "persuadir" as pessoas.[85] Ele não somente ensinava a verdade às pessoas, mas também convencia-as da verdade.

Portanto, quando convidamos as pessoas a aceitarem a Cristo, não temos nenhum direito de fechar, endurecer ou anular a mente delas. De maneira nenhuma. Deus as criou como seres racionais e espera que usem o seu raciocínio. Para dizer a verdade, elas nunca haverão de crer, a não ser que o Espírito as ilumine. Sem isso, todo argumento será infrutífero. "Mas", escreve Gresham Machen, "só porque o argumento é insuficiente, isto não significa que ele seja desnecessário. O que o Espírito Santo faz no novo nascimento não é tornar cristã uma pessoa, independente das evidências, mas, sim, dissipar a neblina dos seus olhos e capacitá-la a atentar para essas evidências."[86]

Assim, o evangelho é a verdade que vem de Deus e foi confiada a nós. Nossa responsabilidade é apresentá-la da forma mais clara, coerente e convincente possível e, assim como os apóstolos, argumentá-la com a maior persuasão possível. E em todo o tempo, ao fazê-lo, estaremos confiando que o Santo Espírito da verdade haverá de dissipar a ignorância das pessoas, superar seus preconceitos e convencê-las acerca de Cristo.

A cruz de Cristo

Chegamos agora ao versículo 2: "Porque decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e este crucificado." Tem gente que lê isto de forma errada, como se Paulo tivesse escrito "senão Jesus Cristo crucificado"; a conclusão é, então, que o seu único tema era a cruz. Mas o que Paulo escreveu mesmo (e que é coerente com a descrição de Lucas em Atos acerca de sua obra evangelística) foi que ele decidiu nada saber "senão Jesus Cristo" (sua mensagem centralizava-se neste) *"e* (especialmente, embora não exclusivamente) este crucificado". E o que dizer, então, sobre a ressurreição de Cristo? Esta com certeza tinha um lugar de grande importância na pregação dos apóstolos. Mas eles a entendiam e proclamavam, não como um evento isolado e independente, mas em relação com a cruz. Afinal de contas, a ressurreição não foi apenas uma sequela da morte de Jesus; ela foi a reversão da opinião humana a respeito dele e a vindicação pública do propósito divino na sua morte.

Agora dá para ver que Paulo, antes de chegar a Corinto, tomou a decisão de concentrar sua pregação em Cristo, e especialmente na cruz. Eu "decidi" (ERAB), escreveu ele, "me propus" (ERC), "resolvi" (BLH) fazê-lo. É esta decisão que precisamos analisar: por que ele precisou tomá-la?

A interpretação popular da situação é bem conhecida. Paulo chegou a Corinto vindo de Atenas. Seu sermão para os filósofos atenienses (diz a teoria) tinha sido um fiasco. Além de ter sido muito intelectual, Paulo não havia pregado o evangelho. Em vez de concentrar-se na cruz, tinha enfocado a criação. O resultado é que não houve nenhuma conversão. Assim, em seu caminho para Corinto, Paulo arrependeu-se do evangelho distorcido que havia pregado em Atenas e resolveu que, em Corinto, limitaria sua mensagem à cruz.

Eu confesso que a primeira vez que ouvi essa teoria, há muitos anos, ela me desceu goela abaixo com isca, anzol e tudo. Mas depois eu tive que rejeitá-la, pois vi que ela não resiste a uma análise mais profunda. Primeiro, porque a missão de Paulo em Atenas não foi um fracasso. Pelo contrário, "houve alguns homens que se agregaram a ele, e creram; entre eles estavam Dionísio, o areopagita, uma mulher chamada Dámaris e com eles outros mais".[87]Segundo, Lucas, em sua narrativa de Atos, não dá qualquer indício de que ele acha que o sermão de Paulo foi um equívoco; pelo contrário, ele o registra como um modelo da pregação dos apóstolos para os intelectuais gentios. Terceiro, é quase certo que Paulo pregou, sim, a cruz em Atenas, já que ele proclamou "Jesus e a ressurreição",[88] e não se pode pregar a ressurreição sem a morte que a precedeu. A verdade é que, por causa do seu público, composto de gentios, Paulo aproveitou a situação e começou com a idolatria e a criação, ao invés da Escritura veterotestamentária. Mas ele não parou ali. O sermão que Lucas registra deve ter durado apenas uns dois minutos; portanto, Paulo deve ter elaborado consideravelmente esse esboço. Quarto, Paulo não

[85] 2 Co 5.11; *cf.* At 18.13
[86] J. Gresham Machen, *The Christicm Failli in the Modem World* (1936; Eerdmans, 1947), p. 63
[87] At 17.34
[88] At 17.18

mudou realmente sua tática em Corinto. Assim como em Atenas, também em Corinto Lucas o descreve ainda argumentando, ensinando e persuadindo.[89] Mas, então, qual foi a decisão de Paulo? Por trás de toda resolução existe alguma indecisão anterior, uma situação em que varias opiniões se apresentam e nós somos obrigados a escolher, optar por uma delas em detrimento das outras. É evidente, pois, que por detrás da decisão de Paulo de pregar somente a Cristo, e especialmente a cruz, jazia uma alternativa, ou mesmo uma tentação, ou de pregar a Cristo sem a cruz, ou de deixar definitivamente de anunciar a Cristo, pregando, ao invés disso, a sabedoria do mundo. Mas, então, por que isto teria sido uma tentação para Paulo enquanto ele viajava de Atenas para Corinto? Com toda certeza não foi por causa do seu suposto fracasso em Atenas, mas, sim, pelo temor da recepção que o aguardava em Corinto. Mas quem eram esses coríntios, para que Paulo estivesse tão intimidado e tão apreensivo ao abordá-los ("em fraqueza, temor e grande tremor", v. 3), e em relação aos quais ele deve ter achado necessário tomar uma firme resolução?

Ao indagarmos e respondermos estas questões, iremos desvendar também as principais objeções que se fazem hoje à mensagem de Cristo e sua cruz. Ou melhor, veremos por que *nós* mesmos precisamos tomar essa decisão hoje.

(a) *A objeção intelectual,* ou a loucura da cruz. Paulo já havia se deparado com desprezo intelectual em Atenas. Os filósofos o haviam insultado, chamando-o de *spermologos,* ou "apanhador de grãos". Esta palavra era aplicada literalmente a aves de rapina, e, por extensão, aos vagabundos que se alimentavam de restos de comida encontrados nas sarjetas. Metaforicamente, referia-se a mestres que se alimentavam apenas de idéias copiadas dos outros. Os atenienses veneravam a originalidade[90] e desprezavam tudo que fosse retrógrado e obsoleto.

Os filósofos escarneceram quando foi mencionada a ressurreição.[91] Eles "zombaram dele" (BLH). Eu acho que isto significa que eles caíram na gargalhada. Como é que eles reagiram quando Paulo pregou sobre a cruz, isso Lucas não diz. Mas Paulo viu que ela era "escândalo para os judeus, loucura para os gentios".[92] Para o judeu incrédulo era inconcebível que o Messias devesse morrer "em madeiro", ou seja, sob a maldição de Deus.[93] Para o gentio incrédulo era ridículo imaginar que um deus, um dos imortais, morresse. Celso, o cínico do século II d.C, criticou os cristãos com o maior sarcasmo por causa disso. Conforme Orígenes, ele achava que "ao adorarmos aquele que [como *ele* diz] foi feito prisioneiro e levado à morte, nós estamos agindo como" os outros, que na verdade adoravam os mortos.[94]

Corinto não havia escapado à arrogância intelectual de Atenas. Estas cidades distavam apenas cinquenta milhas uma da outra. A primeira Epístola de Paulo aos Coríntios evidencia muito claramente que o orgulho intelectual era um dos principais pecados da igreja em Corinto. Foi este o contexto em que Paulo tomou sua decisão de abrir mão da sabedoria do mundo em favor da "loucura da cruz". O que o aguardava era zombaria e escárnio. Mas ele sabia que "a loucura de Deus é mais sábia do que a sabedoria dos homens".[95] Ainda hoje a mensagem da cruz é profundamente desprezada. A doutrina bíblica evangélica da expiação de Jesus (que diz ter Cristo padecido em nosso lugar, como nosso substituto, a morte que merecíamos morrer) é rejeitada e até ridicularizada. É considerada "primitiva", "retórica", "injusta", "imoral" e "bárbara". A. J. Ayer chamou as doutrinas relacionadas ao pecado e à expiação de "intelectualmente desprezíveis e moralmente ultrajantes".[96] E um teólogo liberal contemporâneo descreveu aspectos da minha própria apresentação em *A Cruz de Cristo* como sendo "indefensáveis", "ininteligíveis", "não só inexplicáveis mas também incompreensíveis" e, portanto, "incomunicáveis". Como é que devemos responder a essa bateria de epítetos negativos? Não negamos que certas formulações evangélicas têm sido desequilibradas e não-bíblicas. Sempre que relegamos Jesus Cristo ao papel de uma terceira pessoa, que interveio para nos resgatar de um Deus irado, fazemos dele uma caricatura ridícula e sujeita a condenação, já que Deus é quem amou o mundo e foi Deus quem tomou a iniciativa de enviar seu Filho para morrer por nós. Só que a iniciativa que ele tomou levou Cristo a ser "feito pecado" e "feito maldição" por nós,[97] e tal linguagem geralmente produz uma hostilidade extremamente emocional. Daí a tentação de retocar o evangelho do Cristo crucificado, de eliminar seus aspectos que causam mais objeções e de tentar adaptá-lo ao

[89] Para uma refutação mais completa a esta interpretação popular, ver meu livro *A Mensagem de Atos* (ABU, 1994), pp. 324-326

[90] At 17.18, 21

[91] At 17.32

[92] 1 Co 1.23

[93] Gl 3.13

[94] Orígenes, *Against Celsus,* III. 34

[95] 1 Co 1.25

[96] The *Guardian Weekly,* 30/08/79

[97] 2 Co 5.21; Gl 3.13

gosto dos sensíveis paladares modernos. Não é de admirar que o apóstolo pareça quase violento ao expressar sua decisão de "saber somente a Jesus Cristo", e especialmente a sua cruz. Ele teve de optar entre fidelidade e popularidade.

(b) *A objeção religiosa,* ou a exclusividade do evangelho.

Se Paulo achou Atenas "cheia de ídolos"[98] é pouco provável que ele tenha achado os coríntios menos idólatras. Sabe-se que a cidade de Corinto tinha pelo menos duas dúzias de templos, cada um dedicado a uma divindade diferente. Ainda hoje existem remanescentes do antigo templo de Apolo, sete pilares maciços erguidos entre as ruínas de Corinto. E, por detrás da cidade, uns 2000 pés acima, ergue-se a rochosa Acrocorinto, onde existiu um dia o templo de Afrodite. Portanto, os coríntios, tal como os atenienses, eram "acentuadamente religiosos".[99] Eles adoravam muitos deuses, que toleravam uns aos outros em amigável coexistência.

Os coríntios não teriam criado tanta objeção caso os evangelistas cristãos se tivessem contentado em acrescentar Jesus ao seu já tão rico panteão. Só que o apóstolo Paulo, ao visitar a cidade, tinha em vista um objetivo muito diferente. Ele queria que Corinto, com todos os seus habitantes e todos os seus deuses, se curvasse e adorasse Jesus. Ele chegou ali com a firme intenção de nada saber "senão Jesus Cristo, e este crucificado". Ele sabia muito bem, como lhes escreveu mais tarde, que havia "muitos 'deuses' e muitos 'senhores'" que disputavam a lealdade dos coríntios. Mas, para ele, havia "um só Deus, o Pai, de quem são todas as coisas, e para quem existimos; e um só Senhor, Jesus Cristo, pelo qual são todas as coisas, e nós também por ele";[100] portanto, não estava disposto a se comprometer. Na opinião dele, a sua visita teria estabelecido um compromisso de casamento entre eles e Cristo; portanto, sentia por eles um zelo santo. "Eu vos tenho preparado para vos apresentar como virgem pura a um só esposo, que é Cristo", escreveu ele. "Mas receio que, assim como a serpente enganou a Eva com a sua astúcia, assim também sejam corrompidas as vossas mentes, e se apartem da simplicidade e pureza devidas a Cristo."[101] Afinal de contas, Jesus Cristo não iria dividir sua glória com Apolo ou Afrodite, ou qualquer outro que fosse.

A situação religiosa do mundo não mudou muito desde aqueles dias. E verdade que os velhos deuses da Grécia e de Roma já foram desacreditados e descartados há muito tempo. Mas em lugar deles surgiram novos deuses, assim como ressurgiram outras crenças antigas. Um dos resultados dos meios modernos de comunicação e da facilidade de viajar é que muitos países vêm se tornando cada vez mais pluralistas. O que as pessoas querem é um sincretismo fácil, uma trégua para a competição interreligiosa, uma mistura do que há de melhor em todas as religiões. Mas nós, cristãos, não podemos abrir mão, nem da supremacia, nem da unicidade de Jesus Cristo. Simplesmente não existe ninguém que seja igual a ele; sua encarnação, sua redenção e ressurreição não têm paralelos. Portanto, ele é o Mediador — aliás, o único — entre Deus e a raça humana.[102] Esta afirmação da exclusividade de Jesus tem produzido ressentimentos amargos e profundos. Muitos a consideram "intoleravelmente intolerante". Mas, por amor à verdade, nós temos que mantê-la, por mais ofensa que possa causar. Este tópico eu volto a considerar no capítulo 18.

(c) *A objeção pessoal,* ou a humilhação do orgulho humano. Todas as religiões, com exceção do cristianismo, têm em comum a arrogante idéia (expressa de diferentes maneiras) de que nós somos capazes, se não de conquistar a nossa salvação, pelo menos de contribuir substancialmente para ela. Essa doutrina da salvação própria engorda muitíssimo a nossa auto-estima. Ela agrada ao nosso orgulhoso ego e salva-nos do supremo embaraço de sermos humilhados diante da cruz.

Os coríntios não eram uma exceção; eles eram um povo orgulhoso. Tinham orgulho de sua cidade, a qual, após ter sido destruída um século antes em uma rebelião, fora caprichosamente reconstruída por Júlio César em 46 a.C. Orgulhavam-se do fato de que Augusto havia elevado Corinto acima de Atenas, tornando-a a capital da nova província da Acaia. Tinham orgulho do seu comércio, da sua afluência, da sua cultura, dos seus, jogos típicos e do seu zelo religioso.

Aí apareceu aquele missionário cristão afobado, um joão-ninguém metido a importante, um camaradinha feio e careca, de pernas tortas e sobrancelhas cerradas, que parecia não ter o mínimo respeito pela distinta cidade deles. E tinha a petulância de dizer a eles que nem sua sabedoria, nem sua opulência, nem sua religião poderiam salvá-los; que na verdade eles nem podiam fazer coisa alguma para salvar -se do juízo de Deus, e nem sequer ajudar a conquistar a sua própria salvação; que por isso é que Jesus Cristo havia morrido por eles; e que, sem ele,

[98] At 17.16
[99] At 17.22
[100] 1 Co 8.5-6
[101] 2 Co 11.2-3
[102] 1 Tm 2.5

todos eles iriam perecer. Quem ele achava que era para insultá-los desse jeito?! Era humilhação demais para um povo tão orgulhoso! A mensagem da cruz era uma pedra de tropeço, tanto para orgulhosos judeus quanto para gentios orgulhosos. Não é de admirar que a principal resposta ao evangelho em Corinto tenha vindo dos mais baixos escalões da sociedade: "Irmãos, reparai na vossa vocação... não foram chamados muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos de nobre nascimento." Pelo contrário, foram os loucos, os fracos, os humildes e os desprezados, que sabiam que nada tinham a oferecer, que Deus escolheu e chamou.[103]

Ainda hoje não existe uma coisa que leve tanta gente a abdicar do reino de Deus quanto o orgulho. Como disse Emil Brunner, em todas as outras religiões "o homem é poupado da suprema humilhação de saber que o Mediador (no caso, Jesus Cristo) deve sofrer a punição em seu lugar... Elas não o deixam absolutamente despido."[104] O evangelho, porém, nos desnuda (não temos nenhuma roupa com que nos apresentar diante de Deus) e nos declara falidos (não temos dinheiro algum com o qual comprar o favor dos céus).

(d) *A objeção moral,* ou o chamado ao arrependimento e à santidade. Corinto era um próspero centro comercial, que comandava as rotas de negócios, tanto no sentido norte-sul por via terrestre como leste-oeste através do mar.

A cidade, portanto, vivia cheia de mercadores, viajantes e navegadores. Já que eram estrangeiros numa cidade estranha, eles pouco se preocupavam com restrições morais. Alem disso, Afrodite, conhecida pelos romanos como Vênus, a deusa do amor, reinava em seu templo acima da cidade, encorajava a promiscuidade sexual entre os seus devotos e proporcionava milhares de prostitutas que vagavam à noite pelas ruas da cidade. Era uma verdadeira "feira da vaidade" do mundo antigo. O verbo grego *korinthiazomai* significava "praticar a imoralidade".

De uma cidade descaradamente imoral como Corinto não era mesmo de se esperar que acolhesse o evangelho, com seus apelos ao arrependimento, suas advertências de que os sexualmente corruptos não herdarão o reino de Deus[105] e com sua insistência no fato de que após a justificação vem a santificação (crescer em santidade) e depois da santificação vem a glorificação (quando o mal será abolido).

O mundo moderno não é em nada mais receptivo do que o mundo antigo no que concerne ao chamado do evangelho para o domínio próprio. Ele gosta de dizer que esse negócio de absolutos morais já não existe mais, que moralidade sexual é apenas uma questão de costumes sexuais, que a abstinência é uma coisa ruim e a permissividade uma coisa boa, e que o cristianismo, com suas proibições, é inimigo da liberdade.

(e) *A objeção política,* ou o senhorio de Jesus Cristo. Havia no Império Romano uma boa dose de fervor político (para não dizer fanatismo). Leais procuradores romanos tendiam a incentivá-lo e agiam com toda crueldade para acalmar qualquer tentativa de rebelião. Convém lembrarmos que o próprio Jesus foi condenado numa corte romana pela ofensa política da sedição, por declarar ser um rei, em rivalidade a César. Paulo e Silas, de igual forma, foram acusados em Filipos de estarem "propagando costumes que não podemos receber nem praticar porque somos romanos",[106] enquanto que em Tessalônica disseram que eles estavam "procedendo contra os decretos de César, afirmando ser Jesus outro rei".[107]

Eram falsas ou verdadeiras essas acusações? Eram falsas e eram verdadeiras. Naturalmente, nem Jesus nem os apóstolos jamais instigaram rebelião armada contra Roma. Eles não eram zelotas. Mas eles proclamaram, sim, que Jesus havia anunciado ter chegado o reino de Deus, que seu reino tinha prioridade sobre todas as outras lealdades, menos importantes, que esse reino se espalharia pelo mundo todo e que o rei iria voltar para assumir o poder e o reino. Tinha todo o jeito de sedição. Na verdade, *era* sedição, se é que sedição significa negar ao estado autoridade incontestável, dando-a ao Cristo de Deus.

Ainda hoje, se há uma coisa que um regime totalitário não consegue suportar é que lhe neguem a lealdade absoluta que ele exige. Os cristãos submetem-se conscientemente ao estado, desde que a autoridade que lhe é dada por Deus seja usada para promover o bem e punir o mal; nunca, porém, iremos adorar o estado. E a Cristo que nós adoramos, a Cristo, a quem foi dada toda a autoridade no céu e na terra, pois ele morreu e ressuscitou a fim de ser o Senhor de tudo.

Eis aqui, pois, cinco objeções que se costumam fazer ao evangelho de Cristo e sua cruz, e que Paulo esperava encontrar em Corinto. Ele sabia que sua mensagem do Cristo crucificado seria considerada intelectualmente loucura (incompatível com a sabedoria), religiosamente exclusiva (incompatível com a

[103] 1 Co 1.26-29
[104] Emil Brunner, *The Mediator* (1927; Westminster, 1947), p. 474
[105] ICo 6.9-10
[106] At 16.21
[107] At 17.7

tolerância), pessoalmente humilhante (incompatível com a auto-estima), moralmente exigente (incompatível com a liberdade) e politicamente subversiva (incompatível com o patriotismo).

Não é de admirar que Paulo se sentisse "fraco e tremendo de medo"[108] e admitisse que precisava tomar uma decisão. Foi, por um lado, uma decisão negativa, de abrir mão da sabedoria do mundo, ou seja, de todo sistema que se oferece como uma alternativa para o evangelho; e, por outro lado, foi uma decisão positiva, de só proclamar Jesus Cristo e especialmente sua cruz. Hoje nós nos deparamos com a mesma alternativa. Temos que escolher entre a sabedoria do inundo, que é loucura para Deus, e a loucura da cruz, que é a sabedoria de Deus.

O poder do Espírito

Certos cristãos contemporâneos, se ouvissem Paulo confessar que sentia fraqueza, temor e tremor, com certeza iriam repreendê-lo. "Paulo", diriam eles, "você não tem nada que ficar nervoso ou com medo. Anime-se! Você não sabe o que é ser cheio do Espírito Santo? Você tem que ser forte, ousado e corajoso!"

Mas Paulo não temia admitir que estava com medo. Para dizer a verdade, ele tinha um poderoso intelecto e uma forte personalidade, e esses poderes ele havia dedicado a Cristo. Mas ele era também fisicamente fraco e emocionalmente vulnerável. Segundo a tradição, sua aparência não era nada atraente. Conforme os seus críticos, suas cartas eram "graves e fortes; mas a presença pessoal dele era fraca, e a palavra desprezível".[109] Portanto, ele nada tinha que chamasse atenção, fosse para vê-lo, fosse para escutá-lo. Além disso, algum tipo de enfermidade (o seu chamado "espinho na carne"[110]) parece ter afetado sua visão, ou mesmo desfigurado-o.[111] E ele sabia da impopularidade do seu evangelho, da oposição que se levantaria em Corinto e, portanto, do custo de ser fiel a ele.

Mas, então, em que ele depositou a sua confiança? Ele nos dá a resposta em 1 Coríntios 2.4-5. Sua confiança não estava em "linguagem persuasiva de sabedoria" (ERAB) ou em "linguagem de sabedoria humana" (BLH). Isto é, ele não se baseava, nem na sabedoria nem na eloquência do mundo. Ao invés da sabedoria do mundo ele pregava a Cristo e sua cruz (v. 1-2), e em vez da retórica do mundo ele confiava na poderosa demonstração que o Espírito Santo dá à palavra. Afinal, somente o Espírito Santo pode convencer as pessoas dos seus pecados e necessidades, abrir-lhes os olhos para enxergarem a verdade do Cristo crucificado, dobrar sua orgulhosa vontade e submetê-las a ele, libertá-las a fim de crerem nele, e dar-lhes um novo nascimento. Esta é a poderosa "demonstração" que o Espírito Santo dá a palavras ditas em fraqueza humana.

Esta questão do "poder através da fraqueza" é um elemento vital na correspondência corintiana de Paulo. Em ambas as cartas existentes o apóstolo enfatiza que é através da fraqueza humana que melhor opera o poder divino. Ele insinua que Deus, deliberadamente, torna fraco o seu povo e o mantém assim, a fim de mostrar que o poder é dele.[112] Paulo chega até a dizer que este princípio se aplica tanto a Deus quanto a nós, pois é através da sua própria fraqueza na cruz que ele manifesta o seu poder de salvar.

Em 1 Coríntios 1 e 2 o mesmo tema do poder através da fraqueza se repete em três variações. Primeiro, nossa mensagem é fraca e louca (Cristo e a cruz). Segundo, ela é proclamada por pregadores fracos e loucos. Terceiro, ela é acolhida por pessoas fracas e loucas. Assim, Deus escolheu um instrumento fraco (Paulo) para levar uma mensagem fraca (a cruz) a pessoas fracas (os operários de Corinto). Por quê? "A fim de que ninguém se vanglorie na presença de Deus" e para que "aquele que se gloria, glorie-se no Senhor".[113]

Os cinco primeiros versículos de 1 Coríntios 2 são talvez a mais nobre e mais preciosa declaração feita no Novo Testamento sobre a evangelização. Eles nos dizem que o evangelho é a verdade proveniente de Deus acerca de Cristo e sua cruz no poder do Espírito. Assim, o evangelho não é especulação humana, mas, sim, revelação divina; não é sabedoria popular, mas Cristo e sua desprezada cruz; não é imposto através de propagandas ou personalidades, mas é transmitido pelo Espírito Santo. O evangelho vem de Deus, concentra-se em Cristo, e este crucificado, e é autenticado pelo Espírito Santo. É este é o evangelho trinitário do Novo Testamento.

---

[108] 1 Co 2.3 (BLH)
[109] *2* Co 10.10
[110] 2 Co 12.7
[111] Por exemplo, em Gl 4.13-14
[112] Ver *hina* ("a fim de que") em 2 Co 4.7 e 12.9-10
[113] 1 Co 1.29-31

CAPITULO QUATRO
A RELEVÂNCIA DA RESSURREIÇÃO

A mais fantástica de todas as afirmações cristãs é que Jesus Cristo ressuscitou dos mortos. Ela desafia o limite de nossa credulidade. Os seres humanos têm tentado, com a maior criatividade, desafiar como também negar a morte. Mas só Cristo declarou tê-la dominado: ele a derrotou ao vivê-la ele mesmo, destituindo-a do seu poder sobre outros. "Eu sou a ressurreição e a vida", declarou Jesus. "Quem crê em mim, ainda que morra, viverá; e todo o que vive e crê em mim, não morrerá, eternamente."[114] E mais adiante: "Eu sou... aquele que vive; estive morto, mas eis que estou vivo pelos séculos dos séculos, e tenho as chaves (isto é, tenho autoridade sobre) da morte e do inferno."[115]

Além do mais, os primeiros cristãos já gozavam dessa confiança. Prova disso foi a coragem e disposição - e com júbilo, até - para morrer por Cristo, como também a pregação dos apóstolos nos tempos da igreja primitiva. Logo depois do Pentecoste, conta-nos Lucas, as autoridades judaicas em Jerusalém estavam "ressentidas por ensinarem eles o povo e anunciarem em Jesus a ressurreição dentre os mortos".[116] A essência dos seus sermões segue o mesmo padrão: "...vós o matastes... Deus o ressuscitou... nós somos testemunhas".[117] E Paulo não se desviou disto,[118] de forma que os filósofos de Atenas, ao ouvi-lo em praça pública, concluíram que ele estaria defendendo duas divindades estrangeiras, pois o ouviam referir-se repetidas vezes a I*esous* e a *Anastasis* (ressurreição).[119] E, posteriormente, ao transmitir aos coríntios um esboço do evangelho original que ele mesmo havia recebido, ele se concentrou "antes de tudo" na morte, sepultamento, ressurreição e aparições de Jesus.[120] Estes primeiros seguidores de Jesus pareciam ter, ao mesmo tempo, clareza e confiança quanto à sua ressurreição.

A declaração de que Jesus ressuscitou (ou foi ressuscitado) dos mortos gera três grandes questionamentos. Primeiro, o que significa a ressurreição (uma questão de semântica)? Segundo, ela aconteceu de fato (uma questão de história)? Terceiro, ela tem importância (uma questão de relevância)?

O que significa a ressurreição?

A questão semântica foi imposta ao raciocínio público na Inglaterra na década de 80, através de certas provocações feitas por David Jenkins, da Igreja Anglicana. Suas declarações foram interpretadas, pelo menos na imprensa popular, como uma negação deveras chocante da ressurreição de Jesus Cristo.

Mas precisamos ser justos com o Dr. Jenkins. Ele mesmo se descreve como um bispo "crente" e não um bispo "duvidoso". Insiste em dizer que respondeu "sem hesitação", "afirmativamente" e "em plena boa fé" às questões que lhe foram impostas ao ser consagrado. É verdade que, em seu livro anterior, ele afirmou claramente as doutrinas da pessoa divina-humana de Jesus e da Trindade. Assim, em suas conferências intituladas *A Glória do Homem,* proferidas em Bampton, em 1966, ele escreveu: "Deus e o homem são realidades distintas, as quais, em e como Jesus Cristo, estão em perfeita união".[121] E na Universidade de Birmingham, em suas "Conferências Edward Cadbury", que ele intitulou A *Contradição do Cristianismo* e nas quais explorou o que significa ser humano, ele se referiu à Trindade como sendo "a interpretação legítima e necessária da história experimentada e percebida de Deus, Jesus e o Espírito".[122]

Dr. Jenkins declara também que crê na ressurreição de Jesus Cristo. No início de novembro de 1984, ele declarou o seguinte: "Eu creio na ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos... Qualquer um que diga que eu não creio na ressurreição... é um mentiroso. Isto eu posso afirmar ardente e categoricamente." Contudo, não é pelo simples uso de uma linguagem vigorosa e mesmo exagerada que ele vai conseguir convencer as pessoas. Pois ainda nos resta a questão semântica: o que significa a ressurreição? Em que sentido ele acredita na ressurreição?

Durante a cerimônia religiosa em que foi consagrado bispo, na catedral de York, perguntaram-lhe: "Você aceita a doutrina da fé trinitária *tal como a recebeu a Igreja da Inglaterra?* Estas últimas oito palavras

---

[114] Jo 11.25-26
[115] Ap 1.17-18
[116] At 4.2
[117] At 2.23-24, 32; 3.13-15; 5.30-32
[118] At 13.28-31
[119] At 17.18
[120] 1 Co 15.3-8
[121] (SCM, nova edição, 1971), p. 99
[122] (SCM, 1976), p. 154

representam um importante pré-requisito. Elas implicam uma distinção entre duas maneiras possíveis de se "aceitar" a doutrina cristã. Uma delas poderia ser chamada de "tradicional", isto é, a aceitação da doutrina da mesma maneira como a própria Igreja Anglicana a tem recebido e entendido a partir das Escrituras e dos Credos. A outra poderia ser chamada de "idiossincrática", ou seja, a aceitação da doutrina na forma como a pessoa que está sendo individualmente questionada sente-se capaz de recebê-la, o que pode estar muito longe do ensinamento bíblico e da compreensão tradicional. O "sim" do Dr. Jenkins deve ter sido neste último sentido, já que ele não acredita que a ressurreição envolveu a transformação do corpo de Cristo, que é o que a Igreja da Inglaterra sempre acreditou e ensinou. De fato, em 1989, ele zombou dessa visão ao descrevê-la como "um passe de mágica feito com ossos"; e na Páscoa de 1989 ele declarou que o Senhor ressurreto não era "nem um cadáver, nem um fantasma", como se nós estivéssemos confinados a esta alternativa.

Como é que se pode esclarecer a questão semântica? O que quer dizer o Credo com a ressurreição de Jesus Cristo? Como deveríamos imaginar o Senhor ressurreto? Talvez, se nós esclarecermos em que *não* cremos, antes de afirmamos em que cremos, isso nos ajude um pouco.

Primeiro, o Senhor ressurreto não é apenas *uma influência que sobreviveu.* Por um lado, 'hão podemos pensar nele simplesmente como alguém que sobreviveu à morte, como se fosse um fantasma. "Vede as minhas mãos e os meus pés", disse ele, "que sou eu mesmo; apalpai-me e verificai, porque um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho."[123] Por outro lado, "ressurreição" não significa a mera sobrevivência de uma influência. Muitos líderes que durante a vida inteira exerceram influência sobre a mente e o coração dos seus contemporâneos continuam vivendo após a morte, no sentido de que a memória do seu exemplo continua sendo uma inspiração.

E este certamente o caso de Che Guevara. Ele teve um número extraordinário de seguidores. Sartre descreveu-o, certa vez, como "o homem mais completo do seu tempo". Em seus trinta e nove anos (antes de ser morto na floresta) ele foi médico, escritor, economista, banqueiro, teórico político e guerrilheiro. Durante a sua vida, transformou-se numa lenda, um herói popular. Em toda sala de aula cubana as crianças cantarolavam: "Nós seremos como Che". E, após a morte, sua influência tornou-se ainda maior. Ele proporcionou aos marxistas a imagem de um santo e mártir popular. Durante anos os muros dos prédios estudantis da América Latina permaneceram pichados com as palavras "Che está vivo!"[124]

O mesmo se passou com Macário de Chipre, quando ele morreu, em 1977. Seus seguidores picharam prédios públicos com as palavras "Macário está vivo!"

Será somente isso o que os cristãos querem dizer ao declararem que "Jesus vive"? Alguns parecem não estar dizendo muito mais do que isso, ou seja, que ele exerce seu poder e espalha seu amor pelo mundo. Outros reivindicam para Jesus uma espécie de existência pessoal e constante, de forma que "ele anda comigo e fala comigo pelas sendas estreitas da vida". Mas a grande declaração do Novo Testamento não é que "ele vive", mas que "ele ressuscitou". A ressurreição só passou a ser uma experiência para nós porque ela foi, acima de tudo, um evento que realmente inaugurou uma nova ordem de realidade.

Em segundo lugar, o Senhor ressurreto não é *um cadáver ressuscitado.* Ressurreição significa muito mais do que fazer alguém voltar à vida."Ressuscitar" tanto pode significar fazer reviver um paciente que entrou em coma, como trazer novamente à vida alguém que havia sido declarado clinicamente morto. Neste segundo sentido, temos o registro de três ressuscitações feitas por Jesus durante o seu ministério público. Ele "ressuscitou dos mortos" (i.e., restaurou a vida) a filha de Jairo, o filho da viúva de Naim e Lázaro. Cada um deles estava morto e foi trazido de volta à vida por Jesus. Dá para entender a simpatia que C. S. Lewis expressou por Lázaro: "Ser trazido de volta à vida e ter que passar pela morte de novo foi um bocado duro."[125]

Mas a ressurreição do próprio Jesus não foi uma ressuscitação, em nenhum dos dois sentidos. Por um lado, ele não foi acordado de um desmaio ou de um coma, pois já estava morto havia umas trinta e seis horas. Por outro lado, ele não foi trazido de volta a esta vida, sendo-lhe necessário morrer novamente. Mas o que geralmente se pensa é que é assim que os cristãos imaginam a "ressurreição": que o corpo é miraculosamente reconstituído a partir das mesmas partículas das quais se compõe atualmente e que depois ele volta a esta vida mortal e vulnerável. Mas Jesus, pelo contrário, foi elevado a um novo nível de existência, em que ele já não era mais mortal, mas estava "vivo pelos séculos dos séculos".[126]

Nestas duas primeiras negativas nós concordamos com o Dr. Jenkins. A ressurreição não foi "um passe

[123] Lc 24.39
[124] Ver Andrew Sinclair, *Guevara* (Fontana, 1970), especialmente as págs. 70 e 88
[125] *Letters of C. S. Lewis,* ed. W. H. Lewis (Geoffrey Bles. 1966), p. 307
[126] Ap 1.18

de mágica feito com ossos" e o Senhor ressurreto não é "nem um cadáver, nem um fantasma". O trágico é que, ao utilizar esta linguagem um tanto sensacional, o bispo deu a impressão de que os cristãos tradicionais estão comprometidos com uma destas duas alternativas. Mas, independentemente do que pensem os outros, a fé da igreja nunca se resumiu em considerar o Senhor ressurreto, nem uma mera influência etérea e fantasmagórica, nem um cadáver ressuscitado.

Em terceiro lugar, o Senhor ressurreto não é *uma religião resgatada* na experiência dos discípulos. Foi esta a interpretação "desmitologizada" de Rudolf Bultmann. Ele começou declarando que "é óbvio" que a ressurreição de Jesus não foi "um evento da história passada". Por que isto era tão óbvio para ele? Porque "um fato histórico que envolve uma ressurreição dos mortos é absolutamente inconcebível". Mas, se a igreja, esse tempo todo, parece ter tido muito pouca dificuldade em conceber aquilo que Bultmann declarou inconcebível, qual era o seu problema? O problema reside na "incredibilidade de um evento mítico como a ressuscitação de um cadáver — pois é isto que significa ressurreição". O que é verdadeiramente inacreditável, no entanto, não é a ressurreição de Jesus, mas, sim, o equívoco de Bultmann, ao confundi-la com uma ressuscitação. E então, como é que ele interpretou o "mito" da ressurreição de Jesus? Da seguinte forma: "Se o evento do Dia da Páscoa é, de alguma forma, um evento histórico acrescentado ao evento da cruz, ele não passa do crescimento da fé no Senhor ressuscitado... Tudo que a crítica histórica pode estabelecer é o fato de que os primeiros discípulos vieram a crer na ressurreição." Em outras palavras, a Páscoa não foi um evento, mas uma experiência; não foi a ressurreição histórica e objetiva de Jesus dentre os mortos, mas sim um resgate pessoal e subjetivo da fé nos corações e mentes dos seus seguidores."[127]

Em quarto lugar, o Senhor ressurreto não é apenas *uma personalidade desenvolvida.* Mas parece que é isso que David Jenkins acredita. Em 1969 ele escreveu: "A ressurreição significa que Deus agiu de forma a estabelecer Jesus em sua pessoa, em seus feitos e em sua constante repercussão."[128] Em uma declaração posterior, ele afirma sua convicção de que Jesus "ressuscitou dentre os mortos", e passa a explicar isto afirmando que "a própria vida, poder, propósito e personalidade que havia nele foram, na verdade, contínuos... na esfera da história, de tal maneira a fazer dele uma presença e uma possibilidade viva e ressurreta".[129] Em algum outro lugar, ele alude à ressurreição como uma "explosão" da personalidade de Jesus. De fato, ele se refere constantemente à "personalidade" de Jesus e considera a ressurreição como o "estabelecimento", "liberação" ou "explosão" dessa sua personalidade. Nesse caso, a ressurreição seria uma espécie de evento, mesmo não tendo envolvido o seu corpo. Jenkins acredita no fato de Jesus "ter ressuscitado" e "estar vivo", só que no presente a sua personalidade não está encarnada (a não ser na igreja).

Em quinto lugar, o Senhor ressurreto não é meramente *uma experiência ativa do Espírito.* Quem sabe, a análise mais abrangente sobre o tema da ressurreição nos últimos anos seja *A Estrutura da Crença na Ressurreição {The Structure of Resurrection Belief),* de Peter Carnley. Assim como Jenkins, ele salienta que nós deveríamos ver a ressurreição como uma experiência presente e não um evento passado, e especialmente como uma experiência do Espírito. Em seu capítulo de abertura ele deixa clara sua postura de descrédito. Ele diz que em lugar nenhum Paulo faz alusão ao túmulo vazio, nem mesmo em 1 Coríntios 15:3-8, e que as assim chamadas "aparições" não foram objetivas. Ele argumenta que *ophthe* ("ele apareceu"), mais que uma percepção através da visão (uma aparição visível), significa a recepção de uma nova revelação (uma apreensão intelectual), ou no máximo uma mistura das duas coisas, com ênfase na segunda.[130]

Seguem-se três longos capítulos nos quais Carnley argumenta que na verdade não existiu nenhum evento pós-morte; o verdadeiro acontecimento da Páscoa foi o fato de os discípulos terem chegado à fé.[131] Por isso mesmo, nos capítulos 5 em diante ele já não se refere à "ressurreição" (um evento), mas, sim, ao "Cristo ressurreto" (uma experiência). Afinal, a fé pascal "implica uma experiência pós-morte de encontro com o Cristo ressurreto", que é conhecido como o Espírito.[132] E nós chegamos a reconhecer o verdadeiro Espírito de Jesus pelo fato de que ele continua a manifestar hoje na comunhão cristã o mesmo amor autodoador que expressou na

---

[127] Rudolf Bultmann, *Kerygma and Myth* (1941; ET SPCK, 1953), pp. 38-42

[128] David Jenkins. *Living with Questions* (SCM 1969), pp. 138-139. Ver também a crítica de J. Murray Harris, intitulada *Easter in Durham* (Paternoster, 1985)

[129] Do programa de televisão *Credo,* abril de 1984

[130] Peter Carnley, *The Structure of Resurrection Belief* (Glaréndon Press, 1987), pp. 17ss

[131] *Ibid.,* p. 164

[132] l*bid.,* pp. 200, 266

cruz.[133] Entretanto, por mais engenhosa que seja essa tentativa de reconstituição, ela não parece conferir com os dados do Novo Testamento, como pretendo demonstrar mais adiante.

Em sexto lugar, e em contraste com as cinco propostas anteriores, o Senhor ressurreto *é uma pessoa transformada.* A prova apresentada nos Evangelhos é que, tanto antes como depois da ressurreição, Jesus é a mesma pessoa, com a mesma identidade ("Sou eu mesmo"),[134] só que a ressurreição lhe deu um corpo glorificado, transfigurado e transformado. A ressurreição foi um ato dramático de Deus, através do qual ele interferiu no processo natural de corrupção e decomposição ("não permitirás que o teu Santo veja corrupção"[135]), resgatou Jesus do reino da morte e transformou seu corpo em um novo veículo para sua personalidade, dotando-o de novos poderes e conferindo-lhe imortalidade.

"Eu creio na ressurreição", disse Jenkins, "exatamente no mesmo sentido em que São Paulo cria na ressurreição."[136] Mas como ele pode dizer isto, se não acredita em uma ressurreição corporal? É por causa de 1 Coríntios 15. Este importante capítulo divide-se em duas partes, uma relativa ao *fato* (versículos 1 a 34) e a outra à *natureza* (versículos 35 a 38) da ressurreição. Na primeira parte as aparições de Jesus ressurreto parecem ser físicas; mas a segunda parte diz que "semeia-se corpo natural, ressuscita corpo espiritual" (versículo 44). Portanto, como é que podemos conciliar as duas metades de 1 Coríntios 15? Alguns estudiosos valem-se da expressão "corpo espiritual" para insistir que as aparições de Jesus ressurreto citadas nos versículos 5 a 8 devem ser entendidas à luz disso.

De acordo com o Novo Testamento como um todo, porém, o processo de assimilação deveria ser exatamente o oposto, ou seja, a natureza do "corpo espiritual" deveria ser interpretada de tal forma a não contradizer os indícios de que o Jesus ressuscitado teve um corpo físico. Tais evidências podem ser encontradas não apenas nas narrativas evangélicas do túmulo vazio (que os estudiosos liberais tendem a descartar, por serem, segundo eles, demasiado recentes para serem confiáveis), mas também nos primeiros sermões de Pedro e nos versículos iniciais de 1 Coríntios 15. Eu vou me concentrar neste último. Na declaração de Paulo acerca do evangelho, que ele tanto diz ser o evangelho *original,* que ele mesmo "recebeu" (versículo 3), como o evangelho *universal,* no qual ele e todos os outros criam (versículo 11), ele faz quatro afirmações, a saber, que "Cristo morreu..., que ele foi sepultado, que ressuscitou ao terceiro dia, e que ele apareceu...". Dois aspectos da ressurreição tornam-se muito claros a partir disso.

Primeiro, foi *um evento histórico e objetivo.* Na verdade, foi até um evento "datável": aconteceu "no terceiro dia".

Para David Jenkins, trata-se, "não de um evento, mas de uma série de experiências". Mas ela só se tornou uma série de experiências porque antes foi um evento. E, na providência de Deus, as palavras "no terceiro dia" dão testemunho da historicidade da ressurreição de Jesus, assim como as palavras "sob o poder de Pôncio Pilatos" no Credo dos Apóstolos atestam a historicidade do seu sofrimento e morte.

Segundo, a ressurreição foi *um evento físico:* ela envolveu o corpo de Jesus. Agora o argumento é que os quatro verbos (morreu, foi sepultado, ressuscitou e apareceu) têm, todos eles, o mesmo sujeito: "Cristo", uma pessoa física, histórica. No caso dos dois primeiros verbos, isto não deixa dúvida alguma. Foi o seu corpo que morreu e seu corpo é que foi sepultado. A pressuposição natural, portanto, é que o mesmo Cristo físico e histórico é o sujeito do terceiro e do quarto verbos, ou seja, ele ressuscitou e depois apareceu. Seria necessário um alto nível de ginástica mental para se afirmar que o sujeito muda, sem mais nem menos, no meio da sentença, e que, embora o seu corpo tenha morrido e sido sepultado, só a sua personalidade tenha ressuscitado e sido vista, e que de fato ele ressuscitou, mas continuou enterrado. De jeito nenhum. Se o seu corpo é que foi sepultado, deve ter sido seu corpo que ressuscitou. Isto provavelmente explica a menção de seu sepultamento em alguns dos primeiros sermões apostólicos.[137] É inteiramente gratuito, à luz disso tudo, sustentar que o apóstolo Paulo ignorou o túmulo vazio.

E verdade que o corpo morto e sepultado de Jesus, ao "ressuscitar", modificou-se neste processo. O que estamos vendo não é uma ressuscitação (em que ele foi ressuscitado em corpo, mas não transformado), nem uma

---

[133] *Ibid,* p. 368

[134] Lc 24.39

[135] At 2.27

[136] Embora eu não tenha condições de localizar com exatidão esta citação, Jenkins escreveu também: "Eu compartilho a fé dos Apóstolos e acompanho o relato de São Paulo sobre a Ressurreição" *(Free to Believe,* de David Jenkins e sua filha Rebecca, BBC Enterprises. 1991, p. 44)

[137] *P. ex.* At 2.23-32; 13.28-31, 37

vida além-túmulo (em que ele se transformou em espírito, mas de maneira alguma ressuscitou em corpo), mas, sim, uma ressurreição (em que ele ressuscitou e se transformou, simultaneamente).

A ressurreição aconteceu mesmo?

Digamos que os apóstolos, inclusive Paulo, acreditavam mesmo em uma ressurreição e transformação física, datável e literal de Jesus. Será que eles estavam certos? Será que nós, que vivemos no mundo moderno e sofisticado da astrofísica, da microbiologia e da ciência da computação, também podemos acreditar na ressurreição? E claro que podemos. E devemos. Milhões de pessoas o fazem.

Muitos livros já foram escritos na tentativa de dar provas da ressurreição.[138] Esta é uma parte importante da apologética cristã. Tudo que eu posso fazer aqui é tentar resumir com franqueza as principais provas.

Primeiro, temos *o desaparecimento do corpo.* Todo mundo concorda que o túmulo de José estava vazio, até mesmo aqueles que refutam as histórias dos autores do Evangelho; os rumores da ressurreição nunca poderiam ter ganho credibilidade se as pessoas, ao visitarem o túmulo, tivessem encontrado ali o corpo imóvel. Mas o corpo sumiu. A questão sempre foi: "O que foi feito dele?" Nunca houve uma explicação satisfatória para o seu desaparecimento, a não ser a ressurreição.

Nós não podemos admitir que Jesus só desmaiou na cruz, e depois reviveu no túmulo e saiu de lá sozinho. Primeiro, porque, tanto o centurião como Pilatos tomaram o cuidado de se certificar de que Jesus estava de fato morto. E depois porque, quando ele reapareceu, a impressão que as pessoas tiveram ao vê-lo foi a de que ele havia vencido a morte, e não que quase fora derrotado por ela e que era agora um homem seriamente doente, precisando de tratamento hospitalar.

Portanto, será que as autoridades (fossem elas romanas ou judaicas) removeram deliberadamente o corpo, a fim de evitar que os discípulos espalhassem a notícia de que ele havia ressuscitado? Isto é difícil de acreditar, uma vez que, quando os apóstolos começaram a anunciar "Jesus e a ressurreição",[139] as autoridades poderiam ter abafado imediatamente o novo movimento apresentando o corpo; mas, ao invés disso, elas apelaram para a violência.

Neste caso, teriam os discípulos furtado o corpo como parte de um embuste, a fim de enganar o povo, fazendo-o pensar que ele havia ressuscitado? Esta teoria é impossível, pois eles estavam preparados para sofrer e morrer pelo evangelho, e ninguém se dispõe a virar mártir por uma mentira inventada por si mesmo.

Nenhuma explicação para o túmulo vazio subsiste, a não ser a que diz que Deus o ressuscitou dentre os mortos.

Em segundo lugar, temos *o reaparecimento do Senhor.* O corpo de Jesus desapareceu do túmulo onde tinha sido deixado, e o próprio Jesus continuou reaparecendo durante um período de quase seis semanas. Dizem que ele apareceu para certas pessoas sozinhas (por exemplo, Maria Madalena, Pedro e Tiago), para os Doze, tanto com Tomé como sem ele, e em certa ocasião "foi visto por mais de quinhentos irmãos de uma só vez", muitos dos quais ainda eram vivos quando Paulo escreveu isto, mais ou menos no ano 54 d.C.,[140] e bem poderiam ter sido sondados a este respeito.

Essas aparições de Jesus ressurreto não podem ser descartadas como mera invenção, já que não resta dúvida alguma de que os apóstolos realmente acreditaram que Jesus havia ressuscitado. As histórias não haviam sido inventadas. Mas também não eram alucinações. Pescadores durões como Pedro, Tiago e João não fazem bem o tipo de personalidade suscetível a tais sintomas de desordem mental. Além do mais, a grande variedade de tempo, lugares e pessoas relacionadas com as aparições, juntamente com a reação inicial de descrença do povo, tornam insustentável a teoria da exploração da ingenuidade popular. A única alternativa para invenções e alucinações é a existência de aparições válidas e objetivas.

Em terceiro lugar, vem *o surgimento da igreja.* Alguma coisa deve ter acontecido para transformar os apóstolos e enviá-los em sua missão pelo mundo afora. Quando Jesus morreu, eles ficaram abatidos, confusos e amedrontados. Mas em menos de dois meses saíram do esconderijo, cheios de gozo, confiança e coragem. O que produziu essa transformação tão dramática? Só pode ter sido a ressurreição, juntamente com o Pentecoste, que se seguiu logo depois. Daquele bando de joões-ninguém desiludidos nasceu uma comunidade universal que soma hoje um terço da população do mundo. Seria preciso muita credulidade e muito cinismo até para acreditar que

[138] Ver, por exemplo, Frank Morison, *Who Moved the Stone?* (Faber, 1930); J. N. D. Anderson, *The Evidencefor the Resurrection* (IVP, 1950); Stuart Jackman, *The Davidson File* (Lutterworth, 1982); E. M. B. Green, *The Day Death Died* (IVP, 1982); J. W. Wenham, *Easter Enigma* (Paternoster. 1984)

[139] At 4.2

[140] 1 Co 15.6

todo o edifício cristão tenha sido construído sobre uma mentira, uma vez que Jesus Cristo nunca ressuscitou dos mortos.

O desaparecimento do corpo, o reaparecimento do Senhor e o surgimento da igreja constituem, juntos, um sólido fundamento para se acreditar na ressurreição.

Qual a importância da ressurreição?

O que nós precisamos indagar sobre a ressurreição não é apenas se ela aconteceu, mas se realmente importa se ela aconteceu ou não. Afinal de contas, se ela aconteceu, foi há cerca de 2000 anos! Como é que um evento tão antigo pode ter tanta importância para nós hoje? Por que cargas d'água os cristãos fazem tanto barulho a seu respeito? Ela não seria irrelevante? Não, não é. Meu argumento agora é que a ressurreição é uma resposta à nossa condição humana. Ela fala às nossas necessidades, como nenhum outro evento distante jamais o fez ou poderia. Ela é o mastro principal da nossa segurança cristã.

Primeiro, a ressurreição de Jesus nos garante *o perdão de Deus*. Já vimos que o perdão é uma das nossas necessidades mais básicas e uma das melhores dádivas de Deus. Conta-se que o chefe de um grande hospital psiquiátrico da Inglaterra disse: "Eu poderia dispensar metade dos meus pacientes amanhã mesmo, caso eles pudessem ter certeza do perdão."[141] Afinal, todos nós temos um ou dois esqueletos escondidos em algum armário escuro, memórias de coisas que temos pensado, dito ou feito e das quais, nos nossos melhores momentos, nos sentimos profundamente envergonhados. Nossa consciência nos incomoda, condena, atormenta.

Diversas vezes durante o seu ministério público Jesus pronunciou palavras de perdão e de paz e, no cenáculo, ele se referiu ao cálice da comunhão como sendo "o meu sangue, o sangue da aliança, derramado em favor de muitos, para remissão de pecados".[142] Dessa maneira ele estabeleceu uma relação entre o nosso perdão e a sua morte. E como, através das Escrituras, a morte sempre está ligada ao pecado, como a sua merecida recompensa ("o salário do pecado é a morte"),[30] ele só poderia estar dizendo que iria morrer em nosso lugar a morte que nós merecíamos morrer, a fim de que nós fôssemos poupados e perdoados.

Isso é o que ele disse. Mas como podemos saber se ele estava certo, se com sua morte ele conquistou o que disse que iria conquistar e se Deus aceitou sua morte em nosso lugar como "um pleno, perfeito e suficiente sacrifício, oblação e satisfação para os pecados do mundo inteiro"? A resposta é que, se ele tivesse permanecido morto, se não tivesse ressuscitado de entre os mortos, pública e visivelmente, nós nunca ficaríamos sabendo. Pelo contrário: sem a ressurreição, teríamos que concluir que sua morte foi um fracasso. O apóstolo Paulo viu claramente esta lógica: "Se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação e vã a nossa fé." E, novamente, "se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé, e ainda permaneceis nos vossos pecados. E ainda mais: os que dormiram em Cristo, pereceram."[143] As consequências terríveis da não-ressurreição seriam que os apóstolos são falsas testemunhas, os crentes não estão perdoados e os cristãos mortos pereceram. Mas de fato, continua Paulo, Cristo ressuscitou dos mortos; e, ao ressuscitá-lo, Deus nos garantiu que aprova sua morte expiatória, que ele não morreu em vão e que aqueles que confiam nele recebem perdão livre e pleno. A ressurreição dá validade à cruz.

Segundo, a ressurreição de Jesus nos garante *o poder de Deus*. Nós tanto necessitamos do poder de Deus no presente quanto do seu perdão do passado. Será que Deus pode realmente mudar a natureza humana, que parece tão intratável, transformando pessoas cruéis em pessoas bondosas, egoístas em altruístas, dando domínio próprio a pessoas imorais e tornando doces pessoas amargas? Será que ele pode pegar pessoas que são cegas para a realidade espiritual e torná-las vivas em Cristo? Sim, ele realmente pode! Ele é capaz de dar vida a quem está espiritualmente morto. Ele pode transformar-nos, tornando-nos semelhantes a Cristo.

Mas estas afirmações são muito sérias. Será que elas podem ser comprovadas? Podem, sim, mas só em virtude da ressurreição. Paulo ora para que os olhos do nosso coração sejam iluminados, para que possamos saber "qual a suprema grandeza do seu poder para com os que cremos". E, para que compreendamos a medida do seu poder, Deus nos dá não apenas uma iluminação interior pelo seu Espírito, mas também uma demonstração exterior, pública e objetiva desse poder através da ressurreição. Afinal de contas, o poder que hoje está à nossa disposição é o próprio poder que "exerceu ele em Cristo, ressuscitando-o dentre os mortos...".[144] Assim, a ressurreição é retratada como a prova suprema na história do poder criativo de Deus.

Nós estamos sempre correndo o risco de baratear o evangelho, de minimizar o que Deus é capaz de fazer por nós e em nós. Nós falamos em tornar-se um cristão como se isto não passasse de virar uma folha na vida,

---

[141] Jack C. Winslow, *Confession and Absolution* (Hodder and Stoughton, 1960), p. 22

[142] Mt 26.28

[143] Rm 6.23

[144] 1 Co 15.14, 17-18

fazendo alguns ajustes superficiais em nossos padrões de comportamento comuns e tornando-nos um pouquinho mais religiosos. Mas é só arranhar o verniz, quebrar a superfície, e pronto! Por baixo nós continuamos a ser o mesmíssimo pagão de sempre, sem nada de redenção nem mudança. Nada disso! Tornar-se um cristão e ser um cristão, de acordo com o Novo Testamento, é algo muito mais radical do que isso. E um ato decisivo de Deus. É nada menos do que uma ressurreição da morte da alienação e do egocentrismo e o começo de uma vida nova e deliberada. Em outros termos: o mesmo Deus do poder sobrenatural que ressuscitou a Jesus da morte física pode ressuscitar-nos da morte espiritual. E nós sabemos que ele pode *nos* ressuscitar porque sabemos que ele *o* ressuscitou.

Em terceiro lugar, a ressurreição de Jesus nos garante *a vitória definitiva de Deus.* Uma das maiores diferenças entre as religiões e as ideologias do mundo é quanto a sua visão do futuro. Algumas delas não oferecem esperança alguma; pelo contrário, sucumbem em desespero existencial. Bertrand Russell, quando ainda nos seus trinta anos, expressou sua convicção de que

nenhum fogo, nenhum heroísmo, nenhuma intensidade de pensamento e sentimento pode preservar uma vida depois da sepultura; pois todos os lidares dos tempos, toda devoção, todo o brilho ofuscante do gênio humano, são destinados à extinção na vasta morte do sistema solar, e o templo inteiro dos feitos do homem há de ser inevitavelmente sepultado sob os escombros de um universo em ruínas.[145]

Outros vêem a história mais em termos circulares do que lineares, como um ciclo interminável de reencarnações, para o qual não há libertação a não ser a não-existência do *nirvana.* Os marxistas continuam prometendo uma Utopia na terra, mas essa visão perdeu a credibilidade. Os humanistas seculares sonham assumir o controle de sua própria evolução, mas, pelo menos no que depende da manipulação genética, este sonho acaba virando um pesadelo.

Os cristãos, por sua vez, são confiantes no futuro, e nossa "esperança" cristã (que é uma expectativa segura) tanto e individual como cósmica. Individualmente, a não ser através de Cristo, o medo da morte e da desintegração pessoal é quase universal. Para nós do Ocidente, Woody Allen tipifica este terror, que para ele acabou virando uma obsessão. É verdade que ele ainda consegue fazer pouco caso disso. "Não é que eu tenha medo de morrer", satiriza ele; "eu só não quero estar por perto quando isso acontecer."[146] Mas em geral ele vive apavorado. Num artigo publicado em *Esquire,* em 1977, ele disse: "A coisa fundamental que se esconde por detrás de *toda* motivação e de *toda* atividade é a constante luta contra a aniquilação e a morte. Ela é absolutamente assustadora em seu terror e deixa sem sentido as realizações de qualquer um."

Jesus Cristo, porém, liberta os seus discípulos desse horror. Ele não só há de sobreviver à morte, mas também ressuscitou dela. Nós haveremos de receber nossos corpos novos, tal como o seu corpo ressuscitado,[147] com poderes novos e inimaginados.[148] Afinal, ele é chamado "as primícias" da colheita[149] e também "o primogénito de entre os mortos". [150] Ambas as metáforas dão a mesma garantia. Ele foi o primeiro a ressuscitar, e depois virá todo o seu povo. Nós teremos um corpo como o seu. "Assim como somos semelhantes ao homem feito da terra (Adão), assim também seremos semelhantes ao Homem do céu (Cristo)."[151]

Mas a nossa esperança para o futuro também é cósmica. Nós cremos que Jesus Cristo irá voltar em espetacular magnificência, a fim de conduzir a história à sua plenitude na eternidade. Além de ressuscitar os mortos, ele irá regenerar o universo;[152] e fará novas todas as coisas.[153] Nós temos convicção de que toda a criação será libertada dessa presente sujeição à corrupção e à morte; que os gemidos da natureza são as dores de parto que prometem o nascimento de um mundo novo;[154] e que haverá um novo céu e uma nova terra, onde habita justiça.[155]

Portanto, a esperança viva do Novo Testamento é uma expectativa visivelmente "material", tanto para o

---

[145] Bertrand Russell, *A Free Man's Worship* (1902; Unwin Paperbacks, 1976), pp. 10-17
[146] Graham McCann, *Woody Allen, New Yorker* (Polity Press, 1990), pp. 43 e 83.
[147] Fp 3.21
[148] 1 Co 15.42-44
[149] 1 Co 15.20, 23
[150] Rm 8.29; Cl 1.18; Ap 1.5
[151] l Co 15.49 (BLH)
[152] Mt 19.28
[153] Ap 21.5
[154] Rm 8.20-23
[155] 2 Pe 3.13: Ap 21.1

indivíduo como para o cosmos. Individualmente, o crente tem a promessa, não de uma mera sobrevivência ou mesmo imortalidade, mas de um corpo ressuscitado e transformado. E o destino do cosmos não é um "céu" etéreo, mas um universo recriado.

Mas será que existe alguma prova dessa maravilhosa declaração, de que tanto nós quanto nosso mundo seremos totalmente transformados? Sim, a ressurreição de Cristo é o fundamento de todas as nossas esperanças. Ela é a prova pública, sólida, visível e tangível do propósito de Deus de completar aquilo que começou, de redimir a natureza, de dar-nos novos corpos em um mundo novo. Como disse Pedro, Deus "nos regenerou para uma viva esperança mediante a ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos".[156] A ressurreição de Cristo foi o começo da nova criação de Deus. Não basta acreditar que a personalidade, a presença e o poder de Jesus persistem. Precisamos saber que seu corpo ressuscitou, pois o corpo ressurreto de Jesus foi a primeira partícula da ordem material a ser redimida e transfigurada. Ela é o penhor divino de que um dia o resto há de ser redimido e transfigurado.[157]

A ressurreição de Jesus nos dá, pois, a garantia do perdão, <lo poder e do triunfo definitivo de Deus. Ela nos possibilita encarar o nosso passado (por mais motivos que tenhamos para nos envergonhar dele), confiantes do perdão de Deus através daquele que morreu por nossos pecados e foi ressuscitado; encarar o nosso presente (por mais fortes que sejam as nossas tentações, e mais pesadas as nossas responsabilidades), confiantes na suficiência do poder de Deus; e encarar o nosso futuro (por mais incerto que seja) confiantes na vitória definitiva de Deus, cuja garantia é a ressurreição. A ressurreição, justamente por ter sido um ato decisivo, público e visível de Deus, dentro da ordem material, dá-nos a absoluta garantia de um mundo que, de outra forma, seria completamente inseguro.

CAPITULO CINCO
JESUS CRISTO É SENHOR

O evangelho dos apóstolos não se ateve ao fato e ao significado da cruz e da ressurreição, mas foi mais além, concentrando-se no seu propósito: "Foi precisamente para esse fim que Cristo morreu e ressurgiu: para ser Senhor, tanto de mortos como de vivos".[158]

E fato conhecido que o mais primitivo, mais curto e mais simples de todos os credos cristãos era a afirmação "Jesus é Senhor". Aqueles que reconheciam este senhorio eram batizados e recebidos na comunidade cristã. Afinal, como escreveu Paulo, sabia-se muito bem, por um lado, que: "Se com tua boca confessares a Jesus como Senhor, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo";[159] e, por outro lado, que "ninguém pode dizer: Senhor Jesus! senão pelo Espírito de Deus".[160]

A primeira vista, pode parecer muito estranho que duas palavras gregas - *Kyrios lesous* "Senhor Jesus" (pois não existe nenhum verbo conectivo em nenhum dos versículos citados no parágrafo anterior) - pudessem servir como base satisfatória para se identificar e acolher alguém como cristão genuíno. Não seriam estas palavras terrivelmente inadequadas? Ou, pior ainda, não seria isto um reducionismo teológico?

A resposta a estas perguntas é "não". Afinal de contas, as duas palavras em questão, que soam como uma confissão cristã mínima, são impregnadas de significado. Elas têm enormes implicações, tanto para a fé cristã como para a vida cristã. Elas expressam, primeiro, uma profunda convicção teológica acerca do Jesus histórico, e, segundo, um radical comprometimento pessoal com ele, como consequência disso. É esta convicção e este compromisso que eu proponho explorarmos neste capítulo.

Convicção teológica

Talvez a melhor forma de analisar as implicações doutrinárias de se chamar Jesus de "Senhor" seja olhar novamente para Filipenses 2.9-11. Estes versículos constituem o clímax do que às vezes é chamado de *carmen*

[156] 1 Pe 1.3

[157] O professor Oliver O'Donovan vai muito além disso no seu instrutivo li*vro Resurrection and Moral Order: An Outline for Evangelical Ethics* (1VP and Eerdmans, 1986). Seu argumento é que a ressurreição de Jesus é o alicerce em que se baseia a ética cristã, pois ela proclama que a ordem do mundo criado foi vindicada e reafirmada por Deus; ou melhor, foi redimida, renovada e transformada. "A partir da ressurreição nós olhamos, não somente para trás, para a ordem criada que é vindicada, mas também para a frente, para a nossa participação escatológica nessa ordem" (p. 22), não somente "para trás, para o que lá se reafirma, a ordem da criação", mas também "para diante, para o que ali se antecipa, que é o reino de Deus" (p. 26)

[158] Rm 14.9

[159] Rm 10.9

[160] 1 Co 12.3

Christi, "o cântico de Cristo". O que Paulo está citando é provavelmente um hino cristão primitivo acerca de Cristo. E, ao fazê-lo, ele dá a esse cântico o seu imprimátur apostólico. Ele afirma que Cristo, embora compartilhasse da natureza de Deus e gozasse de igualdade com ele, mesmo assim esvaziou-se de sua glória e se humilhou para servir, tornando-se obediente a ponto de morrer numa cruz (versículos (5 a 8). E continua (versículos 9 a 11):

Pelo que também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome,
para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra,
e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai.

Como um hino cristão, usado pela igreja e endossado pelo apóstolo, ele indica o que os cristãos primitivos pensavam de Jesus. Há aqui três pontos a destacar.

Primeiro, *Paulo deu a Jesus um título divino.* Isto é, referiu-se a ele como "Senhor". É bem verdade que o termo *kyrios* era usado com diferentes significados, dependendo do contexto. Às vezes significava simplesmente "senhor", como quando Maria Madalena pensou que o Jesus ressuscitado fosse o jardineiro[161] e quando os sacerdotes pediram a Pilatos que o sepulcro fosse guardado com segurança.[162]

Mas quando usado pelos discípulos em relação a Jesus, *kyrios* era mais do que uma forma educada de tratamento; era um título, como quando eles o chamavam de "o Senhor Jesus" ou "o Senhor Jesus Cristo". Isto fica bem claro no contexto do Antigo Testamento.

Quando o Antigo Testamento veio a ser traduzido para o grego em Alexandria, cerca de 200 a.C, os devotos estudiosos judeus não sabiam como lidar com o nome sagrado Javé ou Jeová. Eles eram reticentes demais em pronunciá-lo; não sentiam liberdade para traduzi-lo ou mesmo para transliterá-lo. Portanto, eles colocavam em seu lugar a paráfrase *ho kyrios* ("o Senhor"), razão pela qual "Javé" ainda aparece, na maioria das versões, como "o Senhor". (Aos amantes da numerologia bíblica talvez interesse saber que isto ocorre 6.156 vezes na Septuaginta. Pelo menos é o que já li em algum lugar; eu nunca tive vontade nem paciência para conferir...)

O que é realmente impressionante é que os seguidores de Jesus, sabendo que, pelo menos em círculos judaicos, *ho kyrios* era o título tradicionalmente dado a Javé, Criador do universo e o Deus da aliança de Israel, não tinham escrúpulos de aplicar o mesmo nome a Jesus, nem viam nenhum mal em fazê-lo. Era a mesma coisa que dizer que "Jesus é Deus".

Segundo, *Paulo transferiu para Jesus um texto divino.* Em Isaías 45.23 Javé fizera um solilóquio:

Por mim mesmo tenho jurado;
da minha boca saiu o que é justo, e a minha palavra não tornará atrás.
Diante de mim se dobrará todo joelho, e jurará toda língua.

Agora Paulo (ou o autor do hino que ele está citando) tem a audácia de extrair este texto de Isaías e reaplicá-lo a Jesus. A implicação é inevitável. A honra que o profeta disse ser devida a Javé, o apóstolo diz ser devida a Cristo; além disso, era para ser universal, envolvendo "todo joelho" e "toda língua".

Um exemplo similar é o uso que o Novo Testamento faz de Joel 2.32. O profeta havia escrito que "todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo". No Dia de Pentecostes, porém, Pedro reaplicou esta promessa a Jesus, exortando seus ouvintes a crerem em Jesus e a serem balizados em seu nome.[163] Da mesma forma, mais tarde, Paulo escreveu que o Senhor Jesus "é o Senhor de todos, rico para com todos que o invocam", pois "todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo".[164] Assim, o poder salvador de Javé para com Israel tornou-se o poder salvador do Jesus, tanto para os crentes judeus como para os gentios.

Em terceiro lugar, *Paulo reivindicou para Jesus uma adoração divina.* Qualquer que seja a nossa interpretação sobre a confissão da língua de que ele é Senhor, o dobrar os joelhos é certamente um culto. Na verdade, no Novo Testamento a oração é, com frequência, dirigida a Jesus, especialmente quando Paulo relaciona "Deus, nosso Pai" com "nosso Senhor Jesus Cristo" como sendo, ao mesmo tempo, a fonte de graça e o objeto da petição.[165] Convém lembrarmos também Hebreus 1.6: "E todos os anjos de Deus o adorem." Nos documentos do Novo Testamento assume-se que graça brota de Cristo e que a ele são devidas a oração e a adoração. De fato, a cristolatria (adoração a Cristo) precedeu a cristologia (a doutrina desenvolvida de Cristo). Mas, se Cristo não é Deus, então cristolatria é idolatria, como Atanásio percebeu claramente no século IV ao ar-

[161] Jo 20.15
[162] Mt 27.62-63
[163] At 2.21, 38
[164] Rm 10.12-13
[165] Por exemplo, 1 Ts 1.1; 3.11; 2 Ts 1.2, 12; 2.16

gumentar contra a heresia ariana que dizia ser Cristo um ser criado.

Eis aqui, portanto, três importantes dados contidos no hino cristão que Paulo estava citando: os cristãos primitivos deram a Jesus um título divino ("Senhor"), transferiram para ele textos divinos (concernentes à salvação que ele confere e à honra que ele merece) e lhe renderam culto divino (o dobrar dos joelhos). Estes fatos são indiscutíveis e são ainda mais impressionantes por serem naturais e quase casuais.

Além disso, convém notar que os autores do Novo Testamento nem argumentaram se era certo ou não identificar tão ousadamente Jesus como Deus, pois não havia necessidade alguma de o fazerem. Paulo defendeu, e com toda ousadia, o evangelho da justificação pela graça por meio da fé, porque ele estava sendo desafiado. Mas o senhorio divino de Jesus (a verdade de que "há um só Senhor, Jesus Cristo"), isso ele não debateu,[166] o que deve significar que o assunto não estava em discussão. Assim, poucos anos depois da morte e ressurreição de Jesus, sua divindade já fazia parte da fé universal da igreja.

A confissão de que "Jesus é Senhor" tem uma segunda inferência teológica, a saber, que ele tanto é Salvador como é Deus. A tradição em alguns círculos evangélicos é distinguir claramente entre Jesus como Salvador e Jesus como Senhor, e até sugerir que a conversão implica em crer nele como Salvador, sem necessariamente submeter-se a ele como Senhor. A motivação para este ensinamento até que é boa, pois visa salvaguardar a verdade da justificação somente pela fé, sem introduzir pela porta dos fundos a justiça pelas obras (obedecer a Cristo como Senhor). No entanto, esta posição é biblicamente indefensável. Jesus não só é "nosso Salvador e Senhor", único e indivisível, como também seu senhorio implica sua salvação e, na verdade, a proclama. Ou seja, seu título de "Senhor" é um símbolo de sua vitória sobre todas as forças do mal, que foram postas debaixo de seus pés. O próprio fato de podermos ser salvos deve-se a esta vitória. E precisamente por ser Senhor que ele é capaz de ser Salvador.[167] Não pode haver salvação sem senhorio. As duas afirmações, "Jesus é Senhor" e "Jesus salva", são virtualmente sinônimos.

Compromisso radical

Conforme já vimos, a palavra *kyrios* podia ser usada simplesmente como uma designação respeitosa. Mas era mais comum empregá-la referindo-se a proprietários de terras ou de escravos. A posse trazia consigo o pleno controle e direito de disponibilidade. É com essa compreensão que Paulo, Pedro e Tiago começam suas cartas, designando-se a si mesmos "servo de Jesus Cristo". Eles sabiam que ele os havia comprado à custa de seu próprio sangue, e que, por isso mesmo, pertenciam a ele e estavam inteiramente a seu serviço.

Este ser possuído pessoalmente por Cristo e estar pessoalmente comprometido com ele vai impregnar cada parte da vida de seus discípulos. E tem pelo menos seis dimensões.

A primeira é a *dimensão intelectual.* Eu começo com a mente porque ela é a cidadela central da nossa personalidade e efetivamente governa nossas vidas. Apesar disso, ela é muitas vezes a última fortaleza a render-se ao senhorio de Jesus. A verdade é que nós preferimos pensar nossos próprios pensamentos e ponderar nossas próprias opiniões; e se os dois entrarem em conflito com o ensino de Jesus, pior para ele!

Mas Jesus Cristo reivindica autoridade sobre nossas mentes. "Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim", disse ele.[168] Seus ouvintes judeus o teriam compreendido imediatamente. Afinal, eles estavam acostumados a falar sobre o "jugo da Tora" (a lei), a cuja autoridade se submetiam. Agora Jesus falava de *seu* ensino como sendo um jugo. Seus seguidores tinham que tornar-se seus pupilos, seus discípulos, sujeitar-se a suas instruções, aprender com ele. Não precisavam ter medo disso, pois, por um lado, ele mesmo era "manso e humilde de coração"; e, por outro lado, o jugo era "suave" e sob sua leve disciplina eles encontrariam "descanso" para suas almas. Em outras palavras, o verdadeiro "descanso" reside em submeter-se ao jugo de Cristo (e não em resistir a ele). O apóstolo Paulo, posteriormente, iria escrever algo similar, ao expressar sua decisão de "levar cativo todo pensamento à obediência de Cristo".[169]

Mas o cristão contemporâneo, na sua ânsia por reagir com sensibilidade aos desafios do mundo moderno, não pode, para tanto, tentar livrar-se da autoridade de Jesus Cristo a fim de fazê-lo. Um discípulo não tem a liberdade de discordar de seu divino mestre. O que nós cremos acerca de Deus e do ser humano, seja homem ou mulher, criado à sua imagem, ou sobre a vida e a morte, os deveres e o destino, a Escritura e a tradição, a salvação e o juízo, e muito mais ainda, tudo isso nós aprendemos com ele. Existe em nossos dias, tão

[166] 1 Co 8.6
[167] *Cf.* At 2.33-39
[168] Mt 11.29
[169] 2 Co 10.5

cheios de especulações estranhas e loucas, uma urgente necessidade de retomarmos nossa posição correta aos pés de Cristo. "Só quem obedece sem reservas à ordem de Jesus", escreveu Dietrich Bonhoeffer, "e submete-se sem resistências ao seu jugo, acha leve o seu fardo e sob sua doce pressão recebe o poder de perseverar no caminho certo. A ordem de Jesus é difícil, insuportavelmente difícil, para quem tenta resistir a ela. Mas para quem se submete voluntariamente, o jugo é suave e o fardo é leve."[170]

Segundo, o compromisso radical com Jesus Cristo tem *uma dimensão moral.* Por todo lugar ao nosso redor os padrões morais estão desabando. As pessoas estão confusas, sem saber se ainda resta algum absoluto moral. O relativismo permeou o mundo e tem se infiltrado na igreja.

Até certos crentes evangélicos deturpam a Escritura no que se refere à lei. Eles citam as conhecidas declarações do apóstolo Paulo, de que "o fim da lei é Cristo"[171] e "não estais debaixo da lei"[172] e, fazendo vista grossa ao contexto, distorcem o seu sentido, dizendo que a lei já foi abolida, que nós já não temos mais a obrigação de obedecer a ela, mas somos livres para desobedecer-lhe. Mas o que Paulo quis dizer foi algo completamente diferente. Ele estava se referindo ao caminho da salvação, não ao caminho da santidade. Ele estava insistindo em que, para sermos aceitos por Deus, nós "não estamos sob a lei, mas debaixo da graça", já que somos justificados somente pela fé e não por obras da lei. Mas nós ainda estamos sujeitos à lei moral no que tange à nossa santificação. Como Lutero sempre dizia, a lei nos conduz a Cristo para sermos justificados, mas Cristo nos manda de volta para a lei a fim de sermos santificados.

O apóstolo é bem específico quanto ao lugar da lei na vida cristã. Ele insiste em dizer que tanto a obra expiatória de Cristo como o fato de o Espírito habitar em nós têm em vista a nossa obediência à lei. Por que foi que Deus enviou seu Filho para morrer por nossos pecados? Resposta: "A fim de que o preceito da lei se cumprisse em nós que... andamos... segundo o Espírito".[173] E por que Deus colocou o seu Espírito em nossos corações? Resposta: a fim de escrever ali a sua lei.[174] Portanto, a promessa de Deus encontrada no Antigo Testamento quanto à nova aliança poderia se expressar igualmente como: "Na mente lhes imprimirei as minhas leis, também no coração lhas inscreverei"[175] e "Porei dentro em vós o meu Espírito, e farei... que guardeis os meus juízos e os observeis".[176]

Portanto, Jesus nos conclama à obediência. "Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama; e aquele que me ama, será amado por meu Pai, e eu também o amarei e me manifestarei a ele."[177] A maneira de provarmos nosso amor por Cristo não é, nem fazendo altos protestos de lealdade, como Pedro, nem entoando cantilenas sentimentais na igreja, mas, sim, obedecendo aos seus mandamentos. A prova do amor é a obediência, disse ele, e o galardão do amor é o fato de Cristo revelar-se a nós.

Em terceiro lugar, o compromisso cristão tem *uma dimensão vocacional.* Isto significa que ele inclui nossa vida de trabalho. Dizer "Jesus é Senhor" nos compromete a servir a vida inteira. Nós não deveríamos hesitar em dizer que cada cristão é chamado a ministrar, ou melhor, dar a sua vida em ministério. Se para você isto parece uma declaração chocante demais, provavelmente é porque está pensando em "ministério" como sinônimo de ministério pastoral ordenado. Mas o que eu estou dizendo é que nós somos chamados a ministrar ou servir (*diakonia)* de alguma forma. A razão por que se pode dizer isso é que nós somos seguidores de alguém que assumiu "a própria natureza de um servo",[178] que declarou que não tinha vindo "para ser servido, mas para servir"[179] e acrescentou: "no meio de vós, eu sou como quem serve".[180] Portanto, se nós nos dizemos seguidores de Jesus, é inconcebível que gastemos nossa vida de outra forma que não seja servindo. E isto significa que devemos ser capazes de ver nosso emprego ou profissão em termos de serviço. Nosso trabalho diário tem de ser uma esfera mais ampla em que Jesus exerça o seu senhorio sobre nós. Além do nosso empregador terreno, e por detrás deste, temos que ser capazes de enxergar o nosso Senhor celestial. Então poderemos estar "trabalhando para o Senhor, e não para homens", já que "a Cristo, o Senhor, é que estamos servindo".[181]

[170] Dietrich Bonhoeffer, *The Cost of Discipleship* (1937; ET SCM, 1948), p. 31
[171] Rm 10.4
[172] Rm 6.14
[173] Rm 8.3-4
[174] 2 Co 3.3, 6
[175] Je 31.33
[176] Ez 36.27
[177] Jo 14.21
[178] Fp 2.7
[179] Mc 10.45
[180] Lc 22.27
[181] Cl 3.23-24

Em novembro de 1940 a cidade de Coventry foi devastada por um bombardeio aéreo, que destruiu inclusive sua catedral do século XIV. Depois da guerra, as ruínas da velha catedral foram preservadas, construindo-se uma nova ao lado dela. Desde os tempos medievais havia, dispostas em volta das paredes da velha catedral, uma série de capelas corporativas (por exemplo, para os ferreiros, para os vendedores de tecidos, os cortineiros e os tintureiros) simbolizando a íntima ligação entre a igreja e o trabalho. Estas capelas foram destruídas, mas em seu lugar foram dispostos "santuários" ao redor das paredes em ruínas, expressando as implicações da oração "Santificado seja o teu nome":

Na indústria, ó Deus, que estejas tu em minhas mãos e em meu fazer. Nas artes, Deus, que estejas tu em meus sentidos e em meu criar. No lar, ó Deus, que estejas tu em meu coração e em meu amar. No comércio, que estejas, Deus, no meu balcão e em meu vender. Na cura, ó Deus, que estejas tu em minha habilidade e em meu tocar. No governar, que estejas, Deus, nos planos e em meu decidir. Na educação, que estejas, Deus, em minha mente e em meu crescer. Na recreação, que estejas, Deus, em meus membros e em meu lazer.

Em quarto lugar, o senhorio de Cristo tem *uma dimensão social.* Isto significa, em parte, que os seguidores de Jesus têm responsabilidades, tanto individuais como sociais — por exemplo, para com a família, a firma, a vizinhança, o país e o mundo. Porém significa muito mais que isso.

Em certo sentido, confessar "Jesus como Senhor" é reconhecê-lo como Senhor da sociedade, mesmo daquelas sociedades ou segmentos da sociedade que não reconhecem explicitamente o seu senhorio. Consideremos este dilema que o Novo Testamento coloca diante de nós. Por um lado, diz-nos que Jesus é Senhor. Ele destronou e desarmou os principados e potestades, triunfando sobre eles na cruz.[182] Deus o exaltou à sua mão direita e colocou tudo debaixo de seus pés.[183] Consequentemente, ele pode reivindicar para si toda autoridade.[184] Por outro lado, nós continuamos lutando contra os principados e potestades das trevas. Eles podem ter sido derrotados e até privados de poder; mas continuam ativos, influentes e sem escrúpulos.[185] O apóstolo João vai ainda mais longe ao declarar que "o mundo inteiro jaz no maligno".[186] De fato, este dilema está bem resumido no Salmo 110.1, que foi citado por Jesus e por vários autores do Novo Testamento: "Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés." Dentro do compasso deste único versículo, o Messias é descrito como alguém que *reina* à mão direita de Deus e também como quem *aguarda* a derrota de seus inimigos.

Como é que podemos conciliar estas duas perspectivas? Quem é Senhor: Jesus ou Satanás? Está Cristo reinando sobre seus inimigos, ou ele está esperando que se rendam? A única resposta possível para estas questões é "as duas coisas". Temos que distinguir entre o que é *de jure* (por direito) e o que é *de facto* (de fato ou na realidade). *De jure* Jesus é Senhor, pois Deus o elevou ao lugar mais sublime. *De facto,* porém, é Satanás que reina, pois ainda não foi declarado derrotado nem foi destruído.

Como é que esta tensão afeta o nosso discipulado? Já que Jesus é Senhor por direito, isto é, por determinação divina, nós não podemos ser condescendentes em nenhuma situação que negue isso. Nós bem que gostaríamos que aquele que é Senhor fosse reconhecido como tal; esta é a nossa tarefa evangelística. Entretanto, mesmo em uma sociedade que não reconhece especificamente o seu senhorio, ainda nos preocupa que os seus valores prevaleçam, que os povos de todas as raças e religiões tenham respeitados os direitos e a dignidade humana, que mulheres e crianças sejam tratados com honra, que se garanta justiça para os oprimidos, que a sociedade se torne mais justa, compassiva, livre e serena. Por quê? Por que nos preocupamos com estas coisas? Porque Jesus é, por direito, o Senhor da sociedade, e porque ele se preocupa com elas. Isto não seria ressuscitar o velho "evangelho social" do liberalismo teológico, que cometeu o equívoco de confundir uma sociedade compassiva com o reino de Deus? Pelo contrário, é levar a sério a verdade de que Jesus é Senhor da sociedade e, portanto, tentar torná-la mais ao gosto dele.

Foi durante sua palestra inaugural na abertura da Universidade Livre de Amsterdã, em 1880, que Abraham Kuyper, que mais tarde viria a tornar-se Primeiro Ministro da Holanda, disse: "Não existe uma única polegada de toda a área da vida humana sobre a qual Cristo, que é Soberano de tudo, não declare 'É minha!'" De igual maneira, o Dr. David Gill, do New College, Berkeley, escreveu: "Jesus é Senhor, não só da vida íntima, da vida futura, da vida familiar e da vida da igreja, mas também da vida intelectual e política — tudo é seu

[182] Cl 2.15
[183] Ef 1.20-22
[184] Mt 28.18
[185] Ef 6.11-18
[186] 1 Jo 5.19

domínio."[187]

Em quinto lugar, um compromisso radical com Cristo tem *uma dimensão política.* Não podemos esquecer que Jesus foi condenado tanto por uma ofensa política quanto por uma ofensa religiosa. Na corte judaica ele foi considerado culpado de blasfêmia, por ter chamado a si mesmo Filho de Deus, enquanto que na corte romana ele foi condenado por sedição, por se haver declarado rei, e Roma não reconhecia outro rei além de César. Portanto, as reivindicações de Jesus tinham implicações políticas inevitáveis. Sua declaração de que nós temos que dar "a César o que é de César e a Deus o que é de Deus"[188] pode ter sido deliberadamente enigmática. Mas ela certamente implicava que existem áreas sobre as quais Deus é Senhor e nas quais César não deve se intrometer.

Os cristãos primitivos enfrentavam um constante conflito entre Cristo e César. Durante o primeiro século, a megalomania dos imperadores era cada vez maior. Eles mandavam construir templos em sua própria honra e exigiam que seus súditos os reverenciassem como deuses. Estas exigências acabaram entrando em choque direto com o senhorio de Cristo, a quem os cristãos honravam como rei,[189] ou melhor, como "o soberano dos reis da terra".[190] Plínio, que foi governador da Bitínia no século II, descreveu em uma carta para o Imperador Trajano como ele fazia trazer à sua presença na corte os cristãos que suspeitava serem desleais, e como libertava somente aqueles que "ofereciam invocação com vinho e incenso a vossa *[sc.* o Imperador] imagem".[191] Mas como é que os crentes podiam dizer "César é Senhor" se eles haviam confessado que "Jesus é Senhor"? Antes ir para a prisão e a morte do que negar o senhorio de Cristo!

A divinização do estado não acabou com o fim do Império Romano. Ainda hoje existem regimes totalitários que exigem de seus cidadãos uma lealdade incondicional, que os cristãos simplesmente não podem prestar. Os discípulos de Jesus devem respeitar o estado e, dentro dos limites, submeter-se a ele; nunca, porém, irão adorá-lo nem dar-lhe o apoio acrítico que ele exige. Por isso é que às vezes o discipulado implica em desobediência. Aliás, a desobediência civil é uma doutrina bíblica, e existem na Escritura uns quatro ou cinco exemplos notáveis disso.[192] Ela nasce naturalmente da afirmação de que Jesus é Senhor. O princípio é claro, mesmo que sua aplicação possa envolver os crentes em agonias de consciência. É isso aí. Nós temos que nos submeter ao estado, pois sua autoridade provém de Deus e seus oficiais são ministros de Deus[193]. Mas há um limite: quando a obediência ao estado implica em desobediência a Deus. Neste ponto nosso dever, como cristãos, é desobedecer ao estado a fim de obedecer a Deus. Pois, afinal de contas, se o estado abusa de sua autoridade dada por Deus e tem a presunção, seja de ordenar aquilo que Deus proíbe, seja de proibir aquilo que Deus ordena, nós precisamos dizer "não" ao estado a fim de dizer "sim" a Cristo. Como diz Pedro, "Antes importa obedecer a Deus do que aos homens".[194] Ou, em palavras de Calvino, "obediência aos homens não deve transformar-se em desobediência a Deus".[195]

Vejamos um exemplo bem recente, da África do Sul. Em 1957, Hendrik Verwoerd, então Ministro dos Negócios Nacionais, anunciou um projeto de lei cuja "cláusula referente à igreja" impediria qualquer associação racial em "igreja, escola, hospital, clube ou qualquer outra instituição ou lugar de lazer". O arcebispo anglicano da Cidade do Cabo na época era um gentil académico chamado Geoffrey Clayton. Ele e seus companheiros de clero, embora com relutância e apreensão, resolveram desobedecer. Então ele escreveu ao Primeiro Ministro, dizendo que, se o projeto se transformasse em lei, ele seria "incapaz de obedecer-lhe ou de aconselhar nosso clero e pessoal a fazê-lo". Na manhã seguinte ele morreu, talvez sob a dor e o sofrimento do desafio da desobediência civil. O projeto foi aprovado, de uma forma que não chegaria a prejudicar os líderes da igreja mas que iria penalizar os adoradores negros. Depois que se transformou em lei, foi lida em todas as igrejas anglicanas uma carta convocando tanto o povo como o clero a desobedecerem a ela.

Em sexto lugar, o compromisso com Cristo tem *uma dimensão global.* Afirmar que "Jesus é Senhor" é reconhecer seu senhorio universal. Afinal, Deus o "exaltou sobremaneira",[196] assim como nós deveríamos

[187] David W. Gill, *The Opening of the Christian Mind* (IVP USA, 1989), p. 131
[188] Mc 12.17
[189] At 17.7
[190] Ap 1.5
[191] *Epistles,* 10:96
[192] Êx 1.15-17; Dn 3 e 6; At 4.19; 5.29
[193] Rm 13.1-7
[194] At 5.29
[195] Walter Bauer, *A Greek-English Lexicon ofthe New Testament and Other Early Christian Literature,* traduzido e adaptado para o inglês por W. F. Arndt e F. W. Gingrich (University of Chicago Press, 2 ed. 1979)
[196] Fp 2.9

prestar-lhe *hyperypso* - uma palavra que não ocorre em nenhum outro lugar no Novo Testamento e que pode até ter sido cunhada por Paulo. Ela significa que Deus o elevou "à mais elevada das alturas".[197] E o propósito de Deus ao fazer isto foi que todo joelho se dobrasse e toda língua o confessasse como Senhor. Nós não temos liberdade alguma de impor qualquer limite à repetição da palavra "todo". Portanto, se Deus deseja que todo o mundo reconheça a Jesus, este deve ser também o nosso desejo. Os hindus falam sobre "o Senhor Krishna" e os budistas do "Senhor Buda", mas nós não podemos aceitar essas reivindicações. Só Jesus é Senhor. Ele não tem rivais.

Não existe incentivo maior para a missão mundial do que o senhorio de Jesus Cristo. Missão não é, nem uma interferência impertinente na vida privada de outras pessoas, nem uma opção dispensável que pode ser rejeitada. Pelo contrário, missão é uma dedução inevitável do senhorio universal de Jesus Cristo.

A princípio a afirmação dessas duas palavras - *Kyrios Iesous* - parecia completamente inofensiva. Mas nós vimos que ela tem ramificações que vão muito longe. Além de expressar nossa convicção de que ele é Deus e Salvador, ela também indica nosso radical comprometimento com ele. Esse compromisso tem dimensões intelectuais (submeter nossas mentes ao jugo de Cristo), morais (aceitar seus padrões e obedecer às suas ordens), vocacionais (gastar nossas vidas em seu serviço libertador), sociais (procurar impregnar a sociedade com os seus valores) e globais (zelar pela honra e glória de seu nome).

PARTE DOIS
O DISCÍPULO

Agora vamos deixar o "evangelho" e voltar-nos para o "discípulo". Afinal, se o Cristo crucificado e ressurreto é o nosso Senhor, nós somos os seus servos; se ele é nosso mestre, nós somos seus discípulos.

O discipulado cristão (isto é, seguir a Cristo) é uma responsabilidade que tem muitas facetas. O fato de eu ter escolhido quatro aspectos seus poderia até parecer acidental. Acontece que todos eles tendem a ser subestimados e mesmo negligenciados.

Eu começo com "O Ouvido Atento". Com efeito, embora todos os órgãos do nosso corpo devam ser consagrados e apresentados a Deus (inclusive nossos olhos e lábios, nossas mãos e pés), nós deveríamos fazê-lo em especial com relação aos nossos ouvidos. Todo discípulo de verdade é um ouvinte.

O Capítulo 7 ("Mente e Emoções"), além de lembrar-nos que o nosso Criador nos fez tanto racionais como emocionais, explora também algumas das relações mais significativas entre estes dois componentes da personalidade humana.

No Capítulo 8, intitulado "Direção, Vocação e Ministério", nós vemos que discipulado implica em serviço e analisamos como é possível discernir a vontade de Deus e o chamado de Deus em nossas vidas.

Para o capítulo final da Parte II eu reservei uma discussão sobre o primeiro fruto do espírito, que é o amor. Sua prioridade na vida dos discípulos cristãos é bem expressa no *Livro da Oração Comum,* que o descreve como "o mais excelente dom da caridade, o próprio vínculo da paz e de todas as virtudes, sem o qual qualquer pessoa viva é considerada morta diante de Deus".

CAPITULO SEIS
O OUVIDO ATENTO

Um dos ingredientes mais importantes — e mais negligenciados — do discipulado cristão é o cultivo de um ouvido atento. Quem ouve mal não é um bom discípulo. O apóstolo Tiago deixou isso muito claro. Nós conhecemos muito bem o texto que ele escreveu a respeito da língua, "mal incontido, carregado de veneno mortífero".[198] Quanto ao ouvido, porém, ele não tem nenhuma crítica parecida. Ele nos exorta a não falarmos demais, mas parece insinuar que ouvir nunca é demais. Eis aqui sua exortação:

Sabeis estas coisas, meus amados irmãos. Todo homem, pois, seja pronto para ouvir, tardio para falar, tardio para se irar. Porque a ira do homem não produz a justiça de Deus.[199]

Que órgão impressionante Deus criou ao fazer o ouvido humano! Em comparação com ele, disse alguém, o mais sofisticado dos computadores é "tão primitivo quanto um misturador de concreto". Naturalmente, o que nós geralmente chamamos de ouvido é apenas o *ouvido externo,* aquela saliência de carne que temos no

[197] Walter Bauer, *A Greek-English Lexicon ofthe New Testament and Other Early Christian Literature,* traduzido e adaptado para a língua inglesa por W. F. Arndt e F. W. Gingrich (University of Chicago Press, 2 ed., 1979)
[198] Tg 3.8
[199] Tg 1.19-20

lado da cabeça e que vem em uma variedade de formas e tamanhos. A partir dela sai um canal de três centímetros que vai dar no tímpano, atrás do qual se encontra o *ouvido médio,* onde os três ossinhos mais miúdos do corpo (popularmente conhecidos como bigorna, martelo e estribo) amplificam o som vinte e duas vezes, passando-o então para o *ouvido interno,* onde então ocorre o verdadeiro ouvir. Seu principal componente é um tubo em forma de caracol, chamado cóclea. Ele contém milhares de células microscópicas, semelhantes a um fio de cabelo, sendo que cada uma delas é sintonizada com uma vibração específica. Então as vibrações são convertidas em impulsos elétricos, que transmitem o som até o cérebro para serem decodificados ao longo de 30.000 circuitos do nervo auditivo, o suficiente para alimentar o serviço telefônico de uma cidade de tamanho considerável. O ouvido humano já foi festejado, e com razão, como "o triunfo da miniaturização".[200]

Quando se pensa em quão versátil e sensível é esse órgão que Deus fez, é mil vezes lamentável que não o utilizemos de maneira mais adequada, desenvolvendo melhor a nossa capacidade de ouvir. Não estou pensando apenas em música, no canto dos pássaros ou nas vozes dos animais, mas também no valor que tem a conversação para os nossos relacionamentos. Surdez involuntária é uma deficiência lamentável; surdez deliberada é ao mesmo tempo um pecado e uma insensatez.

Este é um dos principais temas do filme *Birdy,* de Alan Parker, baseado na novela de William Wharton. Sua declaração-chave parece ser o fato quase definitivo de que "ninguém mais ouve a mais ninguém". O filme descreve a amizade de Al e Birdy, dois adolescentes da Filadélfia, a qual desabrocha a despeito da estranha obsessão de Birdy pelo vôo dos passarinhos. Arrastados para o Vietnã, ambos são atingidos. Al tem de submeter-se a uma cirurgia na face desfigurada, enquanto que Birdy, afetado psicologicamente, recolhe-se a um silêncio impenetrável e é enviado para um hospital de doentes mentais. Em sua cela, ele se encolhe como um pássaro engaiolado e vive olhando para cima, fitando a janela cheia de grades, sonhando com a possibilidade de fugir. Sofrendo as cruéis consequências da guerra, os dois homens necessitam urgentemente do apoio um do outro; no entanto, não podem se comunicar.

Finalmente, porém, ocorre a cura e sua amizade é restaurada. Porém o pano de fundo é um mundo hostil, em que as pessoas perderam o contato umas com as outras — uma mãe desnaturada, uma namorada incompreensível, uma guerra sangrenta e insensível e um psicoterapeuta que não tem a mínima sensibilidade nem compaixão. Agora Al e Birdy conseguem ouvir um ao outro, mas eles parecem ser as exceções em um mundo onde "ninguém mais ouve mais ninguém".

O apelo que Tiago nos faz, para que sejamos "rápidos para ouvir", não é um apelo fácil de atender. Muitos de nós somos faladores compulsivos, especialmente os pregadores! Nós preferimos falar a ouvir, dar informações voluntárias ao invés de confessar nossa ignorância, criticar em vez de receber críticas. Mas, quem sou eu para ficar dizendo tais coisas? Eu mesmo tenho sido, nesta área, um ofensor tão grande quanto qualquer outra pessoa. Vou compartilhar aqui uma experiência de cerca de vinte e cinco anos atrás, que acabou sendo uma lição para mim. Era segunda-feira de manhã em Londres; a equipe de trabalho de Ali Souls, minha igreja, se havia reunido para a reunião semanal, e eu era o responsável. Os outros estavam falando sobre alguma coisa que particularmente não me interessava (nem me lembro mais do que se tratava), e eu lamento dizer que simplesmente "desliguei". De repente, Ted Schroder, que naquela época bem poderia ser descrito, sem nenhuma injustiça, como "um jovem e impetuoso colono da Nova Zelândia", e que hoje é um amigo íntimo e muito querido, explodiu, sem rodeios: "John, você não está ouvindo!" Eu enrubesci. Ele tinha toda razão; e é insuportavelmente mal educado não escutar quando alguém está falando. Além disso, as tensões que vinham aflorando nos relacionamentos da nossa equipe de trabalho naquela ocasião eram devidas, em grande parte, ao fato de eu não escutar. Assim, eu me arrependi, e desde então tenho orado muitas vezes por graça para ser melhor ouvinte.

A quem, pois, eu devo escutar? Primeiramente e acima de tudo, devo dar ouvidos a Deus.

Ouvindo a Deus

Uma das verdades que mais distinguem o Deus da revelação bíblica é que ele é um Deus que fala. Ao contrário dos ídolos pagãos - que, sendo mortos, são mudos - o Deus vivo falou e continua falando. Eles têm boca, mas não falam; ele não tem boca (porque é espírito) mas, mesmo assim, fala. E, já que Deus fala, nós devemos ouvir. Este é um tema constante no Antigo Testamento, em todas as três das suas divisões principais. Na Lei, por exemplo: "...amando ao Senhor teu Deus, dando ouvidos à sua voz".[201] E nos escritos da Sabedoria:

[200] Ver Alan E. Nourse, *The Body* (Time Life, 1968) e também dois livros de Paul Brand e Philip Yancey intitulados In *His Image* (Hodder and Stoughton, 1984) e *Fearfully and Wonderfully Made* (Hodder and Stoughton, 1981)
[201] Dt 30.20

"Oxalá ouvísseis hoje a sua voz!"[202] Existem também muitos exemplos nos Profetas. Em que residia a "dureza de coração" da qual Deus vivia reclamando para Jeremias? Era porque o povo "se recusa a ouvir as minhas palavras"." O trágico nesta situação é que o que fazia de Israel um povo especial, diferente, era precisamente o fato de Deus tê-lo chamado e falado com ele. Mesmo assim, ele não ouvia nem respondia. O resultado foi juízo: "Visto que eu clamei e eles não me ouviram, eles também clamaram e eu não os ouvi".[203] Quase se poderia dizer que a epígrafe gravada na lápide da nação seria: "O Senhor Deus falou ao seu povo, mas ele recusou-se a ouvir". Por isso Deus enviou seu Filho, dizendo: "Eles ouvirão ao meu Filho". Mas, ao invés disso, eles o mataram.

Ainda hoje Deus fala, se bem que há certas discordâncias na igreja quanto à forma como ele o faz. Eu mesmo não creio que ele fale conosco hoje em dia de maneira direta e audível, como fez, por exemplo, com Abraão,[204] com o menino Samuel[205] ou com Saulo de Tarso no caminho de Damasco.[206] Nem poderíamos garantir que ele se dirige a nós "face a face, como um homem fala com seu amigo",[207] já que esta relação íntima que Deus manteve com Moisés é especificamente relatada como tendo sido única.[208] Para falar a verdade, as ovelhas de Cristo conhecem a voz do Bom Pastor e o seguem,[209] pois isto é essencial para o nosso discipulado; mas em nenhum lugar nos é prometido que essa voz será audível.

Mas, então, como é que Deus falou diretamente através dos profetas? Nós certamente deveríamos rejeitar qualquer afirmação de que existam hoje profetas comparáveis aos profetas bíblicos. Pois eles eram a "boca" de Deus, instrumentos especiais de revelação, e seu ensinamento faz parte do alicerce sobre o qual está construída a igreja.[210] Pode até ser, no entanto, que haja algum tipo secundário de dom profético, como quando Deus dá a certas pessoas uma percepção especial quanto à sua Palavra e seu querer. Mas não deveríamos atribuir infalibilidade a tais comunicações. Pelo contrário, deveríamos avaliar tanto o caráter como a mensagem daqueles que dizem falar da parte de Deus.[211]

A principal maneira pela qual Deus nos fala hoje é através da Escritura, como o tem reconhecido a Igreja geração após geração. As palavras que Deus falou através dos autores bíblicos e que ele providenciou para que fossem escritas e preservadas não são uma letra morta. Um dos principais ministérios do Espírito Santo é tornar a Palavra escrita de Deus "viva e eficaz" e "mais cortante do que qualquer espada de dois gumes".[212] Portanto, nunca devemos separar a Palavra do Espírito ou o Espírito da Palavra, pela simples razão de ser a Palavra de Deus "a espada do Espírito",[213] a principal arma usada por ele para realizar seu propósito na vida de seu povo. E essa confiança que nos capacita a pensar nas Escrituras tanto como texto escrito quanto como mensagem viva. Por isso é que Jesus podia perguntar: "O que está escrito?"ou "Vocês nunca leram?",[214] enquanto que Paulo indagava: "O que dizem as Escrituras?",[215] quase que personificando-as. Em outras palavras, a Escritura (que significa a Palavra escrita) tanto pode ser lida como ouvida, e o que ela diz é aquilo que Deus diz através dela. Através da sua antiga Palavra Deus se dirige ao mundo moderno. Ele fala através do que já falou uma vez.

E Deus nos convida a darmos ouvidos àquilo que, através da Escritura, "o Espírito diz às igrejas".[216] O problema é que ainda hoje, tal como nos dias do Antigo Testamento, as pessoas geralmente não ouvem, não podem ou não querem ouvir a Deus. A falta de comunicação entre Deus e nós ocorre, não porque Deus esteja morto ou calado, mas porque nós não estamos ouvindo. Se, durante um telefonema, o telefone fica mudo, nossa conclusão imediata não é que a pessoa do outro lado morreu. Pelo contrário: a ligação é que foi cortada.

O mesmo estado de "ser desligado de Deus" geralmente acontece conosco, como cristãos. Não é esta a principal causa da estagnação espiritual que às vezes experimentamos? Nós paramos, deixamos de ouvir a Deus.

---

[202] Sl 95.7
[203] Zc 7.13; *cf.* Jr 21.10-11
[204] Gn 22.1
[205] 1 Sm 3.4, 6, 8, 10
[206] At 9.3-7
[207] Êx 33.11
[208] Dt 34.10
[209] Jo 10.3-5
[210] Ef 2.20
[211] Mt 7.16; 1 Ts 5.20-22
[212] Hb 4.12
[213] Ef 6.17
[214] Mt 19.4; 21.42
[215] P.ex., Rm 4.3; Gl 4.30
[216] Ap 2.7

Talvez tenhamos deixado de ter um período diário de oração e leitura da Bíblia. Ou então, se continuamos a fazê-lo, talvez seja mais uma rotina do que uma realidade, pois já não temos aquela expectativa de que Deus nos fale. Neste caso, precisamos adotar a atitude de Samuel e dizer: "Fala, Senhor, pois o teu servo ouve".[217]Assim como o servo de Deus, deveríamos estar aptos para dizer: "Ele me desperta todas as manhãs, desperta-me o ouvido para que eu ouça como os eruditos".[218] Deveríamos imitar Maria de Betânía, que "quedava-se assentada aos pés do senhor a ouvir-lhe os ensinamentos".[219] Naturalmente, precisamos não apenas ser contemplativos, mas também ativos, trabalhar mas também orar, ser tão "martas" quanto "marias". Mas não seria o caso de não permitirmos que a Marta que há em nós ceda lugar a Maria? Porventura não temos negligenciado aquilo que Jesus chama de "a melhor parte"?[220]

Ouvindo uns aos outros

Nesta segunda esfera do ouvir, o princípio é claro: comunhão depende de comunicação. Somente quando falamos e ouvimos uns aos outros é que os nossos relacionamentos progridem e amadurecem, ao passo que quando paramos de ouvir um ao outro, eles desmoronam. Existe no livro de Provérbios uma forte ênfase na necessidade e valor de ouvirmos uns aos outros. Vejamos alguns exemplos: "O caminho do insensato aos seus próprios olhos parece reto, mas o sábio dá ouvido aos conselhos";[221] "Os ouvidos que atendem à repreensão salutar, no meio dos sábios têm a sua morada";[222] "O coração do entendido adquire o conhecimento, e o ouvido dos sábios procura o saber".[223] Eis aqui, pois, exortações a ouvir o conselho, a repreensão e a instrução, juntamente com a declaração de que aqueles que fazem isso são sábios. Além disso, essa necessidade de ouvir aplica-se a cada esfera da vida, desde o lar e o trabalho até o estado e a igreja.

Primeiro, ela se aplica ao *lar.* Embora eu me sinta quase tentado a desculpar-me por dizer algo tão tradicional, a verdade é que as crianças e os jovens precisam dar ouvidos aos seus pais. "Filho meu, ouve o ensino de teu pai, e não deixes a instrução de tua mãe."[224] Pois o fato é que os pais têm mais experiência — e, portanto, geralmente mais sabedoria — do que os seus filhos tendem a acreditar. Mark Twain teve a candura de admitir isso. "Quando eu era um menino de catorze anos", disse ele, "meu pai era tão ignorante que eu mal conseguia aguentar o velho por perto. Mas, quando cheguei aos vinte e um, fiquei impressionado com o tanto que ele havia aprendido em sete anos!"[225]

Mas, se os filhos precisam ouvir os seus pais, os pais também precisam ser humildes o suficiente para ouvir os seus filhos — caso contrário, nunca irão compreender os problemas deles. Afinal de contas, o mundo em que os filhos estão crescendo é imensamente diferente do mundo da juventude dos seus pais. Somente com paciência e ouvir mútuo é que se pode construir a ponte entre as duas gerações.

E, depois, marido e esposa precisam ouvir um ao outro. Quase todo rompimento matrimonial é precedido de quebra de comunicação. Qualquer que seja a razão (negligência, fadiga, egocentrismo ou pressão dos negócios), marido e mulher já não tiram mais tempo para ouvir um ao outro. Assim, acabam se afastando e as incompreensões, suspeitas, lamentações e ressentimentos vão aumentando, até que se torna tarde demais — se bem que, na verdade, nunca é tarde demais para se começar a ouvir novamente.

Em segundo lugar, ouvir é essencial no *local de trabalho.* Isto parece ser amplamente reconhecido, já que hoje a arte de ouvir é incluída nos livros e seminários sobre gerenciamento de negócios. Por exemplo, o americano Arthur Robertson, em seu livro *A Linguagem do Ouvido Eficaz {The Language of Effective Listening),* expressa a convicção de que "o pré-requisito número um para se ser bem-sucedido na vida pessoal e profissional é ouvir com eficácia".[226]

Ouvir é importante especialmente em situações de conflito. Sempre que há uma questão trabalhística, é quase certo que ambos os lados têm um pouco de razão. Nenhum dos lados é totalmente egoísta ou totalmente louco. A essência da conciliação, portanto, está em persuadir cada um dos lados a ouvir o outro lado. Às vezes

---

[217] 1 Sm 3.9-10
[218] Is 50.4
[219] Lc 10.39
[220] Lc 10.42
[221] Pv 12.15;cf 13.10; 15.12,22:20.18
[222] Pv 15.31 *;cf.* 9.8; 17.10; 25.12; 27.5
[223] Pv 18.15
[224] Pv 1.8
[225] *Reader's Digest,* setembro de 1937
[226] Arthur Robertson, *The Language of Effective Listening (ScotlForesmím* Professional Books, 1991), p. xv.

criam-se situações de surdez quase total e falta de compreensão de ambos os lados. Em vez de ouvir, as pessoas preferem gritar umas com as outras. Mas a reconciliação só é possível quando ambos os lados se dispõem a sentar juntos, deixar de lado os preconceitos e ouvir um ao outro.

Em terceiro lugar, o mesmo princípio aplica-se ao *estado*. Se democracia é governar com o consentimento do governado, então este precisa ser ouvido. Caso contrário, não se pode dizer que deu o seu consentimento. Em 1864, um pouco antes do fim da Guerra Civil Americana e antes de o Congresso adotar a lei que aboliu a escravatura, Harriet Beecher Stowe entrevistou Abraham Lincoln e escreveu: "Cercado por toda sorte de reivindicações conflitivas, por traidores, por tímidos homens de corações divididos, por homens dos Estados das Fronteiras e homens dos Estados Livres, por abolicionistas e por conservadores radicais, Lincoln tem ouvido a todos eles, pesando as palavras de todos...".[227] Eu acho que a disposição para ouvir a todos os matizes de opinião é uma *sine qua non* para ser um estadista.

Em quarto lugar, aplica-se à *igreja.* A história da igreja tem se constituído num registro de controvérsias longo e deveras desanimador. Trata-se, na maioria das vezes, de questões teológicas importantes. Mas, com a mesma frequência, elas têm sido exacerbadas pela falta de capacidade ou disposição para ouvir. Eu mesmo tenho como princípio nunca meter-me em um debate teológico sem primeiro ouvir a outra pessoa ou ler o que ela escreveu — ou, de preferência, ambas as coisas. Alguns amigos evangelicais juntaram-se a mim para um encontro com John Robinson, após a publicação de *Honesto com Deus (Honest to God),* depois com cinco colaboradores de *O Mito do Deus Encarnado (The Myth of God Incarnate)* após a publicação deste, e com David Jenkins, após as suas provocadoras declarações acerca da ressurreição. Naturalmente, não posso dizer que o desacordo foi superado por esse diálogo, mas pelo menos as divergências diminuíram e a nossa integridade foi preservada.

Isto acontece ainda mais no caso de debates evangélicos internos. Quando nos isolamos e o nosso único contato consiste em atirar granadas uns contra os outros através de uma zona neutra, cria-se em nossa mente uma imagem completinha do nosso "inimigo", com patas, chifres e tudo! Mas quando nos encontramos, sentamos juntos e começamos a ouvir, não apenas se torna evidente que nossos opositores não são nenhum demónio, como também descobrimos que eles são seres humanos normais, e até mesmo nossos irmãos e irmãs em Cristo, e daí aumenta a possibilidade de compreensão e respeito mútuos. E ainda tem mais: quando, além do que os outros estão dizendo, nós ouvimos também aquilo que está por detrás do que eles dizem, e especialmente quando ouvimos o que é que eles tanto tentam salvaguardar, geralmente descobrimos que nós mesmos queremos defender a mesma coisa.[228]

Eu não estou dizendo que essa disciplina é fácil. Longe disso. Ouvir com paciência e integridade ambos os lados de um argumento pode causar uma profunda dor mental, pois implica em interiorizar o debate até que se consiga, não só captar, mas também sentir a força de ambas as posições. Mas este é um outro aspecto do "ouvir duas vezes" para o qual estou apelando neste livro.

Quem sabe, Deus tenha confiado principalmente aos pastores esse ministério do ouvir. Bonhoeffer, perspicaz como sempre, escreveu a este respeito:

O primeiro serviço que se deve aos outros na comunhão consiste em ouvi-los. Assim como o amor a Deus começa com ouvir a sua Palavra, assim também o princípio do amor aos irmãos é aprender a ouvi-los. É amor de Deus por nós que ele, além de dar-nos a sua Palavra, empresta-nos também o seu ouvido. Assim, quando aprendemos a ouvir o nosso irmão, é a obra de Deus que estamos fazendo. Com muita frequência os cristãos, especialmente os ministros, pensam que sempre têm que dizer alguma coisa quando estão em companhia dos outros, que este é o único serviço que podem prestar. Eles se esquecem de que ouvir pode ser um serviço bem maior do que falar...

O cuidado pastoral fraternal distingue-se essencialmente do pregar pelo fato de que, acrescida à tarefa de falar a Palavra, existe a obrigação de ouvir. Existe um tipo de ouvir que só ouve pela metade, pois já pressupõe saber o que o outro tem a dizer. É um ouvir desatento, impaciente, que despreza o irmão e só está esperando uma chance para falar e assim livrar-se da outra pessoa. Isto não é cumprir a nossa obrigação...

Os cristãos se esqueceram de que o ministério do ouvir lhes foi confiado por aquele que é, ele mesmo, o grande ouvinte e de cuja obra eles deveriam participar. Nós deveríamos ouvir com os ouvidos de Deus e falar a Palavra de Deus.[229]

---

[227] Stephen B. Oates, *Abraham Lincoln: The Man Behind the Myths* (New American Library, 1984), p. 125-126

[228] Ver, por exemplo, *Evangelização e Responsabilidade Social* (ABU e Visão Mundial, 1983), especialmente as páginas 8 a 9

[229] Dietrich Bonhoeffer, *Life Together* (Harper and Brothers, 1954), pp. 97-99

Ouvindo o mundo

O mundo de hoje está repleto de clamores que refletem ira, frustração e sofrimento. Mas muitas vezes nós nos fazemos de surdos diante dessas vozes de angústia.

Primeiro, temos o sofrimento daqueles que nunca ouviram o nome de Jesus, ou que, embora tenham ouvido falar nele, ainda não o aceitaram e, portanto, em sua alienação e perdição, estão sofrendo terrivelmente. Neste caso, o que costumamos fazer é sair correndo com o evangelho nas mãos, subir no nosso poleiro e vomitar a nossa mensagem, sem a mínima consideração para com a situação cultural ou as verdadeiras necessidades dessas pessoas. O resultado é que, com muito mais frequência do que gostaríamos de admitir, nós afastamos as pessoas e até mesmo aumentamos sua alienação, pois a forma como apresentamos a Cristo é insensível, desajeitada e até irrelevante. De fato, "responder antes de ouvir é estultícia e vergonha".[230]

A melhor coisa é ouvir antes de falar, procurar penetrar no mundo das idéias e pensamentos da outra pessoa, tentar descobrir quais são as suas possíveis objeções ao evangelho e então compartilhar com ela as boas novas de Jesus Cristo de uma maneira que fale às suas necessidades. Esta atividade desafiadora, humilde e perspicaz é chamada, e com razão, de "contextualização". Mas é essencial acrescentar que contextualizar o evangelho não é de maneira alguma manipulá-lo. A verdadeira evangelização precisa "ouvir duas vezes", ouvir com sensibilidade, pois a testemunha cristã fica entre a Palavra e o mundo e está, consequentemente, na obrigação de ouvir a ambos. Nós ouvimos a Palavra a fim de descobrir mais e mais das riquezas de Cristo. E ouvimos o mundo a fim de discernir, dentre as riquezas de Cristo, quais são as mais necessitadas e como apresentá-las a ele da melhor maneira.

Isto mostra a natureza e o propósito do diálogo intercon-fessional. Diálogo não é nem um sinônimo nem um substituto de evangelização. Diálogo é uma conversação séria na qual nós estamos dispostos a ouvir e aprender, assim como a falar e ensinar. É, pois, um exercício de integridade. "E uma atividade inata", escreveu Max Warren. "É, na sua própria essência, uma tentativa de 'ouvir' mútuo, ouvir a fim de compreender. O seu galardão é a compreensão."[231] Além disso, Max Warren sabia de que ele estava falando, como nos diz em sua autobiografia:

A primeira lembrança que eu tenho é de uma luz tremeluzente e de minha mãe lendo para mim. Estou olhando para as chamas e ouvindo. Eu devia ter uns três ou quatro anos... Muito antes de saber ler, eu já estava aprendendo a ouvir, talvez a mais preciosa lição que já aprendi... E, além do mais, ler sempre foi para mim uma maneira de ouvir. Para mim, os livros sempre foram "pessoas", nem tanto a pessoa do autor como o próprio livro falando, enquanto eu escuto.[232]

Em segundo lugar, temos o sofrimento dos pobres e dos famintos, dos despossuídos e dos oprimidos. Muitos de nós só agora é que estão despertando para a obrigação que a Escritura sempre colocou sobre o povo de Deus, de preocupar-se com a justiça social. Nós deveríamos ouvir com mais atenção os clamores e os suspiros daqueles que estão sofrendo. Quero compartilhar aqui um versículo bíblico que nós temos negligenciado e que, em se tratando deste assunto, quem sabe deveríamos destacar. Ele contém uma solene palavra de Deus para aqueles que, dentre o seu povo, carecem de consciência social. Encontra-se em Provérbios 21.13: "O que tapa o ouvido ao clamor do pobre também clamará e não será ouvido."

Fechar os ouvidos aos outros é um sinal evidente de desrespeito. Quando nos recusamos a ouvir alguém, estamos dizendo que não consideramos essa pessoa digna de ser ouvida. Mas só existe um que nós deveríamos recusar-nos a ouvir, pelo simples fato de que não vale a pena ouvi-lo — e este é o diabo, junto com seus emissários. A essência da sabedoria é ser um ouvinte que sabe discernir, distinguir e escolher cuidadosamente a quem ouvir. Deixar de fazer isso foi o erro dos nossos primeiros pais no Jardim do Éden. Ao invés de darem ouvidos à verdade de Deus, eles deram crédito às mentiras de Satanás. E quantas vezes nós somos loucos o suficiente para imitá-los!

Mas nós não deveríamos dar ouvidos à conversa do diabo, seja através de mentiras ou propaganda, calúnias ou fofocas, obcenidades ou insultos. "O prudente oculta a afronta."[233] O mesmo se aplica a cartas anônimas. Pode-se até ficar muito perturbado com elas, pois geralmente são grosseiras. Mas, por que levar a sério as críticas de um correspondente que não tem coragem de revelar sua identidade? Uma história que bem ilustra isso é contada por Joseph Parker, que foi ministro em Londres no final do século passado. Ao subir ao

---

[230] Pv 18.13

[231] De um trabalho intitulado *Presence and Proclamation,* lido em uma Consulta Europeia sobre Estudos Missionários, em abril de 1968

[232] M. A. C. Warren, *Crowded Cativas* (Hodder and Stoughton, 1974), p. 16, 18

[233] Pv 12.16

alto púlpito numa manhã de domingo, uma senhora que estava na galeria atirou nele um pedaço de papel. Apanhando-o, ele viu que continha apenas uma palavra: "Imbecil!". Dr. Parker comentou: "Já recebi muitas cartas anónimas em minha vida. Até aqui, elas sempre foram um texto sem assinatura. Hoje, pela primeira vez, eu recebi uma assinatura sem texto!"

Se nos recusamos terminantemente a dar ouvidos a qualquer coisa que seja falsa, injusta, descortês ou impura, deveríamos ao mesmo tempo ouvir cuidadosamente instruções que contenham pontos de vista, interesses, problemas e preocupações de outras pessoas. Pois, como bem se diz: "Deus nos deu dois ouvidos, mas somente uma boca; portanto, é evidente que ele esperava que ouvíssemos o dobro do que falamos."

Tirar tempo para ouvir a Deus e aos nossos semelhantes começa como um sinal de cortesia e respeito, continua como o caminho para a compreensão mútua e para o aprofundamento dos relacionamentos e, acima de tudo, é um autêntico sinal de humildade e amor cristão. Portanto, queridas irmãs e irmãos, todo mundo deveria ser "pronto para ouvir, tardio para falar, tardio para se irar".[234]

38 Tg 1.19

CAPITULO SETE
MENTE E EMOÇÕES

O discipulado cristão abrange toda a nossa personalidade humana. Devemos amar o Senhor nosso Deus com todo o nosso coração, alma, entendimento e força.[235] Nossa mente deve ser renovada[236] e nossas emoções purificadas,[237] nossa consciência deve estar sempre limpa[238] e nossa vontade submissa à vontade de Deus.[239] Uma das exigências do discipulado é que tudo o que conhecemos sobre nós mesmos esteja comprometido com tudo aquilo que nós conhecemos acerca de Deus. Mas, dentre os vários elementos de que se constitui o nosso ser humano, o que mais ocupa os autores bíblicos é a nossa mente e as nossas emoções. Por isso vamos considerar cada um separadamente, e depois os dois em relação um com o outro.

A mente

Conta-se que duas mulheres estavam conversando no supermercado do bairro e uma disse à outra: "O que é que há com você? Parece tão preocupada!"

"E estou mesmo", respondeu sua amiga; "não paro de pensar na situação do mundo."

"Bem", disse a primeira senhora, "é melhor você levar as coisas mais filosoficamente... e pare de pensar!"

É realmente engraçada essa idéia de que a maneira de se tornar "mais filosófico" é pensar menos. Mas estas duas senhoras estavam refletindo o espírito antiintelectual moderno, que produz pessoas que desistiram de pensar.

Essa tendência deve ser confrontada com a advertência do apóstolo Paulo: "Irmãos, não pensem como crianças.

Quanto ao mal sejam crianças, mas no modo de pensar sejam adultos".[240] Note-se que ele começa exatamente com as palavras usadas por uma das mulheres do supermercado: "Pare de pensar". Só que ele continua: "...como crianças". É verdade que Jesus nos disse para nos tornarmos como crianças; mas com isso ele não estava dizendo que precisamos imitar as crianças em tudo. Da mesma forma, Paulo nos exorta a sermos crianças — de fato, "infantes" ou "bebês" — no mal (quanto menos sofisticados formos em relação ao mal, melhor); mas em nossa maneira de pensar, acrescenta ele, temos de crescer, tornar-nos maduros. Toda a revelação bíblica está por detrás do apelo de Paulo.

Primeiro, o uso responsável da nossa mente *glorifica o nosso Criador.* Afinal, ele é (entre outras coisas) um Deus racional, que nos criou, à sua própria imagem, seres racionais e nos deu, por nossa natureza e nas Escrituras, uma revelação dupla e racional, e espera que usemos nossas mentes para explorar o que ele revelou. Toda pesquisa científica é baseada nas seguintes convicções: o universo é um sistema inteligível e até

[234] Tg 1.19
[235] Mc 12.30
[236] Rm 12.2; Ef 4.23
[237] *P.* ex, Ef 4.26; 1 Pe 1.22
[238] At 24.16
[239] P.. *ex.,* Mc 14.36; Mt 6.10; Cl 4.12.
[240] 1 Co 14.20 *(BLH)*

significativo; existe uma correspondência fundamental entre a mente do pesquisador e os dados a serem investigados; essa correspondência é a racionalidade. Por isso "um cientista que se defronta com uma aparente irracionalidade não a aceita como definitiva... Ele continua tentando encontrar alguma forma racional pela qual os fatos possam ser relacionados uns com os outros... Sem essa ardente confiança na suprema racionalidade do mundo, a ciência iria estagnar e morrer...".[241] Portanto, não é por acaso que os pioneiros da revolução científica eram cristãos. Eles acreditavam que o Deus racional havia gravado sobre o mundo e sobre eles o selo da sua racionalidade. Desta forma os cientistas, quer saibam, quer não, estão "pensando pensamentos de Deus, assim como ele", como expressou no século XVII o astrônomo alemão Johannes Kepler.

Quem estuda a Bíblia de forma consciente também está "pensando pensamentos de Deus, assim como ele", pois, na Escritura, Deus nos deu uma revelação ainda mais clara e completa de si mesmo. Ele "falou" conosco, comunicando através de palavras os seus pensamentos. Em particular, ele nos revelou seu amor por pecadores como nós e o plano que tinha de salvar-nos através de Jesus Cristo.

Portanto, se Deus fez de nós pessoas racionais, porventura iremos negar este aspecto essencial da nossa criação? Se ele se deu ao trabalho de revelar-se a nós, será que vamos negar sua revelação? De maneira nenhuma. Usar apropriadamente a nossa mente não é nem abdicar da nossa responsabilidade e ir para a cama, nem proclamar a autonomia do raciocínio humano (como fizeram os líderes do Iluminismo), colocando sob julgamento os dados da revelação divina, mas, sim, assentar-nos humildemente em submissão a eles, estudando-os, interpretando-os, sintetizando-os e aplicando-os. Somente assim poderemos glorificar o nosso Criador.

Em segundo lugar, o uso responsável da nossa mente *enriquece a nossa vida cristã.* Não estou pensando agora em educação, cultura ou arte, que enriquecem e dão qualidade à vida humana, mas sim em nosso discipulado, do qual nenhuma parte é possível se sufocarmos a nossa mente. "Rememorando a minha experiência como pastor durante uns trinta e quatro anos", escreveu Martyn Lloyd-Jones, "posso testemunhar sem a menor hesitação que as pessoas que eu mais encontrei com problemas na sua experiência espiritual foram aquelas que não tinham entendimento. Estas coisas não podem ser divorciadas uma da outra. Quando não se tem um verdadeiro entendimento, tudo dá errado, tanto na vida prática como na experiência."[242]

Deixem-me ilustrar isto em relação à fé. É impressionante como muitas pessoas pensam que fé e razão são incompatíveis. Mas estas nunca se contradizem na Escritura. Fé e vista são contrastadas,[243] mas não fé e razão. Fé, conforme as Escrituras, não é nem credulidade, nem superstição, nem "uma crença ilógica na ocorrência do improvável",[244] mas uma tranquila e atenta confiança no Deus que se sabe ser digno de confiança. Consideremos Isaías 26.3-4:

> Tu, Senhor,
> conservarás em perfeita paz
> aquele cujo propósito é firme;
> porque ele confia em ti. Confiai no Senhor perpetuamente,
> porque o Senhor Deus é uma rocha eterna.

Nestes versículos, confiar no Senhor e deixar que a mente descanse firmemente nele são sinónimos; a razão de se confiar nele é que ele é uma rocha firme; e o galardão da fé é a paz. Somente refletindo na imutabilidade de Deus é que a nossa fé cresce. E quanto mais nos damos conta de que ele é imutável, tanto mais firme se torna a nossa fé.

Ou então consideremos a nossa necessidade de receber orientação divina. Muita gente pensa que a orientação divina é uma alternativa para o pensamento humano, ou mesmo um artifício muito conveniente, pois lhes poupa o incómodo de pensar. Elas esperam que Deus vá refletir na tela do seu interior respostas para suas perguntas e soluções para os seus problemas, sem levar em conta o raciocínio delas. E Deus, é claro, tem toda liberdade para fazer isso; e talvez ele até o faça uma vez ou outra. Mas a Escritura nos dá o respaldo para insistirmos que a maneira normal de Deus nos guiar é racional e não irracional, ou seja, exatamente através dos processos de pensamento que ele criou em nós.

O Salmo 32 deixa isso muito claro. O versículo 8 contém uma maravilhosa promessa de orientação divina, que se poderia desdobrar em três aspectos: "Instruir-te-ei e te ensinarei o caminho que deves seguir; e, sob as minhas vistas, te darei conselho." Mas *como* Deus irá cumprir sua promessa? O versículo 9 continua: "Não sejais como o cavalo ou a mula, sem entendimento, os quais com freios e cabrestos são dominados; de

---

[241] Lesslie Newbigin, *Foolishness to the Greeks* (SPCK, 1986), p. 70

[242] D. Martyn Lloyd-Jones, *The Christian Warfare* (Banner of Truth, 1976), p. 114

[243] *2* Co 5.7

[244] H. L. Mencken, que escrevia para o *Baltimore Sun* e às vezes era chamado "o sábio de Baltimore"

outra sorte não te obedecem." Se colocarmos lado a lado a promessa e a proibição, o que Deus está nos dizendo é: "Eu prometo que irei guiá-lo, mostrando-lhe o caminho a seguir. Mas não espere que eu o guie como se faz com os cavalos e as mulas (isto é, pela força e não pela inteligência), pelo simples fato de que você não é um cavalo e nem uma mula. Eles não têm 'entendimento'; mas você tem. Na verdade, eu mesmo lhe dei o precioso dom do entendimento. Use-o! Então eu o guiarei *por intermédio de* seu entendimento."

Em terceiro lugar, o uso responsável da nossa mente *fortalece o nosso testemunho evangelístico.* Quanto do evangelismo moderno é uma violação às emoções e à vontade, sem a mínima consideração pela mente! Mas o nosso apelo evangelístico nunca deveria pressupor que as pessoas vão interromper, e muito menos anular, o seu raciocínio. É verdade que o evangelho espera de nós uma mente humilde, mas ele também requer que tenhamos uma mente aberta à verdade de Deus.

É assim que Deus age, e a prática dos apóstolos deixa isso muito claro. Vimos, no capítulo 3, que em Corinto Paulo renunciou à sabedoria do mundo e à retórica dos gregos;[245] mas do conteúdo doutrinário da sua pregação e da apresentação de argumentos ele não abriu mão. Ali mesmo em Corinto, Lucas o retrata "arrazoando" com as pessoas e tentando "persuadi-las",[246] enquanto que em Efeso ele "discorria" e debatia diariamente em uma escola secular durante dois anos.[247] É verdade que a sua confiança estava no Espírito Santo. Mas, sendo o Espírito de verdade, o Espírito Santo conduz as pessoas à fé em Cristo por meio das evidências e não a despeito destas. Em nossos dias, é urgentemente necessário que se inclua a apologética em nossa evangelização; ou seja, tanto quanto proclamar o evangelho, nós temos que defendê-lo. Em toda a nossa evangelização nós precisamos ser capazes de declarar, como Paulo fez para Festo: "Digo palavras de verdade e de bom senso".[248] Além disso, Deus com certeza está chamando alguns homens e mulheres em nossa geração, tal como o fez no passado, a fim de dedicarem seu intelecto dado por Deus para a tarefa de "defender e confirmar o evangelho".[249]

Precisamos, portanto, arrepender-nos desse culto à estupidez, bem como de qualquer resquício de antiinte-lectualismo ou de preguiça intelectual que porventura tenhamos alimentado. Estas coisas são negativas, limitadoras e destrutivas. Elas insultam a Deus, nos empobrecem e enfraquecem nosso testemunho. O uso responsável de nossas mentes, por outro lado, glorifica a Deus, nos enriquece e fortalece nosso testemunho no mundo.

Necessitamos, no entanto, duas qualificações, pois há dois "ismos" que, se não permanecermos alertas, poderão resultar dessa ênfase na mente.

São eles o *elitismo* e o *intelectualismo.* O elitismo, neste contexto, limitaria o pensamento cristão a uma pequena minoria de pessoas educadas na universidade. Daria a impressão de que apenas um grupo seleto e mesmo exclusivo de cabeças pensantes seria capaz de usar a mente. Mas esta é uma idéia bizarra, que devemos combater com toda veemência. É verdade que os cristãos foram os pioneiros da educação, e seu desejo é que todo mundo tenha a melhor educação possível, a fim de desenvolver ao máximo o seu potencial. Entretanto, a educação formal não é fator indispensável para o desenvolvimento do pensamento cristão. *Todos* os seres humanos foram criados seres racionais à imagem de Deus e têm a capacidade de aprender a pensar. Há alguns anos, eu estava falando a um grupo de clérigos em Liverpool e disse alguma coisa quanto a usar a nossa mente dada por Deus. Assim que acabei de falar, alguém se levantou e reagiu, dizendo que eu estava limitando o cristianismo aos intelectuais e excluindo as classes operárias, entre as quais ele trabalhava. Eu nem precisei replicar, pois na mesma hora vários obreiros que trabalhavam em bairros pobres se ergueram, furiosos. "Você está insultando as classes trabalhadoras", disseram ao homem que havia falado. "Os operários podem não ter tido tanta educação formal quanto você, mas eles são tão inteligentes e tão capazes de pensar quanto você!" Nossa tarefa, portanto, é incentivar todo o povo de Deus a pensar, e não desenvolver uma elite intelectual.

O segundo perigo é o intelectualismo, ou o encorajamento de um cristianismo que seja por demais "cerebral" e muito pouco "visceral". Isto é: um cristianismo que fique só no cérebro, mas que não chegue às entranhas, um cristianismo sem sentimentos. Contudo, para incentivar uma pessoa a usar o seu raciocínio não é necessário exortá-la a suprimir os seus sentimentos. Eu sempre digo aos nossos alunos do Instituto de Cristianismo Contemporâneo, em Londres, que a nossa função ali não é "criar girinos". O girino é uma criatura pequenina com uma cabeça enorme — e nada mais além disso. Certamente existe por aí um bom número de

[245] 1 Co 2.1-5
[246] At 18.4
[247] At 19.9-10
[248] At 26.25
[249] Fp 1.7

"cristãos-girinos". Suas cabeças estão explodindo de pura teologia, mas isso é tudo que eles têm. Nada disso. Nós queremos ajudar as pessoas a desenvolverem não apenas uma mente cristã, mas também um coração cristão, um espírito cristão, uma consciência cristã e uma vontade cristã — ou seja, a tornarem-se cristãos integrais, pessoas totalmente integradas, sob o senhorio de Cristo. E isto inclui suas emoções.

O livro *O Escolhido,* de Chaim Potok,[250] e o filme nele baseado ilustram muito bem isso. E a história de dois jovens judeus que se criaram no Brooklin, Nova York, durante e depois da Segunda Guerra Mundial. O pai de Danny Saunders era um rígido rabi hasídico, enquanto que o pai de Malter era um escritor, pertencente à tradição liberal judaica. Na amizade dos dois meninos estas duas tradições entraram em conflito. A pessoa do Rabi Saunders nos impressiona durante quase todo o livro, porque, embora seja uma pessoa muito humana, ele nunca fala com Danny, a não ser quando está lhe ensinando coisas do Talmude. Pelo contrário, ele mantém entre' eles um "estranho silêncio".[251] Só quase no final é que se explica o mistério. O Rabi Saunders diz que Deus o abençoou com um filho brilhante, "um menino com uma mente que é uma jóia". Quando Danny tinha apenas quatro anos, seu pai viu-o lendo um livro; e ficou assustado, pois ele o "devorava". O livro descrevia os sofrimentos de um pobre judeu, mas mesmo assim Danny se deliciava com a leitura! "Não havia alma alguma em meu Danielzinho de quatro anos, mas apenas a sua mente. Ele era uma mente num corpo sem alma!"[252] Então o rabi clamou a Deus: "O que fizeste comigo? Será que eu preciso de uma mente dessas para ser meu filho? Eu preciso de um *coração* como filho, uma *alma* como filho, compaixão..., justiça, misericórdia, força para sofrer e suportar a dor. É *isso* que eu quero do meu filho, e não uma mente sem alma!"[253] E então o Rabi Saunders seguiu uma antiga tradição hasídica e criou o seu filho em silêncio. Assim, "no silêncio entre nós dois, ele começou a ouvir o clamor do mundo."[254] Na cena final de reconciliação entre pai e filho, o rabi diz que Danny havia aprendido "através da sabedoria e da dor do silêncio, que uma mente sem coração não vale nada".

As emoções

Meus leitores provavelmente nem suspeitam que eu seja uma pessoa emotiva. Pois é. Eu sou um daqueles cavalheiros ingleses frios e distantes, descendente de nórdicos durões e de rudes anglo-saxões, sem nenhum traço de calor celta ou latino em meu sangue. Com tal ascendência, já era de se esperar que eu fosse um sujeito tímido, reservado e de nariz empinado. Além disso, fui educado em uma escola inglesa muito elitizada cuja filosofia era "aguenta firme". Isto é, já que uma tremidinha no lábio superior é o primeiro sinal visível de emoção, a tradição era endurecê-lo. Ensinaram-me as virtudes dignas de um homem — coragem, força e autodisciplina — e me advertiram que, sempre que por algum acaso eu sentisse alguma emoção, nunca deveria deixar transparecer. Chorar era estritamente para mulheres e apenas para crianças, nunca para homens.

Mas aí eu fui apresentado a Jesus Cristo. Para minha surpresa, descobri que Deus, cuja "impassibilidade", segundo eu pensava, significava que ele era incapaz de qualquer emoção, fala (se bem que em termos humanos) de sua ira ardente e do seu amor vulnerável.[255] Descobri também que Jesus de Nazaré, o perfeito ser humano, não era um "machão durão", um asceta sem emoções. Pelo contrário, li que ele expulsou os hipócritas com raiva, que ele olhou para um jovem líder rico e o amou, que tanto podia regozijar-se em espírito como suar gotas de sangue em agonia espiritual, vivia se compadecendo das pessoas e até rompeu em lágrimas duas vezes em público.

Com todas estas evidências, é óbvio que nossas emoções não são para serem reprimidas, já que elas têm um lugar essencial em nossa natureza humana e, portanto, em nosso discipulado cristão.

Primeiro, há lugar para a emoção na *experiência espiritual.* Como já vimos, o Espírito Santo é o Espírito da verdade. Mas seu ministério não se restringe a iluminar nossas mentes e ensinar-nos acerca de Cristo. Ele também derrama o amor de Deus em nossos corações.[256] De igual forma, ele testifica com o nosso espírito que nós somos filhos de Deus, levando-nos a dizer *"Aba, Pai"*[257] e a exclamar com gratidão: "Vede que grande amor nos tem concedido o Pai a ponto de sermos chamados filhos de Deus".[258] Além disso, embora ainda não

[250] Chaim Potok, *The Chosen* (1967; Penguin, 1970)
[251] *Ibid,* p. 200
[252] *Ibid,* p. 273
[253] l*bid,* p. 274
[254] *Ibid,* p. 277.
[255] *P. ex.*. Os 11.8-9
[256] Rm 5.5
[257] Rm 8.15-16
[258] 1 Jo 3.1

tenhamos visto a Cristo, apesar disso nós o amamos e confiamos nele, e assim "exultamos com alegria indizível e cheia de glória".[259]

Naturalmente, existem experiências espirituais de muitos tipos e nós não devemos tentar estereotipá-las, insistindo para que todo mundo vivencie exatamente a mesma experiência. Apesar disso, todos os cristãos, pelo menos de vez em quando, têm sentimentos, tanto de profunda tristeza como de profundo gozo. Por um lado, nós "gememos em nosso íntimo" em solidariedade com a criação caída, sentindo o peso da nossa própria queda e ansiando por nossa redenção final.[260] Por outro lado, exultando no Senhor, transbordamos de gratidão pelo grande amor com que ele nos amou.

Segundo, existe lugar para a emoção na *adoração pública.* Hebreus 12.22-24 diz que quando nos reunimos para adorar não estamos apenas "indo à igreja", ou seja, a um edifício. Nós já temos, diz o autor, "chegado ao monte Sião e à cidade do Deus vivo, a Jerusalém celestial". Chegamos "a incontáveis hostes de anjos, e à universal assembleia e igreja dos primogênitos arrolados nos céus". Chegamos "a Deus, o Juiz de todos, e aos espíritos dos justos aperfeiçoados, e a Jesus, o Mediador da Nova Aliança, e ao sangue da aspersão que fala coisas superiores ao que fala o próprio Abel." O reconhecimento desta dimensão cósmica dá nova forma ao nosso culto. Pode ser que em certos domingos só tenham vindo à igreja umas poucas pessoas, e isso um grupinho bastante heterogéneo. Mas então nos lembramos de que estamos "na presença do Deus Todo-poderoso e de todo o exército dos céus". E ao participarmos da ceia nós declaramos que nos reunimos aos "anjos e arcanjos, com todo o exército dos céus" para adorar o glorioso nome de Deus. Isto quer dizer que somos transportados para além de nós mesmos, passando a uma realidade eterna e invisível. Ficamos profundamente emocionados com as glórias de que falamos e cantamos, e nos prostramos diante de Deus em humilde e jubilosa adoração.

Terceiro, a emoção tem seu lugar na *pregação do evangelho.* O apóstolo Paulo usava seu raciocício, como já vimos. Ele acreditava na verdade de sua mensagem. Dedicava tempo e trabalho para defender, expor, argumentar e proclamar a mensagem em sua plenitude. Mas sua explanação de todo o plano de Deus nunca foi fria ou árida. Pelo contrário, ele escreveu que Deus "nos confiou a palavra da reconciliação. De sorte que somos embaixadores em nome de Cristo, como se Deus exortasse por nosso intermédio. Em nome de Cristo, pois, rogamos que vos reconcilieis corri Deus."[261] Paulo não se contentava em simplesmente apresentar o evangelho: ele ia mais adiante, implorando às pessoas que o aceitassem. A essa exposição sistemática ele acrescentava um veemente apelo pessoal. E muitas vezes, acrescenta ele, sua proclamação foi acompanhada de lágrimas.[262]

Certos pregadores são impecáveis, tanto em sua doutrina como na eloquência. Mas nunca aprenderam a se debruçar sobre o púlpito com lágrimas nos olhos, rogando às pessoas que se reconciliem com Deus. Outros se deixam entusiasmar em delírio arrebatador, implorando por uma decisão, mas nunca fazem uma exposição detalhada e convincente do evangelho. Por que polarizar? É a combinação entre verdade e lágrimas, entre mente e emoção, razão e paixão, exposição e apelo, que faz o pregador de verdade. Afinal, "O que é pregar?" pergunta Lloyd-Jones, e passa a responder a sua própria pergunta. "Lógica em chamas! Razão eloquente! Serão as duas contraditórias? E claro que não. A razão concernente a esta Verdade deveria ser poderosamente eloquente... Pregação é teologia transmitida por um homem que está em chamas."[263]

Quarto, há lugar para emoção no *ministério pastoral e social.* Aqui, como em todas as coisas, o próprio Jesus é o nosso modelo perfeito. Vamos visualizá-lo no túmulo de Lázaro, face a face com a realidade da morte. Conforme as Escrituras, a morte é uma intromissão estranha no bom mundo de Deus e não faz parte, nem do seu propósito original, nem do seu propósito final. A Bíblia chama a morte de "inimigo" — na verdade, ele é "o último inimigo a ser destruído".[264] E então, como é que Jesus reage ao ser confrontado com esse arquiinimigo de Deus e de toda a raça humana? Surpreendentemente, ele reagiu com duas violentas emoções.

Primeiro, ele ficou indignado e com raiva. Em João 11.33 e 38 lemos que ele "ficou muito perturbado" (NTV), "ficou muito triste e comovido" (BLH), "agitou-se no espírito e comoveu-se" (ERAB). O verbo grego *enebrimesato* (v. 33) significa "resfolegar, bufar"; literalmente, a palavra é usada com referência a cavalos e

---

[259] 1 Pe 1.8

[260] Rm 8.22-25; 2 Co 5.2-4

[261] Co 5.19-20

[262] P. ex., At 20.19, 31; Fp 3.18

[263] *D.* Martyn Lloyd-Jones, *Preaching and Preachers* (Hodder and Stoughton, 1971), p. 97

[264] 1 Co 15.26

metaforicamente para indignação.[265] C. K. Barrett, em seu comentário sobre João 11, escreve: "Não se discute que *embrimasthai* implica raiva." B. B. Warfield vai ainda mais longe: "O que João nos diz... é que, ao aproximar-se da sepultura de Lázaro, o estado de Jesus não era o de tristeza incontrolável, mas de fúria irreprimível." Por quê? Porque ele viu "a maldade da morte, sua anormalidade, sua 'violenta tirania', como diz Calvino." "Ele consume-se de cólera contra o opressor dos homens... Fica tomado de fúria; todo o seu ser é transtornado e perturbado... É a morte que é o objeto de sua ira e, por detrás da morte, aquele que tem o poder da morte e aquele que veio ao mundo para destruir."[266]

Depois lemos sobre uma segunda reação emocional de Jesus, a saber, tristeza e compaixão. Em sete diferentes ocasiões nos Evangelhos Jesus "moveu-se de compaixão" — por exemplo, com relação às multidões famintas e sem lideranças, a viúva de Naim, os sofredores de lepra e um mendigo cego. E em João 11 nós lemos que "Jesus chorou" (versículo 35) — agora, não mais lágrimas de ódio diante da morte, mas lágrimas de simpatia pelas irmãs enlutadas. Não é bonito ver Jesus, ao ser confrontado com a morte e o luto, comover-se tão profundamente? Ele sentiu indignação diante da morte e compaixão pelas vítimas desta. Primeiro, ele "bufou de raiva" (versículo 33) e depois ele "chorou" (versículo 35).

Eu, pessoalmente, gostaria de ver mais indignação cristã para com o mal no mundo e mais compaixão cristã pelas vítimas do mal. Pense na injustiça social e na tirania política, no impiedoso assassinato de fetos humanos dentro do ventre, como se eles não passassem de meros pedaços de carne, ou na maldade e cinismo dos vendedores de droga e dos produtores de pornografia, que fazem fortuna explorando a fraqueza das pessoas e à custa da ruína delas. Se estes e muitos outros males são odiosos para Deus, por que o seu povo não se revolta contra eles? E as vítimas do mal — os pobres, os famintos e os desabrigados, os meninos de rua abandonados pelos pais, as crianças que não nasceram ainda, mas cujas vidas já são ameaçadas por causa de uma sociedade egoísta, os prisioneiros torturados pela consciência, bem como os alienados e perdidos que nunca ouviram falar do evangelho? Onde está a compaixão de Jesus, que se expressa em ação prática em favor daqueles que sofrem?

Eu não sei até onde vai a confissão cristã de Bob Geldof; mas sua consciência e preocupação social são de causar vergonha a muitos de nós, cristãos. O que terá acontecido para transformar o "miserável cantor popular irlandês" em "Santo Bob", o herói *cult* que alertou o mundo para o holocausto de fome na África? Assistindo às notícias da televisão sobre a fome na Etiópia, no final de 1984, ele passou pelo que se poderia chamar de "uma conversão secular". As pessoas que ele via na tela da sua televisão estavam "tão murchas e encolhidas de fome que pareciam seres de outro planeta".[267] "Eu fiquei enojado, enfurecido e injuriado", disse ele; "mais do que tudo isso, porém, senti uma profunda vergonha."[268] Foi desta experiência que surgiram o Band Aid, o Live Aid e outras iniciativas que levantaram milhões e milhões de dólares. O que o levou a fazer isso? Foi uma combinação de "compaixão com repugnância".[269]

Mente e emoções

Até aqui nós consideramos nosso intelecto e nossas emoções, separadamente, e vimos que ambos desempenham um papel indispensável em nosso discipulado cristão. Como cristãos, nós não devemos ser, nem tão emocionais que nunca cheguemos a pensar, nem tão intelectuais que nunca consigamos sentir. Deus nos fez seres humanos, e um ser humano é, por criação, tanto racional como emocional.

Mas, como é que se estabelece a relação entre a nossa mente e as nossas emoções? Existem duas relações específicas que são enfatizadas pelas Escrituras, e nas quais é a mente que exerce o papel principal. Mas elas são também complementares, no sentido de que a primeira é negativa, e a segunda, positiva.

Primeiro, e no sentido negativo, *a mente controla as emoções,* ou pelo menos deveria fazê-lo. Sempre houve quem defendesse a expressão livre e irrestrita das emoções humanas. Baco, por exemplo, que os gregos chamavam de Dionísio, era cultuado em orgias de vinho, dança e sexo. Em nossos dias, o freudianismo popular, que ainda não captou inteiramente o que Freud queria dizer com "repressão", tem ensinado o perigo de reprimir as nossas emoções. E certas formas de existencialismo reforçam essas idéias dizendo que a nossa verdadeira autenticidade reside em sermos nós mesmos e em nos expressarmos como tal.

Mas os cristãos não podem deixar-se guiar por tais ensinamentos, dando livre curso a suas emoções, pois todo o nosso ser humano foi corrompido e deturpado pelo pecado original — inclusive as nossas emoções. Elas

---

[265] Cf Mc 14.5

[266] *B* .B .Warfield, *The Person and Work of Christ* (Presbyterian and Reformed, 1950), pp. 115-117

[267] Bob Geldof com Paul Vallely, *Is That It?* (Penguin. 1986), p. 269

[268] *Ibid.,* p. 271

[269] *Ibid.,* p. 386

são ambíguas porque nós somos ambíguos. Algumas são boas, mas outras são más, e precisamos aprender a distinguir umas das outras.

A ira, por exemplo. A advertência "Irai-vos, e não pequeis"[270] admite que há dois tipos diferentes de ira. Existe a ira justa, como a que Deus mesmo sente em relação ao mal, e existe a ira injusta, pecaminosa (contaminada pelo orgulho, a inveja, a malícia, o despeito e a vingança), que é uma das "obras da carne".[271] Assim, quando surgem dentro de nós sentimentos de ira, seria uma grande insensatez dar vazão a eles sem nenhuma crítica. Ao invés disso, deveríamos dizer a nós mesmos: "Espere aí! Que raiva é essa que está começando a arder dentro de mim? E uma ira santa ou é pecaminosa? É ira contra o mal ou não passa de vaidade ferida?"

Ou então o amor. O que deveríamos dizer a um homem casado que confessa ter-se apaixonado por outra mulher, que ele não conseguiu evitar, que este, sim, é "amor de verdade" e que ele precisa divorciar-se da esposa? Acho que teríamos de dizer: "Espere aí! Você não é uma vítima indefesa de suas emoções. O compromisso que você fez com sua esposa foi para a vida toda. Você deve (e pode) tirar essa outra mulher da sua cabeça!"

Nestes dois exemplos, um relacionado à ira e outro ao amor, há um reconhecimento de que ambas as emoções podem ser deturpadas pelo egoísmo e que nunca deveríamos ceder a nenhuma delas sem primeiro examinarmos a nós mesmos. Em ambos os casos, a mente tem de ser crítica em relação às emoções.

Em segundo lugar, e agora em sentido positivo, *a mente estimula as emoções.* Só quando nós refletimos na verdade é que o nosso coração "arde", como aconteceu com os discípulos de Emaús na tarde do Domingo de Páscoa. Durante a sua caminhada, o Senhor ressuscitado juntou-se a eles e explicou-lhes, a partir das Escrituras, como o Messias tinha de sofrer antes de entrar em sua glória. Mais tarde, depois que ele os havia deixado, eles disseram uns aos outros: "Não nos *ardia* o coração, quando ele pelo caminho nos falava, quando nos expunha as Escrituras?"[272] Este "arder íntimo" do coração é uma profunda experiência emocional; a primeira chama, porém, foi o ensinamento bíblico de Jesus que acendeu. Não existe "fogo" que "acenda" tanto o nosso coração como enxergar a verdade. Como diz F. W. Faber, "o melhor combustível para a devoção é uma teologia profunda; ele pega fogo na hora e, uma vez acesa a chama, continua queimando durante muito tempo."[273]

Outro exemplo é a conhecida declaração de Paulo, de que "Cristo nos constrange".[274] Literalmente, ele nos "encantoa" ou "não nos deixa escolha", de forma que a nossa vida tem quer ser vivida para ele. Mas como é que o amor de Cristo nos constrange ou nos impulsiona? Será que ele nos deixa transbordando de emoção aos pés da cruz? Sim e não! Sim, no sentido de que não podemos contemplar a cruz sem nos emocionarmos com ela. Mas, não, se pensamos que a nossa mente não desempenha papel algum nesse processo. O que Paulo escreve é que "o amor de Cristo nos constrange" a partir do nosso julgamento ("julgando nós isto"). É através de certas convicções que o amor de Cristo aperta o cerco em volta de nós. Em suma, é porque recebemos a nossa vida do Cristo crucificado e ressurretq, que nos apercebemos de que devemos viver para ele. É quando reflétimos sobre esta lógica que as brasas do amor dentro de nós se transformam em chamas.

Só mais um exemplo. Na área da responsabilidade social, é essencial que nós não somente pensemos com clareza, mas também que sintamos com profundidade. E preciso haver frieza na análise da injustiça, contanto que isso leve a uma ardente ira e à ação.

Assim, é importante que a nossa mente e as nossas emoções permaneçam juntas, permitindo à mente controlar e estimular as nossas emoções. Penso que foi Handley Moule que, no final do século passado, deu este excelente conselho: "Acautelem-se, de igual maneira, de uma teologia sem devoção *(i.e.,* mente sem coração) e de uma devoção sem teologia *(i.e.,* coração sem mente)."

CAPITULO OITO
DIREÇÃO, VOCAÇÃO E MINISTÉRIO

Se Deus tem um propósito para a vida de seu povo, e se é possível descobrir esse propósito, então nada mais importante para nós do que discerni-lo e realizá-lo. Com efeito, o apóstolo Paulo indicou ser esta a expectativa divina. "Somos feitura dele [de Deus]", afirmou ele, "criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais

[270] Ef 4.26
[271] Gl 5.19-26
[272] Lc 24.32
[273] Citado por Ralph G. Turnbull em *A Minister's Obstacles* (1946; Baker, 1972), p. 97
[274] 2 Co 5.14

Deus de antemão preparou para que andássemos nelas."[275] Portanto, se existem boas obras que Deus planejou e designou para nós — provavelmente antes de termos nascido — então nós precisamos descobrir quais são elas. Não é de admirar que Paulo tenha escrito mais adiante, na mesma carta: "Não vos torneis insensatos, mas procurai compreender qual a vontade do Senhor".[276]

Na carta de Paulo aos Colossenses, ele ora também para que Deus os faça "transbordar de pleno conhecimento da sua vontade, em toda a sabedoria e entendimento espiritual",[277] e menciona como Epafras "se esforça sobremaneira, continuamente... nas orações" por eles, e que eles deveriam conservar-se "perfeitos e plenamente convictos em toda a vontade de Deus".[278]

Sempre que falamos em descobrir a vontade de Deus para as nossas vidas, é quase certo que três palavras vão aparecer durante a conversa: "direção", "vocação" e "ministério". Cada uma delas tem um significado especial. "Direção" pressupõe que Deus quer nos dirigir; "vocação", que Deus nos chama; e "ministério", que ele quer que coloquemos nossas vidas a seu serviço. Mas, ao mesmo tempo, o que há de comum nos três conceitos é que em cada um deles a iniciativa é de Deus e que cada um tem tanto um aspecto geral (que se aplica igualmente a todos nós) como um aspecto específico (que é diferente para cada um de nós). Isto se tornará mais claro à medida que prosseguirmos.

Direção

Às vezes nós dizemos, com um suspiro: "Ah, se eu tivesse dez vidas!" Existe um mito de que os gatos têm sete vidas; mas nós, humanos, só temos uma e não podemos duplicá-la nem fazer réplicas de nós mesmos. Daí a necessidade de descobrirmos a vontade de Deus para essa única vida que ele nos deu.

Mas antes de chegarmos ao ponto de descobrir a vontade de Deus é essencial que estabeleçamos uma distinção entre a sua vontade "universal" e a sua vontade "específica". A vontade universal de Deus é assim chamada porque é a sua vontade para todo o seu povo; ela é a mesma para todos nós, em todos os lugares e em todos os tempos. Mas a vontade específica de Deus é assim chamada porque é a sua vontade para pessoas específicas, em lugares específicos e em tempos específicos. Sua vontade universal é que sejamos "conformes à imagem de seu Filho".[279] A vontade de Deus para todos nós é que sejamos como Cristo; essa vontade não varia de discípulo para discípulo. Sua vontade específica, por sua vez, tem a ver com questões como a escolha de uma profissão ou de um companheiro para a nossa vida, ou como deveríamos gastar nossas energias, nosso tempo, dinheiro, feriados... Estas coisas diferem de uma pessoa para outra. Só depois de fazermos essa distinção essencial entre o "geral" e o "específico" é que estaremos em condições de repetir a nossa primeira questão, que é como descobrir a vontade de Deus. Sua vontade "geral" ou "universal" está revelada na Escritura Sagrada. Não que esta contenha engenhosas soluções para os complexos problemas éticos do século XX; mas ela contém princípios que podem ser aplicados a eles. Via de regra está curto dizer que a vontade de Deus para o povo de Deus enucontra-se na Palavra de Deus.

A vontade específica de Deus, porém, não se encontra na Bíblia. Não posso negar que uma vez ou outra Deus parece ter guiado certas pessoas por intermédio de um versículo específico extraído de seu contexto. Mas devo acrescentar que ele o faz em virtude de nossa fraqueza. Afinal, a Bíblia não é uma antologia de textos desvinculados, mas, sim, uma revelação histórica, cumulativa. Nós não temos o direito de ignorar o seu sentido original a fim de obrigá-la a falar a nós. Mas o que a Bíblia contém mesmo são princípios que são relevantes a questões específicas. O casamento, por exemplo. A Escritura nos dá diretrizes gerais e preestabelece algumas questões. Ela nos diz que o matrimonio é o propósito desejável de Deus para os seres humanos e que o celibato é uma exceção, não a regra; que um dos seus propósitos primordiais ao instituir o casamento foi o companheirismo - portanto, esta é uma importante qualidade a ser buscada em um esposo ou esposa; que o cristão só é livre para casar-se com um cristão; e que o casamento (sendo um compromisso de amor, monogâmico e heterossexual, para a vida toda) é o único contexto ordenado por Deus para as relações sexuais. Estas diretrizes gerais são claramente estabelecidas na Bíblia. Mas a Bíblia não diz a ninguém se Deus vai chamá-lo para casar-se ou para permanecer solteiro, nem com quem deverá casar-se (se for esta a sua opção).

Mas como vamos descobrir a vontade específica de Deus, se ele não a revelar através da Escritura? Já que Deus é soberano e livre, eu acho que não nos cabe estereotipar a nossa resposta. No entanto, eu descobri

[275] Ef 2.10
[276] Ef 5.17
[277] Cl 1.9
[278] Cl 4.12
[279] Rm 8.29

cinco palavras que são guias seguros.

Primeiro, *ceder.* Nós precisamos *ceder,* ou *dar lugar* ao propósito de Deus na nossa vida. Uma vontade que não se rende é o mais sério de todos os obstáculos para se descobrir a vontade de Deus. Se Deus não revela a sua verdade a quem não está disposto a acreditar nela, ele tampouco a revela a quem não está disposto a fazê-la. Pelo contrário, ele "guia os humildes na justiça, e ensina aos mansos o seu caminho".[280]

Segundo, *orar.* Simplesmente ceder, ou então entregar com desconfiança, não é suficiente. E preciso também esperar em oração e ser sustentado por ela. "Pedi, e dar-se-vos-á", Jesus ensinou. "Nada tendes, porque não pedis", acrescentou Tiago.[281] Nosso Pai celeste não estraga os seus filhos. Ele não nos revela a sua vontade, a não ser que realmente queiramos conhecê-la e expressemos esse desejo em nossas orações.

Terceiro, *falar.* Embora um dos fortes do cristianismo protestante seja a insistência no nosso "direito ao juízo privado", isto não significa que devamos tomar todas as nossas decisões sozinhos. Pelo contrário, Deus nos concedeu uns aos outros em sua família. Portanto, devemos ser humildes o suficiente para falar uns com os outros, inclusive os nossos pais, e buscar o seu conselho, pois "com os que se aconselham se acha a sabedoria".[282] Que as nossas decisões sejam tomadas em grupo, assumidas com responsabilidade na rica comunhão em que Deus nos colocou.

Quarto, *pensar.* Embora nós devamos ceder, orar e pedir conselho, nós sempre acabamos tendo de tomar decisões. Como vimos no capítulo anterior, Deus contrabalança as suas promessas de nos guiar com a sua proibição de que nos comportemos como cavalos e mulas, que não têm entendimento.[283] Não vamos esperar que ele cumpra as suas promessas de nos guiar utilizando "freio e rédeas" *(i.e.* por meio da força) ou nos dando uma intuição irracional; ele nos guia por meio da mente que nos deu e que nos possibilita pesar cuidadosamente, em cada situação, os prós e os contras.

Quinto, *esperar.* É um erro apressar-se e ficar impaciente com Deus. Ele levou cerca de dois mil anos para cumprir sua promessa a Abraão no nascimento de Cristo. Levou oitenta anos preparando Moisés para o trabalho de sua vida. São necessários uns vinte e cinco anos para um ser humano chegar à maturidade. Portanto, se nós *temos* que tomar uma decisão dentro de um certo prazo, devemos fazê-lo. Mas, caso contrário, e se o caminho à nossa frente ainda é incerto, o mais sábio é esperar. Penso que o que Deus disse a José e Maria ao enviá-los ao Egito com o menino Jesus serve também para nós: "Permanece lá até que eu te avise."[284] Em minha experiência, cometem-se muito mais erros por causa de precipitação do que de protelação.

Vocação

"Vocação" é uma das muitas palavras bíblicas cujo sentido tem mudado e se desvalorizado com o decorrer dos anos. No uso popular, ela tem a ver com nosso trabalho ou carreira. "Qual é a sua vocação?" é uma forma um tanto eloquente de perguntar a alguém qual é a sua profissão, e "treinamento vocacional" significa treinamento para um ramo específico. Na Bíblia, entretanto, "vocação" tem uma conotação muito mais ampla e mais nobre. Sua ênfase não é no aspecto humano (o que *nós* fazemos), mas sim no divino (o que *Deus* nos chamou a fazer). "Vocação" é uma palavra latina e significa "chamamento".

No Novo Testamento o verbo grego equivalente a "chamar" ocorre cerca de 150 vezes, e na maioria dos casos refere-se a Deus chamando seres humanos. No Antigo Testamento, Deus chamou Moisés, Samuel e os profetas; no Novo Testamento, Jesus chamou os doze apóstolos e depois Saulo de Tarso. Hoje, embora nós não sejamos nem profetas nem apóstolos, ele ainda nos chama para o seu serviço. É maravilhoso o fato de que Deus se importa tanto conosco que nos chama pessoal e individualmente. Portanto, Deus é "aquele que vos chama";[285] e nós somos "aqueles que são chamados segundo o seu propósito".[286]

A questão que se nos depara é esta: de acordo com as Escrituras, para que é que Deus nos chama? Qual é a nossa vocação divina? Para responder esta questão acerca da "vocação", nós precisamos fazer uma distinção similar àquela que fizemos concernente à "direção", ou seja, entre o nosso chamado global ou "universal" e os nossos chamados "específicos". Nosso chamado global é o chamado de todo o povo de Deus e é, portanto, o mesmo. Nosso chamado específico é o de cada um de nós e é, portanto, diferente. Todos nós compartilhamos do

[280] Sl 25.9
[281] Mt 7.7; Tg 4.2
[282] Pv 13.10
[283] Sl 32.8-9
[284] Mt 2.13
[285] *P. ex.* Gl 5.8; 1 Pe 1.15
[286] *P. ex.* Rm 8.28; Hb 9.15.

mesmo chamado universal de Deus; cada um de nós recebeu de Deus um chamado específico diferente.

O *chamado universal* de Deus para nós não é tanto para *fazer* alguma coisa (um trabalho), mas para *ser* alguma coisa (uma pessoa). Embora ele nos chame para diferentes tarefas, como já veremos, primeiro ele nos chama para algo ainda mais significativo, isto é, para sermos discípulos de Jesus Cristo, para vivermos uma vida nova em sua nova sociedade e no mundo. Portanto, se alguém nos perguntar "Qual é a sua vocação?", nossa primeira resposta — aliás, a resposta certa — deveria ser: "Eu sou chamado para pertencer a Jesus Cristo".[287] De fato, nós somos chamados a abraçar e desfrutar de todas as bênçãos que Deus nos reservou em Jesus Cristo: "... para isto mesmo fostes chamados, a fim de receberdes bênção por herança".[288] E que herança é essa? Ela tem muitas facetas.

Primeiro, nós somos chamados para *ter comunhão com Jesus Cristo.* Isto é básico. Seu convite ainda é "vinde a mim" e "segue-me". Afinal Deus nos chamou "à comunhão de seu Filho Jesus Cristo nosso Senhor".[289] Assim como Cristo chamou os doze apóstolos para estarem "com ele",[290] assim também ele nos chamou para o conhecermos e gozarmos de comunhão com ele. A vida eterna é conhecer a Deus e o seu Cristo,[291] e nada pode tomar o lugar desta relação fundamental com ele.

Segundo, nós somos chamados para *a liberdade.* "Vós, irmãos, fostes chamados à liberdade", escreveu Paulo aos Gálatas.[292] O tipo de liberdade a que o apóstolo alude aqui é a liberdade da condenação da lei através do perdão de Deus e do fato de termos sido aceitos através de Cristo. É a libertação da culpa e de uma consciência culpada, a libertação que nos dá acesso a Deus como filhos e filhas adotivos seus. No entanto, não é liberdade para pecar ou liberdade das responsabilidades sociais. Pelo contrário, Paulo continua: "Porém não useis da liberdade para dar ocasião à carne; sede, antes, servos uns dos outros (literalmente, 'sede escravos uns dos outros'), em amor." E o paradoxo que já vimos, de que só servindo é que nos tornamos livres.

Terceiro, nós somos chamados para *a paz.* "Seja a paz de Cristo o árbitro em vossos corações, à qual, também, fostes chamados em um só corpo."[293] A referência a "um só corpo" ajuda-nos a compreender o que Paulo queria dizer com isso. Aqui ele não está se referindo à paz de espírito, coração ou consciência, mas à paz *{shalom)* resultante da reconciliação uns com os outros na comunidade do reino de Cristo. Nós somos chamados não somente para pertencer a Cristo, mas também para fazer parte do povo de Cristo.

Em quarto lugar, nós somos chamados para *a santidade,*[294] ou "chamados para ser santos".[295] Já que o próprio Deus é santo, ele nos chama para que também sejamos santos.[296] Para muita gente, infelizmente, "santidade" dá a falsa idéia de gente piedosa com uma aparência anêmica e um olhar distante, que parece ter-se desligado da vida. Mas a verdadeira santidade é uma semelhança com Cristo que é vivenciada no mundo real.

Em quinto lugar, nós somos chamados a *testemunhar.* "Vós, porém sois... povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz."[297] Pedro está contrastando aquilo que nós éramos antes com o que somos agora. Nós vivíamos nas trevas, mas agora estamos na luz. Nós não éramos povo, mas agora somos povo de Deus. Não tínhamos alcançado misericórdia, mas agora, sim. A dedução lógica é que nós não podemos de maneira alguma guardar estas bênçãos para nós mesmos. Tendo sido chamados para a luz de Deus, nós somos inevitavelmente chamados para fazer brilhar a nossa luz.

Em sexto lugar, nós somos chamados para *o sofrimento.* "Se, entretanto, quando praticais o bem, sois igualmente afligidos e o suportais com paciência, isto é grato a Deus. Porquanto para isto mesmo fostes chamados."[298] Pedro escreveu essa carta quando a hostilidade de Nero para com os cristãos começou a crescer e agourentas nuvens de perseguição se acumulavam no horizonte. A qualquer momento poderia irromper a tempestade. E daí, como os cristãos deveriam reagir se sofressem injustamente? A resposta de Pedro é muito franca. Eles tinham sido chamados para seguir o exemplo de Cristo, da não-retaliação. Muita gente fica chocada

[287] Rm 1.6
[288] 1 Pe 3.9
[289] 1 Co 1.9
[290] Mc 3.14
[291] Jo 17.3.
[292] Gl 5.13
[293] Cl 3.15
[294] 1 Co 1.2
[295] Rm 1.7
[296] P. *ex.* 1 Pe 1.15; 1 Ts 4.7; 2 Tm 1.9
[297] 1 Pe 2.9
[298] IPe 2.20-21.

ao saber que sofrimento injusto é uma parte inevitável do chamado cristão. Mas o próprio Jesus nos advertiu sobre isso. "Se o mundo vos odeia, sabei que, primeiro do que a vós outros, me odiou a mim... Se me perseguiram a mim, também perseguirão a vós outros."[299]

Sétimo, nós somos chamados para *glória.* O chamado cristão é uma "vocação celestial".[300] "O Deus de toda graça, que em Cristo vos chamou à sua eterna glória, depois de terdes sofrido por um pouco, ele mesmo vos há de aperfeiçoar, firmar, fortificar e fundamentar."[301] Sofrimento e glória estão constantemente ligados um ao outro no Novo Testamento. Foi por intermédio do sofrimento que Jesus entrou em sua glória, e conosco não há de ser diferente. Se nós participamos do sofrimento de Cristo, também participaremos da sua glória.[302] Portanto, o chamado de Deus não é apenas para esta vida; é também para passarmos a eternidade com ele no novo universo.

Eis aqui, pois, o chamado global de Deus, desdobrado em sete aspectos. Deus chama a todos nós para Cristo, para a liberdade, a paz, a santidade, o testemunho, o sofrimento e a glória. Mais simplesmente, é um chamado para pertencermos a Cristo no tempo e na eternidade, para amarmos uns aos outros na paz de sua nova comunidade e para servirmos, testificarmos e sofrermos no mundo. E este o sentido fundamental da "vocação cristã". E a mesma coisa para todos nós, e nós somos exortados a viver uma vida digna dessa vocação.[303]

Se o nosso *chamado universal* (que é o mesmo para todos nós) é para sermos livres, santos e semelhantes a Cristo, nosso *chamado específico* (que é diferente para cada um de nós) tem a ver com os detalhes altamente individuais das nossas vidas. Vejamos o ensinamento de Paulo: "Cada um permaneça na vocação (literalmente, o 'chamado') em que foi chamado." [304] Percebe-se imediatamente que o apóstolo usa a idéia de "chamado" em dois sentidos distintos. As palavras "em que fostes chamados" referem-se à conversão da pessoa quando ouviu e obedeceu ao chamado universal de Deus. "A vocação" ("chamado") em que ele estava, por sua vez, é uma referência ao seu chamado específico quando da época da conversão. Essa situação, ou "vocação", é vista como algo para o qual Deus nos "chamou", algo que Deus "designou" para nós[305]. E o princípio geral que o apóstolo estabelece, repetindo-o três vezes,[306] é que nós devemos "permanecer" nele. Ele dá três exemplos: nossa situação doméstica (casados ou solteiros), a situação cultural (judeus ou gentios) e a situação social (escravos ou livres). Para compreendermos o ensinamento de Paulo, nós precisamos entender o pano de fundo e o contexto. Parece que para os convertidos coríntios a vida em Cristo era uma novidade tão grande (ser "nova criatura")[307] e emocionante, e tão radicalmente diferente do seu estado de não regenerados, que eles pensaram que nada que fizesse parte da sua antiga vida poderia ser conservado; tudo tinha de ser repudiado.

O casamento, por exemplo. Agora, que eles pertenciam a Cristo (esta parece ser a sua dúvida), como poderia uma obrigação contratual que antecedeu a conversão continuar válida após a conversão? Não seria tal relação "impura"?[308] Paulo responde que não. E por que não? Porque a providência de Deus abrange tanto a sua vida anterior como a vida posterior à conversão. Seu matrimónio, embora contraído antes de eles se tornarem cristãos, era parte do "chamado" em que se encontravam quando Deus os chamou. Portanto, eles não tinham nenhum direito de repudiá-lo. Transformá-lo pela graça de Deus, sim; rejeitá-lo, não.

Nós precisamos ter muito cuidado ao aplicarmos a nós mesmos este ensinamento. Paulo está formulando uma regra geral, não absoluta. Ele, por exemplo, tinha deixado de ser fariseu ao ser chamado para ser apóstolo de Cristo. Semelhantemente, os doze haviam desistido de pescar e recolher impostos quando foram chamados para ser apóstolos. E Paulo diz aqui que se um escravo tem alguma possibilidade de ganhar a sua liberdade, deveria fazê-lo.[309] Nós também temos de estar abertos para a possibilidade de Deus nos estar chamando para fazer algo diferente. O que Paulo estava fazendo era reagindo a decisões impensadas e precipitadas, a mudar só por mudar, e especialmente à idéia de que nada ocorrido antes da conversão e nada além da religião tem valor para Deus.

---

[299] Jo 15.18, 20
[300] Hb 3.1; *cf.* Fp 3.14
[301] 1 Pe 5.10
[302] Rm 8.17
[303] Ef 4.1
[304] 1 Co 7.20
[305] 1 Co 7.20, 17
[306] 1 Co 7.17, 20, 24
[307] 2 Co 5.17
[308] l Co 7.14
[309] 1 Co 7.21

Agora vamos deixar a Escritura e voltar-nos para a história, ver o que ensinaram os reformadores e os puritanos. Os reformadores insistiram em que todo cristão, seja homem ou mulher, tem um "chamado" divino. Eles estavam reagindo ao ensino do catolicismo medieval, de que os bispos, padres, monges e freiras tinham um chamado superior, por ser "religioso". Isso os reformadores rejeitaram, por considerá-lo "clericalismo" (separação entre clero e leigos) e "dualismo" (separar atividades "sagradas", como a oração, de atividades "seculares", como governar uma casa ou trabalhar para viver). Eles afirmavam que Deus se interessa pelo todo da nossa vida, e que ser fazendeiro, artesão, magistrado ou dona de casa era um chamado tão divino quanto ser "padre" ou "pastor". Lutero insistiu muito nisso:

Aqueles que agora são chamados "espirituais", isto é, padres, bispos ou papas, não são, nem diferentes dos outros cristãos, nem superiores a eles; só que eles estão encarregados da palavra de Deus e dos sacramentos, que é o seu trabalho e ofício.

Mas "as costureiras, os sapateiros, os pedreiros e carpinteiros, os cozinheiros, hoteleiros, fazendeiros e todos os trabalhadores seculares" também foram "consagrados" como sacerdotes, cada um para "o trabalho e o ofício que lhe cabe".

Além disso, todos devem se beneficiar e servir aos outros através do seu próprio trabalho ou profissão, de maneira que muitos tipos de trabalho possam ser feitos para o bem-estar corporal e espiritual da comunidade, assim como todos os membros do corpo servem uns aos outros (1 Co 12.14-26).[310]

E, mais adiante: "servir a Deus não se restringe a um ou dois trabalhos, nem se resume a um ou dois chamados, mas está presente em todos os trabalhos e todos os chamados".[311] "Mas o que eu quero fazer é estabelecer uma distinção entre os chamados e as profissões, a fim de que todo mundo possa ver para que Deus o chamou e cumprir com fidelidade e sinceridade os deveres de seu ofício no serviço de Deus."[312]

O que Calvino ensinou foi muito semelhante:

O Senhor ordena a cada um de nós, em todos os afazeres da vida, que zele pelo seu chamado... Portanto, para que a nossa estupidez e precipitação não acabe virando tudo de cabeça para baixo, ele designou deveres para todo homem, cada um em sua maneira particular de viver. E para que ninguém venha a transgredir impensadamente os seus limites, ele deu a esses vários tipos de vida o nome de "chamados". Portanto, cada indivíduo tem sua própria forma de viver designada pelo Senhor, como uma espécie de posto de sentinela, a fim de que ele não fique vagando sem rumo pela vida... E vem daí também uma singular consolação: desde que, em nosso trabalho, estejamos obedecendo ao nosso chamado, nenhuma tarefa é vil ou desprezível, e não há trabalho que não vá brilhar e ser considerado deveras precioso aos olhos de Deus.[313]

Os puritanos desenvolveram ainda mais este tema. Por exemplo, William Perkins, que exerceu um influente ministério em Cambridge, escreveu *o Tratado das Vocações ou Chamados dos Homens,* publicado em 1603. Eis aqui uma amostra de sua tese:

O que um pastor de ovelhas faz ao cuidar de seu rebanho... é um trabalho tão bom diante de Deus quanto a ação de um juiz ao pronunciar uma sentença, ou de um magistrado ao fazer um decreto, ou de ministro ao pregar. Assim, pois, vemos que existe uma boa razão para procurarmos descobrir como todo homem pode desenvolver da maneira correta o seu chamado específico.[314]

Um século mais tarde, e no outro lado do Atlântico, Cotton Mather, o puritano de Harvard, escreveu *O Cristão e Seu Chamado (A Christian at his Calling,* 1701). Segundo ele, todo cristão tem dois chamados — "um chamado universal" ("servir ao Senhor Jesus Cristo...") e "um chamado pessoal"("um trabalho específico mediante o qual se distingue a sua utilidade em comunidade").[315]

Além do mais, os dois chamados deveriam manter-se em equilíbrio, pois "um cristão em seus dois chamados é um homem em uma canoa remando para o céu... Se ele só se preocupar com um dos seus chamados, qualquer que seja ele, estará puxando o remo em um dos lados da canoa e acabará ficando à margem da bem-aventurança eterna."[316] É muito fácil criticar este tipo de ensinamento. Os reformadores e os puritanos eram pessoas do seu tempo e sua cultura, tanto quanto nós. Eles tinham uma visão estática e medieval da sociedade.

---

[310] Lutero, *Weimarer Augsgabe* (1883—), vol. 44, pp. 130—131

[311] Lutero, W. A., vol. 52, p. 124

[312] Lutero, W. A., vol. 46, p. 166

[313] Calvino, *Instituías,* III.x.6.

[314] William Perkins, *A Treatise of the Vocations or Callings of Men,* em *The Work of William Perkins,* The Courtenay Library of Reformation Classics, ed. Ian Breward (Sutton Courtenay Press, 1970), p. 458

[315] Cotton Mather, *A Christian at his Calling* (1701), p. 37

[316] *Ibid.,* pp. 37-38

Em sua reação contra as implicâncias revolucionárias de certos ensinos anabatistas, eles tendiam a resistir demais a mudanças. Às vezes a posição deles nos lembra a embaraçosa estrofe do conhecido hino:[317]

O rico em seu castelo,
O pobre em seu portão, Deus fê-los nobre ou humilde,
Cada um em sua condição.

Nós certamente não deveríamos usar o que a Bíblia ensina acerca dos "chamados" para fazer resistência a mudanças sociais.

Paulo no primeiro século, os reformadores no século XVI c os puritanos no século XVII, todos parecem muito distantes de nós. Mas, então, qual é o princípio em que devemos nos firmar hoje e que foi ensinado por Paulo e resgatado pelos reformadores e os puritanos? Acho que é o seguinte. Toda a nossa vida, tanto anterior à conversão como fora da religião, pertence a Deus e faz parte do seu chamado. Nós não devemos pensar que Deus só passou a se interessar por nós depois que nos convertemos, ou que agora ele só está interessado no cantinho religioso das nossas vidas.

Consideremos a nossa vida antes da conversão. Qual era o nosso chamado, a vida que vivíamos quando Deus nos chamou? Se na ocasião da nossa conversão nós estávamos tomando conta de parentes idosos, não deveríamos abandoná-los agora. Se éramos estudantes, não temos o direito de abdicar de nossos estudos e abandonar o colégio ou a universidade. Se havíamos feito um acordo com alguém, não temos o direito de rompê-lo. Se, quando Deus nos chamou, nós éramos músicos, artistas, atletas ou intelectuais, não devemos agorar repudiar essas boas coisas que o bom Criador nos deu. Afinal, elas não eram aspectos acidentais da nossa vida. Elas eram parte integrante da providência de Deus, para a qual ele nos havia chamado e que ele havia designado para nós. A soberania de Deus abrange as duas partes da nossa vida. Ele não começou a agir em nós e através de nós a partir da nossa conversão, mas em nosso nascimento e mesmo antes de nascermos, em nossa herança genética, da mesma forma que mais tarde passaria a atuar em nosso temperamento, personalidade, educação e habilidades. E o que Deus fez de nós e nos deu antes de nos tornarmos cristãos, ele redime, santifica e transforma depois disso. Existe uma continuidade vital entre a nossa vida antes e depois de convertidos. Afinal de contas, embora sejamos hoje uma nova pessoa em Cristo, nós ainda somos a mesma pessoa que éramos por criação e que se fez nova em Cristo.

Agora vejamos a nossa vida fora da religião. O Deus que muitos de nós adoramos é religioso demais. Aparentemente, nós achamos que ele só se interessa por livros, edifícios e cerimónias religiosas. Mas não é bem assim. Ele se preocupa *conosco,* nosso lar, nossa família e amigos, nosso trabalho e lazer, nossa cidadania e comunidade. Assim a soberania de Deus estende-se a *ambos* os lados e a *todas* as áreas da nossa vida. Nós não devemos marginalizar Deus, ou tentar espremê-lo para fora da nossa vida não religiosa. Lembremos que a nossa vocação *(i.e.* o chamado de Deus) inclui todas estas coisas. É nelas que vamos servir e glorificar a Deus.

Ministério

Se queremos saber para onde Deus vai nos levar (direção) e para que ele vai nos chamar (vocação), podemos ter certeza de que isto tem relação com a melhor maneira em que podemos servi-lo (ministério). Além do mais, tal como vimos com as palavras "direção" e "vocação", também ao considerar a palavra "ministério" é preciso fazer uma distinção entre o seu significado mais amplo e o outro, mais limitado, entre a sua aplicação num sentido geral e o mais específico. Eis aqui três afirmações acerca do ministério.

Primeiro, *todos os cristãos, sem exceção, são chamados a ministrar* — ou melhor, para gastar suas vidas em ministério. Ministério não é um privilégio de uma pequena elite, mas de todos os discípulos de Jesus. Você com certeza notou que eu não disse que todos os cristãos são chamados *para o ministério,* mas para *ministrar — diakonia,* serviço. Nós fazemos um grande desserviço à causa cristã sempre que nos referimos ao pastorado como "o ministério". Ao usarmos o artigo definido, damos a impressão de que o pastorado é o único ministério que existe, tal como os clérigos medievais, que consideravam o sacerdócio como a única (ou, pelo menos, o mais "espiritual") vocação que existe. Eu abandonei esta visão e, portanto, esta linguagem, há cerca de vinte e cinco anos, e agora convido os meus leitores, caso necessário, a juntarem-se a mim nesta penitência. Hoje, sempre que alguém diz em minha presença que "Fulano de Tal vai seguir o ministério", eu sempre pergunto com a maior inocência: "E mesmo? A qual ministério você está se referindo?"E quando meu interlocutor replica: "O ministério pastoral", eu reclamo gentilmente: "Então por que você não disse logo?!" O fato é que a palavra "ministério" é um termo genérico; enquanto não lhe acrescentarmos um adjetivo, ela não terá especificidade.

[317] *"All Things Bright and Beautiful".*

Voltemos à minha primeira proposição, de que todos os cristãos, sem exceção, são chamados a ministrar. Como é que eu posso fazer uma declaração tão dogmática? Por causa de Jesus Cristo. Seu senhorio sobre nós tem uma dimensão vocacional, como vimos no capítulo 5. Já que ele é "o servo" *por excelência,* aquele que se doou sem reservas para o serviço de Deus e dos seres humanos, seria impossível ser seu discípulo sem procurar seguir seu exemplo de serviço. Ele pregou o reino, curou os doentes, alimentou os famintos, foi amigo dos que não tinham amigos, defendeu os oprimidos, confortou os enlutados, procurou os perdidos e lavou os pés dos apóstolos. Nenhuma tarefa era pesada demais e nenhum ministério desprezível demais para ele. Ele viveu sua vida e morreu sua morte em serviço intensamente abnegado. E nós, não vamos imitá-lo? O mundo mede a grandeza pelo sucesso; Jesus a mede pelo serviço.

Em segundo lugar, *existe uma ampla variedade de ministérios cristãos.* É por isso que "ministério" significa "serviço", e há muitas e diferentes maneiras pelas quais nós podemos servir a Deus e às pessoas. Atos 6.1-4 provê uma sólida base bíblica para esta convicção. Uma dissensão étnica e cultural estava dividindo a igreja de Jerusalém. Os "judeus gregos" reclamavam contra os "judeus hebreus", dizendo que suas viúvas estavam sendo discriminadas na distribuição diária da comida. E aí os apóstolos acabaram se envolvendo nessa briga; ela estava ocupando uma grande parte do seu tempo e ameaçava desviá-los do seu papel de pregar e ensinar, o qual lhes havia sido designado por Jesus. Assim eles, sabiamente, convocaram uma reunião da igreja e disseram: "Não é razoável que nós abandonemos a palavra de Deus para servir *[diakonein]* às mesas." Então eles pediram à igreja que escolhesse sete homens para essa responsabilidade, enquanto que, acrescentaram os apóstolos, "quanto a nós, nos consagraremos à oração e ao ministério *[diakonia]* da palavra".

É essencial notar que, tanto para distribuir a comida como para ensinar a palavra, o termo usado aqui é "ministério" *(diakonia).* Na verdade, ambos eram ministérios cristãos, podendo ser ministério cristão de tempo integral, e ambos requeriam, para desempenhá-los, pessoas cheias do Espírito Santo. A única diferença é que uma atividade era ministério pastoral, e a outra, social. Não ocorre que uma fosse ministério e a outra, não; nem que uma fosse espiritual e a outra, secular; nem que uma fosse superior e a outra, inferior. Ocorria simplesmente que Cristo havia chamado os *doze* para o ministério da palavra e os *sete* pura o ministério das mesas.

Eu mesmo, na qualidade de jovem cristão, cresci pensando nas diferentes vocações ou ministérios como se constituíssem uma hierarquia ou pirâmide. Lá em cima, empoleirado no topo da pirâmide, estava o missionário transcultural. Ele era o nosso herói, e ela, a nossa heroína. Ensinaram-me que se eu amasse a Cristo de verdade eu acabaria juntando-me às suas fileiras além-mar. Caso eu não fosse tão apaixonado assim, ficaria em casa e viraria pastor. E se a minha aspiração nem chegasse a tanto, eu provavelmente seria um doutor ou professor, enquanto que, se decidisse entrar no mundo dos negócios, política ou comunicações, eu não estaria muito longe de me perder! Por favor, ninguém me leve a mal. Ser pastor ou missionário é um privilégio maravilhoso, *se Deus nos chama para isso.* Mas é igualmente maravilhoso ser um advogado, industrial, político, gerente ou assistente social, ser um filmador, um jornalista ou uma dona de casa cristã, *se Deus nos chama para isso.* Conforme Romanos 13.4, um oficial de estado (seja ele um legislador, magistrado ou policial) é tão "ministro de Deus" *(diakonos theou)* quanto um pastor. O que precisamos rejeitar é a hierarquia; é a pirâmide que temos de demolir.

Obviamente, ainda existe uma premente necessidade de missionários autênticos, homens e mulheres que se caracterizem sobretudo pela humildade — por exemplo, a humildade de abdicar do imperialismo cultural e identificar-se com outra cultura, a humildade de trabalhar sob a liderança de uma igreja nacional, a humildade de servir às necessidades que o próprio povo sente (sejam elas sociais ou evangelísticas) e a humildade de confiar no Espírito Santo como o seu principal comunicador.[318] A evangelização continua no topo da agenda da igreja; aliás, a quinta seção deste livro é dedicada a isso. Há também uma grande necessidade de pastores para ensinar a Palavra de Deus. Os capítulos 13 e 17 tratarão deste ministério.

Ao mesmo tempo, é gritante a necessidade de cristãos, tanto homens como mulheres, que vejam o seu trabalho diário como seu ministério cristão prioritário e que estejam decididos a impregnar o seu contexto secular a fim de ganhá-lo para Cristo.

Precisamos de cristãos envolvidos em negócios e na indústria, que priorizem o "serviço ao público" como o alvo principal de sua declaração "missionária", que sejam ousados em fazer experiências nas áreas de relações de trabalho, participação dos trabalhadores e divisão de lucros, e que admitam a sua responsabilidade de, juntamente com a auditoria fiscal, realizar também uma "auditoria social" na sua empresa.

Precisamos de políticos cristãos que identifiquem as grandes injustiças de sua sociedade, recusando-se a

[318] Ver *O Evangelho e a Cultura* (ABU e Visão Mundial, 1983) especialmente o capítulo 6: "Procura-se: Mensageiros Humildes do Evangelho!"

ser coniventes com elas, e que tenham como objetivo assegurar mudanças legislativas seguras, por mais tempo que isso lhes custe.

Precisamos de economistas cristãos que encontrem uma maneira de controlar a inflação e ao mesmo tempo reduzir o desemprego.

Precisam-se cineastas cristãos que produzam, não apenas filmes explicitamente cristãos ou evangelísticos, mas também filmes saudáveis que, indiretamente, transmitam valores cristãos individuais e familiares, honrando e glorificando, assim, o nome de Cristo.

Precisamos de mais médicos cristãos que, em cooperação com teólogos da moralidade, encarem os desafios da ética médica e desenvolvam formas de conservar a visão da pessoa humana e da família humana que é característica única do cristianismo.

Precisam-se professores cristãos dedicados que, tanto nas escolas cristãs como nas seculares, considerem como privilégio servir aos seus alunos, ajudando-os a desenvolverem plenamente o potencial que Deus lhes deu.

E precisamos de mais assistentes sociais cristãos que, em sua preocupação com os deficientes da mente e do corpo, crianças vítimas de abuso, drogados, vítimas da AIDS e outros, combinem os mais recentes tratamentos médicos e o cuidado social com o amor cristão, a oração de fé e o apoio da igreja.

Em terceiro lugar, o *ministério específico para o qual (Cristo nos chama é provavelmente determinado pelos nossos dons.* Ou seja, o principal fator na decisão quanto ao trabalho da nossa vida é, provavelmente, que tipo de pessoa somos nós, a partir da criação e redenção de Deus. Deus não cria ao acaso; ele não nos deu dons naturais para serem desperdiçados. Deus não é, tampouco, um redentor acidental, para nos conceder dons que vão ser desperdiçados. Pelo contrário, ele quer que os dons que nos deu sejam discernidos, cultivados e exercitados. Ele certamente não nos quer frustrados (pelo fato de os nossos dons ficarem ociosos), mas sim realizados (porque estamos usando os nossos dons).

Eu acho perfeitamente compatível com as nossas doutrinas cristãs da criação e da redenção nós dizermos a nós mesmos: "Eu sou uma pessoa única. (Isto não é convencimento. É um fato. Se cada floco de neve e cada folhinha de grama não tem paralelo, quanto mais cada ser humano!) Minha unicidade deve-se à minha herança genética, minha personalidade e ao temperamento que herdei, minha ascendência (meus pais), minha formação e educação, meus talentos, inclinações e interesses, meu novo nascimento e meus dons espirituais. Pela graça de Deus eu sou quem sou. Portanto, como é que eu, sendo essa pessoa única como Deus me criou, posso me gastar no serviço de Cristo e do seu povo, de forma tal que nada que ele me deu seja desperdiçado e tudo que ele me deu seja aproveitado?"

Pode ser que haja exceções a este princípio, mas esta me parece ser a pergunta certa que cada um de nós deve fazer a si mesmo. E assim, ao tentarmos avaliar-nos com honestidade, não com orgulho nem com falsa modéstia, nossos pais e os amigos que mais nos conhecem são os que mais chance têm de nos ajudar.

Todas as três palavras que acabamos de considerar (direção, vocação e ministério) têm a ver com a vontade de Deus para as nossas vidas e como descobri-la. Concluindo, deixe-me antecipar dois temores que meus leitores podem estar sentindo, e tentar tranquilizá-los.

Primeiro, não há necessidade alguma de se temer a vontade de Deus, por medo de que ela seja difícil. Certos cristãos parece que imaginam que quanto maior a chance de alguma coisa ser desagradável, mais provável é que ela seja a vontade de Deus! Mas Deus não é um bicho-papão, sempre pronto para estragar as nossas vidas; ele é o nosso Pai, comprometido com o nosso bem-estar e decidido a nos dar apenas o que é para o nosso bem. "Se vós, que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos", disse Jesus, "quanto mais vosso Pai que está nos céus dará boas coisas aos que lhe pedirem?".[319] Nós podemos ter certeza de que a vontade de Deus é "boa, perfeita e agradável".[320]

Segundo, ninguém precisa temer que nunca descobrirá a vontade de Deus. Não temos razão alguma para preocupar-nos ou ficar nos queixando, ou para cairmos num estado de tensão nervosa ou passarmos noites em claro devido à ansiedade. Parece muito estranho, mas uma das lembranças mais antigas da minha infância, quando eu não devia ter mais que seis ou sete anos, é a de minha mãe entrando no meu quarto para dizer boa-noite. Eu sempre a incomodava com a mesma pergunta angustiada: "Mamãe, o que eu vou ser quando eu crescer?" Ela sempre me respondia que eu não precisava me preocupar, pois quando chegasse a hora eu iria saber. E agora, mais de sessenta anos depois, com a sabedoria adquirida pelo tempo, eu sei que ela estava certa e que todas aquelas apreensões infantis eram desnecessárias. Nós temos toda razão para confiar que a vontade do nosso Pai é boa e que se pode descobri-la. Ele tem meios e maneiras de nos mostrar o que ele quer que façamos.

[319] Mt 7.11

[320] Rm 12.2

A principal condição é que nós mesmos queiramos, cora sinceridade, discernir a sua vontade, a fim de realizá-la.

CAPITULO NOVE
O PRIMEIRO FRUTO DO ESPÍRITO

Neste capítulo eu o convido a refletir sobre um texto bíblico que se tornou muito significativo para mim. Todos os dias, já faz talvez uns vinte anos, eu o cito para mim mesmo em minhas devoções matinais e oro para que ele se cumpra em minha vida. Quando me perguntam qual é o meu texto predileto, eu geralmente cito este. Parece-me que ele contém verdades que são de extrema importância para todo o povo de Deus. Aqui está ele:

Mas o fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio. Contra estas coisas não há lei.[321]

Destes dois versículos podemos extrair cinco afirmações acerca do amor.

Amor, alegria e paz

A primeira verdade é que *o amor é a suprema graça cristã:* "o fruto do Espírito é amor". Na verdade Paulo menciona um conjunto de nove qualidades que, juntas, ele chama de "fruto" do Espírito; o amor, porém, tem o lugar de honra. Hoje em dia nós ouvimos falar muito acerca do Espírito Santo (ele já não é mais a pessoa "negligenciada" da trindade) e muita gente diz ter experimentado manifestações espetaculares do seu poder. No entanto, o primeiro fruto da sua presença em nós não é o poder, mas o amor.

E salutar perguntarmos a nós mesmos: qual é a principal marca distintiva de um cristão? Qual é o símbolo que comprova a autenticidade dos filhos de Deus? A resposta varia de pessoa para pessoa.

Uns dizem que o que distingue o cristão verdadeiro é a *verdade,* a ortodoxia, a convicção certa, a fidelidade às doutrinas da Escritura, aos Credos, e às Confissões da Reforma. E está certo. A verdade é sagrada. A sã doutrina é vital para a saúde da igreja. Nós somos exortados a "combater o bom combate da fé",[322] a "guardar o depósito" da religião revelada,[323] a "permanecer firmes e guardar as tradições que nos foram ensinadas",[324] e a "batalhar diligentemente pela fé que uma vez por todas foi entregue aos santos".[325] Nunca devemos esquecer estas solenes advertências. Entretanto, "Ainda que... conheça todos os mistérios e toda a ciência... se não tiver amor, nada serei".[326] Além disso, "o saber ensoberbece, mas o amor edifica".[327] Portanto, o amor é maior do que o conhecimento.

Outros insistem em dizer que o que distingue um discípulo de verdade é a/e. "Concluímos, pois, que o homem é justificado pela fé, independentemente das obras da lei."[328] Como disse Lutero, a justificação pela fé é "o principal artigo de toda a doutrina cristã" que "produz cristãos de verdade".[329] E Cranmer acrescentou a contrapartida negativa: "Esta *(se.* doutrina), quem quer que a negue não pode ser considerado um verdadeiro cristão".[330] Ou, citando uma declaração evangélica moderna, a justificação pela fé é "o coração e o cerne, o paradigma e a essência de toda a economia da graça salvadora de Deus".[331] Eu concordo. *Sola fide,* "somente pela fé", que foi a bandeira da Reforma, deve ser também a nossa bandeira. Apesar disso, "ainda que eu tenha tamanha fé ao ponto de transportar montes, se não tiver amor, nada serei".[332] O grande apóstolo da fé deixa claro que o amor é maior do que a fé.

Um terceiro grupo enfatiza que a marca distintiva do cristão é a *experiência religiosa* — geralmente uma espécie de experiência viva e específica que eles acreditam deva se reproduzir em todo mundo. E este grupo também tem razão — até certo ponto. E essencial ter um relacionamento íntimo e pessoal com Deus através de Jesus Cristo. O testemunho do Espírito em nós é real. Na verdade existe essa "alegria indizível e cheia de

---

[321] Gl 5.22-23
[322] 1 Tm 6.12
[323] l Tm 6.20, literalmente; *cf.* 2 Tm 1.14
[324] 2 Ts 2.15
[325] Jd 3
[326] 1 Co 13.2
[327] 1 Co 8.1
[328] Rm 3.28
[329] Lutero, em *Commentary on the Epistle to the Galatians (1*531; James Clarke 1953), p. 101, 143
[330] Do "Sermão da Salvação", no *Primeiro Livro das Homilias* (1547)
[331] R. T. Beckwith, G. E. Duffield e J. I. Packer, *Across the Divide* (Lyttleton Press, 1977), p. 58
[332] l Co 13.2

glória",[333] e, comparadas à "sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus meu Senhor", todas as outras coisas são de fato uma perda.[334] No entanto, "Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos" e "ainda que eu tenha o dom de profetizar" (reivindicando, assim, uma comunicação direta com Deus), "se não tiver amor, nada serei".[335] Assim, o amor é maior do que a experiência.

Um quarto e último grupo — por sinal, gente de natureza muito prática — enfatiza o *serviço,* especialmente o serviço aos pobres, como sendo a marca distintiva do povo de Deus. Mais uma vez, está certíssimo! Sem boas obras, a fé é morta. Se o próprio Jesus colocou-se ao lado dos pobres, seus discípulos também devem fazê-lo. Se vemos pessoas em necessidade e temos condições de ajudá-las, mas não nos apiedamos delas, como é que podemos dizer que o amor de Deus está em nós?[336] Graças a Deus pela ênfase cada vez maior na sua "opção preferencial" ou interesse prioritário pelos pobres. Contudo, "ainda que eu distribua todos os meus bens entre os pobres, e ainda que entregue o meu próprio corpo para ser queimado" (quem sabe em um gesto heróico de sacrifício), "se não tiver amor, nada disso me aproveitará".[337] Assim, o amor é maior do que o serviço.

Resumindo, o conhecimento é vital, a fé é indispensável, a experiência religiosa é necessária e o serviço é essencial; Paulo, contudo, dá precedência ao amor. O amor é a coisa mais importante do mundo, pois "Deus é amor"[338] no mais íntimo do seu ser. Pai, Filho e Espirito estão eternamente unidos um ao outro em amor que se doa pelo outro. Portanto, aquele que é amor e que derramou o seu amor sobre nós convida-nos a devolver esse amor, amando a ele e também uns aos outros. "Nós amamos porque ele nos amou primeiro."[339] O amor é a marca principal, o selo de excelência, o símbolo supremo que distingue o povo de Deus. Nada pode desarraigá-lo nem substituí-lo. O amor está acima de tudo.

Em segundo lugar, *o amor traz alegria e paz,* pois "o fruto do Espírito é amor, alegria, paz". A sequência, aqui, é deveras significativa.

Os seres humanos sempre viveram em busca de alegria e paz, se bem que geralmente se empregue a palavra "felicidade", mais secular. Thomas Jefferson, antes de tornar-se o terceiro Presidente dos Estados Unidos, tinha tanta convicção de que "a busca da felicidade" era um direito humano inalienável, que ele a incluiu na Declaração da Independência, chamando-a de "uma verdade auto-evidente".

Os cristãos, porém, sentem-se na obrigação de acrescentar que quem procura a felicidade nunca a encontrará. A alegria e a paz são bênçãos extremamente ilusórias. A felicidade é um fogo-fátuo, um fantasma. Mesmo quando nós estendemos a mão para agarrá-la, ela se desvanece no ar. Acontece que a alegria e a paz não são alvos que se possam perseguir; elas são subprodutos do amor. Elas nos são concedidas por Deus, não quando nós *as* buscamos, mas quando buscamos a *ele* e *aos outros* em amor.

Urge que testifiquemos dessa verdade ao mundo contemporâneo, em que a "auto-realização" é o desejo supremo e o "movimento do potencial humano" continua a conquistar espaço. Em seu perspicaz livro *A Psicologia como Religião,*[340] cujo subtítulo é *O Culto à Auto-adoração,* Dr. Paul Vitz, da Universidade de Nova York, começa analisando os quatro principais "teóricos do ego" da sua década: Erich Fromm (que argumentava que o vício é indiferente ao ego das pessoas e que a virtude consiste na auto-afirmação), Carl Rogers (cuja terapia concentrada no cliente objetivava ajudá-lo a tornar-se uma pessoa autónoma e integrada através da "auto-estima" incondicional), Abraham Maslow (que enfatizava a "auto-realização" criativa) e Rollo May (que, influenciado pelo existencialismo, enfatizava a decisão e o comprometimento como o caminho para ser alguém). Estes quatro escritores, que atingiram o seu ápice nos anos setenta, eram todos humanistas seculares confessos. Eles acreditavam nos seres humanos, não em Deus. Foram muito divulgados e sua ênfase básica na auto-estima e na auto-realização parece ter-se infiltrado em quase todos os segmentos da sociedade. Dr. David Wells comenta que "em meados da década de oitenta, um total de 87,5% de tudo o que se publicou nos Estados Unidos estava a serviço dos interesses e apetites do movimento do eu".[341]

Existe, na verdade, uma auto-afirmação que é certa e saudável e que se constitui em equilíbrio para a

---

[333] 1 Pe 1.8
[334] Fp 3.8
[335] 1 Co 13.1-2
[336] 1 Jo 3.17
[337] 1 Co 13.3
[338] 1 Jo 4.8, 16
[339] 1 Jo 4.19
[340] Eerdmans, 1977
[341] David Wells, *No Place for Truth* (Eerdmans, 1993)

abnegação para a qual Jesus conclamou seus discípulos. No entanto, ela não é a afirmação desqualificada e acrítica do eu, pois é fortemente caracterizada pelo reconhecimento de nossa própria pecaminosidade. Os cristãos só podem afirmar aqueles aspectos do eu que derivam do fato de termos sido criados à imagem de Deus (por exemplo, nossa racionalidade, responsabilidade moral e capacidade para amar); ao mesmo tempo, eles negam (ou seja, rejeitam e repudiam) todo e qualquer aspecto do eu que derive da queda e da nossa própria condição de seres caídos (por exemplo, nosso egoísmo, avareza, malícia, hipocrisia e orgulho). Estas formas cristãs de auto-afirmação e abnegação estão muito longe de ser expressões de uma preocupação com nós mesmos, e muito menos um endeusamento próprio. Pelo contrário, o seu alvo não é o eu, mas sim, Deus. Elas fazem parte da nossa adoração a Deus como nosso Criador e Juiz.

Certos autores cristãos, porém, tentam argumentar que o próprio cristianismo consiste de auto-estima; que nós necessitamos deixar de preocupar-nos com pecado, culpa, juízo e expiação; que, ao invés disso, deveríamos apresentar a salvação como a descoberta do eu; e que é isso que Jesus queria dizer quando endossou o segundo mandamento, indicando com isso que deveríamos amar a nós mesmos assim como amamos o nosso próximo. Mas na realidade não é bem assim. Amor próprio, na Escritura, é sinônimo de pecado e não o caminho para a liberdade. Além disso, *amor-agape* significa o sacrifício de alguém em favor de outros. Por sua própria natureza, ele não pode ser voltado para si mesmo. Como podemos sacrificar a nós mesmos a fim de servir a nós mesmos? E impossível. A própria idéia não tem o mínimo sentido. O caminho de Jesus é o oposto, como já vimos no capítulo 2, sobre "A Verdadeira Liberdade". Ele nos ensinou o grande paradoxo de que só quando perdemos a nós mesmos é que nos encontramos, só quando morremos para nós mesmos é que aprendemos a viver e só servindo aos outros é que ficamos livres. Ou, voltando a Paulo em Gálatas, somente quando amamos é que vêm a alegria e a paz. A busca autoconsciente da felicidade acaba sempre em fracasso. Mas quando nos esquecemos de nós mesmos em serviço de amor abnegado, então a alegria e a paz inundam a nossa vida em forma de bênçãos abundantes e inesperadas.

Amor em ação

Em terceiro lugar, *o amor se manifesta em ação.* Se o amor é o primeiro fruto do Espírito, seguindo-se a alegria e a paz, a seguir vêm "paciência, benignidade, bondade". Amor não é só romance, e muito menos sensualidade. Tampouco é puro sentimento ou emoção. Pode parecer abstrato, mas o amor gera atitudes positivas e ações concretas, a saber, "paciência", "benignidade" e "bondade". Creio que foi Dostoievsky quem escreveu que "amor em ação é muito mais terrível do que amor em sonhos". Afinal, o amor está sempre buscando o verdadeiro bem-estar dos outros, qualquer que seja o custo pessoal.

"Paciência"(makrothymia) é uma qualidade negativa. Geralmente se traduz como "longanimidade", pois isso denota paciência com as pessoas, mais do que com as circunstâncias. Implica em suportar com paciência quem é exigente conosco ou quem nos provoca. E não esquecer a "paciência infinita" de Cristo para conosco.[342]

"Benignidade" *(chrestotes)* e "bondade" *(agathosyne)* são ambas qualidades positivas. A primeira é benevolência, generosidade de pensamento, *desejar* o bem para outras pessoas, enquanto que a segunda é beneficência, generosidade expressa em atos, *fazer* de fato o bem que desejamos para essas pessoas.

Estas três graças cristãs constituem-se, portanto, em uma sequência progressiva. A *paciência* suporta a malícia dos outros e recusa-se a retaliar. A *benignidade* transforma tolerância em benevolência, não desejando o mal aos outros, mas, sim, desejando-lhes o bem. E a *bondade* transforma o desejo em fato, tomando a iniciativa de servir as pessoas em ação.

Todas as três qualidades são características e manifestações do amor. Pois, como escreve o apóstolo em outro lugar, "o amor é paciente *(makrothymei)*, o amor é benigno *(chresteuetai)"*,[343] e nós devemos "servir uns aos outros em amor".[344] De pouco vale fazermos nobres protestos de amor pela raça humana; precisamos é nos envolver com pessoas reais, em situações reais. E aí que se testará de fato a "paciência, benignidade e bondade" do amor.

Em quarto lugar, *o amor é equilibrado pelo domínio próprio, pois* "o fruto do Espírito é... fidelidade, mansidão, domínio próprio". Estas três qualidades parecem ser diferentes nuances da arte de controlar a nós mesmos. "Fidelidade" é confiabilidade ou integridade em áreas tais como guardar nossas promessas e cumprir o que nos foi confiado. "Mansidão" vem de *"prautes",* que geralmente se traduz como mansidão ou humildade. Mas não é um tipo de mansidão complacente, sem força moral, sem princípios. Na verdade, significa ser gentil,

[342] 1 Tm 1.16
[343] 1 Co 13.4
[344] G1 5.13

humilde e atencioso em relação a outras pessoas; mas para tanto nós precisamos aprender a domesticar as nossas forças e fortalecer as nossas energias. A terceira palavra, "domínio próprio", é *egkrateia,* "que expressa o poder ou senhorio que a pessoa tem, seja sobre si mesma, seja sobre alguma coisa".[345] Inclui disciplinar os nossos instintos, controlar o nosso temperamento e nossa língua e refrear as nossas paixões. Mas por que eu escrevi acima que o amor é "equilibrado" pelo domínio próprio? Porque o amor é abnegado, e abnegação e domínio próprio complementam-se mutuamente. Afinal, como podemos doar-nos em altruísmo e abnegação se não aprendemos a nos controlar? O nosso eu, antes de ser oferecido em serviço de outros, precisa ser dominado. Portanto, é profundamente significativo que o fruto do Espírito, em suas nove manifestações, comece com amor (abnegação) e termine com domínio próprio.

O amor é o fruto do Espírito

A quinta verdade que surge deste grande texto é que *o amor* sobre o qual vimos pensando (supremo, fonte de alegria e paz, manifesto em ação e controlado pelo domínio próprio) *é o fruto do Espírito,* isto é, a consequência natural da obra sobrenatural do Espírito Santo em nós.

Nesse contexto Paulo está fazendo um contraste entre "a carne" e "o Espírito", entre "as obras da carne" e "o fruto do Espírito". Agora nós precisamos fazer uma pausa para estabelecer algumas definições. Ao falar em "carne", ele não está se referindo ao tecido de pele e músculos que cobre o nosso esqueleto ósseo, nem ao corpo humano (um equívoco que as pessoas fazem quando falam de glutonaria e imoralidade sexual como "pecados da carne"), mas, sim, à nossa natureza herdada, caída e corrupta, com sua propensão para o mal, seus desejos corruptos e suas exigências egoístas.

Ao falar em "Espírito", Paulo não está se referindo ao fôlego que anima o nosso corpo, nem ao lado espiritual dos seres humanos em contraste com o material, mas ao próprio Espírito Santo, que se integra a nossa personalidade quando nos arrependemos e confiamos em Jesus, e cuja presença em nós é a marca da identidade cristã[346] e o segredo da santidade cristã.

Eis aqui, pois, os dois protagonistas da luta descrita por Paulo. De um lado está "a carne", nossa natureza caída c egocêntrica, e do outro lado está "o Espírito", o Espírito de Deus que habita pessoalmente em nós. Paulo nos diz três verdades acerca do conflito entre estas duas forças.

Primeiro, os desejos da carne e do Espírito são desejos *ativos.* "Porque a carne milita contra o Espírito, e o Espírito contra a carne, porque são opostos entre si." Ou *(BLH):* "Porque o que a nossa natureza humana deseja é contra o que o Espírito quer, e o que o Espírito quer é contra o que a natureza humana deseja. Os dois são inimigos".[347] Portanto, tanto a carne como o Espírito têm desejos, os quais são vivos, ativos, fortes e vigorosos. A razão para se ressaltar isso é que, através da história da igreja, grupos perfeccionistas têm ensinado que depois do novo nascimento a nossa natureza caída fica inerte e inativa, ou até mesmo morta. Mas não é isso o que diz a Escritura. O mandamento para que não satisfaçamos os desejos da carne[348] e a declaração de que "o que o Espírito quer é contra o que a natureza humana deseja"[349] não teriam qualquer sentido, nenhum dos dois, se a nossa natureza caída já não tivesse mais desejos. Não, a vida cristã é cheia de incessantes conflitos com o mundo, com a carne e com o diabo.

Em segundo lugar, os desejos da carne e os do Espírito são desejos *opostos entre si.* Existe entre eles um violento antagonismo. "A carne deseja o que é contrário ao Espírito; e o Espírito, o que é contrário à carne. Eles estão em conflito um com o outro."[350] Como diz J. B. Lightfoot em seu comentário aos Gálatas, "entre o Espírito e a carne não há afinidade alguma; existe um conflito mortal e interminável".[351]

Além disso, os desejos opostos da carne e do espírito manifestam-se no contraste entre "as obras da carne"[352] e o "fruto do Espírito".[353] Os primeiros são desagradáveis e Paulo menciona quinze deles. Eles parecem encaixar-se em quatro categorias: *pecados sexuais* (imoralidade e licenciosidade), *pecados religiosos* (idolatria e feitiçaria, sendo esta última o intento secreto de roubar o poder divino ou demoníaco através da mágica),

---

[345] De Walter Gundmann, em um artigo sobre *egkrateia* em TDNT
[346] Rm 8.9
[347] G1 5.17
[348] G1 5.16
[349] G1 5.17
[350] G1 5.17 **(NVI)**
[351] J. B. Lightfoot, *Galatians* (1865), p. 209
[352] G1 5.19-21
[353] G1 5.22-23

pecados sociais (oito deles, inclusive a malícia, os ciúmes, a ira, as discórdias e a ambição egoísta) e *pecados pessoais* (bebedices e orgias). E uma lista repugnante de atividades através das quais as pessoas se declaram contra Deus e contra os outros.

As nove manifestações do fruto do Espírito,[354] que nós já consideramos, apresentam um belo contraste. De fato, seria difícil imaginar um contraste maior. Aqui se encontra piedade ao invés de impiedade, alegria e paz autênticas em lugar de busca de prazer pecaminoso, benignidade e bondade ao invés de malícia e inveja, e domínio próprio em vez de auto-indulgência.

Terceiro, Paulo enfatiza que os desejos da carne e os do Espírito são desejos *controláveis*. É possível, escreve ele, o Espírito ganhar ascendência sobre a carne e subjugá-la, o amor triunfar sobre o egoísmo e a bondade vencer o mal. Como? O segredo está em assumirmos a atitude correta, tanto para com a carne como para com o Espírito.

Nossa atitude para com a nossa natureza caída deveria ser de implacável repúdio, pois "os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne, com as suas paixões e concupiscências."[355] Isto é, nós pegamos essa coisa má, repugnante e enganosa chamada "carne" e a pregamos na cruz. Este foi o nosso arrependimento inicial. A crucificação é um símbolo dramático para a nossa incondicional rejeição de todo mal conhecido. A crucificação não produz uma morte rápida ou fácil; ela é uma execução que se caracteriza por um sofrimento extremamente demorado. Contudo, é decisiva; não há como escapar dela.

Nossa atitude em relação ao Espírito, por sua vez, deve ser de entrega incondicional. Paulo usa diversas expressões para isso: nós devemos "viver no Espírito", ser "guiados pelo Espírito" e "andar no Espírito".[356] Ou seja, temos de permitir que ele exerça sobre nós sua legítima soberania, e então seguir suas justas orientações.

Assim, ambos os processos — repudiar a carne e render-se ao Espírito — precisam repetir-se diariamente, por mais decisivo que tenha sido originalmente o nosso repúdio e mais completa a nossa rendição. Em palavras de Jesus, temos que "tomar a nossa cruz dia a dia" e segui-lo.[357] Precisamos também ser "cheios [enchidos] do Espírito", à medida que lhe confiamos diariamente a nossa V personalidade. Tanto o nosso repúdio como a nossa entrega são igualmente manifestos em hábitos de vida disciplinados. Quem "semeia para o Espírito"[358] é que colhe o fruto do Espírito. E "semear para o Espírito" significa cultivar as coisas do Espírito- por exemplo, empregando com sabedoria o Dia do Senhor, sendo disciplinados na nossa vida de oração e leitura diária da Bíblia, participando regularmente dos cultos e da Ceia do Senhor, desenvolvendo amizades cristãs e envolvendo-nos no serviço cristão. Há, na maneira de Deus lidar conosco, tanto no campo material como no campo moral, um princípio que é inflexível: nós colhemos aquilo que semeamos. A lei é imutável. E nunca será diferente, pois "de Deus não se zomba".[359] Portanto, não fiquemos surpresos se não colhermos o fruto do Espírito, quando o tempo todo estamos semeando para a carne. Ou porventura pensamos que poderíamos trapacear ou enganar a Deus?

Mudando a metáfora, lembro-me de ter lido, anos atrás, sobre alguém que, visitando as montanhas ao sul da Califórnia, encontrou um velho camponês cujos dois cães viviam sempre brigando. O visitante perguntou-lhe qual dos cães geralmente ganhava. O camponês mascou seu tabaco em silêncio durante alguns instantes e então respondeu: "Aquele que eu dou mais comida." Assim é conosco: a nossa nova natureza só ganhará a vitória sobre a velha natureza se nós alimentarmos a nova e deixarmos a outra morrer de fome.

Só existe uma pessoa, em toda a história do mundo, em quem o fruto do Espírito conseguiu amadurecer até atingir a perfeição. Essa pessoa é Jesus de Nazaré. De fato, o fruto do Espírito descrito por Paulo pode ser considerado um retrato de Jesus Cristo, pois ele amou como ninguém jamais amou, a ponto de entregar a sua vida pelos seus inimigos. Ele falou sobre a "minha alegria" e também sobre a "minha paz".[360] Foi extremamente paciente com seus obtusos apóstolos. Foi sempre bondoso e cheio de boas obras. Além disso, foi imutavelmente confiável e sempre gentil - de fato, ele era "manso e humilde de coração".[361] E tinha tanto domínio próprio que "quando ultrajado, não revidava com ultraje".[362]

---

[354] Gl 5.22-23
[355] Gl 5.24
[356] Gl 5.16, 18, 25
[357] Lc 9.23
[358] Gl 6.8
[359] Gl 6. 7
[360] *P. ex.* Jo 15.11; 14.27
[361] Mt 11.29
[362] 1 Pe 2.23

Certa vez o Dr. Kenneth Moynagh, que trabalhou muitos anos como médico missionário em Matana, Burundi, resumiu da seguinte forma o fruto do Espírito, com sua ênfase no amor:

Alegria é amor exultante e a paz é amor que descansa; Paciência é amor que suporta todo teste e qualquer provação. Benignidade, amor que se rende, mas que sabe reagir ao pecado E bondade é amor em ação, evidência de que há Cristo em mim. Fé são olhos de amor que se abrem para o Cristo vivente enxergar; Mansidão é amor que não luta, mas se humilha diante da cruz. Temperança é amor que resiste, mas se rende ao controle de Cristo, Porque Cristo é amor em pessoa e amor é ter Cristo em meu ser.

Além disso, se o fruto do Espírito é ser semelhante a Cristo, ser semelhante a Cristo é o propósito de Deus para todo o seu povo. E seu propósito *eterno,* pois aqueles que Deus "de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho".[363] Depois, é seu propósito *histórico,* pois nós "somos transformados de glória em glória, na sua própria imagem".[364] E, terceiro, é seu propósito *escatológico.* Pois, mesmo que "ainda não se manifestou o que havemos de ser", nós "sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque havemos de vê-lo como ele é."[365]

A única maneira de compreender os desapontamentos e frustrações da vida, a solidão, o sofrimento e a dor, é vê-los como parte da disciplina do nosso amoroso Pai em seu propósito de fazer-nos como Cristo.[366]

Às vezes me perguntam — por exemplo, em uma entrevista de jornal, rádio ou televisão — se, em minha idade, ainda me resta alguma ambição. Agora eu sempre respondo: "Sim, a minha suprema ambição (que, espero, será a mesma até eu morrer) é tornar-me um pouquinho mais igual a Cristo."

PARTE TRÊS
A BÍBLIA

Nós lhe apresentamos este Livro, a coisa mais preciosa que existe neste mundo. Aqui reside a sabedoria; esta é a lei real; estes são os oráculos vivos de Deus." Com estas palavras, foi entregue à Rainha Elizabeth uma cópia da Bíblia, na cerimônia de sua coroação.

Estas afirmações a respeito da Bíblia bem que poderiam ser vistas como pura retórica, não fosse o fato de que sucessivas gerações de cristãos têm provado serem elas verdadeiras. A Escritura nos trouxe luz nas trevas, força na fraqueza, conforto na tristeza. Não temos dificuldade alguma em endossar a experiência do salmista, de que as palavras de Deus "são mais desejáveis do que ouro, mais do que muito ouro depurado; e são mais doces do que o mel e o destilar dos favos."[367]

Por isso mesmo, é deveras desanimador ver como no Ocidente, nestas últimas décadas, a Bíblia tem perdido a sua posição de autoridade reconhecida, não somente na nação, mas também na igreja. A não ser que a Palavra de Deus seja, uma vez mais, amplamente lida e respeitada e os seus ensinos obedecidos, resta-nos pouca esperança de testemunhar uma completa reforma ou uma renovação na igreja.

A Parte III deste livro é a minha pequena contribuição para atingir este objetivo, já que aqui eu escrevo sobre a urgente necessidade de se permanecer na Palavra de Deus, responder a ela, interpretá-la e expô-la.

CAPÍTULO DEZ
PERMANECENDO NA PALAVRA

Um tema constante nos autores do Novo Testamento é que o povo de Deus deve ser firme. Por um lado, devemos resistir às pressões morais e intelectuais do nosso mundo contemporâneo, recusando-nos a ser molda-dos pelos padrões da época. Não podemos nos permitir tropeçar, escorregar e cair na lama da relatividade, ou ser arrancados do nosso ancoradouro e ser levados pela correnteza. Por outro lado — e este é o aspecto positivo — somos exortados a perseverar na verdade que recebemos, apegando-nos a ela como um abrigo seguro na tempestade e a ficar firmes em seu fundamento.

Vejamos alguns exemplos desse tipo de exortação, dados por três dos maiores contribuidores do Novo Testamento.

Paulo: "Assim, pois, irmãos, permanecei firmes e guardai as tradições que vos foram ensinadas, seja por

[363] Rm 8.29
[364] 2 Co 3.18
[365] 1 Jo 3.2
[366] P. *ex.* Hb 12.4-11
[367] Sl 19.10

palavra, seja por epístola nossa."[368]

Hebreus: "Importa que nos apeguemos, com mais firmeza, às verdades ouvidas, para que delas jamais nos desviemos."[369]

João: "Permaneça em vós o que ouvistes desde o princípio."[370] "Todo aquele que ultrapassa a doutrina de Cristo e nela não permanece, não tem Deus; o que permanece na doutrina, esse tem assim o Pai, como o Filho."[371]

O que há de comum nestas citações é o reconhecimento de que certas verdades haviam sido "ensinadas" ou "transmitidas" pelos apóstolos e, portanto, tinham sido "ouvidas" ou "recebidas" pela igreja. Agora esse corpo de doutrina era um depósito sagrado a ser guardado.[372] Ele tinha uma qualidade normativa: a igreja deveria permanecer nessa doutrina e apegar-se a ela, não se afastando dela nem indo além dela, de forma a contradizê-la.

Parte da recomendação final de Paulo a Timóteo elabora este tema. Mas, para compreendermos as suas implicações, precisamos ter o texto diante de nós. Ele se encontra em

2 Timóteo 3.1 - 4.8.

3 [1]Sabe, porém, isto: Nos últimos dias sobrevirão tempos difíceis; [2]Pois os homens serão egoístas, avarentos, jactanciosos, arrogantes, blasfemadores, desobedientes aos pais, ingratos, irreverentes, [3]desafeiçoados, implacáveis, caluniadores, sem domínio de si, cruéis, inimigos do bem, [4]traidores, atrevidos, enfatuados, antes inimigos dos prazeres que amigos de Deus, [5]tendo forma de piedade, negando-lhe, entretanto, o poder. Foge também

destes.

[6]Pois entre estes se encontram os que penetram sorrateiramente nas casas e conseguem cativar mulherinhas sobrecarregadas de pecados, conduzidas de várias paixões, [7]que aprendem sempre e jamais podem chegar ao conhecimento da verdade. [8]E, do modo por que Janes e Jambres resistiram a Moisés, também estes resistem à verdade. São homens de todo corrompidos na mente, réprobos quanto à fé; [9]eles, todavia, não irão avante: porque a sua insensatez será a todos evidente, como também aconteceu com a daqueles.

[10]Tu, porém, tens seguido de perto o meu ensino, procedimento, propósito, fé, longanimidade, amor, perseverança, [11]as minhas perseguições e os meus sofrimentos, os quais me aconteceram em Antioquia, Icônio e Listra — que variadas perseguições tenho suportado! De todas, entretanto, me livrou o Senhor. [12]Ora, todos quantos querem viver piedosamente em Cristo Jesus serão perseguidos. [J3]Mas os homens perversos e impostores irão de mal a pior, enganando e sendo enganados.

[14]Tu, porém, permanece naquilo que aprendeste, e de que foste inteirado, sabendo de quem o aprendeste. *[15]E* que desde a infância sabes as sagradas letras que podem tornar-te sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus. [16]Toda Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, *[17]a* fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra.

4 [1]Conjuro-te, perante Deus e Cristo Jesus que há de julgar vivos e mortos, pela sua manifestação e pelo seu reino: *[2]prega a* palavra, insta, quer seja oportuno, quer não, corrige, repreende, exorta com toda longanimidade e doutrina. [3]Pois haverá tempo em que não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, cercar-se-ão de mestres, segundo as suas próprias cobiças, como que sentindo coceira nos ouvidos; *[4]e* se recusarão a dar ouvidos à verdade, entregando-se às fábulas. [5]Tu, porém, sê sóbrio em todas as coisas, suporta as aflições, faze o trabalho de evangelista, cumpre cabalmente o teu ministério.

[6]Quanto a mim, estou sendo já oferecido por libação, e o tempo da minha partida é chegado. [7]Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé. *[8]Já* agora a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, reto juiz, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos quantos amam a sua vinda.

Firmes na Palavra

A exortação de Paulo a Timóteo foi dada dentro do contexto da sociedade em que ele vivia (3.1-13). Ela não era, de maneira alguma, favorável ao evangelho. Este, por sua vez, não podia ser reformulado a fim de acomodar-se às idéias e padrões daquela. Pelo contrário, Paulo estava plenamente consciente de que havia entre a Palavra e o mundo uma incompatibilidade radical. "Sabe, porém, isto", escreveu ele: "Nos últimos dias sobrevirão tempos difíceis."

[368] 2 Ts 2.15
[369] Hb 2.1
[370] 1 Jo 2.24
[371] 2 Jo 9
[372] *P. ex.* 1 Tm 6.20; 2 Tm 1.14

É importante salientar que ao falar em "últimos dias" o apóstolo não estava aludindo a uma época futura que viria logo antes da volta de Cristo. No versículo 5 ele diz a Timóteo que "fuja" das pessoas que ele estava descrevendo. Como Timóteo poderia evitá-las, se elas ainda não tivessem sequer nascido?... Na perspectiva do Novo Testamento, os "últimos dias" começaram com Jesus Cristo. Foi ele quem os introduziu. Os últimos dias são, pois, estes dias, os dias em que Timóteo viveu e em que nós também vivemos, ou seja, todo o período entre a primeira e a segunda vindas de Cristo. E quais são as características dos últimos dias? Três delas parecem destacar-se na descrição de Paulo.

A primeira é *amor mal direcionado.* É impressionante ver que, das dezenove marcas distintivas que o apóstolo menciona (vs. 2-4), seis têm a ver com amor: "...os homens serão egoístas *[amantes de si mesmos],* avarentos *[amantes do dinheiro],* ...desafeiçoados *[sem amor],* ...inimigos do bem *[não amantes do bem],* ...antes amigos dos prazeres que amigos de Deus." A expressão "desafeiçoados" deve ser entendida como "sem verdadeiro amor". Afinal de contas, as pessoas em vista não são completamente desprovidas de amor: elas amam a si mesmas, amam o dinheiro e amam os prazeres. O eu, o dinheiro e os prazeres são objetos inadequados do amor humano. Eles podem até virar idolatria, quando tiram de Deus o lugar que lhe é devido como Aquele que deve ser amado com todo o nosso ser. Hoje em dia, porém, o amor mal direcionado está em toda parte. O egoísmo, a avareza e o hedonismo predominam, enquanto que o primeiro e o segundo mandamentos, de amar a Deus e amar o nosso próximo, são negligenciados. Além disso, quando o amor das pessoas está voltado para o objeto errado, todos os seus relacionamentos ficam errados. Elas se tornam "avarentas, jactanciosas, arrogantes, blasfemadoras, desobedientes, ... ingratas, ... implacáveis, caluniadoras... cruéis" (vs. 2 e 3).

A segunda característica de nossos tempos pode ser chamada de *religião vazia.* Nossos contemporâneos são descritos como "tendo forma de piedade, negando-lhe, entretanto, o poder" (v. 5). Pode parecer estranho que uma pessoa egoísta possa ser também religiosa. Mas acontece. Na verdade, é possível que a religião, cujo propósito é expressar adoração a Deus, seja pervertida e transformada em um meio de alimentação do ego. O nome certo para essa distorção doentia é hipocrisia, atitude que Jesus atacou veementemente.[373] Tal religião se evidencia em "forma" sem "poder", demonstração exterior sem realidade interior. É igualmente inimiga do evangelho, pois um cristão nominal torna as pessoas resistentes ao verdadeiro cristianismo. Terceiro, os últimos dias se caracterizam pelo *culto a uma mente aberta.* Paulo descreve aqui pessoas que "aprendem sempre e jamais podem chegar ao conhecimento da verdade" (v. 7). Elas ficam sentadas em cima do muro e recusam-se a descer, seja para um lado, seja para o outro. Seu lema é a tolerância. Determinadas a evitar o sofrimento de chegar a conclusões definitivas, elas fazem da "mente aberta" o seu amuleto. Não suportam aquilo que C. S. Lewis chama de "o tirano apogeu da revelação",[374] dando muito maior preferência ao crepúsculo do livre pensamento. Elas subestimam a distinção que Allan Bloom estabeleceu recentemente entre dois tipos de "abertura": "a abertura da indiferença... e a abertura que nos convida a ir em busca de conhecimento e convicção".[375] Este último é um dos aspectos da virtude cristã da humildade: o reconhecimento de que a nossa compreensão é temporária e incompleta e de que precisamos estar sempre tentando aumentá-la. O primeiro tipo de abertura, por sua vez, além de ser um insulto à verdade, é também pessoalmente arriscado. Como disse um bispo americano, ele nos expõe ao perigo de termos a mente tão aberta que o nosso cérebro acaba caindo!

Eis aqui, pois, três características do nosso tempo que as Escrituras criticam firmemente e nos aconselham evitar.

Nós devemos amar a Deus e ao nosso próximo e não desviar o nosso amor para nós mesmos, para o dinheiro ou para o prazer. Devemos valorizar a realidade e o poder da religião acima de suas expressões exteriores. E devemos submeter-nos humildemente à revelação de Deus e não cultivar um agnosticismo aguado e barato, sem exigências.

Assim, Paulo exorta Timóteo a ser diferente do mundo que o cerca. Depois de descrever essas inclinações pecaminosas, Paulo escreve duas vezes *su de,* ou "Tu, porém" (vs. 10 e 14). Com estas palavras o apóstolo introduz duas admoestações a Timóteo: que ele resista ao espírito do mundo e que fique firme contra este. A primeira exortação enfoca o que Timóteo já conhece acerca de Paulo (vs. 10 a 13): seu "ensino, procedimento, propósito", como também sua "fé, longanimidade, amor, perseverança, ...perseguições, ...sofrimentos". Timóteo havia visto com seus próprios olhos o ministério de Paulo, inclusive a oposição e a perseguição que ele tivera de suportar em Antioquia, Icônio e Listra (v. 11). Pois o fato é que "todos quantos

[373] *P. ex.* Mt 6.1-18

[374] C. S. Lewis, *Surprised by Joy* (Geoffrey Bles, 1955), p. 63

[375] Allan Bloom, *The Closing of lhe American Mind* (Simon and Schuster, 1987), p. 41

querem viver piedosamente em Cristo Jesus serão perseguidos" (v. 12), já que "os homens perversos e impostores" que rejeitam o evangelho "irão de mal a pior" (v. 13).

Assim o apóstolo coloca em contraposição os baixos padrões do mundo e o seu próprio ensino e conduta. Os dois estavam em inconciliável antagonismo um com o outro. Daí a perseguição que ele tivera de suportar. Quanto a Timóteo, se era para ficar firme, do lado de Paulo e contra o mundo, ele, sem dúvida alguma, iria sofrer também.

Permanecendo na Palavra

A menção que Paulo faz aos "homens perversos e impostores", "enganando e sendo enganados" e que iriam "de mal a pior" (v. 13) leva-o ao segundo "Tu, porém". Agora, ao invés de simplesmente olhar para trás e remontar ao seu ensino, conduta e sofrimentos passados, dos quais Timóteo já tinha conhecimento, ele olha também para o futuro: "Tu, porém, permanece naquilo que aprendeste, e de que foste inteirado, sabendo de quem o aprendeste" (v.14). Estes "mestres" de quem Timóteo havia aprendido são provavelmente, primeiro, sua mãe e sua avó, que na infância lhe haviam ensinado o Antigo Testamento (v. 15, *cf.* 1.5), e, depois, o apóstolo, cujo "ensino" (v. 10) Timóteo conhecia e que chegou até nós preservado no Novo Testamento. Assim, Paulo coloca em contraste dois grupos de ensinadores: de um lado, os impostores e enganadores do versículo 13; e, do outro lado, a mãe de Timóteo e o seu mentor (o próprio apóstolo), que lhe haviam ensinado as Escrituras.

Nós mesmos, que vivemos no final do século XX, precisamos atentar para a mesma exortação. Não podemos ser como varas sopradas pelo vento. Não vamos nos curvar diante das tendências predominantes na sociedade, com sua avareza e materialismo, seu relativismo, sua rejeição de todo e qualquer padrão absoluto de verdade e de bondade. Pelo contrário, devemos continuar fiéis à Escritura do Antigo e do Novo Testamento. Mas, por quê? O que é a Escritura, para ocupar um lugar tão importante em nossas vidas? O apóstolo segue adiante e passa a destacar três dos seus aspectos fundamentais.

Primeiro, *as Escrituras são capazes de tornar-nos sábios para a salvação* (versículo 15, NVI). Seu propósito primordial é prático. Mais do que um livro-texto, a Bíblia é um manual, um guia, mais um livro de salvação do que um livro de ciência. Não estamos dizendo com isso que os relatos bíblicos e os científicos do mundo são conflitantes, mas que eles se complementam. E tem mais: o propósito de Deus na Escritura não é revelar fatos que podem ser descobertos pelo método científico da observação e da experiência, mas, sim, revelar verdades que estão além do escopo da ciência, e particularmente o caminho da salvação de Deus através de Cristo.

É por isso que Jesus Cristo mesmo é o centro da revelação bíblica, já que ela dá testemunho dele.[376] Como disse J.-J. von Allmen, "o centro da Escritura (que a resume e a torna viva) ou a mensagem central da Escritura (... que a explica e justifica) ...é Jesus Cristo. Ler a Bíblia sem encontrá-lo é lê-la erradamente, e pregar a Bíblia sem proclamá-lo é pregá-la falsamente."[377] É porque a Escritura nos instrui para a salvação que ela nos instrui acerca de Cristo, através de quem nós recebemos a salvação pela fé. Além disso, a razão de amarmos a Bíblia é que ela nos fala de Cristo. Ela é a representação de Deus, o retrato de Cristo que Deus nos deu.

Segundo, *a Escritura é inspirada por Deus.* A expressão mais conhecida da ERAB consiste de três palavras — "inspirada por Deus" — que equivalem à expressão grega *theopneustos.* Isto indica que a Escritura é a Palavra de Deus, falada por Deus ou soprada pela própria boca de Deus. A combinação implícita de boca, sopro e palavra nos mostra que o modelo de inspiração que se tenciona aqui é o da fala humana. Afinal, falar é comunicar de uma mente para outra mente. Nós geralmente guardamos para nós mesmos o que está "em nossa mente". Mas quando falamos, revestimos os pensamentos de nossas mentes com as palavras da nossa boca.

Observe-se também que o texto diz "Toda Escritura é inspirada por Deus" (versículo 16, ERAB). A ERC, por sua vez, traduz esta sentença da seguinte forma: "Toda a Escritura divinamente inspirada por Deus é proveitosa...". Esta é, com quase toda certeza, uma tradução incorreta, pois, se "toda Escritura inspirada... é proveitosa", isso implica em que deve haver outras Escrituras que *não* são inspiradas e, portanto, *não* são proveitosas. Mas, em primeiro lugar, o conceito de "Escritura não inspirada" é uma contradição de termos, pois a palavra "escritura" simplesmente significa "escrito inspirado". Em segundo lugar, a ERC omite, sem suficiente fundamento, a palavrinha *kai,* que significa "e" ou "também". Isto mostra que Paulo não está fazendo *uma* declaração ("Toda a Escritura divinamente inspirada é proveitosa"), mas *duas* declarações ("Toda a Escritura é inspirada e proveitosa"). Com efeito, ela nos é útil e proveitosa justamente por ser inspirada por Deus.

No entanto, nós não devemos deturpar a verdade da inspiração. Quando Deus falou, ele não falou para o

[376] *Cf.* Jo 5.39; 20.31

[377] J.-J. von Allmen, *Preaching and Congregation* (Lutterworth, 1962), p. 24

espaço. Nem escreveu documentos que deixou por aí para serem descobertos, como Joseph Smith (fundador da Igreja Mórmon) reivindica com relação a suas placas de ouro. Deus tampouco ditou a Escritura para secretários que não tiveram nisso qualquer participação, como os muçulmanos acreditam que Alá ditou o Alcorão a Maomé em árabe. De maneira alguma. Ao falar em processo de inspiração, nós estamos dizendo que os autores humanos, mesmo enquanto Deus falava para eles e através deles, estavam eles mesmos ativamente engajados na pesquisa histórica, reflexão teológica e composição literária. Afinal, muito da Escritura é narrativa histórica e cada autor tem sua própria ênfase específica e seu próprio estilo literário. A inspiração divina não dispensou a cooperação humana nem deixou de fora as contribuições peculiares a cada autor. Assim, "inspirado por Deus" não é a única avaliação que a Escritura faz de si mesma, uma vez que a boca de Deus não foi a única boca envolvida em sua elaboração. A mesma Escritura que diz "a boca do Senhor o disse"[378] diz também que Deus falou "por boca dos seus santos profetas".[379] Mas, então, a Escritura saiu da boca de quem: de Deus ou dos profetas? A única resposta que encontramos na Bíblia é "de ambos". Na verdade, Deus falou por intermédio de autores humanos de tal maneira que suas palavras eram simultaneamente palavras deles, e as palavras deles eram simultaneamente as dele. E isso que significa a dupla autoria da Bíblia. A Escritura é igualmente Palavra de Deus e palavras dos seres humanos. Ou melhor, ela é a Palavra de Deus através das palavras dos seres humanos.

É essencial que se mantenham juntas as duas autorias. Alguns teólogos, tanto antigos como modernos, católicos e protestantes, têm se referido às duas naturezas de Cristo como se isto fosse uma analogia. O paralelo, se bem que não seja exato, é esclarecedor. Ao tratar da pessoa de Cristo (que tanto é Deus quanto humano), nós não devemos, nem afirmar a sua divindade, negando assim a sua humanidade, nem afirmar a sua humanidade, negando portanto a sua divindade, mas, sim, afirmar tanto uma quanto a outra, recusando-nos a deixar que qualquer uma delas contradiga a outra. De semelhante modo, na nossa doutrina da Escritura nós não devemos, nem afirmar que ela é a Palavra de Deus, negando assim que ela seja palavras de seres humanos (o que seria fundamentalismo), nem afirmar que ela é palavras de seres humanos, de maneira a negar que ela seja a Palavra de Deus (o que seria liberalismo), mas, sim, afirmar os dois de igual maneira, recusando-nos a permitir que uma coisa contradiga a outra. Assim, por um lado, Deus falou,[380] determinando o que ele queria dizer, mas sem abafar a personalidade dos autores humanos. Por outro lado, os seres humanos falaram,[381] usando livremente suas faculdades, mas sem distorcer a verdade que Deus estava falando através deles. Não temos o direito de declarar que essa combinação é impossível. Dizer isso, escreveu Dr. J. I. Packer, seria indicar uma falsa doutrina de Deus —neste caso, particularmente de sua providência. ... Pois isso pressupõe que Deus e homem encontram-se em um relacionamento tal, um com o outro, que é impossível que ambos sejam livres agentes na mesma ação. Se o homem age livremente *(i.e.,* voluntária e expontaneamente), Deus não o faz, e *vice-versa.* As duas liberdades são mutuamente excludentes. Mas as afinidades desta idéia são com o Deísmo, e e não com o teísmo cristão... O único jeito de acabar com esse raciocínio enganoso é compreendendo a idéia bíblica da *operação convergente* de Deus em, com e através do livre funcionamento da própria mente humana.[382]

A maneira como nós entendemos a Escritura afeta a maneira como nós a lemos. A sua dupla autoria, especialmente, requer de nós uma dupla abordagem. Já que a Escritura é a Palavra de Deus, nós deveríamos lê-la diferentemente de qualquer outro livro — sobre os nossos joelhos, com humildade, reverência e oração, pedindo ao Espírito Santo que nos ilumine. Mas, uma vez que a Escritura é também palavras dos seres humanos, nós deveríamos lê-la como lemos *qualquer* outro livro, usando a nossa mente, pensando, ponderando e refletindo, considerando atentamente suas características literárias, históricas, culturais e linguísticas. Esta combinação de humilde reverência com reflexão crítica é mais do que importante: ela é indispensável.[383]

Terceiro, *a Escritura é útil* (vs. 16-17). Ela pode fazer muito mais do que instruir-nos para a salvação (v. 15): é também "útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça" (v. 16). Em outras palavras, ela é proveitosa, tanto para a doutrina (ensinar a verdade e corrigir o erro) como para a ética (repreender o pecado e orientar para uma vida correta), levando-nos assim adiante na fé cristã e no comportamento cristão, até que nos tornemos homens e mulheres de Deus, "perfeitamente habilitados para toda boa obra" (v. 17). Assim (como veremos mais demoradamente no próximo capítulo) a Bíblia tem um papel essencial a desempenhar em nosso crescimento até atingirmos a maturidade em Cristo. Em contraposição aos

[378] *P. ex.* Is 1.20
[379] *P. ex.* At 3.18, 21
[380] Hb 1.1
[381] 2 Pe 1.21
[382] J. I. Packer, "*'Fundamentalism" and the Word of God* (IVP, 1958), p. 81-82
[383] *Cf.* 2 Tm 2.7

enganos dos "homens perversos e impostores", Timóteo deveria continuar na Palavra de Deus, tanto nas Escrituras do Antigo Testamento como nos ensinos do apóstolo.

Graças a Deus pela Bíblia! Deus não nos deixou tateando às cegas na escuridão, mas deu-nos uma luz para indicar o caminho. Ele não nos abandonou debatendo-nos em mares revoltos; a Escritura é uma rocha na qual encontrar chão e firmeza. Nossa resolução deveria ser estudá-la, crer nela e obedecê-la.

Pregando a Palavra

Nem Timóteo nem ninguém mais tem o direito de monopolizar as Escrituras. Afinal, a Escritura não é propriedade privada de ninguém: ela é propriedade pública. Ela foi dada por Deus e pertence a todos. Sua Palavra foi anunciada a fim de ser passada adiante. Assim o apóstolo, consciente da presença de Deus e do futuro aparecimento de Cristo para nos julgar (4.1), dá a Timóteo este encargo: "Prega a palavra" (v. 2). Ele deve proclamá-la como um arauto ou como uma sentinela em praça pública. E deve fazê-lo com ousadia, urgência e relevância, corrigindo, repreendendo e encorajando de acordo com o estado e a necessidade das pessoas, e "com toda a longanimidade e doutrina" (v. 2).

Isto se faz ainda mais necessário, acrescentou Paulo, porque está chegando o tempo em que as pessoas "não suportarão a sã doutrina". Mas estas, acometidas de um estranho estado patológico chamado "coceira nos ouvidos", irão dar ouvidos a ensinadores que dizem o que elas querem ouvir, ao invés de anunciar-lhes a verdade que Deus quer lhes dizer (vs. 3-4). Mas a indisposição de alguns para dar ouvidos à Palavra de Deus não é razão para nós deixarmos de anunciá-la! Pelo contrário, Timóteo deve perseverar, ser sóbrio, suportar as aflições e cumprir fielmente o seu ministério, tanto como evangelista quanto como mestre (v. 5).

Uma das maiores necessidades da igreja contemporânea é que se exponha a Bíblia conscientemente no púlpito (veremos isso mais adiante, no capítulo 13). Existe, por toda parte, uma grande ignorância, até mesmo quanto aos rudimentos da fé. Muitos cristãos são instáveis e imaturos. E a principal razão para este triste estado de coisas é a escassez de pregadores bíblicos equilibrados, radicais e responsáveis. O púlpito não é lugar de discutir as nossas próprias opiniões, mas, sim, de expor a Palavra de Deus.

O clímax da exortação do apóstolo encontra-se nos versículos 6 a 8. Em uma carta anterior, escrita cerca de dois anos antes, ele se descrevera como "o velho".[384] Agora ele escreve que chegou a hora de sua partida. De fato, sua vida já começou a ser "oferecida por libação" (v. 6). Relembrando sua carreira apostólica, ele pode dizer que combateu o bom combate, completou a carreira e guardou a fé (v. 7). Ele nada tem a lamentar. Provavelmente está encarcerado nos subterrâneos da Prisão Mamertina em Roma, da qual não espera mais sair. Já com os olhos da imaginação ele vê o lampejo da espada do executor e, mais além desta, "a coroa da justiça" que, no último dia, Jesus, o reto Juiz, dará tanto a ele como "a todos quantos amam a sua vinda" (v. 8). Ele sente que o seu ministério está chegando ao fim, o que o move a exortar Timóteo a que fique firme na Palavra, permaneça nela e passe-a adiante.

Espero que não me julguem pessoal demais se eu disser que sinto e compreendo a intensidade das palavras de Paulo — se bem que, obviamente, eu não tenha a presunção de comparar-me a ele. Mas eu escrevo estas palavras ao mesmo tempo em que acabo de comemorar meus setenta anos de vida.[385] Com esta idade, não espero viver muito mais tempo. Cada novo dia é um bônus que recebo com gratidão das mãos de Deus.

E assim eu fico me perguntando: onde estão os "timóteos" da próxima geração? Onde estão os jovens homens e mulheres evangélicos que estão determinados, pela graça de Deus, a ficar firmes na Palavra, recusando-se a deixar-se levar pelos ventos prevalecentes do espírito deste mundo; que estão decididos a permanecer na Escritura e a viver por ela, relacionando a Palavra com o mundo e obedecendo a ela; e que assumiram o compromisso de passá-la adiante, dedicando-se ao ministério de expor a Bíblia com toda consciência?

CAPÍTULO ONZE
RESPONDENDO À PALAVRA

O conceito de revelação divina e de nossa necessidade de submeter-nos a ela é, ao mesmo tempo, altamente razoável e praticamente saudável. E razoável porque reconhece que o Deus infinito está muito além de suas criaturas finitas e que nós nunca o teríamos encontrado se ele não tivesse tomado a iniciativa de fazer-se conhecido. E é saudável porque a submissão à auto-revelação de Deus em Cristo e no pleno testemunho bíblico

[384] Fm 9

[385] Sl 90.10

de Cristo, longe de inibir a saúde e o crescimento da igreja, é na verdade indispensável a estes. Minha tese neste capítulo é que a Palavra de Deus, quando recebida e respondida, tem um papel central na fé e na vida do povo de Deus. Vou dar cinco exemplos.

Discipulado maduro

Primeiro, a submissão à autoridade da Escritura é *o caminho para um discipulado maduro.* Eu não estou dizendo que é impossível ser discípulo de Jesus sem que se tenha uma alta concepção da Escritura, pois isto evidentemente não é o caso. Existem verdadeiros seguidores de Jesus Cristo que não são "evangélicos", cuja confiança na Escritura é muito pouca ou mesmo mínima e que acreditam muito mais nas tradições do passado e nos ensinamentos presentes da igreja, ou mesmo em suas próprias idéias ou experiência. Eu não tenho o mínimo desejo de negar a autenticidade de sua fé cristã. Arrisco-me, porém, a dizer que o seu discipulado acabará sendo muito mais pobre em virtude de sua atitude para com a Bíblia. É impossível um discipulado cristão maduro, completo e equilibrado sem que os discípulos se submetam à autoridade ensinadora do seu Senhor tal como mediada através da Escritura. Afinal o que é discipulado? É um estilo de vida multifacetado, um amálgama de diversos ingredientes. Ele abrange principalmente adoração, fé, obediência e esperança. Todo cristão é chamado a adorar a Deus, a confiar nele, a obedecer-lhe e a olhar com firme esperança para o futuro. Mas cada um destes é uma resposta à revelação e é seriamente deficiente caso não haja uma revelação confiável e objetiva de Deus.

1. *Adoração.* Todo cristão é um adorador. Tanto em público como na vida privada, nós reconhecemos que devemos adorar o Deus Todo-poderoso. Mas como podemos adorar a Deus sem sabermos quem ele é e que tipo de adoração lhe agrada? Sem esse conhecimento, é quase certo que nossos esforços de adoração acabam se transformando em idolatria. No melhor dos casos, nós iríamos simplesmente imitar aquele famoso altar que Paulo encontrou em Atenas e no qual estava escrito "Ao deus desconhecido".[386] Mas os cristãos não são atenienses agnósticos; nós devemos amar o Senhor nosso Deus com todo o nosso entendimento[387] e adorá-lo "em espírito e em verdade".[388]

Então, o que significa adorar a Deus? E "gloriar-se no seu santo nome",[389] ou seja, adorar com regozijo aquele que ele é em seu caráter revelado. Antes, porém, de podermos nos gloriar no nome de Deus, precisamos conhecê-lo. Daí a necessidade de lermos e praticarmos a Palavra de Deus em culto público e de meditarmos na Bíblia em devoção privada. Estas coisas não interferem na adoração; pelo contrário, são o fundamento necessário para tal. Antes de termos qualquer liberdade de falar com Deus, ele tem de falar conosco. Ele deve revelar-se a nós antes que possamos apresentar-lhe aquilo que somos em adoração que lhe agrada. O culto a Deus é sempre uma resposta à Palavra de Deus. A Escritura dirige e enriquece maravilhosamente a nossa adoração.

2. Fé. Se todo cristão é um adorador, todo cristão é também um crente. Na verdade, a vida cristã é uma vida de fé. "Onde está a vossa fé?", perguntou Jesus aos doze quando eles ficaram com medo, e os exortou: "Tende fé em Deus".[390] Mas, o que é fé? Também é uma resposta à revelação de Deus. Nós não podemos confiar em um Deus que não conhecemos, assim como não podemos adorar um Deus desconhecido. Consideremos o Salmo 9.10: "Em ti, pois, confiam os que conhecem o teu nome; porque tu, Senhor, não desamparas os que te buscam." Se adorar é "gloriar-se" em Deus por quem ele é (seu "nome"), então fé é "confiar" nele por causa de quem ele é. Assim, fé não é, nem ingenuidade, nem credulidade. Ela nem é ilógica nem é irracional. Pelo contrário, fé é uma confiança razoável. Ela se baseia no conhecimento: o conhecimento do nome de Deus. Sua razoabilidade nasce da confiança do Deus em quem se está confiando. Confiar em Deus nunca pode deixar de ser razoável, pois ninguém há que seja mais digno de confiança do que ele.

A fé vai crescendo, portanto, à medida que refletimos no caráter de Deus (que nunca mente) e na aliança de Deus (que se comprometeu com o seu povo). Mas como podemos descobrir seu caráter e sua aliança? Somente pela Bíblia, na qual estão reveladas estas duas verdades geminadas. Assim, quanto mais meditarmos na auto-revelação de Deus através da Escritura, tanto mais madura ficará a nossa fé, enquanto que, sem a Escritura, a nossa fé acabará fraca e doentia.

3. *Obediência.* Jesus chama os seus discípulos para uma vida de obediência, como também de adoração

[386] At 17.23
[387] Mc 12.30
[388] Jo 4.24.
[389] S1 105.3
[390] Lc 8.25; Mc 11.22

e fé.

Mas como podemos obedecer-lhe, a menos que conheçamos a sua vontade e os seus mandamentos? Sem tal conhecimento é impossível obedecer. "Se me amais, guardareis os meus mandamentos."[391] E, mais uma vez, "Aquele que tem os meus mandamentos [isto é, que os conhece e os entesoura em sua mente e memória] e os guarda, esse é o que me ama."[392]

Uma vez mais, portanto, vemos que a Bíblia é indispensável para um discipulado maduro. É nela que aprendemos os mandamentos de Cristo e assim tomamos os primeiros passos necessários para compreender e fazer a sua vontade.

4. *Esperança.* A esperança cristã é uma expectativa confiante com relação ao futuro. Nenhum cristão pode ser cínico ou pessimista. Na verdade nós não acreditamos que algum dia os seres humanos conseguirão construir uma Utopia na terra. Mas, embora não tenhamos muita fé na realização humana, nós temos grande confiança nos propósitos e no poder de Deus. Temos certeza de que o erro e o mal não terão a última palavra. Pelo contrário, a verdade e a justiça acabarão triunfando, pois Jesus Cristo há de regressar em poder e glória, os mortos ressuscitarão, a morte será destruída e o universo se libertará da corrupção e será coberto de glória.

Mas como podemos estar certos destas coisas? Não existe nenhuma base evidente para tal confiança. O mal floresce. Os ímpios são bem-sucedidos em sua maldade. Os problemas do mundo parecem indissolúveis. E a nuvem de cogumelo da explosão nuclear ainda tolda o horizonte. Não haveria mais razão para desespero do que para esperança? Sim, pode ser... a não ser pela Bíblia! É a Bíblia que desperta, orienta e nutre a esperança. E a esperança cristã é completamente diferente do otimismo secular. E uma confiança em Deus, que nasce das promessas de Deus. "Guardemos firme a confissão da esperança, sem vacilar," exorta o autor de Hebreus aos seus leitores. Por quê? "Pois quem fez a promessa é fiel."[393] O próprio Jesus disse que viria de novo. "Então verão o Filho do homem vir nas nuvens, com grande poder e glória... E vereis o Filho do homem... vindo com as nuvens do céu".[394] São promessas como esta que estimulam nossa esperança. E "guardando a sua promessa"que nós esperamos por um novo mundo, "em que habita justiça".[395]

Aqui estão, pois, os quatro ingredientes do discipulado cristão: adoração, fé, obediência e esperança. Todos eles seriam irracionais sem uma base objetiva na revelação de Deus, para a qual eles são uma resposta. A adoração é uma resposta à revelação do nome de Deus; a fé, à revelação do seu caráter e aliança; a obediência, à revelação da sua vontade e mandamentos; e a esperança, à revelação do seu propósito e suas promessas. E o nome, a aliança, os mandamentos e as promessas de Deus são todos encontrados na Escritura. E por isso que a Bíblia é fundamental para o crescimento cristão, e por isso é que a submissão à sua autoridade é o caminho para um discipulado maduro.

Integridade intelectual

Em segundo lugar, a submissão à autoridade bíblica é *o caminho para a integridade intelectual.*

Muita gente iria negar imediatamente esta declaração e até afirmar o contrário. As pessoas não conseguem entender como é que os cristãos — aparentemente tão inteligentes, em pleno final do século XX — podem ser tão obtusos a ponto de acreditar na inspiração e na autoridade da Bíblia. Acham insustentável um compromisso com a verdade e a fidelidade da Escritura. Assim, aqueles dentre nós que insistem em permanecer fiéis à Escritura eles acusam de falta de integridade intelectual. Dizem que somos obtusos, esquizofrênicos, suicidas intelectuais e vítimas de outras patologias igualmente repugnantes. Diante dessas acusações, porém, nós nos declaramos inocentes, insistindo no fato de que a nossa convicção acerca das Escrituras nasce da própria integridade que os nossos críticos dizem nos faltar.

"Integridade" é a qualidade de uma pessoa integrada. Um cristão integrado está em paz (e não em guerra) consigo mesmo. Ao invés de vivermos uma dicotomia entre as nossas diversas crenças, ou entre a nossa fé e o nosso comportamento, o que nos deixaria intimamente divididos, o que existe é uma harmonia interior. Nós somos "uma peça única", inteiros, integrais. Qual é o segredo dessa integração?

Não existe princípio cristão mais integrador do que a afirmação que vimos no capítulo 5, "Jesus Cristo é Senhor". No discipulado integrado, é igualmente essencial que confessemos o seu senhorio com os nossos lábios e que o entronizemos como Senhor em nossos corações. Nós aceitamos o leve fardo de sua autoridade

[391] Jo 14.15
[392] Jo 14.21
[393] Hb 10.23
[394] Mc 13.26; 14.62
[395] 2 Pe 3.13

disciplinadora. Procuramos "levar cativo todo pensamento à obediência de Cristo".[396] E quando Jesus é Senhor daquilo que nós cremos, das nossas opiniões, ambições, padrões e valores, Senhor do nosso estilo de vida, então nós somos cristãos integrados, já que a nossa vida é marcada pela "integridade". Só quando *ele* é Senhor é que *nós* nos tornamos completos.

Mas o próprio Jesus, nosso Senhor, submeteu-se às Escrituras do Antigo Testamento. Em sua conduta ética, na compreensão de sua missão e em seus debates públicos com os líderes religiosos de sua época, sua preocupação primordial era ser fiel à Escritura. "O que diz a Escritura?", perguntava ele. Esta era sempre a sua apelação final. Além do mais, ele deixou clara sua expectativa de que, quanto a isso, os seus discípulos seguissem o seu exemplo. E também providenciou para que as Escrituras do Novo Testamento fossem escritas, ao escolher, chamar, equipar e comissionar os seus apóstolos para serem os mestres da igreja, esperando que a igreja se submetesse a eles. "Quem vos der ouvidos, ouve-me a mim", disse ele. Portanto, a submissão à Escritura por parte dos discípulos cristãos é parte e parcela de nossa submissão a Jesus como Senhor. Afinal, o discípulo não está acima de seu mestre. Portanto, nós não podemos acomodar-nos a uma submissão seletiva. Seria inerentemente ilógico, por exemplo, concordar com a doutrina de Jesus sobre Deus, mas discordar da sua visão sobre a Palavra de Deus. De jeito nenhum: submissão seletiva não é submissão autêntica.

Isto nos dá a orientação necessária para lidarmos com os problemas encontrados na Bíblia, pois, ao afirmar a inspiração e a autoridade da Escritura, eu não estou negando que haja problemas. Existem problemas textuais, literários, históricos, científicos, filosóficos, culturais, teológicos e morais. Os fenômenos observáveis da Escritura (que nós vemos indutivamente) às vezes parecem conflitar com a nossa doutrina da Escritura (que nós defendemos dedutivamente, inferindo-a da atitude e dos ensinos de Jesus). Assim, o que deveríamos fazer com os problemas? Como tratá-los com integridade?

Precisamos lembrar que toda doutrina cristã traz à tona algum problema, inclusive as doutrinas centrais de Deus (seu ser, criação, soberania, providência e justiça), de Jesus Cristo (sua pessoa única em duas naturezas, sua obra de expiação, sua ressurreição corporal, seu reino presente e sua volta futura) e do Espírito Santo (sua atuação na igreja e no mundo). Ou, então, consideremos o amor de Deus. E uma doutrina cristã fundamental. Todos os cristãos, sem exceção (católicos romanos, ortodoxos, reformados, luteranos, episcopais, independentes, pentecostais...), acreditam que Deus é amor; se eles o negassem, não seriam cristãos. Mas os problemas que cercam esta convicção são enormes: a origem e a propagação do mal, o sofrimento dos inocentes, os "silêncios" de Deus e os "atos" de Deus, a vastidão do universo e a aparente insignificância de cada ser humano.

Suponhamos que alguém venha procurar-nos com um problema ou um conflito pessoal (talvez o nascimento de um filho deficiente, um desastre natural ou uma morte trágica) e nos desafie: "Por que isso tinha de acontecer comigo? Como pode Deus ser amor, se ele permite isso?" Como é que iremos reagir? Dizer que, para preservar nossa integridade intelectual, é melhor deixarmos de acreditar no amor de Deus até que o nosso problema esteja resolvido? Espero que não. Nem vamos varrer o problema para debaixo do tapete e tentar esquecê-lo. Pelo contrário, além da questão de como deveríamos responder pastoralmente ao nosso inquiridor, nós lutamos com o problema em nossa própria mente e coração. Nós pensamos nele com muita consciência, lemos acerca do assunto, conversamos e oramos sobre ele. E, durante este processo, o problema vai se esclarecendo. Mesmo assim, algo da perplexidade permanece. E depois, o que acontece? O caminho para a integridade intelectual, a meu ver, é determinar-nos a não abrir mão da nossa convicção quanto ao amor de Deus, apesar das dificuldades que permanecem — em última instância, por uma única razão: que o próprio Senhor Jesus ensinou e demonstrou esse amor. Primeiro e antes de tudo, foi por causa de Jesus que nós chegamos a crer no amor de Deus, e é pela mesma razão que deveríamos continuar a fazê-lo.

O mesmo acontece com os problemas concernentes à Bíblia. Nós temos que aprender a encará-los assim como encaramos os problemas relativos a outras doutrinas cristãs. Se alguém vem para nós com um problema bíblico (uma discrepância, por exemplo, entre teologia e ciência, ou entre dois relatos dos Evangelhos, ou um dilema moral), o que deveríamos fazer? Não podemos (movidos por uma integridade equivocada) deixar de confiar na verdade da Escritura até que tenhamos resolvido o problema. Nem podemos colocar o problema numa prateleira (adiando indefinidamente o seu desafio) nem empurrá-lo para debaixo do tapete (ocultando-o permanentemente, até de nós mesmos). Ao invés disso, deveríamos lutar conscientemente com o problema em pensamento, discussão e oração. A medida que o fizermos, algumas dificuldades irão se aclarando, seja total ou parcialmente. Mas então, a despeito daquilo que ainda permanece, nós deveríamos conservar a nossa confiança na Escritura, baseados no fato de que o próprio Jesus a ensinou e demonstrou.

Se um crítico me dissesse: "Se você enfrenta os problemas acreditando que a Bíblia é a Palavra de Deus,

[396] 2 Co 10.5

então você é um ignorante!", eu hoje devolveria o cumprimento dizendo: "Está bem, se esta é a sua opinião... Mas, neste caso, você é um ignorante, se enfrenta os problemas acreditando no amor de Deus." Mas a verdade é que acreditar em uma doutrina cristã a despeito de seus problemas, por reconhecimento ao senhorio de Jesus Cristo, não é ignorância (preferir as trevas à luz), mas fé (confiar naquele que disse que ele era a luz do mundo). Aliás, é mais do que fé: é a sensata integridade intelectual de confessar Jesus como Senhor.

Progresso ecumênico

Em terceiro lugar, a submissão à autoridade da Escritura é *o caminho para o progresso ecuménico,* ou seja, o meio de assegurar uma aproximação satisfatória entre as igrejas.

Agora eu me dou conta de que talvez alguns dos meus leitores não tenham o mínimo desejo de levar adiante o ecumenismo. Pode ser que você (pura suposição minha) suspeite de tudo o que seja movimento ecumênico, inclusive o Concílio Mundial de Igrejas, que nasceu a partir dele. Você percebe (se bem que sempre é enganoso generalizar) a tendência deste para a indiferença doutrinária, o seu esforço para reinterpretar a missão cristã em termos de ação socio-política, como também a sua inclinação para o sincretismo e o universalismo em face dos desafios de outras religiões. Na verdade, eu entendo os seus escrúpulos — aliás, eu mesmo compartilho deles. Existe no ecumenismo moderno muita coisa que nos desconcerta e nos deixa angustiados. Não se pode aceitar sem críticas tudo o que vem de Genebra. No entanto, também me incomoda essa condenação generalizada por parte de um grande contingente evangélico com relação às atividades ecumênicas. Para mim é óbvio que nós não podemos simplesmente ignorar toda a ala não evangélica do cristianismo, como se ela não existisse; ou então, já que ela de fato existe, considerar os seus adeptos como não cristãos e concluir que nada temos a ver com eles. Aliás, o nosso Senhor Jesus orou para que seu povo viesse a ser um, a fim de que o mundo cresse,[397] e seu apóstolo Paulo exorta-nos a "esforçar-nos diligentemente por preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz".[398]

É claro que existe um lugar para discordâncias entre nós quanto à forma que deveria assumir a unidade cristã. Mas por que não podemos admitir que essa competição entre diferentes igrejas não tem razão de ser e que a unidade visível da igreja, de alguma forma, é um alvo a ser alcançado? Reagindo a uma carta de Thomas Cranmer, Arcebispo de Cantuária, em 1552, Calvino escreveu o seguinte:

Sem dúvida, uma das maiores desgraças do nosso século é o fato de as igrejas estarem assim separadas umas das outras... e que a santa comunhão dos membros de Cristo, que muitos professam com a boca, seja buscada com sinceridade apenas por uns poucos... Segue-se daí que, estando os membros assim dispersos, o corpo da igreja fica sangrando. Isto me afeta tão profundamente que, se alguém achasse que valeria alguma coisa, eu não hesitaria em atravessar dez mares para isso, caso necessário... De fato, se homens letrados tentassem chegar a um acordo sólido e cuidadosamente elaborado de conformidade com o que manda a Escritura, um acordo pelo qual as igrejas separadas devessem unir-se umas às outras, acho que de minha parte eu não pouparia qualquer esforço ou perigo.[399]

A carta de Calvino a Cranmer é significativa, não só pelo fim que ela tinha em vista (unir igrejas separadas), mas também pelos meios que ela propunha (um acordo baseado na Escritura). Afinal, a unidade que o próprio Cristo deseja para sua igreja é certamente uma unidade baseada na verdade. Sua oração registrada em João 17 une claramente as duas coisas, como veremos no capítulo 16. Além disso, se a igreja está construída sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, tendo como pedra angular o próprio Cristo,[400] ela certamente não irá crescer em tamanho ou estabilidade negligenciando, e muito menos solapando, o seu alicerce. E nisto o Concílio Mundial de Igrejas está de acordo, pelo menos em sua posição oficial. Sua declarada definição da "unidade que buscamos" (1961) fala sobre "uma só comunhão plenamente comprometida, mantendo uma só fé apostólica, anunciando um único evangelho, partindo um só pão" e desfrutando uma vida comunitária de oração, testemunho e serviço.[401]

Naturalmente, essa "uma só fé apostólica" chegou até nós através do Novo Testamento, e não se poderia

[397] Jo 17.20-23
[398] Ef 4.3

[399] *Op. Calv.* XIV, pp. 312-314, citado em Jean Cadier, *The Man God Mastered* (ET IVF, 1960), pp. 172-173
[400] Ef 2.20
[401] *The New Delhi Report* (SCM, 1962), p. 116

nem deveria considerar nenhuma união de igrejas que se desviasse desta regra. De maneira particular, um dos maiores obstáculos para a unidade tem sido a falha em distinguir entre Escritura e tradição. Jesus mesmo estabeleceu uma distinção bem clara entre a Escritura escrita e a tradição oral dos anciãos, subordinando esta àquela; e foi ainda mais longe, a ponto de rejeitar a tradição por ser "preceitos de homens", a fim de que a Escritura, sendo a Palavra de Deus, tivesse a supremacia.[402] Esta mesma distinção precisa ser feita hoje. Mesmo assim os planos de unidade da igreja têm falhado. Uma demonstração disso é a tendência, por exemplo, das igrejas anglicanas e episcopais de insistir em uma visão bem particular quanto ao "episcopado histórico", que elas consideram uma questão inegociável. Pode-se até entender as razões históricas para isso, e eu mesmo gostaria de defender um sistema episcopal de governo como um ideal de pastorado coerente com a Escritura e que conduziria à saúde da igreja. Mas não se pode insistir nisso como indispensável, pois é um assunto que tem a ver com a tradição da igreja, e não uma exigência da Escritura.

Se nós pelo menos pudéssemos concordar que a Escritura é "a Palavra escrita de Deus", que ela é suprema em sua autoridade sobre todas as tradições humanas, por mais veneráveis que sejam, e que deveríamos deixar que *ela* reformasse e renovasse a igreja, isto seria um salto imediato nas relações ecumênicas. Segundo a Palavra de Deus, para haver *re-união* é indispensável que haja uma reforma.

Evangelização eficaz

Em quarto lugar, a submissão à autoridade da Escritura é *o caminho para uma evangelização fiel e eficaz.* Até aqui, enquanto considerávamos o discipulado pessoal, a integridade e as relações entre as igrejas, o meu argumento foi doméstico e eclesiático. Mas o mundo que nos cerca vive em grande confusão e trevas. Será que a igreja tem alguma luz para essas trevas, alguma palavra de esperança para esse atônito mundo moderno?

Uma das tragédias da igreja contemporânea é que, justo quando o mundo parece estar pronto para ouvir, muitas vezes a igreja parece ter pouco ou nada a dizer. Afinal de contas, ela mesma está confusa; ao invés de trazer alguma contribuição positiva, ela participa da confusão reinante. A igreja sente-se insegura; não tem certeza de sua identidade, de sua missão nem de sua mensagem. Fica aí gaguejando e balbuciando, quando deveria estar proclamando o evangelho com toda intrepidez. Com efeito, a principal razão para a igreja estar perdendo a sua influência no Ocidente é que a sua fé está diminuindo.

É impossível redescobrir a evangelização, a não ser que se redescubram as boas novas do evangelho. Afinal, evangelizar, na sua definição mais simples, é "compartilhar o evangelho". Portanto, é impossível haver evangelização bíblica sem evangelho bíblico. Muitas igrejas através do mundo vêm considerando os anos 90 como uma "década da evangelização". Isto é muito bom. Mas nós nunca iremos concordar quanto ao que significa "evangelizar" se nos recusarmos a debater o conteúdo do "evangelho". Evangelização só pode ser definida em termos de evangelho.

Nós precisamos admitir que testemunho cristão é essencialmente testemunhar de Cristo, e que o único Cristo autêntico que existe é o Cristo testemunhado pelos apóstolos. Afinal, os apóstolos foram as testemunhas originais, as testemunhas oculares; nosso testemunho, por mais vital que seja, continua sendo secundário em relação ao deles. Nós não temos autoridade alguma para alterar o evangelho deles. Pelo contrário, somos chamados para preservá-lo como mordomos, proclamá-lo como arautos e defendê-lo como advogados.

Em seu livro sobre evangelização intitulado *Ide e Fazei Discípulos,* David Read, que durante muitos anos foi pastor da Igreja Presbiteriana da Avenida Madison, em Nova York, escreveu: "Aqueles dentre nós que gostam de visitar outros países conhecem bem aquele solene momento quando, na fronteira, nos deparamos com um oficial da alfândega que... nos encara com olhos de aço e pergunta: 'Algo a declarar?' Eu ainda não tive a coragem de responder: 'Sim. Como ministro do evangelho, é meu dever declarar que Jesus Cristo é o seu Senhor e Salvador'." Assim, David Read intitula o seu capítulo final "O *Ponto Crucial: Você tem algo a declarar?"* O que faz da "maioria de nós... evangelistas relutantes", escreve ele, é a falta de convicção acerca do evangelho.[403] E eu concordo. Acho que a igreja nunca levará a sério a sua tarefa evangelística, a não ser que primeiro ela recupere a sua confiança na verdade, relevância e poder do evangelho, e comece ela mesma a entusiasmar-se por ele. Para isso, no entanto, ela terá que retornar à Bíblia, onde o evangelho foi revelado.

Humildade pessoal

Em quinto lugar, a submissão à autoridade da Escritura é *o caminho para a humildade cristã pessoal.*

---

[402] *P. ex.* Mc 7.5-13

[403] David H. C. Read, *Go and Make Disciples* (Abingdon, 1978), pp. 94-95

Não há coisa mais detestável em alguém que diz seguir a Cristo do que a arrogância, e nada é mais apropriado ou atrai mais do que a humildade. E um elemento essencial na humildade cristã é a disposição para ouvir e receber a Palavra de Deus. Talvez a maior de todas as nossas necessidades é assumir outra vez o nosso lugar humildemente, calmamente e pacientemente aos pés de Jesus Cristo, para ouvir atentamente a sua Palavra, acreditar e obedecer. Aliás, nós não temos direito algum de desacreditá-lo ou desobedecê-lo.

A questão definitiva que se coloca diante de nós e de toda a igreja é se Jesus Cristo é Senhor (como nós dizemos que ele é) ou não. A pergunta é se Cristo é o Senhor da igreja (para ensiná-la e ordenar-lhe o que fazer) ou se é a igreja que é o senhor de Cristo (para alterar e manipular o seu ensino). Na atual crise de autoridade no mundo, e de perda de autoridade na igreja, meu apelo é que regressemos a uma humilde submissão à Escritura como Palavra de Deus e que o façamos a partir de uma humilde submissão a Jesus Cristo como Senhor, o qual se submeteu, ele mesmo, à Escritura, com toda humildade, em sua própria fé, vida, missão e ensinamento.

Ao fazê-lo, encontraremos o caminho para o discipulado maduro e para a integridade intelectual, o caminho para unir as igrejas e evangelizar o mundo e o caminho para demonstrar uma humildade apropriada diante do nosso Senhor Jesus Cristo. E isso que eu chamo de "salubridade" de submeter-se à autoridade da Escritura.

CAPITULO DOZE
TRANSPONDO A PALAVRA

Sempre que nós pegamos a Bíblia e a lemos, mesmo em uma versão moderna como a Bíblia na Linguagem de Hoje, sabemos que estamos voltando dois milênios na história — ou, no caso do Antigo Testamento, até mais. Nós nos transportamos no tempo, para antes da revolução da informática e da revolução eletrônica, até que finalmente nos encontramos num estranho mundo que deixou de existir há muito tempo. Ê por isso que a Bíblia nos dá uma sensação esquisita, arcaica, parece obsoleta e com cheiro de mofo. Aí nos sentimos tentados a perguntar, impacientes: "Mas o que é que esse livro velho tem a ver comigo?" O nosso senso de incongruência ao lermos a Bíblia e a consequente dificuldade que sempre experimentamos ao recebermos dela uma comunicação significativa, devem-se, antes de tudo, não à passagem do tempo em si mesmo (do primeiro século para o século XX), nem à mera distância (do Oriente Médio para o Ocidente), mas às diferenças culturais causadas pela distância no tempo e no espaço. Na verdade, estamos nos confrontando com dois problemas distintos mas complementares. O primeiro é o problema do nosso próprio aprisionamento cultural e o segundo é o problema do condicionamento cultural dos autores bíblicos. Ou seja, tanto os escritores como os leitores da Escritura são criaturas culturais, produtos (e, portanto, até certo ponto, prisioneiros) das culturas específicas em que foram criados. O resultado é que em toda a nossa leitura da Bíblia dá-se uma colisão de culturas entre o mundo bíblico e o mundo moderno. Tanto o fato de Deus falar como o fato de nós ouvirmos são condicionados pela cultura. Isto afeta claramente a nossa interpretação da Escritura; no decorrer da nossa discussão teremos de perguntar se isto afeta também a autoridade da Escritura.

A questão da hermenêutica

A hermenêutica bíblica, isto é, a arte ou ciência de interpretar a Escritura, tem se tornado, nestas últimas décadas, uma das principais preocupações dos estudiosos. Na verdade, todo cristão que lê a Bíblia acaba de confrontando com a questão de como entendê-la corretamente.

O problema surge com as extremas particularidades culturais do texto antigo e do intérprete moderno. Cada um tem um "horizonte" diferente, uma perspectiva ou um ponto de vista limitado, e o que se faz necessário é aquilo que Hans-Georg Gadamer chamou de "fusão de horizontes". "A compreensão ocorre", escreve Dr. Tony Thiselton em seu clássico e abrangente estudo *Os Dois Horizontes,*[404] "quando dois conjuntos de horizontes são colocados em relação um com o outro, a saber, o horizonte do texto e o do intérprete."[405]

Neste processo, a primeira tarefa do intérprete foi chamada por Gadamer de "distanciamento". Isto é, nós precisamos reconhecer "a identidade do passado", desligar-nos do texto e dar espaço para a sua própria

[404] Anthony C. Thiselton, *The Two Horizons: New Testament Hermeneutics and Philosophical Description with Special Reference to Heidegger, Bultmann, Gadamer and Wiltgenstein* (Paternoster, 1980). Dois ensaios mais curtos colocaram este debate ao alcance dos simples mortais, a saber: "Understanding God's Word Today", do próprio Thiselton, em John Stott, ed., *Obeying Christ in a Changing World,* vol. I (Collins, 1977), pp. 90-122, e "Infallible Scripture and the Role of Hermeneutics", de J. I. Packer, em *Scripture and Truth,* ed. D. A. Carson e John D. Woodbridge (Zondervan e IVP, 1983), pp. 323-356

[405] A. C. Thiselton, *The Two Horizons,* p. 103

integridade histórica, sem nos intrometermos nele nem decidirmos prematuramente como ele se aplica a nós. Uma exegese cuidadosa do texto tem que estudá-lo em seus próprios termos linguísticos e culturais.

Mas isso é apenas o começo. Se antes nós precisamos manter distância do texto, num segundo momento nós temos que tentar penetrar nele. "E preciso haver um envolvimento presente com o texto", escreve Thiselton, "como também um distanciamento crítico dele".[406] Mas, como o intérprete também pertence a um contexto preciso e específico, embora diferente do do texto, isto não é fácil. É preciso um alto nível de imaginação, de empatia, se se quiser penetrar nesse estranho mundo. "Exegese histórica é essencial, mas não é suficiente. Nós precisamos distanciamento *e* também abertura para o texto, e os dois irão progredindo até a fusão dos horizontes."[407]

Isto leva a uma ativa interação ou dialética entre texto e intérprete. Por mais que nos esforcemos para nos distanciar do texto, é difícil deixar de trazer para ele nossas pressuposições e nossa própria agenda de problemas e questões. Pode ser que a Escritura proveja algumas respostas para estes. Mas, já que ela tem a sua própria agenda, pode ser que não. Pelo contrário, é provável que ela nos desafie a irmos embora e a reformularmos as nossas questões, ou até a substituí-las por outras melhores. Então nós retornamos com a nossa nova agenda, e assim o diálogo entre nós continua. Isso faz parte daquilo que se chama "o círculo hermenêutico", embora certos estudiosos europeus e latino-americanos prefiram a expressão "espiral hermenêutica", pois o movimento é progressivo e ascendente.[408]

Durante a década de 60 alguns académicos alemães, especialmente Ernst Fuchs e Gerherd Ebeling, ex-alunos de Bultmann, foram mais adiante e desenvolveram uma "nova hermenêutica". Rejeitando a objetividade por considerá-la impossível e baseados em que nós não podemos fugir à nossa própria particularidade e penetrar na do autor bíblico, eles enfatizaram a necessidade de se permitir que o próprio texto fale. Segundo a sua teoria da linguagem, o propósito do texto não é tanto transmitir "conceitos" como provocar um "evento" (um "evento-linguagem"), em que os papéis do texto e do intérprete são invertidos e o intérprete ouve ao invés de falar. Parece claro que esses pós-bultmannianos foram longe demais. Negando que o texto bíblico tenha um significado objetivo, acessível, eles caíram em uma descontrolada subjetividade. O que o texto dizia para eles poderia não ter relação alguma com aquilo que ele realmente significava.

Há, no entanto, um valor intrínseco no que esses estudiosos tentam encontrar. Eles levam a sério o abismo cultural entre o passado e o presente. Reconhecem a particularidade histórica independente, tanto do texto como do intérprete, e procuram desenvolver uma dialética entre os dois. A antiga hermenêutica colocava em nossas mãos um conjunto de leis universais de interpretação, que nós aplicávamos ao texto; a preocupação da nova hermenêutica é permitir que o texto aplique sua mensagem a nós. A velha hermenêutica concentrava-se no texto como *objeto;* nós nos debruçávamos sobre ele, estudávamos, pesquisávamos, aplicávamos a ele as nossas regras e quase assumíamos o controle sobre ele. A nova hermenêutica, por sua vez, concentra-se no texto como *sujeito;* ele está acima de nós e nós nos colocamos humildemente "sob ele", como diziam os Reformadores. Ele fala conosco, nos confronta, nos desafia e transforma.

Eis aqui, pois, o perigo de uma nova polarização entre o "velho" e o "novo". Tanto um como o outro, sozinho, fica perigosamente desequilibrado. Afinal, o texto tanto é objeto como sujeito. Nós falamos a ele e ele fala a nós. Mas, à medida que se desenvolvem estes dois processos, nós precisamos insistir em que o objeto e o sujeito são o mesmo texto e têm o mesmo significado.

Voltemos agora aos dois problemas culturais, considerando cada um deles isoladamente.

Nosso próprio aprisionamento cultural

Todo e qualquer ser humano que já existiu sempre foi uma criatura cultural. Cultura é um termo conveniente com o qual se denota o complexo de crenças, valores, costumes e tradições que cada geração recebe de seu predecessor e transmite a seu sucessor, e que une uma sociedade. Todos nós bebemos, juntamente com o leite da nossa mãe, a nossa herança cultural. O nosso jeito de pensar, julgar, agir, falar, vestir, comer, trabalhar e brincar — todas essas coisas são, em larga escala, determinadas pela nossa cultura, e nós geralmente nem nos apercebemos de quanto da nossa formação cultural nos mantém escravizados.

Daí o grande valor de viajar, pois então nós aprendemos a ouvir a nós mesmos através dos ouvidos de outra cultura e enxergamos a nós mesmos através dos olhos de outra cultura. Eu me lembro muito bem da minha primeira visita aos Estados Unidos, há cerca de trinta e cinco anos. Depois da minha primeira conferência em

[406] *Obeying Christ in a Changing World, vol. I, p. 118.*
[407] A. C. Thiselton, *The Two Horizons,* p. 326
[408] Ver, por exemplo, *O Evangelho e a Cultura* (ABU e Visão Mundial, 1983)

solo americano, uma senhora me disse: "Gosto do seu sotaque britânico!" Sotaque, eu?! É claro que *ela* tinha um sotaque americano, mas *eu,* que falava o inglês da Rainha da Inglaterra?! O meu jeito de falar era o padrão; o dela é que era um desvio, uma deturpação... E então, não muito tempo depois, eu me vi em Manila; e um garotinho filipino, que não devia ter mais que oito anos, aproximou-se de mim, inclinou a cabeça para um lado, olhou para o meu rosto e comentou descaradamente: "Você fala *tão* engraçado!" Ele estava certo. E eu também. Mas, então, você também está certo, assim como todo mundo.

Nossa cultura abrange não somente os pontos de vista e os valores, padrões e costumes gerais da nossa sociedade, mas também aqueles que se aplicam ao sexo, idade e classe social de cada um de nós. Tudo isso afeta a maneira como nós lemos a Bíblia. Por exemplo: como é que eu, sendo homem, posso ler as Escrituras da mesma maneira que uma mulher que traz em seu corpo as feridas do chauvinismo machista? Ou como é que eu, um homem idoso, posso ouvir das Escrituras o mesmo que os jovens ouvem quando a lêem? Ou então, como é que eu, membro de uma sociedade afluente, posso realmente ouvir o que a Escritura diz acerca dos pobres?

Homens e mulheres, jovens e velhos, negros e brancos, africanos e asiáticos, capitalistas e socialistas, assalariados e não assalariados, classe-média e classe trabalhadora, todos nós lemos a Bíblia de maneiras diferentes. Nossos óculos têm lentes culturais. E não só difícil, como quase impossível, lermos a Bíblia com objetividade e abertura genuínas, assim como é difícil para Deus conseguir penetrar as nossas defesas culturais e dizer-nos o que ele quer dizer. Pelo contrário, quando nós vamos ler a Bíblia, chegamos com nossa própria agenda, nossos preconceitos, indagações, preocupações, interesses e convicções; e, a menos que sejamos extremamente cautelosos, acabamos impondo-os ao texto bíblico. Podemos até orar sinceramente antes de ler: "Desvenda os meus olhos, para que eu contemple as maravilhas da tua lei";[409] mas a mesma falta de comunicação pode ainda persistir. Afinal de contas, até essa oração introdutória, embora seja extraída dos Salmos, é suspeita, pois ela já pressupõe o tipo de mensagem que nós queremos ouvir:

"Senhor, por favor, eu quero enxergar alguma 'coisa maravilhosa' na tua palavra."

Mas pode ser que ele responda:

"O que é que faz você pensar que eu só tenho 'coisas maravilhosas' para lhe mostrar? Para falar a verdade, eu tenho é algumas 'coisas perturbadoras' para lhe mostrar hoje. Você está pronto para recebê-las?"

"Oh, não, Senhor, por favor, não", nós gaguejamos em resposta. "Eu só me aproximo das Escrituras para ser confortado. Eu realmente não quero ser desafiado nem perturbado."

Em outras palavras, nós nos aproximamos da Bíblia com a nossa agenda formulada unilateralmente, nossas expectativas pré-estabelecidas, com a cabeça feita, descrevendo de antemão o que queremos que Deus nos diga. E então, ao invés de ouvirmos o trovejar de sua voz, tudo o que recebemos são os ecos suaves de nosso próprio preconceito cultural. E Deus nos diz, tal como disse aos seus servos através de Isaías: "Surdos, ouvi, e vós, cegos, olhai, para que possais ver. Quem é cego, como o meu servo, ou surdo como o meu mensageiro, a quem envio?"[410]

Daí o registro deveras desanimador que nós temos acerca da infidelidade da igreja. Raramente, na longa história da igreja, ela esteve sensivelmente sintonizada com a Palavra de Deus. O mais comum é ela ser exatamente o que foi proibida de ser, ou seja, conformista.[411] Ela tem se deixado influenciar mais pelo mundo do que pela Palavra. Ao invés de desafiar o *status quo* com os valores do Reino de Deus, ela tem sido condescendente com ele. Em vez de resistir aos abusos do secularismo, tem se rendido a eles. Ao invés de rejeitar o sistema de valores e o estilo de vida do mundo, ela os tem assimilado. A igreja tem se acomodado à cultura predominante, embarcando em todos os trens da moda predominante e cantarolando todas as cantigas que estão em voga. Sempre que a igreja faz isso, ela lê a Escritura através dos olhos do mundo e racionaliza a sua própria infidelidade.

Será que estou sendo injusto? Eu acho que não. Vejamos alguns exemplos do passado. Afinal, a história da igreja está cheia de manchas negras culturais.

Eu me pergunto, por exemplo: como é que a consciência cristã não só aprovou como se deixou fascinar por aquelas terríveis cruzadas medievais, considerando-as uma forma de missão que glorificaria a Cristo, de tal forma que cavaleiros cristãos europeus, envoltos em brilhantes armaduras, partiam em cavalgada a fim de recuperar pela força os lugares sagrados do Islã? Isto foi uma terrível asneira que os muçulmanos nunca esqueceram, e muito menos perdoaram, e que continua impedindo a evangelização do mundo muçulmano, especialmente no Oriente Médio. Ou como se explica o emprego da tortura em nome de Jesus Cristo a fim de

[409] Sl 119.18
[410] Is 42.18-19.
[411] Rm 12.2

combater a heresia e impor a ortodoxia, de forma que os mais variados instrumentos de tortura eram aplicados a algum miserável dissidente até que ele capitulasse? Isso quase poderia ser caracterizado como "evangelização pela tortura"... e isso em nome do Príncipe da Paz! E como é que, embora os franciscanos tenham organizado missões no século XIII e os jesuítas no século XVI, as igrejas protestantes estavam tão embevecidas consigo mesmas que literalmente não desenvolveram missão alguma até a época dos pietistas, dois séculos depois da Reforma? E mesmo aí, lá pelos fins do século XVIII, quando William Carey propôs uma missão para a Índia, recebeu como resposta a complacente ironia: "Sente-se, meu jovem; quando Deus quiser converter os pagãos, ele o fará sem a sua ajuda ou a minha." Será que esse crítico nunca leu a Grande Comissão?

E mais: como se explica que, no Ocidente dito cristão, as cruéis degradações da escravidão e do tráfico de escravos não foram abolidas senão 1800 anos depois de Cristo? Ou como é que o preconceito racial e a poluição do meio ambiente foram amplamente reconhecidos como os males que são somente depois da Segunda Guerra Mundial?

Eis aí a relação de algumas das piores nódoas que têm manchado o testemunho da igreja através dos séculos. Nenhuma delas pode ser defendida com base nas Escrituras, se bem que dissimuladas tentativas tenham sido feitas neste sentido. Todos estes fatos resultam sobretudo de uma leitura errónea das Escrituras ou da falta de disposição para submeter-se à sua autoridade. Os filhos de Deus se deixaram cegar pela tradição. Eles tinham outras agendas: não estavam a fim de dar ouvidos a Deus.

Mas, e a nossa própria cegueira contemporânea? E comparativamente fácil criticar os nossos antecessores pela cegueira deles; muito mais difícil, porém, é ter consciência da nossa. O que será que a posteridade há de ver como as principais manchas negras do cristianismo no final do século XX? Eu não posso dizer com muita certeza, é claro, pois eu mesmo participo dessa miopia. Mas suspeito que a resposta tenha relação com duas áreas principais. Primeiro, nós, os cristãos que vivemos na afluência do Atlântico Norte, parece que ainda não sentimos suficientemente a injustiça da contínua desigualdade económica Norte-Sul, que foi forçosamente trazida à atenção do mundo pelos dois Relatórios da Comissão Brandt, *Norte-Sul* (1980) e *Crise Comum* (1983). À parte das questões macroeconómicas do comércio e desenvolvimento, nós não parecemos ter permitido que tal situação afetasse o nosso estilo de vida. Enquanto um bilhão de pessoas são destituídas de recursos, não tendo como prover as necessidades básicas de sobrevivência, e enquanto cerca de 10.000 pessoas morrem de fome a cada dia, sem contar as que vivem em condições de miséria, será que a voz de protesto dos cristãos não deveria ser mais alta e mais estridente? E por que não simplificar o nosso estilo de vida económico — não porque achemos que isto iria resolver o problema, mas porque, pessoalmente, isso nos deixaria mais capacitados a compartilhar mais e a expressar de maneira mais apropriada o nosso senso de solidariedade e compaixão para com os pobres?

Uma segunda mancha negra, pelo menos dos cristãos evangelicais, me parece ser a nossa comparativa falha em condenar como sendo imoral e indefensável todo armamento indiscriminado, tanto o uso de armas atómicas, sejam químicas ou biológicas — já que elas, por sua própria natureza, matam indiscriminadamente — como o uso indiscriminado de armas convencionais. Nós certamente deveríamos estar denunciando isto como sendo incompatível com a teoria da "guerra justa", e muito menos ainda com o pacifismo cristão. Foi lá por 1965 que a Igreja Católica Romana condenou tais armas como sendo "um crime contra Deus e contra o próprio ser humano". Seguiram-se pronunciamentos ecumênicos, declarando a guerra indiscriminada como sendo "crescentemente ofensiva à consciência cristã". Mas a voz dos evangélicos, com honrosas exceções, tem permanecido irresponsavelmente muda.

O primeiro passo para se resgatar a nossa integridade cristã é o humilde reconhecimento de que a nossa cultura nos cega, ensurdece e dopa. Nós nem vemos o que deveríamos ver na Escritura, nem ouvimos a Palavra de Deus como deveríamos, nem sentimos a ira de Deus contra o mal. Precisamos deixar que a Palavra de Deus nos confronte, perturbando a nossa segurança, minando a nossa complacência, impregnando os nossos protetores padrões de pensamento e de comportamento e destruindo a nossa resistência.

Para Deus não é impossível fazer isso. Uma vez que nos apercebamos de quão forte pode ser a barreira da nossa cultura para a comunicação entre Deus e nós, aí estaremos alertas para o problema. Só então começaremos a clamar a ele para que abra os nossos olhos, desentupa os nossos ouvidos e golpeie a nossa consciência adormecida até que ela desperte e, assim, nós vejamos, ouçamos e sintamos o que (através de sua Palavra) Deus vinha nos dizendo o tempo todo.

O condicionamento cultural da Bíblia

Não são apenas os leitores da Bíblia que são produtos de uma determinada cultura; os autores bíblicos

também o eram. E Deus levou isso em consideração quando quis comunicar-se com o seu povo. Ou seja, ao falar, ele não usou a sua própria língua (se é que ele fala alguma língua), nem se expressou em termos de sua própria cultura celestial, pois tal comunicação teria sido ininteligível para os seres humanos aqui na terra. Deus tampouco gritou, lá do imenso céu azul, máximas descontextualizadas. Pelo contrário, ele se humilhou e expressou-se na língua do seu povo (hebraico clássico, aramaico e grego comum), e dentro das culturas do antigo Oriente Médio (o Antigo Testamento), do judaísmo palestino (os Evangelhos) e do Império Romano helenizado (o resto do Novo Testamento). Nada da Palavra de Deus foi dito em um vazio cultural; cada palavra de Deus se expressou em um contexto cultural.

Está certo que os contextos culturais em que a Bíblia foi escrita são geralmente estranhos a nós. Mas nós não deveríamos nos ressentir disso, alegando que nos causa problemas. Pelo contrário, deveríamos nos regozijar na condescendência de Deus, que desceu ao nosso nível a fim de revelar-se em termos linguistica e culturalmente apropriados. Esta verdade se aplica, tanto à encarnação de seu Filho, que assumiu carne humana, como à inspiração de sua Palavra, que foi falada em linguagem humana.

Mas nós nos deparamos com mais uma questão: como pode uma revelação divina dada em termos culturais transitórios ter validade permanente? Como pode uma revelação dirigida a uma situação cultural específica ter uma aplicação universal? Será que o condicionamento cultural da Escritura não limita sua relevância para nós, e até mesmo sua autoridade sobre nós? Não deveríamos dizer com David Edwards: "Eu admito que uma boa parte da Bíblia... é culturalmente condicionada e, portanto, desatualizada"?[412] Seria lógica sua dedução?

Como resposta a David Edwards, eu diria que concordo que a Bíblia seja um livro culturalmente condicionado (como de fato o é todo e qualquer um dos livros que já foram escritos, inclusive os dele e os meus!), mas discordo que, por isso, ela seja necessariamente desatualizada. Mas, então, como nós lidamos com o elemento cultural da Escritura?

O princípio, tal como eu o vejo, pode se manifestar em uma ilustração cotidiana. Não é difícil para nós distinguir entre uma pessoa e a roupa que ela usa. Muitos de nós temos em casa vários conjuntos de roupas. As vezes nos vestimos a rigor, quando vamos a um casamento ou a uma festa, ou então com trajes típicos do lugar onde moramos. Outras vezes usamos roupas mais sóbrias, como quando vamos a um funeral. Há ocasiões em que nos vestimos com trajes exóticos, quando representamos ou quando vamos a uma festa à fantasia. Mas temos também nossas roupas de trabalho, roupas de lazer e nossos trajes noturnos. Em outras palavras, nosso guarda-roupa é bem variado. Mas a pessoa que está por baixo das roupas continua sendo a mesma. A roupa muda, mas a pessoa, não.

Agora, assim como nós fazemos distinção entre as pessoas e suas roupas, assim também precisamos distinguir entre a essência da revelação de Deus (o que ele está ensinando, prometendo ou ordenando) e a roupagem cultural em que ela foi dada originalmente. Qualquer que tenha sido o contexto cultural e temporal, a mensagem essencial tem validade permanente e universal. A aplicação cultural pode mudar; mas a revelação, não.

Portanto, como deveríamos reagir ao nos depararmos com uma passagem bíblica cujo ensinamento é, obviamente, revestido de uma roupagem cultural antiga (já que ela tem relação com costumes sociais que, ou são obsoletos, ou pelo menos são alheios à nossa cultura)? Existem três opções.

A primeira possibilidade é a *rejeição total.* "Já que a cultura está desatualizada", poderíamos dizer a nós mesmos, "o ensino aqui é irrelevante. Não tem nada a ver comigo. Eu posso muito bem pegar uma tesoura, cortar esta passagem da minha Bíblia e jogá-la fora." Eu não recomendo esta reação!

A segunda possibilidade, contrária a esta, é *um literalismo rígido e sem imaginação.* O literalista diz: "Já que este texto é parte da Palavra de Deus, ele deve ser preservado e seguido exatamente como está, sem nenhuma modificação. Tanto a substância como a sua expressão cultural têm a mesma autoridade. Descartar qualquer uma das duas seria brincar com a Palavra de Deus e pecar por incipiente liberalismo." Esta reação eu também não recomendo.

Existe uma terceira opção, mais sensata, que eu chamo de *transposição cultural.* Agora o procedimento é identificar a revelação essencial do texto (o que Deus está dizendo aqui), separá-la da forma cultural em que Deus decidiu dá-la, e então revesti-la de termos culturais modernos apropriados. Uma boa palavra para esta prática é "transposição", pois este é um termo familiar em se tratando de contextos musicais. Transpor uma peça musical é colocá-la em um tom diferente daquele em que foi escrita originalmente. Transpor um texto bíblico é colocá-lo em uma cultura diferente daquela em que foi originalmente dada. Na transposição musical, a melodia e

[412] De uma resenha publicada em *Church Times*

a harmonização continuam as mesmas; somente o tom que é diferente. Na transposição bíblica, a verdade da revelação permanece a mesma; só o que muda é a expressão cultural.

Missionários transculturais são uma boa ilustração da necessidade de transposição transcultural, embora eles tenham de lutar com a dialética entre três culturas. Sua tarefa é tomar a essência do evangelho, que primeiro foi revelado em contextos culturais da Bíblia e que eles mesmos receberam em sua própria cultura, e transpô-la para a cultura do povo para quem eles vão pregar, mas sem deturpar a mensagem ou torná-la incompreensível.[413] Pelo menos é assim na teoria. Na prática, os missionários muitas vezes levam consigo aquilo que, no Congresso de Lausanne em 1974, o Dr. René Padilla chamou de "cristianismo cultural". Em outras palavras, eles exportam, junto com o evangelho, a sua própria herança cultural.

Eu me lembro do choque que senti em minha primeira visita à Africa Ocidental e suas igrejas. Lá eu vi torres góticas erguendo-se acima das folhas das palmeiras e destoando completamente destas, e bispos africanos suando profusamente no calor tropical porque estavam usando vestes clericais da Europa medieval. Ouvi hinos com melodias ocidentais sendo cantados ao som de instrumentos ocidentais, e pastores africanos dirigindo cultos no inglês de trezentos anos atrás! Naturalmente, é fácil criticar. E, se nós estivéssemos no lugar dos primeiros missionários, muito provavelmente teríamos cometido o mesmo equívoco. No entanto, essa imposição das formas culturais ocidentais foi uma grande tolice. O que se precisa, ao invés disso, é aquilo que, na Índia, Stanley Jones chamou de "naturalização do evangelho",[414] isto é, a sua transposição para formas culturais autóctones.

Olhando novamente para as três opções mencionadas, talvez poderíamos dizer que a "rejeição total" é como jogar fora o bebê junto com a água do banho; que o "literalismo rígido" é ficar com o bebê e a água do banho, juntos, ao passo que a "transposição transcultural" é ficar com o bebê e trocar a água do banho.

Exemplos de transposição cultural

A Bíblia se preocupa tanto com a doutrina como com a ética, a fé e o comportamento, e em ambas as áreas é necessário haver transposição cultural.

Consideremos primeiro o ensinamento teológico e doutrinário da Bíblia. Parece óbvio que precisamos aprender a distinguir entre a verdade que está sendo afirmada e os termos culturais em que ela é apresentada; entre significado (a revelação) e meios (sua comunicação). É nesta conexão que temos de encarar o desafio colocado por Bultmann em seu programa de "desmitologização". Seu raciocínio pode, sem muita modificação, ser reduzido a três pontos, relacionados respectivamente com os autores bíblicos, com os seus leitores modernos e com os comunicadores teológicos. Primeiro: o contexto intelectual dos autores bíblicos era pré-científico e, portanto, "mítico". Por exemplo, eles visualizavam o céu acima e o inferno abaixo, em um universo de três andares; assim, imaginavam Jesus literalmente "descendo ao inferno" e "subindo aos céus". Segundo: se aos homens e mulheres do mundo científico moderno se apresentar hoje o evangelho *(kerygma)* expresso em termos dessa cosmologia obsoleta, eles simplesmente o refutarão como inacreditável. Terceiro: a tarefa dos teólogos é, portanto, despir a Bíblia dos seus elementos míticos, ou "desmitologizar o *kerygma",* pois o propósito do mito não é falar de eventos históricos, mas da realidade transcendental.

É melhor entrarmos logo em acordo quanto ao espírito do segundo ponto apresentado. Nossa preocupação prioritária é como comunicar o *kerygma* às pessoas modernas de tal forma que ele seja digno de crédito. Para tanto, temos de proclamar a *verdade* bíblica, mas não necessariamente usando *termos* bíblicos. Nós podemos (e devemos) transpor a verdade revelada para um idioma moderno.

Quanto ao primeiro ponto de Bultmann, no entanto, eu mesmo não estou convencido de que os autores bíblicos foram tão literais quanto ele supõe. Para dizer a verdade, eles usaram o imaginário do universo em três níveis porque ele fazia parte do seu contexto intelectual. Mas será que eles estavam realmente afirmando isso? Eu acho que não. Vejamos, por exemplo, o Salmo 75. Ali se diz que, quando a terra vacilar, Deus "firmará as suas colunas" (v. 3). Portanto, vemos aqui a terra (o andar do meio) sustentada por colunas. Mas no mesmo salmo o salmista adverte que Deus tem em sua mão "um cálice, cujo vinho espuma, cheio de mistura" e que ele o dará aos ímpios para que bebam "até às escórias" (v. 8). Agora, ninguém (e muito menos o salmista) acreditava literalmente que Deus vive com um cálice de vinho na mão. Se, pois, este é um exemplo de dramática imagem poética, não seria gratuito insistir que as "colunas da terra" devam ser entendidas literalmente?

Os autores do Antigo Testamento afirmaram o controle soberano de Deus sobre o mundo ao dizerem que ele mantinha firmes os pilares da terra, sem que com isso estivessem se comprometendo com uma

[413] Ver *O Evangelho e a Cultura* (ABU e Visão Mundial, 1983), especialmente o capítulo 5.

[414] Ver E. Stanley Jones, *The Christ ofthe Indian Road* (Hodder & Stoughton, 1926), *p.ex.* p. 186.

"cosmologia dos três níveis". Eles afirmaram o poder de Deus sobre o mal referindo-se ao fato de que ele destruiria o "dragão" ou "monstro", o "Leviatã", ou "crocodilo",[415] sem com isso se comprometerem com o mito babilónico da criação. Afirmaram ainda a revelação geral de Deus por intermédio da natureza ao dizerem que o sol "percorre o seu caminho de uma extremidade a outra dos céus",[416] sem com isso se comprometerem com um universo pré-copernicano. Estas formas de pensamento e de discurso, quer sejam chamadas de "imaginário", "poesia" ou "mito", eram comuns no antigo Oriente Médio. Os escritores do Antigo Testamento costumavam usá-las para transmitir verdades acerca de Deus como Criador e Senhor, sem que com isso afirmassem a verdade literal das imagens ou da mitologia que estavam usando.

Isto nos leva ao terceiro ponto de Bultmann. Nós até poderíamos concordar com a necessidade, até certo ponto, de "desmitologizar", se o que se quer dizer com isso é a necessidade de transpor a verdade de um conjunto de imagens para outro, como acabamos de ver. Mas Bultmann vai muito mais além disso, especialmente em se tratando do Novo Testamento. Ele tenta reconstruir o *kerygma* (especialmente a morte, a ressurreição e a *parousia* de Jesus) diluindo estes eventos históricos em um "significado" que não é histórico. Assim, conforme Bultmann, quando os apóstolos diziam que "Cristo morreu por nossos pecados", eles não estavam se referindo a nenhum sacrifício literal de "carregar os pecados", mas sim afirmando o amor de Deus e a nossa própria experiência existencial de ser crucificados com Cristo. Ao afirmarem que "ele ressuscitou", não estavam se referindo a um evento, mas a uma experiência, a saber, que ele ressuscitou em sua própria fé renovada. E, ao dizerem que ele virá novamente para julgar, não estavam se referindo a um evento futuro, mas a um desafio presente para se tomar uma decisão responsável por Cristo hoje.

A questão-chave, entretanto, é se as afirmações de que Cristo morreu, ressuscitou e voltará eram deliberadamente maneiras míticas de referir-se a algo além de eventos históricos, ou se foram acontecimentos reais que eram, eles mesmos, parte do *kerygma* que estava sendo proclamado. A interpretação natural do *kerygma* apostólico é que os apóstolos pretendiam proclamar eventos da carreira de Jesus que tanto eram historicamente verdadeiros como teologicamente significativos.

É, portanto, legítimo distinguir entre o significado e o meio, entre *o que* está sendo afirmado e *como* a afirmação é feita, entre a revelação da verdade e a sua comunicação. Mas também é essencial perguntar se as palavras e as imagens utilizadas são literais ou míticas. A derrota do Leviatã é um mito; a morte, a ressurreição e a vinda de Jesus fazem parte da história. A intenção do autor geralmente nos ajuda a saber qual deles é o quê.

Vejamos agora três exemplos de transposição cultural no campo ético. Começarei com um exemplo bem simples, a fim de que possamos captar de fato o princípio e sua aplicação, a saber, o lava-pés. Depois que Jesus lavou os pés dos doze no cenáculo e voltou ao seu lugar, ele disse: "Ora, se eu, sendo o Senhor e o Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns dos outros."[417] Nos dias de Jesus, lavar os pés era uma prática cultural comum. Se fôssemos convidados para uma refeição na casa de um amigo, teríamos de caminhar descalços ou de sandálias através de ruas empoeiradas; por isso, ao chegarmos, um escravo iria lavar os nossos pés. Hoje, porém, pelo menos no Ocidente, a cultura inteira mudou. Quando vamos visitar um amigo, vamos de carro ou de transporte público. Ao chegarmos, certamente não haverá escravo algum para nos encontrar e nos lavar os pés. Em vez disso, nosso anfitrião provavelmente nos perguntará: "Você quer lavar as mãos?" Portanto, como é que devemos lidar com um texto em que se recomenda lavar os pés uns dos outros? Consideremos três opções. Vamos assumir o caminho da rejeição total, baseados no fato de que em nossa cultura já não se costuma lavar os pés? Não. Vamos obedecer literalmente a ordem de Jesus e sair por aí pedindo às pessoas que tirem os sapatos e as meias para que lhes lavemos os pés? Não. Embora os menonitas, como também algumas igrejas africanas e asiáticas, tenham um ritual do lava-pés como parte do seu culto de comunhão, parece claro que a alusão de Jesus era a um costume social e não a uma cerimônia religiosa.

Resta-nos, pois, a terceira opção de transposição cultural. Nós perguntamos o que Jesus queria, qual era a essência da sua instrução. A resposta não está muito longe. Ele estava ensinando que, se nós amamos uns aos outros, devemos servir uns aos outros; e nenhum serviço poderá ser vil, sujo ou humilhante demais para nós. Se, pois, não pudermos lavar os pés das pessoas, iremos alegremente lustrar os seus sapatos, lavar a louça ou mesmo limpar os banheiros. Nada é capaz de rebaixar-nos ou ferir a nossa dignidade. Qualquer que seja o trabalho que, em nossa cultura, seja considerado desagradável ou de baixo nível, *este* será um privilégio para nós, se for um gesto de amor.

Um segundo exemplo da necessidade de transposição cultural tem a ver com comer carnes sacrificadas a

[415] *P.ex.* Sl 74.14; Is 27.1
[416] Sl 19.1-6
[417] Jo 13.14

ídolos.[418] A questão era se os seguidores de Jesus podiam comer a carne de animais que, antes de serem postos à venda no açougue, haviam sido oferecidos em um sacrifício de idolatria. Os novos convertidos, recém-resgatados da idolatria pagã, tinham problemas de consciência quanto a fazer isso. Será que comer as carnes sacrificadas aos ídolos não iria contaminá-los e comprometê-los? Para Paulo, era óbvio que não. Os ídolos não eram nada, dizia ele. Havia somente um Deus, o Pai, e apenas um Senhor, Jesus Cristo.[419] Portanto, ele não via razão alguma para não comer essas carnes. Sua consciência era "forte", isto é, bem formada. Mas aí, havia os crentes "fracos", que convinha considerar. A "fraqueza" deles não residia em sua vontade, mas em sua consciência, que era subeducada e, portanto, superescrupulosa. Se Paulo fosse comer carnes sacrificadas na presença deles, eles poderiam ser encorajados a seguir o seu exemplo, contrariando aquilo que julgavam ser correto e desonrando assim a sua própria consciência. Portanto, em consideração aos cristãos fracos, Paulo se abstinha de comer essas carnes.

Ler acerca desta controvérsia tão intensa no Novo Testamento parece muito estranho em nosso contexto, pelo menos no Ocidente. Não existem em nossa cultura templos pagãos onde animais sejam sacrificados a ídolos, como também não existem mercados ou açougues onde correríamos o risco de comprar comida usada em cultos de idolatria. Mas, mesmo assim, permanecem dois princípios, que foram estabelecidos por Paulo e que são relevantes para os cristãos em todas as culturas hoje. A primeira é que a consciência é sagrada. Para falar a verdade, ela precisa ser educada; mas, mesmo quando ela é fraca, não deve ser violada. O "escrúpulo ético", não apenas em relação ao serviço militar, mas também em outras situações, é permitido naqueles países que tiveram uma influência cristã. Segundo, o amor limita a liberdade. Paulo tinha liberdade de consciência para comer, mas privou-se dessa liberdade por amor e consideração àqueles que ficariam ofendidos se ele o fizesse. Estes dois princípios podem se aplicar em muitos contextos culturais hoje.

Meu terceiro exemplo é o mais controvertido. Refere-se à posição e ao papel das mulheres. Livros inteiros têm sido escritos sobre este assunto; o máximo que eu posso fazer aqui é analisar até onde a transposição cultural pode ser adequada e útil nesta área. Nós conhecemos as proibições de Paulo, de que uma mulher não pode "ensinar" nem "exercer autoridade sobre o marido",[420] como também as suas ordens para que as mulheres usem véu e se conservem caladas na igreja.[421] A questão que se levanta com estes textos é a seguinte: será que todas estas instruções têm validade permanente ou universal? Ou elas contêm alguns elementos culturais que nos permitiriam um pouco de flexibilidade na interpretação e que podem necessitar de transposição para a nossa própria cultura? Antes de responder a estas perguntas, eu preciso fazer duas afirmações e, depois, mais duas perguntas.

A primeira afirmação é que os sexos são iguais. Isto é ensinado em Gênesis 1.26-28. Homens e mulheres são igualmente portadores da imagem divina e co-participantes no domínio da terra. Além disso, se eles são iguais por criação, mais iguais ainda (se é que isto é possível) eles são por redenção. Afinal, em Jesus Cristo "não pode haver ... nem homem nem mulher".[422] Isto é: nós somos absolutamente iguais em valor, dignidade e relação com Deus. A segunda afirmação é que os sexos se complementam. Isto é ensinado em Gênesis 2.18-24. Igualdade não significa identidade. Nem implica necessariamente em completa intercambiabilidade de papéis. Além disso, dentro dessa complementariedade, Paulo afirmou o princípio da liderança masculina, a partir dos fatos da criação descritos em Gênesis 2, a saber, que a mulher foi feita depois do homem, a partir deste e para ele. E ele evidentemente não via conflito algum entre isto e Gálatas 3.28. Eu mesmo não me sinto em condições de discordar do apóstolo Paulo, nem tenho a liberdade de descartar este seu ensino por considerá-lo rabínico, cultural ou mesmo errôneo. Pelo contrário, ele está fundamentado na criação, e o que a criação estabeleceu nenhuma cultura pode destruir.

Das duas afirmações eu passo às duas perguntas. Primeiro, o que significa "ser cabeça"? Eu acho que não encontraremos a resposta na etimologia da palavra grega *kephale,* "cabeça", nem no uso desta no grego secular, em que ela algumas vezes pode significar "origem". O significado de uma palavra na Escritura é menos determinado por sua origem ou pelo seu uso em algum outro lugar do que por seu uso no contexto bíblico. Sendo assim, Efésios 5.21-32 vem em nosso auxílio, já que ali Paulo usa "cabeça" para transmitir a idéia de responsabilidade, ao invés de autoridade. Ele argumenta que o papel de "cabeça" do marido (e, portanto, a liderança masculina em geral) deve ter como modelo o fato de Cristo ser "o cabeça" da igreja (o que o levou a

[418] Paulo trata deste assunto, mais ou menos detalhadamente, em Romanos 14 e em 1 Coríntios 8
[419] 1 Co 8.4-6
[420] l Tm 2.12
[421] I Co 11.4-10; 14.34-35; 1 Tm 2.11-12
[422] G1 3.28

entregar-se a si mesmo por ela), como também a nossa relação para com o nosso próprio corpo (que nos leva a nutri-lo e a cuidar dele). Em ambos os casos, "ser cabeça" implica sacrifício e serviço. É o "ser cabeça" do cuidado e não do controle. Seu propósito não é inibir, e muito menos esmagar, mas, sim, facilitar, criar condições de amor e segurança em que as mulheres sejam livres para ser elas mesmas e desenvolver-se a si mesmas.

Segundo: como é que se aplica o "ser cabeça"? Será proibindo a ordenação ou outras formas de ministério? Em 1 Coríntios 11 Paulo exige que as mulheres usem véu em cultos públicos e refere-se ao véu como um símbolo de autoridade, o que na verdade era naqueles dias. E ainda é em algumas culturas —mas não no Ocidente. Usar chapéu na igreja é um bom exemplo de má transposição. Com efeito, quando as mulheres usam chapéu, em alguns lugares do Ocidente, isto simboliza muito mais liberação do que submissão! E o que dizer das exigências quanto ao silêncio?

Eu, particularmente, creio que os comentaristas não observaram bem que Paulo estabelece um duplo contraste ao escrever: "A mulher aprenda em silêncio, com toda a submissão. E não permito que a mulher ensine, nem que exerça autoridade sobre o marido; esteja, porém, em silêncio." O primeiro contraste é entre autoridade e submissão; este parece ser permanente, por ser criacional. O segundo contraste é entre ensino e silêncio. Não seria o caso de que, no primeiro século, o silêncio era, assim como o véu, um símbolo cultural de submissão à liderança masculina, o que não teria mais, necessariamente, ligação com os dias de hoje? A situação certamente mudou, e muito. Em muitas culturas, hoje, as mulheres recebem tanta educação quanto os homens. E, hoje, o ensino, agora que o cânone do Novo Testamento já foi encerrado, é uma profissão muito menos autoritária. Assim, suponhamos que uma mulher tivesse de ensinar a homens sob a autoridade da Escritura (não reivindicando uma autoridade própria), em espírito de humildade e mansidão (não se arrogando ares de importante) e como membro de uma equipe pastoral encabeçada por um homem. Será que estas três condições a capacitariam a ensinar a homens, sem com isso estar exercendo sobre eles uma autoridade inadequada e sem infringir o princípio da liderança masculina? Seria isto um exemplo legítimo de transposição cultural?

Às minhas próprias indagações, eu responderia, neste momento: "Sim, acho que sim." Eu sei que para certas pessoas isto pode não passar de uma teoria irrelevante, já que em diversas denominações e em muitas partes do mundo a ordenação de mulheres já é uma realidade. Mas pelo menos espero que esteja claro o que eu venho tentando fazer, que é identificar e preservar a essência da revelação de Deus (neste caso, a relação criacional dos sexos) e, ao mesmo tempo, procurar identificar símbolos culturais apropriados para expressá-la neste século XX.

Eu concluo este capítulo — aliás, um tanto longo — com duas palavras de reafirmação sobre a prática da transposição cultural.

Primeiro, só se pode fazer uma transposição cultural quando o texto bíblico contém dois níveis de discurso: primeiro, um ensino doutrinário ou ético, e, segundo, sua expressão social ou cultural; primeiro (por exemplo) o mandamento do amor e de servir um ao outro, e, segundo, o "lava-pés". É impossível fazer uma transposição cultural quando existe apenas um nível de discurso; ela não pode ser usada para justificar uma rejeição daquilo que a Escritura ensina, proíbe ou ordena.

Tomemos como exemplo a tentativa de justificar parcerias homossexuais alegando que as proibições bíblicas são culturalmente condicionadas. O raciocínio desenvolvido por alguns pensadores liberais vai mais ou menos assim: "Nós reconhecemos que certas modalidades de comportamento homossexual foram proibidas por Moisés no Antigo Testamento e por Paulo no Novo. Mas eles estavam se referindo a práticas particulares a sua cultura — em Levítico, ao ritual da prostituição, que fazia parte da antiga religião da fertilidade dos cananeus; e, nas cartas de Paulo, ao comportamento sexual promíscuo, juntamente com a corrupção de menores. Eles não estavam se referindo a relacionamentos de amor, fidelidade e ternura entre dois homens adultos ou entre duas mulheres adultas. Além disso, Moisés e Paulo tinham uma compreensão muito limitada acerca da psicossexualidade humana; nós sabemos muito mais do que eles. Portanto, já que as proibições bíblicas referiam-se a tabus culturalmente específicos, elas são irrelevantes para nós, hoje, e não podem ser usadas para proibir uma parceria homossexual comprometida que equivale a um matrimónio heterossexual."

Mas este é um raciocínio ilusório, que deve ser firmemente rejeitado. O fato é que as proibições bíblicas concernentes à conduta homossexual não tinham uma razão cultural, mas criacional. Elas nasceram da definição bíblica do matrimónio e foram pessoalmente endossadas por Jesus Cristo: "Por isso deixará o homem a seu pai e mãe [e unir-se-á a sua mulher], e, com sua mulher, serão os dois uma só carne."[423] Em outras palavras, o único tipo de matrimónio ou parceria sexual visualizado na Escritura é a monogamia heterossexual, que é também o

[423] Gn 2.24, citado por Jesus em Mc 10.7-9, com a adição: "Portanto, o que Deus ajuntou não o separe o homem".

único contexto dado por Deus para a experiência de ser "uma só carne". Assim, o que limita a relação sexual ao casamento heterossexual e que a proíbe em qualquer outro relacionamento não é a cultura, mas a criação. Nenhuma tentativa de transposição cultural seria legítima aqui.

Em segundo lugar, transposição cultural não é uma concessão ao liberalismo. Ela não é uma maneira cómoda e respeitável de se escapar de passagens complicadas da Escritura, declarando serem elas culturalmente relativas. Não é uma maneira sofisticada de rejeitar a autoridade da Bíblia. Não. Quando nós optamos pela rejeição total, certamente não podemos obedecer à Palavra de Deus. Se, em vez disso, abraçarmos a posição de um literalismo rígido, nossa obediência se tornará mecânica e artificial. Somente transpondo o ensinamento da Escritura para uma roupagem cultural moderna é que a nossa obediência passa a ser contemporânea. O propósito da transposição cultural é a obediência significativa e não a desobediência.

CAPITULO TREZE
EXPONDO A PALAVRA

Este capítulo trata da pregação. Eu começo a escrevê-lo cônscio da necessidade de fazer três colocações preliminares. A primeira é pessoal. Esse negócio de um pregador atrever-se a pregar a outros pregadores sobre o que é pregar tem algo de fundamentalmente anômalo. Dez anos atrás, escrevi algo similar na Introdução do meu livro *Eu Creio em Pregação.* Eu não mudei de idéia de lá para cá. Afinal, o que é que eu sei que vocês não saibam? Todos nós temos pregado, lido e ouvido *sermões ad nauseam.* Eu certamente não sou nenhum especialista no assunto. Ainda hoje, ao subir ao púlpito, muitas vezes eu sou invadido por uma sensação de frustração quanto à minha comunicação. Raramente (se é que isso acontece) eu desço do púlpito sem sentir a necessidade de confessar meu relativo fracasso e de orar por graça para fazer melhor na próxima vez. Assim, eu espero que isto nos coloque no mesmo nível. Todos nós temos a nossa luta neste privilegiado mas problemático ministério.

Minha segunda colocação é social. Ela tem a ver com a total desilusão quanto à pregação. Não seria ela um anacronismo, um meio de comunicação obsoleto, uma arte morta, "uma relíquia sagrada, um negócio estranho, de pele esbranquiçada e ossos secos, enclausurado em um relicário de carinhosa memória, ainda incrustado com as jóias da glória do passado?"[424] Quem quer ouvir sermões hoje em dia? As pessoas estão dopadas pela televisão, hostis à autoridade, cansadas de tantas palavras. Quando começa o sermão, elas ficam logo impacientes, inquietas e entediadas. Nós não podemos pressupor que as pessoas queiram nos ouvir; temos de lutar para conseguir sua atenção.

Em terceiro lugar, e falando em termos pastorais, apesar dos problemas já admitidos, nós precisamos perseverar. Afinal, a saúde da igreja depende disso. Se é verdade, como Jesus falou, endossando Deuteronômio, que "não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus",[425] isso é igualmente verdade com relação às igrejas. As igrejas vivem, crescem e florescem pela Palavra de Deus; sem ela, as igrejas murcham e morrem. Os bancos da igreja dificilmente vão além do púlpito; os bancos são geralmente um reflexo do púlpito. E isto que nos ensina a história. "Não é verdade", perguntou o Dr. Martyn Lloyd-Jones, "que os períodos e as eras decadentes na história da Igreja sempre foram aqueles em que a pregação declinou?"[426] Eu tenho certeza de que ele estava certo. De fato, nós podemos ver isso ilustrado no mundo de hoje. Embora nos alegremos com as estatísticas de crescimento da igreja, temos de admitir, para nossa vergonha, que este é geralmente um crescimento sem profundidade. Existe muita superficialidade em toda parte. E eu mesmo, pelo que tenho observado, estou convencido de que o baixo nível de vida cristã é resultado, mais do que outra coisa, do baixo nível de pregação cristã. E verdade que quem renova a igreja é o Espírito Santo, mas a espada do Espírito é a Palavra de Deus.[427] A meu ver, nada é mais importante para a vida e crescimento, saúde e aprofundamento da igreja contemporânea do que resgatar uma pregação séria da Bíblia.

Vou tentar explicar por que é necessária uma pregação bíblica. Comecemos com uma definição muito franca, de vinte e cinco palavras:

Pregar é expor o texto inspirado com tanta fidelidade e sensibilidade que a voz de Deus é ouvida e o povo de Deus lhe obedece.

Esta definição de pregação contém seis implicações: duas convicções acerca do texto bíblico, duas

[424] George Target, *Words That Have Moved the World* (Bishopsgate, 1987), p. 13
[425] Mt 4.4; Dt 8.3.
[426] D. Martyn Lloyd-Jones, *Preaching and Preachers* (Hodder and Stoughton, 1971), p. 24
[427] Ef 6.17

obrigações quanto à exposição deste e duas expectativas resultantes da pregação.

Duas convicções

A primeira convicção acerca do texto bíblico é que ele é um texto inspirado. "Pregar é expor o texto inspirado." Ter um alto conceito do texto bíblico como algo diferente de qualquer outro texto, singular em sua origem, natureza e autoridade, é indispensável para uma pregação autêntica. Nada é tão destrutivo para a pregação quanto o ceticismo acerca da Escritura. Sem tentar defender esta declaração, eu espero que você me acompanhe na análise de três palavras que andam juntas em nossa doutrina da Escritura: "revelação", "inspiração" e "providência".

"Revelação" descreve a iniciativa que Deus tomou ao manifestar-se ou revelar-se. Esta é uma palavra humilhante. Ela pressupõe que Deus, em suas infinitas perfeições, encontra-se completamente além do alcance de nossas mentes finitas. Nossa mente não pode penetrar a mente divina. Assim como os céus são muito mais altos do que a terra, assim nós não temos a mínima capacidade de ler os seus pensamentos.[428] Consequentemente, nós nada saberíamos acerca de Deus se ele não tivesse optado por se fazer conhecido de nós. Sem a revelação, nós não seríamos cristãos coisa alguma; seríamos "atenienses", e todos os altares do mundo carregariam a inscrição *"Ao Deus desconhecido".*[429] Mas nós acreditamos que Deus se revelou, não apenas na glória e ordem do universo criado, mas supremamente em Jesus Cristo, sua Palavra encarnada, e também na Palavra escrita, que é portadora de um amplo e variegado testemunho dele.

"Inspiração" descreve o meio que Deus escolheu para se revelar, ou seja, falando aos autores bíblicos e através deles. Como já vimos, não foi um processo de "ditado", o que os teria reduzido ao papel de máquinas, mas um processo dinâmico, que os tratou como pessoas em plena posse de suas faculdades mentais. Muitos dos autores bíblicos eram historiadores e muito da Escritura é história. Para isso eles se engajaram em pesquisa e fizeram uso de diários, registros e arquivos. Eram também teólogos, cada um com uma ênfase doutrinária diferente, e escritores, cada um com seu gênero literário, estilo e vocabulário próprios. Estes fenômenos de pesquisa histórica, interesse teológico e composição literária não são nem incompatíveis com o processo de inspiração, nem suprimidos por ele. Deus falou por intermédio deles de tal maneira que as palavras enunciadas eram, ao mesmo tempo, tanto dele como deles. E nisso que consiste a dupla autoria da Escritura, em que já refletimos no capítulo 10.

A terceira palavra é "providência". Trata-se da amorosa providência e provisão de Deus, através da qual ele cuidou atentamente para que as palavras que ele havia dito fossem primeiro escritas, formando o que nós chamamos de "Escritura", e depois preservadas através dos séculos, ficando ao alcance de todas as pessoas, em todos os lugares e em todos os tempos, para salvação e enriquecimento destas.

A Escritura é, pois, "a palavra de Deus escrita", sua auto-revelação escrita e falada, o produto de sua revelação, inspiração e providência. Esta primeira convicção é indispensável para os pregadores. Se Deus não tivesse falado, nós não ousaríamos falar, pois nada teríamos a dizer a não ser as nossas meras especulações. Mas, já que Deus falou, nós também devemos falar, comunicando aos outros o que ele comunicou nas Escrituras. Na verdade, nós nos recusamos a ficar calados! Como disse Amos, "Falou o Senhor Deus, quem não profetizará?".[430] Ou, quem não passará adiante a sua Palavra? Paulo, semelhantemente, escreveu, citando palavras do Salmo 116: "Eu cri, por isso é que falei."[431] Ou seja: nós falamos porque cremos que Deus falou.

Eu tenho pena do pregador que sobe ao púlpito sem nenhuma Bíblia nas mãos, ou com uma Bíblia que mais parece um trapo do que a Palavra de Deus. Ele não pode expor a Escritura, pois não tem nenhuma Escritura para expor. Não pode falar, pois não tem nada digno de ser dito. Mas quando se sobe ao púlpito com a convicção de que Deus falou, de que ele fez com que se escrevesse aquilo que ele falou e de que nós temos em nossas mãos esse texto inspirado... Aí, sim! Nossa cabeça começa a girar e nosso coração dispara, nosso sangue começa a fluir e nossos olhos a brilhar com a pura glória de ter a Palavra de Deus em nossas mãos e em nossos lábios!

Nossa segunda convicção é a de que o texto inspirado é também um texto parcialmente oculto. Se pregar é "expor o texto inspirado", então este deve estar parcialmente oculta... Caso contrário, não haveria necessidade de abri-lo! E de repente eu me imagino vendo vocês, seus "galos de briga" protestantes, levantarem se indignados: "O que você quer dizer com essa história de 'Escritura parcialmente oculta'? Você não acredita, junto

[428] Is 55.9
[429] At 17.23
[430] Am 3.8
[431] 2 Co 4.13; SI 116.10.

com os reformadores do século XVI, na 'perspicuidade' da Escritura (que uma das qualidades dela é ser clara e transparente)? Não podem até mesmo pessoas simples e sem formação entendê-la por si mesmas? Não é o Espírito Santo o ensinador que nos foi dado por Deus?!" Sim, de fato; muito obrigado por suas perguntas. A todas elas eu posso responder com um ressonante "sim". Mas aquilo que vocês estão dizendo, e com toda razão, também precisa ser explicado.

A insistência dos Reformadores na perspicuidade ou clareza da Escritura tinha a ver com a sua mensagem central, isto é, o evangelho da salvação através da fé em Cristo crucificado. Na Bíblia, isto é tão claro como o dia. Mas eles não sustentavam que tudo o que está na Escritura é igualmente óbvio. E como é que poderiam fazê-lo, se Pedro escreveu que algumas coisas nas cartas de Paulo são "difíceis de entender"?[432] Se um apóstolo nem sempre entendeu outro apóstolo, seria no mínimo falta de modéstia da nossa parte afirmar que não encontramos problema algum! Consequentemente, a igreja necessita de "pastores e mestres" para expor ou revelar as Escrituras, e o Cristo que ascendeu aos céus ainda concede estes dons à sua igreja.[433]

A história do eunuco etíope ilustra muito bem essa necessidade de mestres humanos. Ao vê-lo sentado em sua carruagem, lendo Isaías 53, Filipe lhe perguntou: "Compreendes o que vens lendo?" Será que o eunuco teria replicado: "É claro que eu compreendo! Você não acredita na perspicuidade das Escrituras?" Mas o que ele disse foi: "Como poderei entender, se alguém não me explicar?"[434] Calvino, muito acertadamente, tece comentários sobre a humildade do etíope, contrastando a sua atitude com a daqueles que, enfatuados e confiantes em suas próprias capacidades, são orgulhosos demais para se submeterem ao ensino.

Eis aqui, pois, a base bíblica para a exposição bíblica. Ela consiste de duas convicções fundamentais: que, nas Escrituras, Deus nos deu um texto que é *inspirado* (tem origem e autoridade divinas) e que é, de certa forma, *oculto* (difícil de compreender). Portanto, em adição ao texto, ele concede à igreja mestres capazes de "expor" o texto, explicá-lo e aplicá-lo à vida das pessoas.

Duas obrigações

Minha definição de pregação vai de duas *convicções* acerca do texto bíblico para duas *obrigações* ao expô-lo. "Pregar é expor o texto inspirado com... fidelidade e sensibilidade..." A principal razão por que o texto bíblico é parcialmente oculto e difícil de compreender é que existe um vasto e profundo abismo cultural entre o mundo antigo em que Deus pronunciou sua Palavra e o mundo moderno em que nós a ouvimos. E essa lacuna cultural, de que nos ocupamos no último capítulo, que também determina a tarefa do expositor bíblico e coloca diante de nós duas grandes obrigações, ou seja, fidelidade à Palavra antiga e sensibilidade para com o mundo moderno.

Primeiro temos o chamado à fidelidade. Nós precisamos aceitar a disciplina da exegese, isto é, permitir que o nosso pensamento volte até o mundo dos autores bíblicos, revivendo a sua história, geografia, cultura e linguagem. Esta tarefa tem sido, desde há muito tempo, agraciada com o nome de "exegese histórico-gramatical". Negligenciar esta disciplina, ou realizá-la de coração dividido ou de maneira displicente, é indesculpável, pois isso denota desdém pela forma escolhida por Deus para falar. Com esse mesmo cuidado diligente, consciente e meticuloso nós deveríamos examinar a nós mesmos e expor para os outros as próprias palavras do Deus vivo!

Além disso, a pior asneira que poderíamos cometer é voltar os nossos pensamentos do século XX para a mente dos autores bíblicos (o que é "exegese"), manipular o que eles escreveram a fim de adaptá-lo àquilo que nós queremos que eles digam, e então reivindicar o seu patrocínio para as nossas opiniões.

Calvino, séculos à frente do seu tempo, compreendeu muito bem este princípio. "A primeira tarefa de um intérprete", escreveu ele, "é deixar que o autor diga o que ele está realmente dizendo, em vez de atribuir-lhe o que se pensa que ele deveria dizer."[435] E, uns trezentos anos mais tarde, Charles Simeon de Cambridge enunciou o mesmo princípio em uma carta ao seu editor: "Meu empenho consiste em extrair da Escritura o que ali se encontra, e não enfiar nela o que eu acho que deveria estar lá".[436] Hoje nós precisamos urgentemente tanto de integridade quanto de coragem para agir de acordo com esta regra básica: dar aos autores bíblicos o direito de dizer o que eles realmente dizem, por mais retrógrado que possa ser o seu ensino.

Em segundo lugar, a pregação bíblica exige sensibilidade para com o mundo moderno. Embora Deus

[432] 2 Pe 3.16
[433] Ef 4.11
[434] At 8.26-39
[435] Citado por F. W. Farrer em *History of Interpretation,* Bampton Lectures, 1885 (Macmillan, 1886), p. 347
[436] Citado por Hugh Evan Hopkins em *Charles Simeon of Cambridge* (Hodder and Stoughton, 1977), p. 57

tenha falado ao mundo antigo em suas próprias linguagens e culturas, sua intenção é que sua Palavra se estenda a todo mundo. Isto significa que o expositor é mais do que um exegeta. O exegeta explica o significado original do texto; o expositor vai mais além, aplicando-a ao mundo contemporâneo. Portanto, temos de nos esforçar para compreender esse mundo que muda tão rapidamente e no qual Deus nos chamou a viver; a captar os principais movimentos de pensamento que o têm moldado; a escutar as muitas vozes discordantes, suas indagações, seus protestos e seus gritos de dor; e a sentir uma parcela da sua desorientação e desespero. Afinal de contas, isto faz parte de nossa sensibilidade cristã.

Eis aqui, portanto, as duas obrigações que, para os expositores bíblicos, decorrem do seu chamado para pregar: fidelidade (à Palavra) e sensibilidade (ao mundo). Não nos cabe, nem falsificar a Palavra, a fim de assegurar uma pretensa relevância, nem ignorar o mundo, a fim de garantir uma falsa fidelidade. Nenhuma dessas obrigações pode ser cumprida às custas da outra. O que faz um pregador autêntico é a combinação entre fidelidade e sensibilidade. Mas, por ser difícil, isso é igualmente raro. O problema dos pregadores conservadores é que eles são bíblicos mas não são contemporâneos. Já o defeito característico dos pregadores liberais é eles são contemporâneos mas não são bíblicos. São muito poucos os pregadores que conseguem ser as duas coisas ao mesmo tempo.

Na prática, quando estudamos um texto, necessitamos fazer-nos duas perguntas distintas, e fazê-las na ordem certa. A primeira é: "O que significou o texto?"; e a segunda: "O que ele diz?" Ao colocarmos estas duas questões, nossa preocupação começa com o significado original do texto, quando ele foi primeiro enunciado ou escrito, e depois muda para sua mensagem atual, como ela fala às pessoas hoje. Nós não devemos nem confundir estas duas questões, nem colocá-las na ordem errada, nem perguntar uma delas e ignorar a outra.

A primeira questão — "O que significou o texto?" — poderia também ser dita em outras palavras — "O que ele *realmente* significa?"—, já que o significado verdadeiro de um texto não muda. Ele continua significando hoje o que significou ao ser escrito. Em seu conhecido livro *Validade na Interpretação,* Dr. E. D. Hirsch, ex-professor de inglês na Universidade de Virgínia, reafirma a "crença razoável de que um texto significa o que o seu autor quis dizer".[437] Ele reclama quanto ao "banimento do autor" em textos literários, bíblicos e legais. O resultado disso é puro subjetivismo. Em círculos legais, por exemplo, "o significado de uma lei é aquilo que os juízes atuais dizem ser o seu significado"; na exegese bultmaniana, "o significado da Bíblia é uma nova revelação para cada geração que se sucede"; e em teoria literária um texto é "o que ele significa para nós hoje".[438] De fato, hoje em dia, em certos departamentos de literatura universitários, afirma-se que "um texto é infinitamente interpretável", pois ele "significa" diferentes coisas para diferentes pessoas. Mas isto é empregar erroneamente as palavras "significar" e "significado". O professor Hirsch insiste em dizer que só quem pode determinar o significado de um texto é o próprio autor, e que "banir o autor original como o fator determinante do significado".... "é rejeitar o único princípio normativo que forçosamente poderia conferir validade a uma interpretação".[439] Assim, o "significado" de um texto é aquilo que o autor quis dizer com ele — e é, portanto, permanente; já a sua "significância" reside na forma como ele atinge as pessoas e se relaciona com diferentes contextos — e é, portanto, variável.[440] Existe toda a diferença do mundo entre a declaração de Bultmann "o texto significa o que ele significa para mim" e a de E. D. Hirsch, "um texto significa o que o autor quis dizer."

Assim, o significado de um texto deve ser buscado e encontrado nas próprias palavras, nas palavras do autor, e não nos pensamentos e sentimentos do leitor. Como disse o professor David Wells, endossando a ênfase de B. B. Warfieldi "O significado não se encontra acima do texto, por detrás dele ou além dele, ou mesmo no intérprete. O significado se encontra *no texto.* É a linguagem do texto que determina o que Deus quer que ele signifique para nós." Isto porque "as palavras têm significados... Em nenhuma linguagem o significado fica flutuando por aí, independente das palavras usadas... A menos que as palavras e seu significado sejam reconectadas em prática hermenêutica, qualquer acesso que tivermos à revelação não passará de um sentido místico."[441]

A segunda questão que temos de perguntar ao texto é: "O que ele diz?" Isto é, após discernir o seu sentido original (que é estabelecido por seu autor), nós precisamos refletir sobre a sua mensagem contemporânea (como ele se aplica às pessoas hoje). É aqui que entra a sensibilidade espiritual. Nós precisamos desenvolver

---

[437] E. D. Hirsch, *Validity in Interpretation* (Yale University Press, 1967), p. 1

[438] *Ibid.,* p. viii

[439] *Ibid,* p. 5

[440] *Ibid.,* pp. 8, 255. *Cf.* também E. D. Hirsch, *The Aims of Interpretation* (University of Chicago Press, 1976), pp. 2-3, 79

[441] Extraído do ensaio de Dr. David Wells intitulado "Word and World" *(Palavra e Mundo),* em *Evangelical Affirmations,* ed. Kenneth S. Kantzer e Cari F. H. Henry (Academie, Zondervan, 1990), pp. 161—162

uma familiaridade com o mundo moderno: suas pressuposições e preocupações, sua mentalidade e seu espírito, sua cultura volátil e seus padrões decadentes, seus valores, objetivos, dúvidas, temores, sofrimentos e esperanças, e, não por último, sua obsessão com o ego, com o amor e a morte. Só então teremos condições de discernir como a Palavra imutável fala ao mundo em mutação. Nada tem sido de tanta ajuda para mim neste sentido quanto o grupo de jovens profissionais que tem se reunido comigo em Londres a cada seis semanas, aproximadamente, durante os últimos vinte anos. É um grupo de leitura. No final de cada sessão, nós combinamos que livro vamos ler ou qual filme iremos assistir antes de nos reunirmos de novo. Nós escolhemos principalmente livros e filmes que expressem uma perspectiva não-cristã.

Daí, então, nós nos perguntamos: (1) Quais são as principais questões que se levantam aqui para os cristãos? (2) Como é que o evangelho se relaciona com pessoas que pensam e vivem dessa maneira? Em outras palavras, nós usamos aqui a nossa segunda pergunta feita ao texto bíblico: "O que ele diz?"

Se compreendermos o sentido original de um texto, mas deixarmos de lidar com a sua mensagem contemporânea, estaremos fazendo o simples papel de antiquários, desvinculados das realidades presentes do mundo moderno. Se, por outro lado, começarmos com a mensagem atual do texto, sem primeiro nos submetermos à disciplina de descobrir o seu significado original, estaremos nos rendendo ao existencialismo, desvinculando-nos das realidades passadas da revelação. Ao invés disso, necessitamos fazer as duas perguntas, primeiro, sendo fiéis em trabalhar no significado do texto, e, depois, sendo sensíveis em discernir a sua mensagem para hoje. Além do mais, não existem atalhos para isso. Só nos resta o trabalho duro do estudo, procurar familiarizar-nos, tanto com as Escrituras em sua totalidade, como com o mundo moderno em toda a sua variedade.

Na verdade, esta é mais uma faceta da disciplina de ouvir com sensibilidade, ou "ouvir duas vezes", à medida que ouvimos com humildade a Escritura e com ouvidos críticos a modernidade, a fim de relacionarmos uma com a outra. Ouvir assim é um exercício preliminar indispensável para a pregação. Em 18 de Novembro de 1991, o dia em que Terry Waite foi libertado depois de quase nove anos como refém no Líbano, foram pedidos comentários de diversos outros ex-reféns cuja libertação ele mesmo havia negociado. Um deles era Jean Waddell, que havia servido como missionária no Irã. "Ele é um ótimo comunicador", disse ela; "ele ouve."

Duas expectativas

Depois das duas convicções acerca da Escritura e das duas obrigações ao expô-la, seguem-se, como consequência, duas expectativas. Se de fato expusermos o texto inspirado com fidelidade e sensibilidade, o que podemos esperar que aconteça?

Primeiro, esperamos que se ouça a voz de Deus. Esta expectativa brota da nossa convicção de que o Deus que falou no passado também fala no presente através daquilo que ele falou.

Só que hoje essa expectativa de que Deus fale ao mundo moderno através de sua velha Palavra está vivendo um momento difícil. Como disse o Dr. Langmead Casserley, um acadêmico da Igreja Episcopal Americana, "nós inventamos um jeito de ler a Palavra de Deus sem que nos venha nenhuma palavra de Deus". Quando chega a hora do sermão, as pessoas juntam as mãos e fecham os olhos em uma bela demonstração de piedade, e se recostam no banco para o cochilinho de sempre. Além do mais, o próprio pregador coopera para isso, com aquele seu jeito e a voz sonolenta.

Como é diferente quando tanto o pregador como as pessoas estão na expectativa de que Deus fale! O clima é totalmente outro e tudo fica elétrico. As pessoas trazem suas Bíblias para a igreja e, ao abri-las, sentam-se na beirinha do banco, aguardando, ansiosas, para ver o que o Senhor Deus tem para dizer-lhes. E uma reprise da cena vivida na casa do centurião Cornélio quando o apóstolo Pedro chegou. Cornélio lhe disse: "Agora... estamos todos aqui, na presença de Deus, prontos para ouvir tudo o que te foi ordenado da parte do Senhor."[442] Por que uma congregação cristã não pode vivenciar hoje esse mesmo nível de expectativa?

O próprio pregador pode estimular uma atitude assim. Como? Ele se prepara com cuidado, de tal forma que esteja evidentemente esperando que Deus lhe dê uma mensagem. Ora sinceramente antes de sair de casa para ir à igreja, e ora novamente no púlpito antes de pregar, pedindo que Deus fale ao seu povo. Lê e expõe o seu texto com grande seriedade de propósito, sentindo profundamente aquilo sobre o que está falando. E então, quando ele termina e ora uma vez mais, há um silêncio e uma solenidade na presença do Deus que acabou de falar.

Nossa segunda expectativa é a de que o povo de Deus lhe obedeça. A Palavra de Deus exige sempre

[442] At 10.33

uma resposta de obediência. Nós não devemos ser ouvintes esquecidos, mas praticantes obedientes da Palavra de Deus.[443] Por todo o Antigo Testamento ouve-se o lamento divino: "Oxalá ouvísseis hoje a sua voz!".[444] Deus continuou enviando ao povo os seus mensageiros. "Eles, porém, zombavam dos mensageiros, desprezavam as palavras de Deus e mofavam dos seus profetas até que subiu a ira do Senhor contra o seu povo, e não houve remédio algum."[445]

Como, pois, as pessoas deveriam reagir? Que tipo de obediência se requer? Nossa resposta é que a natureza da reação esperada é determinada pelo conteúdo da palavra exposta. O que *nós fazemos* em resposta à Palavra de Deus depende do que *ele diz* a nós por intermédio dela. Vejamos alguns exemplos. Se no texto exposto e através dele Deus fala acerca de si mesmo e de sua gloriosa grandeza, nós reagimos humilhando-nos diante dele em adoração. Se, pelo contrário, ele fala acerca de nós, nossa desobediência, inconstância, rebelião e culpa, então nós respondemos em penitência e confissão. Se ele fala acerca de Jesus Cristo, que morreu para levar os nossos pecados e ressuscitou da morte para provar isso, nós respondemos em fé, apossando-nos desse Salvador enviado do céu. Se ele fala de suas promessas, nós nos determinamos a herdá-las; se sobre os seus mandamentos, propomo-nos a guardá-los. Se Deus nos fala acerca do mundo, com sua tremenda necessidade material e espiritual, então nasce dentro de nós a sua compaixão, tanto para pregar o evangelho como para servir ao necessitado. Se, por outro lado, através de sua Palavra Deus nos fala sobre o futuro, a vinda de Cristo e a glória por vir, então nossa esperança se acende e nós resolvemos ser santos e viver ocupados até que ele venha.

O pregador que penetrou profundamente no seu texto, que selecionou e desenvolveu o seu tema predominante e que foi, ele mesmo, movido pela sua mensagem, há de trabalhar firmemente em sua conclusão, dando às pessoas a chance de reagir ao texto, geralmente em oração silenciosa, permitindo que o Espírito Santo conduza cada pessoa a uma obediência apropriada.

É esta, pois, a definição de pregação que eu me arrisco a dar a vocês. Ela contém duas convicções (o texto bíblico é um texto inspirado que ainda precisa ser desvendado), duas obrigações (nós precisamos expô-la com fidelidade ao próprio texto e sensibilidade para com o contexto moderno) e duas expectativas (através da exposição e aplicação da Palavra escrita Deus mesmo irá falar, e seu povo irá ouvir sua voz e responder a ele em obediência).

É enorme o privilégio de ser um expositor bíblico, isto é, o privilégio de subir ao púlpito com a Palavra de Deus em nossas mãos e em nossa mente, com o Espírito de Deus em nosso coração e com o povo de Deus diante de nossos olhos, aguardando com expectativa que a voz de Deus seja ouvida e obedecida.

[443] Tg 1.22-25
[444] *P.ex.* SI 95.7-10
[445] 2 Cr 36.16

PARTE QUATRO
A IGREJA

John Wesley estava certo quando descreveu o cristianismo como uma religião essencialmente "social", acrescentando que fazer dela uma religião "solitária" seria destruí-la. Com isso não se está negando que ela oferece salvação individual e conclama ao discipulado individual, mas, sim, afirmando que a igreja está no centro do propósito de Deus. Como nos foi dito, Cristo se entregou por nós, não apenas "a fim de remir-nos de toda iniquidade", mas também para "purificar para si mesmo um povo exclusivamente seu, zeloso de boas obras".[446] O problema é que, sempre que pensamos na igreja, nos deparamos com a tensão entre o ideal e a realidade. O ideal é uma beleza: a igreja é o povo escolhido e amado de Deus, seu tesouro particular, a comunidade da aliança com a qual ele se comprometeu para sempre, sempre empenhada em adorar a Deus e sempre compadecida pelo mundo que a cerca, um refúgio de amor e paz e um povo peregrino cujo alvo é a cidade eterna. Na realidade, porém, nós, que dizemos ser a igreja, geralmente não passamos de um monte de miseráveis meio deseducados e meio salvos, sem a mínima inspiração nos nossos cultos e que vivemos "cutucando" uns aos outros, mais preocupados com a nossa própria manutenção do que com a missão recebida, lutando e tropeçando ao longo da estrada, sempre carentes da repreensão e da exortação que se encontram à nossa disposição, tanto nos profetas do Antigo Testamento como nos apóstolos do Novo Testamento.

O resultado dessa diferença entre o ideal e a realidade é que as opiniões das pessoas com relação à igreja variam enormemente. Por um lado, P T Forsyth foi capaz de escrever que "a igreja de Cristo é o mais grandioso e mais refinado produto da história humana,... a maior coisa do universo".[447] Já Thomas Arnold escreveu: "Do jeito que está a igreja, não há poder humano que possa salvá-la... Quando eu penso na igreja, me dá vontade de sentar, lamentar e morrer."[448]

Meu propósito ao escrever a Parte IV deste livro é enfatizar o ideal, aquilo que Deus tenciona que sua igreja seja, mas sem em momento algum perder de vista a realidade, de forma que possamos perceber com mais clareza que mudanças precisam acontecer. Os dois primeiros capítulos se complementam, pois no Capítulo 14 nós consideraremos o desafio do mundo para a igreja e, no Capítulo 15, a missão da igreja no mundo. No Capítulo 16 veremos a renovação que é preciso ocorrer na igreja, incluindo, como Jesus orou, não apenas uma área (p. ex. sua unidade e espiritualidade), mas cada área de sua vida. E, para que isto aconteça, nós, os que fomos ordenados para o ministério pastoral da igreja, precisamos ser renovados segundo o propósito de Deus para nós, que é o tema do Capítulo 17.

CAPITULO CATORZE
OS DESAFIOS DA SOCIEDADE SECULAR

Uma das coisas que a igreja mais necessita hoje é ter uma consciência sensível para o mundo que nos cerca. Se somos de fato servos de Jesus Cristo, nossos olhos (à semelhança dos olhos de Jesus) precisam estar sempre abertos para a necessidade humana e os nossos ouvidos atentos aos gritos de angústia. Assim, tal como Jesus, poderemos reagir de maneira construtiva e compassiva diante do sofrimento do povo.

Isto não significa que em todas as circunstâncias nós vamos "deixar que o mundo estabeleça a agenda para a igreja", como se costumava dizer nos anos 60, ou que saiamos trotando que nem um cachorrinho no calcanhar do mundo. Comportar-se de tal forma seria confundir serviço (que é o nosso chamado) com servilismo (que *não* é o nosso chamado), e interpretar sensibilidade (que é uma virtude) em termos de conformidade (que é um vício). Pelo contrário: primeiro e acima de tudo, precisamos declarar e fazer aquilo que Deus nos enviou a declarar e fazer. Não podemos nos curvar servilmente diante do mundo.

Ao mesmo tempo, se não ouvirmos atentamente as vozes da sociedade secular, tentando compreendê-las e ser sensíveis às frustrações, à ira, confusão e desespero das pessoas, chorando com os que choram, não haverá em nós autenticidade como discípulos de Jesus de Nazaré. Pelo contrário, estaremos, como se diz por aí, correndo o risco de responder perguntas que ninguém está fazendo, coçar onde não há coceira alguma, prover bens para os quais não há nenhuma demanda... Em outras palavras, corremos o risco de ser totalmente irrelevantes — o que, aliás, a igreja tem feito muitas vezes no decorrer da sua história.

Neste capítulo eu gostaria de colocar diante de vocês a tríplice busca dos homens e mulheres modernos e

[446] Tt 2.14

[447] P T. Forsyth, *The Work of Christ* (Hodder & Stoughton, 1910), p. 5

[448] J. R. H. Moorman, *A History of the Church of England* (A. e C. Black, 1953), pp. 329, 331

secularizados. Na verdade, trata-se da tríplice aspiração universal do ser humano, aspiração que o próprio Jesus Cristo faz nascer dentro das pessoas, que somente ele pode satisfazer e que desafia a igreja a apresentá-lo ao mundo em sua plenitude.

A busca por transcendência

Até muito recentemente, "transcendência" era uma palavra um tanto obscura e seu uso era limitado às instituições de ensino teológico. Ali os alunos aprendiam a distinguir entre "transcendência" (cujo sentido era Deus acima e fora do mundo criado) e "imanência" (isto é, Deus presente e ativo dentro deste). Hoje em dia, no entanto, quase todo mundo tem alguma idéia do que é transcendência, pois, com a mania da "meditação transcendental", passou a ser um termo popular. A busca por transcendência é, portanto, a busca pela realidade suprema, que se encontra além do universo material. É um protesto contra a secularização, isto é, contra a tentativa de eliminar Deus do seu próprio mundo. É um reconhecimento de que os seres humanos "não vivem só de pão", pois o materialismo não pode satisfazer o espírito humano. Vejamos alguns exemplos da corrente desilusão com o secularismo e da insistente busca por transcendência.

Primeiro, temos *o recente colapso do euromarxismo.* Eu não estou falando do socialismo como uma ideologia político-econômica, mas de um marxismo clássico, como uma filosofia que nega a existência de Deus. Originalmente, o marxismo surgiu como um substituto para a fé religiosa ultrapassada. Mas os convertidos foram poucos e raros. Como escreveu Canon Trevor Beeson acerca da Europa Ocidental nos anos 70, "as doutrinas básicas do comunismo não convenceram as mentes nem satisfizeram as emoções da *intelligentsia* nem do *proletariado.* Já a vida religiosa tem demonstrado considerável elasticidade e, longe de desaparecer, tem encontrado, em muitas circunstâncias, nova força e vitalidade."[449] Solzhenitsyn disse algo similar em 1983, referindo-se especificamente à União Soviética. Ele chamou atenção para uma coisa que os líderes soviéticos não esperavam:

Numa terra em que as igrejas foram demolidas, onde um ateísmo vitorioso tem se espalhado descontroladamente durante dois terços de século, onde o clero tem sido extremamente humilhado e privado de qualquer independência, onde o que resta da igreja como instituição só é tolerado por amor à propaganda voltada para o Ocidente, onde ainda hoje se mandam pessoas para campos de concentração por causa de sua fé, e onde, dentro desses mesmos campos, aqueles que se reúnem para orar na Páscoa são punidos com a clausura — eles *(sc.* os líderes soviéticos) nunca iriam imaginar que, debaixo desse rolo compressor comunista, a tradição cristã pudesse sobreviver na Rússia! Mas ainda restam muitos milhões de crentes; só que as pressões externas não deixam que eles se manifestem.[450]

A segunda esfera em que se nota que as pessoas estão desiludidas com o secularismo é *o deserto do materialismo ocidental.* O secularismo, em sua expressão capitalista, assim como na sua expressão comunista, não consegue mais satisfazer o espírito humano. Theodore Roszak é um eloquente expoente americano desse referido vazio. O seu livro *Onde Termina o Deserto (Where the Wasteland Ends)* tem um subtítulo muito significativo: *Política e Transcendência em uma Sociedade Pós-Industrial.*[451] Roszak lamenta o que ele chama de "coca-colonização do mundo".[452] Segundo ele, nós estamos sofrendo de uma "claustrofobia psíquica dentro da cosmovisão científica",[453] na qual o espírito humano não consegue respirar. Ele ataca a ciência (pseudo-ciência, acho que é o que ele quer dizer) por sua arrogância em declarar que é capaz de explicar todas as coisas, como também seu espírito de desilusão",[454] sua capacidade de "desfazer os mistérios". "Afinal de contas, o que a ciência consegue medir é apenas uma parcela daquilo que o homem pode conhecer."[455] Este mundo materialista da ciência objetiva, continua ele, nem chega a ser "espaçoso o suficiente" para nós.[456] Sem transcendência "as pessoas murcham".[457] A proposta de Roszak (o resgate da "imaginação visionária" de Blake) é terrivelmente inadequada; mas seu diagnóstico certamente acertou o alvo. Lá no íntimo, os seres humanos sabem que a realidade não pode ser confinada a um tubo de ensaio, nem esfregada em uma lâmina para ser examinada num

[449] Trevor Beeson, *Discretion and Valour* (Collins, 1974), p. 24.
[450] De um discurso de Solzhenitsyn ao receber o Prémio Templeton em Londres, em maio de 1983
[451] Theodore Roszak, *Where the Wasteland Ends* (1972; Anchor, 1973)
[452] *Ibid.,* p 22
[453] *Ibid.,* p. 66.
[454] *Ibid.,* pp. 227-228
[455] *Ibid,* p. 67
[456] *Ibid.,* p. 70
[457] *Ibid.,* p. xxi.

microscópio, nem compreendida através da objetividade fria do método científico. Afinal de contas, a vida tem uma dimensão transcendental e a realidade é "assustadoramente vasta".[458] Em terceiro lugar, a busca por transcendência é vista na *epidemia do abuso de drogas.* Existem, naturalmente, muitas e diferentes interpretações sobre este fenômeno quase mundial. Ele não é uma experimentação puramente inocente, nem sempre é um protesto autoconsciente contra os costumes convencionais e nem tampouco é uma tentativa de escapar às duras realidades da vida. Mais do que isso, ele é uma genuína busca por uma "consciência mais elevada" e até mesmo por uma realidade transcendental objetiva. Uma prova disso seria Carlos Castaheda, cujos livros foram extremamente populares no final da década de 60 e na primeira metade da década de 70. Ele dizia ter sido iniciado por um índio *yaqui* do México, chamado Don Juan. Este lhe ensinara que existem dois mundos de igual realidade: o mundo "comum", dos seres humanos vivos, e o mundo "incomum", dos *diableros* ou feiticeiros. "O que se precisa descobrir exatamente é como atingir a brecha existente entre os mundos e como penetrar no outro mundo... Existe um lugar onde os dois mundos se sobrepõem. Ali é que é a brecha. Ela se abre e fecha como uma porta ao vento."[459] Quem penetra no outro mundo, o da realidade incomum, é o "homem do conhecimento"; para este é essencial ter um "aliado", ou seja, "uma força capaz de transportá-lo para além dos limites de si mesmo".[460] E os dois principais aliados seriam a *datura,* também chamada de "erva de Jimson" ou "erva do diabo", que é o aliado feminino e confere poder, e um cogumelo chamado *humito* ou "fumacinha", que é o aliado masculino e produz êxtase. A primeira era bebida ou então absorvida através da pele, e este último, fumado. Os resultados eram a "divinização", a fuga ou ausência do corpo, a adoção de corpos alternativos e até penetrar em objetos ou mover-se através deles.

O quarto exemplo dessa busca por transcendência é *a proliferação dos cultos religiosos.* Juntamente com o reaparecimento de antigas crenças e o fascínio da juventude ocidental pelo misticismo oriental tem-se verificado a emergência de novas religiões. Na Inglaterra já apareceram pelo menos oitocentas desde a Segunda Guerra Mundial,[461] e Alvin Toffler calcula que, nos Estados Unidos, mil novos cultos já conquistaram cerca de três milhões de adeptos.[462] Um dos mais alarmantes foi o movimento do Templo do Povo, em San Francisco, encabeçado por Jim Jones; dentre os seus seguidores, quase mil morreram em "Jonestown", sua colônia localizada nas selvas da Guiana, em 1978, a maioria em um suicídio coletivo, por ingestão de veneno.

Um dos principais artigos do *The Economist* advertiu que "começou uma busca cega por novas formas de experiências espirituais", e acrescentou: "Nessa busca de Deus, é muito fácil acabar caindo nos braços de Satanás, ao invés de Deus."[463] O sociólogo Peter Berger dá uma explicação similar: "A atual onda de ocultismo (inclusive o seu componente diabólico) deve ser entendida como resultado de uma repressão da transcendência na consciência moderna."[464]

O que mais surpreende entre todas as tendências religiosas é o surgimento do movimento da Nova Era. Trata-se de uma bizarra seleção de diversas crenças, mistura de religião e ciência, física e metafísica, panteísmo antigo e otimismo evolucionista, astrologia, espiritismo, reencarnação, ecologia e medicina alternativa. Um dos líderes do movimento, David Spangler, escreve em seu livro *Emergência: O Renascimento do Sagrado (Emergence: The Rebirth of the Sacred)* que "desde muito jovem" ele mesmo já tinha "consciência de uma dimensão superior" ao mundo que o cercava e que ele, à medida que ia ficando mais velho, veio a identificá-la como "uma dimensão sagrada ou transcendental". "A essência da Nova Era é o renascimento do senso do sagrado", acrescenta ele.[17]

Eis aqui, portanto, quatro provas contemporâneas de que o materialismo não satisfaz o espírito humano e de que, em virtude disso, as pessoas andam à procura de uma outra realidade transcendental. Elas a procuram em qualquer lugar: na ioga, na meditação transcendental e nas religiões orientais, no sexo (que Malcolm Muggeridge costumava chamar de "o misticismo dos materialistas"), na música e em outras artes, bem como através de uma consciência mais elevada e induzida pelas drogas, através de cultos modernos e especulações da

---

[458] Theodore Roszak, *The Making of a Counter Culture* (Anchor, 1969), p. 235.

[459] Carlos Castaneda, *The Teachings of Don Juan* (1968; Penguin, 1970), p.

[460] *Ibid.,* pp. 54, 199.

[461] Segundo Dr. Peter Clarke, que leciona História e Sociologia da Religião no King' s College, em Londres, conforme relatado no *The Times* em 26 de outubro de 1990. Ele acrescentou, na ocasião, que aqueles que já haviam sido documentados até ali representavam apenas a pontado iceberg. "Sob a superfície parece haver uma enorme massa de novas religiões que ainda não foram nem localizadas nem mensuradas com alguma precisão.

[462] Alvin Toffler, *Third Wave* (Collins, 1980), p. 385

[463] *The Economist,* 25 de novembro de 1978

[464] Peter L. Berger, *Facing Up to Modernity* (1977; Penguin, 1979), p. 255. 17 David Spangler, *Emergence: The Rebirth of the Sacred* (Dell Publishing, 1984), pp. 12, 41

Nova Era, de perigosos experimentos com o oculto e das fantasias da ficção científica.

A primeira reação dos cristãos diante deste complexo fenômeno deveria ser de simpatia. Afinal de contas, nós certamente entendemos o que está se passando, e por quê. Usando as palavras do apóstolo Paulo diante dos filósofos atenienses, homens e mulheres estão "tateando à procura de Deus", como cegos no escuro, andando às apalpadelas à procura de seu Criador, que os deixa sem descanso até que eles encontrem repouso em Deus.[465] Eles estão manifestando a busca humana por transcendência. Um exemplo contemporâneo disso foi dado por Richard North, correspondente do meio ambiente do periódico *The Independent:*

É impressionante, quantos sentem necessidade de adorar alguma coisa. Mas, para podermos adorar, precisamos encontrar alguma coisa fora de nós — e melhor do que nós. Para isso é que Deus foi inventado. E a natureza também. Todos nós estamos nos apaixonando pelo meio ambiente como um substituto de Deus e em consequência de nos havermos afastado dele.[466]

Essa busca por transcendência é um desafio à qualidade de adoração que nós, como igreja, vivemos em nossos cultos públicos. Será que ela oferece o que as pessoas desejam — o elemento do mistério, o "senso do divino", "o temor de Deus", em linguagem bíblica, ou a "transcendência", em linguagem moderna? A resposta que eu dou à minha própria pergunta é: "Nem sempre". A igreja nem sempre é conhecida pela realidade profunda de sua adoração. De maneira especial, nós, os que nos denominamos "evangelicais", não sabemos bem como adorar. Nossa especialidade é evangelizar — mas adorar, não. Parece que não temos muita consciência da grandeza e da glória de Deus. Nós não sabemos prostrar-nos diante dele em temor e admiração. Não nos damos muito ao trabalho de preparar os nossos cultos de adoração. Estes às vezes são tão mecânicos, superficiais, medíocres, sem graça! Outras vezes são frívolos a ponto de serem irreverentes. Não é de admirar que quem procura a Realidade geralmente passe por nós sem nem perceber!

Nós temos que ouvir novamente as críticas que a Bíblia faz à religião. Nenhum livro, nem mesmo os de Marx e de seus seguidores, acusa tanto a religiosidade vazia como a Bíblia. Os profetas dos séculos VII e VIII antes de Cristo denunciaram com toda franqueza a formalidade e a hipocrisia dos cultos israelitas. E depois Jesus aplicou a crítica dos profetas aos fariseus de seus dias: "Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim."[467] E esta acusação, tanto da parte dos profetas como de Jesus, com relação à religiosidade aplica-se perfeitamente a nós e a nossas igrejas, hoje. Nossos cultos são, em grande parte, ritual sem realidade, forma sem poder, diversão sem temor, religião sem Deus.

Mas, então, o que é necessário? Aqui vão algumas sugestões. Primeiro, a Palavra de Deus precisa ser lida e anunciada com tanta fidedignidade que através dela se faça ouvir a voz de Deus, viva, falando ao seu povo novamente. Segundo, a Ceia do Senhor precisa ser administrada com tanta reverência e expectativa que (e aqui eu escolho minhas palavras com muito cuidado) se verifique uma Presença Real de Jesus Cristo, não nos elementos da Ceia, mas entre o seu povo que está à sua mesa, o próprio Jesus Cristo, objetiva e realmente presente, vindo ao nosso encontro, pronto a fazer-se conhecido por nós no partir do pão e ansioso para entregar-se a nós, de forma que possamos alimentar-nos dele em nossos corações pela fé. Em terceiro lugar, necessitamos uma atitude de sincero louvor e oração, para que o povo de Deus possa dizer como Jacó: "Na verdade o Senhor está neste lugar; e eu não o sabia",[468] e para que os descrentes ali presentes caiam de joelhos, adorando a Deus e exclamando: "Deus está de fato no meio de vós!"[469]

Enfim, é profundamente lamentável que homens e mulheres modernos, em sua busca por transcendência, voltem-se para as drogas, o sexo, a ioga, as seitas, o misticismo, a Nova Era e a ficção científica, ao invés de procurarem a igreja, em cujos cultos de adoração sempre se deveria experimentar a verdadeira transcendência e desfrutar um encontro íntimo com o Deus vivo.

A busca por significância

Existe, no mundo moderno, muita coisa que, além de sufocar o nosso senso de transcendência, reduz também (quando não destrói) o nosso senso de significância pessoal, nossa convicção de que a vida tem algum sentido. Quero mencionar três dessas tendências.

A primeira é o efeito da *tecnologia.* A tecnologia pode ser libertadora, evidentemente, quando contribui

---

[465] Agostinho, *Confissões* (Livro 1, cap. 1).

[466] Citado por Jonathon Porrit e David Winner em *The Corning ofthe Greens* (Collins, 1988), pp. 251-252.

[467] Is 29.13; Mc 7.6

[468] Gn 28.16

[469] 1 Co 14.24-25

para livrar as pessoas da enfadonha lida doméstica ou industrial. Mas ela pode ser também terrivelmente desumanizante, quando leva homens e mulheres a sentirem que já não são mais pessoas, mas coisas, "identificadas, não por um 'nome próprio', mas por um número de série perfurado em um cartão que foi desenvolvido para viajar pelas entranhas de um computador".[470]

Em segundo lugar, vem o *reducionismo científico.* Certos cientistas, de diferentes disciplinas, afirmam que o ser humano não passa de um animal (o "macaco despido" de Desmond Morris, para ser mais preciso), ou nada mais é que uma máquina, programada para produzir respostas automáticas diante de estímulos externos. Foram declarações como estas que levaram o falecido professor Donald MacKay a popularizar a expressão inglesa *nothing buttery* (literalmente: "nada mais que", *nothing but)* para explicar a expressão "reducionismo", bem como a protestar contra qualquer tendência de reduzir os seres humanos a níveis mais baixos que o plenamente pessoal.

Na verdade, nosso cérebro *é* uma máquina, um mecanismo altamente complexo. E nossa anatomia e fisiologia Hão iguais às de um animal. Mas isto não é uma definição completa do que é um ser humano. Nós somos mais do que corpo e cérebro. E quando as pessoas afirmam que nós não somos "nada mais que" isto ou aquilo, que elas estão cometendo um sério e perigoso engano.

Em terceiro lugar, o *existencialismo* tem o efeito de diminuir o senso de significância das pessoas. Pode-se dizer que os existencialistas radicais diferem dos humanistas em geral por seu propósito de levar a sério o seu ateísmo, encarando as suas terríveis consequências. Já que (na opinião deles) Deus está morto, tudo o mais morreu com ele. Já que Deus não existe, também não existem valores nem ideais, nem leis nem padrões, propósitos nem significados. E, embora eu exista, mesmo assim não existe coisa alguma que dê significado a mim ou à minha existência, a não ser, talvez, a minha decisão de buscar a coragem de ser. Só posso encontrar significado na vida desdenhando a minha própria insignificância. Não há outro meio de autenticar a mim mesmo.

Por mais tristemente heróica que esta filosofia possa parecer, deve haver bem poucas pessoas capazes de realizar a mágica de pretender ter significância quando elas sabem que não a têm. Afinal, significância é essencial para a sobrevivência. Foi isso que Viktor Frankl descobriu quando, ainda jovem, passou três anos no campo de concentração de Auschwitz. Ele notou que os internos que mais probabilidade tinham de sobreviver eram aqueles "que sabiam que havia para eles uma tarefa a realizar".[471] Posteriormente, ele veio a ser professor de Psiquiatria e Neurologia na Universidade de Viena e fundou a "Terceira Escola Vienense de Psiquiatria". Seu postulado era que, além do "desejo de prazer" de Freud, e o "desejo de poder" de Adler, os seres humanos têm um "desejo de significado". Com efeito, "a luta para encontrar um significado na vida é a força motivadora primordial de uma pessoa".[472] Assim, ele desenvolveu aquilo que ele chamou de "logoterapia", usando *logos* para significar, não "palavra" nem "razão", mas "significado". "A neurose massiva do tempo presente", escreveu ele, "é o vazio existencial",[473] isto é, a perda do senso de que a vida tem significado. Às vezes ele perguntava aos seus clientes: "Por que você não comete suicídio?" (aliás, uma pergunta um tanto estranha para um médico fazer a um paciente!). Eles replicavam que havia alguma coisa (quem sabe o seu trabalho, o casamento ou a família) que fazia a vida valer a pena para eles. E sobre isto Frankl se baseava para trabalhar com eles.

A falta de sentido leva à monotonia, ao alcoolismo, à delinquência juvenil e ao suicídio. Comentando sobre a obra de Viktor Frankl, Arthur Koestler escreveu:

Existe no homem uma tendência inerente para sair à procura de *significados* para preencher e de *valores* para realizar... Milhares e milhares de jovens estudantes vivem expostos a uma doutrinação... que nega a existência de valores. O resultado disso é um fenômeno que vem se espalhando pelo mundo todo — mais e mais pacientes se acotovelam em nossas clínicas queixando-se de um vazio interior, de uma total e extrema falta de significado na vida.[474]

Conforme Emile Durkheim, em seu clássico estudo sobre o suicídio, o maior número de suicídios é causado pela *anomia,* que poderia ser considerada a "falta de normas" ou "falta de significado". E o suicídio "anômico" ocorre quando uma pessoa, ou não tem objetivo algum na vida, ou então persegue um objetivo

---

[470] Arnold Toynbee, citado em *The Times* em 5 de abril de 1969. Ver sua obra *Experiences* (Oxford University Press, 1969)

[471] Viktor Frankl, *Man's Searchfor Meaning,* originalmente publicado sob o título
From Death-Camp to Existentialism (1959; Washington Square Press, 1963), p. 165.

[472] *Ibid.*. p. 154

[473] *Ibid.,* pp. 167, 204.

[474] Do capítulo "Rebelião em um Vazio", contribuição de Arthur Koestler para o simpósio *Protest and Discontent,* ed. Bernard Crick e William Robson (Penguin, 1970), p. 22

inatingível, seja ele poder, sucesso ou prestígio. "Nenhum ser humano pode ser feliz ou mesmo existir, a não ser que suas necessidades sejam suficientemente proporcionais aos seus meios."[475]

Se a busca por transcendência foi um desafio para a qualidade de adoração da igreja, a busca por significância é um desafio à qualidade de ensino da igreja. Milhões de pessoas não sabem quem elas são, nem que elas têm algum significado ou valor. Daí o nosso urgente desafio: dizer-lhes quem elas são, esclarecer-lhes acerca da sua identidade, isto é, ensinar-lhes, sem nenhum compromisso, toda a doutrina bíblica referente a nossa condição de humanos: corrupção, sim, mas também (e, acima de tudo, neste contexto) dignidade. Ver o capítulo 1.

Como cristãos, nós acreditamos no valor intrínseco dos seres humanos, em virtude de nossas doutrinas da criação e da redenção. Como vimos no capítulo 1, Deus nos criou homem e mulher à sua própria imagem e nos fez mordomos responsáveis por cuidar da terra e de suas criaturas. Ele aos dotou de faculdades racionais, morais, sociais, criativas e espirituais, que fazem de nós seres iguais a ele e diferentes dos animais. Os seres humanos são semelhantes a Deus. É verdade que, em consequência da queda, nossa semelhança com Deus foi corrompida, mas não destruída. Além disso, "Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho" para a nossa redenção. A cruz é a maior evidência pública do valor que Deus nos dá.

O ensinamento cristão sobre a dignidade e o valor do ser humano é de suma importância hoje, não só por amor à nossa própria auto-imagem, mas ainda mais para o bem-estar da sociedade.

Quando os seres humanos são desvalorizados, tudo o mais na sociedade se estraga. As mulheres são humilhadas e as crianças desprezadas. Os enfermos são considerados um incómodo e os idosos um fardo. As minorias étnicas são discriminadas. Os pobres são oprimidos e lhes é negada justiça social. O capitalismo põe à mostra seu lado mais desprezível. O trabalho é explorado nas minas e nas fábricas. Os criminosos são brutalizados na prisão. Opiniões contrárias se polarizam. Belsen é inventado pela extrema direita e Gulag pela extrema esquerda. Os descrentes ficam à deriva, para viver e morrer em sua perdição. Não há liberdade, nem dignidade, nem prazer e alegria. A vida humana já não merece ser vivida, pois chegou a tal ponto que mal pode ser considerada humana.

Mas quando os seres humanos são valorizados como pessoas, em virtude de seu valor intrínseco, tudo muda. Homens, mulheres e crianças são honrados. Os enfermos são cuidados e os idosos capacitados a viver e morrer com dignidade. Os dissidentes são ouvidos, os prisioneiros reabilitados, as minorias protegidas e os oprimidos libertados. Os trabalhadores recebem salário digno, condições de trabalho decentes e uma parcela de participação, tanto na gerência como nos lucros da empresa. E o evangelho é levado até os confins da terra. E por que isso? Porque as pessoas importam. Porque todo homem, mulher e criança tem valor e significado como ser humano criado à imagem e semelhança de Deus.

A busca de comunhão

A moderna sociedade tecnocrata, que destrói a transcendência e a significância, destrói também a comunhão. Nós vivemos em uma era de desintegração social. As pessoas acham incrivelmente difícil relacionar-se umas com as outras. Assim, nós continuamos perseguindo exatamente aquilo que foge de nós — amor em um mundo sem amor. Quero chamar como testemunhas três pessoas completamente diferentes.

A primeira é Madre Teresa. Nascida na Iugoslávia, ela partiu para a Índia quando tinha apenas 17 anos de idade. Então, após cerca de vinte anos ensinando, ela desistiu da sua profissão a fim de servir aos mais pobres dentre os pobres de Calcutá. No mesmo ano (1948), tornou-se cidadã indiana, e dois anos mais tarde fundou a sua nova ordem, a dos "Missionários de Caridade". Assim a Índia foi seu lar por mais de sessenta anos. Portanto, sua voz e sua visão são uma autêntica voz e visão do Terceiro Mundo. Eis o que ela escreveu sobre o Ocidente:

Hoje as pessoas vivem sedentas de amor e de compreensão, que é... a única resposta para a solidão e a enorme pobreza. E por isso que nós *(sc.* as irmãs e os irmãos de sua ordem) podemos ir a países como a Inglaterra, América e Austrália, onde não existe fome de pão. Existe, porém, gente sofrendo de solidão, terrível desespero, um ódio terrível, sentindo-se indesejadas, inúteis e sem esperança. Essas pessoas esqueceram o que é sorrir, esqueceram a beleza do toque humano. Estão esquecendo o que é o amor humano. Elas precisam de alguém que as compreenda e respeite.[476]

Lembro-me de que, a primeira vez que li esta avaliação do mundo ocidental, eu fiquei um pouco indignado e a considerei um exagero. Mas de lá para cá eu mudei de opinião. Acho que ela é acurada, pelo menos como uma generalização.

---

[475] Emile Durkheim, *Suicide: A Study in Sociology* (1897; ET, 1952; Routledge & Kegan Paul, 1975), p. 246.

[476] Desmond Doig, *Mother Teresa, Her People and Her Work* (Collins, 1976), p. 159

Minha segunda testemunha é Bertrand Russell, o brilhante matemático e filósofo, e ateu descompromissado. Ele escreveu com emocionante candura no Prólogo da sua autobiografia:

Três paixões, simples mas irresistivelmente fortes, têm governado a minha vida: o anseio por amor, a busca de conhecimento e uma insuportável compaixão pelo sofrimento da humanidade. Estas paixões, como grandes ventos, têm me atirado para cá e para lá, em um curso sem destino, sobre um profundo oceano de angústia, atingindo as raias do desespero. Eu busquei amor, primeiro, porque ele produz êxtase... Procurei-o, depois, porque ele alivia a solidão — essa terrível solidão em que a fragmentada consciência da gente olha por sobre as margens do mundo para o frio e insondável abismo sem vida...[477]

Depois vem Woody Allen, minha terceira testemunha. A maioria das pessoas só vê nele um comediante (aliás, ele já vendia suas piadas à imprensa quando ainda estava no colégio), mas "dentro do comediante existe um trágico".[478] Com todo o seu aclamado brilhantismo como escritor, diretor e ator, ele parece nunca ter encontrado, nem a si mesmo, nem a ninguém mais. Woody Allen descreve o ato de fazer amor como "dois psicopatas debaixo de uma coberta". Em seu filme *Manhattan* (1979), ele satiriza as pessoas, dizendo que estas deveriam "acasalar-se para a vida toda, como os pombos e os católicos"; mas ele mesmo parece ser incapaz de seguir o seu preceito. Ele confessa que todos os seus filmes "tratam da maior de todas as dificuldades: as relações de amor. Todo mundo o encontra. Ou as pessoas estão apaixonadas, ou elas estão para se apaixonar, ou tentando livrar-se de um amor, ou procurando um meio de evitá-lo".[479] Ao fazer o seu retrato, seu biógrafo termina com estas palavras: "Ele vive lutando, assim como *nós* lutamos, para ter forças para encontrar uma vida baseada no amor. Como diz o personagem em *Hannah e Suas Irmãs,* 'Quem sabe os poetas estejam certos. Talvez o amor seja a única resposta...'."[480]

Eis aqui três pessoas de contextos, convicções, temperamentos e experiências bem diferentes, que no entanto concordam uma com a outra no que concerne à incomparável importância do amor. Elas falam pela raça humana. Todos nós sabemos, lá dentro de nosso íntimo, que o amor é indispensável para a nossa humanidade. É isso que é a vida: ela é feita de amor.

Por isso as pessoas o buscam em toda parte. Pelo menos a partir dos anos 60, muita gente vem rompendo com o individualismo ocidental e experimentando estilos de vida comunitários. Outros tentam substituir o núcleo familiar (tradicional no Ocidente) pela grande família (que, durante séculos, tem sido a tradição na África e na Ásia). Outros, porém, resolveram repudiar a secular instituição do matrimônio e da família, numa tentativa (vã e tola, na opinião dos cristãos) de desta forma encontrar o caminho para a liberdade e a espontaneidade do amor. Todo mundo vive à procura de comunhão genuína e de relações de amor autênticas. A lírica do musical *Aspectos do Amor,* de Andrew Webber, diz tudo:

O amor, o amor muda tudo:
muda mãos e faces, muda terra e céu. O amor, o amor muda tudo:
como se vive e também como se morre. O amor faz o verão voar
ou uma noite parecer uma vida inteira. Sim, o amor, o amor muda tudo;
hoje eu tremo ao escutar seu nome. Nada no mundo será mais igual.
O amor, o amor muda tudo:
os dias são mais longos, palavras sem sentido. O amor, o amor muda tudo:
a dor é mais profunda do que antes já foi. É nosso amor que faz girar o mundo
e esse mundo há de durar para sempre. O amor, o amor muda mudo,
traz-nos glória e nos traz vergonha. Nada no mundo será mais igual.

O terceiro desafio do mundo, portanto, tem a ver com a qualidade da comunhão da igreja. Nós anunciamos que Deus é amor e que Jesus Cristo oferece verdadeira comunhão. Dizemos que a igreja faz parte do evangelho. Declaramos que o propósito de Deus não é meramente salvar indivíduos isolados, perpetuando assim a sua solidão, mas é construir uma igreja, criar uma nova sociedade e até uma nova humanidade, em que serão abolidas as barreiras raciais, sexuais, nacionais e sociais. E esta nova comunidade de Jesus tem a ousadia de apresentar-se como a verdadeira sociedade alternativa, que ofusca os valores e os padrões do mundo.

Esta é uma afirmação que fala muito alto. O trágico, porém, é que a igreja sempre deixa de viver de acordo com esses novos ideais. Sua compreensão teológica acerca do seu chamado pode ser impecável. Mas, comparativamente falando, existe pouca aceitação, pouco cuidado e pouco amor e apoio mútuo entre nós. Em

[477] The *Autobiography of Bertrand Russell* (George Allen and Unwin, 1967), p. 13
[478] Jack Kroll, em *Newsweek,* 24/04/78
[479] Graham McCann, *Woody Allen, New Yorker* (Polity Press, 1990), p. 222.
[480] *Ibid.,* p. 248.

nossas igrejas deveria estar chovendo gente em busca de comunhão, especialmente se elas oferecem experiência de grupos pequenos. Mas, ao invés disso, o que acontece muitas vezes é que a igreja é justamente o lugar que eles nem se dão ao trabalho de procurar, tão certos estão de que ali não acharão amor.

Mel White, escritor e cineasta cristão, resolveu investigar as causas do trágico suicídio em massa ocorrido em Jonestown, nas selvas da Guiana, em 1978, e publicou as suas descobertas em um livro e num filme intitulados *Deceived (Enganados)*. "Como é que isso aconteceu?", perguntou ele. "O que podemos fazer para evitar que aconteça novamente?" Falando tanto com desertores como com sobreviventes, ele descobriu, para sua surpresa, que "as vítimas de Jones vinham de nossas igrejas" (título do primeiro capítulo de seu livro), onde não haviam encontrado amor. Jean Mills, por exemplo, que desertou depois de sete anos, disse: "Eu fui mandado embora um monte de vezes, de cada igreja que eu procurava, porque ninguém se importava comigo."[481] E Grace Stoen, cujo marido, Tim, que era advogado, havia se tornado o segundo homem mais poderoso no Templo do Povo em San Francisco, disse: "Eu frequentei a igreja até completar dezoito anos... e nunca ninguém fez amizade comigo." No Templo do Povo, porém, de acordo com Jean Mills, "todo mundo parecia tão amoroso e atencioso. Eles nos abraçavam e nos faziam sentir-nos bem-vindos... e diziam que... queriam que voltássemos."[482] Foi esta descoberta que levou Mel White a apresentar, no último capítulo de seu livro, intitulado "Não Deve Acontecer de Novo", oito resoluções. Esta foi a primeira: "Farei o melhor possível para ajudar a fazer de minha igreja uma comunidade mais atenciosa para com os seus membros e os estranhos em nosso meio."[483]

Seria injusto, porém, ver apenas as coisas negativas ao se avaliar a igreja contemporânea. Afinal existem, pelo mundo todo, comunidades cristãs em que se encontra amor verdadeiro, sacrificial, atencioso e apoio mútuo. Onde quer que floresça esse tipo de amor, seu magnetismo é quase irresistível, como bem expressa Stephen Neill:

Na comunidade daqueles que são unidos por uma lealdade pessoal a Jesus Cristo, a relação de amor atinge uma intimidade tão intensa que não se conhece em qualquer outro lugar. A amizade entre os amigos de Jesus de Nazaré não tem paralelo em nenhuma outra amizade. Esta deveria ser uma experiência normal dentro da comunidade cristã... O fato de isto ser tão raro nas comunidades cristãs é uma manifestação do fracasso da igreja em geral em viver de acordo com o propósito de seu Fundador para ela. Onde quer que se experimente essa amizade, especialmente ultrapassando barreiras de raça, nacionalidade e língua, isto é uma das evidências mais convincentes da constante atuação de Jesus entre os homens.[484]

Aqui está, pois, a tríplice busca em que estão engajados os seres humanos. Embora eles provavelmente não a articulem desta forma, acho que podemos dizer que, ao buscarem transcendência, eles estão tentando encontrar a Deus; ao buscarem um significado na vida, estão tentando encontrar a si mesmos; e, ao buscarem uma comunidade, estão tentando encontrar o próximo. E é nisto que consiste a busca universal da humanidade: por Deus, pelo próximo e por nós mesmos.

Além disso, como diz a afirmação cristã (confiante eu sei, humilde eu espero) é que quem busca, acha — em Cristo e em sua nova sociedade. A meu ver, a busca contemporânea deste século é um dos maiores desafios (e oportunidades) com os quais a igreja jamais se defrontou: as pessoas procuram abertamente justo aquilo que Jesus Cristo oferece!

A única questão é se a igreja pode ser tão profundamente renovada pelo Espírito e pela Palavra de Deus que ela ofereça uma experiência de transcendência através da sua adoração, de significância através do seu ensino e de uma comunidade através de sua comunhão. Pois, se isto acontecer, as pessoas se voltarão ansiosamente para ela em sua busca, e nossa proclamação das boas novas terá uma credibilidade que, de outra forma, sempre nos faltará.

---

[481] Mel White, *Deceived* (Spire Books, Revell, 1979), p. 19.
[482] *Ibid,* p. 19
[483] *Ibid,* p. 184
[484] Stephen C. Neill, *Christian Faith Today* (Pelican, 1955), p. 174

CAPITULO QUINZE
EVANGELIZAÇÃO ATRAVÉS DA IGREJA LOCAL[485]

Sou muito grato aos líderes anglicanos da Africa por terem proposto (e aos outros por terem concordado) que os últimos dez anos do século XX — ou seja, do segundo milênio d.C. — fossem declarados "Uma Década de Evangelização".

Esta decisão da Conferência de Lambeth (1988) colocou a evangelização no topo da agenda desafiando-nos, portanto, a perguntar a nós mesmos o que é que sabemos e cremos quanto a evangelizar. Afinal, agora toda a comunidade viu-se na obrigação de encarar uma responsabilidade da qual tantas vezes tem se esquivado: o chamado para dar testemunho de Jesus Cristo. Outras denominações também vêm dando prioridade à evangelização nos anos 90 e estabelecendo objetivos para o ano 2000.

Conforme a definição aceita pelos anglicanos, evangelizar é "tornar conhecido, em palavra e em ação, o amor do Cristo crucificado e ressuscitado no poder do Espírito Santo, a fim de que as pessoas se arrependam, creiam e recebam a Cristo como seu Salvador e, em obediência, sirvam a ele como seu Senhor na comunhão de sua igreja".

Não que a evangelização seja alheia ao *ethos* do Anglicanismo. Longe disso. O Segundo Livro das Homilias, por exemplo, escrito em sua maior parte pelo Bispo John Jewel de Salisbury e publicado em 1571, contém a seguinte admoestação: "Qualquer homem que seja um cristão silencioso e que não professe abertamente a sua fé, ocultando-se e disfarçando-se por medo de perigo que possa vir, dará aos outros ocasião para duvidar, com toda razão e de boa consciência, que ele tenha dentro de si a graça do Espírito Santo, já que é preso de língua e não fala."

Várias formas de evangelizar

A evangelização pode assumir diferentes formas. Desde que Jesus ofereceu a água da vida à mulher samaritana no poço de Jacó,[486] e desde que Filipe assentou-se ao lado do etíope em sua carruagem para anunciar-lhe as boas novas de Jesus,[487] o *evangelismo pessoal* tem tido impecáveis precedentes bíblicos. Ainda é nosso dever, sempre que surge uma oportunidade e em espírito de humildade, compartilhar Cristo com aqueles parentes, amigos, vizinhos e colegas que ainda não o conhecem.

A *evangelização de massas* (a pregação de um evangelista para as multidões) também tem sido, através dos séculos, visivelmente abençoado por Deus. A desgraça em que têm caído alguns televangelistas americanos nos últimos tempos não contradiz este fato. Além do mais, o próprio Jesus proclamou as boas novas do reino para as multidões na Galileia. O mesmo fez o apóstolo Paulo aos pagãos de Listra[488] e aos filósofos de Atenas,[489] e Wesley e Whitefield na Inglaterra e na América do século XVIII. Ainda hoje, evangelistas privilegiados de muitas nacionalidades pregam efetivamente para enormes multidões, mesmo sabendo que o seu ministério depende da cooperação ativa de igrejas e cristãos. E por todo o mundo existem pastores e leigos que levam a sério a sua pregação, conscientes de que em suas congregações sempre haverá tanto não-cristãos como cristãos nominais que precisam ouvir o evangelho.

Não obstante, pode-se dizer que *a evangelização através da igreja local* é o método mais normal, natural e produtivo de se divulgar o evangelho hoje. Há duas razões principais para recomendá-lo.

A primeira delas encontra-se *na Escritura.* Segundo o apóstolo Pedro, a igreja é, ao mesmo tempo, "um sacerdócio real", destinado a oferecer sacrifícios a Deus (ou seja, a adoração), e "uma nação santa", que divulga os louvores de Deus (ou seja, o testemunho).[490] Além disso, estas responsabilidades da igreja universal se

---

[485] Este capítulo foi escrito antes que se publicasse e me chegasse às mãos o livro bem grosso de Michael Green *Evangelism through the Local Church* (Hodder & Stoughton, 1990). Michael Green é uma rara combinação de teólogo e evangelista, e sua experiência como evangelista é excepcionalmente vasta e variada. Com o entusiasmo jovial e contagiante que caracteriza os seus escritos, ele divide este tema em quatro partes: (1) "Tópicos para a Igreja" (a natureza, a necessidade, a base e a esfera da evangelização em uma sociedade de fé multipluralista); (2) "O Desafio Secular" (quatro valiosos capítulos sobre apologética); (3) "Evangelização Centralizada na Igreja" (pregação evangelística, evangelismo pessoal, missões e outros métodos); e (4) "Apêndice Prático" (cursos para pesquisadores, grupos de crescimento para recém-convertidos, o treinamento de equipes, o uso de dramatizações, a direção dos cultos, etc). São 600 páginas de orientação (teológica, pessoal e prática) dada por alguém cuja mente, coração e mãos estão juntamente comprometidos com o ministério evangelístico da igreja local

[486] Jo 4.4-15

[487] At 8.26-35

[488] At 14.14-18

[489] At 17.22-23

[490] 1 Pe 2.5, 9

desenvolvem em cada igreja local. Toda congregação cristã é chamada por Deus para ser uma comunidade que adora e testifica. Com efeito, cada um desses dois deveres envolve necessariamente o outro. Se nós adoramos verdadeiramente a Deus, reconhecendo e adorando o seu infinito valor, somos igualmente impelidos a torná-lo conhecido de outros, a fim de que eles também possam adorá-lo. Assim, a adoração conduz ao testemunho, e o testemunho, por sua vez, produz adoração, em um círculo vicioso.

Os tessalonicenses deram um belo exemplo de evangelização através da igreja local. Bem no comecinho de sua primeira carta para eles Paulo aponta para esta notável sequência: "... o nosso evangelho ... chegou até vós ... Tendo recebido a palavra ... de vós repercutiu a palavra do Senhor".[491] É como se a igreja local fosse um eco que reflete e amplifica as vibrações que recebe, ou como um satélite de comunicação, que primeiro recebe e depois transmite uma mensagem. Toda igreja que já ouviu o evangelho deve passá-lo adiante. Este continua sendo o principal método evangelístico de Deus. Se todas as igrejas tivessem sido fiéis, o mundo já teria sido evangelizado há muito tempo.

O segundo argumento parte da *estratégia.* Cada igreja local está situada em um contexto específico. Sua primeira responsabilidade missionária, portanto, deve ser para com as pessoas que vivem ali. A congregação é situada estrategicamente a fim de atingir aquele bairro. Qualquer partido político morreria de ciúmes da nossa situação e do pessoal que existe à nossa disposição. Em muitos países as igrejas têm amplos recursos para disseminar o evangelho através de seu território.

Assim, teologia bíblica e estratégia prática combinam-se para fazer da igreja local o agente primordial da evangelização.

Mas, se a igreja local quiser levar a efeito o papel que lhe foi designado por Deus, primeiro ela tem que preencher quatro pré-requisitos. Ela precisa *compreender-se* (a teologia da igreja), *organizar-se* (as estruturas da igreja), *expressar-se* (a mensagem da igreja) e *ser ela mesma* (a vida da igreja).

A igreja precisa compreender-se

A teologia da igreja

Eu não vou me desculpar por começar pela teologia. Muitas igrejas encontram-se enfermas porque têm uma falsa imagem de si mesmas. Elas ainda não chegaram a entender, nem quem elas são (sua identidade), nem para que foram chamadas (sua vocação). Todos nós sabemos que, para a saúde mental, é importante que se tenha uma auto-imagem bem acurada. E o que vale para as pessoas vale também para as igrejas.

Hoje em dia prevalecem pelo menos duas falsas imagens com relação à igreja.

A primeira delas é a do *clube religioso* (ou *o cristianismo introvertido).* Segundo esta visão, a igreja local lembra, de certa forma, o clube local, com a diferença de que o interesse comum entre os seus membros é Deus e não as atividades sociais. Eles se consideram pessoas religiosas que adoram fazer coisas juntas. Pagam suas mensalidades e, com isso, sentem-se no direito de gozar certos privilégios. O importante para eles é o status e as vantagens de serem membros do clube. Eles evidentemente esqueceram (se é que jamais a conheceram) a significativa declaração atribuída a William Temple, de que "a igreja é a única sociedade cooperativa do mundo que existe para o benefício de seus não-membros". Ao invés disso, encontram-se completamente introvertidos, voltados para dentro, como uma unha encravada. Na verdade Temple exagerou um pouco, pois os membros da igreja têm uma certa responsabilidade uns para com os outros, como o atestam os muitos "uns aos outros" que aparecem em versículos do Novo Testamento ("amai uns aos outros", "fortalecei uns aos outros", "levai as cargas uns dos outros", *etc).* Nossa responsabilidade primordial, no entanto, é nossa adoração a Deus e nossa missão no mundo.

No extremo oposto dos clubes religiosos encontra-se a *missão secular* (ou *cristianismo sem religião).* Foi na década de 60 que certos pensadores cristãos ficaram compreensivelmente irritados com aquilo que, na sua opinião, se constituía em egocentrismo eclesiástico da igreja. Esta lhes parecia tão incorrigivelmente absorta em suas próprias questiúnculas internas que eles acharam melhor abandoná-la e ir embora. Como arena de serviço divino, eles trocaram a igreja pela comunidade secular. Já não lhes interessavam mais os cultos de adoração, diziam, mas somente servir aos outros. Assim, tentaram desenvolver um "cristianismo sem religião", substituindo os cultos de adoração pela missão, o amar a Deus por amar ao próximo e o orar a Deus por ir ao encontro das pessoas.

E agora, trinta anos depois, como deveríamos avaliar este movimento? Certamente temos de admitir que o desagrado deles pela religião egoísta estava certo. Se ele é desprezível para Deus, também deveria ser repugnante para nós. Mas o conceito de um "cristianismo sem religião" foi uma reação exagerada e

[491] 1 Ts 1.5, 6, 8

desequilibrada. Não temos o direito de confundir adoração e missão, mesmo que (como vimos aqui) cada um deles tenha a ver com o outro. Há sempre um elemento de missão na adoração e de adoração na missão; os dois, contudo, não são sinônimos.

Existe uma terceira forma de se compreender a igreja. Ela combina o que há de verdade em ambas as imagens errôneas vistas acima e reconhece que nos cabe a responsabilidade, tanto de adorar a Deus como de servir ao mundo. E a *dupla identidade da igreja* (ou o *cristianismo encarnado)*. Quando eu falo de "dupla identidade", quero dizer que a igreja é um povo que foi chamado para sair do mundo a fim de adorar a Deus e, ao mesmo tempo, é enviado de volta ao mundo a fim de testemunhar e servir. Estas são, de fato, duas das "marcas" clássicas da igreja. De acordo com a primeira, a igreja é "santa", separada para pertencer a Deus e para adorá-lo. Conforme a segunda, a igreja é "apostólica", enviada ao mundo em sua missão. Por outro lado, nós poderíamos dizer que a igreja é convocada por Deus para ser simultaneamente "santa"(diferente do mundo) e "mundana" (não no sentido de assimilar os valores e padrões deste mundo, mas no sentido de renunciar ao seu "pertencer a outro mundo", tornando-se, ao invés disso, total participante na vida deste mundo). Quem captou admiravelmente essa dupla identidade da igreja foi o Dr. Alec Vidler, ao referir-se à "santa mundanidade" desta.[492]

Ninguém jamais demonstrou tanto quanto o próprio Senhor Jesus Cristo o que significa esta "santa mundanidade". Sua encarnação é a perfeita encarnação dessa mundanidade. Por um lado, ele desceu ao nosso mundo e assumiu a completa realidade da nossa humanidade. Tornou-se um conosco em nossa fragilidade, expondo-se às tentações. Comungou com gente comum, que se juntava ansiosamente ao seu redor. Ele aceitou todo mundo, sem desprezar ninguém. Identificou-se com as nossas tristezas, nossos pecados e nossa morte. Contudo, ao misturar-se livremente com gente como nós, ele nunca sacrificou nem comprometeu sequer por um momento a sua própria identidade e unicidade. Ele vivenciou a perfeição da "santa mundanidade".

E agora ele nos envia ao mundo, assim como ele mesmo foi enviado ao mundo.[493] Assim como participou de nosso mundo, nós também precisamos fazer parte do mundo das outras pessoas: o mundo dos seus pensamentos (tentando compreender os mal-entendidos do evangelho), o mundo dos seus sentimentos (procurando empatizar com as suas dores), o mundo do seu dia-a-dia (vivenciando a humilhação de sua situação social, seja ela pobreza, desabrigo, desemprego ou discriminação). Michael Ramsey expressou isto muito bem ao dizer que "Nós afirmamos e recomendamos a fé somente na medida em que saímos e participamos com amorosa simpatia das dúvidas daquele que duvida, das questões daquele que questiona e da solidão daqueles que perderam o caminho."[494] Mas essa penosa entrada no mundo dos outros não deve ser empreendida à custa de nossa própria integridade cristã. Nós somos chamados para manter intatos os padrões de Jesus Cristo.

Raramente, no decorrer de sua longa história, a igreja conseguiu preservar essa dupla identidade da santa mundanidade que lhe foi conferida por Deus. Pelo contrário, sua tendência é oscilar entre os dois extremos. Às vezes, super-valorizando a sua santidade, a igreja se afasta do mundo, negligenciando, assim, a sua missão. Outras vezes, super-enfatizando a sua mundanidade, ela se adapta ao mundo, assimilando as visões e os valores deste e negligenciando, assim, a sua santidade. Mas, para cumprir a sua missão, a igreja precisa atender com fidelidade a ambos os chamados e preservar ambas as partes de sua identidade.

A "missão" surge, portanto, da doutrina bíblica de que a igreja está no mundo. Se nós não formos "a igreja", o povo santo e separado de Deus, nada teremos a dizer, pois estamos comprometidos. Se, por outro lado, não estivermos "no mundo", profundamente envolvidos em sua vida e sofrimento, não teremos ninguém a quem servir, porque estamos isolados. Nós somos chamados para ser, ao mesmo tempo, "santos" e "mundanos". Sem essa eclesiologia bíblica equilibrada, nunca resgataremos nem cumpriremos a nossa missão.

A igreja precisa organizar-se

As estruturas da igreja

A igreja precisa organizar-se de tal maneira que expresse a sua compreensão de si mesma. Suas estruturas devem refletir a sua teologia, especialmente sua dupla identidade. O defeito mais comum da igreja é ser estruturada para a "santidade" em vez de para a "mundanidade", para o culto e comunhão em vez de ser estruturada para a missão. Foi esta a ênfase do relatório *"A Igreja para os Outros"* (1968), sub-intitulado *"Uma Busca por Estruturas para Congregações Missionárias"*. Nem é preciso concordar com tudo o que está escrito no livro para aceitar que

a igreja que é missionária não se preocupa consigo mesma — ela é uma igreja para os outros... Seu

[492] Alec Vidler, *Essays in Liberality* (SCM, 1957), cap. 5.
[493] Jo 17.18; 20.21.
[494] Michael Ramsey, *Images Old and New* (SPCK, 1963), p. 14

centro está fora, e não dentro dela; ela deve viver " descentralizadamente "... A igreja tem que voltar-se para fora, para o mundo... Precisamos reconhecer que as igrejas têm se transformado em "igrejas de espera", para as quais se espera que as pessoas venham. Suas estruturas herdadas ressaltam e encarnam esta visão estática. Pode-se dizer que nós corremos o risco de perpetuar "estruturas de vinda", ao invés de substituí-las por "estruturas de ida". Pode-se dizer que a inércia tem substituído o dinamismo do evangelho e da participação na missão de Deus.[495]

Além disso, nossas estruturas estáticas, inflexíveis e centralizadas são "estruturas heréticas", pois elas incorporam uma doutrina herética da igreja.

Certas igrejas, em seu zelo, organizam um programa superlotado de atividades concentradas na igreja. Arranjam uma coisa para cada noite da semana. Na segunda-feira à noite reúnem-se as comissões; na terça-feira à noite, os grupos de comunhão. Na noite de quarta-feira realizam-se os estudos bíblicos e na quinta-feira à noite a reunião de oração. Até nas noites de sexta e sábado outras causas nobres ocupam o tempo e a energia das pessoas. Estas igrejas dão a impressão de que o seu principal objetivo é manter os seus membros ocupados o tempo todo! E estes, com toda certeza, não têm nem tempo nem oportunidade para se meter em encrencas, já que estão tão ocupados com a igreja toda santa noite da semana!

Mas um programa desses, tão cheio e tão centralizado na igreja, por mais admirável que pareça à primeira vista, tem muitas desvantagens e apresenta muitos riscos. Para começar, é prejudicial à vida da família cristã. Matrimónios se rompem e famílias se desintegram, pois o pai e/ou a mãe raramente estão em casa. Além disso, impede os membros da igreja de se envolverem com a comunidade local, pois estão demasiadamente preocupados com a igreja local. Portanto, ele contradiz uma parte essencial da identidade da igreja, que é a "mundanidade". Como disse Richard Wilke, da Igreja Metodista Unida dos Estados Unidos, "a nossa estrutura tornou-se um fim em si mesma, não um meio de salvar o mundo".[496] Neste sentido, ela é uma estrutura herética.

Às vezes eu me pergunto (embora eu exagere, a fim de estabelecer o meu argumento) se não seria mais saudável se os membros da igreja só se encontrassem aos domingos (para adorar a Deus, ter comunhão entre si e receber ensino) e em hipótese nenhuma durante a semana. Aí a gente se congregaria aos domingos e se espalharia pelo resto da semana. Nós viríamos a Cristo para adorá-lo e iríamos por Cristo em missão. E, nesse ritmo de domingo-dias-da-semana, congregar-e-espalhar, vai-e-vem, adoração-e-missão, a igreja expressaria sua santa mudanidade, e sua estrutura se adaptaria à sua dupla identidade.

Mas, então, como é que as igrejas locais deveriam se organizar? O ideal, a meu ver, é que a cada cinco ou dez anos cada igreja realizasse uma pesquisa a fim de se avaliar e especialmente para descobrir até onde as suas estruturas refletem a sua identidade. Na verdade, ela deveria realizar duas pesquisas, uma sobre a comunidade local e a outra sobre a igreja local, para descobrir até que ponto a igreja está se envolvendo com a comunidade a fim de levá-la a Cristo. Aliás, esta idéia foi adotada há pouco tempo na Inglaterra por uma comissão que trabalha em áreas urbanas, que produziu um importante relatório intitulado *Fé na Cidade.* Ali se recomenda "uma auditoria na igreja local", que consistiria de um "perfil da igreja" ("desenvolver uma descrição adequada da igreja local") e um "perfil do bairro" ("desenvolver descrição apropriada do bairro").[497] Vou considerar os dois na ordem inversa:

Uma pesquisa sobre a comunidade local Cada igreja está localizada em um contexto específico e precisa familiarizar-se com este em todas as suas particularidades. Para tanto, é preciso elaborar um questionário. Eis aqui algumas das questões que deveriam ser incluídas:

1.Que tipo de pessoas vive em nossa vizinhança? Qual é a sua origem étnica, nacionalidade, religião, cultura, seu meio de comunicação preferida (TV?) e o seu trabalho? Qual é a proporção de famílias normais, famílias sem pai ou sem mãe, solteiros, idosos, jovens? Quais são as principais necessidades sociais da área, concernentes a moradia, emprego, pobreza, educação?

2.Existem no bairro centros educacionais, sejam eles escolas, colégios,centros profissionalizantes, creches?

3.Que estabelecimentos comerciais existem no bairro? É uma área de atividade rural? Existem fábricas, escritórios, lojas ou estúdios? O nível de desemprego é significativo?

4.Onde moram as pessoas: em casas ou apartamentos? São proprietários ou inquilinos? Existem hotéis, pensões, casas estudantis, conjuntos residenciais, lares para idosos?

5.Onde as pessoas se reúnem nas horas de folga: em lanchonetes ou restaurantes, bares ou discotecas,

[495] *The Church for Others* (WCC, Geneva, 1967), pp. 7, 18—19

[496] Richard Wilke, *And Are We Yet Alive?* (Abingdon, 1986).

[497] *Faith in the City* (Church House, 1985)

shopping-centers, clubes, associações, bingos, teatros, cinemas, campos de futebol, parques ou nas esquinas?

6.Que serviços públicos são disponíveis no bairro? Há polícia, corpo de bombeiros, presídio, hospital, biblioteca pública, outros serviços sociais?

7.Existem outros prédios religiosos — igrejas ou capelas, sinagoga, mesquita, templos, salas esotéricas?

8.A comunidade tem sofrido mudanças nos últimos dez anos? Que mudanças são previstas para os próximos dez anos?

Uma pesquisa sobre a igreja local

Nesta segunda pesquisa será preciso fazer perguntas de sondagem. A igreja está organizada somente em função de si mesma, para sua própria sobrevivência e conveniência e para a preservação de seus privilégios? Ela é organizada para servir a si mesma ou para servir a Deus e a comunidade? Quais são as suas tradições e convenções mais apreciadas e que a separam desnecessariamente da comunidade? O questionário deveria incluir as seguintes áreas:

1. *O prédio da igreja.* A tendência dos membros de uma igreja é interessar-se mais pelo seu *interior* (beleza, conforto e amenidades). Mas nós precisamos também andar em volta do templo e olhar para ele com os olhos de *estranho:* Qual é a impressão que ele dá? Parece uma fortaleza (escura, austera e proibitiva), ou é um lugar claro, amistoso e convidativo?

Vou dar um exemplo. Certa vez visitei a enorme praça da catedral da capital de uma república da América Latina. No meio da praça havia a estátua do herói nacional, que havia libertado o país dos conquistadores espanhóis no começo do século passado. Um dos lados da praça era inteiramente ocupado pela catedral católica romana. Tentei entrar, mas estava fechada. Nos degraus que levavam à sua porta principal, porém, havia três seres humanos: um bêbado que acabara de vomitar copiosamente, um mendigo cego vendendo fósforos e uma prostituta oferecendo-se em plena luz do dia a quem quer que passasse por ali. Um bêbado, um mendigo e uma prostituta, três símbolos da tragédia humana! E, atrás deles, uma catedral fechada, como que a dizer: "Afastem-se! Ninguém quer vocês aqui!" Eu imagino que deve haver boas razões para manterem fechada aquela catedral. O que me preocupa são as "vibrações" transmitidas por aquela cena.

E necessário também olhar com olhos críticos para o interior do prédio da igreja, especialmente com os olhos dos visitantes não-cristãos: a decoração, os móveis, a iluminação (e o aquecimento, em lugares frios), os quadros de anúncios, os cartazes, as exposições de livros e de folhetos.

2. *Os cultos da igreja.* Tanto nas sinagogas judaicas do primeiro século como na igreja cristã do século XX, existem, na "periferia" de toda congregação, "tementes a Deus" que são atraídos a Cristo mas que ainda não se comprometeram com ele. Como são os nossos cultos? São planejados visando as pessoas comprometidas, elaborados apenas para os "iniciados" e, portanto, não dizem a mínima para quem vem de fora? Será que nos lembramos dos membros periféricos e dos não-membros que podem estar presentes? E as formas de culto, a liturgia e a linguagem, a música (palavras, melodias e instrumentos), os assentos, como também as roupas, tanto do clero como da congregação? Precisamos inda-gar-nos quanto às vibrações que todas estas coisas produzem.

3.*Os membros da igreja.* Os nossos membros estão mobilizados para a missão? Ou nossa igreja é tão clericalizada *(i.e.,* dominada pelos pastores) que torna isto impossível? Ela já tomou consciência do ensino do Novo Testamento sobre o "sacerdócio universal do corpo de Cristo"? Ou ela é menos um corpo do que uma pirâmide, com os pastores no topo e os leigos apertadinhos nas fileiras inferiores de sua base? Os membros da igreja são também membros da comunidade? Ou eles vivem, ou confinados às atividades da igreja, ou então praticando um cristianismo de vai-e-vem (viajando longas distâncias para ir à igreja), o que torna um envolvimento local difícil e até artificial?

4.*O programa da igreja.* Nós encarceramos os nossos membros na igreja? Ou liberamos deliberadamente pelo menos alguns deles (inclusive líderes) de compromissos da igreja a fim de encorajá-los a trabalharem por Cristo na sua comunidade, e então os apoiamos com nosso interesse e orações enquanto eles fazem isso? Certificamo-nos de que a verdade bíblica da dupla identidade da igreja seja ensinada e encarnada, e que haja treinamento disponível para aqueles que queiram comprometer-se com o serviço e o testemunho cristão?

As duas pesquisas (sobre a comunidade e sobre a igreja) precisam ser estudadas pela liderança da igreja (pastores e leigos), tanto em separado como em relação uma com a outra. Dessa reflexão, então, surgirá uma estratégia de missão. A liderança (de preferência juntamente com outros que queiram envolver-se) pode estabelecer objetivos de curto e longo prazos, elaborando uma lista de prioridades. Talvez se chegue a algumas

conclusões — por exemplo: a de que a igreja está sofrendo com uma falsa imagem e precisa, acima de qualquer outra coisa, de alguns ensinamentos bíblicos sobre a sua santa mundanidade e as implicações disto para a missão; ou que se deve elaborar um programa de treinamento para preparar os membros para a evangelização; ou que as atividades concentradas na igreja deveriam ser reduzidas, para assim aumentar o envolvimento dos membros com a comunidade.

Talvez a decisão seja reestruturar radicalmente o prédio da igreja, sua decoração, a posição dos bancos, os cultos; ou organizar uma visitação geral na área, se possível em colaboração com outras igrejas locais; ou então organizar um grupo de especialistas que vão penetrar em segmentos específicos, seculares, do bairro. Por exemplo, um grupo de jovens comprometidos poderia adotar uma discoteca local, não para fazer investidas evangelísticas ocasionais, mas visitá-la regularmente (de dois a dois) durante um longo período, a fim de fazer amizade com os jovens que a frequentam.

Outra idéia seria organizar reuniões caseiras na vizinhança, ou uma série de palestras apologéticas em um local neutro, ou cultos evangelísticos regulares, para os quais os membros seriam incentivados a convidar os seus amigos. Ou pode ser que a igreja resolva assumir alguma necessidade social específica da área, que tenha vindo à tona na pesquisa, e incentivar um grupo para estudá-la e depois sugerir o que fazer. Todas estas decisões serão elaboradas para ajudar a igreja a identificar-se com a comunidade e a desenvolver estruturas que facilitem uma missão verdadeiramente encarnada.

A igreja precisa expressar-se

A mensagem da igreja

Não basta que a igreja local se compreenda e se organize apropriadamente; ela precisa também articular sua mensagem. Afinal, evangelizar, no sentido mais simples e mais básico, é compartilhar o evangelho. Assim, para definir a evangelização é preciso também definir as boas novas.

Não há dúvida de que a essência do evangelho é o próprio Jesus Cristo. Seria impossível anunciar as boas novas de Cristo sem falar de Jesus. Assim, nós lemos que Filipe, falando com o etíope, "anunciou-lhe a Jesus",[498] e que o apóstolo Paulo se apresentou como "separado para o evangelho de Deus... com respeito a seu Filho...".[499] Além disso, ao testificar de Jesus, nós devemos falar sobretudo sobre a sua morte e ressurreição. Lembremos novamente as palavras de Paulo em seu famoso resumo do evangelho apostólico: "Antes de tudo vos entreguei o que também recebi; que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado, e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras. E apareceu...".[500] Nós simplesmente não estamos compartilhando o evangelho se não declararmos o amor de Deus ao dar o seu Filho para viver a nossa vida, morrer por nossos pecados e ressuscitar de novo; nem podemos omitir a sua oferta, feita por Jesus Cristo a todos que se arrependem e crêem nele, de uma nova vida de perdão e libertação e de participação em sua nova sociedade.

Mas como é que vamos formular estas boas novas nas sociedades cada vez mais pluralistas de nosso mundo, de tal forma que faça sentido para essas pessoas? Existem dois extremos opostos a serem evitados.

O primeiro extremo eu vou chamar de *rigidez total.* Certos cristãos parecem estar escravizados a palavras e fórmulas, e acabam tornando-se escravos de um evangelho estereotipado. Eles envolvem sua mensagem em um belo e gracioso pacote; depois colam, colocam uma etiqueta e daí colocam o preço, como se fosse destinado a um supermercado. Então, a não ser que se use a sua nomenclatura predileta (reino de Deus, o sangue de Jesus, libertação da humanidade, nascer de novo, justificação pela fé ou o senhorio cósmico de Cristo), eles declaram redondamente que o evangelho não foi pregado. O que estas pessoas parecem não ter percebido é a riqueza de diversidade na formulação do evangelho que se encontra no próprio Novo Testamento. As opções que acabo de mencionar são todas bíblicas; mas, como todas elas contêm um elemento de imaginação, e cada imagem é diferente, é impossível fundi-las em um único e simples conceito. Portanto, torna-se perfeitamente legítimo desenvolver um ou outro desses conceitos, conforme pareça mais apropriado a cada ocasião.

O extremo oposto é a *fluidez total.* Anos atrás eu ouvi um religioso dizer: "Esse negócio de evangelho no vazio não existe. Nem se sabe o que é o evangelho, a não ser que se viva cada situação em especial. Primeiro é preciso viver a situação e, depois que se está lá dentro, aí é que se descobre o evangelho." Agora, se o que ele quis dizer é que ele queria ver o evangelho dentro de um contexto e não no vazio, e que ele precisava relacionar

[498] At 8.35

[499] Rm 1.1, 3.

[500] 1Co 15.3-5.

o evangelho sensivelmente com cada pessoa e situação, então eu concordo plenamente com ele. Mas dizer que "esse negócio de evangelho no vazio não existe" e que "se descobre o evangelho" em cada situação, isto é, com toda certeza, um grande exagero. Afinal, o que os defensores da *fluidez total* parecem não ter percebido é que, juntamente com a rica diversidade da formulação evangélica do Novo Testamento, existe também uma unidade subjacente (especialmente no que diz respeito à morte salvadora e à ressurreição de Jesus) que concilia as diferentes formulações. Como escreve A. M. Hunter, "existe... no Novo Testamento uma profunda unidade, que domina e transcende todas as diversidades."[501]

Será que existe um meio termo? Existe, sim. Ambos os extremos que acabo de descrever expressam importantes preocupações que precisam ser preservadas. A primeira ("rigidez total") enfatiza, com razão, que o evangelho foi revelado por Deus e recebido por nós. Tanto é *uma paradosis* (uma tradição a ser preservada) como uma *paratheke* (um depósito a ser guardado). Nós não o inventamos e não temos nenhuma liberdade para modificá-lo ou para brincar com ele. A segunda posição, da "fluidez total", enfatiza corretamente que o evangelho deve ser contextualizado, isto é, relacionado de maneira apropriada com cada pessoa ou situação em particular. Caso contrário, passa a ser considerado irrelevante.

De certa forma, portanto, nós temos que aprender a combinar estas duas preocupações, ambas acertadas. Temos que lutar com a dialética que existe entre a velha Palavra e o mundo moderno, entre o que foi concedido e o que ficou em aberto, entre conteúdo e contexto, Escritura e cultura, revelação e contextualização. Necessitamos mais fidelidade à Escritura e mais sensibilidade para com as pessoas. Não um sem o outro, mas ambos.

A igreja precisa ser ela mesma

A vida da igreja

O que Deus espera da igreja é que ela seja a sua nova sociedade, a encarnação viva do evangelho, um sinal do reino de Deus, uma demonstração do que é a comunidade humana quando ela se coloca sob o domínio gracioso de Deus.

Em outras palavras, o propósito de Deus é que a boa nova de Jesus Cristo seja expressa tanto visualmente como verbalmente — ou seja, "em palavra e em ação". Todo educador sabe que para os seres humanos é muito mais fácil aprender através do que eles vêem e experimentam do que através do que eles ouvem. Ou melhor, palavra e ação, ouvir e ver, andam juntos. E com a evangelização acontece a mesma coisa. As pessoas precisam ver com os seus próprios olhos que o evangelho que anunciamos nos transformou. Como disse John Poulton: "Os cristãos... precisam parecer com aquilo de que estão falando. O que comunica é primordialmente *as pessoas,* e não palavras ou idéias... O que comunica agora é basicamente a autenticidade pessoal."[502] Por outro lado, se nossa vida contradiz a nossa mensagem, nossa evangelização não terá credibilidade. Com efeito, o maior empecilho para a evangelização reside na falta de integridade do evangelista.

Nunca um texto me ajudou tanto a entender as implicações disto para a vida da igreja local como 1 João 4.12: "Ninguém jamais viu a Deus; se amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós, e o seu amor é em nós aperfeiçoado." Deus é invisível. Ninguém jamais o viu. Tudo que os seres humanos já viram dele foi um relance de sua glória, do brilho exterior do seu ser.

Agora, a invisibilidade de Deus é um grande problema para a fé. Assim foi também para os judeus no Antigo Testamento. Seus vizinhos pagãos riam deles por adorarem um Deus invisível. "Vocês dizem que acreditam em Deus?", zombavam deles. "Onde ele está? Venham aos nossos templos e nós lhes mostraremos os nossos deuses. Eles têm ouvidos e olhos, mãos e pés, e também boca e nariz. Mas, o Deus de vocês, onde ele está? Nós não podemos vê-lo. Ha, ha, ha!" Para os judeus isto era difícil de suportar. Daí a reclamação do salmista e profeta: "Por que diriam as nações: onde está o Deus deles?".[503] Obviamente, Israel tinha sua apologética. Os ídolos dos pagãos não eram nada, somente obras de suas mãos. Tinham boca, é verdade, mas não podiam falar; ouvidos, mas não ouviam; tinham narizes que não podiam cheirar, mãos que não podiam sentir e pés que não andavam.[504] Javé, por sua vez, mesmo não tendo boca (já que era um espírito), havia falado; embora não tivesse ouvidos, ouvia as orações de Israel; e, apesar de não ter mãos, tinha criado o universo e redimido o seu povo com sua poderosa força. Ao mesmo tempo, o povo de Deus desejava ansiosamente que ele se fizesse conhecido às nações, para que estas pudessem vê-lo e acreditar nele.

---

[501] A. M. Hunter, *The Unity of the New Testament* (SCM, 1943)

[502] John Poulton, *A Today Sort of Evangelism* (Lutterworth, 1972), pp. 60-61, 79

[503] *P.ex.* SI 115.2

[504] *P.ex.* SI 115.4-7

O mesmo problema de um Deus que não se vê nos desafia hoje, especialmente aos jovens que cresceram confiando em métodos científicos. Eles aprenderam a examinar tudo através de seus cinco sentidos. Qualquer coisa que não se preste a uma investigação empírica eles aprenderam a suspeitar e até mesmo rejeitar. Portanto, que sentido tem em acreditar num Deus invisível? "Se nós o virmos, acreditaremos", é que eles dizem.

Mas, então, como foi que Deus resolveu o problema de sua invisibilidade? Primeiro e acima de tudo, ele o fez enviando o seu Filho ao mundo. "Ninguém jamais viu a Deus; o Deus unigénito, que está no seio do Pai, é quem o revelou."[505] Por isso é que Jesus pôde dizer: "Quem me vê a mim, vê o Pai"[506] e Paulo pôde descrevê-lo como "a imagem do Deus invisível".[507]

A isto, as pessoas tendem a replicar: "Isso é realmente maravilhoso... Só que aconteceu há dois mil anos. Não existe uma outra maneira pela qual esse Deus invisível pode tornar-se visível *hoje?"* Existe, sim. "Ninguém jamais viu a Deus."[508] João começa este versículo de sua primeira carta com a mesma expressão que usou no prólogo do seu Evangelho. [509] Mas agora ele conclui a sentença de maneira diferente. No Evangelho ele escreveu que "o Deus unigênito... é quem o revelou". Na Epístola ele escreve que "se amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós, e o seu amor é em nós aperfeiçoado". Considerando a deliberada repetição de João desta mesma declaração, isto só pode significar uma coisa. O Deus invisível, que uma vez se tornou visível através de Cristo, agora torna-se visível através dos cristãos, *se amarmos uns aos outros.*

Deus é amor em sua essência, e revelou seu amor ao dar o seu Filho para viver e morrer por nós. Agora ele nos chama para sermos uma comunidade de amor, amando uns aos outros na intimidade de sua família — especialmente cruzando barreiras de idade e sexo, raça e classe social — e amando o mundo que ele ama em sua alienação, fome, pobreza e sofrimento. É pela qualidade de nosso amor que Deus se faz visível hoje.

Nós não podemos proclamar o evangelho do amor de Deus com a mínima integridade se não o demonstrarmos em nosso amor pelos outros. Creio que nada prejudica tanto a causa de Cristo como uma igreja que, ou é dividida por ciúmes, rivalidade, difamação e malícia, ou então que vive concentrada em seus próprios interesses. Essas igrejas precisam ser radicalmente renovadas em amor. Como se diz num dos relatórios de grupos da Conferência de Lambeth (1978): "Missão sem renovação é hipocrisia." Somente se amarmos uns aos outros é que o mundo irá crer que Jesus é o Cristo e que nós somos seus discípulos.[510]

Eis aqui, portanto, os quatro pré-requisitos para a evangelização através da igreja local. Primeiro, a igreja precisa compreender-se (teologicamente), vivendo de acordo com sua dupla identidade. Segundo, ela precisa organizar-se (estruturalmente), desenvolvendo uma estratégia missionária que reflita essa dupla identidade. Terceiro, ela precisa expressar-se (verbalmente), articulando o seu evangelho de tal forma que seja, ao mesmo tempo, fiel às Escrituras e relevante para o mundo contemporâneo. E, quarto, precisa ser ela mesma (moral e espiritualmente), transformando-se tão completamente em uma comunidade de amor que através dela o Deus invisível se torne novamente visível para o mundo.

CAPITULO DEZESSEIS
DIMENSÕES DA RENOVAÇÃO DA IGREJA

O vigésimo século da igreja caracterizou-se por toda uma série de movimentos de renovação, cada qual enfocando um aspecto particular da vida eclesiástica. Pelo menos seis deles poderiam ser mencionados.

Primeiro, no começo do século, o movimento missionário recebeu um novo ímpeto através da Conferência Missionária Mundial de Edimburgo, em 1910. Posteriormente, o movimento de "crescimento da igreja", fundado por Donald McGavran, e o Movimento de Lausanne, com seus congressos de evangelização mundial (Lausanne 1974 e Manila 1989), deram a ele um novo e considerável impulso.

Depois veio o movimento da teologia bíblica, cujo antecedente foi a ênfase lançada por Karl Barth e Emil Brunner entre as guerras, acerca da "alteridade" de Deus e sua Palavra. Este movimento floresceu entre 1945 e 1960, alimentado por estudiosos bíblicos como Gerhard von Rad (Antigo Testamento) e Oscar Cullmann (Novo Testamento), que enfatizavam a unidade interna da Escritura.

Em terceiro lugar temos o movimento ecuménico, que, embora tenha suas origens na Conferência de Edimburgo de 1910, ganhou forma com o surgimento do Concílio Mundial de Igrejas em Amsterdam, em 1948,

[505] Jo 1.18
[506] Jo 14.9
[507] Cl 1.15
[508] 1 Jo 4.12
[509] Jo 1.18
[510] Jo 13.35; 17.21

e cuja ênfase tem sido a necessidade de unir as igrejas em seu testemunho para o mundo.

Em quarto lugar, o movimento litúrgico da pós-guerra, especialmente (se bem que não exclusivamente) na Igreja Católica Romana, objetivando modernizar a celebração eucarística da congregação. O Concílio Vaticano II deu-lhe um maior impulso.

Quinto, o movimento carismático, ou neopentecostal, que tem procurado integrar no contexto das denominações históricas as diferentes ênfases das igrejas pentecostais, na preocupação de resgatar o poder espiritual e os dons espirituais do corpo de Cristo.

E, sexto, o movimento da justiça social, que vai desde as diversas teologias da libertação até a redescoberta da consciência social evangélica, na tentativa de equilibrar as preocupações eternais e extramundanas da igreja com as suas responsabilidades mundanas e temporais.

Vemos, assim, que missão, teologia, unidade, celebração, poder e justiça são seis preocupações legítimas do cristão, tendo cada uma delas reunido em torno de si uma devotada clientela de protagonistas. Os resultados, no entanto, têm sido uma agenda fragmentada e insalubre. O que parece fazer-se necessário é uma visão holística ou integrada de renovação em todas as dimensões da vida da igreja.

A palavra católica romana para definir isso, pelo menos a partir do Vaticano II (1963-1965), é *aggiornamento*, ou seja, o processo de atualizar a igreja a fim de ir ao encontro dos desafios do mundo moderno. A implicação disso é que o mundo está mudando com muita rapidez e que, se a igreja quiser sobreviver, ela precisa acompanhar o ritmo de tal mudança, mas sem comprometer os seus padrões nem conformar-se com os padrões do mundo.

Os protestantes usam um vocabulário diferente para descrever essa constante necessidade de restauração e renovação da igreja. Nossas duas palavras favoritas são "reforma", alusiva ao tipo de reforma de fé e vida baseada na Escritura e que ocorreu no século XVI, e "reavivamento", denotando uma visitação completamente sobrenatural da igreja ou comunidade por parte de Deus, trazendo convicção, arrependimento, confissão, a conversão dos pecadores e a regeneração dos apóstatas. "Reforma" geralmente enfatiza o poder da Palavra de Deus, e "reavivamento", o poder do Espírito de Deus, em sua obra de restauração da igreja. Quem sabe deveríamos guardar a palavra "renovação" para descrever um movimento que combinasse reavivamento pelo Espírito de Deus com reforma através de sua Palavra. Já que a Palavra é a espada do Espírito, alguma coisa tem que estar errada quando se enfatiza um em detrimento do outro.

Para melhor entendermos essa constante renovação, nada melhor do que refletirmos sobre a oração de Jesus pelo seu povo, registrada em João 17. É um equívoco considerar este capítulo como um texto exclusivamente ecumênico e cujo enfoque está na unidade cristã. A unidade, com efeito, está incluída; mas a preocupação que Jesus expressa em sua oração é consideravelmente mais ampla do que isso.

João 17 é, sem dúvida alguma, um dos capítulos mais profundos da Bíblia. Já se escreveram livros inteiros no objetivo de expô-lo. Por exemplo, Thomas Manton, puritano britânico do século XVII e que foi capelão de Oliver Cromwell durante algum tempo, pregou uma série de quarenta e cinco sermões baseados em João 17. [511]Depois, o religioso irlandês Marcus Rainsford, que ocupou o púlpito da Igreja de São João, Belgrave Square, em Londres, de 1866 a 1897, pregou uma série de quarenta e um sermões baseados no mesmo capítulo.[512] Ambas as séries foram publicadas, e cada um dos livros abrange mais de 450 páginas. Portanto, o que se poderia aprender em um breve capítulo? Existem aqui profundezas que jamais seremos capazes de atingir; o máximo que podemos fazer é pedalar pela superfície. Há aqui altitudes que nunca conseguiremos galgar; o máximo que podemos é escalar a encosta da montanha.

Contudo, convém perseverarmos. Afinal de contas, se o discurso do cenáculo (João 13 a 17) é o templo da Escritura, João 17 é o seu santuário íntimo, o santo dos santos. Aqui nós somos introduzidos à presença, à mente e ao coração de Deus. É-nos permitido espreitar um momento de comunhão entre o Filho e o Pai. Precisamos tirar as sandálias dos pés, pois estamos pisando em terra santa.

Primeiro Jesus ora por si mesmo (vs. l a 5), ao aproximar-se da cruz; segundo, ele ora por seus apóstolos (vs. 6-19), a quem ele havia revelado o Pai e que estão reunidos ao seu redor enquanto ele ora; e, terceiro, ora por toda a igreja, presente e futura (vs. 20-26), constituída de todos aqueles que hão de crer nele através do ensino dos apóstolos. Nós concentraremos na segunda e na terceira seções (vs. 6-26).

Na verdade Jesus não começa sua oração por seu povo até o final do versículo 11. Antes disso, por cinco versículos e meio (6-1la), ele descreve as pessoas por quem vai orar. É uma descrição um tanto elaborada e,

[511] Republicados em 1958 pelo Clube do Livro Graça Soberana, sob o título *An Exposition of John Seventeen (Uma Exposição de João 17).*

[512] Republicados em 1950 por Moody Press, sob o título *Our Lord Prays for His Own (Nosso Senhor Ora pelos Seus)*

embora se refira primordialmente aos apóstolos, ele os delineia mais como discípulos comuns do que em seu ministério apostólico distintivo. A descrição consiste de três partes.

Primeiro, *eles pertencem a Deus.* Três vezes Jesus repete a verdade de que o Pai os "deu" a ele, tirando-os do mundo (vs. 6-9); portanto, eles lhe pertencem.

Segundo, *eles conhecem o Pai.* Já que o Pai os deu ao Filho, o Filho deu a eles uma revelação do Pai. Isto também se repete. "Manifestei o teu nome aos homens que me deste do mundo" (v. 6). E, mais adiante, "eu lhes tenho transmitido as palavras que me deste e eles as receberam" (v. 8). Naturalmente, essa revelação do nome de Deus, essa dádiva das palavras de Deus, foi feita, em primeira instância, para os apóstolos; mas a partir deles ela tem sido transmitida a todos os discípulos de Cristo.

Em terceiro lugar, *eles vivem no mundo.* "Já não estou no mundo", diz Jesus, "mas eles continuam no mundo, ao passo que eu vou para junto de ti" (v. l1a). Embora eles tenham sido dados "do mundo"(v. 6) para Cristo, eles contudo continuam "no mundo" (v. l1a) de onde foram tirados. Eles precisam ser espiritualmente distintos, mas não socialmente segregados. Jesus os deixa aqui como seus representantes ou embaixadores.

Eis aqui, portanto, a tripla caracterização de Jesus para o seu povo, a começar pelos seus apóstolos, mas incluindo também todos os seus discípulos que viriam depois, até chegar a nós mesmos. Primeiro, o Pai nos deu ao seu Filho. Segundo, o Filho nos revelou o Pai. Terceiro, nós vivemos no mundo. É esta tríplice orientação (para o Pai, para o Filho e para o mundo) que faz de nós o povo "santo"(ou seja, diferente) que nós somos. Nós vivemos no mundo como o povo que conhece a Deus e pertence a Cristo; portanto (está implícito), temos uma missão singular, que é fazê-lo conhecido.

E agora, o que é que Cristo pede para o seu povo, esse povo que ele acaba de descrever com tanto cuidado? O peso de sua intercessão consiste de apenas duas palavras, que só repetem. "Pai santo, *guarda-os...* peço... que *os guardes* do mal" (vs. 11b e 15). E uma oração para que o santo Pai nos conserve santos assim como somos, que ele nos proteja e nos preserve de toda e qualquer influência que possa perverter a posição inigualável que nos foi concedida. È uma oração para que sejamos guardados fiéis àquilo que nós somos, à essência da nossa identidade cristã, como povo que conhece a Deus, pertence a Cristo e vive no mundo.

Mais especificamente, Jesus ora para que o seu povo tenha quatro características, a saber: verdade, santidade, missão e unidade.

Verdade (versículos 11 a 13)

Uma tradução literal do versículo 11b seria "Guarda-os em teu nome", mas os comentadores não chegaram a um acordo quanto à tradução da preposição "em". Uma possível tradução seria: "Protege-os pelo poder de teu nome". Mas o contexto parece requerer que o nome de Deus não é tanto o poder pelo qual, como a esfera na qual os discípulos devem ser guardados. Portanto, acho que a tradução mais correta seria: "Guarda aqueles que tu me deste para que sejam fiéis a teu nome." É como se a revelação do nome de Deus fosse o "muro de proteção dentro do qual eles deveriam ser guardados."[513] Afinal de contas, o nome de Deus é o próprio Deus, quem ele é, seu ser e seu caráter. Isto o Pai revelou ao Filho, e este, por sua vez, revelou-o aos apóstolos (v. 6). Durante o seu ministério aqui na terra Jesus guardou os discípulos nesse nome (v. 12, literalmente). Agora, no entanto, ele está para deixar o mundo. Portanto, ele ora para que o Pai os mantenha leais ao nome que ele lhes revelou, "para que eles sejam um, assim como nós" (final do v. 11). Isto é, o principal meio para conservá-los unidos é a sua lealdade à verdade revelada de Deus em e através de Cristo.

Verdade foi, pois, a primeira preocupação com a igreja expressa por Jesus em sua oração. Ele falou em revelação, no fato de ter revelado ou desvendado para eles o nome de Deus, que, de outra forma, permaneceria oculto. Deixou bem claro o seu anseio de que o seu povo fosse fiel a essa revelação e de que a unidade deles fosse baseada na sua fidelidade comum a ela. Hoje, porém, ao invés disso, temo que certos líderes de nossas igrejas possam ser seriamente culpados de infidelidade. Alguns deles têm a coragem de negar, tanto os fundamentos da fé cristã histórica como as bases da moralidade cristã tradicional, enquanto que outros parecem tão inseguros de si mesmos e de suas crenças quanto um jovem adolescente.

A igreja nunca poderá ser completamente renovada, a não ser que ela estiver renovada em sua fé, em seu compromisso com a verdade revelada de Deus em Jesus Cristo e no pleno testemunho bíblico de Jesus. Tampouco existe a mínima chance de a igreja resgatar a sua unidade, a não ser que ela resgate a única base autêntica para a unidade, que é a verdade. Jesus orou primeiro pela verdade da igreja; e nós deveríamos fazer o mesmo. Afinal, o propósito de Deus para a sua igreja é que ela seja "coluna e baluarte da verdade".[514]

---

[513] Charles Ross, *The Inner Sanctuary, An Exposition of John 13—17* (1888; Banner of Truth, 1967), p. 216.

[514] 1 Tm 3.15.

Santidade (versículos 14 a 16)

Em sua oração, Jesus pediu não somente que o Pai guardasse o seu povo fiel ao seu nome, mas também que o guardasse "do mal" (v. 15). Isto é, por um lado, ele desejava que eles fossem preservados do erro e mantidos na verdade; e, por outro lado, ele os queria guardados do mal e mantidos em santidade. O destino final da igreja, Paulo iria declarar mais tarde, é ser apresentada a Cristo "igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito".[515] Mas a santidade da igreja tem de começar agora. Portanto, o que significa "santidade"?

No decorrer da história, a tendência da igreja sempre foi seguir os extremos, como já vimos no último capítulo. Às vezes, em sua determinação (aliás, muito apropriada) de ser santa, ela tem se afastado do mundo, perdendo o contato com ele. Outras vezes, em sua determinação (igualmente apropriada) de não perder o contato, tem se adaptado ao mundo, tornando-se virtualmente indistinguível deste. Mas a visão de Cristo para a santidade da igreja não é, nem afastamento, nem conformação.

Afastar-se era o que os fariseus faziam. Ansiosos por aplicar a lei aos detalhes da vida cotidiana, eles tinham uma falsa compreensão do que é santidade, achando que o mero contato com o mal e com pessoas más resultaria em contaminação. E na igreja tem perdurado um tipo de farisaísmo ou separatismo cristão, devido, geralmente, a um anseio apaixonado por santidade e a um zelo pela cultura cristã, no esforço de preservá-la do mundo ímpio. Foram estas as motivações que levaram os eremitas a fugir para o deserto no século IV, resultando no desenvolvimento do monasticismo medieval. Mas, por mais nobres que fossem os motivos dos monges e dos eremitas, essa espécie de monasticismo que exige isolar-se do mundo é uma traição a Cristo. O mesmo acontece com essa piedade moderna que tenta enclausurar os cristãos em uma mentalidade de gueto, cortando-os efetivamente do contato com os não-cristãos. Afinal, a oração de Jesus foi bem específica: embora quisesse que os discípulos fossem protegidos do mal, ele não queria que eles fossem tirados do mundo (v. 15).

Se a atitude dos fariseus era o "afastamento" — e mais ainda a dos essênios, que se refugiavam em suas comunidades no deserto para orar e esperar a chegada do reino de Deus —, a atitude dos saduceus era de "conformação". Pertencentes a famílias ricas e aristocratas, eles colaboravam com os romanos e procuravam manter o status quo político. Essa tradição comprometedora também persistiu na igreja primitiva e ainda sobrevive hoje. Uma vez mais, a motivação para tanto podia até ser boa, ou seja, a resolução de destruir as barreiras entre a igreja e o mundo e de ser amigo de publicanos e pecadores, assim como Jesus.[516] Só que ele se mantinha também "separado dos pecadores"[517] em seus padrões e valores.

Em lugar destas duas posições extremas, Jesus nos chama a viver "no mundo"(v. 11) e, ao mesmo tempo, assim como ele, a "não ser do mundo"(v. 14), isto é, nem pertencendo a ele, nem imitando os seus caminhos. E a "santa mundanidade" da igreja, acerca da qual escrevi no capítulo anterior, em conexão com a dupla identidade da igreja. Nós não devemos, nem ceder, nem nos omitir. Pelo contrário, precisamos ficar no mundo e permanecer firmes, assim como uma rocha na correnteza da montanha, como uma rosa que desabrocha em pleno inverno e como um lírio que cresce no meio do estrume.

Missão (versículos 17 a 19)

Há, na oração de Jesus, quinze referências a "o mundo", o que indica que uma das suas maiores preocupações era como o seu povo haveria de se relacionar com o mundo, ou seja, à sociedade não-cristã ou ao secularismo sem Deus. Ele apontou para o fato de que eles lhe haviam sido dados "do mundo" (v. 6), mas que não deveriam ser tirados do mundo (v. 15); que eles ainda estavam vivendo no mundo (v. 11), mas não deviam ser do mundo (v. 14b); que seriam odiados pelo mundo (v. 14a), mas que, mesmo assim, eram enviados ao mundo (v. 18). Este é o relacionamento multifacético da igreja com o mundo: viver nele, não pertencendo a ele, odiada por ele e enviada a ele.

Quem sabe a melhor maneira de se compreender isto seja que, ao invés de "afastamento" e "conformação", que são atitudes erradas em relação ao mundo, a atitude correta é a "missão". Com efeito, a igreja só poderá fazer missão no mundo se ela evitar as duas trilhas falsas. Se nós nos retirarmos do mundo, a missão se fará obviamente impossível, já que perdemos contato com ele. Da mesma forma, se nos amoldarmos ao mundo, será impossível fazer missão, já que perdemos o nosso limite.

O mais impressionante é que, embora nós vivamos "no" mundo (v. 11), somos, no entanto, enviados

[515] Ef 5.27

[516] Mt 11.19 = Lc 7.34

[517] Hb7.26.

"para" o mundo (v. 18). Mas é isso mesmo. É completamente possível haver cristãos que vivem no mundo sem que tenham a mínima participação na missão de Cristo.

A oração de Cristo por seu povo aqui é que o Pai nos "santifique" pela sua palavra da verdade (v. 17), ou melhor, que nós sejamos "verdadeiramente santificados", assim como Cristo, que santificou-se a si mesmo por nós (v. 19). Mas que santificação é essa, poderíamos nos perguntar, se ela é uma santificação em que o próprio Cristo participou? Como é que se pode dizer que o Cristo sem pecado santificou-se a si mesmo? A resposta está certamente no fato de que a santificação tem dois aspectos complementares, um negativo e outro positivo. Ser santificado é ser separado *do* mal em todas as suas formas. É isto que nós costumamos pensar quando usamos a palavra "santificação". Mas ser santificado é também ser separado para o ministério específico para o qual Deus nos chamou. É neste sentido que Jesus separou-se a si mesmo por nós, a saber, para vir ao mundo a fim de nos buscar e salvar. Nós também fomos "santificados", ou separados para a nossa missão no mundo. De fato, nós podemos ser descritos como "separados *do* mundo *para* estar a serviço do mundo".[518]

No versículo 18 (assim como em João 20.21) Jesus traça deliberadamente um paralelo entre sua missão e a nossa: "Assim como tu me enviaste ao inundo, também eu os enviei ao mundo." Em que sentido, pois, Jesus pretendia que sua missão fosse o modelo para a nossa? Existem, evidentemente, diferenças substanciais. O fato de ele ser enviado ao mundo requer tanto a encarnação quanto a expiação, embora nenhum de nós seja Deus para se "tornar carne" ou morrer pelos pecadores. Não obstante, o fato de sermos enviados ao mundo, assim como ele, haverá de moldar a nossa compreensão de missão. Ele nos diz que fazer missão implica entender-se sob a autoridade de Cristo (nós somos enviados, não nos voluntariamos); renunciar a privilégios, segurança, conforto e distância, à medida que mergulhamos no mundo de outras pessoas, assim como ele veio fazer parte do nosso mundo; humilhar-nos e tornar-nos servos, tal como ele fez;[519] suportar a dor de sermos odiados pelo mundo hostil para o qual somos enviados (v. 14); e compartilhar as boas novas com as pessoas lá onde elas se encontram. No capítulo 21, "A Cristologia da Missão", diremos mais acerca de Cristo como o nosso modelo de missão.

Unidade (versículos 20 a 26)

Agora os olhos proféticos de Jesus voltam-se para o futuro, rumo à era pós-apostólica. Ele visualiza as futuras gerações de discípulos, aqueles que não o verão em carne, assim como os apóstolos o conheceram, mas que haverão de crer nele através do ensino destes: "Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que vierem a crer em mim, por intermédio de sua palavra" (v. 20). Isto significa todo cristão de todos os tempos e lugares, inclusive nós. É verdade que nós podemos chegar ao conhecimento de Jesus pelo testemunho de nossos pais, ou de um pastor, evangelista, professor ou amigo. Mesmo assim, o testemunho deles ainda será um testemunho secundário, uma confirmação daquilo que eles experimentaram a partir do testemunho original dos apóstolos. Estes é que foram as testemunhas oculares, especialmente escolhidos por Jesus para estar com ele, a fim de que pudessem dar testemunho daquilo que tinham visto e ouvido. Existe apenas um Cristo verdadeiro, o Cristo do testemunho apostólico (agora preservado no Novo Testamento), e todos os crentes, desde a era apostólica, vieram a crer em Jesus "por intermédio da sua mensagem".

Mas, então, o que Jesus deseja para todos os crentes através do mundo e dos séculos? Quanto a isto não há dúvida, pois ele o expressa três vezes:

versículo 21a: "a fim de que todos sejam um" versículo 22b: "para que sejam um" versículo 23b: "a fim de que sejam aperfeiçoados na unidade"

Estes pedidos são muito conhecidos. O que geralmente não se sabe ou compreende tão bem é a natureza da unidade pela qual Cristo orou e da qual ele enfatizou dois aspectos. Primeiro, ele orou que seu povo desfrutasse de *unidade com os apóstolos.* Analisemos cuidadosamente o que está registrado no versículo 20 e no início do 21: "Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que vierem a crer em mim, por intermédio da sua palavra; a fim de que todos sejam um". Nós já vimos que Jesus faz distinção entre dois grupos de pessoas, convenientemente designados como "estes" (o pequenino grupo dos apóstolos reunidos em torno dele) e "aqueles" (o enorme ajuntamento de todos os crentes subsequentes), ou os ensinadores e os ensinados. Então ele ora para que "todos" (o que provavelmente significa "estes" e "aqueles", juntos) "sejam um". Em outras palavras, a oração de Jesus foi, antes e acima de tudo, que houvesse uma continuidade histórica entre os apóstolos e a igreja pós-apostólica, que a fé da igreja não viesse a mudar com o passar dos anos, mas permanecesse

[518] Leon Morris, *The Gospel According to John,* em The New London Commentary on the New Testament (Marshall, Morgan and Scott, 1971), p. 730

[519] Fp 2.7-8

reconhecível do mesmo jeito, e que a igreja, em cada geração, pudesse merecer o epíteto de "apostólica", em virtude de sua lealdade à mensagem e missão dos apóstolos. A unidade cristã começa, pois, como sendo unidade com os apóstolos (por intermédio do Novo Testamento, que coloca à nossa disposição o ensino deles); sem isto, a unidade da igreja não seria distintivamente cristã.

Em segundo lugar, Jesus orou para que o seu povo desfrutasse de *unidade com o Pai e o Filho.* Embora haja certa discussão em torno à pontuação do versículo 21, a maioria das versões considera a segunda parte como o começo de uma nova sentença. Assim, a tradução deveria ser a seguinte: "e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, [eu oro que] também sejam eles em nós; para que o mundo creia...". As implicações desta petição são surpreendentes, pois Jesus ora que a união de seu povo com Deus seja comparável à unidade do Pai e do Filho um com o outro na Trindade. E depois continua, no versículo 23: "Eu neles e tu em mim. Que eles sejam levados à perfeita unidade" (NVI).

Assim, pois, a unidade cristã pela qual Cristo orou não era, primariamente, uma unidade de uns com os outros, mas, sim, unidade com os apóstolos (uma verdade comum) e unidade com o Pai e com o Filho (uma vida comum). A unidade visível e estrutural da igreja é um objetivo legítimo. Mas ela só agradará a Deus se for a expressão visível de algo mais profundo, a saber, a unidade na verdade e na vida. Em nossa preocupação ecumênica, portanto, nada é mais importante do que a busca por uma verdade mais apostólica e uma vida mais divina através do Espírito Santo. Como disse William Temple, "o caminho para a união da cristandade não passa pelas salas dos comitês, embora haja ali uma tarefa de formulação a ser cumprida. Ele passa pela união pessoal com o Senhor, uma união tão profunda e real que possa ser comparável à sua união com o Pai".[520]

É este tipo de unidade (uma verdade e uma vida compartilhadas) que leva o mundo a crer em Jesus (v. 21 e 23). De fato, o principal motivo que leva Jesus a orar pela unidade de seu povo é "a fim de que" o mundo creia na origem divina de Jesus e da sua missão. Sua oração é que todos os que no futuro haverão de "crer" nele (v. 20) possam desfrutar uma unidade de verdade e uma vida tal que o mundo também possa "crer" nele. Assim, fé produz fé e os crentes se multiplicam. Nos versículos finais de sua oração (vs. 24-26), os olhos de Jesus passam a enxergar mais além da história e fitam a eternidade, pois somente no céu é que a unidade do seu povo atingirá a perfeição.

Eles verão a sua glória (v. 24), e o resultado final da revelação do Pai através do Filho será que eles irão experimentar o mesmo amor que o Pai tem pelo Filho e, além disso, o próprio Filho habitará neles (v. 26). Esta unidade suprema, que abrange o Pai, o Filho e a igreja em amor, encontra-se certamente além da nossa imaginação, mas não está além de nosso humilde e ardente desejo.

A oração de Jesus é, portanto, muito mais abrangente do que geralmente se imagina. É uma oração pela verdade ("guarda-os em teu nome"), a santidade ("guarda-os do mal"), a missão ("santifica-os... eu os enviei ao mundo") e a unidade ("a fim de que sejam um") da igreja.

Foi por ocasião da III Assembléia do Concílio Mundial de Igrejas em Nova Délhi (1961) que Michael Ramsey fez esta admirável afirmação: "O capítulo 17 do Evangelho de João descreve Jesus orando, não somente para que seus discípulos fossem *um,* mas também para que eles se tornassem santos e compreendessem a verdade. Unidade, santidade e verdade andam juntas."[521] E, ainda assim, ele omitiu o quarto tópico: missão!

Um dos problemas da igreja contemporânea é a sua tendência de pulverizar essa visão holística de Cristo e de escolher um ou dois de seus aspectos, omitindo o resto. Mas, como disse Michael Ramsey, também na assembleia de Nova Délhi, "um movimento que se concentra na unidade como um conceito isolado pode desencaminhar o mundo e desencaminhar a nós todos, tanto quanto o faria um movimento cujo rótulo exclusivo fosse a santidade ou então a verdade."

A maior preocupação da igreja do século XX tem sido a busca pela unidade estrutural, mas isso, muito frequentemente, sem uma comparável busca pela verdade e a vida que constituem a verdadeira unidade e são o meio pelo qual ela cresce.

Outros se preocupam com a verdade (ortodoxia doutrinária), tornando-se muitas vezes, nesse processo, áridos, insensíveis e sem amor, esquecendo-se de que a verdade tem que ser adornada com a beleza da santidade.

A santidade, ou seja, a vida interior da igreja, parece ser de suma importância para outros. Mas às vezes essas pessoas se recolhem a uma piedade egocêntrica, esquecendo-se de que fomos chamados do mundo a fim de sermos enviados de volta para ele, que é no que consiste a "missão".

---

[520] William Temple, *Readings in St John's Gospel* (publicado inicialmente em dois volumes, 1939 e 1940; Macmillan, 1947), p. 327

[521] Michael Ramsey levantou o mesmo assunto no epílogo da sua palestra sobre "A Igreja, seu Escândalo e sua Glória", apresentada na Universidade de Oxford em fevereiro de 1960. Suas palestras foram publicadas sob o título "Apresentando a Fé Cristã" *(Introducing the Christian Faith* [1961; SCM, edição revista, 1970], p. 76).

Assim, a missão passa a ser a obsessão de um quarto grupo. Só que, às vezes, este se esquece de que o mundo só virá a crer em Jesus quando o seu povo for um em unidade, santidade e amor.

Verdade, santidade, missão e unidade estavam juntas na oração de Jesus e precisam ser mantidas juntas em nossa busca por renovação da igreja hoje. Acho que nós podemos detectá-las na igreja primitiva de Jerusalém, cheia do Espírito, já que em Atos 2.42 e 47 nos é dito que os cristãos "perseveravam na doutrina dos apóstolos" (verdade), "e na comunhão" (unidade), "no partir do pão e nas orações" (culto como expressão de sua santidade), e que, "enquanto isso, acrescentava-lhes o Senhor, dia a dia, os que iam sendo salvos" (missão). A mim me parece igualmente legítimo ver as mesmas características nas quatro "notas" ou "marcas" tradicionais da igreja apresentadas no Credo de Nicéia: que cia é "una, santa, católica e apostólica". Afinal, o termo "católica" implica em abraçar toda a verdade, e "apostólica" abrange a visão de ser comprometida com a missão apostólica.

É importante que não separemos aquilo que Deus ajuntou. Devemos, pelo contrário, procurar a renovação da igreja em todas as quatro dimensões, simultaneamente, a fim de que ela guarde com fidelidade a revelação que lhe foi confiada de uma vez por todas, tornando-se santificada e unificada por essa verdade que ela preserva, e marche ousadamente para o mundo na missão de testemunho e de serviço que Deus lhe confiou.

CAPITULO DEZESSETE
OS PASTORES DA IGREJA

Seria difícil pensar na vida, missão e renovação da igreja sem levar em conta os seus ministros ordenados. Afinal, o Novo Testamento deixa bem claro que sempre foi intenção de Deus ter alguma forma de *episkope,* isto é, supervisão pastoral. Além do mais, a situação da igreja em toda parte depende, em grande escala, da qualidade de ministério que ela recebe. Como disse Richard Baxter: "Se Deus pelo menos reformasse o ministério, fazendo cada um cumprir zelosa e fielmente os seus deveres, o povo certamente seria reformado. Todas as igrejas crescem ou caem na medida em que os seus ministros crescem ou caem, não em riquezas ou

grandeza mundana, mas em conhecimento, zelo e habilidade para o seu trabalho."[522]

Hoje em dia, no entanto, há muita confusão quanto à natureza e a função dos ministros ordenados. O que é que eles são: sacerdotes, profetas, pastores, pregadores ou psicoterapeutas? São administradores, facilitadores ou assistentes sociais? Acho que ninguém expôs essa incerteza de maneira tão embaraçosa quanto David Hare em sua peça *Racing Demon,* que ganhou três Prêmios Olivier em 1990. Ela retrata quatro ministros anglicanos que integram uma equipe no sul de Londres, juntamente com os seus supervisores. Cada um tem uma idéia diferente quanto ao propósito do ministério ordenado. Para Lionel Espy, o gentil (e ineficaz) líder do grupo, "nosso trabalho consiste principalmente em aprender. Com gente comum e trabalhadora. Nós deveríamos tentar compreendê-los e servi-los."[523] "Na verdade, na maioria dos casos, é só ouvir os acessos de raiva" e absorvê-la como um saco de pancadas.[524]

Ja Tony Ferris, o jovem pastor carismático, é totalmente o oposto, assustadoramente autoconfiante. "Eu tenho um poder incrível", declara ele. Esse poder capacita-o a "espalhar confiança" ao seu redor — só que ele o faz à custa de outras pessoas.[525]

Os outros personagens são mais modestos em suas expectativas. O bispo concentra-se na administração da Santa Ceia. "Afinal de contas, é para isso que estamos aqui. Nossa única obrigação, como sacerdotes, é montar um espetáculo."[526] Seu auxiliar, diplomata por excelência, vê como essência do seu trabalho "evitar que os problemas se transformem em questões".[527] Para outro pastor, que canta tenor, se embebeda e se considera "um cara feliz", não existem complicações. "E tudo muito claro. Deus está aí. Na felicidade das pessoas."[528] O pastor homossexual é um pouco mais ambicioso. "Tem gente do jeito que é. E tem gente como poderia ser. A função do sacerdote é tentar aproximar os dois um pouquinho mais."[529] Já a jovem e sincera agnóstica vê o ministério como o "desperdício de um ser humano... sempre a sonhar."[530]

No entanto, essa perplexidade quanto ao papel do pastor não é nada recente. Há mais de um século, Mark Twain a expressou através de seu atraente personagem Huckleberry Finn. Huck disse a Joana que na igreja de seu tio Harvey, em Sheffield, havia "pelo menos dezessete" pastores, se bem que (acrescentou ele) "nem *todos* eles pregam no mesmo dia; só *um* deles."

"Mas, então," responde Joana, "o que é que os outros fazem?"

"Ora, não muito mais do que isso", explica Huck. "Ficam por aí zanzando, passam o prato, fazem uma coisinha aqui, outra ali... Mas, a maioria das vezes, eles não fazem nada."

"Mas, então", exclama Joana, os olhos arregalados de espanto, *"para que* é que eles servem?!"

"Ora, só pra *enfeitar",* replica Huck. "Será que você não sabe de nada?"[531]

Na verdade, sempre houve opiniões divergentes quanto à importância do ministério ordenado. Certas pessoas, ao verem os pastores marginalizados pela sociedade secular e pelo estado, e ao descobrirem com alegria a visão de Paulo de que há um ministério para cada membro no corpo de Cristo, questionam se ainda é necessário haver ministros ordenados e se perguntam se a igreja não estaria em melhores condições sem eles.

Outros reagem de maneira diferente. Quer por razões teológicas ou pragmáticas, eles colocam o pastor em um pedestal, ou pelo menos aquiescem quando este se coloca ali. E aí, quando as rédeas do ministério vão parar inteiramente em suas mãos, acontece o quase inevitável: ou a estafa do pastor, ou a frustração dos membros, ou então ambas as coisas.

No decorrer de toda a sua longa história, a igreja tem oscilado entre estes dois extremos: ou o clericalismo (dominação do clero sobre os leigos) ou o anticlericalismo (desdém dos leigos pelo clero). O Novo Testamento, porém, nos adverte contra ambas as tendências. Aos coríntios que desenvolveram um culto a personalidades de diferentes apóstolos Paulo fez a seguinte advertência: "O que vocês pensam que nós somos, para nos tratarem com tanta deferência? Nós somos apenas servos, através de quem Deus agiu para que vocês

[522] Richard Baxter, *The Reformed Pastor* (1656; Epworth, 2 ed., 1950), p. 24. .
[523] David Hare, *Racing Demon* (Faber and Faber, 1990), p. 3
[524] *Ibid.,* p. 34-35
[525] l*bid,* p. 75, 97
[526] l*bid.,* p. 3-4
[527] *Ibid.,* p. 43
[528] *Ibid.,* p. 63
[529] l*bid.,* p. 71
[530] l*bid.,* p. 66, 69
[531] Mark Twain, *The Adventures of Huckleberry Finn* (1884; Pan, 1968), p. 343

chegassem a crer."[532] Já para outros, que consideravam os seus líderes com desdém, Paulo escreveu que eles os deveriam "acatar com apreço" e "ter com amor em máxima consideração, por causa do trabalho que realizam".[533] E acrescentou: "Fiel é a palavra: Se alguém aspira ao episcopado, excelente obra almeja."[534] Ou: "Se alguém deseja ser bispo, deseja uma nobre função" (NVI).

Voltemos agora à questão básica quanto à natureza e função do clero ordenado. Geralmente as igrejas dão apenas duas respostas, dependendo de como elas vêem o ministério, se primordialmente relacionado a Deus ou à igreja. Por um lado, existe o modelo sacerdotal, no qual o ministério é exercido em relação a Deus e em favor do povo. Por outro lado, há o modelo pastoral, em que o ministério é exercido em relação ao povo em nome de Deus.

O modelo sacerdotal

A Igreja Católica Romana e a Igreja Ortodoxa consideram o seu clero como sacerdotes, especialmente no que concerne ao seu papel na eucaristia. As igrejas anglicanas e luteranas também têm por tradição chamar os seus ministros de "sacerdotes", mas por uma razão diferente. O Concílio de Trento afirmou que, na missa, oferece-se a Deus um sacrifício real e propiciatório, e que o sacerdote humano que o oferece representa o Cristo que oferece a si mesmo.[535] E a essência deste ensino foi endossada no Concílio Vaticano II. Assim, aos sacerdotes é "dado o poder da Ordem sagrada de oferecer sacrifício...".[536] "Eles sacramentalmente oferecem o Sacrifício de Cristo de uma forma especial quando celebram a missa."[537] É verdade que se diz que, ao fazê-lo, eles estão representando o povo de Deus, assim como a Cristo. Mas ainda se concebe como essência do seu sacerdócio o oferecimento do sacrifício eucarístico.

Os cristãos protestantes, que insistem em submeter todas as tradições eclesiásticas ao ensinamento da Escritura, não podem aceitar isso. Afinal, ainda permanece o fato incontestável de que o Novo Testamento nunca chama os líderes cristãos de "sacerdotes" e nunca se refere à eucaristia como um sacrifício oferecido por eles. A palavra *hiereus* (o sacerdote que sacrifica) ocorre muitas vezes no Novo Testamento. Há apenas uma referência a um sacerdote pagão,[538] e diversas aos sacerdotes judeus, nos Evangelhos, em Atos e em Hebreus. A palavra é aplicada também ao Senhor Jesus, nosso grande sumo sacerdote, que se ofereceu uma vez por todas como um sacrifício pelos pecados.[539] E, em quarto lugar, ela denota os cristãos, que são "sacerdotes de Deus".[540] Este é "o sacerdócio de todos os crentes", tão enfatizado pelos Reformadores. Coletivamente, nós somos um "sacerdócio" real e santo, que oferece "sacrifícios espirituais, agradáveis a Deus por intermédio de Jesus Cristo".[541] Se indagarmos que sacrifícios são esses, todos eles virão sob a rubrica geral do culto de adoração da igreja. Em particular, eles incluem nossos corpos,[542] nossa oração, louvor e penitência,[543] nossos dons e nossas boas obras,[544] nossa vida colocada a serviço de Deus[545] e nossa evangelização, através da qual nós apresentamos os nossos convertidos como "oferta aceitável a Deus".[546] Estes oito sacrifícios são oferecidos a Deus pela igreja toda em sua qualidade de sacerdócio santo. Mas a linguagem sacerdotal não é usada nenhuma vez para um determinado grupo de líderes cristãos que possam corresponder aos sacerdotes da velha aliança.

Se lembrarmos que o sacerdócio levítico foi, durante séculos, o centro da vida e culto de Israel, e ainda o era no judaísmo palestínico nos dias de Jesus, o fato de os líderes cristãos nunca serem chamados ou comparados a sacerdotes deve ter sido deliberado. Charles Hodge, teólogo de Princeton no século XIX, fala convincentemente sobre isso:

Esbanjam-se com eles *(se.* ministros cristãos) todos os títulos de honra. São chamados de bispos de

[532] 1Co 3.5, parafraseado e ampliado
[533] 1 Ts 5.12-13
[534] 1 Tm 3.1.
[535] Sessão 22, 1562
[536] *Decree on the Priestly Ministry and Life,* 1965, 1.2.
[537] *Ibid.,* p. 1.5
[538] At 14.13
[539] *P. ex.* Hb 10.12
[540] Ap 1.6; 5.10; 20.6
[541] 1 Pe 2.5, 9
[542] Rm 12.1
[543] Ap 5.8; Hb 13.15; SI 51.17
[544] Fp 4.18; Hb 13.16.
[545] Fp 2.17; 2 Tm 4.6
[546] Rm 15.16

almas, pastores, mestres, líderes, governantes, servos ou ministros de Deus; mordomos dos mistérios divinos; sentinelas, arautos — mas nunca de sacerdotes. Como os escritores sagrados eram judeus, para quem nada era mais familiar do que a palavra sacerdote, o fato de eles nunca terem usado uma única vez essa palavra, ou qualquer dos cognatos, com referência aos ministros do evangelho... é, no mínimo, um milagre. É um desses casos em que o silêncio da Escritura fala em alta voz.[547]

Neste caso, convém perguntar de uma vez por que no século XVI certas igrejas da Reforma conservaram a palavra "sacerdote" para designar os seus ministros.

A resposta está ligada a uma questão de etimologia. A palavra inglesa *priest* (sacerdote) vem do termo *presbyter* (presbítero). Ela é, portanto, uma tradução do grego *presbyteros* (presbítero) e não de *hiereus* (sacerdote). Só empregaram a palavra *priest* porque seu significado não Linha contra-indicação teológica e porque *presbyter* não era uma palavra muito conhecida pelo povo. Mesmo assim, há evidências de que os Reformadores tinham preferência pela palavra *presbyter* por não apresentar problemas de ambiguidade. "Mesmo em questões de nomenclatura," escreveu Norman Sykes, "havia bastante concordância entre eles".[548] Por exemplo, Calvino reclamou nas Institutas que os bispos romanos, quando ordenavam padres, não estavam constituindo "presbíteros para dirigir e alimentar o povo, mas sacerdotes para oferecer sacrifícios".[549] Na Inglaterra, Richard Hooker, respondendo aos Puritanos que criticavam o uso da palavra "priest" no livro de Oração Comum, expressou sua preferência pela palavra "presbyter" porque "na verdade a palavra *presbyter* parece mais apropriada e mais aceitável que a palavra *priest,* mais de acordo com o evangelho de Jesus Cristo." O problema já existia no final do século XVI. Hoje são poucas as pessoas que sabem que *priest* é uma contração da palavra *presbyter,* e pouquíssimas conseguem fazer a ginástica mental de dizer uma coisa *(priest)* pensando em outra *(presbyter)*. Por isso, por uma questão de clareza teológica e de fidelidade bíblica seria bom excluir o termo *priest* (sacerdote) do nosso vocabulário. Poderíamos seguir o bom costume das igrejas unidas da Índia e Paquistão e nos referirmos aos três grupos de ministros ordenados como "bispos, presbíteros e diáconos".

Mas nem todos os líderes protestantes estão dispostos a cortar assim o nó górdio. Em anos mais recentes, alguns têm envidado corajosos esforços não somente para reinstituir a palavra "sacerdote", mas também para defender o caráter sacerdotal do ministério ordenado. Embora admitam plenamente que os ministros nunca sejam chamados de sacerdotes no Novo Testamento, nem foram chamados assim até Tertuliano (cerca de 200 d.C), eles ainda não estão dispostos a abrir mão, nem da palavra, nem do conceito.

A tentativa mais aclamada encontra-se em *Batismo, Eucaristia e Ministério,* geralmente referido como "documento de Lima" e que se constitui no fruto de cinquenta anos de discussão ecuménica.[550] Ele resume da seguinte maneira "a principal responsabilidade do ministério ordenado": "Reunir e edificar o corpo de Cristo pela proclamação e ensino da Palavra de Deus, pela celebração dos sacramentos e orientando a vida da comunidade em seu culto, sua missão e seu ministério de compaixão".[551] O comentário acrescenta que estas tarefas não são levadas a efeito pelo ministério ordenado "de forma exclusiva" (já que os cristãos podem participar deles) mas, sim, "de uma forma representativa". Além de nada haver de distintivo quanto a esses ministérios (o que poderia separar o clero dos leigos), poderíamos acrescentar, não há neles, tampouco, nada que seja necessariamente "sacerdotal". Não obstante, o documento de Lima afirma mais adiante que os ministros ordenados "podem ser apropriadamente chamados de sacerdotes, pois eles cumprem um serviço sacerdotal específico ao fortalecerem e edificarem o sacerdócio real e profético dos fiéis através da Palavra e dos sacramentos, através das mias orações e intercessão e ao orientarem pastoralmente a comunidade".[552] O comentário acrescenta que termos sacerdotais "sublinham o fato de que o ministério ordenado tem relação com a realidade sacerdotal de Jesus Cristo e de toda a comunidade", se bem que o sacerdócio do ministério ordenado "difere em maneiras apropriadas" do sacerdócio de Cristo e da comunidade.

Eu confesso que essas declarações me assustam. Por que razão o fortalecimento do sacerdócio da comunidade deveria ser *ipso facto* um "serviço sacerdotal"? E de que maneiras esse sacerdócio reivindicado pelo ministério ordenado difere do sacerdócio de Cristo e da comunidade? O texto não faz tentativa alguma de responder essas questões.

Em 1986, o "Grupo Consultivo Fé e Ordem", da Igreja da Inglaterra, produziu um documento intitulado

---

[547] C.H. Hodge, *Systematic Theology,* vol. II, p. 467.
[548] Norman Sykes, *Olá Priest, New Presbyter* (CUP, 1956), p. 43.
[549] Calvino, *Instituías,* IV.v.4.
[550] *Baptism, Eucharist and Ministry,* Faith and Order Paper no. 111 (WCC, 1982)
[551] *Ibid,* "Ministry", II.A.13
[552] *Ibid.,* "Ministry", II.C.17

O Sacerdócio do Ministério Ordenado. "Não se discute", confessam os seus autores, que *hiereus* é usado no Novo Testamento com referência ao sacerdócio de Cristo e ao sacerdócio de todo o povo de Deus, e "nunca com referência a um ministro cristão".[553] Só que a sua conclusão não é coerente com esse fato. Pelo contrário, afirmam que "o sacerdócio comum da comunidade e o sacerdócio especial do ministério ordenado são ambos derivados do sacerdócio de Cristo." Não obstante, este último difere do primeiro no sentido de que o ministério sacerdotal dos ordenados "é um meio designado, através do qual Cristo torna presente e efetivo o seu sacerdócio para o seu povo".[554]

Esta afirmação me leva a fazer o mesmo tipo de indagação que já fiz anteriormente: por que razão um ministério que torna o sacerdócio (e o sacrifício) de Cristo efetivo para o seu povo deveria ser *ipso facto* um ministério sacerdotal? E por que deveria um ministério que ajuda o povo de Deus a "levar a efeito o seu próprio caráter sacerdotal" ser chamado de "sacerdotal"?[555]

Toda essa confusão, ao que me parece, deve-se, primeiro, à nossa falha em definir qual é (segundo as Escrituras) a essência do "sacerdócio"; e, segundo, a de lembrar que os sacerdotes do Antigo Testamento também eram pastores. Eles exerciam um papel duplo. Por um lado, como *sacerdotes,* tinham um ministério voltado para Deus: "Todo sumo sacerdote, sendo tomado dentre os homens, é constituído nas coisas concernentes a Deus, a favor dos homens...".[556] Nesta qualidade, era privilégio deles aproximar-se ou chegar perto de Deus,[557] oferecer sacrifícios[558] e fazer intercessão.[559]

Por outro lado, como *pastores,* eles tinham um ministério para com o povo. Nessa qualidade, eles cuidavam do bem-estar do povo; ensinavam-lhes a lei;[560] eles abençoavam o povo, isto é, buscavam ou pronunciavam a bênção de Deus sobre eles;[561] e agiam como juízes e tomavam decisões.[562] Agora, a partir da cruz, não se podem mais oferecer sacrifícios. E os privilégios remanescentes do sacerdócio para com Deus foram, através da obra de Cristo, herdados por todo o povo de Deus. Todos nós podemos nos aproximar de Deus[563] e ter "intrepidez para entrar no Santo dos Santos, pelo sangue de Jesus".[564] Todos nós somos convidados a oferecer "sacrifícios espirituais" no nosso culto.[565] E todos nós devemos orar uns pelos outros. Agora nenhum desses ministérios pertence, como nos dias do Antigo Testamento, a uma casta privilegiada, ou seja, ao clero, isoladamente dos leigos. Poder-se-ia argumentar que a intercessão é um ministério que cabe particularmente ao clero. De fato, parece que era neste sentido que Michael Ramsey via como "sacerdotal" o ministério ordenado. "Nós somos chamados", disse ele a um grupo de homens na véspera de sua ordenação, "perto de Jesus e com Jesus e em Jesus, *para estar com Deus, com as pessoas em nosso coração.* É isto que vocês irão prometer quando eu lhes perguntar: "Você será diligente em suas orações?" Vocês estarão prometendo estar diariamente com Deus, com as pessoas em seus corações."[566] Portanto, mesmo que esse ministério de intercessão possa ser uma responsabilidade especial do clero, ele não pode, no entanto, ser reivindicado como um trabalho distintivamente "sacerdotal" e restrito ao clero.

Temos mais uma coisa a dizer quanto aos profetas dos dias do Antigo Testamento. Os sacerdotes e os

---

[553] *The Priesthood ofthe Ordained Ministry,* par. 44

[554] Ib*id.,* par. 142

[555] *Ibid.,* par. 143. Outros documentos que fazem par com este debate são: **R. T.** Beckwith, *Priesthood and Sacraments, A Study in the Anglican-Methodist Report* (Marsham Manor Press, 1964), cap. 2; George Carey, "Reflections upon the Nature of Ministry and Priesthood in the Líght of the Lima Report" *(Anvil,* vol. 3, no. 1, 1986), e uma resposta a este dada por David Wright, intitulada "Ministry and Priesthood: Further Reflections" *(Anvil,* vol. 3,no. 3, 1986). Em disputa entre estes autores está a tese desenvolvida por R. C. Moberly em sua obra *Ministerial Priesthood* (John Murray, 2a. ed., 1899). Ele enfatizou que os ministros ordenados são autorizados a representar toda a comunidade sacerdotal, e que eles, portanto, exercem um ministério sacerdotal em nome destes. Em particular, Moberly argumenta que, ao oferecer o sacrifício da eucaristia, eles estão oferecendo na terra o mesmo sacrifício que Cristo está oferecendo no céu. Mas, responderíamos nós, o oferecimento de Cristo foi consumado na cruz. Daí que é impossível a igreja oferecer na terra o que Cristo já não está mais oferecendo no céu.

[556] Hb 5.1

[557] P. *ex.* Êx 19.22; Lv 10.3; 16.2

[558] P. *ex.* Êx 30.20; Hb 8.3-6

[559] *P. ex.* Êx 28.9-14, 29-30; Jl 2.17.

[560] P. *ex.* Lv 10.11; Dt 17.11; 2 Cr 15.3; 17.8-9; 35.3; Jr 2.8; Ml 2.1, 4-9

[561] *P. ex.* Lv 9.22-23;_Nm 6.22-27; Dt 21.5

[562] *P. ex.* Êx 28.30; Dt 21.5

[563] Ef 2.18; Tg 4.8

[564] Hb 10.19

[565] P. *ex.* 1 Pe 2.5; Rm 12.1

[566] A. M. Ramsey, *The Christian Príest Today* (SPCK, 1972), p. 14.

profetas complementavam-se uns aos outros, já que que ambos os ministérios eram representativos, se bem que em sentidos contrários. Os sacerdotes representavam o povo de Deus, especialmente quando ofereciam sacrifícios; os profetas eram porta-vozes de Deus para o povo, especialmente ao pronunciarem oráculos. Não seria a essência do relacionamento da nova aliança entre Deus e seu povo, entretanto, o fato de que agora esse duplo ministério de mediação é exercido unicamente por Jesus Cristo? E por intermédio dele que nós chegamos a Deus. É através dele que Deus fala conosco. Ele é o único sacerdote por cujo intermédio nós temos acesso a Deus, e o único profeta através de quem nós gozamos do conhecimento de Deus. Não precisamos mais de mediadores humanos.

O que se desenvolveu no clero nos dias do Novo Testamento foi muito mais o ministério pastoral dos sacerdotes do Antigo Testamento, sua responsabilidade de cuidar pelo bem-estar do povo de Deus e principalmente o seu papel de ensinar. Assim como no Antigo Testamento os sacerdotes eram pastores, eu suponho que os pastores poderiam ser chamados de sacerdotes no Novo Testamento. Mas os deveres pastorais nada têm de distintivamente sacerdotal (a não ser, talvez, a intercessão). Aliás, como já vimos, nem Jesus nem os seus apóstolos jamais se referiram aos líderes pastorais como sacerdotes.

Eles indicaram, porém, que Deus quer que sua igreja tenha pastores. E verdade que as responsabilidades pastorais de cuidar e ensinar cabem, até certo ponto, a todo o povo de Deus, já que somos chamados a "instruir-nos e aconselhar-nos mutuamente" e a "levar as cargas uns dos outros".[567] Não obstante, uma pressuposição muito clara no Novo Testamento é a de que cada igreja tenha um grupo de anciãos ou líderes, cuja principal tarefa é pastorear o rebanho de Deus, especialmente alimentando-o, ou seja, ensinando.[568]

O modelo pastoral

Já que o conceito de "pastor" vem de *pastor de ovelhas,* refletindo uma imagem rural, tirada de um contexto estranho às comunidades urbanas de hoje, às vezes se tem sugerido que se encontre um termo mais adequado para referir-se aos líderes da igreja. Quem vive em apartamento, na cidade, empoleirado nas escarpas de suas paredes perpendiculares de vidro e concreto, sabe muito pouco a respeito de ovelhas e pastores. Apesar disso, eu duvido que estaríamos prontos para nos livrar da imagem que Jesus traçou de si mesmo como "o bom pastor", que veio buscar e salvar as ovelhas perdidas e dar a vida por nós, ou então para deixar de cantar os hinos populares que integram essa imagem, como "Jesus, Pastor amado" e "Um só rebanho, um só Pastor".

Nós ouvimos que Jesus se compadeceu ao ver as multidões, "porque estavam aflitas e exaustas como ovelhas que não têm pastor".[569] Ainda hoje, ver ovelhas sem pastor deve deixá-lo triste e preocupado. Afinal, ele mesmo é o pastor delas. Contudo, ele delega um pouco de sua responsabilidade a "subpastores";[570] "pastores e mestres" ainda estão entre os dons com os quais ele enriquece a sua igreja.[571] Na verdade, todo ministério cristão é derivado de Cristo. O protótipo é o seu ministério. Ele é o verdadeiro servo, que "veio não para ser servido, mas para servir".[572] E agora ele nos convoca a servi-lo no caminho do serviço e a sermos servos dos outros por amor a ele.[573]

Além disso, o que vale para o servo, vale igualmente para o pastor. Jesus chamou a si mesmo de "o bom pastor".[574] Em outras partes do Novo Testamento ele é chamado de "o Supremo Pastor", "o grande Pastor das ovelhas" e "Pastor e Bispo das vossas almas".[575] Portanto, se os pastores são "subpastores", então será sábio de nossa parte conhecer e imitar os passos do bom e grande pastor principal. Afinal, além de ensinar, ele foi também o exemplo de todos os princípios fundamentais do ministério pastoral. Muito acertadamente, a leitura indicada para a cerimônia de ordenação na Igreja Anglicana é João 10.1-16, pois ali Jesus descreve a essência do seu próprio ministério e como deveria ser o nosso. O bom pastor, que modela o seu ministério pelo do Bom Pastor, tem pelo menos sete características.

Primeiro, o bom pastor *conhece* as suas ovelhas. Ele "chama pelos nomes as suas próprias ovelhas... Eu sou o bom pastor; conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem a mim, assim como o Pai me conhece a mim

---

[567] P. *ex.* Cl 3.16; Gl 6.2
[568] P. *ex.* At 14.23; 20.17, 28; 1 Tm 3.1-2; Tt 1.5-9
[569] Mt 9.36
[570] At 20.28
[571] Ef4.11
[572] Mc 10.45
[573] 2 Co 4.5
[574] Jo 10.11, 14.
[575] 1 Pe 5.4; Hb 13.20; 1 Pe 2.25

e eu conheço o Pai."[576] Naturalmente, o antigo pastor oriental era, em muitos aspectos, diferente dos pastores modernos em outras partes do mundo. A principal diferença consiste em se as ovelhas são destinadas para lã ou para corte. Já que hoje em dia a maioria delas é criada para o consumo, elas vivem por pouco tempo, não desenvolvendo, portanto, um relacionamento pessoal com o fazendeiro ou com o guardador de ovelhas. Na Palestina, porém, já que as ovelhas eram criadas para produzir lã, sendo tosquiadas de ano em ano, o pastor as mantinha sob seus cuidados durante muitos anos e entre eles se desenvolvia um relacionamento de confiança e intimidade. O pastor sabia até o nome de cada uma delas e as chamava pelo nome.

Era esta certamente a relação existente entre Jesus e seus discípulos. Ele conhecia pessoalmente as suas ovelhas. Assim como no Antigo Testamento Javé chamava Abraão, Moisés, Samuel e outros pelo nome, assim Jesus conhecia e chamava as pessoas individualmente. Quando ele viu Natanael se aproximando e lhe disse: "Eis um verdadeiro israelita em quem não há dolo!", Natanael perguntou-lhe, atónito: "Donde me conheces?"[577] Mais adiante, Jesus chama Zaqueu pelo nome para que desça do sicômoro onde havia se escondido. E, após a sua ascenção, ele chamou Saulo de Tarso pelo nome, na estrada de Damasco.[578] E mesmo que, ao nos convertermos, não tenhamos escutado nenhuma voz audível, nós também podemos dizer que ele nos chamou pessoalmente.

Talvez a primeira característica (aliás, a mais básica) dos subpastores de Cristo seja o relacionamento pessoal que se deve desenvolver entre o pastor e as pessoas. Elas não são clientes nossos, nem nossos eleitores, pacientes ou fregueses. E muitos menos são meros nomes guardados em registro ou, pior ainda, números de um arquivo de computador. São indivíduos, pessoas que nós conhecemos e que nos conhecem. Além do mais, cada uma tem um *nome próprio,* símbolo de sua unicidade e identidade; portanto, todo pastor de verdade deveria tentar lembrar o nome delas. Anos atrás, eu tinha dificuldade de lembrar os nomes de duas senhoras idosas que vinham juntas a nossa igreja todo domingo. Assim, ao cumprimentá-las após os cultos, o máximo que eu conseguia era dirígir-me a elas como "vocês duas". Aquilo acabou virando uma piada entre nós... Acontece que, justamente naquela época, havia considerável publicidade em torno da derrubada, pela União Soviética, do avião americano de vigilância "U2". Imaginem o meu embaraço quando as duas senhoras em questão começaram a assinar "U2" (cuja pronúncia, em inglês, é a mesma que *"vocês duas", "you two")!* "Saúda aos amigos, nome por nome", escreveu João.[579]

Que passos se podem tomar para superar uma memória fraca? Eu encontrei dois jeitinhos bastante úteis. Primeiro, é inútil perguntar às pessoas o nome delas sem que antes identifiquemos o seu rosto, pois daí a pouco teremos flutuando em volta de nossa mente numerosos nomes, sem nenhum rosto associado a eles. Nesta situação estaríamos seguindo o famoso W. A. Spooner, que, segundo se conta, abordou alguém em uma festa com as seguintes palavras: "Eu conheço tão bem o seu nome! Só não consigo me lembrar do seu rosto!" Ao invés disso, o mais sábio é memorizar primeiro o rosto; então se está pronto para descobrir o nome certo para associar a ele.

A segunda forma de lembrar o nome das pessoas é escrevendo-os e orando por eles. Quando Paulo disse aos tessalonicenses: "Damos sempre graças a Deus por todos vós, mencionando-os em nossas orações",[580] até parece que ele tinha algum tipo de lista. É, sem dúvida, o fato de mencionarmos regularmente o nome das pessoas em oração que (com muito mais certeza e rapidez do que de outra maneira) fixa esses nomes em nossa mente e memória. Quer queiramos ou não, esquecer o nome de alguém é um sinal de nossa falta de oração como pastores.

Jesus indicou também que o seu relacionamento com o seu povo seria recíproco ("Conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem a mim")[581] e, ao mesmo tempo, íntimo ("assim como o Pai me conhece e eu conheço o Pai").[582] Havia em Jesus algo de transparentemente franco e sincero. Ele não tinha nada a esconder. Ele mesmo disse que uma marca de sua verdadeira amizade era o fato de ter-se dado a conhecer aos seus discípulos.[583] Obviamente, isto não significa que os pastores precisam revelar todos os seus segredos à congregação; mas pelo menos eles deveriam estar dispostos a dar o passo difícil e humilhante de abrir mão de um pouco de sua privacidade e de se deixar conhecer como seres humanos tão frágeis e vulneráveis quanto

[576] Jo 10.3, 14-15
[577] Jo 1.47-48
[578] Lc 19.5; At 9.4
[579] 3 Jo 15
[580] 1 Ts 1.2
[581]
[582] Jo 10.15
[583] *P. ex.* Jo 14.21; 15.15

qualquer outra pessoa.

Ao mesmo tempo, em algumas culturas, dizer nome aos outros ou chamar as pessoas pelo nome pode ser um ato de muita arrogância e até mesmo presunção, pois o nosso nome simboliza a nossa identidade pessoal e privada. Vincent Donovan descobriu isto quando foi trabalhar entre os *masai,* na Tanzânia. No começo, ele escreve, "eu agia muito naturalmente a partir do meu contexto americano, e não via nada de errado em dizer o meu nome e perguntar o nome deles." Ele foi advertido, porém, de que os *masai* consideravam isso uma falta de educação. Em público e com estranhos, eles usavam títulos ou designações, e não nomes. Um dia um *masai* lhe disse: "Não fique jogando meu nome por aí. Meu nome é importante. Meu nome sou eu. Meu nome é para os meus amigos."[584] Assim, quando Vincent Donovan mudou-se para uma nova área, adotou o costume de não saber ou não revelar os nomes uns dos outros. Então, "depois de trabalhar entre eles por um longo período de tempo, e talvez como um presente de despedida para mim, um dos anciãos me disse o seu nome e eu lhe disse o meu. Eu me senti lisonjeado com a troca. 'Meu nome é para meus amigos.' "[585] Eu acho que seria bom se no Ocidente também se cultivasse algo assim quanto às pessoas e seus nomes. Divulgar o nosso nome e descobrir o de outra pessoa não e algo que se faça assim à toa; afinal, fazê-lo é reivindicar uma intimidade de relacionamento que pode acontecer, porém, na família de Deus.

Em segundo lugar, o bom pastor *serve* as suas ovelhas. "Eu sou o bom pastor", disse Jesus. "O bom pastor dá a vida pelas ovelhas."[586] Ele se dedica ao bem-estar delas e toda a sua vida é dominada pelas necessidades delas. A principal reclamação de Deus contra os líderes de Israel era esta: "Ai dos pastores de Israel que se apascentam a si mesmos! Não apascentarão os pastores as ovelhas?".[587] Agora, ovelha não é exatamente um animal agradável. Nós alimentamos uma imagem muito romântica das ovelhas, como bichos fofinhos e peludos. Mas as ovelhas, em seu estado natural, não têm a mínima preocupação com sua limpeza e são afligidas por um monte de pestes nojentas. Daí a necessidade de enfiá-las várias vezes por ano em fortes soluções químicas. Outra coisa é que elas têm fama de serem obtusas. Portanto, para ser pastor de ovelhas, é preciso lidar com um bocado de sujeira e trabalho baixo. Outra coisa necessária é fortalecer as que são fracas, curar as doentes, atar as feridas das que estão machucadas e buscar as que se encontram extraviadas.[588]

Jesus mesmo deu a vida pelas suas ovelhas. Não agiu como um empregado ou um mercenário, que faz o trabalho por dinheiro. Ele cuidou deles genuinamente, a ponto de morrer por elas. Seu grande amor se revelou em sacrifício e serviço, sacrificando a si mesmo para servir aos outros. É desse amor sacrificial, que serve, que os pastores precisam hoje, pois muitas vezes os seres humanos, assim como as ovelhas, podem ser "perversos e tolos", desviando-se do caminho. Alguns são também exigentes e mal-agradecidos, sendo-nos difícil amá-los. Mas aí precisamos lembrar que eles são rebanho de Deus, comprados com o sangue de Cristo e confiados a nossos cuidados pelo Espírito Santo.[589] E se as três pessoas da Trindade estão comprometidas com o bem-estar dessas pessoas, por que nós não faríamos o mesmo? Precisamos ouvir as palavras de Cristo para nós assim como Richard Baxter as imaginou: "Eu morri por elas; e tu, por que não irias buscá-las? Elas foram dignas do meu sangue; por que não seriam dignas do teu trabalho? ... Eu fiz e sofri tanto por sua salvação, e me dispus a fazer de ti um cooperador meu; e tu, por que te negas a fazer o pouquinho que está em tuas mãos?"[590]

Em terceiro lugar, o bom pastor *guia* as suas ovelhas. Eis aqui uma outra diferença entre as ovelhas orientais e as ocidentais. No Ocidente, os pastores raramente guiam as suas ovelhas (se é que o fazem alguma vez); eles vão atrás delas, dirigindo-as com o auxílio de cães pastores treinados. Já o pastor palestino, devido ao íntimo relacionamento que mantém com suas ovelhas, consegue caminhar à frente delas, chamando-as, às vezes assobiando ou tocando uma flauta, e elas o seguem. Chua Wee Hian, ex-Secretário Geral da Comunidade Internacional de Estudantes Evangélicos (IFES), conta-nos, em seu livro *Aprendendo a Liderar,* sobre um guia árabe que estava explicando essa tradição a alguns turistas, quando eles "enxergaram, à distância, um homem dirigindo um pequeno rebanho de ovelhas com uma vara bastante ameaçadora". Mas, então, será que o guia estava enganado? "Ele imediatamente parou o ônibus e saiu correndo pelo campo. Poucos minutos depois ele retornava, com o rosto brilhando. 'Acabo de falar com aquele homem. Senhoras e senhores, ele não é um pastor.

---

[584] Vincent J. Donovan, *Christianity Rediscovered: An Epistlefrom the Masai* (1978; SCM, 1982), p. 187.
[585] *Ibid.,* p. 188
[586] Jo 10.11
[587] Ez 34.2. O equivalente no Novo Testamento é Judas 12, que fala em "pastores que a si mesmos se apascentam". Isto é, eles usam a sua posição para alimentar o seu próprio ego, em vez de ministrar as pessoas que foram confiadas aos seus cuidados.
[588] Ver Ez 34.4
[589] At 20.28
[590] Richard Baxter, *The Reformed Pastor* (1656; Epworth, 1939) pp. 121-122

Na verdade ele é o açougueiro!'"[591]

A relação de Israel com Javé, e especialmente a passagem do povo pelo deserto, tem relação com o movimento das ovelhas que seguem o seu pastor: "Dá ouvidos, ó pastor de Israel, tu, que conduzes a José, como um rebanho."[592] O israelita temente a Deus via a Javé da mesma maneira: "O Senhor é meu pastor: nada me faltará... Leva-me para junto das águas de descanso...".[593] Assim, Jesus, o bom pastor, pegou essa mesma figura e a desenvolveu: "...as ovelhas ouvem a sua voz, ele chama pelos nomes as suas próprias ovelhas e as conduz para fora. Depois de fazer sair todas as que lhe pertencem, vai adiante delas, e elas o neguem porque lhe reconhecem a voz."[594] A recíproca é verdadeira. Se o bom pastor conhece as ovelhas pelos nomes, elas, por sua vez, também conhecem a sua voz. Os ouvidos dos cristãos são sintonizados com a voz de Cristo. Nós desenvolvemos uma certa sensibilidade para com a sua mente e vontade. Pouco a pouco vamos descobrindo e sabendo, instintivamente, o que é que agrada ou desagrada a ele. E assim seguimos aonde ele nos guia e por onde ele nos chama.

Com os pastores cristãos acontece algo parecido. É nossa solene responsabilidade guiar as pessoas de tal forma que seja seguro para elas seguirem a nós. Ou seja: temos de ser para elas um exemplo coerente e confiável. Convém lembrarmos que Jesus introduziu no mundo um novo estilo de liderança, a saber, a liderança pelo serviço e pelo exemplo, e não pela força. O apóstolo Pedro compreendeu isto e o ecoou em seus ensinos: "Pastoreai o rebanho de Deus que há entre vós... não como dominadores dos que vos foram confiados, antes tornando-vos modelos do rebanho."[595] Com efeito, por bem ou por mal, quer gostemos ou não, as pessoas vão nos seguir. Dá até medo pensar em quanto muitas ovelhas são incapazes de discernir. É por isso que é essencial liderar bem, ser um bom exemplo, sem nenhuma dicotomia entre a nossa pregação e a nossa prática, a fim de que elas não se desviem por nossa causa.

Em quarto lugar, o bom pastor *alimenta* as suas ovelhas. "Eu sou a porta", disse Jesus. "Se alguém entrar por mim, será salvo; entrará e sairá e achará pastagem."[596] A principal preocupação dos pastores sempre é que suas ovelhas tenham o suficiente para comer. Quer sejam ovelhas criadas para lã, quer sejam de corte, a saúde delas depende de terem pastagem nutritiva. Assim, o próprio Jesus, na qualidade de bom pastor, foi sobretudo um mestre. Ele alimentou os seus discípulos com a boa comida da sua instrução.

Os pastores de hoje têm essa mesma tremenda responsabilidade. O ministro ordenado é essencialmente um ministro da Palavra, entendidos os sacramentos como "palavras visíveis" (como os chamava Agostinho), uma representação das promessas do evangelho. O pastor é, acima de tudo, um mestre. Esta é a razão para duas qualidades de um presbítero explicitadas nas Epístolas Pastorais. Primeiro, o candidato deve ser "apto para ensinar".[597] Segundo, ele deve ser "apegado à palavra fiel que é segundo a doutrina, de modo que tenha poder, assim para exortar pelo reto ensino como para convencer os que a contradizem."[598] Estas duas qualificações andam juntas. O pastor deve ser fiel ao ensino apostólico *(didache) e,* ao mesmo tempo, ter o dom de ensiná-lo *(didaktikos).* E, quer estejam ensinando a uma multidão ou a uma congregação, a um grupo ou a um só indivíduo (Jesus mesmo ensinou nestes três contextos), o que distingue o seu trabalho pastoral é que este é sempre um ministério da Palavra.

Seja nas igrejas cansadas do Ocidente ou nas vibrantes igrejas de muitos países do Terceiro Mundo, nada é mais necessário, hoje, do que uma exposição fiel e sistemática da Escritura no púlpito. "Tu me amas?", Jesus perguntou a Pedro. Então, "apascenta as minhas ovelhas".[599] E demais o número de congregações que estão enfermas e até mesmo morrendo de fome por falta do "alimento sólido"[600] da Palavra de Deus. Na verdade, o objetivo supremo de nosso ministério pastoral é duplo: "apresentar todo homem perfeito (ou melhor, 'maduro') em Cristo"[601] e "aperfeiçoar os santos para o desempenho do seu serviço" (ou melhor, 'para a sua obra de ministério')".[602] Seria difícil imaginar uma ambição mais nobre do que, pelo nosso ministério do ensino, guiar o

[591] Chua Wee Hian, *Learning to Lead* (IVP, 1987), p. 35
[592] S1 80.1
[593] S1 23.1-2
[594] Jo 10.3-4
[595] 1 Pe 5.2-3
[596] Jo 10.9
[597] 1 Tm 3.2
[598] Tt 1.9
[599] Jo 21.17
[600] 1 Co 3.2; Hb 5.12
[601] C1 1.28
[602] Ef 4.12

povo de Deus, tanto à maturidade quanto ao ministério.

Mas, então, como é que os pastores alimentam as suas ovelhas? Estritamente falando, eles não fazem absolutamente nada. Para falar a verdade, quando uma ovelhinha recém-nascida está doente, pode ser que o pastor a tome nos braços e a trate com mamadeira. Mas normalmente o que o pastor faz é guiar o seu rebanho até "bons pastos" ou "boa pastagem",[603] onde elas possam pastar e assim alimentar-se sozinhas. Acho razoável considerarmos isto uma parábola de uma boa educação pastoral. Dar comida na boca ou alimentar com mamadeira é coisa para bebês em Cristo. Só ensinando-os a se alimentarem nos pastos é que os conduziremos à maturidade em Cristo. Quando o pregador abre a Escritura, ele convida as pessoas a se aproximarem dela, a fim de que possam alimentar-se de sua rica pastagem.

Em quinto lugar, o bom pastor *controla* as suas ovelhas, admitindo que tem sobre elas uma certa autoridade. Eu sou tentado a omitir esta dimensão; mas fazê-lo seria falta de integridade. Lesslie Newbigin, em seu livro *O Bom Pastor,* está certo ao reclamar que "a figura do bom pastor tem sido sentimentalizada".[604] Em grego clássico, o rei era conhecido como "o pastor" de seu povo; essa analogia do rei-pastor ocorre com bastante frequência no Antigo Testamento. Por exemplo, o povo lembrou a Davi de como Deus lhe havia dito: "Tu apascentarás o meu povo de Israel, e serás chefe sobre Israel".[605] Mais tarde, o verbo grego *poimaino,* que significa "pastorear um rebanho", passou a significar domínio rígido: "Com vara de ferro a regerás (LXX *poimaino)".[606]* Claramente, nós não temos liberdade alguma, nem para deduzir a partir disso que os pastores de igrejas precisem ser burocratas, nem para justificar o conceito medieval do bispo-piríncipe. De jeito nenhum. Termos relativos à realeza ("palácios", "tronos" e "reinos") são inteiramente inadequados se aplicados ao bispo-presbítero da Bíblia. Não obstante, juntamente com a ênfase neotestamentaria sobre o serviço humilde dos presbíteros existem também alusões ao seu papel de liderança, ao fato de "presidirem" uma igreja local "no Senhor"[607] e à necessidade de se "obedecer" a eles e "submeter-se" a eles,[608] se bem que a sua autoridade deva ser exercida através do seu ministério da Palavra e do seu exemplo.[609] E diversas passagens do Novo Testamento deixam muito claro que, se for necessário exercer disciplina, isto deve ser feito coletivamente, através da congregação local, e não através de um único pastor.[610]

Em sexto lugar, o bom pastor *guarda* as suas ovelhas. O maior inimigo das ovelhas na antiga Palestina era o lobo, selvagem e predatório, quer viesse como caçador solitário, quer fosse em bandos. Contra ele as ovelhas eram indefesas. Se o pastor era apenas um mercenário, pago por seus serviços, ao ver a aproximação do lobo ele abandonava as ovelhas e fugia, deixando o lobo atacar e dispersar o rebanho.[611] Somente um bom pastor iria ficar, arriscando a própria vida para defender e recuperar as suas ovelhas.

Interpretar a alegoria de Jesus não é nada difícil. "Acautelai-vos dos falsos profetas", disse ele em outro lugar. Eles "se vos apresentam disfarçados em ovelhas, mas por dentro são lobos roubadores."[612] Se as ovelhas são o povo de Deus e os guardadores são os seus fiéis pastores, então os lobos são os falsos mestres e os mercenários são pastores infiéis, que nada fazem para proteger o povo de Deus de erros. Infelizmente, ainda hoje existem lobos no rebanho de Cristo, enganadores que negam certos fundamentos da fé cristã histórica. Quem é pastor de verdade não se comporta como mercenário, fugindo do perigo. Ele enfrenta os lobos. E uma tarefa penosa. Afinal de contas, um pastor de ovelhas não espanta os lobos simplesmente com um tiro ou gesticulando para expulsá-los. Ele tem que partir para cima deles e enfrentá-los, como o jovem Davi fez com o leão e o urso.[613] O pastor da igreja, de igual maneira, precisa enfrentar a dor e o perigo de combater de perto os falsos mestres. Não bastam denúncias vagas. Pelo contrário, necessitamos estudar sua literatura, ouvir o que eles ensinam e combater as questões que eles levantam, a fim de rebater com eficiência os seus argumentos em nosso ensinamento.

Mas, se este é um ministério arriscado, ele é também um ministério necessário e compassivo. Nós nunca

---

[603] Ez 34.14
[604] Lesslie Newbigin, *The Good Shepherd, Meditations on Christian Ministry in Today's World* (Faith Press, 1977), p. 14
[605] 2 Sm 5.2
[606] S1 2.9
[607] 1 Ts 5.12
[608] Hb 13.17
[609] Hb 13.7
[610] *P. ex.* Mt 18.15-20; 1 Co 5.4-5, 13
[611] Jo 10.12-13
[612] Mt 7.15; *cf.* At 20.29-30
[613] 1 Sm 17.34-35

deveríamos apreciar a controvérsia. Ela não pode passar, para nós, de um dever de desagradável sabor. A única razão para nos envolvermos nele é a nossa compaixão pelas ovelhas. O mercenário foge porque "não tem cuidado com as ovelhas".[614] Somente o fato de preocupar-se com as ovelhas e de se importar profundamente com o bem-estar do povo a quem ele serve é que leva um bom pastor a buscar graça e coragem para enfrentar os desvios na igreja. Ovelha sem pastor é uma presa fácil para os lobos. Por que deixar que digam sobre o rebanho de Deus hoje que "se espalharam por não haver pastor, e se tornaram pasto para todas as feras do campo"?[615] Pelo contrário, se nós realmente nos preocupamos com eles, seremos vigilantes e "guardaremos os nossos rebanhos", como aqueles pastores nos campos perto de Belém. Na verdade, às vezes se diz que sempre devemos ser positivos em nosso ensino, nunca negativos. Mas não é bem assim. O próprio Jesus se opôs aos falsos mestres. E o dever de um pastor não consiste apenas em ensinar "a sã doutrina", mas também em "convencer os que contradizem".[616] Alimentar as ovelhas e afugentar os lobos não podem ser tarefas isoladas uma da outra.

Em sétimo lugar, o bom pastor *busca* as suas ovelhas. "Ainda tenho outras ovelhas", disse Jesus, "não deste aprisco; a mim me convém conduzi-las; elas ouvirão a minha voz; então haverá um rebanho e um pastor."[617] Esta alusão às "outras ovelhas" deixa claro que Jesus estava se referindo aos gentios. Mas ele também disse "Eu tenho" e "a mim me convém conduzi-las". Essa mesma segurança nós precisamos ter ao evangelizarmos. Onde quer que vivamos ou trabalhemos, devemos estar certos de que ali se encontram algumas das "outras ovelhas" de Cristo, que elas já lhe pertencem no propósito de Deus e que ele está decidido a ir buscá-las e conduzi-las ao rebanho.

Esta tarefa de ir em busca daqueles que estão alienados e perdidos é uma parte essencial do ministério pastoral, se bem que ela seja muito mais entregue aos membros leigos da igreja que vivem e trabalham entre aqueles. E verdade que nós costumamos estabelecer uma distinção entre "evangelistas", que buscam ovelhas perdidas, e "pastores", que nutrem aquelas que foram achadas. No entanto, estes são ministérios que se sobrepõem. Se Jesus, o bom pastor, não somente alimenta as ovelhas que se encontram no rebanho, como também busca aquelas que estão distantes,[618] seus subpastores e imitadores devem fazer o mesmo. Na cerimônia de ordenação da Igreja Anglicana o dirigente exorta os candidatos a que vão "buscar as ovelhas de Cristo que se encontram dispersas... a fim de que sejam salvas por Cristo para sempre". Se nós nos evadíssemos dessa responsabilidade, Deus haveria de queixar-se mais uma vez: "Minhas ovelhas... andam espalhadas por toda a terra, sem haver quem as procure, ou quem as busque".[619] E o próprio Jesus haveria de nos dizer: "Eu desci do céu à terra para buscar e salvar o que se havia perdido. E tu, por que não vais ao teu vizinho ou à rua ou vila mais próxima para buscá-los?"[620] Mas se, pelo contrário, nós sairmos em busca das pessoas, haveremos de participar do regozijo celestial "por um pecador que se arrepende".[621]

Eis aqui, portanto, a belíssima idéia de ministério pastoral retratada por Jesus. Onde quer que haja ovelhas, sejam elas perdidas ou achadas, existe a necessidade de pastores que vão buscá-las e pastoreá-las. Seguindo o exemplo do próprio bom pastor, os pastores humanos irão esforçar-se por conhecer e servir, guiar, alimentar e governar as ovelhas do rebanho de Cristo, protegê-las dos lobos saqueadores e buscá-las quando se extraviarem. E depois, por menor que seja o reconhecimento, apreciação ou honra que eles recebam (ou que gostariam de ter recebido) aqui na terra, eles hão de receber do Supremo Pastor, quando este se manifestar, "a imarcessível coroa da glória".[622]

O ideal de pastor exemplificado em Jesus, o bom pastor, e que ele gostaria que os líderes imitassem, precisa ser complementado por dois outros modelos que eles os advertiu a que evitassem. Primeiro, disse ele, são os governantes seculares que "têm sob seu domínio" o povo e "exercem autoridade" sobre ele. "Mas entre vós não é assim", enfatizou a seguir. Na sua nova comunidade, a liderança deveria ser completamente diferente da liderança no mundo. "Pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva."[623] Como diz T. W. Manson, "no reino de Deus o serviço não é um degrau para a grandeza; ele *é* grandeza — o único tipo

[614] Jo 10.13
[615] Ez 34.5
[616] Tt 1.9
[617] Jo 10.16
[618] Lc 19.10; *cf.* 15.3-7
[619] Ez 34.6
[620] Richard Baxter *The Reformed Pastor* (1656; Epworth, 1939), pp. 121-122.
[621] Lc 15.7
[622] 1 Pe 5.4
[623] Mc 10.42-45

de grandeza que é reconhecido."[624] Em segundo lugar, Jesus exortou seus discípulos a que não imitassem os fariseus. Estes apreciavam os lugares de honra (nos banquetes e nas sinagogas) e os títulos de honra, pois estes eram sinais do respeito prestado pelo povo. "Não façam como eles", Jesus disse. Os líderes cristãos não devem ser chamados de "Rabi" (professor), "Pai" ou "Mestre". Isto é, não devemos adotar em relação a qualquer ser humano na igreja, nem permitir que outros o façam em relação a nós, uma atitude de dependência e desamparo, como a de uma criança para com seu pai, nem de obediência servil, como a de um escravo para com o seu senhor, nem de aquiescência sem questionamentos, como a de um aluno para com seu professor. Segundo Jesus, isto seria usurpar as prerrogativas da Santa Trindade (Deus, nosso Pai, Jesus, nosso Mestre, e o Espírito Santo, nosso ensinador), como também romper o relacionamento entre irmãos e irmãs dentro da família cristã.[625]

Temos aqui dois diferentes modelos contemporâneos de liderança — um secular (os governadores) e o outro religioso (os fariseus) — que, não obstante, compartilhavam a mesma característica básica, a sede de poder e prestígio. Hoje, o modelo mais parecido que temos a imitar é o da gerência de negócios. Este também, apesar de alguns paralelos aceitáveis, geralmente é mais mundano do que cristão. Com o crescente declínio do status dos pastores na sociedade, nós precisamos cuidar para não procurarmos compensar este fato buscando mais poder e mais honra na igreja. A marca essencial da liderança cristã é a humildade, não a autoridade; serviço e não senhorio; e também "a mansidão e benignidade de Cristo".[626]

A última palavra, quero deixá-la com Chuck Colson, que provou pessoalmente, antes de converter-se a Cristo, o intoxicador vinho do poder: "A sedução do poder pode separar o mais decidido dos cristãos da verdadeira natureza da liderança cristã, que é servir aos outros. É difícil colocar-se num pedestal e lavar os pés de quem está embaixo."[627] E ele acrescenta: "Nada distingue mais os reinos do homem do reino de Deus do que as suas visões diametralmente opostas quanto ao exercício do poder. Um procura controlar as pessoas, o outro busca servir a elas; um promove o ego, o outro abate o ego; um busca prestígio e posição, o outro eleva o humilde e o desprezado."[628]

PARTE CINCO
O MUNDO

Na Parte IV nós tratamos da igreja; na Parte V falaremos sobre o mundo. "Igreja" e "mundo" geralmente estão interligados e, com mais frequência ainda, são colocados em antítese um com o outro. De qualquer maneira, é difícil pensar em um deles sem que simultaneamente se pense no outro. Afinal, pelo menos em teoria, o mundo é a comunidade velha e caída, ao passo que a igreja é a sociedade nova e redimida de Deus.

Qual é, pois, a relação que existe entre estas duas comunidades? Existem várias propostas. Certos teólogos, na ânsia de minimizar a diferença entre elas, chegam ao ponto de identificá-las aplicando a todos os seres humanos, indiscriminadamente, o epíteto de "o povo de Deus". Outros quase chegam a atingir o mesmo objetivo através de um outro caminho. Eles deixam que o mundo dite para a igreja quais deveriam ser as suas visões e valores, até que ela acaba se adaptando ao mundo e os dois se tornam virtualmente indistinguíveis. Um terceiro grupo contenta-se em ver igreja e mundo convivendo em amigável coexistência, sem que nenhum dos dois invada o território ou interfira nos negócios do outro. O quarto cenário possível, entretanto, é aquele que Jesus e seus apóstolos visualizaram. A igreja recebeu de Deus a responsabilidade de infiltrar-se no mundo, escutando de fato os desafios do mundo, mas também trazendo para o mundo os seus próprios desafios, compartilhando com ele as boas novas em palavra e em ação. O termo acertado para esta tarefa é "missão". E é exatamente para isso que Deus envia a igreja ao mundo: para fazer "missão". Nós iremos analisar aqui quatro dos seus aspectos principais.

Primeiro (no Capítulo 18), falaremos sobre "A Unicidade de Jesus Cristo", que é hoje, indiscutivelmente, o mais importante e o mais urgente desafio para a igreja no mundo todo. Será que ainda se pode aplicar a Jesus, bem como à revelação e à redenção de Deus que dizemos defrutar através dele, termos tão tradicionais como "único", "absoluto" e "supremo"? Ou deveríamos render-nos às pressões do "pluralismo", que insiste em afirmar que Jesus foi apenas um dentre uma porção de líderes religiosos e que toda religião é válida em si mesma? Se Jesus foi e é único, no que concerne a sua pessoa e obra, então é obrigação nossa fazê-lo conhecido. Se ele não o é, então o principal fundamento da missão cristã está solapado e nós temos que abrir

[624] T. W. Manson, *The Church's Ministry* (Hodder & Stoughton, 1948), p. 27
[625] Mt 23.1-12
[626] 2 Co 10.1; *cf.* 2 Tm 2.24
[627] Charles W. Colson, *Kingdoms in Conflict: An Insider's View of Politics, Power and the Pulpit* (Morrow-Zondervan, 1987), p. 272
[628] *Ibid.,* p. 274

mão da nossa ambição de conquistar o mundo para Cristo.

No capítulo seguinte (Capítulo 19) tentaremos estabelecer toda a base bíblica para a missão cristã. Isto ultrapassa a questão da singularidade de Cristo, pois tem a ver com a natureza do próprio Deus. Afinal, a missão começa no coração de Deus. O Deus vivo da revelação bíblica é um Deus missionário. Uma rápida incursão pela Escritura como um todo nos mostrará que cada uma das suas cinco seções tem uma ênfase inevitavelmente missionária.

No Capítulo 20, intitulado "Missão Holística", veremos que a comunicação do evangelho por parte da igreja não pode constituir-se apenas de palavras, mas deve expressar-se em obras. Na missão da igreja, tal como na missão de Cristo, as boas novas e as boas obras andam juntas.[629] Vamos mostrar, através de múltiplos argumentos, que, no propósito de Deus, evangelização e responsabilidade social estão comprometidos e não podem se divorciar.

No último capítulo da Parte V (Capítulo 21) nós voltaremos a Cristo, uma vez que, na missão cristã, nada é mais importante do que uma visão clara e renovada acerca de Jesus. Sob o título "A Cristologia da Missão", traçaremos um ensaio sobre os cinco eventos principais da carreira salvífica de Jesus, demonstrando como cada uma delas tem uma dimensão missionária. A partir daí descobriremos o modelo, o custo, o mandato, a motivação e a urgência da missão para a qual somos chamados.

CAPITULO DEZOITO
A UNICIDADE DE JESUS CRISTO

Certa vez, na Nigéria, um assistente social foi visitar um jovem em uma das ruelas da cidade de Lagos e encontrou, sobre a sua mesinha de cabeceira, os seguintes livros: a Bíblia, *O Livro da Oração Comum, o* Alcorão, três cópias da revista *A Sentinela* (das Testemunhas de Jeová), uma biografia de Karl Marx, um livro de exercícios de ioga e (evidentemente, o que o pobrezinho mais necessitava) um livreto popular intitulado *Como Parar de se Preocupar.*[630]

No dia 24 de maio de 1966, o Dia das Nações Unidas, foi realizado o primeiro culto multiconfessional, na igreja St Martin-in-the-Fields, em Londres. Na cerimônia participaram tanto hindus como budistas, muçulmanos e cristãos, os quais fizeram quatro afirmações de uma fé supostamente comum, quatro leituras de suas respectivas escrituras sagradas (o *Tripitaka* budista, o *Bhagavad Gita,* o *Alcorão* e a *Bíblia)* e pronunciaram quatro bênçãos, das quais apenas uma mencionou o nome de Jesus — aliás, a primeira e última menção na cerimónia. A imprensa secular ficou entusiasmada e considerou o evento "um marco significativo na história da religião". Já os jornais cristãos o descreveram como "uma traição à fé cristã". Hoje, porém, duvido que eles iriam escrever algo parecido, pois os cultos multiconfessionais já viraram uma prática comum.

Estes dois incidentes, um em Lagos e outro em Londres, exemplificam muito bem o espírito do sincretismo. Dr. W. A Visser't Hooft, o primeiro Secretário Geral do Concílio Mundial de Igrejas, define sincretismo como sendo a visão segundo a qual "não existe na história nenhuma revelação única; ela diz que existem várias e diferentes maneiras de se alcançar a realidade divina, que todas as formulações de verdade ou experiência religiosa são, por sua própria natureza, expressões inadequadas dessa verdade, e que é necessário harmonizar tanto quanto possível todas as idéias e experiências religiosas, a fim de criar uma única religião universal para a humanidade."[631] Dr. Visser't Hooft é muito franco quanto a sua rejeição desta visão. "Está mais do que na hora de os cristãos redescobrirem", continuou ele, "que a própria essência de sua fé é o fato de que Jesus Cristo não veio para se constituir em uma contribuição a mais para o depósito religioso da humanidade, mas que através dele Deus reconciliou o mundo consigo mesmo...".[632]

Mas o debate continua desde a década de 60. Hoje, o principal desafio para a compreensão tradicional da singularidade de Cristo não é o "sincretismo", mas o "pluralismo"; não a tentativa de fundir as religiões do mundo em uma única fé universal, mas o reconhecimento da integridade de cada uma em todas as suas diferentes particularidades.

Agora, as opções que temos diante de nós geralmente são resumidas em termos de "exclusivismo", "inclusivismo" e "pluralismo".[633]

---

[629] *Cf.* Mt 5.16

[630] Esta história é contada por Douglas Webster em *Not Ashamed* (Hodder & Stoughton, 1970), p. 66

[631] W. A. Visser't Hooft, *No Other Name* (SCM, 1963), p. 11

[632] *Ibid,* p. 95

[633] Estas categorias, empregadas primeiramente por Alan Race, em *Christians and Religious Pluralism* (Orbis, 1982), foram popularizadas pelo Departamento de Missão e Unidade do Sínodo Geral da Igreja da Inglaterra, em seu relatório *Towards a Theology for*

O termo "exclusivismo" (de conotação desafortunadamente negativa, pois dá a impressão de querer excluir as pessoas do reino de Deus) é usado para expressar a visão cristã histórica de que não há salvação em outras religiões, mas somente em Jesus Cristo.

O "inclusivismo" admite que pôde haver salvação para os adeptos de outras religiões, mas a atribui à obra de Cristo, muitas vezes secreta e não reconhecida. O Vaticano II abraçou esta visão ao declarar que a obra salvadora de Cristo é válida "não apenas para os cristãos, mas para todos os homens de boa vontade em cujos corações a graça atua de maneira invisível".[634]

O "pluralismo" vai ainda mais adiante, pois seus adeptos consideram o exclusivismo "arrogante" e "presunçoso", e o inclusivismo "complacente" e "condescendente". Enquanto "pluralidade" expressa o simples fato de que existem muitas religiões, "pluralismo" significa que são válidas por si mesmas. O pluralismo abre mão de toda e qualquer declaração do Cristianismo como sendo "absoluto", "único", "definitivo", "decisivo", "normativo", "supremo" ou "universal". "Crescimento ilimitado é um câncer, e o mesmo seria uma religião cristã que continuasse crescendo sozinha pelo mundo todo".[635] Ao invés disso, o Cristianismo deveria ser considerado apenas uma religião entre muitas, e Jesus como apenas um entre muitos salvadores. É o assim chamado "ecumenismo mais profundo e mais amplo, que abraça o todo da humanidade" e do qual o arco-íris continua sendo "um símbolo eterno".[636]

Argumentos a favor do pluralismo

O que é que há no "pluralismo" para atrair tanta gente? Nós não teremos condições de reagir a eles enquanto não os ouvirmos e tentarmos compreender e sentir o apelo de seus argumentos.

A primeira coisa é *a nova conscientização global.* Ameaças ao meio ambiente, temores de um conflito nuclear e a contínua situação de injustiça económica entre o Norte e o Sul vêm incentivando as pessoas a desenvolverem uma perspectiva planetária. A própria sobrevivência da raça humana parece depender de nós aprendermos a viver juntos em harmonia e a cooperar para o bem comum. O que quer que seja que nos divida, portanto, inclusive nossas religiões, é compreensivelmente visto com crescente desaprovação.

Os cristãos deveriam, como resposta a isso, estar realmente na vanguarda em relação àqueles que buscam harmonia global. Por criação de Deus, nós somos um único povo no mundo. Deveríamos estar comprometidos com a promoção da paz internacional, com a democracia participativa, com os direitos humanos, as relações comunitárias, a responsabilidade ambiental e a busca por uma nova ordem económica internacional. Além disso, os povos de diferentes raças e religiões podem, deveriam e na verdade cooperam nessas modalidades de testemunho e ação social. Para fazê-lo, no entanto, não precisamos renunciar à nossa convicção quanto à singularidade de Jesus Cristo. Seria tolice buscar unidade à custa da verdade, ou reconciliação sem Cristo como Mediador. Além do mais, Cristo (inevitavelmente!) divide as pessoas, como também as une. Ele disse que tinha vindo não "para trazer a paz, mas espada".[637] Ele previu que, à medida que as pessoas se colocassem ao seu lado ou a favor dele, viriam conflitos.

Em segundo lugar temos *o novo gosto pelas outras religiões.* Os meios modernos de comunicação (especialmente a televisão e as viagens) fizeram o mundo encolher. Povos de crenças e costumes estranhos, que até aqui estavam muito distantes de nós, agora vivem do nosso lado, ou melhor, até mesmo entram em nossos lares — através da tela, quando não o fazem pessoalmente. É "uma realidade recente e experimentada por muitos hoje".[638] Os livros sagrados de outras religiões, traduzidos para as nossas línguas, encontram-se à disposição de qualquer um. E à medida que vamos nos familiarizando mais com as religiões do mundo, aquilo que o professor John Hick chama de o "imenso cabedal espiritual" deles "tende a erodir a plausibilidade do velho exclusivismo

---

Inter-Faith Dialogue (Concílio Consultivo Anglicano, 1984, 2 ed., 1986), e posteriormente desenvolvido por Paul F. Knitter em *No Other Namel* (SCM, 1985). Já as implicações de "pluralismo" foram exploradas em *The Myth of Christian Uniqueness,* ed. John Hick e Paul F. Knitter (SCM, 1987). Uma crítica bastante ponderada feita por Dr. Christopher Wright de *Towards a Theology for Inter-Faith Dialogue* aparece em seu livreto *What's so Unique about Jesus?* (MARC, 1990). Em 1991 (tarde demais para ser avaliado neste livro) apareceu uma forte reação a *The Myth of Christian Uniqueness,* na obra intitulada *Christian Uniqueness Reconsidered: The Myth of a Pluralist Theology of Religions,* ed. Gavin D'Costa (Fowler Wright). É um outro simpósio, que inclui contribuições de renomados teólogos contemporâneos do calibre de Jürgen Moltmann, Lesslie Newbigin, Wolfhart Pannenberg, Rowan Williams e M. M. Thomas.

[634] *Gaudium et Spes,* par.. 22.

[635] Esta é uma possível posição descrita por Raimundo Panikkar em sua contribuição dada em *The Myth of Christian Uniqueness,* p. 91.

[636] Stanley J. Samartha, em *The Myth of Christian Uniqueness,* pp. 79—80

[637] Mt 10.34

[638] Paul F. Knitter, *No Other Name?* (SCM, 1985), p. 2

cristão".[639] Além do mais, certas crenças antigas têm dado sinais de ressurgimento justamente quando se percebe que o cristianismo, em declínio no Ocidente, "não tem conseguido quebrar o poder das grandes religiões históricas".[640]

Nós deveríamos ficar felizes com o conhecimento mais profundo que se tem hoje sobre as religiões mundiais, inclusive através do estudo comparativo de religiões nas escolas. Mas, se é verdade que descobrimos "riquezas" em outras religiões, nós também discernimos com mais clareza a absoluta singularidade de Jesus Cristo, como veremos mais adiante. "Fazer afirmações exclusivistas em favor de nossa própria tradição", escreve Stanley Samartha, "não é a melhor maneira de amar o nosso próximo como a nós mesmos."[641] Pelo contrário, eu diria: é a melhor forma, e a mais sublime, de expressar amor ao próximo, se é que o evangelho é a verdade. Se ele é verdadeiro, nós não podemos dizer que amamos o nosso próximo se o deixarmos permanecer ignorante quanto à pessoa de Cristo. Quanto à vitalidade de outras religiões, bem como o comparativo fracasso do cristianismo, estas coisas deveriam levar-nos, não a concluir que o evangelho não é verdadeiro, mas, sim, a examinarmos a nós mesmos e, consequentemente, a nos arrependermos e mudarmos de vida, adotando melhores formas de compartilhar as boas novas com os outros.

Temos, em terceiro lugar, *a nova modéstia pós-colonial.* Por quatro séculos o Ocidente dominou o mundo em termos políticos, militares, econômicos e científicos, pressupondo tambem ser moral e espiritualmente superior aos outros. Com efeito, "a atitude do Cristianismo em relação a outras religiões tem sido moldada pela mentalidade colonial".[642] No entanto, o fim da Segunda Guerra Mundial anunciou o fim da era colonial. A medida que o Ocidente passava por uma profunda reviravolta cultural, "de uma posição de evidente superioridade para uma de mera paridade", deu-se uma mudança paralela, no que tange à consciência teológica. "Essa dramática situação levou forçosamente a... uma nova compreensão quanto aos inter-relacionamentos das religiões, um novo equilíbrio de poder espiritual, por assim dizer, sobre tudo", escreve o professor Langdon Gilkey. Ela nos fez sair de uma situação de "superioridade" para outra, de "paridade".[643] Portanto, afirma-se, continuar declarando a universalidade cristã é cair no erro da velha mentalidade imperialista.

Para nós, do Ocidente, é deveras embaraçoso ter de reconhecer que, durante todos estes séculos de expansão colonial, conquista territorial e espiritual, política e religião, armas e a Bíblia, a bandeira e a cruz, andaram de mãos dadas, e que repetidas vezes representantes do poder imperial desenvolveram atitudes de orgulhosa superioridade com relação àqueles que eles governavam. Mas "superioridade" é uma palavra enganosa. Ela pode evidenciar uma insuportável prepotência — e nós precisamos nos arrepender de todo vestígio disso. Mas o esforço missionário dos cristãos ao tentarem ganhar para Cristo adeptos de outras religiões não é, em si mesmo, uma marca de arrogância; indica, pelo contrário, uma profunda e humilde convicção de que o evangelho *é* superior a outras crenças, por ser ele a verdade revelada de Deus.

A atração do pluralismo, todavia, vai além de uma preocupação com a harmonia global, uma apreciação pelas outras religiões e uma busca por modéstia pós-colonial. Ela tem raízes muito mais profundas, analisadas pelos doze autores que deram sua contribuição ao livro *O Mito da Unicidade Cristã (The Myth of Christian Uniqueness).* Estes estudiosos dizem ter realizado "uma travessia teológica sem volta", não só do exclusivismo para o inclusivismo, mas também do inclusivismo para o pluralismo;[644] e eles nos falam sobre as três "pontes" que os levaram a fazer essa travessia.

A primeira eles chamam de ponte *histórico-cultural*, ou *relatividade.* Desde que a teoria geral da relatividade de Einstein começou a ser extrapolada da Física para outras esferas (inclusive a religião), parece que nada restou de absoluto. Um estudo histórico e comparativo das religiões, argumenta o professor Gordon Kaufman, sugere que elas não passam de "criações da imaginação humana",[645] cada uma a partir de sua perspectiva cultural específica. Sendo assim, a teologia cristã tem que abrir mão de qualquer declaração quanto a ser uma verdade absoluta ou definitiva e passar a compreender-se, pelo contrário, como "uma imaginativa resposta humana à necessidade de encontrar orientação para a vida em uma dada situação histórica".[646] O professor Tom Driver vai ainda mais adiante, declarando que "até a Escritura ... é criação nossa, como seres hu-

[639] *The Myth of Christian Uniqueness,* p. 17.
[640] Rosemary Radford Ruether in *The Myth of Christian Uniqueness,* p. 139
[641] *Ibid.,* p. 76
[642] Tom F. Driver, em *The Myth of Christian Uniqueness,* p. 207
[643] *Ibid.,* pp. 39-40.
[644] *Ibid.,* p. viii
[645] *Ibid.,* p. 8
[646] *Ibid,* pp. 12-13

manos".[647]

Agora, é claro, nós também afirmamos que a Bíblia é um livro culturalmente condicionado, no sentido de que cada um dos seus autores fazia parte de sua própria cultura e falou dentro desta. Mas será que esta ênfase no contexto humano, histórico e cultural da Bíblia é um relato completo de sua natureza? De maneira nenhuma. Como já vimos no capítulo 10, existem boas razões para se acreditar na dupla autoria da Escritura, a saber, que por detrás dos autores humanos estava o divino Autor, que pronunciou a sua Palavra através das palavras deles, e que essa Palavra transcende tanto a história como a cultura. Pode até ser que outras religiões pudessem ser descritas (quaisquer que sejam as suas afirmações) como "produtos da imaginação humana". Mas a convicção e a afirmação histórica do cristianismo são que o evangelho é produto de revelação divina, embora intermediado pelas mentes e bocas de autores humanos.

A segunda "ponte" nessa "travessia teológica sem volta" chama-se *místico-teológica,* ou *mistério.* Isto é, em toda religião existe algum sentido do Transcendente ou experiência de Deus que, por ser infinito e inefável, está sempre além do nosso alcance. Nossas teologias são apenas "imagens conceptuais de Deus"; e, "como outras imagens, cada uma delas pode ser menos ou mais digna do seu Sujeito", escreve o professor Wilfred Cantwell Smith. Segundo ele, não existe, em princípio, "nenhuma diferença fundamental ... entre uma doutrina e uma estátua". A primeira é uma imagem intelectual de Deus, e a segunda, uma imagem visual. "É errado o nosso intelecto absolutizar a obra de suas próprias mãos." Afinal de contas, "tanto a teologia como a arte representam apreensões relativas do Absoluto"; absolutizar a imagem que nós temos de Deus é idolatria.[648] Ele vai mais adiante: "Esse negócio de os cristãos acharem que o Cristianismo é a verdade, ou que é definitivo ou salvífico, é uma forma de idolatria. Os cristãos pensarem que Deus inventou o Cristianismo... em vez de imaginarem que Ele/Ela nos inspirou para que o fizéssemos... isso é idolatria."[649] Ou, como o resume Tom Driver, "idolatria é insistir em dizer que só há um caminho, uma norma, uma verdade".[650]

Como resposta, nós certamente concordamos que Deus é a Realidade Transcendente além de toda imaginação, apreensão ou descrição humana possível. Palavras não conseguem comprendê-lo e muito menos contê-lo. Já que ele é infinito, nós nunca vamos chegar ao seu fim: podemos passar a eternidade explorando e adorando o seu insondável ser. No entanto, dizer que ele continua sendo um mistério não é incompatível com afirmar que ele se revelou. Além do mais, sua Palavra encarnada em Jesus e sua Palavra registrada na Escritura tem uma posição normativa para todos os crentes cristãos. É um tanto estranho que, para aqueles que contribuíram para escrever *O Mito,* todos os cristãos de todas as igrejas durante dois milénios, todas as pessoas que têm crido na unicidade de Jesus, sejam idólatras! Se eles estão se referindo a "cristianismo" como uma invenção humana, então quem sabe absolutizá-lo poderia tornar-se uma idolatria. Mas reconhecer o caráter final e absoluto do próprio Cristo não é idolatria, mas autêntica adoração.

Em terceiro lugar vem a ponte *ético-prática,* ou *justiça.* Os quatro autores da terceira parte do livro *O Mito da Unicidade Cristã* sentem-se ultrajados com os sofrimentos dos oprimidos e estão unidos em seu compromisso com a justiça social. Valendo-se de diversos conceitos emprestados da Teologia da Libertação, o professor Paul Knitter escreve que "a necessidade e o propósito primordial do diálogo inter-religioso consistem em fazer uma opção preferencial pelos pobres e os despersonalizados". Em outras palavras, o pluralismo não é um fim em si mesmo, mas um meio que leva ao fim, que é libertar os oprimidos. Afinal, esta é uma tarefa grande demais para qualquer religião, razão pela qual "um movimento mundial de libertação necessita um diálogo inter-religioso de âmbito mundial"[651] Os autores de *O Mito* acreditam também que o único critério pelo qual é possível julgar ou "avaliar" as religiões não deve ser, nem doutrinário, nem místico, mas sim, ético, isto é, sua efetividade em promover o bem-estar humano.

Nós temos de admitir que as questões contemporâneas de justiça social deveriam constituir-se em imensa preocupação para todos os cristãos, uma vez que nós reconhecemos a dignidade dos seres humanos como pessoas criadas à imagem de Deus. E, portanto, uma vergonha que os cristãos evangélicos deste século tendam a permanecer na retaguarda, ao invés de estarem na vanguarda das reformas sociais. Nós não temos problema algum quanto à proposta de avaliar as religiões, inclusive o Cristianismo, de acordo com o seu envolvimento social, já que afirmamos que o (evangelho é o poder de Deus para transformar tanto indivíduos como comunidades. E, justamente por já termos experimentado esse poder em nossas vidas e visto-o em ação

[647] *Ibid,* p. 211
[648] *Ibid.,* pp. 56-57
[649] *Ibid.,* p. 59
[650] [*Ibid.,* p. 216.
[651] *Ibid.,* p. 180

construtiva na história humana, nós *não* podemos concordar com essa avaliação tão negativa do professor Hick, de que a atuação social do Cristianismo representa "uma complexa mistura de elementos valiosos e elementos prejudiciais", em nada melhor nem pior do que a atuação de outras religiões.[652]

Em suma, a nossa resposta às seis razões pelas quais muita gente é atraída pelo pluralismo é, em cada um dos casos, fundamentalmente a mesma. Eles fogem da questão da verdade; nós queremos insistir na questão da verdade. Afinal, Deus se revelou de forma completa e decisiva em Cristo e em todo o testemunho que a Bíblia dá acerca de Cristo, ou não?

(1)Nós concordamos com a busca por uma harmonia global, mas não à custa da verdade.

(2)Concordamos que um maior conhecimento de outras religiões é enriquecedor. Ao compará-las, todavia, não podemos abrir mão da declaração de que Cristo é a verdade.

(3)Admitimos que as atitudes coloniais de superioridade são arrogantes; mas ainda assim insistimos em que a verdade é superior à falsidade.

(4)Reconhecemos que a Escritura é culturalmente condicionada, mas afirmamos que através dela Deus proferiu sua Palavra da verdade.

(5)Nós concordamos que o supremo mistério de Deus encontra-se além da compreensão humana. Mesmo assim, continuamos afirmando que Deus verdadeiramente se revelou em Cristo.

(6)Reconhecemos que servir ao pobre é uma parte essencial de nosso chamado cristão. Mas nós também somos chamados a dar testemunho da verdade.

Conforme a professora Rosemary Radford Ruether, "a idéia de que o Cristianismo e até mesmo as convicções bíblicas têm um monopólio quanto à verdade religiosa é um chauvinismo religioso absurdo e ultrajante".[653] Se por "monopólio" ela entende que as outras religiões não possuem verdade alguma, ou que os cristãos guardam para si mesmos a revelação de Deus e não a compartilham, então nós até poderíamos concordar com suas estridentes palavras. Mas se com "monopólio" ela está se referindo à crença de que Deus se revelou plena e definitivamente em Cristo, então isto não é nem ultrajante nem absurdo. Pelo contrário, é fé cristã humilde, sábia, sóbria e consciente.

Seria de fato arrogante, e até mesmo "ultrajante", se nós estivéssemos reivindicando unicidade ou finalidade para as nossas próprias opiniões falíveis ou experiências limitadas. Mas não estamos. Como escreveu Lesslie Newbigin, em seu sermão no 50°. aniversário da Conferência Missionária de Tambaram, em 1988:

Se é mesmo verdade que, em um determinado momento e lugar da história humana, o Deus todo-poderoso, criador e sustentador de tudo o que existe nos céus e na terra, humilhou-se a ponto de tornar-se parte de nossa humanidade pecaminosa, e de padecer e morrer uma morte vergonhosa a fim de tirar o nosso pecado e de ressuscitar da morte como a primícia da nova criação, se isto é um fato, então afirmá-lo não é arrogância. Calar a esse respeito é traição aos outros seres humanos iguais a nós. Se realmente é verdade, como de fato o é, que "o Filho de Deus me amou e se entregou por mim", como posso deixar que este maravilhoso ato de incomparável graça venha a tornar-se simplesmente parte de um roteiro para o "estudo comparativo das religiões"?[654]

A unicidade de Jesus Cristo

É essencial esclarecer logo de início que os cristãos afirmam unicidade e supremacia apenas com relação a Cristo, e não ao Cristianismo, em qualquer uma de suas formas institucionais e culturais. A fim de endossar esta declaração, quero apelar para três testemunhas, provenientes, respectivamente, da África, da Ásia e da Europa.

Primeiro, o professor John Mbiti, do Quénia, escreve: "A unicidade do Cristianismo está em Jesus Cristo."[655]

Minha testemunha asiática é Sadhu Sundar Singh, o místico e evangelista cristão indiano. Criado em um lar *sikh,* ele se converteu ao Cristianismo quando era adolescente e mais tarde tornou-se um *sadhu,* ou seja, um santo homem itinerante. Um dia, ao visitar um colégio hindu, foi interpelado por um agnóstico, professor de religião comparativa, que lhe perguntou o que ele tinha achado no Cristianismo que não havia encontrado em sua sua antiga religião. "Eu tenho Cristo", respondeu ele. "Sim, eu sei", disse o professor, meio impaciente. "Mas que princípio ou doutrina em particular você encontrou, que já não tivesse antes?" "É exatamente isso que eu

[652] *Ibid.,* pp. 23-30

[653] *Ibid,* p. 141

[654] Este sermão se encontra publicado na íntegra em *International Review of Mission,* Julho 1988, pp. 325-331

[655] John Mbiti, *African Religions and Philosophy* (Heinemann, 1969), p. 277

encontrei", replicou ele. "Cristo."[656]

A testemunha europeia para a qual eu apelo é o falecido Bispo Stephen Neill, estudioso muito viajado. Ele enfatizava fortemente a centralidade de Cristo no debate com o pluralismo. Em seu excelente livro *A Fé Cristã e Outras Religiões,*[657] ele escreveu: "O velho dito 'Cristianismo é Cristo' é quase exatamente verdadeiro. A figura histórica de Jesus de Nazaré é o critério pelo qual toda afirmação cristã tem de ser julgada, e à luz do qual ela permanece ou cai."[658] Então, ao chegar ao final da sua ampla e sensível resposta ao Judaísmo, ao Islamismo, ao Hinduísmo, ao Budismo, às religiões primitivas e ao secularismo, em que encarava com honestidade as críticas ao Cristianismo, ele perguntou:

Será que os nossos interlocutores já olharam de fato para Jesus Cristo, tentando vê-lo como ele é? Pois, se levarmos a sério os Evangelhos..., Jesus não é de forma alguma igual a qualquer outra pessoa que jamais viveu. As coisas que ele diz acerca de Deus não são a mesma coisa que as que foram ditas por qualquer outro mestre de outras religiões. As declarações que ele faz sobre si mesmo não são as mesmas que aquelas que têm sido feitas a favor de qualquer outro mestre religioso. Suas críticas sobre a vida e a sociedade humana são muito mais devastadoras do que as que jamais foram feitas por qualquer outro homem. As exigências que ele fez aos seus seguidores demandam deles muito mais do que as que foram estabelecidas por qualquer outro mestre religioso.[659]

Portanto, o que afirmamos não é somente que Jesus foi um dos maiores líderes espirituais do mundo. Seria desesperadamente incongruente referir-se a ele como "Jesus, o Grande", comparável a Alexandre, o Grande, Carlos Magno ou Napoleão, o Grande. Jesus não é "o Grande"; ele é o único.[660] Ele não tem semelhantes, nem rivais, nem sucessores.

O que é que os cristãos primitivos pensavam dele? Eles lhe deram muitos nomes e títulos. Com muita frequência ele é citado simplesmente como "Jesus" ou "Cristo"; ou, quando se combina o seu nome humano com o título messiânico, "Jesus (o) Cristo". Ou então é muito comum acrescentar "o Senhor", seja como "o Senhor Jesus", ou "o Senhor Cristo", ou "o Senhor Jesus Cristo". Mas quando seu título é pronunciado por completo, ele se torna "nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo". Este nome aparece, por exemplo, na conclusão da segunda carta de Pedro: "Antes, crescei na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo."[661]

Dentro desta designação completa estão implícitas três declarações distintas, ou seja: que Jesus é Senhor, que Jesus é Salvador e que Jesus é nosso. Todas as três o declaram como único.

Jesus é Senhor

Nós já vimos, no capítulo 5, que *Kyrios Iesous* ("Senhor Jesus") foi o primeiro de todos os credos cristãos. Ele é seguramente um testemunho da encarnação, já que é uma afirmação da identidade do Jesus humano e do Senhor divino. A palavra *kyrios* era usada com uma grande variedade de significados. Por um lado, podia ser usada simplesmente como um título de cortesia ("senhor") ou para designar o dono de algum tipo de propriedade. Por outro lado, usava-se durante todo o período clássico grego com referência aos deuses, que eram assim reconhecidos como tendo autoridade sobre a natureza e a história. Depois veio a ser aplicada a governantes humanos, especialmente o imperador *(Kyrios Kaisar),* e era a paráfrase comumente usada para Javé pelos estudiosos ao traduzirem a Bíblia do hebraico para o grego. Daí passou a ser usada no Novo Testamento com relação ao Cristo ressurreto,[662] com a implicação de que seus seguidores eram seus escravos, comprometidos a adorá-lo e obedecê-lo, numa clara indicação de que eles reconheciam sua divindade. O mais impressionante é o fato de que os seus primeiros discípulos tenham usado este epíteto, pois eles eram monoteístas tão fanáticos quanto qualquer muçulmano hoje. Eles recitavam o *Shema* todo dia, confessando que "o Senhor nosso Deus, o Senhor, é um só".[663] Mas, apesar disso, eles chamavam abertamente Jesus de Senhor e o adoravam como Deus.

Não existe nada igual em qualquer outra religião. Os judeus, é óbvio, continuam rejeitando a divindade

---

[656] Stanley Jones, *The Christ ofthe Indian Road* (1925; Hodder & Stoughton, 1926), p. 64.

[657] Publicado na Inglaterra sob o título *Crises ofBelief* (Hodder & Stoughton, 1984) e nos Estados Unidos como *Christian Faith and Other Faiths* (IVP USA, 1984).

[658] 2[9]*Ibid.,* p. 23

[659] *Ibid.,* p. 286.

[660] Ver P. Carnegie Simpson, *The Fact of Christ* (1930; James Clarke, 1952), pp. 19-22.

[661] 2 Pe 3.18

[662] 2 Pe 3.18

[663] *P. ex.,* At 2.36; Rm 10.9; *cf.* Mt 28.18.

de Jesus. E os muçulmanos também. Compreendendo erroneamente a encarnação em termos literalmente físicos, Maomé escreveu no Alcorão: "Alá proíbe a si mesmo de gerar um filho."[664]

O Budismo, tanto em sua forma primitiva como na clássica, não tinha deus nem culto. O status e a honra divinos só foram atribuídos a Buda uns quinhentos anos depois de sua morte. Portanto, não podemos aceitar o paralelo que o professor Hick faz ao escrever: "A Budologia e a Cristologia desenvolveram-se por caminhos comparáveis".[665] Ou seja, cada um "veio a ser imaginado" como uma encarnação, como um resultado da devoção religiosa de seus seguidores. A comparação é inepta, porém, pois os próprios contemporâneos de Jesus o chamavam de "Senhor", ao passo que um milénio se passou antes que Buda fosse adorado como Deus.

O Hinduísmo, é verdade, reivindica uma porção de *avatares* ou "descendentes" divinos, nos quais se diz que o deus Vishnu teria aparecido em Rama, em Krishna e em outros. No *Baghavad Gita* Krishna diz a Arjuna que ele frequentemente assume forma humana: "Eu já nasci muitas vezes, Arjuna... Embora eu não seja nascido, e seja eterno, e seja o Senhor de tudo, eu venho ao meu estado natural e através do meu maravilhoso poder eu sou nascido."[666] Talvez mais impressionante ainda seja a declaração de Ramakrishna, o reformador hindu do século XIX, que disse acerca de si mesmo ser "a mesma alma que havia nascido antes como Rama, como Krishna, como Jesus, ou como Buda, nascido novamente como Ramakrishna".[667]

Mas "encarnação" não é uma tradução adequada ou acurada da palavra sânscrita *avatar;* ela tende a dissimular as duas diferenças fundamentais entre as declarações do Cristianismo e do Hinduísmo. Primeiro, a questão da *historicidade.* Os *avatares* de Vishnu pertencem à mitologia hindu. O Hinduísmo é uma religião filosófica, mística e ética, e para os hindus não tem importância alguma se os *avatares* realmente existiram ou não. O Cristianismo, porém, é essencialmente uma religião histórica, baseada na afirmação de que a encarnação de Deus em Jesus Cristo foi um evento histórico, que aconteceu na Palestina quando Augusto era imperador de Roma. Caso se pudesse descomprovar a sua historicidade, o Cristianismo seria destruído.

A segunda diferença jaz na *pluralidade* dos *avatares.* Krishna falou de seus múltiplos e até "frequentes" "renascimentos". Mas "encarnação" e "reencarnação" são dois conceitos fundamentalmente diferentes. Os *avatares* foram manifestações ou incorporações temporárias de Vishnu em seres humanos. Mas nenhum deles implicou em que a divindade tenha assumido de fato a natureza humana, nem é, de forma alguma, fundamental para o Hinduísmo. A afirmação cristã, pelo contrário, é que em Jesus de Nazaré Deus assumiu forma humana de uma vez por todas e para todo o sempre; que sua encarnação em Jesus foi decisiva, permanente e irrepetível, o ponto decisivo da história humana e o começo de uma nova era; e que hoje, reinando à direita de Deus, está precisamente "o homem Cristo Jesus", ainda humano tanto quanto é divino, se bem que agora sua humanidade tenha sido glorificada. Tendo assumido a nossa natureza, ele nunca a descartou e jamais o fará.

Assim, o primeiro aspecto da unicidade de Jesus é que ele é Senhor. Ele é o "Filho" e a "Palavra" eterna e pessoal de Deus, que se tornou ser humano. Consequentemente, "nele habita corporalmente toda a plenitude da Divindade".[668] Ele é o soberano senhor do universo e da igreja. É verdade que ele exerce esse domínio através de amor humilde, pois o Senhor tornou-se servo e lavou os pés de seus discípulos. Ainda assim, o nosso lugar é prostrados com o rosto em terra, *aos seus pés.*

Jesus é Salvador

A segunda afirmação contida no título completo de Jesus é que ele é Salvador. De fato, o Senhor divino é o divino Salvador. E, embora o vocabulário da salvação tenha um sabor desagradável para muita gente hoje, nós não podemos desistir dele de maneira nenhuma. Afinal de contas, o Cristianismo é essencialmente uma religião de resgate; ele anuncia boas novas de salvação. Como têm recitado as igrejas durante séculos por intermédio do Credo Niceno, "para nós, homens (seres humanos), e para nossa salvação, ele desceu dos céus...".

Agora, "salvação" é uma palavra ampla, que abrange a totalidade do propósito redentor de Deus para suas criaturas alienadas. Em uma palavra, como vimos no capítulo 2, salvação é libertação, e tem aspectos positivos e negativos. Ela inclui libertação do justo julgamento de Deus para os nossos pecados; libertação da nossa culpa e da nossa consciência culpada; libertação para um novo relacionamento com ele, no qual nos tornamos filhos seus, reconciliados e perdoados, e passamos a conhecê-lo como nosso Pai. E libertação da amarga escravidão da vida sem sentido para um novo senso de propósito na nova e divina sociedade do amor,

---

[664] Capítulo sobre Maria, no *Alcorão*

[665] John Hick (ed.), *The Myth of God Incarnate* (SCM, 1977), p. 169

[666] Do *Bhagavad Gita*

[667] Citado por W. A. Visser't Hooft, *No Other Name* (SCM, 1963), pp. 36-37.

[668] C1 2.9

em que os últimos são os primeiros, os pobres são ricos e os mansos, herdeiros. E libertação da escura prisão de nosso próprio egocentrismo para uma nova vida de auto-realização através de serviço altruísta e abnegado. E um dia ela incluirá libertação da futilidade da dor, da corrupção e da dissolução, para um novo mundo de imortalidade, beleza e gozo indizível. Tudo isso — e muito mais! — é "salvação".

Foi para garantir estas preciosas bênçãos que Jesus Cristo veio a este mundo, morreu na cruz e ressuscitou. Foi ele que tomou a iniciativa: "o Filho do homem veio pura buscar e salvar o perdido".[669]

Ele se comparou a um pastor de ovelhas que deixou o resto de seu rebanho a fim de ir atrás daquela que se havia perdido. Longe de abandoná-la, na esperança de que ela pudesse sair balindo e tropeçando até encontrar o caminho de volta para casa, ele arriscou a própria vida para ir à procura dela.[670] Na verdade, "o bom pastor" deu a sua vida por suas ovelhas.[671] Deliberada e voluntariamente, Jesus foi para a cruz, a fim de identificar-se conosco. Deus, em Cristo, assumiu o nosso lugar, a fim de que pudéssemos ser perdoados e feitos nova criação. E então ele foi ressuscitado dos mortos em um evento sobrenatural, a fim de reverter o veredito humano sobre ele e de vindicar sua pessoa divino-humana e sua obra salvadora.

Isto também é singular, um fato único. Não é só em sua encarnação que se pode ver a unicidade de Cristo. Todo o conceito de um Deus gracioso — que se recusou a ser conivente com os nossos pecados, como também a condenar-nos por eles; que, ao invés disso, tomou a iniciativa de nos resgatar; que se entregou à vergonha e sofrimento da morte na cruz e que quebrou o poder da morte através de sua ressurreição — não tem paralelo em outras religiões. "Se existe alguma outra religião que tenha qualquer coisa pelo menos parecida com as doutrinas da encarnação e da expiação", escreveu Stephen Neill, "eu ainda estou por encontrá-la."[672] Mas ela não pode ser encontrada. Emil Brunner tinha razão quando se referiu ao "otimismo auto-confiante de toda religião não-cristã" ao ensinar várias formas de salvar-se a si mesmo, enquanto que o evangelho coloca toda a ênfase na iniciativa de Deus em ir graciosamente ao encontro dos pecadores, e na "falta de esperança própria" como a "antecâmara da fé".[673]

O Budismo considera a situação humana mais através do sofrimento do que do pecado, como também no "desejo", que ele considera a raiz do sofrimento. A libertação só pode vir pela abolição do desejo por intermédio do esforço próprio. Não existe Deus nem Salvador. "Lutar sem cessar" foram as últimas palavras de Buda aos seus discípulos, antes de morrer.

O Hinduísmo filosófico situa o nosso problema no *maya,* geralmente entendido como a "ilusão" da nossa experiência no tempo e no espaço. O Hinduísmo popular, por sua vez, ensina a inflexível doutrina do *karma,* ou seja, a retribuição através da reencarnação. Cada pessoa deve comer o fruto de seus próprios erros, seja agora, seja no futuro. Do infindável ciclo *(samsara)* de renascimentos ou reencarnações não há escapatória pelo perdão, mas somente por aquela libertação final chamada Nirvana, que significa a extinção do ser individual e a absorção em uma realidade divina impessoal (Brahman).

O Judaísmo continua, evidentemente, a ensinar ao penitente a possibilidade do perdão, conforme prometido no Antigo Testamento, mas nega que Jesus seja o Messias e também que a sua morte expiatória seja o único fundamento para o perdão de Deus. Para o meticuloso e honesto estudioso judeu C. G. Montefiore, a "grandeza e originalidade" de Jesus reside em sua nova atitude para com os pecadores. Ao invés de evitá-los, ele agia, indo à procura deles. Os rabis diziam que Deus acolhe os pecadores que voltam para ele; mas eles nunca haviam falado de um amor divino que toma os primeiros passos para ir buscá-los e salvá-los:

Esta busca direta pelo pecador e esse apelo direto a ele são novas e comoventes notas de alta importância e significância. O bom pastor que vai em busca da ovelha perdida, e que a reclama e se alegra por ela, é um dado novo...[674]

O Islamismo proclama claramente a misericórdia de Deus. Cada um dos 114 *suras* (capítulos) do Alcorão é introduzido com as palavras "Em Nome de Alá, o Compassivo, o Misericordioso". Mas ele não traz nenhuma demonstração histórica sacrificial que evidencie a sua misericórdia. E quando se pesquisa mais a fundo, percebe-se que Alá é misericordioso para com o merecedor, aqueles que oram, dão esmolas e jejuam no Ramada. Não há sequer uma mensagem para os pecadores que merecem julgamento, a não ser que eles hão de receber o julgamento que merecem.

---

[669] Lc 19.10

[670] Lc 15.1-7

[671] Jo 10.11, 15

[672] Extraído de um artigo publicado em *Church of England Newspaper,* 28/3/76.

[673] Emil Brunner, *The Mediator* (1927; ET Westminster, 1947), pp. 291-299

[674] C. G. Montefiore, *The Synoptic Gospels* (Macmillan, 2nd. ed., 1927), vol. I, pp. cxviii, 55; vol. II, pp. 520-552.

Além disso, o que nós esperamos que o muçulmano procure em Jesus já é por si só um motivo de grave ofensa ao orgulho muçulmano. Nós sugerimos — e não poderíamos fazer outra coisa — que ele encontre um Salvador. O muçulmano diz que ele não tem necessidade alguma disso.[675]

Não resta dúvida alguma de que a principal diferença entre o Cristianismo e as religiões do mundo (e a principal pedra de tropeço que elas podem encontrar nele) é a cruz. Ela humilha todo orgulho e acaba com qualquer esperança de salvação própria. Fala também da incalculável generosidade do amor de Deus em prover este caminho de salvação. Foi aí que o líder cristão japonês Toyohiko Kagawa (que morreu em 1960) encontrou a unicidade do Cristianismo:

Sou muito grato pelo Xintoísmo, o Budismo e o Confucionismo. Eu devo muito a estas religiões... Só que as três religiões fracassaram completamente em ministrar as mais profundas necessidades do meu coração. Eu era um peregrino viajando por uma longa estrada que não tinha volta. Estava exausto. Meus pés estavam feridos. Eu vagava através de um mundo escuro e desanimador, onde as tragédias eram abundantes... O Budismo ensina a compaixão... mas, desde o princípio dos tempos, quem é que declarou: "Este é o meu sangue da aliança que é derramado por muitos para remissão dos pecados"?[676]

Jesus é nosso

O título completo de Jesus Cristo não é "o Senhor e Salvador", mas *"nosso* Senhor e Salvador". Nós não podemos ignorar este pronome possessivo. É uma palavra pequena, mas altamente significativa. Ela indica que existe, escondido em seu título, uma terceira afirmativa, a saber, que *Jesus é nosso.*

Já no Antigo Testamento o pronome possessivo "meu" costumava expressar a relação pessoal que o povo da aliança de Deus desfrutava com ele, especialmente quando eles se dirigiam a ele em oração, como nos Salmos. Por exemplo: "Senhor, rocha minha e redentor meu", "O Senhor é o meu pastor", "O Senhor é a minha luz e a minha salvação... a fortaleza da minha vida", "Só ele é a minha rocha e a minha salvação, o meu alto refúgio" e "O Deus, tu és o meu Deus forte, eu te busco ansiosamente".[677]

No Novo Testamento, o que se afirma é um relacionamento pessoal idêntico com Jesus Cristo. Tanto Paulo como Pedro constituem-se em notáveis exemplos disso. Eis o de Paulo: "Considero tudo como perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus meu Senhor."[678] Quanto a Pedro, ele reivindica esse relacionamento de intimidade, não somente para si mesmo, mas também para os seus leitores: "... Jesus Cristo, a quem, não havendo visto, amais; no qual, não vendo agora, mas crendo, exultais com alegria indizível e cheia de glória."[679]

Estas são declarações de que Cristo é nosso contemporâneo. O Jesus que nasceu em nosso mundo e que viveu o morreu na Palestina do primeiro século também ressuscitou dentre os mortos, e agora vive para sempre e está à disposição e acessível para o seu povo. Jesus Cristo não é para ser relegado, como outros líderes religiosos, à história e aos livros históricos. Ele não morreu e se foi, acabado e fossilizado. Está vivo e em plena ação. Ele nos chama a segui-lo e se oferece a nós como nosso Salvador, para viver em nós e transformar-nos.

Isto é geralmente explicado no Novo Testamento como se significasse que sua disponibilidade para nós se dá através do Espírio Santo, que é o Seu Espírito.[680] Paulo indica isto ao orar pelos efésios, pedindo que "(o Pai) vos conceda que sejais fortalecidos com poder, mediante o seu Espírito no homem interior; e assim habite Cristo nos vossos corações, pela fé".[681] Na verdade, porém, a fé cristã é essencialmente trinitária. Nós vamos ao Pai através do Filho e pelo Espírito,[682] e o Pai vem a nós através do Filho pelo Espírito.[683]

Uma vez mais, isto é singular. Nada existe que seja comparável a isto em outras religiões. O budista não pode afirmar que conhece Buda, nem o confucionista que conhece Confúcio, nem o muçulmano, Maomé, nem o marxista que conhece Marx. Cada um reverencia o fundador de sua religião ou ideologia como um mestre do passado. Também para os cristãos Cristo é um mestre; porém, muito mais do que isso, ele é o nosso Senhor e Salvador que está vivo. Frases afirmando isto "ocorrem página após página no Novo Testamento, deixando claro

---

[675] S. C. Neill, *Crises of Belief/ Christian Faith and Other Faiths,* p. 87
[676] T. Kagawa, *Christ and Japan* (SCM, 1934), pp. 108, 113
[677] Sl 19.14; 23.1; 27.1; 62.2; 63.1
[678] Fp 3.8
[679] 1 Pe 1.7-8
[680] P. *ex.* Jo 14.16-18, 21; Rm 8 9-10
[681] Ef 3.16-17
[682] Ef 2.18
[683] Jo 14.16-23

que é esse relacionamento pessoal e íntimo de confiança, devoção e comunhão que é o próprio cerne da fé cristã".[684]

Lorde Coggan, quando Arcebispo de Cantuária, chamou atenção para isto ao referir-se às 164 ocorrências da fórmula favorita de Paulo, "em Cristo":

É uma frase estranha. Mal se pode encontrar um uso paralelo a ela na vida comum. Se, digamos, um amigo íntimo de Churchill que, depois de passar muitos anos com ele, tivesse dedicado uma década para escrever sobre sua vida, estivesse falando conosco sobre esse grande homem, pode ser que ele resumisse o seu relacionamento com ele de muitas e diferentes maneiras. Ele poderia dizer que o temia, ou que o admirava, ou mesmo que o amava. Mas ele nunca diria "Eu sou um homem em Churchill". Nunca iria lhe ocorrer usar uma frase dessas. Mas Paulo foi, acima de qualquer outra coisa, "um homem em Cristo".[685]

Embora esteja certo enfatizar desse jeito o relacionamento pessoal, individual do crente com Cristo, indicado pelo possessivo singular "meu", mesmo assim o seu título completo incluí o possessivo *plural* "nosso". Deus está chamando um povo para si mesmo, e o foco de unidade do seu povo é Jesus Cristo. E ele que vem e fica entre nós quando nos reunimos para adorar. "Eu estou com vocês", diz ele, até mesmo quando somente dois ou três se reúnem em meu nome.[686] E ele repete a sua promessa a nós quando saímos para fazer discípulos de todas as nações: "Estou convosco todos os dias até à consumação do século".[687]

Eis aqui, pois, os três principais aspectos da unicidade de Jesus Cristo. Ele é Senhor. Ele é Salvador. Ele é nosso. Afinal, ele é "nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo". Historicamente falando, estas são alusões ao seu nascimento, morte e ressurreição. Teologicamente, referem-se à encarnação, à expiação e ao dom do Espírito do Senhor ressurreto.

Com efeito, já que em nenhuma outra pessoa, a não ser o Jesus de Nazaré histórico, Deus se tornou humano, viveu na terra, morreu por nossos pecados, venceu a morte, foi elevado aos céus e enviou o Espírito Santo, não há, portanto, nenhum outro Salvador. Afinal, não existe nenhuma outra pessoa que possua estas qualificações e que tenha, portanto, a competência de salvar.

Hendrik Kraemer, o teólogo holandês que dirigiu a Conferência Missionária Tambaram em 1938, enfatizou fortemente os eventos da unicidade de Cristo. Cinquenta anos mais tarde, Lesslie Newbigin diria:

Kraemer não reivindicou unicidade para o Cristianismo, que é um fenômeno humano mutável, variegado e ambíguo; ele reivindicou unicidade para os eventos que constituem a substância do evangelho. Usando a frase favorita de Kraemer, estes eventos são *sui generis.* Pode ser que haja idéias, estórias, mitos, lendas que reflitam as mesmas motivações, mas, em se tratando de história, ... nada há que se possa colocar lado a lado com esta história. O evangelho é, estritamente, *sui generis,* sem igual.[688]

Portanto, não basta declarar que Jesus é único, no sentido de que todo ser humano é único, assim como cada floco de neve é de fato único, como toda folhinha de grama. Nem tampouco podemos acompanhar o professor Paul Knitter em sua tentativa de interpretar a fraseologia do Novo Testamento que diz ser Cristo "um só e único". É a linguagem do testemunho e não teologia, diz ele; a linguagem do amor, e não ciência; é linguagem de fé entusiasta, e não filosofia analítica. É, continua ele, "muito mais a linguagem que um marido usaria para sua esposa...: 'Você é a mulher mais linda do mundo... Você é a única mulher para mim'."[689] É poesia, hipérbole, e não verdade literal. Mais adiante, Knitter argumenta que é "linguagem em ação", cujo propósito *primordial* era, não definir uma doutrina, nem excluir outras pessoas, mas, sim, incentivar uma ação por Cristo em "total comprometimento com a sua visão e maneira de agir".[690]

Mas não é bem assim. Esta apelação para diferentes usos de linguagem, se bem que engenhosa, é certamente pura defesa. Um estudo cuidadoso dos textos que se referem a Cristo como "um só e único", dentro de seu contexto, deveria convencer-nos de que eles não são puramente expressões poéticas de fé e amor, para se tomar com uma pitadinha de sal. Pelo contrário, são solenes afirmações da verdade, que têm consequências eternas no que concerne à salvação. Além do mais, todas elas, quer implícita ou explicitamente, tiram sua conclusão negativa ("nenhum outro") a partir de sua declaração positiva (somente ele). Por isso, já uma vez que

---

[684] Stephen C. Neill, *Christian Faith Today* (Penguin, 1955), pp. 17-18

[685] Donald Coggan, *Paul — Portrait of a Revolutionary* (Hodder and Stoughton,1984), p. 75

[686] *Cf.* Mt 18.20

[687] Mt 28.20.

[688] *International Review of Mission,* julho 1988, p. 327

[689] P. F. Knitter, *No Other Name?,* p. 196

[690] *The Myth of Christian Uniqueness,* p. 196

só ele conhece o Pai, então somente ele pode fazê-lo conhecido;[691] e, como ele é "o caminho, a verdade e a vida", por isso é que ninguém pode vir ao Pai a não ser por ele.[692] De igual maneira, já que o nome de Jesus Cristo, a quem Deus ressuscitou dos mortos, é poderoso para salvar, não existe outro nome que possa salvar.[693] Portanto (até mesmo no devassador sincretismo do mundo greco-romano) "há um só Deus, o Pai... e um só Senhor, Jesus Cristo...";[694] há um só sumo sacerdote, que ofereceu um único sacrifício (ele mesmo) pelos pecados de uma vez por todas;[695] e, devido a sua morte como remissão dos pecados de todos, "há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem."[696]

Um só caminho, um só nome, um só Deus, um só Senhor, um só Mediador. A reivindicação é exclusiva e a implicação, inevitável. Aquilo que é verdadeiramente único tem significância universal e deve tornar-se universalmente conhecido, ao passo que, citando uma vez mais Visser't Hooft, "não existe universalidade alguma se não existir nenhum evento que seja único".[697] Assim, unicidade e universalidade andam juntas. Já que Deus exaltou Jesus acima de tudo, e lhe deu o inigualável nome de "Senhor", que está acima de qualquer outro nome, por isso é que todo joelho deve dobrar-se diante dele. Por ser Jesus Cristo o único Salvador, por isso é que nós temos a obrigação de anunciá-lo em todo lugar. O "inclusivismo" da missão deve-se precisamente à "exclusividade" do Mediador. Para completar, a ele foi dada autoridade universal sobre as nações; é por isso que ele nos manda ir e fazer discípulos das nações.[698]

Para concluir, eu gostaria de tentar responder duas questões que ocorrem à minha mente e que podem estar na mente do leitor. Ambas têm a ver com o nosso relacionamento com adeptos de outras religiões.

A primeira indagação pode ser esta: "Você está sugerindo uma total descontinuidade entre o Cristianismo e as outras religiões, de forma que toda a verdade está contida nele e nenhuma verdade nelas?" Não. Os cristãos certamente acreditam que Deus se revelou em Jesus Cristo, como o testemunham as Escrituras, de uma maneira única e definitiva, de forma que, nesta vida, ele nada mais tem a revelar além do que já revelou (se bem que, evidentemente, nós temos muito mais a aprender). Mas nós não estamos dizendo que fora da igreja Deus deve ser considerado inativo e a verdade ausente. De maneira alguma. Deus sustenta todas as suas criaturas e, portanto, "ele não está longe de nenhuma delas". Elas são, por criação, "geração de Deus", e "vivem", "movem-se"e "existem" nele.[699] Da mesma maneira, o próprio Jesus Cristo, sendo o *logos* de Deus e a luz dos homens,[700] atua incessantemente no mundo. Já que ele é descrito como "a verdadeira luz que, vinda ao mundo, ilumina a todo homem",[701] nós ousamos declarar que toda beleza, verdade e bondade, onde quer que se encontrem entre os seres humanos, derivam dele, quer as pessoas saibam, quer não. Este é um aspecto da assim chamada "graça comum" de Deus, seu amor demonstrado para com toda a humanidade; no entanto, não é a sua "graça salvadora", que ele estende àqueles que clamam humildemente a ele por misericórdia.

A segunda pergunta pode ser uma sequência da primeira: "Então não existe nenhuma esperança de salvação para aqueles que pertencem a outras religiões e que talvez nunca tenham ouvido falar de Jesus?" Vou tentar responder biblicamente esta pergunta extremamente perspicaz. Isto significa que precisamos combinar confiança com agnosticismo, aquilo que sabemos (porque a Escritura o ensina claramente) com aquilo que não sabemos (ou porque a Escritura não o deixa claro, ou então porque ela silencia a esse respeito).

O que nós sabemos a partir da Escritura é que não existe possibilidade alguma de salvação própria. Todos os seres humanos, a partir da revelação geral de Deus, têm algum conhecimento de Deus e daquilo que é bom; todos fracassaram quanto a viver de acordo com aquilo que conhecem; e todos são, portanto, culpados diante de Deus, e se encontram em estado de "perdição" (a menos que Deus intervenha). E este o argumento de Romanos 1 a 3. Ninguém pode ganhar sua própria salvação através da sua religião, sinceridade ou filantropia. Nem quem diz ser cristão, nem pessoa alguma. Além disso, o centurião Cornélio não é uma exceção à regra, como às vezes se insinua. Sua história ensina que há salvação — tanto para os gentios como para os judeus, e

[691] Mt 11.25-27.
[692] Jo 14.6
[693] At 4.10-12
[694] l Co 8.5-6
[695] Hb 10.12-14
[696] 1 Tm 2.5-6.
[697] W. A. Visser't Hooft, *No Other Name?,* p. 102
[698] Mt 28.18-29
[699] At 17.27-28
[700] Jo 1.1-5
[701] Jo 1.9

nos mesmos termos; ela não ensina que ele a adquiriu mediante sua própria retidão, piedade ou generosidade. Pelo contrário, precisou ouvir o evangelho e responder a ele a fim de receber salvação, vida, purificação e o Espírito Santo.[702] Portanto, é impossível salvar-se a si mesmo. Sabemos também que Jesus Cristo é o único Salvador (pois, como já vimos, só ele tem as qualificações necessárias) e que a salvação é somente pela graça de Deus, baseada somente na cruz de Cristo, e somente pela fé.

O que nós não sabemos, contudo, é exatamente quanto conhecimento e entendimento do evangelho as pessoas precisam ter antes que elas possam clamar a Deus por misericórdia e salvação. No Antigo Testamento, as pessoas eram certamente "justificadas pela graça através da fé", embora tivessem pouco conhecimento de Cristo ou expectativa quanto a sua vinda. Talvez hoje haja outros que se encontram em situação semelhante. Eles sabem que são pescadores e culpados diante de Deus, e que nada podem fazer para conquistar seu favor; assim, em desespero próprio, eles clamam ao Deus que eles mal percebem para que os salve. Se Deus salva gente assim, como muitos evangélicos pensam, sua salvação continua sendo só pela graça, só através de Cristo e somente pela fé.

Outra coisa que nós sabemos é que o número final de pessoas redimidas por Deus será na verdade incontável,[703] em cumprimento final à promessa de Deus a Abraão, de que sua posteridade (tanto espiritual como física) seria "como as estrelas dos céus e como a areia na praia do mar".[704] Nesta mesma linha, parece que nos é garantido por Paulo que haverá muito mais pessoas salvas do que perdidas, pois a obra de Cristo em promover a salvação terá mais sucesso do que a de Adão em promover a ruína, e também porque a graça de Deus em produzir vida irá transbordar "muito mais" do que a transgressão de Adão para a morte.[705]

Embora tenhamos sólidas bases bíblicas para alimentar esta expectativa, nós não sabemos como Deus vai conseguir isso. Mas se, por um lado, continuamos agnósticos a esse respeito, por outro, não podemos ter dúvida alguma quanto ao nosso dever. Nós somos enviados por Aquele que tem autoridade para fazê-lo a pregar o evangelho e fazer discípulos. Dificilmente as pessoas vão dar atenção a alguém em quem não acreditam, ou acreditar em quem não ouviram, ou ouvir, se ninguém tiver pregado a elas.[706] É muito mais fácil as pessoas acreditarem depois de terem ouvido as boas novas de Cristo crucificado. Só quando elas ouvirem sobre a cruz e a misericórdia de Deus para com os pecadores que elas irão clamar: "Deus, tem misericórdia de *mim,* pecador!" Como disse Paulo, "a fé vem pela pregação e a pregação pela palavra de Cristo".[707]

Assim, pois, negar a unicidade de Cristo é extirpar o nervo da missão, tornando-a, supérflua. Afirmar sua unicidade, por sua vez, é reconhecer a necessidade de torná-lo universalmente conhecido.

CAPITULO DEZENOVE
NOSSO DEUS É UM DEUS MISSIONÁRIO

Todo o conceito de "missão" está desaprovado no mundo de hoje, e cresce a hostilidade em relação a ele. Evangelização, zelo missionário, tentativas de converter outras pessoas, tudo é rejeitado por ser considerado "incompatível com o espírito de tolerância", "uma total violação à liberdade individual" e "uma forma extremamente desagradável de arrogância". Até na igreja certos membros são completamente indiferentes à missão da igreja, enquanto que outros lhe opõem ativa resistência. "Como pode uma religião reivindicar o monopólio da verdade?", perguntam. "Não existem muitos e variados caminhos para Deus?""Que direito temos nós de interferir na privacidade dos outros, ou de tentar impor a eles nossos pontos de vista? Cada um que cuide da sua própria vida e deixe que os outros cuidem da sua."

Por detrás dessa retórica negativa escondem-se três grandes objeções à missão cristã: ela seria uma forma de intolerância, de arrogância e de violência. Como podemos responder a estas críticas?

A tolerância é talvez a mais valorizada das virtudes na cultura ocidental, hoje. Mas nem sempre as pessoas definem o que querem dizer com tolerância. Se nós estabelecermos uma distinção entre três diferentes tipos de tolerância, quem sabe isso ajude a esclarecer. A primeira poderia ser chamada de *tolerância legal;* ela procura garantir que os direitos religiosos de toda minoria (geralmente resumidos como a liberdade de "professar, praticar e propagar" a religião) sejam devidamente protegidos pela lei. Os cristãos deveriam ser os primeiros a lutar por isso. Outro tipo é a *tolerância social,* que estimula o respeito a todas as pessoas, quaisquer

[702] At 11.14, 18; 15.9
[703] Ap 7.9
[704] Gn 22.17
[705] Rm 5.15-21
[706] Rm 10.14
[707] Rm 10.17

que sejam os seus pontos de vista, procura compreender e valorizar a postura destes e promove a boa vizinhança. Esta também é uma virtude que aos cristãos interessa cultivar; ela brota naturalmente do nosso reconhecimento de que todos os seres humanos são criaturas de Deus e portadores de sua imagem, e de que ele deseja que vivamos juntos, em harmonia. Mas, e a *tolerância intelectual,* que é o terceiro tipo? Cultivar uma mente tão aberta que seja capaz de abraçar qualquer opinião, por mais falsa ou danosa que seja, sem nunca rejeitar coisa alguma, isso não é virtude; é um vício que denota fraqueza de espírito e de moral. No final, acaba gerando uma confusão sem princípios entre verdade e erro, entre o bom e o mal. Os cristãos, que crêem que o bem e a verdade foram revelados em Cristo, não podem aceitar isso. Nós estamos decididos a dar testemunho de Cristo, que é a encarnação dos dois. Foi essa convicção que levou William Temple, quando Arcebispo de Cantuária, a declinar de convites para associar-se ao Congresso Mundial de Religiões e a escrever: "Estou convicto de que o cristianismo é uma religião profundamente intolerante".[708]

Se missão não é, no mau sentido, intolerante, então seria ela arrogante? Acho que deveríamos começar admitindo que certas atitudes cristãs e métodos evangelísticos poderiam ser considerados, e com justiça, como "orgulhosos" e "paternalistas". Nós precisamos ser sensíveis e arrepender-nos dessas falhas que os outros enxergam em nós, cristãos. Os evangelistas nunca deveriam ser imperialistas, nem ambicionar o crescimento de seu império pessoal ou o prestígio de sua igreja ou organização; sua ambição deveria ser o reino de Deus. O espírito de cruzada, a mentalidade triunfalista e o estilo jactancioso são todos inapropriados para um embaixador de Cristo. A humildade é a virtude cristã preeminente e deveria caracterizar todos os nossos pensamentos, palavras e ações.

O Relatório de Willowbank (O *Evangelho e a Cultura),* resultado de uma consulta internacional realizada em janeiro de 1978, inclui uma seção inteira intitulada "Procura-se: Mensageiros Humildes do Evangelho!". Metade dela é "uma análise da humildade cristã numa situação missionária" e concentra-se na necessidade de humildade cultural. Certos missionários ocidentais cometeram o equívoco de confundir Cristo com cultura. Tornaram-se, então, "culpados de um imperialismo cultural, que tanto mina a cultura local desnecessariamente como procura impor uma cultura alienígena em seu lugar."[709] O Relatório continua:

Sabemos que nunca deveríamos condenar ou desprezar outra cultura, mas, ao invés disso, respeitá-la. Não advogamos nem a arrogância que impõe nossa cultura a outros, nem o sincretismo que mistura o evangelho com elementos culturais incompatíveis com ele, mas, antes, a humilde partilha das boas novas, tornada possível pelo respeito mútuo de uma amizade genuína.[710]

Dada a necessidade de arrepender-se da sua arrogância, tanto pessoal quanto cultural, seria o próprio conceito de missão inerentemente arrogante? Segundo Kenneth Cragg, conceituado especialista cristão em assuntos do Islã, o que acontece é justamente o contrário:

A descrição de missão como egoísmo religioso pode ter certa validade em relação a algumas de suas deslealdades. Mas é justamente deixar de fazer missão que se constituiria em egoísmo extremamente condenável, pois iria atestar um direito de propriedade sobre algo que é grande demais para pertencer a uns poucos e inclusivo demais para ser arrogado somente para alguns... Crer em Cristo é reconhecê-lo como um Cristo universal. Uma vez que ele é requisito para todos, ele não é propriedade de ninguém. A missão cristã é simplesmente um ativo reconhecimento das dimensões do amor de Deus.[711]

A terceira objeção à missão cristã é que ela seria uma violenta agressão às pessoas. Para algumas pessoas, a evangelização, além de uma agressão, é também uma intromissão, pois implica em invasão indesejada a um território privado. Uma vez mais, precisamos reconhecer que às vezes isto é verdade. Aliás, a Grande Comissão não nos dá nenhum direito de invadir o espaço pessoal dos outros ou de derrubar as barreiras com as quais as pessoas procuram se proteger. Eu, pessoalmente, gostaria que nós chegássemos a um acordo quanto a expurgar o nosso vocabulário evangelístico de toda metáfora violenta. O termo "cruzada", por exemplo, lembra as expedições militares medievais para a Terra Santa; "campanha" lembra operações de exército; e até mesmo a palavra "missão" faz lembrar ataques em tempos de guerra, enquanto que falar em comunidades como "alvos" dá mais a idéia de projéteis e bombas do que do evangelho da paz. Como podemos evangelizar com integridade se não formos expressão da "mansidão e humildade" do Cristo que proclamamos?[712]

---

[708] Numa carta escrita para Lorde Samuel em 26 de novembro de 1942, publicada em *Some Lambeth Letters,* ed. F.S. Temple (Oxford University Press, 1963), pp. 40-41.

[709] *0 Evangelho e a Cultura* (ABU e Visão Mundial, 1983), p.20..

[710] I*bid,* p. 24

[711] Kenneth Cragg, (Oxford University Press, 1956), pp. 182-183

[712] 2 Co 10:1

Quando as pessoas falam em "proselitismo" em um tom depreciativo, em geral elas parecem ter em mente algum tipo de conversão à força. Portanto, deveria haver uma distinção muito clara entre "proselitismo" e o verdadeiro "evangelismo". Com efeito, existe entre as igrejas uma larga medida de consenso no sentido de que "proselitismo" é sinônimo de "testemunho indigno".[713] Além do mais, a "indignidade" de um testemunho proselitista pode ter relação direta com as nossas motivações (preocupação com a nossa própria glória, ao invés de visarmos a glória de Cristo), nossos métodos (confiar em técnicas de pressão psicológica ou no oferecimento de benefícios sob a condição de conversão, em vez de confiar no poder do Espírito Santo) ou mesmo com a nossa mensagem (enfocar a pretensa falsidade e as falhas dos outros, ao invés de enfatizar a verdade e a perfeição de Jesus Cristo). Além disso, não há necessidade alguma de se recorrer a nenhum tipo de "testemunho indigno". Afinal de contas, a verdade acabará prevalecendo. Como disse Paulo, "nada podemos contra a verdade, senão em favor da própria verdade".[714] Aqueles que usam pressões inadequadas estão, portanto, admitindo a sua própria fraqueza.

A verdadeira missão cristã, pois, é plenamente compatível com uma tolerância autêntica, uma humildade genuína e uma mansidão igual à de Cristo. Além disso, ela faz parte do Cristianismo histórico. Isto acontece, em parte, como vimos no último capítulo, porque o Cristianismo afirma tanto a finalidade de Cristo (ele não tem sucessores) como a sua unicidade (ele não tem semelhantes nem rivais). Sua unicidade dá a ele significância universal; ele deve tornar-se conhecido no mundo todo.

E tem mais. A missão cristã tem suas raízes na natureza do próprio Deus. A Bíblia o revela como um Deus missionário (Pai, Filho e Espírito Santo), que cria um povo missionário e que está trababalhando para uma consumação missionária. Se este capítulo fosse um sermão, eu teria que anunciar como texto a Bíblia inteira! Não seria possível selecionar um texto mais curto, se é que queremos estabelecer uma base bíblica adequada para a missão cristã. Eu proponho, portanto, que tracemos um rápido panorama da Bíblia, dividindo-a em suas cinco seções. Olharemos, em primeiro lugar, para o Antigo Testamento e para Deus o Pai, o Criador do mundo, o Deus da aliança de Israel; depois olharemos para os Evangelhos e para o nosso Senhor Jesus Cristo, o Salvador dos pecadores; terceiro, para Atos e para o Espírito Santo em ação nos apóstolos e através destes; em quarto lugar, examinaremos as Epístolas e as igrejas que elas registram, vivendo e testemunhando responsavelmente no mundo; e, quinto, para o Apocalipse e para o clímax da história, quando o povo redimido de Deus será congregado dentre todas as nações. Cada estágio sucessivo é uma nova revelação missionária.

O Deus do Antigo Testamento é um Deus missionário

A idéia de que o Antigo Testamento é um livro missionário e de que Deus é um Deus missionário é uma surpresa para muita gente. Afinal, sempre se pensa no Deus do Antigo Testamento como sendo exclusivamente o Deus de Israel. Todos recordam como Deus chamou Abraão e fez uma aliança com ele e seus descendentes; como ele renovou a sua aliança com Isaque e Jacó e, posteriormente, com as doze tribos que ele resgatara da escravidão no Egito e trouxera para o Monte Sinai, onde prometeu que seria o seu Deus e que faria deles o seu povo; como ele os estabeleceu na terra prometida e os abençoou com reis, sacerdotes e profetas, preparando-os para a vinda do Messias. E tudo isso é verdade. Só que é apenas uma parte da verdade. Afinal, o Antigo Testamento começa, não com Abraão, mas com Adão; não com a aliança, mas com a criação; não com a raça escolhida, mas com a raça humana. Ele declara enfaticamente que Javé, o Deus de Israel, não era um deusinho tribal de estimação como Camos, o Deus dos moa-bitas, ou Milcom, o deus dos amonitas, mas o criador dos céus e da terra, o Senhor das nações, o "Autor e Conservador de toda vida".[715] Esta é a perspectiva de todo o Antigo Testamento.

Além disso, o chamado de Abraão não contradisse esta visão de mundo; ele o estabeleceu. Javé dissera a Abraão que deixasse "a sua terra, a sua parentela e a casa do seu pai" e fosse para uma outra terra que ele lhe haveria de mostrar. Agora Deus lhe disse:

"De ti farei uma grande nação,
e te abençoarei, e te engrandecerei o nome.
Sê tu uma bênção. Abençoarei os que te abençoarem,
e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; em ti serão benditas

[713] Ver, por exemplo, o documento feito em conjunto pela Igreja Católica e o Concílio Mundial: *Common Witness and Proselytism* (1970)
[714] 2 Co 13:8
[715] Nm 16:22; 27:16 (RSV)

todas as famílias da terra."[716]

Assim, Abraão deveria deixar a sua própria terra e esperar que lhe fosse mostrada uma outra; deixar o seu próprio povo e transformar-se em outro povo. Deus prometeu não somente abençoá-lo, mas também fazer dele uma bênção; não somente dar a ele uma posteridade, mas através desta abençoar "todas as famílias da terra".

Não seria exagero dizer que Gênesis 12.1-4 é o texto mais unificador da Bíblia inteira, pois nele se encerra o propósito salvífico de Deus, ou seja, de abençoar o mundo inteiro através de Cristo, que seria semente de Abraão. O resto da Bíblia é um desdobramento disso e a história subsequente tem sido um cumprimento disso. Primeiro Deus preparou Israel para a vinda de Cristo; e depois, através da sua vinda, tem abençoado o mundo desde então. Nós mesmos não seríamos seguidores de Jesus, hoje, se não fosse por este texto: nós somos beneficiários da promessa de Deus feita a Abraão há cerca de quatro mil anos. "Se sois de Cristo", escreveu Paulo, "também sois descendentes de Abraão, e herdeiros segundo a promessa."[717] Uma vez mais, se compartilhamos da sua fé, "Abraão é pai de todos nós".[718] Pois a promessa divina foi um anúncio prévio do evangelho feito a Abraão, a saber, que Deus "justificaria pela fé os gentios".[719]

O trágico no Antigo Testamento é que Israel vivia se esquecendo do escopo universal da promessa de Deus. Eles negligenciavam o fato de que Deus havia escolhido uma família a fim de abençoar todas as famílias. Passaram a preocupar-se consigo mesmos e com sua própria história. Chegaram ao ponto de perverter a verdade da eleição divina, interpretando-a erroneamente como favoritismo divino, o que os levou a se vangloriarem de seu status privilegiado e a pressuporem que eram imunes ao juízo de Deus.

Assim, os profetas tinham que viver tentando ampliar a visão deles, lembrando-os de que o propósito de Deus através dos descendentes de Abraão era abençoar as nações. Por exemplo, Deus iria fazer das *nações* a "herança" e a "possessão" do Messias;[720] *todas as nações* iriam servi-lo;[721] ele haveria de ser uma luz para as *nações* gentias;[722] e, naquele dia, *todas as nações e povos* afluiriam para o templo do monte do Senhor.[723]

O Cristo dos Evangelhos é um Cristo missionário

Em 1850, David Livingstone, o intrépido missionário pioneiro na Africa, escreveu à sua irmã Agnes:

O cumprimento de uma missão do Rei dos reis jamais deveria ser considerado um sacrifício, enquanto outros acham que é uma honra servir a um governo terreno... Eu sou missionário de coração e alma. Deus só teve um filho, e este foi missionário e médico. Eu sou uma pobre, pobre imitação dele... A seu serviço eu espero viver; e no seu serviço desejo morrer.[724]

Alguns anos mais tarde, Robert Speer, secretário itinerante do Movimento Voluntário Estudantil dos Estados Unidos, escreveu em seu diário: "Se você quer seguir a Jesus Cristo, deve segui-lo até os confins da terra, pois é para lá que ele vai... Nós não podemos pensar em Deus sem imaginá-lo como um Deus missionário."

É verdade que, segundo o registro de Mateus, duas vezes Jesus restringiu sua missão às "ovelhas perdidas de Israel". Ele disse aos Doze que não evangelizassem áreas gentílicas ou samaritanas, mas que "de preferência" procurassem as "ovelhas perdidas da casa de Israel".[725] E, mais tarde, disse a uma mulher cananéia, que lhe implorara em favor de sua filha endemoninhada, que ele fora enviado somente às ovelhas perdidas de Israel.[726] Isso nos deixa perturbados e até mesmo chocados, pelo menos até nos darmos conta de que esta foi uma limitação meramente temporária e histórica, relacionada apenas ao ministério terreno de Jesus. Ele acrescentou que, através de sua morte e ressurreição e pelo dom do Espírito, a salvação seria ofertada a todas as nações, a quem seus seguidores, conforme suas instruções posteriores, deveriam levar as boas novas.

Até mesmo o Evangelho de Mateus, que é o mais judaico de todos os quatro Evangelhos e que é o único

---

[716] Gn 12:1-4.
[717] G1 3:29
[718] Rm 4:16-17
[719] G1 3:8
[720] Sl 2:8
[721] S1 72:11
[722] Is 49:6
[723] Is 2:2
[724] W.G. Blaikie, David Livingstone (1908).
[725] Mt 10:6
[726] Mt 15:24

a incluir as duas referências às ovelhas perdidas da casa de Israel, deixa muito claro este horizonte global. Ele começa com a genealogia de Jesus, que é traçada desde Abraão, decerto para indicar que a promessa finalmente irá se cumprir.[727] A seguir, após o nascimento de Jesus, ele descreve a visita daqueles misteriosos magos, que eram provavelmente astrólogos zoroastrianos da Pérsia e que trouxeram os seus tesouros para o "rei dos judeus", e os quais Mateus vê como precursores das multidões gentílicas que mais tarde haveriam de prestar homenagem a Jesus.[728] Mateus registra também a memorável predição de Jesus de que "muitos virão do Oriente e do Ocidente e tomarão lugares à mesa com Abraão, Isaque e Jacó no reino dos céus".[729] E o Evangelho de Mateus termina com a mais completa versão que temos da assim chamada "Grande Comissão" ou "Comissão Universal". A missão dos Doze durante o ministério público de Jesus pode ter sido restrita às "ovelhas perdidas de Israel", mas a missão da igreja não tem essa limitação. Os seguidores de Jesus devem "ir e fazer discípulos de todas as nações", recebendo-os pelo batismo na comunidade cristã e ensinando-os a obedecer todas as orientações do seu Mestre.[730] Esta comissão às nações nunca foi rescindida; eia continua unindo o povo de Deus. Ela foi feita pelo Cristo ressurreto, que podia afirmar que "toda autoridade no céu e na terra" lhe havia sido dada. Há uma intenção muito clara quanto à relação entre essa "toda autoridade" que ele reivindicava e "todas as nações" a quem ele comissionou seus seguidores discipulá-las. A missão universal da igreja brota da autoridade universal de Jesus.

O Espírito Santo dos Atos é um Espírito missionário

Roland Allen, notável missionário anglicano que atuou no Norte da China de 1895 a 1903, tinha um profundo anseio de que a igreja resgatasse os três princípios de autoctonia (autogoverno, auto-sustento e autopropagação) que caracterizaram a política missionária do apóstolo Paulo. Seus livros mais conhecidos são *Métodos Missionários: Nossos ou de Paulo? {1912)* e *O Crescimento Expontâneo da Igreja* (1927). Menos conhecido é o seu breve estudo do livro de Atos, *O Pentecoste e o Mundo,* cujo subtítulo é *A Revelação do Espírito Santo nos Atos dos Apóstolos,* em que ele escreve: "O livro dos Atos é essencialmente um livro missionário... Não se pode deixar de concluir que o Espírito que foi dado era... de fato um Espírito missionário."[731] Este, continua ele, é "o grande, fundamental e inequívoco ensinamento do livro... É na revelação do Espírito Santo como um Espírito missionário que o livro de Atos se revela único no Novo Testamento."[732]

Roland Allen tinha razão. O Espírito Santo é o ator principal em Atos. O livro começa com os cento e vinte discípulos esperando. No cenáculo, em sua última noite com os Doze, Jesus havia prometido a vinda do Espírito o descrevera o futuro ministério do Espírito, de convencer, ensinar e testemunhar. Durante os quarenta dias que se passaram entre a ressurreição e a ascensão, a repetida mensagem foi que o Espírito lhes daria "poder" para testemunhar[733] e que eles deveriam esperar pela sua vinda.[734]

O Pentecoste foi, pois, um evento missionário. Foi o cumprimento da promessa de Deus dada por intermédio do profeta Joel, de derramar o seu Espírito "sobre toda a carne",[735] independentemente de raça, sexo, idade ou classe social. E as línguas estranhas que os discípulos falaram (o que claramente parece que as "línguas" foram, pelo menos no Dia de Pentecoste) foram um dramático sinal da natureza internacional do reino do Messias que o Espírito Santo viera estabelecer.

O restante do livro de Atos é um desdobramento lógico desse começo. Nós assistimos, fascinados, o Espírito missionário criando um povo missionário e impulsionando-os a saírem em sua tarefa missionária. Eles começaram a testemunhar aos seus companheiros judeus em Jerusalém e ao redor desta, nos quartéis-generais judaicos. Então Filipe tomou a corajosa iniciativa de testificar aos samaritanos, que estavam a meio caminho entre os judeus e os gentios.[736]A seguir veio a conversão do centurião Cornélio, um daqueles gentios "tementes a Deus", que havia aceitado o monoteísmo e os padrões éticos dos judeus mas continuara sendo gentio, vivendo à margem da sinagoga, mas sem aceitar a plena conversão. O Espírito Santo deu a evidência mais clara possível de

[727] Mt 1:2
[728] Mt 2:1-12
[729] Mt 8:11
[730] Mt 28:19-20.
[731] Roland Allen, Pentecost and the World (Oxford University Press, 1917), p. 36
[732] Ibid., p. 40
[733] Por ex. Lc 24:49.
[734] At 1:4
[735] J1 2:28; At 2:17
[736] At 8:5-8.

que agora Cornélio era um membro com plenos direitos na igreja.[737] Logo depois, alguns crentes anónimos aproveitaram a brecha e "falavam também aos gregos, anunciando-lhes o evangelho do Senhor Jesus".[738] Seguiram-se as três viagens missionárias do apóstolo Paulo aos gentios, em que ele evangelizou as províncias da Galácia, Ásia, Macedónia e Acaia e nas quais o Espírito Santo tanto o impedia como o guiava.[739] O livro termina com Paulo em Roma, a capital do mundo e a cidade dos seus sonhos, não como homem livre, mas como prisioneiro; mesmo assim, porém, um evangelista infatigável, anunciando Jesus e o reino a quem quer que o visite, "com toda a intrepidez, sem impedimento algum".[740]

Por todo o livro de Atos Lucas deixa claro que o impulso missionário veio do Espírito Santo. É este o tema de Harry R. Boer em seu livro *Pentecoste e Missões*. O livro de Atos, escreve ele,

é regido por uma motivação única, que o controla e domina totalmente. Esta motivação é a expansão da fé através do testemunho missionário no poder do Espírito... Incansavelmente, o Espírito Santo leva a igreja a testemunhar, e continuamente nascem igrejas a partir desse testemunho.[741]

Uma outra importante conclusão de Harry Bóer é que o momento certo para esse impulso evangelístico proveio do Espírito Santo e não da Grande Comissão — que, aliás, não volta a ser mencionada depois de Atos 1. Ele escreve:

Nós precisamos deixar de pregar a Grande Comissão como uma ordem a ser obedecida. Devemos anunciá-la, isto sim, *como uma lei que expressa a natureza da igreja e que governa a vida dela... O* derramamento do Espírito é, por sua própria natureza, a efetivação da Grande Comissão na vida da igreja.[742]

A igreja das Epístolas é uma igreja missionária

Muitas vezes os membros da igreja local são vistos (seja na imaginação, seja na realidade) sentados em círculo, olhando uns para os outros. Este quadro não está errado, uma vez que nós pertencemos uns aos outros e necessitamos do apoio uns dos outros. Na verdade, o Novo Testa mento está sempre nos exortando a amar-nos uns aos outros, a encorajar-nos, confortar-nos e exortar-nos mutuamente, a carregarmos as cargas uns dos outros. E essa reciprocidade da comunhão cristã só pode ser desfrutada e desenvolvida quando nós encaramos uns aos outros. Mas "reunir-se em círculo", embora seja legítimo, é também perigoso. Afinal, sempre que nos voltamos para dentro, na direção uns dos outros, estamos voltando as costas para o mundo. A fim de desfrutar uma comunhão mútua, nós tivemos que nos desligar do mundo. Isto é permissível — mas só se for temporário. Nós nos separamos do mundo para adorar e comungar, a fim de retornarmos a ele fortalecidos para viver como testemunhas e servos de Cristo.

Agora, todas as vinte e uma Epístolas do Novo Testamento, mesmo as que se destinam a pessoas específicas, têm como propósito, em suas diferentes formas, edificar a igreja e garantir o seu crescimento, tanto em maturidade como em extensão. É verdade que as Epístolas tratam de questões domésticas da igreja: sua doutrina, seu culto, seu ministério, unidade e santidade. Mas elas também pressupõem, do começo ao fim, que a igreja vive no mundo e tem como responsabilidade alcançá-lo em compaixão, lá onde ele está.

Para começar, Paulo presume que as igrejas irão participar do seu próprio ministério apostólico através do seu apoio, seus dons e, acima de tudo, suas orações. Ele agradece a Deus pela "cooperação no evangelho" dos filipenses.[743] Pede aos tessalonicenses que orem para que através dele "a palavra do Senhor se propague, e seja glorificada";[744] aos colossenses, "para que Deus nos abra porta à palavra";[745] e aos efésios, para que lhe seja dada, no abrir da sua boca, a palavra, bem como ousadia e intrepidez ao fazer conhecido o evangelho.[746]

Os apóstolos pressupõem também que a própria igreja se envolva na divulgação da fé. Paulo chama-a de "coluna e baluarte da verdade",[747] o que sugere que ela deve elevar a verdade (assim como as colunas mantêm elevado um edifício) e conservá-la firme (agindo como o alicerce de uma estrutura). Pedro chama a igreja de

[737] At 10-11
[738] At 11:20
[739] At 16:6-10
[740] At 28:31
[741] Harry R. Boer, Pentecost and Missions (Lutterworth, 1961), pp. 161-162
[742] Ibid,, p. 217
[743] Fp 1:5
[744] 2 Ts 3:1
[745] C1 4:3
[746] Ef 6:19-20
[747] 1 Tm 3:15

"raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus", a fim de que os seus membros possam "proclamar as virtudes" ou "anunciar as grandezas" (NVI) do Salvador, que os chamou "das trevas para a sua maravilhosa luz".[748]

E cada igreja local deve expressar o caráter missionário de toda a igreja. Os filipenses, que viviam "no meio de uma geração pervertida e corrupta", foram exortados a "resplandecer como luzeiros no mundo" e a "preservar a palavra da vida", exibindo-a, tal como um vendedor faz com suas mercadorias ou como um garçom faz com os pratos em uma festa.[749] Os tessalonicenses são descritos como tendo, não somente "recebido" a palavra do Senhor, mas também feito com que ela "repercutisse" nas regiões vizinhas.[750]

Os membros da igreja devem envolver-se também individualmente no testemunho cristão. A exortação dos apóstolos é que eles tenham consciência de que os "de fora" os estão observando. Eis aqui um exemplo: "Portai-vos com sabedoria para com os que são de fora; aproveitai as oportunidades. A vossa palavra seja sempre temperada com sal, para saberdes como deveis responder a cada um."[751] É uma instrução muito prática. Nós devemos ser sensíveis em nosso relacionamento com os de fora, aproveitar toda oportunidade para testemunhar, combinar graça com sal (quem sabe salubridade ou até perspicácia) em nossa conversação e estar prontos para responder a questões que nos são colocadas. Este último ponto nos faz lembrar a orientação similar dada por Pedro: "Estando sempre preparados para responder a todo aquele que pedir razão da esperança que há em vós."[752]

Assim, a igreja das Epístolas é uma igreja missionária, quer se pense na igreja universal, na igreja local ou em cada membro da igreja. Como vimos no capítulo 15, a missão é uma parte essencial da identidade da igreja. Em palavras francas de Lesslie Newbigin, "a ordem para discipular todas as nações encontra-se no centro do mandato da igreja; e uma igreja que esquece isso, ou que o marginaliza, perde o direito de ser chamada de *católica* e *apostólica."*[753]

O clímax do Apocalipse é um clímax missionário

O apóstolo João, quando lhe foi dada a chance de dar uma espiadinha pela "porta aberta no céu",[754] viu uma grande multidão em pé diante do trono de Deus. Todos estavam vestidos com vestes brancas (o símbolo da justiça), seguravam palmas nas mãos (o símbolo da vitória) e juntavam-se a um poderoso coro de adoração, atribuindo a sua salvação a Deus e ao Cordeiro. João descreve também essa grande multidão como vindo "de todas as nações, tribos, povos e línguas".[755] Portanto, a missão da igreja não será em vão. Pelo contrário, resultará em um enorme ajuntamento de pessoas, uma multidão multi-racial e multinacional, cujas diferentes línguas e culturas, ao invés de impedir, irão enriquecer sua incessante celebração da graça de Deus.

A multidão redimida será também incontável. Somente então a antiga promessa de Deus a Abraão se cumprirá totalmente. Para enfatizar que não haveria limites para o número de descendentes de Abraão, tanto física (os judeus) como espiritualmente (os crentes, quer judeus ou gentios), Deus prometeu que eles seriam mais numerosos do que o pó da terra,[756] as estrelas do céu[757] e a areia na praia do mar.[758] Cada uma destas metáforas simboliza incontabilidade. "Farei a tua descendência como o pó da terra; de maneira que *se alguém puder contar o pó da terra,* então se contará também a tua descendência."[759] "Olha para os céus e conta as estrelas, *se é que o podes."*[760] Com o conhecimento que nós temos acerca do universo, neste século XX, parece que as miríades de miríades de estrelas dos bilhões de galáxias realmente chegam a somar tanto quanto todos os grãos de areia e as partículas de pó do mundo todo. Mesmo que tenhamos que continuar sem saber como é que Deus vai conseguir

[748] 1 Pe 2:9
[749] Fp 2:15-16
[750] 1 Ts 1:6, 8
[751] C1 4:5-6
[752] 1 Pe 3:15
[753] De sua palestra, "A Validade Permanente da Missão Transcultural", proferida na inauguração das novas dependências de um centro de estudos em New Haven, Connecticut, em 5 de outubro de 1987, e publicada em *International Bulletin of Missionary Research,* Abril 1988
[754] Ap 4:1
[755] Ap 7:9-10
[756] Gn 13:16
[757] Gn 15:5
[758] Gn 22:17
[759] Gn 13:16
[760] Gn 15:5

fazer isso, entrementes nós podemos nos regozijar com o fato de que a obra missionária da igreja irá chegar a esse clímax, para honra e glória de Deus.

Nós acabamos de ver, a partir deste breve panorama da Escritura, que o Deus do Antigo Testamento é um Deus missionário (ele chamou uma família a fim de abençoar todas as famílias da terra); que o Cristo dos Evangelhos é um Cristo missionário (ele comissionou a igreja para ir e fazer discípulos de todas as nações); que o Espírito Santo dos Atos dos Apóstolos é um Espírito missionário (ele impulsionou a igreja a fim de testemunhar); que a igreja das Epístolas é uma igreja missionária (uma comunidade mundial com uma vocação mundial); e que o clímax do Apocalipse será um clímax missionário (uma incontável multidão internacional).

Portanto, a religião da Bíblia é uma religião missionária. A prova disso é esmagadora, irrefutável. A missão não pode ser considerada um lamentável desvio da tolerância religiosa, nem como um *hobby* de alguns excêntricos entusiastas. Pelo contrário, ela nasce no coração do próprio Deus e comunica-se do seu coração para o nosso coração. Missão é o alcance global do povo global de um Deus global.

Portanto, se a nossa atitude tem sido de resistência à dimensão missionária da vida da igreja, ignorando-a por considerá-la dispensável, ou dedicando-lhe, mesmo com certa relutância, algumas orações intercessórias e atirando-lhe umas moedinhas de consolo, ou se nos preocupamos apenas em atender aos interesses da nossa própria vidinha comunitária, então precisamos arrepender-nos, isto é, chegou a hora de mudar. Nós dizemos que temos fé em Deus? Ele é um Deus missionário. Dizemos que estamos comprometidos com Cristo? Ele é um Cristo missionário. Declaramos estar cheios do Espírito Santo? Ele é um Espírito missionário. Nós nos deleitamos em pertencer à igreja? Ela é uma sociedade missionária. Esperamos ir para o céu quando morrermos? Ele está cheio de frutos da obra missionária. É impossível ignorar estas coisas.

Se dentre nós alguns necessitam de arrependimento, todos nós devemos entrar em ação. O verdadeiro cristianismo da Bíblia não é uma religiãozinha escapista, egoísta, quentinha, aconchegante e segura. Pelo contrário, ela mexe profundamente com a nossa segurança e garantia. Ela é uma força explosiva e centrífuga, que nos arranca do nosso estreito egocentrismo e nos atira para o mundo de Deus, a fim de testemunhar e servir. Precisamos, pois, encontrar maneiras práticas, seja individualmente, seja através de nossas igrejas locais, para expressar esse comprometimento.

Em 1885, o General William Booth, "com os olhos brilhando, desafiou uma multidão de salvacionistas de Londres: 'Quanto mede o perímetro do mundo?' Das cerradas fileiras veio a resposta, a toda voz: 'Vinte e cinco mil milhas.' 'Então', vociferou Booth, escancarando os braços, 'nós precisamos crescer até que nossos braços se fechem num círculo em volta dele!'."[761]

CAPITULO VINTE
MISSÃO HOLÍSTICA

"Holístico" (de "holismo", o conceito filosófico de que "o todo — grego, *hólos* — é maior do que a soma de suas partes") talvez não seja um epíteto muito satisfatório para se aplicar à missão cristã. Mas ele pretende enfatizar que a verdadeira missão é uma atividade abrangente, que íntegra evangelização e ação social, recusando-se a divorciá-las uma da outra.

Pelo menos durante os últimos trinta anos, a começar na comunidade ecuménica, porém mais recentemente também no mundo evangelical, tem havido uma considerável divergência no que concerne a estas duas responsabilidades. Essa divergência tem sido expressa de diferentes maneiras: como a tensão "entre a ação de Deus na igreja e através desta e tudo o que Deus vem fazendo no mundo aparentemente independentemente da comunidade cristã";[762] "entre a interpretação vertical do evangelho — como essencialmente preocupado com a ação salvadora de Deus na vida dos indivíduos — e a sua interpretação horizontal — como estando interessado principalmente nas relações humanas no mundo";[763] entre a busca de Deus pela justificação dos pecadores e a busca de Deus pela justiça nas nações e entre estas; entre redenção e providência, a salvação da alma e o aperfeiçoamento da sociedade.

Às vezes a diferença entre estes pontos de vista se evidencia não apenas em tensão, mas até numa polarização estéril, geralmente ao longo das linhas divisórias entre evangelicais e liberais, cada um deles manifestando uma reação exagerada em relação à posição do outro. Os primeiros tendem a concentrar-se exclusivamente na evangelização, negligenciando a necessidade social, seja ela comida para os famintos ou libertação e justiça para os oprimidos. Os últimos vão para o extremo oposto, tendendo a negligenciar a

[761] Richard Collier, *The General Next to God* (Collins, 1965), p.146
[762] Ver R. K. Orchard (ed.), *Witness in Six Continents* (Edinburgh House Press, 1964), p. 157
[763] W. A. Visser't em Norman Goodall (ed.), *The Uppsala 1968Report* (WCC, 1968)

evangelização ou tentando reinterpretá-la em termos de ação sociopolítica, tais como a humanização de comunidades ou a libertação dos oprimidos. Assim, o estereótipo evangelical tem sido espiritualizar o evangelho, negando suas implicações sociais, enquanto que o estereótipo ecumênico tem sido politizá-lo, negando sua oferta de salvação para os pecadores. Esta polarização tem sido um desastre.

A maioria dos cristãos (embora nem todos eles) está de acordo quanto a ser a nossa responsabilidade tanto evange-lística como social. Por exemplo, em sua palavra de abertura no Congresso Mundial de Evangelização em Berlim, em 1966, o Dr. Cari Henry enfatizou que os cristãos evangélicos têm uma mensagem duplamente relevante para a presente crise social... pois eles conhecem *o Deus da justiça e da justificação...* Sempre que o Cristianismo é forte na vida de uma nação, ela demonstra interesse tanto na lei como no evangelho, tanto no estado como na igreja, na jurisprudência assim como na evangelização.[764]

Ou, usando uma imagem mais forte, o Dr. Raymond Bakke escreve que "nós, cristãos, somos o único povo da terra que tem uma visão de mundo que integra matéria e espírito, a qual nos capacita a lidar com o desenvolvimento de sistemas de esgoto e com a salvação de almas com o mesmo prazer."[765] Nós podemos até concordar com afirmações como estas, do tipo "tanto isto como aquilo"; mas a verdade é que temos dificuldade em definir, primeiro, qual é a *relação* entre evangelização e responsabilidade social, e, segundo, qual o *vocabulário* que deveríamos usar para expressar essa relação.

A relação entre evangelização e responsabilidade social

O Pacto de Lausanne (1974), com suas francas declarações sobre "A Natureza da Evangelização" e "A Responsabilidade Social Cristã",[766] foi muito bem aceito. Esta última inclui a afirmação de que "a evangelização e o envolvimento sócio-político são ambos parcelas do nosso dever cristão". Uma vez mais, porém, trata-se apenas de uma declaração do tipo "tanto... quanto". Os parágrafos sobre evangelização e responsabilidade social encontram-se lado a lado, sem qualquer tentativa de relacionar um com o outro. Ou, para ser mais preciso, a única menção de uma relação entre os dois é a declaração, no parágrafo VI, de que "o serviço de evangelização abnegada figura como a tarefa mais urgente na missão da igreja".

O Movimento de Lausanne tem permanecido fiel a sua afirmação sobre a prioridade da evangelização, e sua "Consulta sobre a Relação entre a Evangelização e a Responsabilidade Social", realizada em Grand Rapids, em 1982, endossou e explicou de duas formas essa primaria. Primeiro, a evangelização tem uma certa prioridade lógica: "O próprio fato da responsabilidade social cristã pressupõe a idéia de cristãos socialmente responsáveis, e isto só acontecerá através da evangelização e do discipulado." Em segundo lugar,

A evangelização tem relação com o destino eterno das pessoas; e, trazendo-lhes boas novas de salvação, os cristãos estão fazendo uma obra que ninguém mais pode fazer. Raras serão as ocasiões, se é que elas ocorrerão, em que nós teremos que optar entre... curar o corpo ou salvar a alma... No entanto, se tivermos que fazer esta opção, é bom lembrarmos que a necessidade suprema e máxima de todo ser humano é a graça salvadora de Jesus Cristo. Portanto, a salvação espiritual e eterna de uma pessoa é de maior importância do que o seu bem-estar temporal e material.[767]

O Manifesto de Manila (1989) tem uma declaração similar: "A evangelização é primordial porque o que mais nos preocupa é o evangelho, que todas as pessoas possam ter a oportunidade de aceitar Jesus Cristo como seu Senhor e Salvador."[768]

Só que reafirmar a prioridade da evangelização não resolve o problema. A relação entre evangelização e responsabilidade social continua indefinida.

Foi para perseguir essas relações que se convocou a Consulta de Grand Rapids em 1982. Seus membros esclareceram três delas. Primeiro, afirmaram que "a ação social é uma *consequência* da evangelização", pois a evangelização conduz as pessoas à fé, "a fé atua pelo amor" e o amor se manifesta em serviço.[769] Na verdade, "mais do que uma simples consequência da evangelização, a responsabilidade social é um dos seus principais objetivos", uma vez que nós somos salvos "para boas obras".[770] Em segundo lugar, "a atividade social pode ser *uma ponte* para a evangelização". Apesar do perigo de produzir os assim chamados "cristãos de arroz", que se

[764] Cari F. H. Henry, *Evangelism at the Brink of Crisis* (Word Books, 1967), pp. 71-72
[765] Raymond Bakke, *Urban Mission,* setembro de 1986, p. 7
[766] Pacto de Lausanne, par. IV e V
[767] *Evangelização e Responsabilidade Social* (ABU e Visão Mundial, 1983), p. 23
[768] *Manifesto de Manila,* par. 4
[769] Cf. Gl 5.6, 13
[770] *Cf.* Ef 2.10; Tt 2.14

dizem convertidos apenas por causa dos benefícios materiais que lhes são oferecidos, ainda assim é verdade que o amor em ação "pode destruir preconceitos e desconfianças, abrir portas fechadas e ganhar a atenção das pessoas para o evangelho". Em terceiro lugar, "a ação social não apenas vem em seguida à evangelização, como seu objetivo e consequência, e a precede, servindo-lhe de ponte, mas também a acompanha, como sua *parceira.* A ação social e a evangelização são como as duas lâminas de uma tesoura, ou como as duas asas de um pássaro", tal como sucedeu no ministério público de Jesus. "Trata-se de um verdadeiro casamento."[771]

Essa parceria aplica-se tanto ao cristão, individualmente, como à igreja local. Obviamente, cada cristão recebe um dom e um chamado diferente (ver o capítulo 8), que o habilitam a concentrar-se em ministérios específicos, assim como os Doze foram chamados para um ministério pastoral e os Sete para um ministério social.[772] E igualmente óbvio que diferentes cristãos encontram-se em diferentes situações de necessidade, e que cada uma requer uma resposta específica. Nós não estamos acusando, nem o "bom samaritano", por atar as feridas do viajante sem indagar sobre o seu estado espiritual, nem Filipe, por compartilhar o evangelho com o etíope sem inquirir as suas necessidades sociais. Estes foram, no entanto, chamados específicos e situações específicas. Falando em termos gerais, todos os seguidores de Jesus Cristo têm a responsabilidade de testemunhar e de servir, de acordo com as oportunidades que lhes forem dadas.

O mesmo se dá com cada igreja local. As necessidades de cada comunidade são muitas e variadas. Mas todo mundo não pode fazer tudo. Consequentemente, qualquer que seja o tamanho da igreja, seus membros deveriam ser encorajados a se organizarem em "grupos de estudo e ação", conforme os seus dons, vocações e interesses, assumindo cada um deles uma necessidade evangelística, pastoral ou social específica da vizinhança. Desta forma se poderá atender a uma porção de diferentes desafios. Não obstante, é importante que a igreja local reconheça a especialidade de cada grupo e apóie a cada um com palavras de encorajamento, conselhos, oração e finanças, conforme necessário, dando-lhes, de vez em quando, a oportunidade de apresentar relatórios sobre o andamento do seu trabalho.

Ao desenvolver junto a cada grupo este senso de pertença, a igreja conseguirá, através deles, atingir a comunidade o ministrá-la compassivamente em muitas e variadas necessidades.

Até aqui nós vimos as *relações* existentes entre a evangelização e a responsabilidade social. O segundo problema que enfrentamos tem a ver com o *vocabulário* que deveríamos usar para expressar a parceria entre os dois. Conforme o relatório do Primeiro Congresso Anglicano Evangélico Nacional, realizado na Universidade de Keele, em 1967, "evangelização e serviço abnegado andam juntos na missão de Deus".[773] Eu mesmo tentei, posteriormente, elaborar esta idéia ao escrever: "'Missão' descreve... tudo que a igreja é enviada a fazer no mundo", a saber, "serviço cristão no mundo, compreendendo tanto evangelização como ação social."[774]

Certos líderes evangélicos criticam esta definição de "missão". Eles a consideram potencialmente prejudicial à missão cristã, pois desvia os missionários de suas tarefas prioritárias de evangelizar, discipular e plantar igrejas. Por esta razão, mesmo admitindo que todos os cristãos têm também responsabilidades sociais e políticas, eles acham que, ao referir-nos a estas atividades evangelísticas, deveríamos continuar usando o conceito tradicional de "missão" e "missionário". Sem dúvida alguma, a última coisa da qual eu gostaria que me culpassem é de estar atrapalhando a missão da igreja! E igualmente verdade que o próprio termo "missão" não é uma palavra bíblica, assim como não o são as palavras "Trindade" e "sacramento". No entanto, ela é uma peça útil e prática para um conceito bíblico, por demonstrar aquilo que Cristo envia o seu povo a fazer no mundo. Continuo insistindo que isto não pode limitar-se à proclamação do evangelho, embora eu já tenha mencionado que esta é tarefa prioritária na igreja. A questão não é meramente de semântica (o que significa a palavra "missão"?), mas de substância (por que somos enviados ao mundo?). Mesmo que tivéssemos de admitir que a palavra "missão" não pode suportar o peso que venho colocando sobre ela, isto não faria diferença alguma para o argumento de que nós somos enviados ao mundo tanto para testemunhar como para servir. De igual maneira, eu não me sinto capaz de abrir mão da convicção de que nossa missão tem em Cristo o modelo a ser seguido. Assim como o seu amor por nós é comparável ao amor do Pai por ele,[775] assim também ele nos envia ao mundo de forma similar ao envio que ele recebeu do Pai.[776] Se em seu ministério as palavras e as obras andavam juntas, da mesma forma elas deveriam andar juntas em nosso ministério.

---

[771] *Evangelização e Responsabilidade Social,* pp. 20—22

[772] At 6.1-7

[773] *Keele '67,* The National Evangelical Anglican Congress Statement, ed. Philip Crowe (Falcon, 1967), par. 2.20, p. 23.

[774] John Stott, *Christian Mission in the Modem World* (Falcon, 1975; Kingsway, 1986), pp. 30, 34.

[775] Jo 15.9

[776] Jo 17.18; 20.21

Parece que o maior temor daqueles que me criticam é o de que os missionários sejam deixados de lado. A melhor maneira de evitar isso, a meu ver, é não negando que "missão" é algo mais abrangente do que evangelização, insistindo, porém, em que cada "missionário" deve ser fiel ao seu chamado específico. Eu já disse que na igreja local, embora alguns membros sejam chamados, uns para este ministério, outros para aquele, mesmo assim a própria igreja fica desequilibrada caso não abranja uma variedade de ministérios. Da mesma forma, embora alguns missionários sejam chamados para evangelizar ou para o discipulado, plantação de igrejas ou tradução da Bíblia, e outros para ministérios específicos e especializados, como médicos, educadores e especialistas em áreas de desenvolvimento, mesmo assim a igreja nacional (bem como as agências missionárias que com ela cooperam) ficariam capengas se não abraçassem também essa ampla variedade de ministérios. Com efeito, poderíamos citar muitos exemplos de equipes missionárias multinacionais e multifuncionais, compostas tanto de nacionais como de estrangeiros, de homens e mulheres, evangelistas e assistentes sociais, especialistas em plantação de igrejas e em áreas de desenvolvimento, pastores e professores.

A base bíblica para a parceria

Ser cristão evangélico sem ser cristão bíblico é igual a nada. Pelo menos nosso maior desejo (quer consigamos realizá-lo ou não) é viver "sob" e "de acordo com" a Escritura. Haveria, portanto, uma boa base bíblica para manter juntos a evangelização e a ação social? Existe, sim. Ela tem sido afirmada de diversas formas, mas vou me contentar com três argumentos fundamentais.

Primeiro, *o caráter de Deus.* O Deus da revelação bíblica, que é tanto Criador como Redentor, é um Deus que se preocupa com o total bem-estar (espiritual e material) de todos os seres humanos que ele criou. Tendo criado cada um à sua própria imagem, ele deseja que eles descubram a sua verdadeira humanidade ao se relacionarem com Deus e uns com os outros. Por um lado, Deus busca ansiosamente suas criaturas perdidas. Ele não tem prazer algum na morte do ímpio, e não quer que ninguém pereça. Por isso, roga-lhes que ouçam a sua Palavra, que voltem para ele em penitência e que aceitem o seu perdão. Por outro lado, Deus se importa com os pobres e os famintos, os estrangeiros, as viúvas e os órfãos. Ele denuncia a opressão e a tirania e clama por justiça. Ele espera que o seu povo seja a voz daqueles que não têm voz e o defensor dos impotentes, expressando assim o seu amor por estes. Não é, pois, por acaso, e nem é de se estranhar, que os dois grandes mandamentos de Deus sejam que o amemos com todo o nosso ser e que amemos o nosso próximo como a nós mesmos.

A lei deixa bem claras as implicações destes mandamentos. Por exemplo: o povo de Deus devia "temer", "amar" e "servir" a ele. Como? Em parte, "andando em seus caminhos" e "guardando os seus mandamentos", pois ele é "o Deus dos deuses e o Senhor dos senhores", o qual, por isso mesmo, merece ser adorado; e, em parte, seguindo o seu exemplo, como aquele que "faz justiça ao órfão e à viúva, e ama o estrangeiro, dando-lhe pão e vestes".[777] Assim, adoração e obediência, por um lado, e filantropia e justiça, por outro, andam de mãos dadas, constituindo-se no duplo dever do povo de Deus.

E aí vieram os profetas, que viviam relembrando o povo quanto à lei e advertindo cada um deles a obedecê-la. "Ele te declarou, ó homem, o que é bom; e que é o que o Senhor pede de ti, senão que pratiques a justiça e ames a misericórdia, e andes humildemente com o teu Deus?".[778] Mais uma vez, justiça e misericórdia para com o próximo e humildade diante de Deus estão juntos.

Junto com esse testemunho profético com relação à lei de Deus ocorriam ousadas denúncias contra aqueles que a desprezavam. Elias foi um bom exemplo disso. Vivendo num tempo de apostasia nacional, seu ministério teve o seu ápice em dois grandes confrontos, primeiro no Monte Carmelo, quando ele desafiou o povo a escolher entre Javé e Baal,[779] e depois em Jezreel, quando ele acusou o rei Acabe de haver matado Nabote e confiscado sua propriedade, e o advertiu quanto ao juízo de Deus.[780] É impressionante ver como os mesmos profetas defendiam, tanto a lealdade religiosa como a justiça social.

Então, cento e cinquenta anos mais tarde, nós encontramos dois grandes profetas do exílio, Jeremias e Ezequiel, dando continuidade à mesma tradição de protesto. Por que a desgraça haveria de cair sobre Jerusalém? De acordo com Jeremias, porque o povo havia "deixado" Javé em favor de "outros deuses, que não conheceram", e enchido Jerusalém com o "sangue de inocentes".[781] Conforme Ezequiel, a cidade tinha trazido

[777] Dt 10.12-20
[778] Mq 6.8
[779] 1Rs 18
[780] 1 Rs 21
[781] Jr 19.4

juízo sobre si mesma ao derramar sangue no seu meio e ao fazer ídolos.[782] Em ambos os casos, o cúmulo do pecado de Israel fora a combinação de "ídolos" com "sangue", sendo a idolatria o pior pecado contra Deus e o assassinato o pior dos pecados contra o próximo.

Assim, a lei e os profetas refletem o caráter de Deus. Aquilo que ele é, também o seu povo deveria ser, compartilhando e refletindo aquilo que interessa a ele. Não há dualismo no pensamento de Deus.

Nossa tendência é contrapor totalmente as idéias de corpo e alma, indivíduo e sociedade, redenção e criação, graça e condição natural, céu e terra, justificação e justiça, fé e obras. A Bíblia certamente faz distinção entre essas idéias, mas faz também uma relação entre elas, ínstruindo-nos a manter cada um desses pares em equilíbrio dinâmico e criativo.[783]

A segunda base para que evangelização e preocupação social andem juntas é *o ministério e o ensinamento de Jesus.* Não há como duvidar de que palavra e ação estavam juntas no ministério público de Jesus. Ele foi um pregador, isso é verdade. Ele anunciou a vinda do reino de Deus. Mas também demonstrou a vinda deste através de suas obras de compaixão e de poder. Assim, nós lemos que ele "percorria as aldeias circunvizinhas, a ensinar"[784] e também que ele "andou por toda parte, fazendo o bem e curando".[785] Qual é a similaridade existente entre estas duas afirmações? É o fato de que "ele andava"; ele desenvolveu um ministério itinerante e percorreu o território palestino de ponta a ponta. A dissimilaridade tem a ver com "para que" ele andava por aí. Segundo Marcos, era para "ensinar"; conforme Lucas, era "fazendo o bem e curando". Havia em seu ministério um elo indissolúvel entre evangelizar e servir. Ele demonstrava em ação o amor de Deus que estava proclamando. "Sua preocupação", escreveu Chuck Colson, "não era apenas salvar pessoas do inferno no mundo vindouro, mas também livrá-las da infernidade deste mundo presente."[786]

Dessa forma, suas palavras explicavam suas obras e suas obras eram uma manifestação concreta de suas palavras.

Ouvir e ver, voz e visão, estavam ligados. Uma coisa sustentava a outra. Afinal, as palavras só deixam de ser abstratas quando se concretizam em atos de amor; e as obras, de igual maneira, continuam sendo ambíguas, até que sejam interpretadas pela proclamação do evangelho. Palavras sem ação não têm credibilidade; ações sem palavras carecem de esclarecimento. Assim, as ações de Jesus tornavam visíveis suas palavras; e suas palavras tornavam suas ações inteligíveis.

O que Jesus demonstrou em sua vida e ministério ele também incluiu em seus ensinos. Deixem-me compartilhar com vocês uma reflexão sobre duas das suas parábolas mais conhecidas e apreciadas: a do filho pródigo[787] (que se concentra na conversão) e a do bom samaritano[788] (que enfatiza a ação social). Existem entre elas similaridades óbvias. Ambas, por exemplo, só são registradas pelo Dr. Lucas, que se preocupava em retratar Jesus (e, portanto, Deus) como o amante dos estrangeiros e dos injustiçados — no primeiro caso, o jovem obstinado e, no outro, a vítima dos espancadores. Semelhantemente, ambas refletem situações trágicas que, pelo que está implícito, desagradam a Deus. Deus não quer que seres humanos criados à sua imagem sejam desmoralizados e fiquem perdidos em uma terra distante, nem que sejam assaltados e abandonados na sarjeta. Seu desejo é que tanto o perdido como o espancado sejam trazidos de volta para casa.

Entretanto, o que mais importa para o meu propósito agora são as dissimilaridades entre as duas parábolas. Se nós as conservamos juntas, elas servirão de reforço para a ligação necessária entre evangelização e ação social. Primeiro, tanto numa como na outra, existe uma vítima, um homem que se encontra em uma situação de desespero. Na parábola do filho pródigo, ele é vítima de seu próprio pecado; na parábola do bom samaritano, é vítima do pecado de outros, ou seja, alguém pecou contra ele. Além disso, na primeira parábola, o que se descreve é um pecado pessoal; na segunda, é um pecado social, ou seja, o mal da desordem publica. Ambos deveriam despertar nossa compaixão. Nós nos preocupamos tanto com aquele que pecou como com aquele contra quem alguém pecou.

Em segundo lugar, nas duas parábolas existe um resgate - da alienação em uma terra distante e de um violento assalto na estrada. Na primeira parábola o pecador se arrepende, volta para casa e é perdoado (é a salvação pela fé). Na segunda, a vítima não pode fazer nada: deve o seu resgate à caridade do samaritano (é um

[782] Ez 22.3-4; *cf.* 36.18-19
[783] *Evangelização e Responsabilidade Social,* p. 18
[784] Mc 6.6
[785] At 10.38
[786] Charles Colson, *Loving God* (Zondervan, 1983), p. 145
[787] Lc 15.11-32
[788] Lc 10.30-37

resgate pelas boas obras). Terceiro, em ambas há uma demonstração de amor. Na parábola do filho pródigo nós vemos o amor de Deus, como o pai que recebe o filho de volta; na parábola do bom samaritano, vemos o amor do próximo pelo seu próximo, quando o samaritano ata as feridas da vítima. Além do mais, em ambos os casos o amor triunfa sobre o preconceito. O pródigo é perdoado, *apesar de* não merecer tal tratamento; o samaritano se apiada da vítima dos ladrões, *apesar de* ser este um judeu desconhecido que nada tem a ver com ele.

Em quarto lugar, em ambas as parábolas há um sub-enredo, que representa a alternativa para aquilo que se está recomendando. Na parábola do filho pródigo, seu irmão mais velho recusa-se a regozijar-se com o seu arrependimento e retorno. Na parábola do samaritano, o sacerdote e o levita recusam-se a envolver-se com a situação do homem espancado. Até se poderia dizer que quem resiste ao chamado para evangelizar, abandonando as pessoas sozinhas em seus pecados, assemelha-se ao irmão mais velho, ao passo que aqueles que resistem ao chamado para a ação social e deixam as pessoas sozinhas em seus sofrimentos, lembram o sacerdote e o levita que "passaram de largo".

Assim, cada uma das parábolas enfatiza um aspecto vital do discipulado cristão — seu início, quando, como o filho pródigo, nós voltamos para casa em busca de salvação, e sua continuação, quando, à semelhança do bom samaritano, nós partimos em missão. Cada um de nós lembra o filho pródigo; cada um de nós *deveria* lembrar o samaritano.

Primeiro nós encaramos os nossos próprios pecados e depois passamos a encarar os sofrimentos do mundo. Primeiro nós entramos em casa e recebemos misericórdia, e só depois saímos e mostramos misericórdia. Misericórdia não se pode mostrar enquanto não for recebida; mas, uma vez recebida, ela deve ser demonstrada aos outros. Não vamos divorciar aquilo que Cristo uniu. Todos nós já fomos pródigos um dia; Deus deseja que também sejamos samaritanos.

Além do exemplo e ensinamento de Jesus Cristo, eu gostaria de mencionar suas emoções. Nós vimos no capítulo 7 como, face a face com o "último inimigo", a morte, que ele viera destruir, Jesus não só "resfolegou" de raiva contra esse mal, mas também "chorou" de compaixão por suas vítimas. Eu fui ainda mais longe, ao afirmar que essas mesmas emoções deveriam nos motivar, sempre que nos virmos confrontando o mal — seja o mal da perda humana ou os males sociais de nossos dias.

Eu li, recentemente, o livro *In Darkest England and the Way Out* (A Inglaterra em Trevas e o Caminho de Saída) do General William Booth. Publicado em 1890, seu título foi deliberadamente paralelo ao de H. M. Stanley, In *Darkest Africa,* que havia aparecido mais cedo naquele mesmo ano. A primeira parte chama-se "A Escuridão" e a segunda, "Libertação". Booth escreve com profundo sentimento sobre as misérias causadas pela pobreza, o desemprego, o desamparo, a fome, a exploração da mão-de-obra, a bebedeira, a doença, as favelas, a escravidão branca e a prostituição. "Meu sangue ferve de raiva impotente", confessa ele, "diante dessas monstruosidades cruelmente infligidas, e sofridas em silêncio por essas miseráveis vítimas."[789] Obviamente, ele ansiava pela conversão dessa gente e insistia em colocar sempre a salvação em primeiro lugar. Indagava, porém: "De que adianta pregar o evangelho a pessoas cuja atenção está totalmente concentrada em uma luta louca e desesperada para se manterem vivas?"[790] "Ao proporcionar alívio temporário para essa miséria", acrescenta ele, "eu acho que só estou facilitando onde agora é difícil e possibilitando onde agora é completamente impossível, para que homens *v.* mulheres encontrem o seu caminho para a cruz de nosso Senhor Jesus Cristo."[791] Na tentativa de perseguir esta política, a segunda parte de seu livro contém uma surpreendente relação de propostas: uma colônia-fazenda, uma colônia além-mar, um hospital itinerante, a "brigada da porta da prisão", lares de resgate para prostitutas e "lares de prevenção para meninas em perigo", "um posto de investigação para pessoas perdidas", "refúgios para meninos de rua", "escolas profissionalizantes", "vilas-modelo nos subúrbios", um "banco do homem pobre", um esquema de auxílio legal para os pobres, *etc.* E, à medida que esta impressionante combinação de interesses sociais e espirituais foi se tornando conhecida, "inevitavelmente o Exército da Salvação foi sendo identificado pelo slogan de que nunca mais se livraria: 'Sopa, sabão e salvação'!"[792] A terceira base bíblica para a parceria entre evangelização e ação social tem a ver com a *comunicação do evangelho.* Como é que se pode fazê-lo conhecido? Para começar, ele tem que ser verbalizado. Uma vez que o próprio Deus decidiu falar, isto é, comunicar-se com os seres humanos através de *palavras,* os cristãos não deveriam desprezá-las nem compartilhar desse desencanto que existe hoje em dia com referência à fala como meio de comunicação. Há, na comunicação verbal, quer sejam as palavras faladas ou escritas, uma precisão que inexiste nos outros

[789] William Booth, *In Darkest England and the Way Out* (Salvation Army, 1890), p. 14
[790] *Ibid.,* p. 45
[791] *Ibid.,* Prefácio, p. 4. *Cf.* p. 257
[792] Richard Collier, *The General Next to God* (Collins, 1965), p. 199

meios de comunicação. Ao mesmo tempo, a Palavra pessoal de Deus "se fez carne" e, como resultado, "nós vimos a sua glória".[793] Se a Palavra de Deus se tornou visível, nossas palavras também deveriam tornar-se visíveis. Nós não podemos anunciar o amor de Deus com credibilidade, a não ser que possamos demonstrá-la em ação. Não podemos manter distância daqueles a quem anunciamos o evangelho, ou ignorar sua situação e seu contexto. Nós precisamos nos integrar a sua realidade social e participar dos seus sofrimentos e de suas lutas. E aqui, diz J. H. Bavinck, que nossos atos "se transformam em pregação".[794]

Isto nos leva de volta ao ministério de Jesus.

Nós, hoje, somos chamados (diz o Manifesto de Manila) a uma integração similar entre palavras e ações. Em um espírito de humildade, devemos pregar e ensinar, ministrar os enfermos, alimentar os famintos, cuidar dos prisioneiros, ajudar os necessitados e os deficientes e libertar os oprimidos. Embora reconheçamos a diversidade dos dons, chamados e contextos espirituais, afirmamos também que boas novas e boas obras são inseparáveis.[795]

Cinco objeções a considerar

Embora a base bíblica para a parceria entre evangelização e responsabilidade social pareça estar bem estabelecida, levantam-se contra ela diversas objeções.

Em primeiro lugar, *não seria melhor os cristãos se conservarem longe da politicai* Esta objeção geralmente é seguida do comentário de que, embora todos os cristãos concordem com o serviço social (por exemplo, a filantropia), nós não estamos tão seguros assim quando se trata de ação social (envolvimento político, por exemplo).

Nossa resposta a esta primeira objeção depende em grande parte da conotação que dermos à palavra "política". Se a tomarmos em sua definição mais restrita (no sentido de políticas e programas em favor de mudanças legislativas, desenvolvidos por partidos políticos), então os cristãos não deveriam se envolver, a menos que estejam preparados para desempenhar esse papel. Política é coisa para políticos que já têm a experiência necessária. Não existe coisa mais embaraçosa do que ver um cristão dando palpites sobre questões políticas sem ter conhecimento do assunto.

A definição mais ampla de "política", porém, refere-se a vida da *polis,* a cidade, e à arte de viver juntos em comunidade. Neste sentido, todos nós estamos envolvidos em política, uma vez que Jesus nos chama a viver no mundo secular.

Aí temos de admitir que só serviço social não basta. Batalhar (e mesmo promover agitações) em favor de mudanças legislativas é uma expressão essencial de amor ao próximo. Por exemplo: ao invés de nos limitarmos a curar indivíduos, precisamos ir mais além, construindo hospitais em que se concentrem diferentes especialidades médicas; não somente alimentar os famintos, mas lutar pelo estabelecimento de uma nova ordem econômica, em que a fome seja abolida; não só atar as feridas das pessoas, como o bom samaritano, mas livrar dos bandidos a estrada de Jericó; não só tratar os escravos com justiça, mas lutar pela abolição da própria instituição da escravatura. É possível que não haja na Bíblia nenhuma exortação explícita quanto a estas coisas, assim como é certo que Jesus nunca militou pela emancipação dos escravos. Mas não é verdade também que nós somos profundamente gratos pelo fato de que os seus seguidores o fizeram, séculos mais tarde? A atuação política (que bem poderia ser definida como amor em busca de justiça para os oprimidos) é uma extrapolação legítima da ênfase bíblica sobre as prioridades práticas do amor.

Segundo: *isto não seria voltarão velho "evangelho social"?* Não, não é. Nós precisamos estabelecer uma distinção entre o evangelho social do liberalismo teológico desenvolvido por Walter Rauschenbusch e seus amigos no começo deste século e as implicações sociais do evangelho bíblico.

O "evangelho social" tentava identificar o reino de Deus com a sociedade socializada, e então falava de ação sociopolítica em termos de "construir o reino de Deus na terra". Era uma visão orgulhosa, autoconfiante e utopista. Mas as implicações sociais do evangelho bíblico são diferentes. Uma vez que passamos a ser novas criaturas em Cristo, tornando-nos membros de sua nova sociedade, recebemos dele a responsabilidade de impregnar a velha sociedade, funcionando para esta como sal e luz.

Terceiro: *essa preocupação social não é o mesmo que "teologia da libertação"!* Não, mais uma vez, não é. Nossa principal crítica à teologia da libertação, como evangélicos, é que ela pretende igualar a libertação social, política e econômica dos seres humanos com a "salvação" que Cristo veio conquistar com sua morte e

[793] Jo 1.14

[794] J. Herman Bavinck, *An Introduction to the Science of Missions* (1954; ET Presbyterian and Reformed, 1960), p. 113

[795] *Manifesto de Manila,* par. 4.: "O Evangelho e a Responsabilidade Social".

ressurreição. Além disso, ela tende a endossar as teorias marxistas (especialmente a sua análise social) e desposar a violência. Tendo dito isto, a completa libertação do ser humano de tudo aquilo que o oprime, diminui ou desumaniza é certamente agradável a Deus, o seu Criador. Oxalá os cristãos evangélicos tivessem chegado primeiro, com uma teologia da libertação verdadeiramente *bíblica}*. Mas colocar "libertação" material e "salvação" no mesmo nível de igualdade é distorcer e deturpar a Escritura.

Em quarto lugar, *não seria impossível esperar uma mudança social sem que as pessoas se convertam?* Mais uma vez, a resposta é não. Evidentemente, nós queremos que as pessoas se convertam. Mas Jesus Cristo, através de seu povo, tem tido uma influência enorme sobre a sociedade como um todo. Pense-se, por exemplo, na elevação dos padrões de saúde e higiene, na disponibilidade mais ampla da educação, no respeito cada vez maior pelas mulheres e crianças, na preocupação com os direitos humanos e as liberdades civis, nas melhores condições de trabalho nas fábricas, minas e prisões e na abolição da escravidão e do tráfico de escravos.

A legislação pode garantir melhorias na sociedade, embora ela não converta as pessoas ou as torne boas. Até os seres humanos caídos guardam suficientes vestígios da imagem divina, a ponto de preferirem a justiça à injustiça, a liberdade à opressão e a paz à violência. Martin Luther King estava certo ao dizer:

A moralidade não pode ser legislada, mas o comportamento pode ser regulado. Os decretos judiciais podem não mudar o coração, mas podem impor limites a quem não tem coração... A lei não pode fazer um empregador me amar, mas pode impedi-lo de recusar-se a empregar-me por causa da cor da minha pele.[796]

Quinto: *será que o comprometimento com a ação social não irá nos desviar da evangelização?* Sim, pode até ser; mas não é preciso. Nós certamente precisamos nos precaver quanto a esta possibilidade. Aliás, deveríamos agradecer pelos "cães de guarda" evangélicos que latem muito e bem alto ao perceberem em nós qualquer sinal de diminuição do compromisso com a evangelização. Mas se nós vivermos a luz da morte, ressurreição e ascensão de Jesus Cristo, os motivos que nos movem a evangelizar serão continuamente renovados nessa fonte perene. E principalmente o fato de Cristo ter sido elevado ao supremo lugar de honra nos haverá de inspirar, fazendo-nos ansiar que lhe seja dada a glória devida ao seu nome. E então a ação social, longe de desviar-nos da evangelização, irá torná-la mais efetiva, conferindo ao evangelho mais visibilidade e mais credibilidade.

Exemplos de parceria

"A ação social em missão", escreveu o missiologista americano Dr. R. Pierce Beaver, "pode ser encontrada desde o tempo dos apóstolos." Além disso, "a preocupação nunca se limitou a assistência"; ela abrangia aquilo que hoje chamamos de "desenvolvimento" e que tem capacitado comunidades inteiras a se tornarem auto-confiantes, seja ao introduzir plantas beneficiadas e a criação de animais, seja eliminando doenças, cavando poços mais profundos para obtenção de água pura e corrente, seja estabelecendo escolas profissionalizantes. Além disso, os missionários lutaram pela justiça social.

Eles sempre foram os protetores dos povos nativos contra a exploração e injustiça por parte do governo e de companhias comerciais... Eles desempenharam um papel muito importante na abolição do trabalho forçado no Congo. Resistiram ao comércio de escravos no Sul do Pacífico. Na China, lutaram bravamente pelos direitos humanos, combatendo o ópio, a atadura dos pés das mulheres e o abandono das meninas recém-nascidas. Declararam guerra contra a queima das viúvas, o infanticídio e a prostituição nos templos da Índia, e acima de tudo romperam com a escravidão social e económica do sistema de castas para as pessoas de classe baixa e os marginalizados...[797]

A principal diferença entre aqueles dias e os de hoje é que agora, em muitos lugares, a responsabilidade pelo testemunho social passou dos missionários para as igrejas nacionais. Os estrangeiros só devem envolver-se em atividades desse tipo quando convidados pelos líderes da igreja.

De uma certa forma, esse tipo de preocupação e envolvimento era inevitável. Para os missionários pioneiros, teria sido literalmente impossível proclamar a mensagem do amor de Deus em Cristo para a salvação dos pecadores e ao mesmo tempo ignorar as condições sociais dessas pessoas. Pela natureza do próprio evangelho do qual eram mensageiros, eles se viam obrigados a se opor a qualquer coisa que fosse incompatível com ele, fosse a escravidão na Africa, o sistema de castas e outros males na Índia, ou a exploração dos povos tribais e a degradante pobreza das massas na América Latina. Da mesma forma, no Ocidente, é impossível evangelizar e simplesmente fechar os olhos à situação dos desempregados e desabrigados, da juventude alienada

[796] Martin Luther King, em *Strength to Love* (Collins, 1963), p. 34, e em *Stride Toward Freedom: The Montgomery Story* (Harper and Row, 1958), p. 198

[797] De sua Introdução a *Christian Mission and Social Justice,* de Samuel Escobar e John Driver (Herald, 1978), pp. 7-9

e das famílias sem pai ou sem mãe, nas áreas despojadas e empobrecidas das periferias urbanas. Será que o evangelho nada tem a dizer acerca dessas coisas? Será que a única preocupação do nosso Deus é levar pessoas para o céu, e não melhorar as circunstâncias em que elas vivem aqui na terra? De jeito nenhum. Ignorar os males que desumanizam a sociedade e ao mesmo tempo pregar a influência humanizadora da salvação é fazer-se culpado de uma íntima contradição que deturpa a imagem de Deus e distorce o evangelho. Demonstrar compaixão pelas necessidades visíveis dos outros é parte inseparável da missão encarnadora e é uma exigência do evangelho de Cristo. O Dr. David Howard, que foi Secretário Geral da Comunidade Evangélica Mundial de 1982 a 1992, escreveu algo sobre o ministério de seu amigo Gregório Landero. Após descrevê-lo como "um dos mais talentosos evangelistas que jamais conheci", ele continua:

Ao viajar, levando o evangelho a muitas localidades do norte da Colômbia, ele foi sentindo um peso cada vez maior, pois o povo cujas almas ele estava ministrando sofria de subnutrição. Ele agonizava ao ter de pregar um evangelho da salvação quando eles estavam morren-\ do de fome e sofrendo de enfermidades que poderiam ser evitadas com um auxílio mais adequado. Começou a estudar as possibilidades de um ministério que os alcançasse de uma forma mais abrangente. O resultado, após vários anos de trabalho duro, foi a criação da Ação Unida, um programa que visava a atingir as necessidades globais do povo. Gregório é o líder da Ação Unida e tem dado visão e ímpeto a todo o desenvolvimento do programa. Hoje, juntamente com a pregação do evangelho, ele e seus colegas estão ajudando as pessoas a melhorarem os métodos de agricultura, desenvolvendo projetos de criação de aves que possibilitem mais proteínas em suas dietas, ensinando higiene doméstica, provendo assistência odontológica, trabalhos de alfabetização e outras coisas que concorram para o desenvolvimento da vida familiar e comunitária do povo. Existem também tentativas de ajudar a conservar os recursos naturais que fazem parte da criação total.[798]

Festo Kivengere, da Uganda, tinha uma visão holística e um compromisso bem similares. Ele foi, antes e acima de tudo, um evangelista. E, depois que se tornou bispo da diocese de Kigezi, ele continuou seu tremendo e efetivo ministério evangelístico pelo mundo afora, ganhando muitas pessoas para Cristo. Mas ele se preocupava também com o progresso de seu povo, e especialmente em melhorar a educação, saúde e agricultura. O enfoque de sua mensagem era o amor e a reconciliação através de Cristo, mas ele também lutava por justiça. Embora não fosse um bispo político, no sentido de que não tomava parte alguma no trabalho das funções legislativa, judicial ou executiva do Estado, ele, no entanto, jogou um papel fundamental na derrubada de Idi Amin. Diversas vezes arriscou sua vida ao confrontar Amin em particular e ao protestar contra o seu reinado de terror. "Festo era muito corajoso", lembram os seus colegas. "A medida que as prisões iam acontecendo, ele sempre voltava até Amin para confrontá-lo com a enormidade daquilo que este estava fazendo."[799]

Festo não via nenhuma incoerência entre estes diferentes aspectos de seu ministério. Ao dirigir um seminário em uma convenção em Amsterdã, em 1987, ele falou da "trágica divisão entre aquilo que, de acordo com o Antigo Testamento e o Novo Testamento, se constitui nos dois lados da mesma moeda — *a salvação das almas perdidas dos homens...* e *a preocupação com suas necessidades sociais".*[800] E Shannon Mallory, da Califórnia, que presidiu a Consulta "Parceiros em Missão" na Uganda, em 1985, disse sobre ele:

Nosso querido Festo foi um profeta impetuoso no meio daquele debate *(sc.* sobre as violações dos direitos humanos que estavam sendo perpetradas na época), apelando veementemente, por um lado, para a renovação e a reconciliação espiritual da Igreja da Uganda, e, ao mesmo tempo, erguendo-se ousadamente (e, ao que parecia, quase sozinho) para denunciar e condenar a tirania política e militar que ainda continuava no país.[801]

Assim, testemunho evangelístico e protesto político, longe de serem incompatíveis, foram e continuam sendo gêmeos naturais. Mesmo que sejam poucos os cristãos chamados para envolver-se nos dois simultaneamente (uma vez que diferentes pessoas são chamadas para diferentes ministérios), não obstante, a igreja, como um todo, deve engajar-se em ambos, já que ambos fazem parte da missão que Deus nos deu neste mundo.

CAPITULO VINTE E UM
A CRISTOLOGIA DA MISSÃO

A "missiologia" é uma disciplina reconhecida cujos parâmetros se alargam cada vez mais. Ela abrange: a

[798] David Howard, *The Great Comission for Today* (IVP USA, 1976), pp. 84-85
[799] Anne Coomes, *Festo Kivengere: The Authorized Biography* (Monarch, 1990), p. 318. .
[800] *Ibid.,* p. 455
[801] *Ibid.,* 434

história das missões cristãs; o estudo comparativo das religiões; a teologia das religiões e da unicidade de Cristo; a base bíblica da missão; estratégias de missão e crescimento da igreja; motivações e métodos missionários; questões de cultura, contextualização e formação de igrejas; as relações entre evangelização e responsabilidade social; e a renovação da igreja. Mas às vezes falta nesta lista o que se poderia chamar de "cristologia" da missão, que reconhece ser Cristo a fonte e o caminho, o coração e a alma, o fundamento e o alvo de toda missão. Nada é mais importante para a redescoberta da missão da igreja (onde ela se perdeu) ou para o seu desenvolvimento (onde ela está enfraquecida) do que uma visão renovada, clara e abrangente a respeito de Jesus Cristo. Quando ele é aviltado e especialmente quando é negado na plenitude de sua incomparável pessoa e obra, a igreja fica sem motivação e sem direção, nossa moral se esfacela e nossa missão se desintegra. Mas quando vemos Jesus, isto nos basta. Nós temos toda a inspiração, incentivo, autoridade e poder de que necessitamos.

Neste capítulo, portanto, eu proponho, primeiro, que olhemos para o nosso Senhor e Salvador de uma maneira nova e diferente; segundo, que repassemos os seis principais eventos de sua carreira salvífica — sua encarnação, a cruz, a ressurreição, sua exaltação, a dádiva do Espírito Santo e a parusia — atentando para a inevitável (se bem que geralmente negligenciada) dimensão missionária de cada um deles.

A encarnação de Cristo

O modelo para a missão

Conforme o Relatório de Willowbank sobre *Evangelho e Cultura* (1978), já mencionado diversas vezes, a encarnação foi "o exemplo mais espetacular de identificação cultural na história da humanidade".[802] Afinal de contas, o Filho de Deus não permaneceu na segura imunidade de seu céu, distante do pecado e da tragédia humana. Ele de fato entrou em nosso mundo. Esvaziou-se de sua glória e humilhou-se para servir. Assumiu a nossa natureza, viveu a nossa vida, suportou nossas tentações, vivenciou nossas tristezas, sentiu nossas dores, carregou nossos pecados e morreu a nossa morte. Ele participou profundamente da nossa condição de seres humanos. Nunca se afastou das pessoas que se esperaria que ele evitasse. Foi amigo dos marginalizados da sociedade e até mesmo tocou nos intocáveis. Não poderia ter sido mais igual a nós. Foi a total identificação do amor.

Refletindo sobre o significado de missão, às vezes eu fico comparando e traço, em minha mente, um contraste entre a missão de Cristo aqui na terra e a missão Apolo na lua. A analogia é, com certeza, muito rasa, mas é também instrutiva, pois há entre as duas tanto similaridades quanto diferenças. Poderíamos dizer que são similares no sentido de que cada uma delas é descrita como uma "missão" e consistiu de uma viagem sensacional e transcultural — no caso de Cristo, do céu até a terra; e, no caso dos astronautas, da terra para a lua. São, porém, figuras diferentes quanto ao nível e à profundidade de identificação envolvida. Os astronautas da Apolo nunca se identificaram com a lua; e, se tivessem tentado fazê-lo, teriam morrido na hora. Pelo contrário, levaram consigo os aparatos da terra: oxigênio terrestre, equipamentos, roupas e alimentos da terra. Mas quando Jesus veio do céu para a terra, ele deixou atrás de si o céu e nada trouxe consigo. Não foi uma visitinha rápida à terra. Ele se tornou um ser humano como nós e, portanto, vulnerável como nós.

Mesmo assim, como vimos no capítulo 15, Cristo, ao identificar-se conosco, não abriu mão de sua própria identidade, nem a alterou de maneira alguma, pois, tornando-se um de nós, mesmo assim continuou sendo ele mesmo. Ele passou a ser humano, mas sem deixar de ser Deus.

E agora ele nos envia ao mundo, assim como o Pai o enviou ao mundo.[803] Em outras palavras, nossa missão deve ser modelada a partir da sua missão. Na verdade, toda missão de verdade é missão encarnacional. Exige identificação sem perda de identidade. Significa entrar no mundo dos outros, assim como ele entrou no nosso mundo, mas sem comprometer nossas convicções, valores e padrões cristãos.

Tomemos como exemplo o apóstolo Paulo. Poderíamos argumentar, como alguns o fazem, dizendo que Paulo *não* participou pessoalmente na vida das pessoas que ele tentava evangelizar; que ele era essencialmente um pregador para rostos anônimos, fosse na sinagoga ou ao ar livre; e que ele mantinha distância das pessoas a quem se dirigia. Mas não era assim que ele via o seu ministério. Pelo contrário, embora fosse livre, ele se fez escravo de todos. "Procedi, para com os judeus, como judeu, a fim de ganhar os judeus... Aos sem lei, como se eu mesmo o fosse... para ganhar os que vivem fora do regime da lei. Fiz-me fraco para com os fracos, com o fim de ganhar os fracos. Fiz-me tudo para com todos, com o fim de, por todos os modos, salvar alguns."[804] É este o princípio da encarnação. E identificar-se com as pessoas lá onde elas estão.

---

[802] *O Evangelho e a Cultura* (ABU e Visão Mundial, 1983), p. 25

[803] Jo 17.18; 20.21

[804] 1 Co 9.19-22.

Na história das missões há muitos exemplos significativos de cristãos que tentaram aplicar este princípio. Quero mencionar três deles, extraídos dos últimos três séculos.

Em 1732, o Conde Zinzendorf, o líder moraviano, enviou dois dos seus missionários para as plantações de açúcar no Oeste da Índia. Eles descobriram que a única maneira de alcançar os escravos africanos era deixar-se acorrentar como eles e compartilhar suas choupanas.

Em 1882, o Major Frederick Tucker iniciou o Exército da Salvação na índia. As últimas palavras do General Booth para ele foram: "Entre na pele deles, Tucker!" Ele o fez. Profundamente preocupado com os marginalizados, Tucker decidiu que ele e seus soldados deveriam viver a vida daqueles. Assim, passaram a usar túnicas de algodão Ungido, adotaram nomes indianos, andavam descalços, limpavam os dentes com carvão e comiam seu *curry* com agua sentados de pernas cruzadas no chão.[805]

Então, em 1950, um jovem sacerdote católico, Mário Borelli, horrorizado com a situação dos *scugnizzi,* os meninos de rua de Nápoles, que viviam sem teto e sem amor, decidiu que a única forma de alcançá-los seria tornando-se um deles. Por isso assumiu "suas roupas, seu jeito de falar, seus hábitos". Pode ser que ele tenha ido longe demais.[806]

E nem sempre é sábio que os missionários "virem nativos", "principalmente porque a tentativa de um estrangeiro fazer isso pode não ser vista como autêntica, mas como algo falso e artificial".[807] No entanto, não podemos deixar de admirar estas ousadas tentativas de seguir o exemplo de encarnação de Jesus.

Para muitos de nós, no entanto, o modelo da encarnação implica uma luta mais mundana. Primeiro, vem a necessidade de mergulhar no mundo do *pensamento* dos outros. Nesta conexão, eu sempre gostei do título do livro de Jim Sire *The Universe Next Door* (O Universo Vizinho),[808] em que ele esboça o significado de deísmo, naturalismo, nihilismo, existencialismo, monismo panteísta ocidental, etc. O seu argumento é que os seus adeptos vivem em um outro universo de pensamento; portanto, para alcançá-las, é preciso haver uma espécie de encarnação.

Da mesma forma, na conferência missionária ecumênica realizada em Melbourne em maio de 1980, John V. Taylor enfatizou que nunca conseguiremos apresentar o evangelho aos céticos modernos "enquanto permanecermos dentro de nossas próprias trincheiras culturais. Os que não conhecem a verdade", continua ele, "só podem ser alcançados lá fora... Se nós não pertencemos ao mundo daqueles 'estranhos' específicos que desejamos alcançar, alguém dentre nós tem que se dar ao trabalho de atravessar para o outro lado e aprender a sentir-se à vontade no estranho território deles...".[809]

Eu acho que nós deveríamos orar e lutar para que toda uma geração de pensadores e apologetas cristãos viesse a dedicar a Cristo a mente que Deus lhes deu, a fim de se envolverem e participarem dos conflitos dos seus contemporâneos, desmascarando falsas ideologias e apresentando o evangelho de Jesus Cristo de tal maneira que vejam nele alguém que oferece aquilo que outras religiões não podem oferecer, porque ele e somente ele pode preencher as nossas aspirações humanas mais profundas. Pelo menos no Ocidente, onde o Iluminismo caiu de moda, chegou a hora de (em palavras de Lesslie Newbigin) "um encontro genuinamente missionário com a cultura pós-iluminista".[810]

Em segundo lugar, precisamos penetrar no mundo do *coração* das outras pessoas, o mundo do seu *Angst (medo)* e sua alienação, e chorar com aqueles que choram.[811] Em todos os não-cristãos (como também em muitos cristãos), até nos mais joviais e extrovertidos, existem profundas dores ocultas. Nós só iremos alcançá-los se estivermos dispostos a penetrar em seu sofrimento. Isso significa também participar da sua realidade social, como vimos no ultimo capítulo, pois não se pode compartilhar o evangelho com alguém em um vazio social, isolando as pessoas do seu verdadeiro contexto e ignorando o sofrimento delas.

A cruz de Cristo

O preço da missão

Um dos aspectos mais negligenciados da missão bíblica hoje é o lugar que têm nela,

---

[805] Richard Collier, *The General Next to God* (Collins, 1965), pp. 91-98

[806] Morris West, *Children ofthe Sun* (1957; Pan, 1958), especialmente as págs. 82 a 104

[807] O *Evangelho e a Cultura* (ABU, 1983) p. *27*

[808] James Sire, *The Universe Next Door* (IVP, 1990)

[809] *Your Kingdom Come* (WCC, 1980), p. 143.

[810] Lesslie Newbigin, *The Other Side of 1984* (WCC, 1983), especialmente as págs. 22 e 31.Ver também *Foolishness to the Greeks* (SPCK, 1986), do mesmo autor, em que ele nos exorta a desafiarmos tanto a "visão científica de mundo" como o "materialismo ateu".

[811] Rm 12.15

indispensavelmente, o sofrimento e até mesmo a morte. No entanto, a Escritura deixa isto muito claro. Vou citar três exemplos.

Primeiro, nós o vemos claramente no *servo sofredor de Isaías.* Antes que ele possa tornar-se uma luz para as nações e trazer salvação para os confins da terra,[812] o servo oferece as costas aos que o ferem, a face aos que lhe arrancam os cabelos e o rosto aos que o afrontam e cospem nele.[813] Antes de "causar admiração às nações",[814] ele é "desprezado, e o mais rejeitado entre os homens, homem de dores, e que sabe o que é padecer".[815] Mais do que isso, ele carrega os nossos pecados e morre por nós como oferta pelo pecado.[816] Douglas Webster enfatiza isto de maneira apropriada, quando diz que

Mais cedo ou mais tarde, a missão leva à paixão. Em categorias bíblicas... o servo deve sofrer...; é isso que torna efetiva a missão... Toda modalidade de missão conduz a algum tipo de cruz. A própria forma da missão é cruciforme. Nós só podemos entender a missão em termos da Cruz....[817]

Em segundo lugar, o *próprio Senhor Jesus* ensinou e demonstrou este princípio, estendendo-o aos seus seguidores. Quando alguns gregos desejaram vê-lo, ele disse: "É chegada a hora de ser glorificado *(sc.* na cruz) o Filho do homem. Em verdade, em verdade vos digo: Se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas se morrer, produz muito fruto."[818] Em outras palavras, só através de sua morte o evangelho iria se estender para o mundo gentílico. Assim, a morte é mais do que um caminho para a vida; ela é a condição para se frutificar. Se a semente não morrer, fica sozinha. Mas, se ela morrer, se multiplica. Foi assim com o Messias; e o mesmo se dá com a comunidade messiânica. Afinal, "se alguém me serve, siga-me",[819] disse Jesus.

Em terceiro lugar, *o apóstolo Paulo* aplicou a si mesmo este mesmo princípio. Consideremos estes surpreendentes textos:

Portanto vos peço que não desfaleçais nas minhas tribulações por vós, pois nisso está a vossa glória.[820]

Por esta razão, tudo suporto por causa dos eleitos, para que também eles obtenham a salvação que está em Cristo Jesus com eterna glória.[821]

De modo que em nós opera a morte; mas em vós, a vida.[822]

Estes três versículos contêm certas declarações realmente impressionantes. Paulo tem a ousadia de dizer que através de seus sofrimentos outras pessoas entrarão na glória, que através da sua perseverança outros serão salvos e que através da sua morte outros irão viver. Será que o apóstolo perdeu o juízo?! Não! Será isso mesmo que ele queria dizer? Sim! Naturalmente, não é que ele atribua nenhuma eficácia expiatória aos seus próprios sofrimentos e morte, como o faz em relação aos sofrimentos e à morte de Jesus Cristo. Pelo contrário. As pessoas só podem receber a salvação, a vida e a glória quando o evangelho é pregado a elas, e aqueles que pregam o evangelho com fidelidade invariavelmente sofrem por isso. Paulo sabia de que estava lalando. A razão pela qual se tornara um prisioneiro e estava algemado é que ele havia sido fiel à "visão celestial" de que os gentios seriam recebidos na comunidade cristã exatamente nos mesmos termos que os judeus. Foi este aspecto do evangelho que levantou contra ele uma oposição quase fanática. E os gentios deviam a sua salvação à disposição de Paulo de sofrer por proclamar essas boas novas.

Desde a época de Paulo, deve ter havido muitos exemplos de sofrimento. Não é por acaso que a palavra grega para "testemunho" é *martys.* As páginas da história da Igreja estão repletas de histórias de perseguição. Esta, algumas vezes, tem sido física. Em 1880, pouco depois que o Exército da Salvação foi fundado na Inglaterra,

"publicanos e donos de bordéis desencadearam um selvagem contra-ataque... o Exército descobriu a triste verdade do provérbio espanhol: 'Quem quiser ser cristão tem que esperar a crucificação"... Em um ano (1882), 669 oficiais do Exército de Salvação foram espancados ou brutalmente assaltados." Durante a década de 1880, os salvacionistas, ao dedicarem os seus filhos, confessavam que estavam prontos para vê-los sendo

[812] Is 49.6; *cf.* 42.1-4
[813] Is 50.6-7
[814] Is 52.15
[815] Is 53.3
[816] Is 53.4-12
[817] Douglas Webster, *Yes to Mission* (SCM, 1966), pp. 101-102.
[818] Jo 12.23-24
[819] Jo 12.26
[820] Ef 3.13
[821] 2 Tm 2.10
[822] 2 Co 4.12

"desprezados, odiados, amaldiçoados, espancados, chutados, aprisionados ou mortos por amor a Cristo".[823] Em outras ocasiões o sofrimento foi mais *mental* do que físico. Em 1883, por exemplo, "a Marechala", como sempre foi conhecida a filha mais velha do General Booth, escreveu, em sua cela na prisão de Neuchâtel, na Suíça, um artigo para o *War Cry,* em que ela refletia sobre a crucificação interior.

Jesus foi crucificado... Desde aquele dia, os homens vêm tentando encontrar uma maneira mais fácil, mas os caminhos mais fáceis fracassam. Se você quer ganhar milhares que estão sem Deus, precisa estar pronto para ser crucificado: seus planos, seus ideais, seus gostos e suas inclinações. Mas as coisas mudaram, diria você; agora há liberdade. Será? Vá e viva a vida de Cristo, fale como ele falou, ensine o que ele ensinou, denuncie o pecado onde quer que o encontre, e veja se o inimigo não se voltará contra você com toda a fúria do inferno... Cristo não foi crucificado na sala de visitas. O que aconteceu com ele não foi nada fácil... Você tem medo de ser espancado, caluniado ou difamado? Então chegou a hora de ser crucificado...[824]

Mas há ainda um terceiro tipo de sofrimento, que é o *social.* Certa vez, Vincent Donovan, um sacerdote católico americano que trabalhou por dezessete anos entre os *Masai,* na Tanzânia, perguntou a si mesmo qual seria a marca distintiva de um missionário. Eis a resposta que ele encontrou:

O missionário é essencialmente um *mártir social,* arrancado de suas raízes, de sua gente, seu sangue, sua terra, seu contexto, sua cultura... Ele tem que ser desnudado até o máximo que um ser humano pode ser, até as próprias entranhas do seu ser... (ele precisa) despir-se de sua própria cultura, a fim de poder ser um instrumento nu e cru do evangelho para as culturas do mundo.[825]

Mas este apelo para o sofrimento e a morte, como condição para uma missão frutífera, soa muito estranho aos nossos modernos ouvidos ocidentais. A respeitável "escravidão de classe média" da igreja não é exatamente uma arena para perseguição. Onde está, hoje, a disposição para sofrer por Cristo? Na tendência evangélica para o triunfalismo parece haver pouco espaço para a tribulação. E o falso "evangelho da prosperidade", com suas promessas de saúde e riqueza ilimitadas, cega as pessoas para as exortações bíblicas quanto à adversidade.

Mas permanece o fato de que, se fôssemos mais firmes e mais fiéis, certamente sofreríamos mais.

Há três razões principais para a oposição; elas se encontram na esfera da doutrina, da ética e da disciplina. Quanto à doutrina, o evangelho de Cristo continua sendo loucura para os intelectualmente orgulhosos e uma pedra de tropeço para quem se arroga justiça própria; ambos os grupos o consideram humilhante. Quanto à ética, o apelo de Cristo é para a autonegação e o domínio próprio; os autoindulgentes acham inaceitável o seu desafio. Quanto a disciplina, tanto o batismo como a Ceia do Senhor pressupõem arrependimento e fé por parte daqueles que desejam recebê-los; negar estes sacramentos evangélicos a alguém, mesmo a quem admite abertamente que não se arrepende nem crê, é, mesmo assim, considerado por estes um grande ultraje. Assim, quem quer que procure ser fiel na doutrina, na ética e na disciplina certamente haverá de despertar perseguição, tanto na igreja como no mundo.

Estamos, portanto, prontos para suportar o sofrimento de ser ridicularizados, a solidão de ser relegados ao ostracismo, a dor de ser caluniados e difamados? Estamos realmente dispostos, se necessário, a morrer com Cristo para a popularidade e a promoção, para o conforto e o sucesso, para o nosso entranhado senso de superioridade pessoal e cultural, para a nossa egoísta ambição de ser ricos, famosos e poderosos?

É a semente que morre e se multiplica.

Um irmão de Orissa, Índia, contou-me certa vez que, quando ele tinha oito anos de idade, seu pai, que era evangelista, havia sido martirizado, morto por assassinos de aluguel. Na ocasião da morte do seu pai, contou, havia apenas doze igrejas naquela região; quando ele falou comigo havia cento e cinquenta.

A ressurreição de Cristo

O mandato missionário

É importantíssimo lembrar que a ressurreição precedeu a Grande Comissão. Foi o Senhor ressurreto que proferiu a sua comissão, ordenando aos seus seguidores que fossem e fizessem discípulos de todas as nações. Ele não poderia tê-los comissionado mais cedo, antes de ser ressuscitado da morte e investido de autoridade. "Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra", agora ele podia dizer. "Ide, portanto, fazei discípulos...".[826]

---

[823] Richard Collier, *The General Next to God* (Collins, 1965), pp. 104-109

[824] Carolyn Scott, *The Heavenly Witch: The Story ofthe Maréchale* (Hamish Hamilton, 1981), p. 113.

[825] Vincent Donovan, *Christianity Rediscovered: An Epistle from the Masai* (1978; SCM, 1982), pp. 193-194.

[826] Mt 28.18-19

Este é um tema relevante em um livro de Johannes Blauw, ex-secretário do Concílio Missionário Holandês. O livro chama-se *A Natureza Missionária da Igreja* e o subtítulo, *Um Panorama da Teologia Bíblica de Missão*. Sua tese é que a perspectiva do Antigo Testamento seria a do "universalismo" (Deus prometendo que todas as nações que ele tinha criado haveriam de vir e adorá-lo),[827] mas não a "missão" (Israel saindo para ganhar as nações). A visão profética dos últimos dias seria a de uma "peregrinação das nações" para Jerusalém. O Monte Sião seria exaltado como principal entre as montanhas e todas as nações afluiriam para ele.[828] No Novo Testamento, porém, essa "consciência missionária centrípeta" é substituída por uma "atividade missionária centrífuga".[829] Ou seja, em vez de as nações afluírem para a igreja, agora a igreja sai rumo às nações. E qual teria sido o momento da mudança? "A Grande Reviravolta",[830] declara Johannes Blauw, foi a ressurreição. Ela precedeu a Grande Comissão para ir, tendo agora toda autoridade sido dada a Cristo, em cumprimento a Daniel 7.13-14. "Com a Páscoa, começou uma nova era: a entronização de um novo dominador do mundo e a proclamação desse novo senhor entre as nações. *A missão é a marca convocatória do Senhorio de Cristo."*[831] "Se, à primeira vista, a missão do Novo Testamento parece centrífuga", elabora Johannes Blauw posteriormente, "é para capacitá-la a tornar-se centrípeta. Nós saímos para o mundo a fim de reuni-lo; nós atiramos a rede a fim de recolhê-la; nós semeamos a fim de colher."[832] Além disso, "na própria pessoa de Paulo os aspectos centrípeto e centrífugo da pregação se conciliam."[833] Isto é, ao sair para pregar o evangelho, ele está congregando gentios e Israel e trazendo-os de volta para casa.

Mas a ressurreição é a chave para ambos os movimentos. É o Senhor ressurreto que nos envia para o mundo, e é o mesmo Senhor ressurreto que congrega as pessoas em sua igreja. A legitimidade da missão universal da igreja tem sua origem no senhorio universal de Cristo. Desta forma a ressurreição abastece o mandato missionário.

A exaltação de Cristo

O incentivo para a missão

A motivação é um aspecto muito importante para qualquer empreendimento humano. Nós precisamos saber não somente *o que* deveríamos estar fazendo, mas também *por que* deveríamos fazê-lo. Quando o motivo que nos move é forte e profundo, nós conseguimos persistir quase indefinidamente em qualquer tarefa. Mas quando nossa motivação é errônea, nós logo começamos a esmorecer. Isto acontece, sem dúvida nenhuma, na missão cristã. Tentar ganhar pessoas para Cristo é trabalho duro, muito impopular e desvalorizado e, como acabamos de ver, geralmente provoca oposição. Portanto, se a igreja quiser perseverar, precisa de muito estímulo. Meu argumento nesta seção é que o fato de Cristo ter sido exaltado, elevado à direita de Deus Pai, isto é, à posição de suprema honra, constitui-se na mais forte de todas as motivações para fazermos missão.

Neste contexto, é melhor referir-se à "exaltação" de Cristo do que a sua "ascensão", pois, embora seja verdade que ele "ascendeu aos céus", mesmo assim dizer que "ele foi exaltado" indica que foi Deus o Pai quem vindicou, promoveu, entronizou e investiu seu Filho. Além disso, as declarações apostólicas sobre a exaltação de Jesus fazem tudo para enfatizar que ele foi elevado acima de todos os rivais possíveis - na verdade, *muito acima* "de todo principado, e potestade, e poder, e domínio, e de todo nome que se possa referir não só no presente século, mas também no vindouro".[834] Este é "o lugar mais alto" ao qual Deus exaltou Jesus *("Deus o exaltou sobremaneira"),*[835] e a "primazia" que Deus quer que ele desfrute.[836]

Isto explica o uso da palavra "superioridade", vista com desagrado por aqueles que rejeitam o antigo conceito do exclusivismo e do inclusivismo em favor do novo pluralismo (ver o capítulo 18). Certamente, adotar um "ar de superioridade" em relação aos adeptos de outras religiões é uma terrível manifestação de descortesia e arrogância. Da mesma maneira, como aponta o professor Hick, "nos séculos XVIII e XIX, a convicção da

---

[827] *P. ex.* SI 86.9

[828] P. *ex.* Is 2.1-3

[829] Johannes Blauw, *The Missionary Nature of the Church* (1962; Eerdmans, 1974), pp. 34, 54, 66. Ver também Joachim Jeremias, *Jesus' Promise to the Nations* (1956; ET SCM, 1958), especialmente as págs. 58—67, que enfatizam a peregrinação centrípeta

[830] *íbid.,* p. 83.

[831] *Ibid,* p. 84

[832] *Ibid.,* 166

[833] *lbid.,* p. 101

[834] Ef 1.21

[835] Fp 2.9

[836] Cl 1.18.

definitiva superioridade do cristianismo" proporcionou um poderoso ímpeto para a expansão imperial do Ocidente.[837] Mas não é para o "cristianismo" como instituição ou sistema empírico que os cristãos deveriam reivindicar superioridade. É Cristo, e somente Cristo. Nós precisamos afirmar, sem nenhum sinal de embaraço ou vergonha, que ele é "superior" a todos os líderes religiosos, justamente porque somente ele se humilhou em amor a ponto de morrer na cruz; e, por isso, Deus o exaltou "acima" de qualquer outra pessoa, classe ou título.

Em virtude de sua elevação ou exaltação ao mais alto lugar, Deus deseja que "todo joelho" se dobre a ele e que "toda língua" confesse o seu senhorio.[838] O repetido "todo" 6 absoluto; não admite nenhuma exceção. Se Deus conferiu a Jesus essa honra suprema e deseja que todas as demais pessoas o honrem, então o povo de Deus deveria compartilhar do seu desejo. As vezes a Escritura fala nisso em termos de "zelo" e até mesmo de "ciúmes". O profeta Elias, por exemplo, profundamente desgostoso com a apostasia de Israel, e principalmente pelo fato de estarem adorando os deuses cananeus, disse: "Tenho sido zeloso pelo Senhor, Deus dos Exércitos...".[839] O apóstolo Paulo declarou sentir "zelo" pelos coríntios " e "zelo de Deus", dizendo que ele os havia preparado para "apresentá-los" a Cristo "como virgem pura a um só esposo", mas temia que eles fossem corrompidos e desviados de sua "simplicidade e pureza devidas a Cristo".[840] Semelhantemente, Henry Martyn, brilhante e fiel missionário cristão no Irã muçulmano lá pelo início do século XIX, disse certa vez: "Se Jesus não tivesse sido glorificado, eu não conseguiria suportar a existência; para mim seria um inferno se ele tivesse de ser sempre desonrado assim."[841]

Esta mesma sensação de dor sempre que Jesus Cristo é desonrado e a mesma sensação de zelo para que ele receba sempre a honra que lhe é devida deveria agitar o nosso íntimo neste final do século vinte, qualquer que seja a cultura em que vivemos. A motivação primordial para a missão não deve ser nem a obediência à Grande Comissão, nem o amor por aqueles que estão oprimidos, solitários, perdidos ou perecendo, por mais importantes que sejam estas coisas, mas, sim, zelo ou "ciúmes" pela glória de Cristo. Foi "por amor do seu nome",[842] para que ele recebesse a honra que lhe é devida, que os primeiros missionários partiram. O mesmo anseio e a mesma compaixão deveriam nos motivar.

Esta é, certamente, nossa resposta para quem nos diz que não se deveria mais evangelizar ou buscar conversões. O professor Gregory Baum, da Universidade de Toronto, por exemplo, disse que "depois de Auschwitz, as igrejas cristãs já não querem mais converter os judeus", porque "as igrejas passaram a considerar o Judaísmo como uma religião autêntica diante de Deus, com valor e significado próprios, e não como um estágio a caminho do Cristianismo".[843] Da mesma forma, um bispo católico grego, ao pedir a demissão, escreveu aos seus amigos: "Como bispo, pregador do evangelho, eu nunca tentei converter um judeu ou um muçulmano árabe ao cristianismo; pelo contrário, sempre tentei convertê-los a se fazerem um melhor judeu, um melhor maometano."[844] Será que estas pessoas não têm nenhum zelo pela honra de Jesus Cristo? Será que não se importam quando ele é desprezado e rejeitado? Será que não desejam, assim como Deus, que todos os seres humanos, qualquer que seja a sua cultura ou religião, dobrem os joelhos diante de Jesus e se submetam a ele como Senhor? E este zelo por Cristo que integra a adoração e o testemunho da igreja. Como podemos adorar a Cristo e não ligar se os outros o fazem? E a nossa adoração a Cristo que nos impele a testemunhar de Cristo, a fim de que outros também possam vir e adorá-lo.

O dom do Espírito de Cristo

O poder para a missão

A Conferência Missionária Mundial realizada em Edimburgo em 1910 foi descrita por John R. Mott, sua figura principal, como "a mais significativa reunião já realizada no interesse da evangelização do mundo".[845] Após apresentar um panorama das oportunidades, problemas e incentivos para a evangelização mundial, John Mott enumera quatro "pré-requisitos para a situação presente". Ele começa com (1) um plano adequado, (2) uma

[837] John Hick e Paul F. Knitter (eds.), *The Myth of Christian Uniqueness* (SCM, 1987), p. 20

[838] Fp 2.9-11

[839] 1 Rs 19.10

[840] 2 Co 11.2-3

[841] Constance E. Padwick, *Henry Martyn: Confessor ofthe Faith* (1922; IVP, 1953), p. 146

[842] Rm 1.5; *cf.* 3 Jo 7

[843] Citado em Gerald H. Anderson e Thomas F. Stransky (ed.), *Christ's Lordship and Religious Pluralism* (Orbis, 1981), pp. 115-117. Ver também *A Theological Understanding of the Relationship between Christians and Jews,* um trabalho recomendado para estudo pela Assembleia Geral da Igreja Presbiteriana dos EUA, em 1987.

[844] Citado por Cormac Murphy-0'Connor em *The Family of the Church* (DLT, 1984), p. 41

[845] Do prefácio ao seu livro *The Decisive Hour of Christian Missions* (Church Missionary Society, 1910).

sede apropriada e (3) uma igreja eficiente no campo de missão. O quarto pré-requisito ele chama de "o fator sobre-humano". E então acrescenta que, embora haja entre missionários, líderes nacionais e de missão divergências substanciais no que concerne a planos, meios e métodos, eles

são absolutamente unânimes na convicção de que a evangelização do mundo é um empreendimento divino, de que o Espírito de Deus é o grande Comissionador e de que somente se ele dominar a obra e os obreiros é que nós podemos esperar ser bem-sucedidos na tarefa de levar o conhecimento de Cristo a todo o mundo. Eles acreditam que ele deu à igreja primitiva o impulso missionário e que hoje toda verdadeira obra missionária deve ser inaugurada, dirigida e sustentada por ele.[846]

Já durante o seu ministério público Jesus havia chamado atenção para a natureza e propósito missionário do Espírito Santo. Ele o comparou a "fontes de águas vivas" irrigando o deserto e prometeu que elas iriam jorrar de dentro de cada um que cresse.[847] "Ninguém pode... ser habitado pelo Espírito de Deus", comenta William Temple, "e guardar o Espírito para si mesmo. Onde quer que o Espírito esteja, ele transborda; se não houver derramamento do Espírito, então ele não está ali."[848] E isto ficou provado na igreja primitiva a partir do dia do Pentecoste, como vimos no capítulo 19.

Existem, é claro, diferenças entre as igrejas e dentro destas com relação aos movimentos carismáticos ou neopentecostais, quanto ao chamado "batismo do Espírito santo", a diversidade dos dons espirituais e o lugar dos "sinais e maravilhas" na evangelização e no crescimento da igreja. Mas todos nós deveríamos ser capazes de afirmar juntos que é impossível evangelizar sem o Espírito Santo, sem o "Deus Evangelista", como o chama o professor David Wells em um livro que carrega este título.[849] Eu acho que não há melhor maneira de resumir o indispensável ministério do Espírito do que citando o Manifesto de Manila (1989):

As Escrituras declaram que o próprio Deus é o principal evangelista. Afinal,o Espírito de Deus é o Espírito da verdade, do amor, da santidade e do poder, e sem ele é impossível evangelizar. E ele que unge o mensageiro, confirma a palavra, prepara o ouvinte, convence o pecador, ilumina os cegos, dá vida aos mortos, capacita-nos a arrepender-nos e a crer, une-nos ao Corpo de Cristo, assegura-nos de que somos filhos de Deus, leva-nos a ter o caráter de Cristo e a servir como ele, e então nos envia para sermos testemunhas de Cristo. Em tudo isso, a principal preocupação do Espírito Santo é glorificar a Jesus Cristo, revelando-o a nós e formando-o em nosso interior.

Toda evangelização implica em guerra espiritual com os principados e os poderes do mal, e nessa guerra só podem prevalecer as armas espirituais, principalmente a Palavra e o Espírito, com oração. Convocamos, pois, todos os cristãos a serem diligentes em suas orações, tanto em favor da renovação da igreja como da evangelização do mundo.

Toda conversão autêntica envolve um encontro de poderes, em que se demonstra a autoridade superior de Jesus Cristo. Não existe maior milagre do que este, em que o crente é libertado da escravidão de Satanás e do pecado, do medo e da futilidade, da escuridão e da morte.

Embora os milagres de Jesus tenham sido especiais, por serem sinais de sua messianidade e antecipações do seu reino perfeito, em que toda a natureza se sujeitará a ele, nós não temos hoje nenhum direito de impor limites ao poder do Criador que vive. Rejeitamos, pois, tanto o ceticismo que nega os milagres, como a arrogância que os exige, tanto a timidez que se afasta da plenitude do Espírito como o triunfalismo que nega a fraqueza em que se aperfeiçoa o poder de Cristo.

Arrependemo-nos de todo esforço baseado na confiança própria, seja de evangelizar pela nossa própria força, seja de dar ordens ao Espírito Santo. Determinamo-nos a, no futuro, não "entristecer" nem "apagar" o Espírito, mas procurar espalhar as boas novas "com poder, com o Espírito Santo e com profunda convicção".[850]

É urgente a necessidade de nos humilharmos diante do soberano Espírito Santo hoje. É importante ter noções de Sociologia e Comunicações. Na verdade, existem dons de Deus que devem ser usados na evangelização. Mas precisamos cuidar para que estes não reduzam a nossa confiança no poder no Espírito Santo. Somente o Espírito Santo de Deus pode tomar palavras proferidas em fraqueza humana e devolvê-las impregnadas de poder para a mente, consciência e vontade dos ouvintes.[851] Somente ele pode abrir os olhos dos cegos para que estes vejam a verdade tal como ela é em Jesus, destapar os ouvidos dos surdos para que ouçam a

[846] *Ibid.,* p. 193
[847] Jo 7.37-39.
[848] William Temple, *Readings in St. Tohn's Gospel* (1945; Macmillan, 1955), p. 130
[849] David Wells, *God the Evangelist* (Eerdmans and Paternoster, 1987)
[850] *Manifesto de Manila,* par. B.5.
[851] Ver 1 Co 2.1-5; 1 Ts 1.5

sua voz e soltar a língua dos mudos para que confessem que ele é o Senhor. O Espírito Santo é a testemunha-chave; "sem *seu* testemunho, o *nosso* testemunho é vão".[852]

A parusia de Cristo

A urgência da missão

Havia, na atitude dos Doze logo depois da ascensão, algo de fundamentalmente anômalo. Eles haviam sido comissionados para ir "até os confins *da terra";* no entanto, ficaram ali parados no Monte das Oliveiras "com os olhos fitos *no céu"!*[853] Então foi-lhes prometido que o Jesus que acabara de desaparecer haveria de aparecer novamente no tempo devido. Este evento eles precisavam esperar; de nada adiantaria ficarem ali observando o céu, pois isso não apressaria em nada o evento. Enquanto isso, uma vez que fossem revestidos do poder do Espírito, eles deviam enfrentar sua tarefa. Sua preocupação deveria ser com a terra e não com o céu. Assim, os quatro estágios do programa divino estavam bem claros. Primeiro, Jesus voltou para o Pai (Ascensão). Segundo, veio o Espírito Santo (Pentecoste). Terceiro, a igreja sai para fazer discípulos (Missão). Quarto, Jesus voltará (Parusia). Entre o primeiro e o quarto eventos, a ascensão e a parusia, o desaparecimento e o reaparecimento de Jesus, haveria um período "inter-advento" não especificado, durante o qual não se daria nenhum evento salvífico. A lacuna deveria ser preenchida com o testemunho mundial da igreja. Assim, a mensagem implícita dos anjos depois da ascensão foi esta: "Vocês o viram partir. Vocês os verão voltar. Mas entre essa ida e vinda é necessário que haja outra. O Espírito precisa *vir,* e vocês precisam *ir* — para o mundo, por Cristo."[854]

É desta forma que a parusia de Jesus está ligada à missão da igreja. A parusia dará fim ao período missionário que começou com o Pentecoste. Nós só dispomos de um tempo limitado no qual completar a responsabilidade que nos foi confiada por Deus. Precisamos, portanto, resgatar a ansiosa expectativa escatológica dos primeiros cristãos, juntamente com o senso de urgência que ela lhes deu. Jesus havia prometido que o fim não viria antes que o evangelho do Reino tivesse sido pregado através do mundo todo, a todas as nações.[855] Mas nós não temos nenhum direito de pressupor que dispomos de todo o tempo do mundo e, portanto, sair arrastando os pés ou reduzir o ritmo de nossa missão. Pelo contrário, a igreja se encontra "a caminho apressando-se rumo aos confins da terra a fim de exortar todos os homens a que se reconciliem com Deus, e apressando-se rumo ao final dos tempos para encontrar-se com o seu Senhor, que haverá de congregar todos em um só".[856] Os dois finais irão coincidir.

Outra importante ligação entre a missão da igreja e a volta do Senhor tem a ver com juízo. "Importa que todos nós compareçamos perante o tribunal de Cristo", escreveu Paulo, "para que cada um receba segundo o bem ou o mal que tiver feito...".[857] Aqui não se trata, evidentemente, do juízo universal quanto ao nosso destino eterno, mas de um julgamento particular do povo de Deus, relacionado com a nossa vida e ministério cristão. Ele tem a ver com a promessa de algum tipo de reconhecimento e recompensa — ou então o oposto. O próximo versículo diz: "E assim, conhecendo o temor do Senhor, persuadimos aos homens...".[858] Ou seja: a razão pela qual nós procuramos persuadir as pessoas quanto à verdade do evangelho é que nós estamos diante do tribunal do Senhor Jesus, perante o qual teremos de prestar contas um dia. Eu me lembro das solenes passagens na profecia de Ezequiel[859] em que Deus o aponta como "um atalaia da casa de Israel" e lhe dá a responsabilidade de advertir o povo quanto ao juízo vindouro. Se ele deixar de dar ao perverso a advertência apropriada, e não tentar dissuadi-lo dos seus maus caminhos, diz Deus, "o seu sangue eu o demandarei de ti".[860] Da mesma forma, o apóstolo confiou a Timóteo essa responsabilidade de "pregar a Palavra" com urgência, não somente "perante Deus e Cristo Jesus", mas também "pela sua manifestação e pelo seu reino", pois ele "há de julgar vivos e mortos".[861] Viver, trabalhar e testemunhar em consciente antecipação da parusia e julgamento de Cristo é um saudável estímulo à fidelidade. A Escritura nos adverte que, na perspectiva de Deus, o tempo é curto, a

[852] Pacto de Lausanne, parág. 14
[853] At 1.8, 11
[854] Ver John Stott, *A Mensagem de Atos* (ABU Editora, 1994), p. 51
[855] Mt 24.14; c*f.* Mc 13.10
[856] Lesslie Newbigin, *The Household of God* (SCM, 1953), p. 25
[857] 2 Co 5.10
[858] 2Co5.11
[859] Ez 3 e 33
[860] Ez 33.8
[861] 2 Tm 4.1-2

necessidade é grande e a tarefa é urgente.

Vamos recapitular o que a carreira salvífica de Cristo nos diz acerca da missão. O *modelo* da missão é a sua encarnação (identificação sem perda de identidade); o *preço* da missão é a sua cruz (a semente que morre se multiplica); *seu mandato* é a sua ressurreição (agora, toda a autoridade pertence a ele); sua *motivação é* a exaltação de Cristo (a honra do seu nome); seu *poder* é o dom do Espírito (que é a testemunha por excelência); e a *urgência* da missão é sua parusia (quando ele vier, nós teremos que prestar-lhe contas).

Parece-me que a igreja, para sua inspiração e direção, precisa voltar sempre de novo a essa base cristológica da missão. E este o desafio que temos diante de nós: conseguir ver em Jesus Cristo algo digno de nossa tarefa. Precisamos arrepender-nos de nosso pessimismo (especialmente no Ocidente), nossas baixas expectativas, nossa cínica descrença de que, embora a igreja possa crescer em algum outro lugar, ela nunca crescerá entre nós. Baboseira pura! Se pelo menos conseguíssemos ter acerca de Jesus Cristo uma visão completamente renovada e animadora, vendo-o como Jesus encarnado e crucificado, ressurreto e reinando, concedendo o Espírito e vindo de novo! Então nós teríamos clareza de propósito e força de motivação, coragem, autoridade, poder e paixão pela evangelização do mundo hoje.

Em um sermão de aniversário da Sociedade Missionária (creio que em 1805), John Venn, Reitor de Clapham, descreveu um missionário nos termos a seguir. Seu eloquente retrato aplica-se igualmente a todas as testemunhas cristãs:

Com o mundo aos seus pés, com o céu em seus olhos, com o evangelho nas mãos e Cristo em seu coração, ele apela na qualidade de embaixador de Deus, nada mais j sabendo a não ser Jesus Cristo, nada mais desfrutando a não ser a conversão dos pecadores, nada mais esperando a não ser a promoção do reino de Deus, e gloriando-se unicamente na cruz de Jesus Cristo, pela qual está crucificado para o mundo e o mundo para ele.[862]

CONCLUSÃO
O JÁ E O AINDA NÃO

Eu comecei a Introdução com a tensão entre o "ontem" (passado) e o "hoje" (presente); termino agora com uma outra tensão, entre o "já" (presente) e o "ainda não" (futuro). A primeira concerne à conexão entre o histórico e o contemporâneo; a segunda, entre o contemporâneo e o escatológico. Mas as duas tensões andam juntas. Afinal, em Jesus Cristo e através dele o "ontem", o "hoje", o "já" e o "ainda não" —passado, presente e futuro — se conciliam em uma criativa relação. Os cristãos vivem no presente, mas o fazem em gratidão pelo passado e na expectativa do futuro.

Este capítulo final é um ensaio a respeito do que eu gosto de chamar de "CBE". Não, eu não estou falando do "Congresso Brasileiro de Evangelização", mas de "Cristianismo Bíblico Equilibrado". Equilíbrio é uma coisa rara em nossos dias em quase todas as esferas, inclusive entre nós que professamos seguir a Cristo.

Não estou dizendo que tenho um conhecimento pessoal mais achegado com o diabo; aliás, pode até ser que alguns de meus leitores o conheçam melhor do que eu! Mas o que eu sei é que ele é um fanático e o grande inimigo de todo bom senso, moderação e equilíbrio. Um dos seus passatempos prediletos é perturbar o nosso equilíbrio e desestruturar os cristãos (especialmente os evangélicos). Quando não consegue nos induzir a negar a Cristo, ele dá um jeito de nos fazer distorcê-lo. É por isso que se vê por toda parte um cristianismo desequilibrado, em que se superenfatiza um aspecto da verdade em detrimento do outro. Graças a Deus, porém, que ele nos deu dois ouvidos, a fim de que possamos ouvir em dobro e com sensibilidade, atentando cuidadosamente para ambos os lados de cada questão; deu-nos dois olhos, para que possamos enxergar bem e não pela metade; duas mãos, para que possamos agarrar os dois extremos de cada antinomia bíblica; e dois pés, que nos permitem caminhar com estabilidade e não sair manquejando pela vida.

Uma compreensão equilibrada da tensão existente entre o "já" e o "ainda não" seria de muita ajuda para a unidade cristã, e especialmente para uma harmonia maior entre os crentes evangélicos. Eu confesso que fico profundamente confuso com as barreiras que se colocam entre nós, que compartilhamos da mesma fé bíblica. Eu não estou falando, agora, nem da divisão entre Roma e as igrejas da Reforma, nem do abismo que há entre cristãos liberais e conservadores, ou seja, entre aqueles que crêem no dom da verdade revelada e aqueles cuja maior autoridade é aquilo que eles chamam de "o consenso da opinião moderna". Pelo contrário, estou me referindo à desunião que reina dentro do próprio movimento evangelical. Isto sem falar que nós cremos no Credo dos Apóstolos e no Credo Niceno, como também na substância das grandes confissões da Reforma. E tem mais: não faz muito tempo que estabelecemos um conveniente ponto de referência através do Pacto de Lausanne

[862] Michael Hennell, *John Venn and the Clapham Sect* (Lutterworth, 1958), p. 245

(1974) e sua elaboração no Manifesto de Manila (1989). Assim, estamos todos de acordo quanto aos fundamentos éticos e doutrinários da fé. Mesmo assim, parece que, constitucionalmente, somos dados a discussões e divisões, ou simplesmente a seguir o nosso próprio caminho e construir o nosso próprio império. Parece que sofremos de uma incapacidade patológica de nos acertarmos uns com os outros ou de cooperarmos juntos na causa do reino de Deus. Nós não podemos ignorar esta situação deveras lamentável.

Quem já leu o maravilhoso conto *O Pecado Secreto de Septimus Brope,* de Saki?[863] Nele a Sra. Troyle expressa o seu desânimo ao pensar em perder Florinda, sua empregada. "Eu tenho certeza de que não sei o que fazer sem Florinda... Ela compreende o meu cabelo. Eu mesma já desisti há muito tempo de fazer alguma coisa com ele. Na minha opinião, o cabelo da gente é como um marido: conquanto que apareçamos juntos em público, não importam as nossas divergências na vida privada!" Mas nós não temos o direito de nos considerar uns aos outros assim como a Sra. Troyle considerava seu cabelo ou seu marido. As nossas divergências, tanto as públicas como as particulares, têm importância, sim. Afinal, elas são, sem dúvida alguma, desagradáveis a Deus e prejudiciais à nossa missão ao mundo.

Um exemplo disso tem relação com o tremendo progresso das igrejas pentecostais e do movimento carismático no mundo inteiro. Eles têm crescido mais rápido do que qualquer outro grupo cristão. Mas certos cristãos têm contra eles uma reação tão negativa que parece que estão correndo o risco de apagar o Espírito, ao passo que certos carismáticos são tão triunfalistas que acham difícil escutar quem porventura tenha sérios questionamentos teológicos acerca de suas crenças e práticas pentecostais distintivas. Mas, então, será que os evangélicos, tanto carismáticos como não-carismáticos, não podem se respeitar e aceitar mutuamente a ponto de permitir que haja entre eles uma comunhão genuína e uma ativa colaboração? Eu acho que *sim, é* possível, mesmo sendo problemático; e acho que uma idéia do que significa a tensão entre o "já" e o "ainda não" deveria contribuir consideravelmente para uma compreensão mútua.

O reino que veio e que virá

Para o cristianismo do Novo Testamento, é fundamental a perspectiva de que nós estamos vivendo "tempos intermediários" — entre o passado e o futuro, entre a primeira e a segunda vindas de Cristo, entre o que foi feito e o que resta por fazer, entre a realidade presente e o destino futuro, entre o reino que veio e o reino que virá, entre o "já" em relação à instauração do reino e o "ainda não" em relação a sua consumação. Do ponto de vista físico, é naturalmente impossível olhar ao mesmo tempo para duas direções opostas; espiritualmente falando, porém, é essencial que o façamos, olhando para trás, para a encarnação e todas as suas implicações, e olhando para a frente, para a parusia e tudo o que ela há de trazer. Um texto que exemplifica isto, se me permitem modificá-lo um pouquinho, seria este: "Queridos amigos, agora nós somos filhos de Deus, mas ainda não foi revelado o que haveremos de ser."[864] A base teológica para esta tensão vai ser encontrada no próprio ensinamento de Jesus acerca do reino de Deus. Todo mundo concorda que o reino se manifestou claramente em seu ensino, como também que ele anunciou a vinda desse reino. O que leva os estudiosos a discordarem entre si, porém, é qual é o tempo da sua chegada. Será que o reino já veio, porque Jesus o trouxe consigo? Ou ele ainda virá no futuro e, portanto, temos que continuar aguardando-o? Ou será que a verdade reside entre estas posições, consistindo na combinação das duas?

O teólogo alemão Albert Schweitzer, falecido em 1965, foi um homem incrivelmente versátil: era músico, médico, teólogo e missionário. Em seu famoso livro *Era Busca do Jesus Histórico (The Quest for the Histórical Jesus,1906),* ele argumenta que, de acordo com Jesus, o reino jaz inteiramente no futuro. Jesus teria sido um profeta apocalíptico, que ensinou (equivocadamente) que a qualquer momento Deus iria intervir de maneira sobrenatural, estabelecendo o seu reino. As demandas deveras radicais que Jesus fez aos seus discípulos *(p. ex.* vender os seus bens, voltar a outra face e não resistir ao mal) representariam uma "ética interina" à luz da iminente chegada do reino. Essa posição de Schweitzer tem sido chamada de escatologia "consistente", pois ele desenvolveu sua única tese com eficácia e consistência.

No outro extremo encontra-se C. H. Dodd, que morreu em 1973. Em seu livro As *Parábolas do Reino (The Parables of the Kingdom,* 1934) ele elaborou sua "escatologia realizada", a saber, que a vinda do reino residia completamente no passado. Embora o domínio de Deus seja eterno, mesmo assim ele irrompeu no tempo e no espaço na pessoa de Jesus. Dodd colocava uma ênfase especial em dois versículos, cujos verbos se

[863] Saki (H. H. Munro), *The Chronicles of Clóvis* (1911)

[864] 1 Jo 3.2, paráfrase do autor

encontram no pretérito perfeito: "O reino de Deus chegou"[865] e "O reino de Deus chegou sobre vós".[866] Além disso, segundo Dodd, não existe nenhuma vinda futura do reino. Os versículos que falam nisso devem ser entendidos como concessões a uma escatologia cristã popular, primitiva; eles não faziam parte do ensino de Jesus.

Em lugar dessas polarizações extremas (Schweitzer declarando ser a vinda do reino completamente futura, e Dodd completamente passada), a maioria dos estudiosos tem assumido uma posição intermediária, afirmando que Jesus lalou do reino tanto como uma realidade presente como uma expectativa futura. Por um lado, ele mesmo o inaugurou; e, por outro lado, ele o consumaria quando de sua vinda. Joachim Jeremias, por exemplo, escreveu em seu livro *As Parábolas de Jesus (The Parables of Jesus,* 1947) a respeito da "escatologia no decurso da realização". A. M. Hunter, em seu *Interpretando as Parábolas (Interpreting the Parables,* 1960), preferiu o termo "escatologia inaugurada". Uma estância similar foi adotada pelo teólogo holandês Herman Ridderbos em *A Vinda do Reino (The Corning of the Kingdom,* 1950) e pelo americano George Eldon Ladd, tanto em *O Evangelho do Reino (The Gospel ofthe Kingdom,* 1959) como em *A Presença do Futuro (The Presence of the Future,* 1974), em que o assunto é tratado com muita maturidade. A tese central de Ladd era que o reino de Deus, no sentido de domínio dinâmico e redentor de Deus,

que há de aparecer como um ato apocalíptico no final dos tempos, já chegou à história humana na pessoa e missão de Jesus, que veio para derrotar o mal, livrar os homens do poder do mal e conduzi-los às bênçãos do reino de Deus.[867]

Assim, o reino realmente chegou com Jesus. "Mas ele não veio sem deixar algo para trás: a consumação ainda jaz num futuro indeterminado. "[868]

Que Jesus considerava e descreveu o reino como um fenômeno presente, disso não há dúvida. Ele ensinou que o tempo do cumprimento havia chegado;[869] que agora o "valente" estava amarrado e desarmado, facilitando que lhe saqueassem os bens, como era evidente a partir de seus exorcismos;[870] que o reino já estava ou "dentro"ou "entre" as pessoas;[871] que agora se podia "entrar" nele ou "recebê-lo";[872] e que, desde o tempo de João Batista, seu precursor, que havia anunciado sua chegada iminente, o reino de Deus vinha sendo "tomado por esforço" e que "aqueles que se esforçam" se haviam "apoderado dele".[873]

Na perspectiva de Jesus, porém, o reino era também uma expectativa futura. Ele só seria aperfeiçoado no último dia. Assim ele olhava em direção ao fim, e ensinou seus discípulos a fazerem o mesmo. Eles deviam orar "Venha o teu reino"[874] e "buscá-lo primeiro",[875] dando prioridade a sua expansão. Às vezes ele se referia ao estado final de seus seguidores em termos de "entrar" no reino[876] ou "recebê-lo".[877]

Suas parábolas, principalmente as rurais (p. *ex. a* parábola da semente que crescia secretamente, a do grão de mostarda, a do trigo e do joio),[878] conciliam os processos de plantar, crescer e colher. Como semente, o reino já tinha sido plantado no mundo; agora, através da invisível atividade divina, ele iria crescer até o fim. Parece ter sido isso o que Jesus quis dizer com "o mistério (ou segredo) do reino".[879] Sua presença era discreta, mas também revolucionária, assim como o poder de Deus a faria crescer até que finalmente se tornasse manifesta a todos.

Uma outra maneira pela qual a Escritura expressa a tensão entre o "já" e o "ainda não", o presente e o futuro, é através da terminologia das duas "eras". Na perspectiva do Antigo Testamento, a história se divide entre "esta era" e a "era vindoura",[880] entre "o tempo presente" (mau) e "o tempo por vir" ou "os últimos dias", a saber,

---

[865] Mc 1.15, como ele traduziu *engiken*
[866] Mt 12.28, *ephthasen.*
[867] G. E. Ladd, *The Presence ofthe Future* (1974; SPCK, 1980), p. 218
[868] *Ibid,* p. 323
[869] P. ex Mc 1.14; Mt 13.16-17
[870] Mt 12.28-29; *cf.* Lc 10.17-18
[871] Lc 17.20-21
[872] *P. ex.* Mc 10.15
[873] Mt 11.12;Lc 16.16
[874] Mt6.10
[875] Mt6.33
[876] Mc9.47; *cf.* Mt 8.11
[877] Mt 25.34
[878] Mc 4.26-29; Mt 13.31-32, 24-29,36-42
[879] Mc 4.11
[880] Lc 20.34-35

o reino da justiça a ser introduzido pelo Messias.[881] Às vezes esta era é comparada a uma noite longa e escura, à qual se seguirá o alvorecer de um novo dia. Esta estrutura simples de duas eras consecutivas foi decisivamente mudada, porém, com a vinda de Jesus. Ele introduziu uma nova era, morrendo por nós a fim de livrar-nos "deste mundo perverso".[882] Consequentemente, através de Jesus, o Pai já "nos libertou do império das trevas e nos transportou para o reino do Filho do seu amor".[883] Nós fomos até mesmo ressuscitados da morte e assentados com Cristo nos lugares celestiais.[884]

Ao mesmo tempo, a velha era continua. E assim as duas se sobrepõem. "As trevas se vão dissipando e a verdadeira luz já brilha."[885] "Lado a lado... com a continuação desse esquema mais velho *(se.* a nova era sucedendo a velha), pode-se notar o irromper de um novo sistema, que implica numa coexistência dos dois mundos ou estados.[886] Um dia a velha era chegará ao fim (que será o "fim dos tempos", a "consumação dos séculos"),[887] e a nova era, que foi inaugurada pela primeira vinda de Cristo, se consumará em sua segunda vinda. Entrementes, enquanto as duas eras continuam e nós nos vemos envolvidos na tensão entre elas, somos exortados a "não nos conformarmos com este mundo", mas, pelo contrário, "transformar-nos" segundo a vontade de Deus, ou melhor, a vivermos coerentemente como filhos da luz.[888]

Mas a tensão permanece. Com efeito, ela encontra expressão em quase todas as metáforas usadas pelo Novo Testamento para a bênção de pertencer a Cristo. Assim, nós já fomos salvos, mas também seremos salvos um dia.[889] Já "temos a redenção", mas o dia da redenção ainda é futuro.[890] Já somos filhos adotivos de Deus, mas também aguardamos a nossa adoção.[891] Já "passamos da morte para a vida", mas a vida eterna é também uma dádiva futura.[892] Já somos novas criaturas, embora Deus ainda não tenha feito novas todas as coisas.[893] Nós já estamos "cheios", mas ainda não chegamos à plenitude de Deus.[894] Cristo já está reinando, embora seus inimigos ainda não se tenham tornado estrado de seus pés.[895]

Vivendo entre o presente e o futuro, a situação característica dos cristãos é descrita de variadas maneiras: tendo esperança,[896] aguardando,[897] aguardando com ardente expectativa,[898] gemendo.[899] Afinal, nós ainda passamos por lamentáveis provações e tribulações. Na verdade, "nós temos que ver a realidade desse sofrimento como uma manifestação concreta do *ainda* não".[900] Enquanto isso, precisamos aguardar, não só "com ardente expectativa"[901] mas também "com paciência".[902] Como escreveu John Murray:

Tentativas de reclamar para a vida presente elementos que pertencem à perfeição consumada ... são apenas sintomas dessa impaciência que iria interromper a ordem divina. Expectativa e esperança não devem cruzar as fronteiras da história; elas têm que esperar *o fim,* 'a liberdade da glória dos filhos de Deus'.[903]

A essência do período intermediário entre o "já" e o "ainda não", entre o reino que veio e o reino que virá, é a presença do Espírito Santo no povo de Deus. Por um lado, a dádiva do Espírito é a bênção que distingue

---

[881] *P. ex.* Is 2.2; Mt 12.32; Mc 10.30
[882] G1 1.4
[883] C1 1.13; *cf.* At 26.18; 1 Pe 2.9
[884] Ef 2.6; Cl 3.1
[885] 1 Jo 2.8
[886] Geerhardus Vos, *The Pauline Eschatology* (1930; Baker, 1979), p. 37; *cf.* Oscar Cullmann, *Christ and Time* (1946; ET SCM, 1951) e Stephen H. Travis, *I Believe in the Second Corning of Jesus* (Hodder, 1982)
[887] Mt 13.39; 28.20
[888] Rm 12.2; 13.11-14; 1 Ts 5.4-8
[889] Rm 8.24; 5.9-10; 13.11
[890] C1 1.14; Ef 4.30
[891] Rm 8.15.23
[892] Jo 5.24; 11.25-26; Rm 8.10-11
[893] 2 Co 5.17; Ap 21.5
[894] C1 2.10; Ef 5.18; 3.19
[895] S1 110.1; Ef 1.22; Hb 2.8
[896] Rm 8.24
[897] Fp 3.20, 21; 1 Ts 1.9-10
[898] Rm 8.19
[899] Rm 8.22-23, 26; 2 Co 5.2, 4
[900] G. C. Berkouwer, *The Return of Christ* (1961 e 1963; Eerdmans, 1972), p. 116
[901] Rm 8.19, 23; 1 Co 1.7
[902] Rm 8.25
[903] John M. Murray, *The Epistle to the Romans, The New International Commentary on the New Testament* (Eerdmans, 1959 e 1965), vol. I, p. 310.

o reino de Deus e é, portanto, o principal sinal de que a nova era se aproxima.[904] Por outro lado, já que o fato de o Espírito habitar em nós é apenas o princípio da nossa herança no reino, ele é também a garantia de que um dia o resto haverá de ser nosso. O Novo Testamento usa três metáforas para ilustrar isso. O Espírito Santo é "as primícias", garantindo assim que virá a plena colheita;[905] ele é o "penhor", ou a primeira parcela do pagamento, garantindo com isso que haverá o pagamento completo;[906] e é o antegosto, garantia de que o banquete completo será desfrutado um dia.[907] Assim, o Espírito Santo é "tanto o cumprimento da promessa como a promessa do cumprimento: ele é a garantia de que o novo mundo de Deus já começou, e também um sinal de que esse novo mundo ainda há de vir."[908]

Agora, sim, estamos prontos para analisar alguns exemplos da tensão entre o "já" e o "ainda não".

Revelação, santidade e cura

O primeiro exemplo encontra-se na *esfera intelectual,* ou na questão da *revelação.*

Nós declaramos com prazer e confiança que Deus já se revelou aos seres humanos, não somente no universo criado, em nossa razão e consciência, mas principalmente em seu Filho Jesus Cristo e através do pleno testemunho que a Bíblia dá a respeito dele. "Havendo Deus, outrora, falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias nos falou pelo Filho."[909] Por isso nós ousamos dizer que já conhecemos a Deus, porque ele se fez conhecido a nós. Ele mesmo tomou a iniciativa de afastar a cortina que, de outra forma, o esconderia de nós.

Nós nos regozijamos profundamente nas glórias da auto-revelação de Deus. Sua Palavra é, de fato, luz para o nosso caminho.[910]

Não obstante, nós ainda não conhecemos a Deus tal como ele nos conhece. Nosso conhecimento é parcial, pois sua revelação foi parcial. Deve ser este o significado do provérbio que diz que "a glória de Deus é encobrir as coisas...".[911] Ele revelou tudo o que quis revelar e que ele considera ser para o nosso bem — mas não tudo o que existe para revelar. Ainda restam muitos mistérios, que não deveríamos tentar desvendar, já que Deus os escondeu de nós. "Andamos por fé, e não pelo que vemos."[912]

De maneira especial (tomando de empréstimo a impressionante imagem usada por Lutero ao dirigir-se aos outros monges agostinianos em Heidelberg, em 1518), tudo que nós conseguimos ver é "as costas visíveis de Deus, ao revelar-se no sofrimento e na cruz"; sua face, porém nós não podemos ver. Como diz o Dr. Alister McGrath, "o Deus que nos fala da cruz é — usando a emocionante e ousada frase de Lutero — 'o Deus crucificado e oculto'."[913]

Nós deveríamos acautelar-nos de Eunômio, que foi bispo de Cízico em Mísia no século IV. Ele foi um dos líderes de um grupo herético chamado "Anomoianos", arianos extremos que ensinavam que o Filho era "diferente" *(anomoios)* do Pai, e que na verdade havia sido criado pelo Pai. Certa vez Eunômio teve a ousadia de declarar: "Eu conheço a Deus tão bem quanto ele conhece a si mesmo." Um equivalente moderno (porém mais cômico) seria aquele velho pregador reavivalista lá do sul dos Estados Unidos que disse, certa vez: "Hoje eu vou explicar a vocês o inexplicável. Vou definir o indefinível. Vou ponderar o imponderável. Vou destrinchar o indestrinchável."[914]

Seria muito mais sábio colocarmo-nos ao lado daqueles autores bíblicos que, mesmo sabendo-se instrumentos da revelação divina, confessaram humildemente, no entanto, que o seu conhecimento permanecia limitado. Moisés, a quem o Senhor "conhecia face a face", reconheceu: "O Senhor Eterno, eu sei que *começaste* a mostrar a tua grandeza e o teu poder a mim, teu servo."[915] E Paulo? Como igreja, nós temos para com ele uma dívida eterna por tudo que nos ensinou. Mesmo assim, ele disse que o seu conhecimento era parcial e imperfeito

[904] P. *ex.* Is 32.15; 44.3; Ez 39.29; Jo 2.28; Mc 1.8; Hb 6.4-5
[905] Rm 8.23
[906] *2* Co 5.5; Ef 1.14
[907] Hb 6.4-5
[908] Johannes Blauw, *The Missionary Nature of the Church* (1962; Eerdmans, 1974), p. 89
[909] Hb 1.1-2
[910] S1 119.105
[911] Pv 25.2
[912] 2 Co 5.7
[913] Alister McGrath, *The Enigma of the Cross* (Hodder e Stoughton, 1987), pp. 103-105
[914] Citado por Bruce Larson em *Wind and Fire: Living Out the Book ofActs* (Word, 1984), p. 11
[915] Dt 34.10; *cf.* Nm 12.8; Dt 3.24 *{BLH)*

e o comparou aos pensamentos imaturos de uma criança, como também aos distorcidos reflexos de um espelho.[916] E o apóstolo João, que havia penetrado profundamente na mente de Cristo, admitiu que "ainda não se manifestou o que havemos de ser". [917]

Portanto, embora esteja certo gloriar-se na dádiva de Deus e na supremacia da revelação de Deus, também está certo confessar a nossa ignorância acerca de muitas coisas. Nós sabemos e não sabemos. "As coisas encobertas pertencem ao Senhor nosso Deus; porém as reveladas nos pertencem a nós e a nossos filhos para sempre, para que cumpramos as palavras desta lei."[918] É muito importante conservar essa distinção entre as coisas reveladas e as coisas secretas, pois isto nos mantém confiantes e até dogmáticos com relação às primeiras, que nos pertencem, enquanto que permanecemos agnósticos acerca das últimas, que pertencem a Deus. Assim também nos sentiremos livres para explorar as coisas reveladas, e firmes para não ultrapassar os limites dos segredos de Deus. Mas, por outro lado, embora nos refreando diante das coisas secretas, não devemos ser tímidos em acreditar, expor e defender aquilo que Deus nos revelou. Eu gostaria de ver entre nós mais ousadia na proclamação daquilo que foi revelado, e mais reticência diante do que foi mantido em segredo. Para que haja unidade é preciso haver concordância quanto à verdade plenamente revelada, mesmo quando damos um ao outro liberdade na área da *adiaphora,* as "questões secundárias". E qual é o critério para discerni-las? É quando os cristãos, apesar de tudo, chegam a diferentes conclusões a respeito delas. Estou pensando, por exemplo, em controvérsias quanto ao batismo, governo da igreja, liturgia e rituais, posições carismáticas e cumprimento da profecia.

A segunda tensão reside na *esfera moral,* ou na questão da *santidade.*

Deus já colocou dentro de nós o seu Espírito Santo, a fim de tornar-nos santos.[919] O Espírito Santo já está atuando em nós, subjugando nossa natureza humana caída e egoísta e fazendo amadurecer em nosso caráter as nove manifestações do seu fruto.[920] Semelhantemente, podemos afirmar que ele já está nos transformando pouco a pouco, conforme a imagem de Cristo.[921]

No entanto, a nossa natureza caída ainda não foi erradicada, pois ainda "a carne milita contra o Espírito",[922] de forma que "se dissermos que não temos pecado, enganamos a nós mesmos".[923] Nós ainda não nos conformamos completamente à perfeita vontade divina, pois ainda não amamos a Deus com todo o nosso ser, nem o nosso próximo como a nós mesmos. Estas coisas aguardam a vinda de Cristo. Como disse Paulo, nós "ainda não obtivemos a perfeição", mas "prosseguimos para o alvo", confiantes de que "aquele que começou boa obra (em nós) há de completá-la até ao dia de Cristo Jesus".[924]

Assim, pois, nós vivemos uma dolorosa dialética entre o "já" e o "ainda não", entre a derrota e a vitória, entre o desânimo com as nossas constantes falhas e a promessa de libertação definitiva, entre o clamor de suspirar: "Quem me livrará do corpo desta morte?" e o grito de segurança: "Graças a Deus por Jesus Cristo nosso Senhor!"[925] Por um lado, precisamos levar mais a sério a ordem de Deus: "Sede santos, porque eu... sou santo",[926] a instrução de Jesus: "Vai, e não peques mais"[927] e as declarações de João, de que ele está escrevendo a fim de que os seus leitores "não pequem" e de que "todo aquele que é nascido de Deus não viva na prática do pecado".[928] Por outro lado, precisamos reconhecer a realidade de que tanto o pecado como o Espírito Santo habitam em nós.[929] Nós continuamos em busca da perfeição sem pecado pela qual tanto ansiamos. Por isso, mesmo rejeitando o perfeccionismo, nós nos recusamos a abraçar o reducionismo, ou seja, contentar-nos com baixos padrões de expectativa.

Handley Moule resumiu esta tensão no primeiro capítulo do seu livro *Pensamentos sobre A Santidade Cristã (Thoughts on Christian Sanctity,* 1888), intitulado "Objetivos, Limites, Possibilidades". Ao tratar dos

---

[916] 1 Co 13.9-12
[917] 1 Jo 3.2
[918] Dt 29.29
[919] 1 Ts 4.7-8
[920] Gl 5.16-26
[921] 2 Co 3.18
[922] Gl 5.17
[923] 1 Jo 1.8
[924] Fp 3.12-14; 1.6
[925] Rm 7.24-25
[926] P. *ex.* Lv 19.2
[927] Jo 8.11
[928] 1Jo 2.1; 3.9
[929] P. *ex.* Rm 7.17, 20; 8.9, 11

"Objetivos", ele escreveu: "O mínimo a que aspiramos é andar o dia inteiro com Deus; habitar a cada hora em Cristo...; amar a Deus de todo o coração e o nosso próximo como a nós mesmos ...; "entregar-nos a Deus"....; romper com todo o mal e seguir todo o bem."[930] E ele continua: "Temos que renegar absolutamente todo propósito secreto de imoralidade, toda tolerância para com o pecado... Não podemos, sequer por um instante, deixar de andar dia a dia, hora a hora, continuamente com Deus, em Cristo, pela graça do Espírito Santo."[931] Mas depois, sobre os "Limites" (não dos nossos objetivos, mas relativos às nossa realizações), ele acrescentou: "Eu afirmo com absoluta convicção, baseado não só na experiência da Igreja como também na infalível Palavra de Deus, que, no mistério das coisas, haverá limitações até o fim, limitações muito humilhantes, fracassos bem reais. Até o fim será um *pecador* que haverá de andar com Deus."[932] E J. C. Ryle afirmou algo similar: "O velho John Newton, um traficante de escravos convertido, disse: 'Eu não sou o que deveria ser, não sou o que quero ser, não sou o que espero ser em um outro mundo; mas pelo menos não sou mais aquilo que fui um dia e, pela graça de Deus, sou o que sou."[933]

A terceira tensão entre o "já" e o "ainda não" encontra-se na *esfera física,* ou na questão da *cura.*

Nós declaramos que o reino de Deus, há muito tempo prometido, já foi inaugurado, uma vez que ele irrompeu na história com Jesus Cristo. Além do mais, Jesus não se contentou simplesmente em anunciar o reino; ele foi mais além, demonstrando a sua chegada através dos seus poderosos feitos no campo físico. Ele andou sobre as águas e transformou água em vinho. Repreendeu, o vento, acalmou uma tempestade e multiplicou pães e peixes. A natureza submeteu-se a ele. Seu poder se manifestou de forma especial no corpo humano, quando ele curou os enfermos, expulsou demônios e ressuscitou os mortos.

Semelhantemente, ele conferiu, tanto aos Doze como aos Setenta, autoridade para divulgar sua missão messiânica em Israel e para realizar milagres. Agora, até que ponto ele pretendia ampliar sua autoridade, isso é uma questão em discussão. Falando em termos gerais, os milagres eram "as credenciais de um verdadeiro apóstolo".[934] No entanto, seria ridículo tentar limitar ou domesticar o Deus todo-poderoso. O Deus que criou o universo, e que através de Jesus introduziu o reino, não pode ser colocado por nós em uma camisa-de-força. Nós temos que dar a ele a liberdade e a soberania que lhe pertencem, ficando inteiramente abertos à possibilidade de ver milagres físicos hoje.

O reino de Deus, entretanto, ainda não chegou em sua plenitude. Afinal, "o reino do mundo" ainda não "se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo", quando então "ele reinará pelos séculos dos séculos".[935] Ele continua aguardando aquele dia. E os nossos corpos, de maneira particular, ainda não foram redimidos. Tampouco a natureza foi inteiramente submetida ao domínio de Cristo. Pelo contrário, "toda a criação a um só tempo geme e suporta angústias até agora", aguardando que nasça o novo mundo. "E não somente ela, mas também nós... gememos em nosso íntimo, aguardando a adoção de filhos, a redenção de nosso corpo".[936]

Assim, pois, temos de admitir a tensão entre o "já" e o "ainda não" também nessa esfera. Na verdade, nós já "provamos... os poderes do mundo vindouro",[937] mas até aqui só foi um gostinho. Parte da nossa experiência cristã consiste em que a vida ressurreta de Jesus se "manifesta em nosso corpo mortal",[938] sua vida em meio a nossa morte, sua força em nossa fraqueza, dando-nos um vigor físico e uma vitalidade que de outra forma não conheceríamos. Ao mesmo tempo, nossos corpos continuam sendo frágeis e mortais, e querer gozar agora de perfeita saúde seria antecipar a nossa ressurreição. A ressurreição corporal de Jesus foi a garantia — ou melhor, o começo — da nova criação de Deus. No entanto, Deus ainda não se ergueu do seu trono para proferir a palavra decisiva: "Eis que faço novas todas as coisas!"[939] Resumindo: aqueles que descartam a possibilidade dos milagres hoje estão se esquecendo do "já" do reino, enquanto que aqueles que vêem neles a evidência da chamada "vida cristã normal" estão esquecidos do "ainda não"do reino.

---

[930] H. C. G. Moule, *Thoughts on Christian Sanctity* (Seeley, 1888), p. 13
[931] *Ibid.,* p. 15
[932] *Ibid.,* p. 16.
[933] J. C. Ryle, *Home Truths* (Charles Thynne, 9a ed., s/d), pp 94-95
[934] 2 Co 12.12
[935] Ap 11.15
[936] Rm 8.22-23
[937] Hb 6.5
[938] 2 Co 4.10-11
[939] Ap 21.5

Igreja e sociedade

Em quarto lugar, a mesma tensão é experimentada na *esfera eclesiástica,* ou na questão da *disciplina na igreja.* Nós afirmamos, e com razão, que Jesus, o Messias, já está congregando à sua volta um povo de propriedade sua. E a comunidade messiânica já se caracteriza pela verdade, o amor e a santidade para a qual é chamada. A igreja é "coluna e baluarte da verdade",[940] isto é, o alicerce que a mantém firme e a coluna que a mantém erguida. Quanto ao amor, Cristo, através da sua cruz, derrubou "a parede da separação" que dividia povos de diferentes raças, nações, tribos e classes, a fim de "criar em si mesmo um novo homem".[941] Quanto à santidade, sua nova sociedade é chamada, em diversos lugares, uma nação santa, um sacerdócio santo e um povo santo.[942] Assim, verdade, amor e santidade já são marcas essenciais da nova sociedade de Jesus Cristo.

Contudo, Cristo ainda não apresentou a sua noiva a si mesmo como "igreja gloriosa, sem mancha, nem ruga, nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito".[943] Pelo contrário, a vida presente e o testemunho da igreja carregam as máculas de muitos erros, pecados e discórdias. A história da igreja é a história da incrível paciência de Deus com um povo duro e obstinado.

Assim, pois, sempre que pensamos na igreja, temos que levar em conta o ideal e a realidade. A igreja é, ao mesmo tempo, comprometida com a verdade e inclinada para o erro, unida e dividida, pura mas também impura. Não que devamos condescender com suas falhas. "O incontestável *ainda não* nunca pode servir de álibi para as nossas derrotas."[944] Precisamos guardar tanto a visão da pureza como a da unidade da igreja, isto é, tanto sua pureza e ética doutrinária como sua unidade invisível. Já que estas coisas são da vontade de Deus, elas devem ser o nosso alvo. Em consequência, nós somos convocados a "combater o bom combate da fé",[945] como também a "esforçar-nos diligentemente por preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz".[946] E, na busca destas coisas, há lugar para a disciplina em casos de séria heresia ou pecado.

Mas o erro e a maldade não serão completamente erradicados da igreja neste mundo. Eles continuarão coexistindo com a verdade e a bondade. "Deixai-os crescer juntos até a colheita", Jesus disse na parábola do trigo e do joio.[947] Certas pessoas argumentam que, porque nesta parábola "o campo é o mundo",[948] a coexistência a que Jesus se refere está no mundo e não na igreja. O inimigo, porém, semeia o joio "no meio do trigo",[949] e é "do seu reino"[950] que, no último dia, o Filho do homem irá arrancar o mal. Nem a Escritura nem a história da igreja justifica o uso de severas medidas disciplinares como uma tentativa de garantir uma igreja perfeitamente pura neste mundo.

A quinta área de tensão entre o "agora" e o "depois", entre o "já" e o "ainda não", encontra-se na *esfera social,* ou na questão do *progresso.*

Deus já está agindo na sociedade humana, é o que nós dizemos. Isto se dá, em parte, pela sua "graça comum", quando dá ao mundo a bênção da família e do governo, através dos quais o mal é restringido e os relacionamentos controlados. Mas acontece também através dos membros de sua comunidade redimida, que zela pelos valores do seu reino, sem comprometê-los. Jesus disse que o seu povo deveria impregnar a sociedade como sal e luz. A partir destes modelos, pode-se deduzir que Jesus esperava que os seus seguidores influenciassem o mundo para o bem. Afinal, ambas as coisas refletem coisas práticas e efetivas na vida. Elas fazem diferença no contexto em que são colocadas: o sal previne a deterioração e a luz expulsa as trevas. Assim, lado a lado com a degeneração social, tem se registrado um considerável progresso social: maior disponibilidade de cuidados médicos, maior alcance da alfabetização e educação, defesa dos direitos humanos, melhora nas condições de trabalho, abolição da escravidão e do tráfico de escravos e proteção para os fracos e os vulneráveis.

No entanto, Deus ainda não criou o que prometeu, "novos céus e nova terra, nos quais habita justiça".[951] A justiça do reino ainda não eliminou toda opressão, nem a paz do reino toda violência. Ainda existem "guerras

---

[940] 1 Tm 3.15
[941] Ef 2.14-15
[942] *P. ex.* 1 Pe 2.5, 9
[943] Ef 5.27; *cf.* Ap 21.2
[944] G. C. Berkouwer, *op. cit.,* p. 138
[945] 1 Tm 6.12
[946] Ef. 4.3
[947] Mt 13.30
[948] Mt 13.38
[949] Mt 13.25
[950] Mt 13.41
[951] 2 Pe 3.13; Ap 21.1

e rumores de guerras".[952] As espadas ainda não se converteram em relhas de arados, nem as lanças em podadeiras.[953] As nações ainda não abriram mão da guerra como um método de acertar suas diferenças. O egoísmo, a crueldade e o medo continuam existindo.

Assim, pois, embora esteja certo defender a justiça social e tentar melhorar ainda mais a sociedade, tornando-a mais agradável a Deus, nós sabemos que ela nunca será perfeita. Os cristãos não são utopistas. Mesmo conhecendo o poder transformador do evangelho e os saudáveis efeitos que, como sal e luz do mundo, podemos produzir, nós sabemos também que o mal está entranhado na natureza humana, assim como na sociedade humana. Nós não acalentamos ilusões. Somente Cristo, ao voltar novamente, irá erradicar o mal e entronizar a justiça para sempre. E esse dia nós aguardamos com ansiedade.

Eis aqui, pois, cinco áreas (intelectual, moral, física, eclesiástica e social) em que é vital preservar a tensão entre o "já" e o "ainda não". Até se poderia dizer que há três diferentes tipos de cristãos, dependendo de como eles conseguem manter esse equilíbrio bíblico.

Primeiro vêm os *cristãos do "já"*. Estes são os otimistas radiantes. Enfatizam, com razão, o que Deus já fez por nós através de Cristo e nos concedeu em Cristo. Mas a impressão que eles nos dão é que, por isso mesmo, agora já não resta mais nenhum mistério, nenhum pecado que não possa ser superado, nenhuma doença que não possa ser sarada e nenhum mal que não possa ser erradicado da igreja ou até mesmo do mundo. Em resumo: parecem acreditar que a perfeição já pode ser alcançada aqui, agora. Eles me lembram aqueles crentes de Corinto a quem Paulo escreveu: "Vocês já têm tudo o que precisam! Já são ricos! Vocês já se tornaram reis, e nós, não!"[954]

Não há por que censurar os *cristãos do "já"*. Afinal, sua motivação é glorificar a Cristo. Assim, recusam-se a enxergar limites para aquilo que ele pode fazer. Acham que não aspirar à perfeição agora é uma humilhação para Jesus. Seu otimismo, porém, pode facilmente virar arrogância e acabar em desilusão. Além de ignorar o "ainda não" do Novo Testamento, eles esquecem que a perfeição aguarda a parusia.

Segundo, temos os *cristãos do "ainda não"*. Estes fazem muito bem o estilo do pessimista deprimido. Eles enfatizam, e com razão, o fato de que a obra de Cristo ainda não se completou, e, também acertadamente, aguardam a parusia, quando Cristo há de completar aquilo que ele começou. Mas a impressão que se tem é a de que eles são extremamente negativos em suas atitudes. O que os preocupa é a ignorância e o fracasso da humanidade, o domínio arrasador da doença e da morte e a impossibilidade de se garantir a existência de uma igreja pura ou uma sociedade perfeita. A qualquer afirmação de que Cristo pode estar agindo vitoriosamente em alguma dessas áreas, eles reagem com um balde de água fria.

Estes também têm uma excelente motivação. Se o propósito dos *cristãos do "já"* é glorificar a Cristo, o dos *cristãos do "ainda não"* é ser humildes pecadores. Estão firmemente determinados a corresponder fielmente ao que a Escritura diz sobre a corrupção humana. Mas o pessimismo deles pode facilmente virar complacência; aliás, pode até mesmo levá-los a serem condescendentes com o status quo e a uma apatia diante do mal. Eles esquecem o "já" daquilo que Cristo fez através de sua morte, ressurreição e dádiva do espírito, e também o que nós podemos fazer em nossas vidas, e na igreja e sociedade, como resultado disso.

Em terceiro lugar vêm os *cristãos do "já-e-ainda-não"*. São os realistas bíblicos. Eles tentam dar o mesmo peso às duas vindas de Jesus, àquilo que ele fez e ao que ele irá fazer. Regozijam-se no primeiro e aguardam ansiosamente pelo último. Querem ao mesmo tempo glorificar a Cristo e humilhar os pecadores. Por um lado, eles têm grande confiança no "já", naquilo que Deus disse e realizou através de Cristo, e um grande desejo de explorar e experimentar ao máximo as riquezas da pessoa e obra de Cristo. Por outro lado, revelam uma humildade genuína diante do "ainda não", humildade para confessar que ainda existe muita ignorância e pecaminosidade, muita fragilidade física, infidelidade eclesiástica e degeneração social — que, aliás, continuarão existindo, como sinais de um mundo caído e "meio salvo", até que Cristo, em sua segunda vinda, venha aperfeiçoar aquilo que começou na sua primeira vinda.

É esta combinação entre o "já" e o "ainda não", o reino inaugurado e o reino consumado, a confiança cristã e a humildade cristã, que caracteriza o verdadeiro evangelica-lismo bíblico e que exemplifica aquele "CBE", tão necessário nos dias de hoje.

As grandes proclamações acerca de Cristo sintetizam a nossa posição como "cristãos contemporâneos":

Cristo morreu!

Cristo ressuscitou!

---

[952] Mc 13.7.

[953] Is 2.4

[954] I Co 4.8 *(BLH)*

Cristo voltará!

Sua morte e ressurreição fazem parte do "já" do passado, ao passo que sua gloriosa parusia pertence ao "ainda não" do futuro. Seu triunfo supremo, no entanto, é certo. Com efeito, "a esperança da vitória final", escreve Oscar Cullmann, "torna-se ainda mais vívida diante da convicção firme e inabalável de que a batalha que decide a vitória já se realizou."[955]

[955] Oscar Cullmann, *Christ and Time* (1946; ET SCM, 1951), p. 87.